MEMORIAS
PARA
A HISTORIA
DELREY
D. SEBASTIAÕ.

RESTITUET OMNIA
HISTO
RIA
ECLES

MEMORIAS
PARA A HISTORIA DE
PORTUGAL,
QUE COMPREHENDEM O GOVERNO
DELREY
D. SEBASTIAÕ,
UNICO EM O NOME, E DECIMO SEXTO
entre os Monarchas Portuguezes:
Do anno de 1561. até o anno de 1567.
DEDICADAS A ELREY
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR:
APPROVADAS PELA ACADEMIA REAL
da Hiſtoria Portugueza:
ESCRITAS PELO ACADEMICO
DIOGO BARBOSA MACHADO,
Ulyſſipponenſe, Abbade da Igreja de Santo Adriaõ de Sever
do Biſpado do Porto.
TOMO II.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA, Impreſſor da Academia Real.

M. DCC. XXXVII.
Com todas as licenças neceſſarias.

INDEX
DOS CAPITULOS,
que contém este segundo Tomo.

O Numero denota a pagina.

LIVRO I.

CAP.

LIVRO II.

* *huma*

LI-

LIVRO I.

CAPITULO I.

Principia-se a continuaçaõ do Concilio Tridentino, e da magnifica Entrada, que nella fez o Embaixador Fernaõ Martins Mascarenhas. Relata-se a elegante Oraçaõ, que recitou em taõ solemne acto o Doutor Belchior Cornejo, e da reposta, que lhe deu o sagrado Concilio.

1562.

MAIS plausivel dia, que amanheceo para toda a Christandade, foy o de 18. de Janeiro deste anno de 1562. concorrendo com mysteriosa circunstancia para a sua magnificencia a solemnidade da Cadeira de S. Pedro, em que se deu principio à continuaçaõ do Concilio na Cidade

Continuaçaõ do Concilio Tridentino.

de Trento em o ſumptuoſo Templo de Santa Maria Mayor, onde ſe congregou aquelle invencivel Eſquadraõ de ſapientiſſimos Varões, eminentes em dignidades, e em letras, que a Igreja Catholica aliſtara para debellar aos ſeus antegoniſtas, que armados de apparentes argucias, e ſofiſmas, pertendiaõ com ſacrilega petulancia contraſtar a inalteravel firmeza do ſeu ſagrado Solio. Os primeiros, que entraraõ em taõ mageſtoſo theatro, foraõ os Cardeaes Legados, a quem precedia huma Cruz de prata, que ſe fixou na parte mais ſuperior, para ſer igualmente de todos viſta, e adorada. Em hum ſitial ornado de precioſos pannos ſe ſentaraõ os Legados, onde tambem aſſiſtiraõ outros Cardeaes, que vieraõ ao Concilio. Em lugares mais inferiores eſtavaõ ſentados os Embaixadores dos Principes Soberanos, ficando os Eccleſiaſticos da parte direita, e os ſeculares da eſquerda. Defronte dos Legados em baſtante diſtancia, e quaſi no pavimento do Templo tinhaõ os ſeus aſſentos os Patriarchas. Seguiaõ-ſe por hum, e outro lado os Arcebiſpos, e immediatamente os Biſpos ſentados em bancos de eſpaldas, divididos em diſtancias proporcionadas confórme a antiguidade da ſua Sagraçaõ, e chegariaõ ao numero de duzentos e ſeſſenta. Immediatos aos Biſpos ſe ſeguiaõ os Abbades mitrados, e outros que gozaõ de inſignias Epiſcopaes, e depois deſtes

Fórma, com que aſſiſtiraõ os Prelados, e as mais peſſoas no Concilio.

tes os Geraes das Religiões, confórme os privilegios das suas Ordens. Logo se seguia o Auditor da Rota, os Advogados Consistoriaes, e outros, que alcançaraõ faculdade do Pontifice para terem assento no Concilio, fazendo numeroso, e authorizado concurso neste sagrado Congresso muitos Theologos, e Juristas, que por serem Oraculos de taõ illustres Faculdades, tinhaõ sido mandados pelos Principes para assistirem a taõ solemne acto.

2 Antes de se proceder a acçaõ alguma, os Legados, e mais circunstantes se prostraraõ por terra com devota humildade, e implorada a assistencia do Divino Espirito, Presidente daquelle Concilio, lhe pediraõ com mais affectos, que vozes, lhes illustrasse os entendimentos, e inflammasse os corações, para que todas as suas determinações se dirigissem ao augmento da gloria de Deos, e conservaçaõ da sua Igreja. Acabada esta breve supplica se levantou o Cardeal Mantuano Hercules Gonzaga, e voltando para aquelle veneravel Congresso, lhe disse com aspecto grave, e eloquente energia, ser inexplicavel o jubilo, que lhe dilatava o coraçaõ, vendo que era chegado o termo decretorio de totalmente serem aniquiladas todas as machinas, armadas pelo Inferno contra a incontrastavel firmeza do Santuario de Christo, tantas vezes invadido, e nunca vacillante à sacrilega invasaõ

Exhortaçaõ, que fez o Cardeal Mantuano aos Padres do Concilio.

das ſuas armas; pois permittira o Ceo, nunca mais benigno, ſe admiraſſem congregados naquelle theatro os mayores Oraculos de todo o Orbe Chriſtaõ, diverſos nas linguas, mas concordes nas vontades para a deſejada concluſaõ daquelle Concilio, de cujos ſagrados decretos haviaõ reſultar glorioſo triunfo para a Fé, novo eſplendor para a Igreja, fatal ruina para os hereges, exacta refórma para os coſtumes, e total exterminio para os abuſos: por cuja cauſa efficazmente lhes rogava, que executaſſem empreza de taõ altas, e importantes conſequencias, com igual zelo, e promptidaõ, reſplandecendo em ſuas peſſoas aquellas virtudes proprias dos ſeus Eſtados, para que a obſtinada cegueira dos antegoniſtas da Igreja, que tinhaõ à viſta, ficaſſe convencida, e ſuperada naõ menos com a efficacia dos argumentos, que com o exemplo das ſuas vidas. Com geral aceitaçaõ de taõ ſabio auditorio foraõ ouvidas eſtas palavras do Cardeal Legado, e logo ſe procedeo à abertura do Concilio, ſendo neſte dia a primeira ſeſſaõ, que ſe celebrou no tempo de Pio IV. e a decima ſetima na ordem das que precederaõ nos Pontificados de Julio, e Paulo Terceiros, e foy decretado para a ſegunda ſeſſaõ o dia 26. de Fevereiro.

3 Como ſempre no coraçaõ dos Monarchas Portuguezes ardeſſe o pio deſejo de ſe moſtrarem obſequioſos aos Pontifices Romanos, principalmente

cipalmente nas materias, em que era intereſſada a Religiaõ; parecendo-lhe, que qualquer breve intervallo de tempo, interpoſto para eſta execuçaõ, ſe interpretaria por menos prompta a ſua obediencia, ordenou ElRey D. Sebaſtiaõ a Fernaõ Martins Maſcarenhas, ſeu Embaixador àquelle Congreſſo, fizeſſe todo o empenho para nelle ſer o primeiro Miniſtro, que repreſentaſſe a ſua Real peſſoa, pois já que naõ podia ſer unico naquelle obſequio, o foſſe na anticipaçaõ do tempo. Preparou-ſe com ſumma brevidade o Embaixador, e em 9. de Fevereiro deſte anno de 1562. fez a publica Entrada na Cidade de Trento com aquella pompa, e mageſtade, que pedia o caracter do Soberano, que repreſentava, e do magnifico theatro, em que ſe fazia. Com affectuoſa benevolencia, e inexplicavel jubilo foy recebido pelos Cardeaes Preſidentes do Concilio, aos quaes entre profundas veneraçôes entregou a Carta, que o ſeu Soberano mandava a taõ veneravel, e authorizado Congreſſo, cujas clauſulas eraõ as ſeguintes.

Faz a ſua publica Entrada em Trento o noſſo Embaixac

4 „Sacro Œcumenico Generali Concilio in „Spiritu Sancto legitimè Tridenti congregato, „Univerſalem Eccleſiam repræſentati Dominus „Sebaſtianus Dei gratiâ Portugalliæ, Algarbio„rumque Rex, in Africâ Dominus Guineæ, „Navigationis, Expeditionis, Commercii, Æ„thiopiæ, Perſidis, & Indiæ, ſynceram obedientiam,

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para o Concilio. *Harduin. in Act. Concil. edit. Pariſienſ. tom. 10. pag. 231.*

„ entiam, & filii devotiſſimi obſervantiam offert.
„ Etſi Maximo Chiſti Domini, Servatoriſque no-
„ ſtri beneficio, Regnis, Provinciis noſtræ ditio-
„ ni ſubditis, intelligimus hactenùs fuiſſe conceſ-
„ ſum, ut peſtilentiſſimorum errorum, qui no-
„ ſtra, patrumque memoria, impia multorum per-
„ ſuaſione eruperunt, labe minimè contamina-
„ rentur; communibus tamen Chriſtianæ Reipu-
„ blicæ malis ita angimur, & ne ſeditioſæ, ne-
„ fariæque impietatis longiùs ſerpat contagio, ita
„ veremur; ut quoniam non aliunde præſentius
„ remedium, quàm à Sacro Concilio poterat ex-
„ pectari, nihil nobis gratius, jucundiuſque acci-
„ dere potuerit, quàm Œcumenici hujus Conci-
„ lii authoritate Pontificia repetiti indictio.

„ Ad eam verò lætitiam, quàm initio de in-
„ dictione conceperam, magna acceſſio facta eſt,
„ poſteà quàm & qui præeſſent, & qui adeſſent
„ cognovi; nam & ampliſſimorum Legatorum au-
„ thoritas, & præſtantiſſimorum Patrum integri-
„ tas magnam mihi ſpem ſapienter conſtituendæ
„ à Sacro Concilio Chriſtianæ Reipublicæ præ-
„ buerunt. Cui ne deeſſem, mittendum curavi
„ Legatum, qui & meam erga Sacrum Concilium
„ obſervantiam præſens teſtaretur, & quæ à me
„ in mandatis habebat, Vobis accuratè exponeret.
„ Is eſt Ferdinandus Martinus Maſcarenius, ge-
„ neris ſplendore, pietate, integritate, multiſque
„ aliis eximiis animi dotibus mihi imprimis gra-
tus.

„ tus. Quem ſpero fore, ut benignè, humani-
„ terque excipiatis, & ea fide audiatis noſtro
„ nomine de publicis, privatiſque rebus agentem,
„ qua & nos, ſi Sacro Concilio intereſſe, &
„ coram Vobis eadem, quæ illi in mandatis de-
„ dimus, agere licuiſſet. Sacrum Œcumenicum
„ Generale Concilium Spiritus Dei Sanctus ſuam
„ gratiam Sanctiſſimæ Synodo largiatur, ut ea
„ ſtatuat, atque decernat, quæ & divini nomi-
„ nis gloriam augeant, & totius Univerſalis Ec-
„ cleſiæ commodis conducant. Ulyſippone III.
„ Kalend. Octob. anno M.D.LXI.

RAINHA.

Procuraçaõ, pela qual ſe concede poder ao Embaixador de aſſiſtir por ElRey ao Concilio.

5 Com eſta Carta delRey D. Sebaſtiaõ entregou o Embaixador aos meſmos Preſidentes do Concilio huma Procuraçaõ do ſeu Soberano, em que lhe dava amplo poder, e authoridade para repreſentar a ſua Real peſſoa naquella Sagrada Aſſemblea, da qual a fórma era a ſeguinte.

Harduin. ubi ſupra.

„ Sebaſtianus Dei gratiâ Portugalliæ, &
„ Algarbiorum Rex citra, & ultra mare in A-
„ frica Dominus Guineæ, Expeditionis, Naviga-
„ tionis, Commercii, Æthiopiæ, Arabiæ, Per-
„ ſidis, & Indiæ, Univerſis notum facimus, quòd
„ confidentes Nos multùm de fide, integritate,
„ diligentiâ, & induſtriâ nobilis viri, & in au-
„ la noſtra liberaliter educati Ferdinandi Martini
„ Maſcarenhas, Conſiliarii noſtri fideliſſimi, de-
„ ſignamus, conſtituimus apud Sacrum Œcume-
nicum

„ nicum , & Generale Concilium à Sanctiſſimo
„ Domino noſtro Papa Pio IV. & in Urbem
„ Tridentinam indictum , & in eâdem Urbe Deo
„ auxiliante celebrandum , noſtrum Oratorem : &
„ concedimus illi plenum mandatum , & omni-
„ modam poteſtatem in eodem Sacro Concilio,
„ dicendi , agendi , proponendi , tractandi omnia,
„ quæ ad proſequendum , concludendumque Con-
„ cilium , & noſtro nomine cætera agenda , quæ
„ ad cæterorum membrorum cum Romano Pon-
„ tifice Catholicæ Eccleſiæ ſupremo Præſide , &
„ Chriſti Vicario , Sanctaque Sede Apoſtolica
„ omnium Eccleſiarum Parente , & Magiſtra u-
„ nionem , hæreſum , errorumque extirpationem,
„ & morum reformationem , & reliqua , quæ ad
„ Catholicæ Religionis augmentum , Fidei exal-
„ tationem , & Chriſtiani nominis hoſtium debel-
„ lationem expedire , & conducere , Sacro Con-
„ cilio , & eidem noſtro Oratori videbuntur :
„ etiamſi eſſent talia , quæ ſpeciale mandatum
„ exigerent : omnia denique , quæ ipſi ſi præſen-
„ tes eſſemus , facere poſſemus. Eaque ita per
„ noſtrum Oratorem acta , tractata , & concluſa
„ promittimus Nos rata , grata , & firma habitu-
„ ros. Et quoniam Apoſtolicæ Sedis beneficio,
„ Trium Militiarum , Domini Noſtri Jeſu Chriſti,
„ Sancti Jacobi , & de Avis Ordinis Ciſtercien-
„ ſis noſtræ Regiæ Coronæ in perpetuum guber-
„ natio eſt annexa ; & ſingularum nomine juxta
illarum

„ illarum ſtabilimenta, & ſtatuta, etiam ad Sa-
„ crum Concilium ire perſonaliter, vel ſufficien-
„ tem, & idoneum procuratorem mittere tene-
„ mur; cum ipſi per Nos id facere ad præſens
„ non poſſumus, eumdem noſtrum Oratorem,
„ procuratorem cum plenaria poteſtate ipſi ſin-
„ gularum dictarum Militiarum perpetuam admi-
„ niſtrationem noſtræ Regiæ Coronæ annexam
„ habentes, ſingularum prædictarum Militiarum,
„ & noſtrum procuratorem etiam deputamus,
„ deſignamus, & conſtituimus, ad ea omnia,
„ quamvis ſpecialia, & ardua, quæ ipſi tanquam
„ earumdem Militiarum Magiſtri Magni, & per-
„ petui Gubernatores, ſi præſentes eſſemus, age-
„ re, proponere, tractare, concludere poſſemus.
„ In quorum fidem, & teſtimonium fecimus
„ præſentes litteras ſcribi, & Regio noſtro ſigil-
„ lo, poſtquam noſtrâ manu ſubſcriptæ fuerint,
„ communiri. Olyſſipone, XXVIII. Septemb.
„ anno Domini M.D.LXI.

RAYNHA.

6 Em o plauſivel acto de taõ magnifica Embaixada, foy elegante interprete da obediencia do noſſo Principe, o Doutor Belchior Cornejo, Lente que fora do Decreto na Univerſidade de Coimbra, e Prior da Igreja de S.Pedro do Sotto, Varaõ, em quem competia a ſciencia de hum, e outro Direito Pontificio, e Ceſareo, com a vaſta noticia das letras humanas, e naõ

 menos

menos insigne cultor da lingua Latina, de que he evidente prova a Oraçaõ, que recitou na veneravel presença dos Padres do Concilio, com a qual ao mesmo tempo, que deixou suspensos aos ouvintes, resuscitou a memoria dos mayores Oradores Romanos, cuja copia he a seguinte.

O Doutor Belchior Cornejo, Secretario da Embaixada, recita a Oraçaõ obediencial na presença dos Padres do Concilio.

Hæc Oratio fuit excusa Ripæ ad instantiam Petri Antonii Alciatis in 4. 1562.

7 „Cùm ad tuendam Christianæ Religionis „integritatem Sacrorum Conciliorum accommo- „data semper fuerit authoritas, his tamen nostris „post hominum memoriam turbulentissimis tem- „poribus, quibus & pietatis sinceritas tot est „erroribus contaminata, & veteris disciplinæ se- „veritas omnium ferè ordinum luxu, cupiditate- „que dissoluta, hujus Sacrosancti Conventûs ce- „lebritas sic omnibus de Christianæ Reipublicæ „salute cogitantibus necessaria visa est, ut non „alia ratione sincera religio suæ puritati restitui, „collapsa morum disciplina instaurari posse vi- „deantur. Et quoniam singulari Dei Opt.Max. „beneficio effectum est, ut tandem aliquando „magno animorum consensu publicus Christiani „nominis Conventus Pontificia authoritate in „hanc urbem indictus ageretur; confidimus pla- „ne futurum, ut quam apud omnes Christianæ „pacis studiosos expectationem commovit sacri „hujus venerandique Cætûs religiosa maiestas, „& amplitudo, non modo persanatis aliquot „Religionis vulneribus, impleat, sed ita superet, „ut saucio, debilitatoque Christianæ Reipublicæ

corpori

„ corpori omni ex parte medeatur. Nam ſi quis
„ animo, atque cogitatione velit paulò altiùs re-
„ petere eas difficultates, quibus non ſolùm no-
„ ſtrâ, ſed ſuperiori etiam memoriâ, Sacri Con-
„ cilii progreſſio fuit interrupta, facile intelliget
„ & tunc fuiſſe multa, quæ Œcumenici Conci-
„ lii ſplendorem obſervare, & curſum impedire
„ videbantur, & nunc fuiſſe nonnulla, quæ niſi
„ conſtanti ſuâ prudentiâ, & piâ planè conſtan-
„ tiâ Sanctiſſimus Pontifex Pius IV. ſuperaſſet,
„ non modo, quam hîc hodie ſummâ cum vo-
„ luptate intuemur, vivam ſane, & ſuis omni-
„ bus propemodùm membris expreſſam effigiem,
„ minime haberemus, ſed vix exiguum illius,
„ obſcurumque ſimulachrum cerneremus. Et a-
„ liorum quidem Pontificum ſtabilis, perpetua-
„ que in promulgando, indicendoque Sacroſan-
„ cto Concilio ſententia, vehemens illorum ſtu-
„ dium erga Chriſtianam Rempublicam non ob-
„ ſcure declaravit, & conſtantiæ, pietatiſque lau-
„ dem apud poſteros illis conciliavit: qui nullis
„ temporum aſperitatibus, perturbationibuſque
„ deterriti rem toties parùm feliciter tentatam
„ divinæ ſapientiæ conſiliis innixi ſibi repeten-
„ dam judicarunt. Sanctiſſimi verò D. N. Pii
„ IV. Pontificis, & Apoſtolicæ dignitatis faſti-
„ gio, & animi ornamentis verè Maximi laudi-
„ bus, nulla ſane par ullo unquam tempore ora-
„ tio poterit reperiri, qui ut excellens in Chri-

B ii ſtianam

,, ſtianam Rempublicam ſuæ unius curæ, ſolicitu-
,, dinique divinitùs traditam, ſtudium teſtaretur,
,, cum primùm fuit Pontifex Maximus declaratus,
,, ut quod ſalutari, auſpicatoque plane nomine
,, pollicebatur, adhibitâ inveteratis Eccleſiæ ma-
,, lis medicinâ præſtaret in Concilii celebrandi ra-
,, tione, quo uno remedio omnium mentes ad
,, ſanitatem reduci poſſe videbantur, omnes ſuas
,, curas, cogitationeſque ab ipſo ſui Pontificatûs
,, exordio collocavit. Cujus cum pios conatus,
,, & paternæ pietatis viſcera proſpicerent hi, quos
,, ille & nuntiis, & amantiſſimis litteris in hanc
,, Urbem ad Œcumenicum Concilium celebran-
,, dum adhortabatur, convenerunt frequentes ut
,, videmus, & ut ſperamus, non modo illius au-
,, thoritate, ſed hujus etiam Sanctiſſimi Conven-
,, tûs exemplo, celebritateque incitati frequentio-
,, res indies convenient, & hujus Sacroſanctæ
,, Synodi dignitatem ſuâ pietate magis illuſtra-
,, bunt. Quod ſi Œcumenicorum Conciliorum
,, authoritas ſacrarum litterarum monumentis
,, non tam eſſet diſertè comprehenſa, quis tamen
,, ſobriæ, ſanæque mentis crederet pio tot inte-
,, gerrimorum, Sanctiſſimorumque Præſulum Con-
,, ventui Sanctum Dei Spiritum defuturum, qui
,, in medio duorum, trium ve de pietate agen-
,, tium ſe promiſit affuturum? Cum verò tanta
,, ſit Sacrorum Conciliorum authoritas, ut quæ
,, in illis decernantur pro Divinis Oraculis exci-
piantur

„ piantur ab omnibus, quis ſibi non facilè per-
„ ſuadeat in omnibus de Chriſtiana Religione
„ controverſiis eam fore veriſſimam ſententiam,
„ quam tot Patres matura ætate, ſpectata virtu-
„ te, exactaque eruditione ornatiſſimi, compro-
„ baverunt, & Reverendiſſimi, Illuſtriſſimique
„ Legati divina quadam ſorte ad hoc munus ele-
„ cti, qui Pontificio nomine Sacro Concilio præ-
„ ſident, ſua authoritate confirmaverint? Tamet-
„ ſi verò facilè adducimur, ut credamus in eâ-
„ dem ſententia cæteros pro ſua pietate, & ſa-
„ pientia futuros, de nobis tamen poſſumus id
„ conſtantius, apertiuſque profiteri, qui ornatiſ-
„ ſimo veſtro conſpectu in tantam Chriſtianæ
„ Reipublicæ ſapientiſſimis veſtris decretis con-
„ ſtituendæ expectationem ſumus erecti, ut non
„ modò veſtra pietate exiſtimemus fore, ut om-
„ nes de religione controverſiæ dirimantur, ſed
„ veſtra etiam Cenſoria ſeveritate omnium ordi-
„ dum, Sacerdotumque præſertim, qui cæteris
„ ſcientia, & vitæ integritate prælucere debent,
„ mores ad Euangelicæ ſinceritatis normam di-
„ rigantur. Quæ qui ſibi ex Sacro Concilio non
„ pollicentur, aut quam vim habeant non perſ-
„ piciunt, aut cujus authoritate nitantur non in-
„ telligunt. Hos quidem fructus, aut uberiores
„ etiam poſtulat à nobis Chriſtiana Reſpublica,
„ hos expectat Sereniſſimus Princeps Sebaſtianus
„ Portugalliæ, Algarbiorumque Rex hujus nominis
Primus,

„ Primus , qui licèt ſuum in Chriſtianam Rem-
„ publicam ſtudium ſatis Vobis crederet perſpe-
„ ctum , & cognitum , ut tamen ſuam erga Sa-
„ croſanctum Concilium obſervantiam illuſtriore
„ teſtimonio declararet, ornatiſſimum Virum, quem
„ videtis, D.Ferdinandum Martines Maſcarenium
„ ad hoc Sacrum Concilium deſtinavit non Ora-
„ torem ſolùm , ſed pignus , obſidemque perpe-
„ tuæ ſuæ erga Sacroſanctum Concilium obſer-
„ vantiæ , & pietatis. Quantæ verò curæ opti-
„ mo , religioſiſſimoque Principi fuerit , Œcume-
„ nici hujus Concilii celebritas , & amplitudo,
„ teſtari apud Vos poterunt non ſolùm Antiſtites
„ Bracharenſis , Conimbricenſis , Lerienſiſque ,
„ Sacrarum litterarum ſcientiâ , ſpectata pietate,
„ & vitæ integritate inſignes , qui ſe explicare
„ celeriùs , & maturiùs in hanc urbem venire
„ potuerunt ; ſed & qui conſtitutis ſuarum Ec-
„ cleſiarum rationibus aderunt ex illius Regnis ,
„ & Dominiis , quos omnes Chriſtianæ pietatis
„ ſtudioſiſſimus Princeps accuratè eſt per litteras
„ hortatus , ut quàm diligentiſſime poſſent ſe ad
„ maturam profectionem componerent , ne vel
„ jubenti , volentique Summo Pontifici ſegniùs
„ parere , vel laboranti Eccleſiæ ſeriùs , quàm
„ cum eorum pietas , tum periculi magnitudo
„ poſtulabat , adeſſe viderentur. Quæ omnia à
„ Sereniſſimo Rege ſtudioſiſſimè ſunt curata ,
„ partim ut ſuæ erga Sacrum Concilium obſer-
vantiæ

„ vantiæ ſatisfaceret, partim etiam, & clariſſimo-
„ rum Portugalliæ, Algarbiorumque Regum ma-
„ iorum ſuorum religioni, pietatique reſponderet.
„ Quorum res fortiter, & feliciter geſtæ, ita
„ ſemper fuerunt cum publica Chriſtianæ Reli-
„ gionis utilitate, & dignitate conjunctæ, ut tot
„ defuſis profligatiſque barbaris Regibus victoriis,
„ tot direptis, expugnatiſque hoſtium oppidis,
„ tot arcibus in adverſo Numidiæ, Getuliæque
„ littore ad comprimendam barbarorum audaci-
„ am erectis, non tam ſui Imperii fines profer-
„ re, quàm Chriſtianæ Religionis gloriam pro-
„ pagare voluiſſe videantur. Incitabantur illi qui-
„ dem Regii animi excellenti magnitudine, ſed
„ ad nativam, inſitamque eorum propenſionem
„ accedebat aculeus ille, quem Alphonſus Pri-
„ mus Portugalliæ Regni conditor, & auctor
„ poſterorum Regum animis impreſſum reliquit.
„ Quòd ſi apud clariſſimos Portugalliæ Reges
„ tantùm valuit exemplum perpetua quadam ſe-
„ rie velut per manus traditum, quid vos, am-
„ pliſſimi Patres, expectare par eſt à Sereniſſimi
„ Regis Sebaſtiani animo, quem non ſolùm ſu-
„ periorum Regum illuſtria exempla, ſed recens,
„ ſpiranſque adhuc Emmanuelis Proavi, Joanniſ-
„ que Tertii Avi memoria ad provehendæ reli-
„ gionis ſtudium vehementiùs accendit? Quo-
„ modo enim poteſt vel Emmanuelis Regis Pro-
„ nepos non iisdem veſtigiis inſiſtere, vel Joan-
nis

„ nis Optimi, Maximique quondam Regis Ne-
„ pos cognita ab omnibus propemodùm, qui hîc
„ adeſtis, illius pietatis exempla minimè conſe-
„ ctari? Quorum ille ſubjectis Apoſtolicæ Sedis
„ Imperio, tot in Oriente Regnis, Provinciis,
„ barbariſque nationibus, ejus gloriam, longè,
„ latèque illuſtravit. Hic verò non modò ſuba-
„ ctos ab Emmanuele feliciſſimæ recordationis
„ Rege patre ſuo populos in officio, fideque
„ continuit, ſed etiam ſtudio, diligentiaque per-
„ fecit, ut repudiato nefario inanium ſimula-
„ chrorum cultu, Chriſtianæ Religionis pietate
„ imbuerentur, & noſtræ diſciplinæ ſacra, mo-
„ reſque libenter ſequerentur. A` quo propagan-
„ dæ latiùs noſtræ religionis curſu, cum partim
„ finitimorum Africæ Regum infeſtis excurſioni-
„ bus, partim magnis à Solimano ad evertendum
„ noſtrum in Oriente Imperium miſſis claſſibus
„ ſubinde interpellaretur, illorum quidem auda-
„ ciam, temeritatemque graviſſimis illatis damnis
„ repreſſit. Hujus verò navales copias in ipſo
„ Dii, florentiſſimæ totius Regni Cambayæ
„ urbis conſpectu ita oppreſſit, ut Solymanus
„ purpuratorum ſatraparum apud barbarum, &
„ immanem tyrannum gratiâ, & authoritate lon-
„ ge maximus, qui claſſi ſummo cum Imperio
„ præerat, multis depreſſis triremibus, laceris,
„ truncatiſque navigiis ægrè ſit fugâ ſalutem con-
„ ſecutus. Quæ ideò breviter, curſimque à no-
bis

„ bis ſunt commemorata, Patres ampliſſimi, non
„ modò ut intelligeretis quanto ſuorum periculo,
„ & ſumptu ſuo clariſſimi proferendæque latiùs
„ Chriſtianæ Religionis ſtudioſiſſimi Portugalliæ
„ Reges non in oppoſitæ nobis Africæ ſolùm
„ proximis, ſed in Aſiæ etiam remotiſſimis, diſ-
„ junctiſſimiſque Provinciis graviſſima, periculo-
„ ſiſſimaque bella ſuſceperint, quæque ea vel a-
„ nimi magnitudine geſſerint, vel conſtantiâ, fæ-
„ licitateque confecerint, ſed etiam ut cognoſ-
„ ceretis eumdem erga Sanctam Sedem animum,
„ idem ad Chriſtianam Religionem amplifican-
„ dam, propagandamque ſtudium, eamdem er-
„ ga hoc Sacrum Concilium obſervantiam, eam-
„ demque denique pietatem expectandam à Se-
„ reniſſimo Rege Sebaſtiano, & Regia præſtan-
„ tiſſimæ indolis ſignificatione ad excellentes om-
„ nes virtutes propenſo, & domeſticis imaginibus
„ clariſſimorumque Regni illuſtribus exemplis in-
„ citato. Qui, quod Sanctiſſimo Pontifici lit-
„ teris eſt pollicitus, hodie cumulatè præſtat, ſu-
„ umque ad illuſtrandam hujus Sacroſancti Con-
„ cilii celebritatem, ſtudium Vobis, ampliſſimi
„ Patres, hodierna die per D. Ferdinandum Mar-
„ tines Maſcarenium, ſuum Oratorem, virum non
„ ſolùm antiqua generis nobilitate, & familia,
„ multis Aſiæ, Africæque triumphis inſigni, ſed
„ fide, integritate, cæteriſque ornamentis longè
„ præſtantem effusè pollicetur. Sperat autem fo-

„ re, ut quoties cum de publicis Christianæ Re-
„ ligionis, atque disciplinæ, tum de privatis ne-
„ gotiis nostrarum Ecclesiarum, quæ singulari Dei
„ Opt. Max. beneficio, nec ab Ecclesiæ Roma-
„ næ, cæterarum parentis, & Magistræ observan-
„ tia deflexerunt, nec à veteri, receptoque se-
„ mel cultu recesserunt, apud Vos illius Orator
„ agere volet (quod pro sua prudentia non nisi
„ necessariis, aut gravibus certè causis impulsus
„ faciet) vos cognitis Serenissimi Regis manda-
„ tis eum pro vestra humanitate benignè exci-
„ piatis.

8 Esta eloquentissima Oraçaõ, por ser com igual elegancia traduzida na lingua Portugueza pelo insigne Doutor Antonio Pinheiro, a julgámos digna de se transcrever neste lugar, para que se faça mais universal à intelligencia dos Leytores.

Traduçaõ da Oraçaõ.

„ Posto que sempre a solemnidade dos Sa-
„ grados Concilios fosse dirigida à defensaõ da
„ Religiaõ Christãa, e Fé Catholica; toda via
„ em nossos taõ estragados tempos, e confusos,
„ quaes nunca foraõ, em que a pureza do amor
„ Divino está taõ contaminada com erros, e a
„ severa, e antiga doutrina taõ desbaratada com
„ superfluidade, e cubiça de quasi todos os Es-
„ tados, parece ser muito necessaria esta Sacro-
„ santa Congregaçaõ a todos os que seu pensa-
„ mento tem ancorado no investigar modo, e
manei-

„ maneira, com que a Republica Chriſtãa poſſa
„ ſer livre, e quieta, de tal maneira, que outro
„ caminho naõ cuidaõ poderſe abrir por onde ſe-
„ ja reſtituîda a ſeu perfeito ſer, e pureza, e os
„ relaxados coſtumes dos Chriſtãos ſerem reſtituî-
„ dos à ſuà antiga fórma, e vigor; e pois que
„ a liberalidade Divina deu tempo, em que com
„ taõ confórmes, e conſentidoras vontades ſe
„ congregaſſe neſta Cidade o Congreſſo Chriſ-
„ taõ, ordenado pela authoridade Pontificia, per-
„ mittirá haver tal ſucceſſo, como eſperamos,
„ que naõ taõ ſómente ſe effeitúe a expectaçaõ,
„ que em os animos dos devotos, e deſejoſos da
„ paz, e concordia Chriſtãa eſte religioſo, mag-
„ nifico, ſagrado, e veneravel Ajuntamento re-
„ mediou curando as ſuas feridas; mas tambem
„ o effeito ſeja mayor, e ſuperior ao que eſpe-
„ ramos, com que o ferido, e chagado corpo
„ Chriſtaõ por todas as vias ſeja remediado. Por-
„ que ſe quizeſſemos conſiderar as difficuldades,
„ que em os tempos paſſados impediraõ, e re-
„ tardaraõ o progreſſo deſte Sagrado Concilio,
„ facilmente entenderemos, que aſſim como en-
„ taõ foraõ muitas couſas, com as quaes ſe eſ-
„ torvava, e eſcurecia o eſplendor do univerſal
„ Concilio, e ſe retardava o ſeu curſo; aſſim agora
„ havia ſuccedido algumas, a que ſe a perfeita pru-
„ dencia, e confirmada conſtancia do Santiſſimo
„ Papa Pio IV. noſſo Senhor, naõ atalhara, naõ

„ taõ ſómente tiveramos viva a imagem da Re-
„ publica Chriſtãa , e quaſi expreſſa em todos
„ ſeus membros , qual hoje vemos neſte numeroſo
„ Congreſſo com ſummo contentamento de to-
„ dos ; mas nem hum ſó pequeno , e obſcuro ſi-
„ mulachro della poderamos diviſar. Finalmen-
„ te em o conſtante , e perpetuo propoſito dos
„ Summos Pontifices paſſados , com que congre-
„ garaõ o Sacroſanto Concilio , manifeſtamente
„ ſe vio o grandiſſimo amor , que ao povo Chriſ-
„ taõ tiveraõ ; e com iſſo conſeguiraõ immortal
„ louvor de conſtancia , e devoçaõ ante todos
„ ſeus deſcendentes , as quaes nenhuma aſpereza,
„ nem turbaçaõ dos tempos alterou o conſelho
„ de ſua diſcriçaõ , e prudencia , para que dei-
„ xaſſem de repetir couſa tantas vezes tentada ,
„ e taõ mal ſuccedida , naõ podendo em algum
„ tempo acharſe Orador taõ eloquente , e copio-
„ ſo , que poſſa com igual , e perfeita Oraçaõ
„ comprehender os magnificos , e illuſtres louvo-
„ res , que a eſclarecida , e ſingular virtude do
„ Santiſſimo Papa Pio IV. noſſo Senhor merece,
„ ao qual com muita verdade , e juſtiça convém,
„ e compete o nome de Summo Pontifice , naõ
„ taõ ſómente pelo merecer a ſublimidade , e al-
„ tura da ſua Apoſtolica Dignidade ; mas tam-
„ bem pelo pedir , e requerer a preeminencia ,
„ e ornato das ſuas grandes partes , e virtudes ,
„ o qual por moſtrar o grande deſejo , e amor,
que

,, que às Ovelhas Chriſtãas (pelo Eſpirito Santo
,, a elle encommendadas) tinha, tanto que foy
,, declarado Summo Pontifice, deſejando applicar
,, medicina aos corruptos, e envelhecidos males
,, da Igreja (a que ſeu ſagrado, e auguſto nome
,, promettia) logo no exordio do ſeu Pontificado
,, todo o ſeu cuidado, e penſamento ſe fundou
,, em congregar, e celebrar Concilio univerſal,
,, julgando ſer eſte o unico meyo, por onde ſe pu-
,, deſſem ſalvar as almas, e tornar ao caminho
,, da verdade; e como ſeus piedoſos propoſitos,
,, e deſejos de amor paternal conheceſſem todos
,, os que elle aſſim por Nuncios, como por Car-
,, tas muito ſuaves exhortava, e provocava a vi-
,, rem celebrar o Geral Concilio neſta Cidade,
,, elles ſe congregaraõ juntos, como vemos, e
,, pela ſumma authoridade Apoſtolica, e exem-
,, plo deſte muy frequentado, e ſantiſſimo Con-
,, greſſo ſe ajuntaráõ, e moveráõ cada dia mais
,, como eſperamos, para que com ſingular devo-
,, çaõ, e fervor engrandeçaõ, e honrem eſte pio,
,, e Sacroſanto Ajuntamento; pelo que ainda que
,, muy particularmente ſeja conſiderada nos li-
,, vros da Sagrada Eſcritura, quaõ grande autho-
,, ridade, e preeminencia tenhaõ os Concilios Ge-
,, raes, toda via quem ſeria taõ alheyo de juizo,
,, e razaõ, que naõ creſſe em Congregaçaõ ce-
,, lebrada de taõ ſantiſſimos, e perfeitiſſimos aſ-
,, ſiſtir o Eſpirito Santo do Senhor, o qual pro-
metteo,

„ metteo, que no meyo de dous, ou tres, que
„ tratassem da caridade, estaria. E pois saõ de
„ tanta authoridade, e Divindade os Sagrados
„ Concilios, tanto que todas as determinações,
„ e decretos nelles ordenados, de todos sejaõ re-
„ cebidos, e reputados como Oraculos, e pala-
„ vras Divinas, quem será o que naõ cuide em
„ todas as controversias, que sobre o estado da
„ Igreja se tratarem ser muy verdadeira, e dig-
„ na de approvar aquella sentença, que tantos
„ Prelados na idade provectos, na virtude insig-
„ nes, e na discriçaõ perfeitos, com igual sen-
„ timento approvarem, e que os Reverendissimos,
„ e Illustrissimos Legados (os quaes a bondade
„ Divina para esta causa escolheo) com sua au-
„ thoridade confirmarem, e os quaes em nome
„ de Sua Santidade neste Sagrado Concilio saõ
„ Presidentes. E posto que estamos persuadidos
„ a crer, que todos, e os outros saõ taõ devo-
„ tos, e Catholicos, que naõ sahiráõ da mesma
„ sentença, e parecer, toda via de Nós o pode-
„ mos mais constante, e affirmadamente promet-
„ ter, que ante vossa muy veneravel presença
„ estamos elevados em certissima esperança de
„ vermos bem restituída, e fundada a Republi-
„ ca Christãa com vossos sanctissimos decretos,
„ que de vossa sabedoria, e virtude nesta Catho-
„ lica Congregaçaõ emanarem ordenados. O
„ que de tal qualidade confiamos, que por V.
Santi-

„ Santidade tenha eſte negocio tal ſucceſſo, que
„ naõ taõ ſómente todas as duvidas, e comba-
„ tes altercados ſobre a profiſſaõ Chriſtãa ceſſem,
„ mas tambem com voſſa cenſoria, e ſevera e-
„ menda ſejaõ os coſtumes de todos os Eſtados,
„ eſpecialmente do Sacerdotal, reduzidos, e tor-
„ nados à regra, e pureza da Ley Euangelica:
„ é quem eſtas couſas naõ eſpera do Sagrado
„ Concilio, nem adverte, que pois eſtaõ eſtri-
„ badas em taõ grande authoridade, teraõ gran-
„ de força, e vigor, naõ parece ter entendimen-
„ to. Eſtes tamanhos frutos, e mayores da reſ-
„ tituiçaõ, e conſervaçaõ Chriſtãa vos pede a
„ Chriſtandade; eſtes eſpera o Sereniſſimo D.Se-
„ baſtiaõ o Primeiro Rey deſte nome de Por-
„ tugal, e dos Algarves, o qual inda que tiveſ-
„ ſe para ſi ſer vos muito notorio, e manifeſto
„ ſeu amor para com o povo Chriſtaõ; toda via
„ para que mais claramente teſtemunhaſſe da ſua
„ illuſtre, e ſingular obediencia, e acatamento,
„ que ao Sacroſanto Concilio tem, ordenou man-
„ dar eſte muy nobre Varaõ, que vedes, D.
„ Fernaõ Martins Maſcarenhas a eſtas Sagradas
„ Cortes, naõ taõ ſómente por ſeu Embaixador,
„ mas tambem por penhor, e refens da ſua per-
„ petua obediencia, e amor, com que ao Sacro-
„ ſanto Concilio reverencea; e do grande cuida-
„ do, que eſte muy virtuoſo, e Catholico Prin-
„ cipe, para ſe celebrar, e engrandecer a fre-
quencia

„ quencia deſte univerſal Congreſſo, vos poderáõ
„ ſer teſtemunhas naõ taõ ſómente os Prelados
„ de Braga, Coimbra, e Leyria, muito inſignes
„ aſſim na Sciencia das Letras Sagradas, como
„ em piedade exemplar, e perfeiçaõ de vida, os
„ quaes occupados com a ſua preparaçaõ, naõ
„ poderaõ mais cedo chegar a eſta Cidade; mas
„ tambem o poderáõ teſtemunhar os que daqui
„ em diante vierem de ſeus Reynos, e Senho-
„ rios, como viráõ depois que deixarem orde-
„ nadas as couſas, que às ſuas Igrejas, e Pre-
„ laſias pertencem; os quaes todos o ſobredito
„ Principe por ſer muito deſejoſo, e diligente
„ da concordia, e tranquillidade Chriſtãa por ſuas
„ Cartas miſſivas exhortou, que com muita dili-
„ gencia, e preſſa ſe aviaſſem, e partiſſem para
„ eſta Santa Sociedade, e que naõ quizeſſem pa-
„ recer, ou mais vagaroſamente obedecer ao man-
„ dado, e vontade do Summo Pontifice, de que
„ ſua Religiaõ requeria, ou ſoccorrer a Igreja
„ afflicta mais tarde do que a grandeza do peri-
„ go pedia; o que todo pelo Sereniſſimo Rey
„ com muito grande deſejo, e fervor foy provo-
„ cado, a huma por cumprir com a obediencia,
„ que ao Sagrado Concilio deve; a outra tam-
„ bem reſponder à Chriſtandade, e devoçaõ Di-
„ vina, em que os Chriſtianiſſimos, e Sereniſſi-
„ mos Reys de Portugal, e dos Algarves, ſeus
„ avôs, e anteceſſores floreceraõ, os quaes de
tal

„ tal maneira conformaraõ, e mediraõ com a
„ commum utilidade, e honra da Chriſtandade
„ todas as couſas, que com grandeza de animo,
„ e felicidade fizeraõ, que tendo conſeguido
„ tantas vitorias de tantos Reys barbaros, que
„ desbarataraõ, e deſtruido tantas Cidades dos
„ inimigos, combatido, e ſaqueado tantos Caſ-
„ tellos, edificado tantas Fortalezas nas Coſtas
„ das Provincias de Féz, e Marrocos, com que
„ abatem a ouſadia dos barbaros, e infieis, naõ
„ ſe moſtráraõ com iſſo tanto deſejoſos de eſten-
„ der, e accreſcentar os limites de ſeu Imperio,
„ que mais ſe naõ moſtraſſem de augmentar, e
„ proſeguir a honra do culto Divino; incitando-
„ os a iſſo naõ ſómente a excellencia, e grande-
„ za de ſeu animo Real, mas tambem a natu-
„ ral, e quaſi hereditaria inclinaçaõ de ſeus an-
„ tepaſſados, e os tocava com aquelle eſtimulo,
„ que D. Affonſo Primeiro, edificador do Rey-
„ no de Portugal, e author dos Reys ſeus ſuc-
„ ceſſores deixou impreſſo com ſuas armas; pe-
„ lo qual ſe ante os invictiſſimos Reys de Por-
„ tugal tanto pode o exemplo herdado por hu-
„ ma perpetua ſucceſſaõ, e ordem, e quaſi de
„ maõ em maõ entregue de ſeus antepaſſados,
„ que eſperança vos parece, Santiſſimos Padres,
„ que com razaõ, e juſtiça vos póde prometter
„ o animo Sereniſſimo delRey D.Sebaſtiaõ? Pois
„ naõ taõ ſómente os muy illuſtres exemplos dos

„ Reys ſeus antepaſſados, mas tambem a freſca
„ memoria, e inda agora viva delRey D. Ma-
„ noel ſeu biſavô, e a delRey D. Joaõ o III.
„ deſte nome ſeu avô o accende com muito in-
„ flammado deſejo, e amor a exaltar a Religiaõ
„ Chriſtãa; porque como deixará o biſneto del-
„ Rey D. Manoel de caminhar pelas pégadas de
„ ſeu biſavô? Ou o neto do grandiſſimo, e bo-
„ niſſimo Rey D. Joaõ imitar os exemplos de
„ ſeu avô em amor Divino manifeſtos, e noto-
„ rios a quaſi todos os que eſtaes preſentes? Sen-
„ do elle hum dos Reys de Portugal, que ten-
„ do ſubmettido à obediencia, e jugo da Igreja
„ Romana tantos Reynos no Oriente, tantas
„ Provincias, e tantas gentes barbaras, e nações,
„ e tendo outro ſi eſtendido ſua mageſtade, e
„ honra por longos, e eſpaçoſos lugares, e ter-
„ mos do Mundo com grande luſtre, e preemi-
„ nencia do ſeu Real nome; verdadeiramente
„ eſte Rey naõ taõ ſómente conſervou em offi-
„ cio de devida lealdade, e obediencia todos os
„ póvos, que ElRey D. Manoel, de eſclareci-
„ da memoria, ſeu pay venceo, e ſojeitou; mas
„ tambem com muito cuidado, e diligencia aca-
„ bou com elles, que renunciando a maldita, vãa,
„ e illicita idolatria, e doutrinados no religioſo,
„ e pio culto Chriſtaõ, com boa, e livre von-
„ tade ſeguiſſem os ſacrificios, e coſtumes de noſ-
„ ſa verdadeira, e Santa Fé Catholica; e como
do

„ do intento de entender, e accrefcentar o no-
„ me Chriftaõ por huma parte o defviaffem os
„ prejudiciaes encontros, e combates dos Reys
„ vifinhos de Africa; e por outra parte as gran-
„ des, e temerofas Armadas, que Solimaõ en-
„ viou para acometer todo o Eftado da India
„ Oriental; verdadeiramente elle reprimio a te-
„ meraria oufadia dos Mouros de Africa fazen-
„ do-lhes graviffimos damnos, desbaratando de
„ tal maneira os Exercitos, e forças maritimas
„ do Graõ Turco à vifta de Dio, florentiffima
„ Cidade de todo o Reyno de Cambaya, que
„ Solimaõ fendo fuperior em authoridade, e va-
„ limento a todos os Satrapas purpurados para
„ com o barbaro, e cruel Tyranno; e governan-
„ do como General a Armada, apenas efcapou
„ fugindo depois de muitas das fuas galés eftarem
„ fubmergidas, e defpedaçados muitos navios. O
„ que, Padres ampliffimos, brevemente, e qua-
„ fi de paffagem temos contado, naõ fómente
„ para que foubeffeis com quanto perigo dos feus
„ Vaffallos, e gafto da fua fazenda os muito ef-
„ clarecidos Reys de Portugal defejofos de alar-
„ gar, e eftender a Religiaõ Catholica affim em
„ as proprias, e fronteiras Provincias de Africa,
„ como em as muito remotas, e alongadas da
„ Afia tomáraõ, e tratáraõ guerras graviffimas,
„ e perigofiffimas; as quaes naõ taõ fómente a-
„ cometéraõ com grande animo, mas tambem

„ com conſtante, e proſpero ſucceſſo acabaraõ;
„ mas tambem para que conheçaes, e ſaibaes,
„ que o meſmo zelo para as couſas de noſſa San-
„ ta Fé Catholica, e o meſmo deſejo de accumu-
„ lar o ſerviço de Deos, e a meſma obediencia
„ para o Sagrado Concilio. Finalmente o meſ-
„ mo ardor ſe deve firmemente eſperar do Sere-
„ niſſimo Rey D. Sebaſtiaõ, naõ ſómente por
„ ter huma natural inclinaçaõ a todas as virtudes
„ excellentes, e Reaes, mas por imitar os ex-
„ emplos domeſticos dos ſeus predeceſſores. Ul-
„ timamente tudo quanto a Sua Santidade pro-
„ metteo por ſuas Cartas, hoje o cumpre com
„ aventajado effeito, e vos promette, Padres am-
„ pliſſimos, largamente todo ſeu favor, e ajuda
„ para ſe celebrar eſte Santo, e illuſtre Congreſ-
„ ſo por D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, ſeu
„ Embaixador, Varaõ naõ ſómente de nobre,
„ e antiga geraçaõ, mas tambem de Caſa illuſ-
„ tre, e ornada com muitos triunfos, e vitorias,
„ que ſeus antepaſſados na India, e Africa ga-
„ nharaõ, e aſſim tambem dotado de virtudes,
„ e partes de muita lealdade, ornamento, e per-
„ feiçaõ: e confia eſte Chriſtianiſſimo Principe
„ em voſſa humanidade, e Religiaõ, que quan-
„ tas vezes eſte ſeu Embaixador quizer ante Vós
„ tratar aſſim negocios publicos da doutrina, e
„ inſtituiçaõ Chriſtãa, como os particulares, e
„ tocantes a noſſas Igrejas, as quaes por eſpecial
merce

„ merce de Deos nunca ſe apartáraõ da obedi-
„ encia da Igreja Romana, Mãy, e Meſtra de
„ todas as outras da Chriſtandade, nem ſe deſ-
„ membráraõ do antigo, e huma vez recebido,
„ culto Divino (o que elle por ſua prudencia
„ naõ fará ſe naõ quando a iſſo o moverem cau-
„ ſas graves, e neceſſarias) ſabendo Vós os po-
„ deres, que neſſa parte pelo Sereniſſimo Rey
„ lhes ſaõ commettidos, o admittaes, e ouçaes
„ taõ benignamente, como voſſa humanidade re-
„ quere.

Repoſta do Concilio ao Embaixador.

9 „ Illuſtris Domine Orator. Mandatum, &
„ litteræ Sereniſſimi Portugalliæ Regis, quæ mo-
„ do à Dominatione Veſtra exhibitæ in hoc Sacro
„ Loco recitatæ fuerunt; nec non ea, quæ or-
„ natiſſima oratione expoſita ſunt, huic Sanctæ
„ Synodo jucundiſſimum nuntium attulerunt:
„ cum declararent eximiam quamdam, ac per-
„ petuam clariſſimorum Portugalliæ Regum, ac
„ præcipuè Sereniſſimi Sebaſtiani Regis in Deum
„ pietatem, inſigne in Rempublicam Chriſtianam
„ ſtudium, ac ſummam erga hoc Œcumenicum,
„ & Generale Concilium obſervantiam, licèt ni-
„ hil novi huic Sanctæ Synodo allatum ſit. Ne-
„ mo enim eſt, cui compertiſſima non ſint præ-
„ clara Regum Portugalliæ facinora in Chriſtia-
„ na Religione, veraque Chriſti Fide in Orien-
„ tis partibus propaganda. Non minor tamen
„ Maieſtati Suæ, maioribuſque ſuis piiſſimis, &
clariſ-

,, clarissimis Regibus laus, & gloria, hac tem-
,, pestate debetur, quod in his calamitosis tem-
,, poribus tot dissidiis, totque in Ecclesia exor-
,, tis hæresibus, regna & ditionem suam in Or-
,, thodoxa Fide, Ecclesiæque Catholicæ unitate,
,, uti verè Christianos Principes decet, semper
,, conservaverint, quàm in barbaris, & idolorum
,, cultui deditis nationibus ad veram religionem
,, traducendis. Quamobrem hæc Sancta Sy-
,, nodus Deo, & Patri Domini Nostri Jesu Chri-
,, sti meritas de his omnibus gratias agit; Domi-
,, nationemque Vestram, tum ipsius Regis causa,
,, tum ob singularem ejus prudentiam, ac sangui-
,, nis splendorem grato, ac benevolo animo re-
,, cipit. Regium verò mandatum, quantum de
,, jure debet, admittit.

Traduçaõ da reposta do Concilio.

,, Muito illustre Senhor Embaixador. A
,, fórma das ordens, e Cartas do Serenissimo Rey
,, de Portugal, que V. S. neste Sagrado Lugar
,, apresentou, e fez ler, e a elegantissima Oraçaõ,
,, que recitou, alvoraçaraõ a esta Santa Congre-
,, gaçaõ com muito suaves novas, pelas quaes
,, conhecemos o perpetuo, e singular amor, que
,, sempre nos tiveraõ os esclarecidos Reys de Por-
,, tugal, especialmente o Serenissimo Rey D. Se-
,, bastiaõ, e assim o grande desejo para a Repu-
,, blica Christãa, e a consummada, e singular
,, obediencia para o Sagrado, e Geral Concilio;
,, posto que nenhuma cousa destas seja nova a
esta

„ eſta Santa Congregaçaõ , e Synodo , porque
„ ninguem ha, ao qual naõ ſejaõ muito ſabidas,
„ e manifeſtas as grandes, e excellentes façanhas
„ dos Reys de Portugal em propagar, e eſtender
„ a verdadeira Religiaõ da Fé de Chriſto em as
„ partes do Oriente; porém naõ menor louvor,
„ e gloria ſe deve a Sua Mageſtade , e a ſeus
„ avós Chriſtianiſſimos , e Catholicos Reys neſ-
„ tes tempos calamitoſos , e relaxados , em os
„ quaes tantas diſcordias, e heregias ſaõ naſcidas
„ na Igreja de Deos , elles ſempre ſe conſerva-
„ raõ , e mantiveraõ ſeus Reynos, e Senhorios
„ na limpeza da Fé, e unidade da Igreja Santa,
„ e Catholica , como aos Principes realmente
„ Chriſtãos convém , que he em converter , e
„ reduzir as nações barbaras, e idolatras do fal-
„ ſo , e vaõ culto dos idolos à verdadeira Fé,
„ e Doutrina Chriſtãa; pelo que eſte Santo , e
„ Synodal Congreſſo por todas eſtas couſas dá
„ dignas graças a Deos , Pay de Noſſo Senhor
„ Jeſu Chriſto, e aſſim recebe a V. S. com eſ-
„ pecial vontade, e amor.

CA-

CAPITULO II.

Das primeiras materias, que se trataraõ no Concilio, e do zelo, e liberdade, com que nellas votou D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Admiraõ os Padres do mesmo Concilio a sabedoria dos Prelados, e Theologos Portuguezes.

1562.

10 CElebrada com a pompa referida a abertura do Concilio, e decretada a segunda sessaõ para 26. de Fevereiro, se começou logo com summo cuidado a tratar em Juntas continuas, que materias haviaõ ser primeiramente discutidas, e foy resoluto pela mayor parte dos votos se principiasse pela expurgaçaõ dos livros, que corriaõ impressos, dos quaes muitos estavaõ cheyos de doutrina sospeitosa, e outros de proposições claramente falsas, de cujas inficionadas fontes bebiaõ muitas almas perniciosos dogmas; e posto que a vigilancia dos Summos Pontifices tinhaõ zelosamente solicitado remedio efficaz para taõ grave contagio, ainda naõ estava totalmente extincto por ser innumeravel a copia de semelhantes livros, mais dignos de fogo, que de luz publica, a quem conciliava hum genero de immunidade o respeitado nome dos seus Authores. Para se arrancar taõ perniciosa

Decreta-se no Concilio a expurgaçaõ dos livros.

niciosa sizania do campo da Igreja, se decretou nesta sessaõ commetterse negocio taõ importante a huma Junta de Padres, para que fosse maduramente examinado; e como era a primeira materia, que se tratava, foraõ escolhidos os mais doutos, distinguindo-se entre elles o nosso Arcebispo de Braga, e para Secretario da mesma Junta Fr. Francisco Foreiro, que de tal modo era venerado por aquelle sapientissimo Congresso, que lhe commetteraõ a composiçaõ do Texto deste Sagrado Concilio, e depois de acabada a sua celebraçaõ, lhe ordenou Pio IV. que com Leonardo Marino, Arcebispo Lancianense, e Gil Fuscario, Bispo de Modena, reformasse o Breviario, e Missal Romano, e compuzesse hum Cathecismo, desempenhando taõ altas occupações com aquella satisfaçaõ, que de suas letras se esperava.

A reformaçaõ do Breviario, e Missal Romano se commetteo a Fr. Francisco Foreiro.

11 Naõ eraõ menos graves os pontos, que se ventilavaõ nas seguintes sessões, mas sempre pareciaõ menos necessarios ao zeloso espirito de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, querendo, que a todos preferisse a refórma do Estado Ecclesiastico, principalmente dos Prelados; mas eraõ fortes as contradições, que se oppunhaõ a taõ Santo intento, sendo dura a refórma ainda executada pelas proprias mãos dos reformados: e como a mayor parte delles era interessada em se naõ executar, dissimulavaõ a pratica desta materia,

Promove efficazmente D. Fr. Bartholomeu dos Martyres a refórma do Estado Ecclesiastico.
Muñós, Vida de D. Fr. Barth. de los Martyr. liv. 2. cap. 10.

ria, e fallavaõ em outras, que se haviaõ discutir, para que occupados os juizos nas suas decisões, se entregasse aquella a hum total esquecimento. Porém o Arcebispo cada vez mais constante na sua opiniaõ, como se as mesmas contradições lhe servissem de estimulo, instava, rogava, persuadia, e aconselhava publica, e particularmente, que naõ perdessem huma taõ boa occasiaõ, como a presente para purificar o ouro do Santuario, qual era o Estado Ecclesiastico, das fezes, com que estava manchado: e que sendo os Prelados Medicos espirituaes, deputados para curar as infermidades do Corpo mystico da Igreja; era preciso se applicasse primeiramente o remedio à parte mais nobre, começando a cura pelas suas pessoas, e cortando pelo luxo, e pompa, que servia de escandalo, e naõ de ornato à vida, que professavaõ. Passados muitos dias, que se consumiraõ nesta controversia, triunfou finalmente o Arcebispo de todas as opposições, por naõ haver quem já resistisse à sua efficacia; seguio-se propor a taõ veneravel Congresso se era justo, que os Cardeaes, como Principes da Jerarchia Ecclesiastica, haviaõ ser comprehendidos na refórma intentada?

12 Neste tempo tinha chegado determinaçaõ do Pontifice, em que mandava precedessem na ordem do votar os Prelados iguaes em Dignidade àquelles, que fossem mais antigos na promoçaõ,

moçaõ, ſem reſpeito às Primazias, para ſe evitarem duvidas, e controverſias, que em Trento, e Roma ſe tinhaõ excitado por parte dos Embaixadores, e Prelados Caſtelhanos, ſentidos do indulto concedido por S. Santidade em prejuizo da Cadeira de Toledo, ao Arcebiſpo de Braga quando ordenou preferiſſe em voto, e em lugar a todos os Arcebiſpos, particularmente ao de Naxi, que por mais antigo na promoçaõ, lhe diſputava fortemente a precedencia, como mais largamente relatámos em o t. I. liv. 2. c. 12. deſtas Memorias. Com eſta ordem ſe procedeo a votar, e ſem diſcrepancia em obſequio da Dignidade Cardenalicia, diſſeraõ todos, que os Illuſtriſſimos, e Reverendiſſimos Cardeaes naõ neceſſitavaõ de ſerem reformados. Chegou a hora, em que o Arcebiſpo havia exprimir o ſeu voto, e valendo-ſe das meſmas palavras dos Votantes, arrebatado de hum eſpirito Apoſtolico, rompeo neſtas vozes, que foraõ, e ſeráõ ſempre celebradas em toda a Chriſtandade: „Os „Illuſtriſſimos, e Reverendiſſimos Cardeaes ne„ceſſitaõ de huma Illuſtriſſima, e Reverendiſſi„ma reformaçaõ; e voltando os olhos para a parte, onde eſtavaõ os Cardeaes Legados, fazendo-lhe huma profunda inclinaçaõ, lhes diſſe com a meſma liberdade: „Voſſas Senhorias Il„luſtriſſimas ſaõ as fontes, donde todos os Pre„lados bebemos, e por tanto convém, que eſ-

Apoſtolica liberdade, com que o noſſo Arcebiſpo Primaz votou no Concilio àcerca da refórma dos Cardeaes.

„ ta agua esteja muy limpa, e pura. Foraõ recebidas estàs palavras pelos Legados com summa edificaçaõ, conhecendo que procediaõ de hum Prelado, cuja vida era huma tacita reprehensaõ de todos os mais Ecclesiasticos, causando naõ menor espanto, por naõ dizer confusaõ, aos Padres do Concilio, que hum só homem se animasse a proferir taõ livremente huma proposiçaõ, que elles preoccupados de huma veneraçaõ politica se naõ atreveraõ pronunciar.

13 Determinada a materia da pessoal reformaçaõ dos Ecclesiasticos, se começou a altercar outra naõ menos grave, qual foy a da residencia dos Beneficios. Como tocava em prejuizo das principaes pessoas daquelle douto Congresso, se procedia muito lentamente nella, de tal modo, que se receava ficasse indeciso, pois todo o tempo se gastava em outras controversias totalmente diversas desta; mas o ardente zelo do Arcebispo armado de novas razões, instava pela decisaõ de materia taõ importante; e como pela sua grande authoridade tinha conciliado o respeito de todo aquelle Congresso, seguido de sessenta e oito Prelados, que eraõ quasi todos Hespanhoes, e Italianos, e do Bispo de Pariz Eustachio de Bellay com outros Francezes, sem embargo de muitos obstaculos alcançou dos Legados, que se disputasse o ponto da residencia, principalmente se era de Direito Divino,

vino, mas ſem tençaõ de a definirem, como depois pareceo. He inexplicavel a vehemencia, com que o noſſo Arcebiſpo acompanhado de D. Pedro Guerreiro, Arcebiſpo de Granada, e de D. Gaſpar de Cervantes, Biſpo de Meſſina, acerrimamente defendia, e ſolidamente demonſtrava com muitas authoridades das Sagradas Letras, e Santos Padres ſer de Direito Divino a reſidencia dos Biſpos. Cada razaõ, que proferia era hum rayo deſpedido da officina de ſeu Apoſtolico eſpirito; e bem moſtrava, que igualmente com a ſucceſſaõ da Cadeira herdara a efficacia de Filho de Trovaõ, pois as ſuas palavras abrazavaõ, feriaõ, e penetravaõ os corações de todos, que o ouviaõ. Increpava a inercia daquelles Prelados, que amantes do ocio, e regalo, deixavaõ expoſtas as ſuas ovelhas à voracidade dos lobos, deſejando ſómente as Mitras para ornato das peſſoas, e augmento das Caſas, naõ podendo juſtamente receber o dote annual das ſuas Eſpoſas ſem o merecer com a ſua peſſoal aſſiſtencia. Ultimamente foy taõ concludente a efficacia das palavras do Arcebiſpo, que em attençaõ a ellas pareceo a todos ſe déſſe final deciſaõ na materia ventilada; mas o Cardeal Mantuano, Preſidente do Concilio, ordenou ficaſſe ſuſpenſa, dizendo ao Arcebiſpo, que quando ſe trataſſe do Sacramento da Ordem, ſe reſolveria como lugar proprio daquella queſtaõ.

Ardente zelo, com que o Arcebiſpo defende ſer de Direito Divino a reſidencia dos Prelados.

Naõ

14 Naõ ſatisfeito o Arcebiſpo de ter triunfado de tantas difficuldades, deſejava lograr completamente a vitoria de taõ porfiada controverſia, e vendo que as dilações, que ſe interpunhaõ, eraõ os meyos mais proporcionados para totalmente ſe entregar a perpetuo ſilencio, animado de novos eſpiritos foy em companhia do Arcebiſpo de Granada, e de D. Martim Peres de Ayala, Biſpo de Segovia, buſcar aos Legados, e com aquella liberdade, que ſempre profeſſava, lhes diſſe ſer já paſſado o tempo, que ſinalara o Preſidente do Concilio para ſe decidir a controverſia da reſidencia dos Prelados, pois já ſe tinha tratado do Sacramento da Ordem, por cuja cauſa inſtava pela ultima reſoluçaõ naquelle ponto. Naõ poderaõ reſiſtir os Legados a eſta propoſta, e vencidos varios debates, que houve entre os Padres do Concilio, ſe reſolveo a controverſia a favor da opiniaõ do Arcebiſpo, e ſe ordenou ſe fizeſſe o decreto da reſidencia, o qual foy commettido ao meſmo Arcebiſpo, como principal motor de taõ grave queſtaõ, o que logo ſe executou, ſendo companheiros na gloria, e no trabalho o Cardeal Lorena, Arcebiſpo de Reyms, o Cardeal Madruccio, Biſpo de Trento, Daniel Barbaro, Patriarcha eleito de Aquiléa, o Arcebiſpo de Granada, e Jorge Dranſcovicio, Biſpo da Cidade Cinco Igrejas em Ungria, Embaixador do Emperador, em quanto

Decreta-ſe a reſidencia conforme o voto do Arcebiſpo.

quanto Rey de Ungria, com outros onze Padres, o qual decreto está inserto no corpo do Concilio na sessaõ vinte e tres celebrada em 15. de Julho de 1563.

15 Outras materias de igual ponderaçaõ, e gravidade se decidiraõ no Concilio por zelo, e diligencia do nosso Arcebispo, como foy a do provimento dos Beneficios Ecclesiasticos pelos Prelados, e outras se revogaraõ por attençaõ à sua authoridade, quaes eraõ a graça chamada *Expectativa*, que os Summos Pontifices concediaõ a algumas pessoas para segurarem os Beneficios, que possuîaõ depois da sua morte para algum parente, ou amigo, de que se originava notavel prejuizo aos benemeritos, cuja capacidade provada pelos exames eraõ merecedores dos taes Beneficios. Tambem por sua instancia se revogou a determinaçaõ, que ordenava contarem trinta annos aquelles, que fossem promovidos a Ordens Sacras, decretando-se serem bastantes vinte e cinco. Por ser alheyo do nosso assumpto, suspendemos a narraçaõ mais diffusa das acções obradas neste Concilio pelo Arcebispo de Braga, pois sómente dellas se podia formar hum largo volume, como se podem ler nas varias Historias, que correm impressas da vida de taõ illustre Prelado, taõ diversas no estylo, como differentes no idioma, onde elegantissimos Escritores copiosamente narraraõ tudo quanto

Diversas resoluções do Concilio confórmes ao parecer do nosso Primaz.

quanto o ſeu Paſtoral deſvelo praticou neſte Concilio, ſendo ouvido em todas as materias nelle ventiladas como Oraculo, propondo com gravidade de Prelado, votando com zelo de Varaõ Apoſtolico, e reſolvendo com ſciencia de Meſtre conſummado.

16 Naõ mereceraõ menor eſtimaçaõ de todo o Concilio os dous Prelados Portuguezes D. Fr. Joaõ Soares, Biſpo de Coimbra, e D. Fr. Gaſpar do Caſal, Biſpo de Leyria, que nelle aſſiſtiraõ, dando com as ſuas profundas letras tanta fama aos ſeus nomes, como credito à noſſa naçaõ, de que he fiel teſtemunha o elogio, que no obſequio de ambos, e do Arcebiſpo de Braga lhe conſagrou neſtes laconicos termos a voz publica de taõ ſapientiſſimo Congreſſo: *Multa paucis; pauca multis; multa multis.* Muito em pouco; pouco em muito; muito em muito. O primeiro elogio competia ao Arcebiſpo de Braga, porque com admiravel ſubtileza recopilava em breves periodos altiſſimas ſentenças. O ſegundo louvava ao Biſpo de Coimbra, pois ſendo dotado de huma copioſa affluencia de palavras, com que reveſtia os ſeus conceitos, naõ era vicioſa a redundancia da ſua eloquencia. O terceiro exaltava ao Biſpo de Leyria, pois igualmente ſuſpendia os entendimentos com a agudeza dos penſamentos, como deleitava os ouvidos com a elegancia das palavras.

Elogios, que ſe deraõ aos Prelados Portuguezes, aſſiſtentes no Concilio.
Souſa, Vid. de D. Fr. Barth. dos Mart. liv. 2. capit. 17.

Iguaes

Como foy respeitada no Concilio a sciencia de Diogo de Paiva de Andrade.

17 Iguaes applausos alcançou o raro talento de Diogo de Paiva de Andrade, illustre por nascimento, e muito mais pela sabedoria, a qual de tal sorte se anticipou à idade, que naõ contando mais que trinta e tres annos, o fez digno de assistir em taõ veneravel Assemblea, onde brilharaõ tanto as suas letras, que tendo proferido o seu voto sobre hum Canon do Sacramento do Matrimonio, hum dos principaes pontos discutidos no Concilio, e seguindo-se a votar outros Theologos, lhe rogaraõ os Legados repetisse o seu voto, o que elle modestamente recusava; mas sendo novamente instado, lhes disse obedeceria com a condiçaõ de que primeiramente votassem os outros Theologos; e depois de todos exporem o seu parecer, subio ao Pulpito, para que de lugar mais alto fosse ouvido; mas como a mayor parte do dia se tinha consumido na altercaçaõ dos votos, e era já tarde, resolveraõ os Legados, que se defirisse a Congregaçaõ para o dia seguinte, donde em mais largo espaço de tempo queriaõ admirar a sabedoria de taõ insigne Letrado, e assim se executou, de que resultaraõ em applauso de Diogo de Paiva de Andrade multiplicados elogios de todos os circunstantes.

Applausos, que mereceraõ pela sua eloquencia Fr. Henrique de Tavora, e Fr. Francisco Foreiro.

18 Semelhantes louvores, e acclamações conseguiraõ Fr. Henrique de Tavora, e Fr. Francisco Foreiro, naõ sómente como Theologos,

mas como Oradores Euangelicos , prégando o primeiro a primeira Dominga de Quareſma na preſença da mayor parte dos Padres do Concilio, que celebráraõ a aſcetica doutrina do Prégador, por ſer aprendida na ſagrada eſcola do Arcebiſpo de Braga. O ſegundo naõ lhe baſtando para eterna recommendaçaõ do ſeu nome a compoſiçaõ do Catalogo dos livros prohibidos, e o Catecismo , que ſahiraõ impreſſos em Roma na Impreſſaõ da Camera Apoſtolica , hum em o anno de 1564. e outro em 1566. que por ordem dos Padres do Concilio lhe fora commettido, por cuja cauſa naõ voltou com os outros Theologos Portuguezes para o Reyno, ficando applicado a obra taõ util, como laborioſa ; ainda quiz manifeſtar mais as luzes do ſeu talento prégando a primeira Dominga do Advento, e a Seſta Feira da Vinha, e de tal modo deixou com a ſua energia ſuſpenſo o Auditorio, que para ſer mais vezes ouvido, foy obrigado a continuar neſte miniſterio, prégando todas as quartas feiras da Quareſma, ſendo taõ verſado na locuçaõ de diverſas linguas, que ſubindo ao Pulpito em certa occaſiaõ , mandou preguntar pelo Meſtre das Ceremonias aos Cardeaes ſeus ouvintes, em que idioma queriaõ, que prégaſſe, de que reſultou naõ pequeno eſpanto em aquelle doutiſſimo, e nobiliſſimo Auditorio, admirando unida em hum ſó homem a

ſcien-

ſciencia das linguas com a elegancia das palavras, e profundidade dos conceitos.

CAPITULO III.

Participa Filippe Prudente por ſeu Embaixador o Ballio Xelley ao noſſo Principe como elle, e o Emperador pertendem ligarſe com o Sophi da Perſia contra o Turco, e lhe perſuade queira entrar neſta liga. Eſcreve ao Sophi ſobre eſta materia o noſſo Monarcha.

1562.

19 ERa taõ conhecido em todo o Mundo o bellicoſo animo delRey D. Sebaſtiaõ, ainda quando naõ tinha forças para empunhar as armas, que naõ havia Soberano no Continente da Europa, que o naõ procuraſſe para ſeu confederado, principalmente ſendo a guerra com os inimigos da Chriſtandade, contra os quaes o eſtimulava aquelle abrazado zelo da Religiaõ, que com a Coroa herdara de ſeus auguſtos predeceſſores. Eſte religioſo eſpirito, que animava ao noſſo Principe, moveo a Filippe Segundo para lhe ſignificar pelo ſeu Embaixador o Ballio Xelley, Prior de Inglaterra, e ſeu Gentilhomem de boca, o intento, em que eſtava o Emperador de fazer liga com o Sophi da Perſia Schah Tames contra o

Chega a Lisboa o Ballio Xelley, e da negociaçaõ para que foy mandado por ElRey de Caſtella.

Turco, ſendo preciſo, que para quebrantar as forças de inimigo taõ poderoſo, havia tambem elle entrar naquella confederaçaõ, para cujo effeito lhe rogava quizeſſe naõ ſó concorrer com as ſuas ſempre vitorioſas armas, mas que eſcreveſſe ao meſmo Sophi, pois as ſuas Conquiſtas confinavaõ com o Imperio de taõ grande Principe, para que ouviſſe benevolamente ao Embaixador da negociaçaõ, que hia praticar por ordem do Emperador dos Romanos, e delRey de Caſtella. Eſte negocio naõ ſómente o recommendou Filippe a ſeu ſobrinho, mas tambem à Rainha Dona Catharina, moſtrando a huma, e outra Mageſtade o empenho, que nelle tinha, o qual ſe declarava por eſtas Cartas.

Carta de Filippe Prudente para o noſſo Principe, copiada da Original.

20 „ Sereniſſimo Rey, mi muy caro, y muy „ amado ſobrino. Haviendome aviſado el Em- „ perador mi tio, que avia buen aparejo de tra- „ tar liga con el Sophi contra el Turco, comum „ inimigo de todos los Chriſtianos, aſſi por la „ enemiſtad perpetua, que entre ellos ay, como „ por la coyuntura, que de algunos dias acá ſe „ há oferecido de aver recogido en ſus tierras, „ y amparado a Bayazet, hijo ſegundo del Tur- „ co, y pediendome parecer ſobrello, y tam- „ bien ſi yo queria dar comiſſion para tratar del- „ la dicha liga, pareciendome bien eſto, que aſſi „ ſe me prepuzo de ſu parte, viendo quan con- veniente

„ veniente coſa ſerá ocupalle por todas partes,
„ porque nó acuda tan libremente, y con tan-
„ tas fuerças a las nueſtras le reſpondi, que hol-
„ garia de entender en ello, y que para la tra-
„ tacion, y concluſion dello, yó embiaria per-
„ ſona muy placita, y diligente; y aſſi he eſco-
„ gido al Baylio Xelley, Prior de Inglaterra, mi
„ Gentilhombre de la boca, que eſta lleva, que
„ es perſona de muy buen entendimiento, y de
„ gran Chriſtiandad, y de quien yo hago muy
„ gran confiança, y con el os he querido dar
„ parte deſta mi reſolucion, que con el Empe-
„ rador hé tomado, para que la ſepais, como
„ es razon, y para que veais ſi vos tambien
„ quereis eſcrevir, o dar comiſſion para interve-
„ nir en ello, pues deveis tener mas cuenta, e
„ intelligencia con el dito Sophi por los confines
„ de vueſtra conquiſta, y para que tengais por
„ bien de eſcrivir a vueſtros Miniſtros en aquel-
„ las partes, que den todo favor al dicho Prior
„ ſi le huviere meneſter, para que tanto mejor
„ pueda cumplir ſu comiſion. Yo os ruego muy
„ afectuoſamente, que le deis fée, y creencia
„ en lo que de mi parte ſobreſto os dixere, y
„ que le hagais ay informar a algunas perſonas pla-
„ ticas de las coſas de allá, de lo que para ſu
„ viage, y buen endereço conveniere, y porque
„ avrá meneſter un Faraute para la lengua Per-
„ ſiana, mandeis que ſe le dexe tomar en eſſe
Reyno,

„ Reyno, porque con esto, y las Cartas de fa-
„ vor vuestras le embiaremos al Emperador, pa-
„ ra que desde allá le encamine, y enderece en
„ su viage, y le dé las comissiones, que avrá
„ de llevar, y porque aunque a la yda hade en-
„ caminarse por Polonia, y Moscovia, a la bu-
„ elta podria ser, que no hallasse tanta facilidad
„ en el passo, y que huviesse de bolver por
„ Ormus, o por las terras, que vós teneis en
„ aquellas partes, os ruego assi mismo, que en
„ este caso ordeneis a vuestros Ministros, que le
„ favorescan, y encaminen, y hagan otras co-
„ modidades, que el a boca os dirá para si se
„ detuviesse por allá más de lo que se piensa, que
„ a mi me hareis singular plazer en ello, e en
„ mandalle despachar con toda brevedad, por-
„ que pueda hazer su viage en lo que queda
„ deste Verano, que aviendo de yr por las tier-
„ ras, que sabeis, quanto más se dilatare, seria
„ más dificil, y de mayores inconvenientes. Se-
„ renissimo Rey, mi muy caro, y muy amado
„ sobrino, sea Nuestro Señor en vuestra conti-
„ nua protecion. De Madrid a dies de Junio
„ de M.D.LXII. Buen hermano de V. A.

Yo ElRey.

Gonçalo Peres.

Carta para a Rainha D. Catharina, copiada da Original.

21 „ Serenissima muy alta, y muy poderosa
„ Reyna, mi muy cara, y muy amada tia, y
„ madre. Algunos dias há, que el Emperador
mi

„ mi tio me hizo entender , que ſegun los avi-
„ ſos , que tenia de Levante , el Sophi holgaria,
„ y deſeava entrar en liga con Su Mageſtad
„ Imperial , y comigo por poder mejor atender
„ a ſus emprezas contra el Turco , y ultima-
„ mente me eſcrivió , que avia tenido Cartas de
„ ſu Embaxador , que reſide en Conſtantinopla,
„ en que le eſcrive , que de nuevo lo avian ſig-
„ nificado lo miſmo ciertos Embaxadores , que
„ avian venido alli del Sophi , y a mi me dize Su
„ Mageſtad , que le pareſce , que nó es de per-
„ der la ocaſion , y que ſeria bien , que él , y
„ yó embiaſſemos perſonas a ello , y porque yó
„ ſoy del miſmo parecer , y voluntad , y he nom-
„ brado para eſta comiſſion , y viage al Bayllio
„ Xelley , Prior de Inglaterra , mi Gentilhom-
„ bre de la boca , que dará eſta a V. Alteza ,
„ por ſer un Cavallero muy bien entendido ,
„ buen Chriſtiano , y platico de las lenguas , y
„ coſas del Mundo , y le he mandado , que va-
„ ya primero a eſſe Reyno para que ſe informe,
„ y tome lengua de las coſas de aquellas partes,
„ de perſonas , que ayan eſtado allá , e para lo
„ de más , que V. Alteza verá por la Carta ,
„ que eſcrivo al Sereniſſimo Rey mi ſobrino ,
„ que por lo que el miſmo Prior dirá a V. Al-
„ teza , muy afectuoſamente le ruego le dé gra-
„ ta audiencia , y entero credito en lo que ſobre
„ eſte particular le hablare de mi parte , y con-
forme

„ forme a aquello le mande deſpachar lo más
„ preſto, que ſer pudiere, porque nó ſe pierda
„ la ſazon de hazer eſte ſervicio a Dios, y be-
„ nificio a toda la Chriſtiandad, que ſerá tan
„ grande como ſe dexa conſiderar, yó recibire
„ en ello ſingular complacencia de V. Alteza,
„ cuya Sereniſſima Perſona, y Real Eſtado Nu-
„ eſtro Señor guarde, y proſpere. De Madrid
„ a dies de Junio de 1562.

Hijo, y ſervidor de V. A.
Yo el ElRey.
Gonçalo Peres.

Executa promptamente o noſſo Monarcha o que lhe pedia ElRey de Caſtella.

22 Notaveis foraõ as expreſſões, com que o noſſo Principe agradeceo a Filippe Prudente a noticia, que lhe participara de hum negocio, em que era taõ intereſſada a Chriſtandade, para cuja empreza lhe prometteo, que promptamente eſcreveria naõ ſómente ao Vice-Rey da India, e Capitaõ de Ormuz, para receberem com magnifica hoſpitalidade ao Embaixador, que mandava ao Sophi; mas tambem inſinuava a eſte Principe ſer muito conveniente à conſervaçaõ do ſeu dilatado Imperio fazer liga com os mayores Potentados da Europa, quaes eraõ o Emperador, e os Reys de Portugal, e Caſtella para aniquilar as forças, e abater a ſoberba do Turco. A actividade, e promptidaõ, que o noſſo Principe praticou neſta negociaçaõ, ſe admiraõ expreſſadas neſtas duas Cartas, eſcrita huma

huma a Filippe, e outra ao Sophi da Persia, cujas copias saõ as seguintes.

Carta do nosso Principe para Filippe Prudente.

23 „ Serenissimo Rey, meu muito amado „ tio, e Senhor. O Baillio Xelley, Prior de „ Inglaterra, me deu vossa Carta de dez do „ passado, em que me dais conta como o man- „ daveis ao Sophi para em vosso nome, e do Em- „ perador meu tio tratar liga contra o Turco, „ e naõ posso deixar de estimar tanto, como he „ razaõ mandaresme communicar por elle este „ negocio para se quizesse entrar na dita liga o „ poder fazer, por ser conforme ao que requere „ o grande amor, que vos tenho, e ao que sem- „ pre observou, e guardou nas materias desta qua- „ lidade o Senhor Emperador meu Avô com El- „ Rey meu Senhor, e Avô, que Santa Gloria „ hajaõ, e o recebo de vós em muy singular „ prazer, e sendo esta amisade de tanto serviço „ de Nosso Senhor, e de que tamanho provei- „ to póde vir à Christandade, que taõ opprimi- „ da se acha com as forças, e poder deste com- „ mum, e taõ poderoso inimigo, naõ podia eu „ deixar de querer ter parte nella, assi pela que „ sempre em todas vossas cousas terey, como „ pelo muito, que sempre desejey o remedio „ das affliçóes da Christandade, e por quanto „ sinto os damnos, que suas Armadas fazem em „ todas as partes, como se os receberaõ meus „ Vassallos, e naturaes. Pelo que mandey dar

„ ao dito Baillio Xelley Carta, e commissaõ mi-
„ nha, para em meu nome tratar a dita liga
„ com o Sophi, e assim o fiz aqui informar por
„ pessoas praticas, e experimentadas das cousas
„ daquellas partes de tudo, que lhe pareceo ne-
„ cessario, e passar Cartas para o meu Capitaõ
„ da Cidade de Ormuz, e Vice-Rey da India,
„ para que no caso, que elle haja de fazer o
„ caminho por aquella via, lhe façaõ todo o
„ bom tratamento, e o provejaõ de tudo o ne-
„ cessario à sua embarcaçaõ, e viagem, como
„ vos elle dirá, o que fareis com taõ boa von-
„ tade, como tenho para vos comprazer em tu-
„ do o que me requererdes. O Faraute se naõ
„ achou aqui, e por isso o naõ leva, e porque
„ àcerca de tudo isto sereis mais particularmente
„ informado pelo dito Baillio Xelley, a elle me
„ remetto, &c.

Carta delRey para o Sophi da Persia.

24 „ Muito alto, e muito poderoso Rey
„ da Persia. Eu D. Sebastiaõ, pela graça de
„ Deos Rey de Portugal, &c. Ainda que pe-
„ las partes da India tenha comvosco aquella
„ amisade, que sabeis, assim desejo de naõ só-
„ mente a conservar, e perpetuar, mas ainda
„ accrescentar por quem sois, que offerecendo-
„ se mandar o Emperador dos Romanos, e o
„ Serenissimo muito alto, e muito poderoso Rey
„ de Castella meus Tios, por seu Embaixador o
„ Baillio Xelley, Prior de Inglaterra, para tratar
com-

„ comvoſco amiſade contra o Turco, naõ
„ quiz eu ficar fóra della, aſſim pela muita par-
„ te, que ſou na Chriſtandade, como porque
„ por todas as vias vos queria moſtrar o con-
„ tentamento, que tenho de a ter comvoſco,
„ nem menos quiz deixar de vos dizer neſta,
„ quanto ganhareis para voſſas pertenções em
„ terdes amiſade com taõ poderoſos Principes,
„ como o Emperador, e ElRey de Caſtella meus
„ tios, e eu ſomos, para que naõ percais eſta boa
„ occaſiaõ, que ſe vos offerece. Muito vos ro-
„ go, que folgueis de aceptar na maneira, que
„ vos ſerá apreſentada pelo dito Baillio Xelley,
„ e que lhe façais aquelle bom tratamento, que
„ lhe he devido por Miniſtro, e Embaixador de
„ taes Principes, e em muy ſingular ſerviço o
„ receberey de vós, &c.

CAPITULO IV.

Determina ElRey de Marrocos cercar a Fortaleza de Mazagaõ, e das cauſas, que o moveraõ à execuçaõ deſte intento. Chega eſta noticia à Rainha Dona Catharina, e promptamente expede huma Armada para impedir os progreſſos do inimigo.

1562.

25 SEndo em todas as idades a ardente Regiaõ de Africa o theatro das mayores façanhas dos Portuguezes, nunca ſe admirou no ſeu aduſto ambito outra mais aſſombroſa, como a que ſuccedeo neſte memoravel anno de 1562. quando conſpirada a barbara potencia dos ſequazes de Mafoma contra a Fortaleza de Mazagaõ, intentaraõ inutilmente rendella ao ſeu dominio, onde os ſeus defenſores animados de eſpiritos invenciveis obraraõ acções taõ heroicas, que a naõ ſerem obradas pelo ſeu valor, poderiaõ julgarſe na poſteridade por fabuloſas: e para que ſucceſſo taõ eſpantoſo, aſſim como foy naquelle tempo digna occupaçaõ das vozes da fama, permaneça eternamente gravada nos faſtos da Eternidade, relataremos com mayor ſinceridade, que elegancia, as ſuas circunſtancias, ſendo neceſſario o meſmo eſpirito, que moveo a eſpada

da para as obrar, animaſſe a penna para as eſcrever.

26 Morto aleivoſamente o Xariſe Muley Hamete pelo Alcayde Hacem, de naçaõ Turco, e homem facinoroſo, em premio da tyranna violencia, com que ſe fizera Senhor abſoluto dos Reynos de Féz, Marrocos, Mequinez, Trudante, Suz, Tafilete, Tremezen, Dara, e Tendola, lhe ſuccedeo igualmente nos Eſtados, e nas atrocidades Muley Abdala ſeu terceiro filho, o qual para eſtabelecer mais firmemente o ſeu throno, naõ téve horror de manchar a purpura no derramado ſangue de ſeu irmaõ Muley Atiman, Vice-Rey de Trudante, e de ſeus ſobrinhos Muley Soliman, e Muley Hamed, hum Governador de Dara, e outro de Mequinez, mandando-os matar injuſtamente contra todas as leys da natureza, e fóros da Mageſtade. Eſte Principe poſto que barbaro, temia como politico, que occupando os Portuguezes huma grande parte daquellas Provincias, o exterminariaõ dos ſeus Eſtados, ſe recebeſſe leys de huma naçaõ, de quem pela Religiaõ, e pelo valor era duas vezes inimigo. Augmentava-lhe mais eſte receyo a lembrança da continuada ſerie de triunfos, que em diverſos tempos os noſſos Monarchas tinhaõ alcançado naquellas terras, concorrendo para mais plauſivel, e authorizada gloria das Conquiſtas a aſſiſtencia dos meſmos Principes, como ſe vio na

Torres, Origen de los Xariſes, cap. 109. e 110.

Tyrannias, com que ſe eſtabeleceo no throno Muley Abdala.

na tomada de Ceuta pelo bellicoſo eſpirito do Sereniſſimo D. Joaõ o I. e no rendimento de Arzila, e Tangere por ſeu neto D. Affonſo V. por onde adquirio a heroica anthonomaſia de Africano. Naõ eraõ inferiores a eſtas vitorias as que alcançou o feliciſſimo Rey D. Manoel pelas mãos de ſeus animoſos Capitães, que à maneira de rayos deſpedidos da esféra, que tomara por Empreza, fulminaraõ a toda a Africa, ſogeitando à ſua obediencia as fortes Praças de Azamor, e Çafim. A meſma proſperidade de triunfos continuou no reynado delRey D. Joaõ o III. que julgando lhe eraõ ſufficientes portas para entrar no Reyno de Féz as Praças de Ceuta, e Tangere, e para o Reyno de Marrocos, e Ducala a Praça de Mazagaõ, a mandou fortificar por eſtar diſtante duas pequenas legoas ao Occidente da Cidade de Azamor, e ter huma bahia capaz para nella ancorar huma groſſa Armada, como os Reys de Portugal coſtumavaõ expedir contra os Infieis.

27 Opprimido Muley Abdala com a repreſentaçaõ de tantas vitorias, conſeguidas pelos Portuguezes contra a potencia Africana, ſe deliberou a romper os grilhões, que injurioſamente arraſtrava, querendo em hum ſó dia vingar os aggravos de muitos annos, e libertar os ſeus Vaſſallos da dura oppreſſaõ, com que gemiaõ violentados nas ſuas proprias terras, para cujo effeito,

effeito, como a Praça de Mazagaõ era o fatal escandalo das suas armas, contra ella intentou converter todas as machinas, ideadas pelo odio provocado em tantos annos. Facilitou lhe este intento naõ sómente o conselho de Hacem Curito renegado, natural das montanhas de Castella, que era Alcayde dos renegados da sua guarda, persuadindo-o, que seria muito facil a conquista da Praça pela certa noticia da falta de munições, e defensores, que naquelle tempo se padecia; mas tambem o ser Inverno, contribuindo a inclemencia da estaçaõ para naõ poder a Fortaleza ser soccorrida de Lisboa, distante della cento e dez legoas. Governava a Praça Ruy de Sousa de Carvalho pela ausencia de seu irmaõ Alvaro de Carvalho, Capitaõ môr proprietario da Fortaleza, que viera ao Reyno com Filippe Fialho, Contador do Reyno, quando este por ordem delRey fora evacuar como inutil, e escusada toda a gente de cavallo deste presidio, commissaõ, que regeitara Lizuarte Peres de Andrade, Fidalgo muito respeitado, julgando por indigno da sua pessoa diminuir, e naõ augmentar a gente militar, de quem dependia a conservaçaõ das Praças, e Fortalezas.

Intenta Muley Abdala sitiar a Fortaleza de Mazagaõ.

Quem governava a Fortaleza neste tempo.

28 Logo que Ruy de Sousa de Carvalho tomou posse da Praça, naõ deixou passar instante, em que vigilantemente applicasse todos os meyos para a sua conservaçaõ, distribuindo quatro

Vigilancia, com que previne a sua conservaçaõ.

tro Companhias, compostas de seiscentos Soldados pelos seus baluartes, de que eraõ Capitães Fernaõ de Castro, Domingos Alvares Leyte, Joaõ de Mendoça, e Joaõ Fernandes do Grade, além de Lourenço de Mello, Francisco Carvalho, D. Antonio de Sousa, Francisco de Figueiredo, Adail da gente de cavallo, que lhe assistiaõ com amor de parentes, e vigilancia de Soldados. Antes de ser invadida a Praça pelos inimigos, padeceo dentro dos seus muros huma fatal oppressaõ, procedida da falta de mantimentos, que durou por espaço de quatro mezes, até que abundantemente foy soccorrida. Muley Abdala, que se naõ descuidava da conquista de Mazagaõ, por tanto tempo premeditada, começou a convocar diversos póvos de Numidia, Berberia, e Libya, e para dissimular o intento divulgou, que todo aquelle apparato era contra os Turcos de Argel, para com este fingimento achar menos prevenida a nossa vigilancia: porém Ruy de Sousa como prudente Capitaõ, receando que toda aquella machina cahisse improvisamente sobre a nossa Fortaleza, se preparou occultamente com alguns mantimentos, comprados ao Alcayde de Azamor, sem este penetrar o motivo, até que foy certificado por hum Arabe Chrjstaõ Novo, chamado Nicolao da Conceiçaõ, vindo de Marrocos, que todo o apparato convocado pelo Xarife se dispunha contra os Christãos, e por

Convocou o Xarife diversos póvos de Africa para esta empreza.

por tanto ſe preparaſſe para lhe impedir os ſeus progreſſos. Naõ ſatisfeito o Xarife dos aviſos recebidos pelos Cafilas de Azamor, e Çafim do eſtado, em que ſe achava Mazagaõ, deſpojado de toda a Cavallaria, ſe mandou informar mais individualmente por hum Cazis negro, o qual com o fingido pretexto de querer ſer Chriſtaõ foy recebido na Fortaleza, e depois de dar noticia do intento do Xarife, começou perſuadir ao Capitaõ mandaſſe derrubar a ponte, que dava paſſagem da Villa ao campo, por onde naõ poderia fazer a primeira invaſaõ, e que rebatido o primeiro impeto voltaria confuſo para as ſuas terras. Com eſta pratica conſeguio, que a ponte ſe derrubaſſe, e examinando a obra dos baluartes, a altura do foſſo, e a qualidade da artilharia ſe paſſou ao Xarife, a quem informou do Eſtado da Fortaleza, o qual reſoluto a ſitialla mandou lançar hum geral edicto contra os Chriſtãos de Mazagaõ, a cujo imperio ſe deſpovoaraõ os póvos da Libya, e Numidia, e até os habitadores dos montes Atlantes, concorrendo tumultuariamente eſta barbara multidaõ para ruina, e eſtrago do nome Portuguez.

29 Chegaraõ aos ouvidos do Governador da Praça os eccos de taõ formidavel eſtrondo, e conhecendo por evidencia o que até àquelle tempo ſabia por informaçaõ, expedio brevemente em huma caravela a Franciſco de Oliveira com hu-

Avisa o Governador à Rainha do formidavel sitio, que esperava.

ma Carta escrita à Rainha Dona Catharina, em que a avisava do perigo imminente, que ameaçava àquella Praça, e da grande copia de mantimentos, e petrechos militares necessarios para a sua defensa, e conservaçaõ, por estar de huns, e outros summamente exhausta. Esta noticia ao mesmo tempo, que penalizou o coraçaõ da Rainha, foy recebida por muitos como fabulosa, principalmente por aquellas pessoas, que foraõ consultadas pela mesma Princeza àcerca do modo, com que se devia promptamente acodir a necessidade taõ urgente. Fundavaõ os seus discursos em ser a Praça edificada em rocha viva aberta ao picaõ, e como tal incapaz de ser minada, e serem os seus muros compostos de materia taõ forte, que desprezavaõ todo o impeto da artilharia, fazendo-se mais inconquistavel por estar toda cercada de mar a mar com huma cava de oitenta e cinco palmos, cuja profundidade era taõ excessiva, que em baixa mar chegava com a agua cobrir hum homem de grande estatura; e como a natureza se empenhara tanto na sua fabrica, eraõ escusados os instrumentos da arte para a sua defensa, sendo mais para desprezado, do que temîdo o temerario intento da sua conquista. Estas razões dictadas por aquelles, a quem a distancia do perigo fazia discorrer differentemente do que se estivessem a elle expostos, suspenderaõ de algum modo a resoluçaõ da

Discurso de algumas pessoas no Reyno, com que difficultavaõ o sitio de Mazagaõ.

da Rainha para naõ preparar o ſoccorro com aquella promptidaõ, que a neceſſidade pedia: porém conſiderando com animo pio, e Catholico, que o primeiro auxilio ſe devia implorar da Divina Piedade, ordenou a todos os Conventos de Religioſos, e Religioſas alcançaſſem com orações, e penitencias de Deos o naõ permittir, que os ſeus inimigos prevaleceſſem contra os Chriſtãos; antes humilhada a ſoberba barbara, e infiel foſſe glorificado o ſeu Sagrado Nome.

Manda a Rainha fazer preces pelo bom ſucceſſo da Fortaleza.

30 A eſte tempo chegou outro navio com ſegundo aviſo do Capitaõ môr Ruy de Souſa, trazido por Franciſco de Moura, Alfaqueque da Fortaleza, em que expunha à Rainha como em quatro de Março chegara o Xarife a Mazagaõ, e cercara os ſeus muros com cento e cincoenta mil homens. Eſta noticia naõ ſómente deſenganou aos incredulos, que julgavaõ por temeraria a reſoluçaõ do Xarife, mas novamente perturbou o animo da Rainha, que inferindo do exceſſivo numero dos inimigos a graviſſima oppreſſaõ dos cercados, he incrivel o deſvelo, com que dentro, e fóra do Reyno começou apreſtar o ſoccorro. Eſcreveo logo a Rainha à Princeza de Parma Dona Margarida de Auſtria, Governadora de Flandres, que permittiſſe a Luiz Pinto, e Ruy Mendes, ſeus creados, extrahir daquelles Eſtados polvora, e munições para Mazagaõ.

Segundo aviſo, que faz o Governador à Rainha.

Diſpoſições militares, que faz a Rainha em beneficio dos cercados.

zagaõ. Pedio empreſtados trinta mil cruzados aos contratadores da Eſpeciaria, para cujo pagamento ſe lhe conſignáraõ as rendas da Alfandega. Mandou tirar dos armazens dous mil, quatrocentos e ſeſſenta corpos de armas, e de Andaluzia, e Ilha da Madeira fez conduzir duzentos quintaes de polvora de bombarda, e quarenta de eſpingarda. Em quanto ſe aliſtava gente para engroſſar o ſoccorro, chamou aos Cavalleiros de Mazagaõ, que aſſiſtiaõ na Corte ſolicitando o deſpacho dos ſeus ſerviços, e lhes pedio quizeſſem acodir à ſua Patria, opprimida com taõ formidavel invaſaõ, ſegurando-lhe premios dignos das acções, que haviaõ obrar, a cuja Real inſinuaçaõ obedeceraõ promptos, e ſe embarcaraõ ſeſſenta, de que foy por Capitaõ Antonio Coelho, esforçado Cavalleiro. Seguiraõ a meſma reſoluçaõ Franciſco Portocarreiro com cem Soldados, embarcados em hum navio à ſua cuſta, e Jorge Mendes de Faria com ſeſſenta companheiros, Franciſco da Cunha com alguns dos ſeus parentes, e outra muita gente, cujo ſoldo pagava da ſua fazenda, e até os mareantes de Lagos, e Tavira armaraõ quarenta homens em hum navio, que levava huma bandeira de ſeda, tendo de huma parte bordada huma nao, e de outra as Armas Reaes.

Parte Alvaro de Carvalho, Governador proprietario da Fortaleza com muitos Cavalheros para Mazagaõ.

31 Prompto o ſoccorro mandou a Rainha chamar a Alvaro de Carvalho, Governador proprietario de Mazagaõ, e lhe diſſe como por ordem

dem ſua tinha vindo daquella Praça à Corte, e que era chegada a occaſiaõ urgente de voltar velozmente a ella para ſe coroar com a mais glorioſa vitoria, de que lhe tinhaõ ſervido de enſayos cincoenta combates, onde ſempre triunfara da potencia Africana. Obedeceo o inſigne Capitaõ com promptidaõ, e alvoroço à ordem da Rainha, e ſe embarcou levando por companheiros da peſſoa, e do triunfo, que o eſperava, Gomes Freire de Andrade, Diogo Moniz da Silva, D. Joaõ de Almeida, Iſidoro de Almeida, Diogo de Vaſconcellos, Franciſco da Silva, Pedro de Souſa, Joaõ de Souſa Tavares, Martim Vaz de Souſa, Jorge Nunes de Leaõ, Simaõ de Caminha, Joaõ Alvares Caminha, Bernaldim Ribeiro Pacheco, Simaõ de Goes, D. Antonio Lobo, Pedro Leitaõ de Gamboa, Bartholomeu de Vaſconcellos, Antonio Carvalho, Pedro Juzarte Coutinho, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio Soares, Joaõ Riſcado, Joaõ Luiz da Fonſeca, Marçal Nunes, Affonſo da Gama, Antonio Velho, D. Antonio de Azevedo, filho do Almirante. Em outras caravelas ſe embarcaraõ Nuno Pereira, Jorge da Silva, filho de Ruy Pereira da Silva, D. Pedro de Menezes, Triſtaõ Vaz da Veyga, ſeu irmaõ Gaſpar da Veyga, Pedro da Fonſeca, filho de Antaõ da Fonſeca, Pedro Vaz da Veyga, D. Gonçalo de Caſtellobranco, Martim Affonſo de Souſa, e

Joaõ

Joaõ de Sousa, filhos do Vèdor do Cardeal Infante, Simaõ Alvares da Cunha, Luiz Taveira, e seu irmaõ Joaõ Taveira, Vicente Carvalho, Sancho de Toar, Lourenço de Sá, Affonso Martins Tibao, e seu irmaõ Jorge de Tibao, Antonio de Moraes, Gaspar Paes, Bastiaõ da Silveira, Christovaõ do Carvalhal, Francisco Carneiro com seu irmaõ Nuno Alvares Carneiro, Joaõ de Barros, e Lopo de Barros, filhos de Joaõ de Barros, Feitor da Casa da India, e celebre Historiador da India, Nunc Fernandes de Magalhães, e Luiz Cayado.

Diversas pessoas, que passaõ ao soccorro de Mazagaõ, levando muita gente paga à sua custa.

32 Entre gente taõ illustre, e valerosa se distinguiaõ Luiz de Crasto, mercador rico, com cem Soldados à sua custa, Lourenço de Caceres, a quem Jorge da Silva, filho do Regedor Joaõ da Silva, mandou com oitenta Soldados, pagos por elle, levando seis bandeiras de damasco verde, e branco com hum Leaõ bordado de huma parte, e da outra a Cruz da Ordem Militar de Christo; Fernaõ Cabral, e Joaõ Rodrigues de Torres com vinte homens; Vasco Fernandes Homem com bastante gente, que levava por divisa huma fermosa bandeira com a Cruz da Ordem de Aviz, da qual era Cavalleiro. D. Antonio Lobo, e Luiz de Faria com quinze criados, e mayor numero de Soldados pagos à sua custa; Joaõ de Teyve com hum guiaõ de damasco carmezim, e branco com huma aguia borda-

bordada de cada parte, acompanhado de vinte e cinco Soldados feus. Toda efta aprafivel variedade de cores, tremolante nos eftandartes, e bandeiras, junta com o alvoroço dos corações, eraõ feliz prognoftico da famofa vitoria, que haviaõ confeguir as noffas armas, concorrendo todos com tal gofto, e uniformidade para efta empreza, que naõ havia idade tenra, ou caduca, que fe ifentaffe della; antes andavaõ competindo qual havia fer o primeiro, que a bufcaffe, como fe admirou em muitos, que naõ contando mais que quatorze, ou quinze annos, fe embarcavaõ furtivamente para ferem participantes dos perigos, e da gloria daquelle fitio; e o que naõ caufa menor affombro, foy que ordenando a Rainha Dona Catharina a Simaõ Sodré, Fidalgo honrado, cujo valor tinha manifeftado varias vezes na India, fe naõ embarcaffe por paffar de oitenta annos, lhe refpondeo refolutamente, que o ardor militar, que lhe animava o peito, fe naõ tinha esfriado com idade taõ provecta; antes a occafiaõ prefente lhe creara efpiritos novos para os ir facrificar em obfequio de Sua Mageftade; e com a mefma refoluçaõ, que o diffe, affim o executou embarcando-fe com D. Diogo Manoel. Para efte foccorro concorreraõ os Officiaes mecanicos com mil Soldados pagos à fua cufta, proteftando com igual fidelidade, que alegria, eftarem promptos a offerecer para tal guerra, naõ fó-

mente

mente o dinheiro, mas as mulheres, e filhos, e deixar as ſuas caſas pela honra de Deos, e ſerviço do ſeu Principe. Os Moedeiros deſprezando os privilegios, que gozavaõ, levantaraõ à ſua cuſta oitenta Soldados, aos quaes embarcaraõ com dous mezes pagos.

33 Correſpondia a todo eſte grande numero de gente militar todo o genero de petrechos militares para a defenſa da Praça, e igual copia de mantimentos para a ſua conſervaçaõ, além de infinitos medicamentos, e conſervas para os enfermos, e muitas caxas de fios, e ataduras, que a piedoſa providencia da Rainha com maternal amor preparara para os feridos. Depois que eſta grande Heroína teve prompto tudo, que era neceſſario para taõ famoſa expediçaõ, entendendo ſerem pouco efficazes as forças humanas ſem ſerem protegidas pelo auxilio Superior, ordenou que em certos dias ſe fizeſſem Prociſſões pelos Moſteiros do Reyno, e que ſe pediſſem Ave Marias pelo feliz ſucceſſo da empreza, e para ter mais propicia a Divina Miſericordia, a pertendia conciliar pela interceſſaõ de Maria Santiſſima, mandando groſſas eſmolas aos ſeus mais celebres Santuarios, como eraõ Guadalupe, Monſerrate, e Penha de França, e as meſmas mandava diſtribuir pelos Conventos de Lisboa, de cujas religioſas acções era fiel imitadora a Infanta Dona Maria, pedindo aos Varões mais aſſinalados em virtude

Repete a Rainha as ſupplicas ao Ceo para conſeguir a felicidade das noſſas armas.

virtude rogaſſem a Deos pelos Portuguezes, que eſtavaõ expoſtos a taõ fatal perigo. Para eſte fim ſe multiplicavaõ as preces nos Templos, e as Prociſſões pelas Praças, acompanhadas de copioſas lagrimas. A meſma Rainha ſahindo muitas vezes tarde do Concelho ſe recolhia ao ſeu Oratorio, onde perſeverava a mayor parte da noite em fervoroſas ſupplicas, e pela manhãa ſe diviſava no ſeu Real ſemblante evidentes ſinaes da anguſtia, que lhe opprimia o coraçaõ.

Novos ſoccorros expedidos para defenſa da Fortaleza.

34 Eſta inquietaçaõ de animo deſpertava todas as horas o cuidado da Rainha para ſoccorrer continuamente aos cercados, e parecendolhe que naõ ſeria baſtante o que tinha mandado em Março, preparou logo no principio de Abril outro, em que foy Antonio Moniz Barreto, Fidalgo muito experimentado na milicia da Aſia, Pero de Goes, valeroſo Cavalleiro, e Gaſpar de Magalhães, Capitaõ muito exercitado nas guerras de Italia, França, e da meſma Africa, com huma companhia de duzentos e cincoenta Soldados de conhecido valor, e experiencia, que arribando as outras caravélas por cauſa do vento contrario ao porto de Cadiz, elle triunfando da oppoſiçaõ do tempo quaſi por debaixo da agua aportou em Mazagaõ com oitenta homens, e vinte e quatro barris de polvora. Depois parecendo à Rainha, que igualmente eraõ neceſſarios para tamanha empreza peſſoas dotadas de

valor, como de capacidade para com a ſua direcçaõ, e conſelho ſe adiantarem os ſeus progreſſos, mandou a Vaſco da Cunha, creado, e envelhecido nas guerras da India, e a ſeu irmaõ Chriſtovaõ da Cunha, Cavalleiro Maltez, que ſendo moço ſe achou no cerco, e tomada de Rhodes, e depois teve eminentes cargos na Religiaõ devidos ao ſeu merecimento, e por elles eſcreveo a Alvaro de Carvalho, que naõ executaſſe reſoluçaõ alguma ſem primeiro ſer conſultada com eſtes dous Fidalgos. Havia taõ grande emulaçaõ entre os que naõ eraõ eſcolhidos para eſta jornada, que muitos eſtimulados do brio, e fidelidade ſe embarcavaõ voluntariamente, ſendo tanta a multidaõ, que foy preciſo ordenar a Rainha que ninguem ſe embarcaſſe ſem ſua faculdade, e às torres, que guardaõ a barra, naõ permittiſſem paſſar nenhum genero de embarcaçaõ ſem primeiro ſe examinar quem hia dentro dellas. Mas naõ era muito, que os homens anhelaſſem aſſiſtir a huma acçaõ de que reſultava gloria aos ſeus nomes, ſe os meninos de ſete até onze annos levantavaõ companhias, e formavaõ eſquadrões peleijando huns contra os outros, como ſe foraõ Mouros, e Chriſtãos, infundindo o valor natural dos Portuguezes em corpos pequenos eſpiritos agigantados, cuja innocencia vaticinou em dia de S. Jorge com alegres clamores a gloria do triunfo do primeiro aſſal-

Glorioſa emulaçaõ de muitos Cavalheros em Lisboa para paſſarem a Africa.

aſſalto alcançado felizmente ao dia ſeguinte como adiante ſe verá.

CAPITULO V.

Relata-ſe o numeroſo Exercito com que Muley Hamete veyo ſobre a Fortaleza de Mazagaõ, cuja fortificaçaõ ſe deſcreve, e da Embaixada, que aquelle Barbaro mandou a Ruy de Souſa de Carvalho, e da repoſta, que lhe deu.

35 DEpois que Muley Abdalá acabou de convocar de todo o dilatado ambito dos ſeus Reynos o formidavel Exercito, com que intentava a conquiſta de Mazagaõ, querendo que da gloria de taõ grande empreza ſó foſſe participante ſeu filho Muley Hamete, o chamou dizendo-lhe, que o tinha eleito General da mayor expediçaõ, que vira toda a Africa, para a qual lhe ſegurava com amor de pay, e ſoberba de Principe o mandava triunfar, e naõ contender, pois chegara o venturoſo dia, em que deſpedaçadas as prizões de hum antigo cativeiro, reſpirariaõ os ſeus Vaſſallos livres do violento jugo dos Portuguezes, para os quaes lhe ſerviriaõ de perpetua ſepultura as pedras da Fortaleza de Mazagaõ. Entregue Muley Hamete do governo das armas, como contava dezoito annos de idade,

1562.

Nomea o Xarife a ſeu filho Muley Hamete, General deſta expediçaõ.

idade, e naõ tinha a experiencia necessaria, lhe nomeou seu pay por companheiro a ElRey de Dara seu tio, para com a sua prudencia moderar o juvenil ardor de seu sobrinho, dependendo da madureza dos seus conselhos o feliz successo daquella empreza. Sahio este Principe de Marrocos capitaneando aquelle numeroso Exercito, para cuja formaçaõ se tinha consumido o largo espaço de cinco annos, a quem fazia mais horroroso as vozes, ainda que alegres, dissonantes dos clarins, e tambores, sendo taõ immensa a inundaçaõ barbara, que parece faltava forças à terra para sustentar taõ formidavel pezo, pois excedia o numero de cento e cincoenta mil homens Turcos, Zuáos, Mazaganis, Xeques, Alarves, entre os quaes marchavaõ dezoito mil Brudeiros, gente destinada para o trabalho, mandados pelos Cazices de Dara, Marrocos, Suz, e Tafilete, que saõ os Sacerdotes, e os Bispos destes Barbaros, concorrendo com taõ grande soccorro para huma guerra reputada como santa pela cegueira da sua superstiçaõ, e promettendo remissaõ das culpas a todos, que nella morressem. Os principaes Cabos do Exercito eraõ os Alcaydes Mule Mugalhuso, Vice-Rey, e Justiça mayor de Marrocos, Lacemabucar, Secretario do Xarife, Zacazy, Mestre de Campo, Almançor, Védor da Fazenda Real, Zaquar, Védor do Campo, Mamemuça, Provedor môr

Numero do Exercito inimigo.

dos

dos Armazens, Moſtafa Elche Caſtelhano, Védor de todas as munições do Xarife, Mançor Elche Portuguez, Pagem delRey, e Caçador môr do Xarife, e outros muitos iguaes nos póſtos militares, e em o numero das lanças, que os ſeguiaõ.

36 A eſtes Cabos acompanhavaõ tres mil Cavalleiros, illuſtres por naſcimento, e galhardos pelo ornato, que concorreraõ de todas as partes como Soldados aventureiros, para manifeſtarem ao ſeu Principe os alentados brios de ſeus corações; naõ lhe ſendo inferiores no valor, e biſarria onze mil Arabes, vindos dos montes Atalantes, os quaes montados em ſoberbos cavallos, armados de coſſoletes, e ſayas de malha veſtidas ſobre veludos, e brocados com capacetes dourados, adargas brancas, e capillares de varias cores, faziaõ ao meſmo tempo huma repreſentaçaõ horrivel, e agradavel. A mayor parte delles eraõ arcabuzeiros, e béſteiros, que à maneira dos Tartaros coſtumaõ peleijar eſcaramuçando. Compunha-ſe o trem da artilharia de vinte e quatro peſſas, das quaes dez eraõ muito groſſas, e reforçadas para aturar a bataria, pois haviaõ de lançar balas de cinco palmos e meyo de circumferencia; as outras eraõ camelos, e pedreiros de columbrinas, que diſparavaõ pelouros de ferro coado, e quatro trabucos, cujos tiros ſaõ por eſquadria dirigidos ao ar, e cauſaraõ

Qualidade, e numero da artilharia.

ſaraõ igual damno, que inquietaçaõ aos cercados, por ſer taõ certo o ſeu effeito, como o eſtrago. Naõ quiz o inimigo trazer mayor copia de artilharia, que na qualidade correſpondeſſe ao Exercito, por ſaber que a Fortaleza naõ podia ſer batida por todas as partes, e para arrazar as guritas dos baluartes, e cubelos, donde a noſſa eſcopetaria lhes podia cauſar damno, era baſtante a que conduzira. Com todo eſte apparato formidavel chegou Muley Hamete defronte de Mázagaõ a 4. de Março às oito horas da noite, e logo no dia ſeguinte pela manhãa deu moſtra da ſua gente a meya legoa da Fortaleza, onde mandou aſſentar o campo, que occupava tres legoas, pois além de trinta e ſete mil e duzentos homens de cavallo, cem mil de pé, e dezoito mil gaſtadores, era immenſa a copia de gados, e camellos, que para ſuſtento, e ſerviço de taõ numeroſo Exercito fora conduzida. Mas antes que vejamos as operações militares, que na defenſa, e expugnaçaõ deſta Praça ſe executaraõ, he preciſo ſe deſcreva o ſeu ſitio, e fortificaçaõ.

Chega o Exercito à noſſa Fortaleza.

Deſcripçaõ da Fortaleza de Mazagaõ.

Marmol. Deſcripc. Gen. de Afric. liv. 3. cap. 56.

Dapper, Deſcription de l'Afrique, pag. 136.

37 Na Provincia de Ducala do Reyno de Marrocos eſtá a Villa de Mazagaõ ſituada nas prayas do mar Atlantico, e diſtante tres legoas ao Poente da Cidade de Azamor, em hum lugar, onde antigamente eſtava huma torre chamada pelos Africanos Boreyja, que era o antigo porto

porto de Almedina, devendo mais ſoccorros à natureza, do que à arte, pois os ſeus aliceſſes ſaõ abertos em rocha viva com huma cava taõ profunda, que batendo-lhe o mar os ſeus muros, quando enche a reduz a Ilha. A ſua ſituaçaõ he quadrada, em cujos angulos tem baluartes em igual diſtancia edificados. O que olha para o Oriente, chamado Santiago, eſtá fundado em o mar, e o que fica para o Occidente, que ſe intitula S. Pedro, em a terra. O da parte Septentrional com o nome de S. Sebaſtiaõ eſtá fortificado da banda Oriental pela maré quando enche, e por todo aquelle lanço, que corre até o baluarte de Santiago, quando he preamar ſe naõ póde rodear com bateis a mayor parte do anno por cauſa do eſcarſeo do mar, que naquelle muro bate com tanto impeto, que lança a agua por ſima dos muros, e baluartes. O ultimo baluarte chamado Santo Eſpirito, que olha para o Merediano, chega com o eſpigaõ à agua quando eſtá preamar, donde começa huma couraça de pedra lavrada, que vay enteſtar com o baluarte Santiago, correndo entre a couraça, e o muro huma cava de cento e cincoenta e ſeis palmos de largo, confórme a outra, que rodea a Fortaleza pela parte da terra, e vay enteſtar com o baluarte S. Sebaſtiaõ, a qual ſe enche de agua, que entra por huma comporta, que eſtá junta ao baluarte Santiago, e cerrada eſta haverá na

cava

cava mais de tres braças de agua de altura. Eſta agua ſe ſuſtenta dentro da cava de maneira, que eſtando a maré vaſia, e a comporta fechada, fica a Fortaleza toda rodeada de agua, por onde podem andar embarcações com artilharia, que he a mayor defenſa para huma Fortaleza, que eſtá fundada ſobre rocha viva com huma cava aberta, e talhada na meſma pedra.

38 Os ſeus muros teráõ de circumferencia mil e quinhentos paſſos, e de largura cincoenta palmos, dos quaes trinta e ſete tem na groſſura, e treze no parapeito. Pela parte interior tem cincoenta palmos de altura, e na exterior muito mais, ſendo de trinta a dos Cavalleiros, que eſtaõ edificados ſobre os baluartes. Na roda da Fortaleza ſe vem abertas ſeſſenta e nove bombardeiras, em que eſtaõ plantadas groſſas peſſas de artilharia de bronze, além de muitas ſetteiras atraveſſadas por todo o parapeito do muro, pelas quaes parece impoſſivel poderem ſer offendidos os que nellas aſſiſtem; mas neſta occaſiaõ ſe experimentou o contrario, ſendo preciſo mandallas entupir com pedras para ſe evitar o damno, que por ellas nos faziaõ. Junto da cava nos travezes dos baluartes eſtaõ bombardeiras ao lume da agua para impedir a entrada dos inimigos, quando com eſcadas intentarem a ſubida. Tem tres portas, huma dellas eſtá entre o baluarte S. Pedro, e S. Sebaſtiaõ, que ſervia para

ra recolher o gado, a qual ſe naõ abrio depois do cerco por ſe lhe derrubar a ponte com a chegada do Xarife. A outra porta eſtá entre o baluarte S. Pedro, e Santo Eſpirito, a qual tem huma ponte levadiça, por onde os Cavalleiros, e mais gente da terra ſahem ao campo, e na entrada della tem huma abobada, ſobre a qual eſtá hum baluarte, que com a artilharia, que dos travezes joga, ajuda, e defende os doùs baluartes S. Pedro, e Santo Eſpirito. A outra porta eſtá junto ao baluarte Santiago, por onde a Villa ſe ſerve do mar, quando eſtá cercada, e he muito forte, e capaz de reſiſtir a quem intentar a ſua entrada. A mayor obra, que ſe admira neſta Fortaleza, he a grande ciſterna, que tem edificada dentro dos ſeus muros, pois ſendo fundada ſobre groſſas columnas, tem de comprimento cento e ſetenta palmos, e de largo cento e cincoenta e cinco em fórma quadrada; e para mayor ornato quatro torres muito altas, collocadas em cada canto da meſma ciſterna, correndo de huma a outra muros baixos, que a cercaõ toda, ſendo neſte genero o mais perfeito edificio. No tempo deſte cerco tinha cinco palmos e meyo de agua, que ſoma cada palmo mil tonelladas, ſendo taõ copioſa a ſua abundancia, que durando o cerco quaſi tres mezes, e havendo na Villa mais de tres mil peſſoas, a quem ſe dava com ſumma liberalidade, ſómente diminuio

hum palmo. Além deſta ciſterna tem hum poço, cuja agua ſendo conduzida em canos por baixo da cava, ſe póde beber eſtando a maré vaſia, ficando incapaz quando eſtá cheya por ſe fazer ſalobre com a ſalgada, que ſe introduz pelos poros da terra. Ultimamente tem eſta Villa dous Revelins, hum junto à cava, outro mais diſtante, nos quaes eſtaõ tranqueiras, que ſe fechaõ quando os Mouros fazem correrias.

Embaxada, que manda o General inimigo ao noſſo Governador.

39 Eſte era o eſtado da fortificaçaõ, que tinha a Praça quando foy invadida por Exercito taõ numeroſo, cujo ſoberbo General tanto que chegou ao lugar de Amogruz deſpedio hum Alfaqueque, chamado Cide Gamene, pelo qual mandou huma Embaxada ao noſſo Capitaõ Ruy de Souſa de Carvalho, em que lhe dizia ſer chegado o termo da tolerancia, com que ſeu grande pay Muley Abdala tinha diſſimulado o violento dominio dos Portuguezes nos ſeus Eſtados, permittindo com eſcandalo da ſua ſoberania, que ſerviſſe aquella Praça de tyranno freyo aos ſeus Vaſſallos, e como ſe determinara libertallos de taõ dura eſcravidaõ, lhe entregaſſe no termo de oito dias pacificamente aquella Praça, concedendo-lhe faculdade para levar toda a gente de guarniçaõ, excepto a artilharia; e que repugnando a eſta invaſaõ, convertida a benevolencia em furor, entraria pelos ſeus muros a cavallo, e depois de experimentar os eſtragos merecidos pela

la ſua obſtinaçaõ, conſumiria o fogo o que naõ pudeſſe deſtruir o ferro: Que naõ deſprezaſſe a clemencia, com que attendia pela ſua conſervaçaõ, e de todos aquelles Soldados, pois ſendo taõ animoſos, eraõ incapazes de reſiſtir a hum Exercito, que elle governava, e era mais deſeſperaçaõ de Tyranno, que prudencia de General, ſacrificar por victimas dos ſeus inimigos a huns homens, cujas vidas podiaõ ſervir ao ſeu Principe, e à ſua Patria em outra guerra, que naõ foſſe taõ ſuperior em numero, e qualidade, como eſta, às ſuas forças: Que da ſua ultima reſoluçaõ, que impaciente eſperava, pendia a ſalvaçaõ, ou a ruina da ſua gente, affirmando-lhe que largando a Fortaleza ſe livrava de hum fatal eſtrago, mas ſe obſtinadamente reſoluto determinaſſe defendella, veria humilhada a ſua ſoberba, e caſtigada a ſua temeridade.

Valeroſa repoſta, com que o noſſo Governador caſtiga a inſolente arrogancia de Muley Hamete.

40 Ouvio Ruy de Souſa de Carvalho com inalteravel ſocego as arrogantes clauſulas de que ſe compunha a Embaxada de Muley Hamete, e com mayor ſerenidade reſpondeo a Cide Gamene na preſença de muitos Cavalheiros, que lhe aſſiſtiaõ, diſſeſſe ao ſeu Principe, que nunca conhecera menos quem eraõ os Portuguezes do que na occaſiaõ preſente, pois ſe atrevera a mandarlhe propor huma acçaõ taõ injurioſa ao ſeu claro nome; pois ainda que elle cahiſſe no vil penſamento de entregar aquella Fortaleza,

nunca o conſentiriaõ ſeus heroicos companheiros, a cuja triunfante ſombra deſprezavaõ aquelles muros a furioſa violencia da potencia Africana: Que naõ podia explicar o alvoroço, com que eſtava eſperando o ſeu Principe, para com taõ authorizada peſſoa acreditar a vitoria, eſtimando que aliſtaſſe a immenſa multidaõ de combatentes para aquella empreza, pois ſendo tantos, ainda os reputava poucos para teſtemunhas da noſſa gloria, e do ſeu eſtrago: Que ſentia exceſſivamente ſer taõ pequeno o recinto da Praça para ſervir de maſmorra aos ſeus Vaſſallos, que eſcapando da morte tiveſſem a fortuna de ſer ſeus eſcravos, para cujas mãos, e pés faltando ferro mandaria fundir as peſſas, e os arcabuzes para delles ſe forjarem grilhões: Que todo o tempo em que dilatava commetter aquella Praça, era retardarlhe o mayor triunfo, alcançado pela naçaõ Portugueza, a qual eternamente confeſſaria ſer elle o inſtrumento da ſua mais glorioſa, e perduravel fama em toda a poſteridade.

41 Com eſta repoſta de Ruy de Souſa ficou ſuſpenſo, e attonito o Embaxador Mouro, conſiderando o valor intrepido, com que o noſſo Capitaõ deſprezara a arrogante propoſta do ſeu Principe, e muito mais ſabendo o limitado numero de Soldados, que preſidiavaõ a Praça, e a exceſſiva multidaõ, de que ſe compunha o Exercito, que a havia commetter, naõ ſendo poderoſa

deroſa eſta grande deſproporçaõ para intimidar de alguma ſorte o animo de Ruy de Souſa. Deſpedido Cide Gamene partio a dar repoſta ao ſeu Principe, a quem ſignificou mais com acções, que palavras por eſtar impedido do temor, a reſoluçaõ animoſa de Ruy de Souſa, de que ficou Muley Hamete igualmente admirado, e raivoſo. Logo ordenou o noſſo Capitaõ com prudente acordo, e ſumma promptidaõ ſe reparaſſem alguns lugares da Fortaleza, que eſtiveſſem mais expoſtos à invaſaõ eſperada, mandando fazer ſobre a muralha muitos reparos formados de pipas entulhadas de terra, abrir muitas ſétteiras, por onde ſeguramente os noſſos arcabuzeiros pudeſſem cauſar mayor damno aos inimigos, e levantar da parte da muralha da Villa paredes de pedra, que para eſte effeito ſe tirava das caſas, que derrubavaõ, concorrendo para eſte trabalho todos com taõ goſtoſa emulaçaõ, e competencia, que até aquelles, que eraõ ſuperiores pelos naſcimentos, e póſtos, ſe naõ iſentavaõ da obra, naõ interrompida nem de dia, nem de noite, ſendo Ruy de Souſa o primeiro, que com ſeu exemplo ſervia de eſtimulo, naõ ſendo efficaz a debilidade das forças, cauſada da penuria dos mantimentos para impedir a execuçaõ do que ſe tinha ordenado: e conſiderando como prudente Gèneral a pequena diſtancia, em que eſtavaõ os inimigos da Praça para naõ ſer improviſamente

Manda o noſſo Governador reparar alguns lugares da Fortaleza.

ſamente aſſaltada, mandou aos Capitãos, e Soldados armar as tendas, e camas ſobre os baluartes dos ſeus preſidios, eſcolhendo elle para eſtancia da ſua a porta da Villa, para que promptos, e vigilantes eſperaſſem a invaſaõ do Exercito, prevenindo por eſte modo todos os deſignios, que podia intentar inimigo taõ perfido, como poderoſo.

CAPITULO VI.

Das primeiras operações militares executadas pelos noſſos, e os inimigos. Chega Alvaro de Carvalho com o ſoccorro à Praça, e dos ſucceſſos memoraveis, que aconteceraõ.

1562.

42 REcebida por Muley Hamete a repoſta da Embaxada, que mandara por Cide Gamene Ruy de Souſa de Carvalho, na qual contra a ſua expectaçaõ conheceo ſer eſte Capitaõ ornado de animo taõ heroico, que nem ſe aſſuſtava com ameaças, nem ſe rendia a promeſſas, antes generoſamente obſtinado deſprezara todas as condições, que lhe mandara propor, ſe reſolveo irritado com eſta nova injuria commetter a Fortaleza, para cujo effeito mandou naquella noite principiar huma trincheira da parte de Azamor, diſtante mil e quinhentos

Principiaõ os Barbaros o ſitio.

tos paſſos dos muros de Mazagaõ, e abalando o campo do lugar de Amogruz, veyo com todo o Exercito aviſinhando-ſe à Praça, dando ſinal da ſua chegada com o horroroſo eſtrondo de trinta mil arcabuzes, a que reſpondeo o noſſo Capitaõ com outro, que ſendo inferior em o numero, foy mayor no eſtrago. Logo por direcçaõ de Zacari, Meſtre de Campo, Soldado de grande valor, e diſciplina, continuaraõ os Mouros a trincheira principiada até o baluarte do Santo Eſpirito, e tendo chegado a quatrocentos paſſos delle formáraõ hum baſtiaõ capaz de plantar artilharia, onde ao meſmo tempo batiaõ o baluarte, e defendiaõ os ſeus gaſtadores; mas como trabalhavaõ tumultuariamente, recebiaõ grave damno da Fortaleza; e para o evitarem, eſcolheraõ o tempo nocturno, de cujas ſombras protegidos pudeſſem a ſeu ſalvo adiantar a obra, para a qual concorria ſem differença de ſexo, ou idade toda aquella barbara multidaõ, acarretando huns pedra, outros feiches de lenha, de que ſe ſeguia creſcer exceſſivamente a obra. Contra eſte ardil dos inimigos ſe oppoz Ruy de Souſa, mandando accender muitos faroes pelo circuito do baluarte, a cujas luzes deſcubertos os Mouros, foraõ tantos os mortos, que deſampararáraõ as eſtancias, e a artilharia do baſtiaõ, que fabricavaõ. Amanheceo o dia de 20. de Março, em que voltaraõ os Mouros com mayor

mayor calor ao ſeu trabalho, e naquella noite deraõ huma bataria ao baluarte, donde naõ perigando algum dos noſſos, experimentaraõ elles a derrota de mais de quinhentos, como affirmou Fernaõ de Craſto, Capitaõ do meſmo baluarte, e outros ſeus companheiros, ſervindo-lhe a claridade da Lua para verem com mais diſtinçaõ aquella mortandade, que igualmente experimentáraõ os trabalhadores como aquelles, que queriaõ ſepultar os mortos.

Eſtrago, que recebem os Mouros nas primeiras operações do ſitio.

43 Naõ era baſtante eſte eſtrago para deſiſtirem os Mouros do ſeu intento, antes com tal ancia ſe empenharaõ a concluillo, que brevemente chegaraõ defronte do baluarte, onde ſe alojáraõ, querendo levantar naquelle poſto hum baſtiaõ de tal altura, que foſſe ſuperior ao meſmo baluarte, para delle dominarem toda a Fortaleza, e prohibirem aos noſſos a ſua defenſa. Junto daquella montanha de terra levantaraõ outro baſtiaõ, em que aſſentáraõ quatro peſſas de artilharia com que batiaõ o baluarte. Logo cubertos, com mantas de madeira fizeraõ perto da cava huma groſſa trincheira de altura de hum homem, com que cingiraõ a Fortaleza de mar a mar, correndo do baluarte Santo Eſpirito até o de S. Sebaſtiaõ, e na ponta deſte junto ao mar puzeraõ cinco Companhias de cavallo para impedir a ſahida da porta, que na maré vaſia tinhaõ os noſſos livre. Sem embargo de eſtar taõ preſi-

Levantaõ os inimigos huma bataria de quatro canhões.

presidiado este lugar receberaõ nelle naõ pequeno damno os inimigos, pois desejando Ruy de Sousa colher huma lingua dos inimigos para individualmente o informar da sua determinaçaõ, e lhe servir de norte, por onde regulasse o que havia obrar, ordenou que sahisse da Fortaleza alguma gente de cavallo, para alcançar ou por ardil, ou por violencia o seu intento. Para esta expediçaõ se offereceraõ muitos Cavallerios da Praça, e entre elles foraõ eleitos Francisco Telles, Luiz Fernandes, Balthasar de Pomares, Fernaõ Vieira, Pedro Rodrigues, Domingos Gonçalves, Pedro Fernandes Pontevel, todos naturaes da mesma Fortaleza, de quem era Capitaõ Pedro Lourenço de Mello, primo com irmaõ de Ruy de Sousa de Carvalho, que em poucos annos de idade tinha ostentado acçoes de Soldado veterano. Montados a cavallo sahiraõ pela banda do baluarte do Norte estando baxa mar pelas duas horas da noite, e marchando cubertos com o muro, deraõ repentinamente com a guarda do Alcayde Cabuz de Azamor, sendo tamanho o pavor, que conceberaõ os Mouros, que fugiraõ confusamente para o Forte do seu arrayal, clamando com vozes taõ descompostas, que obrigaraõ a se pôr em armas todo o seu Exercito. Recobrados do primeiro susto dispararaõ mais de oitenta tiros contra os nossos Cavalleiros, de que naõ recebendo o menor damno foraõ

Sortida, que faz Pedro Lourenço de Mello com estrago dos Mouros.

raõ acometidos os Mouros com taõ valeroſa reſoluçaõ, que logo ficaraõ quatro mortos às lançadas. Neſta eſcaramuça ſe deſtinguio Lùiz Fernandes, que acometido de hum valente Mouro, antes que eſte o offendeſſe, lhe abrio a cabeça com o arcabuz, que já tinha diſparado, porém o Barbaro derrubando o do cavallo, vieraõ ambos a terra, ferindo a Luiz Fernandes tres vezes com huma agomia, que lhe deixou metida no corpo, de cujo aggravo ſe vingou privando ao Mouro da vida. Semelhante triunfo alcançou Pedro Lourenço de Mello de outro Mouro, que dando-lhe com a eſcopeta hum grande golpe na cabeça do cavallo, e naõ perdendo a firmeza da cella, o atraveſſou de parte a parte com a lança, e o deſpojou das armas, e cavallo, que deu a Luiz Fernandes por lhe terem morto o ſeu no conflicto. Com igual valor ſe houve Fernaõ Vieira, pois perſeguindo a hum Turco para ſe render, e naõ lhe obedecendo o precipitou em o mar às lançadas. Deſenganados os Mouros de que ſómente oito homens lhe diſputavaõ o campo, ſe animaraõ a inveſtillos com menor temor, e mayor furia, mas conſiderando os noſſos a deſigualdade das forças, vieraõ vagaroſamente retirando ſe à Fortaleza, onde foraõ recebidos pelo Capitaõ môr com honorificas demonſtrações, louvando-lhes o esforço heroico, com que ſe houveraõ em conflicto taõ

deſigual

deſigual ſem o deſgoſto da perda de algum, excepto Luiz Fernandes, que brevemente convaleceo das feridas.

44 Já a eſte tempo ſuſpiravaõ os cercados pelo ſoccorro, que com tanta anticipaçaõ tinha pedido Ruy de Souſa, quando a 24. de Março chegou de Lisboa Alvaro de Carvalho a Mazagaõ, gaſtando na viagem quatro dias, acompanhado da illuſtre, e valeroſa gente, de que ſe fez mençaõ, e lançando ferro ſe eſpalhou a ſua chegada pelo campo inimigo, concorrendo grande parte delle aſſim de pé, como de cavallo a certificarſe do poder, que conduzia. Mandou logo Ruy de Souſa de Carvalho pelo Capitaõ Joaõ de Mendoça, Pedro Lourenço de Mello, e Franciſco de Figueiredo dar os parabens da chegada a ſeu irmaõ Alvaro de Carvalho, que eſtimando muito aquelle affecto, ſe informou individualmente do eſtado da Fortaleza. Pela manhãa deſembarcou acompanhado de toda a gente militar, com baſtante difficuldade por cauſa do vento ſoprar muito rijo, e correr o mar muito empollado, naõ podendo navegar os bateis, ſe naõ infiados huns atraz dos outros pela calheta aberta em rocha viva, e ainda aſſim ſe alagavaõ muitos ao deſembarcar, poſto que nenhum perigou, nem recebeo damno da artilharia dos inimigos, diſparada do primeiro Forte, onde tinhaõ duas bombardas. Entrou Alvaro de Carvalho

Chega Alvaro de Carvalho com o ſoccorro à Fortaleza.

valho na Fortaleza, ſendo recebido por Ruy de Souſa com fineza de irmaõ, e reſpeito de General, e as meſmas ſignificações de obſequio praticou com os mais Cavalheros da ſua Companhia. Em a noite, em que tinha entrado o novo Governador na Praça, deraõ os inimigos huma eſtrondoſa ſalva de arcabuzaria, que cauſando terror aos ouvidos, ſervio de feſtivo applauſo ao noſſo General. A primeira acçaõ, que fez, foy mandar fortificar o baluarte do Santo Eſpirito, que eſtava imperfeito (que depois ſerá conhecido com o nome do Baluarte do Rebate) ordenando ſe entulhaſſe de terra pela parte mais fraca. Executouſe promptamente eſta ordem, por ſe entender nos intentavaõ commetter os inimigos por eſte lado, pois inceſſantemente trabalhavaõ derrubar com a artilharia todas as obras, que nelle ſe faziaõ. Como prudente General diſtribuîo pelos Capitães as eſtancias, em que haviaõ aſſiſtir para acodirem velozmente ao poſto, que lhe eſtava entregue, evitando com eſta providencia todas as deſordens, e diſſenſões, que a ambiçaõ da honra podia mover entre alguns ſobre a preferencia dos lugares.

Diſpoſições do novo Governador, com que augmenta a defenſa da Fortaleza.

45 A D. Diogo Manoel encommendou Alvaro de Carvalho o reparo da Fortificaçaõ do baluarte de Santo Eſpirito, de que era Capitaõ Fernaõ de Craſto, que com duzentos Soldados, cuja mayor parte eſtava ferida, tinha ſuſtentado o im-

Diſtribúe os Capitães, e Soldados pelos poſtos da Fortaleza.

o impeto dos inimigos ; e querendo D. Diogo Manoel desempenhar a eleiçaõ feita da sua pessoa para aquelle cargo , se offereceo destimidamente a todo o perigo , pois naõ lhe causando horror a morte de muitos amigos , e criados , e a quantidade de terra levantada pelas bombardas inimigas , de que estava cuberto, arvorou sobre o Cavalleiro huma bandeira com eterna gloria do seu nome , e inveja dos seus companheiros. A D. Gonçalo de Castellobranco , e a seu primo D. Diogo de Castellobranco foy entregue a primeira estancia , que estava ao pé do Cavalleiro, donde jugava huma pessa de artilharia muito grossa , chamada Aguia , a qual se disparou com taõ boa fortuna , que reduzio a pedaços huma bombarda , com que os inimigos nos causavaõ grave damno , premiando D. Gonçalo com vinte cruzados a sciencia , e destreza do artilheiro. Neste lugar havia muitos feridos por estarem continuamente batendo os Mouros aquella estancia , de tal modo , que todas as vezes que se levantava a manta , era certo o perigo a que estava valerosamente exposto D. Gonçalo , até que com a repetiçaõ das balas despedaçada a manta , e naõ haver madeira para ser reparada cessou a bataria, e se fechou a bombardeira. Este lugar presidiou depois Nuno Fernandes de Magalhães , onde com seu irmaõ Affonso de Torres obraraõ acções dignas de memoria. A Vasco Fernandes Homem se

ſe lhe deu no meſmo baluarte hum lanço do muro até a guarita da maõ direita, ſituada no eſpigaõ da quadra do baluarte, onde vigiava com os ſeus Soldados reparando, e fortificando pela parte, que podia ſer commettida. A terceira eſtancia, que era o outro lanço do muro, ſe encommendou a Antonio Lobo, que defendeo animoſamente com os ſeus Soldados todo o tempo, que durou o ſitio. A Joaõ Rodrigues de Torres, que levou cem homens à ſua cuſta, foy entregue o lanço do muro, que corre da parte eſquerda para o baluarte Santiago, o qual fortificou, e defendeo com vigilancia, e valor. A Joaõ de Teyve ſe lhe commetteo outro lanço além da porta da Villa, onde poſta a ſua tenda obrou tudo quanto ſe eſperava da ſua valentia, e depois foy mandado para o muro, que corre do Septentriaõ contra o baluarte S. Sebaſtiaõ, onde aſſiſtido dos Capitães Domingos Alvares Leite, e Joaõ de Mendoça faziaõ forte reſiſtencia ao Alcayde Cabuz de Azamor, que naquelle lugar eſtava alojado com cinco Companhias.

46 A quarta eſtancia ſe entregou a Luiz de Craſto, que levara cem homens à ſua cuſta, e com elles entulhou duas caſas ſobre o muro, donde abrio duas ſetteiras, pelas quaes naõ recebendo damno, o cauſava muito grande aos inimigos. Preſidiavaõ o lugar immediato quarenta arca-

arcabuzeiros mareantes de Tavira, conduzidos por induſtria de Pedro Paulo, esforçado Capitaõ de huma galé, os quaes junto da ameya do muro edificaraõ hum travez de pipas terraplenadas, donde a tiros certos mataraõ muitos Mouros. No baluarte S. Pedro aſſiſtia o Capitaõ Domingos Alvares Leyte com huma Companhia de Soldados veteranos. Occupava o baluarte de S.Sebaſtiaõ Joaõ de Mendoça, alentado Cavalleiro, com huma Companhia de Soldados muito diſciplinados na guerra de Africa, por haver muito tempo, que militavaõ em Mazagaõ. Do baluarte S. Sebaſtiaõ ao de Santiago, caminhando ao Oriente, guardava no tempo da maré vaſia eſta eſtancia Jorge Mendes de Faria com ſeſſenta Soldados pagos à ſua cuſta. A Luiz Cayado foy entregue o baluarte Santiago, de que era Capitaõ Joaõ Fernandes do Grade, acompanhado de muitos Soldados praticos, e valeroſos, e adiante eſtava Franciſco da Cunha, que com a ſua gente rondava de noite os muros. A Damiaõ Gonçalves lhe foy dado o lanço do muro para a parte do meſmo baluarte de Santiago, defronte da comporta, em que fazia guarda com a ſua eſquadra. A eſtancia de Affonſo Suzarte era do baluarte Santiago para o de Santo Eſpirito, occupando o que ſe lhe ſeguia Fernaõ Cabral com cem Soldados pagos à ſua cuſta. Seguia-ſe a eſtancia da gente do Algarve,

garve, de que era Capitaõ Franciſco Portocarreiro, Cavalleiro de grande esforço, e igual diſciplina, edificando ſobre a ameya do muro hum travez terraplenado, que cauſou grande mortandade aos inimigos. No eſpigaõ do baluarte Santo Eſpirito tinha Pedro Goes huma deſmarcada peſſa de artilharia, chamada Salvagem, cujos tiros cauſaraõ tamanho eſtrago aos Mouros, que por cada hum dava Pedro Goes premio ao artilheiro; e poſto que para ſe diſparar era neceſſario levantar a manta da bombardeira, por onde choviaõ muitos pelouros, ainda aſſim o intereſſe do dinheiro fazia deſprezar a evidencia do perigo.

47 Feita por eſte modo a diſtribuiçaõ dos Capitães, e Officiaes para todos os baluartes, e lugares mais principaes da Fortaleza pelo Governador Alvaro de Carvalho, lhes encommendou a vigilancia, que cada hum devia applicar ao poſto, que lhe fora commettido, ſendo obrigados a acodir com ſumma promptidaõ a qualquer rebate, principalmente onde foſſe mais preciſa a ſua aſſiſtencia, eſperando do valor de ſeus animos, e nobreza de ſeus naſcimentos deſempenhariaõ heroicamente as obrigações dos ſeus lugares. Para fabricar as contraminas dentro na Fortaleza, e impedir o progreſſo das que podiaõ fazer os Mouros, foy nomeado Iſidoro de Almeida, hum dos mais celebres Engenheiros da Europa,

Encommenda o Governador a Iſidoro de Almeida a fabrica das contraminas.

Europa, por ter exercitado esta arte nas Campanhas de Italia, e Alemanha, e elegeo por seu companheiro a Francisco da Sylva muito pratico nesta operaçaõ militar, de cuja direçaõ, e engenho dependeo a conservaçaõ da Praça, e foy o mais fatal instrumento do estrago, e derrota dos inimigos.

CAPITULO VII.

Continuaõ os Mouros varias operações contra o baluarte do Santo Espirito, onde saõ valerosamente rechassados. He soccorrida a' Fortaleza com Soldados, e mantimentos por diversas vezes, e em huma padece furiosa tormenta o Capitaõ Manoel Rodrigues. Intentaõ os inimigos fabricar huma mina, e sendo contraminada pelos nossos experimentaõ grande ruina.

48 NAõ era poderosa a forte resistencia, nem o grande estrago, que as nossas armas faziaõ aos inimigos, para que de algum modo desistissem do progresso das suas machinas, antes cada vez mais obstinados, e furiosos buscavaõ todos os meyos de render a Praça, e sogeitar os seus defensores ao seu dominio. Para este fim julgando, que o bastiaõ levantado defronte do baluarte do Santo Espirito era a machina

1562.

china mais proporcionada para a conquista, que pertendiaõ, a foraõ continuando com summo desvelo, fabricando muitos vallos, e trincheiras compostas de terra, e lenha, de que jugava incessantemente muita artilharia, que por estar a tiro de arcabuz, do baluarte nos matavaõ muitos bombardeiros, e tiradores, que por serem praticos naquelle genero de guerra era muito sentida a sua falta. Como o progresso desta obra era taõ prejudicial à conservaçaõ da Fortaleza, determinou Alvaro de Carvalho com o conselho de todos os Fidalgos, que da parte interior do baluarte se edificasse outro Cavalleiro de pedra entulhado de terra, cuja altura fosse igual ao do inimigo, para que se succedesse ser arrazado o baluarte com a violencia das balas, servisse esta fabrica de obstaculo para com as espadas lhe disputarem a entrada aos Mouros. Approvada por todos esta resoluçaõ, se começou a edificar o Cavalleiro com grande diligencia, naõ se eximindo pessoa de qualquer qualidade, que fosse, de acarretar terra, e pedra para esta obra, de que se originou cahirem muitos enfermos por naõ terem forças capazes para trabalho taõ continuado. Para que todos naõ desfalecessem, ordenou prudentemente Alvaro de Carvalho, que se alternassem naquelle exercicio, trabalhando cada hum sómente tres horas de manhãa, tres de tarde, e tres de noite, e com esta disposiçaõ, e

Levantaõ os nossos hum Cavalleiro no baluarte do Santo Espirito.

provi-

providencia ſe concluîo brevemente a obra. Mas como para impedir a dos inimigos era preciſo, que eſtiveſſe continuamente laborando a noſſa artilharia, cujo fogo lhes era muito nocivo, foy neceſſario ceſſar por algum tempo pela falta de polvora, que já ſe experimentava, e a que havia na Fortaleza era diſtribuida quando era mayor a neceſſidade por Jacome Leite, que fora Capitaõ do mar no celebre cerco de Dio, onde deu de ſeu valor argumentos naõ vulgares. Eſte incidente novamente animou aos Mouros, para que incançavelmente trabalhaſſem nos baſtiões, creſcendo com tal brevidade, que eſtavaõ ſuperiores à cava da noſſa Fortaleza, ſobre a qual lançavaõ infinita quantidade de terra, lenha, e pedras, eſtando taõ proximos aos noſſos muros, que de noite já como certos da vitoria nos inſultavaõ com palavras ſoberbas, e injurioſas, cauſando terror o medonho alarido, com que eſtes Barbaros, que excediaõ o numero de mil, aliviavaõ o trabalho.

Andrad. Vida de D. João de Caſtro, liv. 2. §. 37. e 45.

49 Chegou neſte tempo do Reyno Franciſco da Cunha com ſeu cunhado Vaſqueanes Corte-Real, ſeu filho Alvaro Barreto, e ſeu genro Luiz Mendes de Vaſconcellos, de cuja peſſoa ſe quiz valer a Rainha Dona Catharina para oſtentar o ſeu valor neſte cerco, e mandou por ſeu companheiro Lopo de Serqueira, que por ordem da meſma Princeza tinha aliſtado gente

Chegaõ varios Fidalgos à Fortaleza.

no Algarve, manifestando assim na paz, como na guerra a capacidade do seu talento, e chegando à Fortaleza o vieraõ receber seus dous irmãos pelo sangue, e pelas acções militares Francisco de Serqueira, Juiz da Alfandega de Tavira, e Antonio de Serqueira. Com igual alvoroço foy recebido Francisco da Cunha pelos Capitães da Fortaleza, a quem se entregou a estancia do lanço do muro, que estava sobre a porta do mar, e a defendeo com a valentia, que de seu peito se esperava. Com differente fortuna aportaraõ à Fortaleza Sebastiaõ de Brito de Menezes com seu sobrinho Jeronymo de Brito, Luiz Nicolao, Francisco Nicolao, Fernaõ Ortiz de Tavora, e Domingos Pestana, que sendo mandados pela Rainha com polvora, e munições para provimento da Praça de Mazagaõ, e tendo navegado com feliz successo, chegaraõ a lançar ferro na costa fóra do porto, por causa da artilharia dos inimigos os naõ consentir naquelle lugar, e tambem por ser o vento taõ furioso, que atravessa aquella bahia, e correr o mar taõ encapellado, que naõ permittia chegar à terra algum navio. Obrigados da tempestade deraõ à costa, servindo de consolaçaõ em taõ fatal desgraça naõ sómente salvarse a gente toda, mas arrojar a violencia das aguas, e do vento os mastos, e antenas à porta da Fortaleza, que naõ foraõ inuteis para algumas obras della,

Aportaõ outros à Fortaleza depois de padecerem naufragio.

della, e ficarem fruſtradas as eſperanças dos inimigos, que com furia, e algazarra ſe queriaõ aproveitar das armas, e mantimentos, que trazia.

50 Porém ſe o furor do mar triunfou da valentia daquelles Soldados, agora ſe verá com eſpanto, que hum homem venceo em huma pequena embarcaçaõ a colera das ſuas ondas, naõ ſendo eſta acçaõ menos para celebrada, do que aquella obrada por Antonio Moniz Barreto, quando na ſua galveta ſoccorreo a Praça de Dio, defendida pelo inſigne Capitaõ D. Joaõ Maſcarenhas contra o poder de Cambaya. Deſejava Manoel Rodrigues, Capitaõ de hum bargatim na coſta do Algarve, levar munições à Praça de Mazagaõ, e como para o ſeu coraçaõ naõ havia perigo, que o aſſombraſſe, ſe offereceo a eſta empreza, naõ reparando, que a embarcaçaõ, em que andava, era mais pequena que hum barco, e como tal incapaz de paſſar aquelle eſtreito, que tinha oitenta e oito legoas de traveſſa, onde o mar ſempre corre furioſo. Naõ foraõ poderoſas as razões de muitos amigos para o diſſuadirem da jornada, prevalecendo em ſeu animo o credito da honra à evidencia do perigo. Já tinha navegado baſtantes dias quando foy acometido do temporal, que experimentara Sebaſtiaõ de Brito, mas com mayor perigo por naõ poder a embarcaçaõ reſiſtir ao embate das

Acçaõ heroica, com que Manoel Rodrigues introduz ſoccorro na Fortaleza.

das ondas, que levantadas em ſerras o queriaõ ſepultar. Neſte conflicto clamaraõ os companheiros naõ continuaſſe a jornada, porque todos pereciaõ miſeravelmente, e para lhes naõ ſucceder o que temiaõ, começaraõ a alijar tudo quanto cauſava mayor pezo à embarcaçaõ, e querendo principiar pela artilharia, e munições, ſe oppoz animoſamente a eſta reſoluçaõ Manoel Rodrigues, dizendo-lhes, que o motivo, porque offerecera a ſua peſſoa a taõ manifeſto perigo, fora ſoccorrer Mazagaõ com aquelles petrechos militares, os quaes havia de conſervar até ſer engolido das ondas; mas que confiava em Deos naõ havia permittir aquella fatalidade, pois em obſequio da ſua Fé, e ruina dos ſeus inimigos, emprendera huma acçaõ julgada geralmente por mais temeraria, que valeroſa: Que ſe o ſeu intento era aliviar a embarcaçaõ para mais facilmente reſiſtir à furia dos ventos, lançaſſem antes ao mar os mantimentos, que as munições, querendo antes conſervar os inſtrumentos neceſſarios para defenſa da Patria, do que os preciſos para o ſuſtento das vidas. A' efficacia deſtas palavras do Capitaõ obedeceraõ promptos os companheiros, arrojando ao mar o que lhes podia ſervir de alimento, expondo-ſe a igual perigo, pois ſe eſcapaſſem do naufragio, morreriaõ à violencia da fome. Naõ ſervio eſta prevençaõ para evitar a tempeſtade, antes cada vez mais embra-

vecida

vecida queria ſumergir a embarcaçaõ, que já ſem vélas, nem remos corria à diſpoſiçaõ dos ventos. Neſte miſeravel eſtado andaraõ tres dias, e tres noites lutando a braços com a morte, figurando-ſelhe a cada inſtante ſerem fatal deſpojo da ſua tyrannia, ſem receber em taõ largo eſpaço de tempo alguma breve porçaõ de ſono, ou de ſuſtento, até que arrojados pelo temporal foraõ aportar à meſma parte, em que ſe tinha perdido Sebaſtiaõ de Brito de Menezes, aonde agradecidos à protecçaõ da Divina Piedade receberaõ igual alegria à tribulaçaõ, que tinhaõ ſoportado. Ruy de Souſa de Carvalho com ſeu irmaõ Alvaro de Carvalho engrandeceraõ o heroico animo do Capitaõ Manoel Rodrigues quando entrou na Fortaleza, pois tinha intentado, e glorioſamente conſeguido huma acçaõ, que ſeria eternamente invejada.

Trabalhaõ os Mouros no entulho da cava da Fortaleza.

51 Em todo eſte tempo continuavaõ os inimigos com inceſſante fadiga entulhar a cava, de que ſe ſeguia grande progreſſo na obra, e para que naõ chegaſſe ao complemento deſejado, a impediamos com multiplicados tiros de pedras, arrojadas do baluarte do rebate, com as quaes eraõ mortalmente feridos. Para evitarem eſte damno ſe valeraõ de ſemelhantes armas, deſpedidas de fundas com tanto impeto, como ſe foraõ diſparadas das peſſas, cujos tiros por continuos faziaõ grande eſtrago em a noſſa gente.

Deter-

Edifica-se em o nosso baluarte huma Fortaleza de madeira.

Determinou o Governador se edificasse no baluarte huma Fortaleza de madeira, para com mayor segurança, e desembaraço pudessemos offender aos Mouros, a qual brevemente foy levantada, servindo para a sua fabrica todas as madeiras, que se salvaraõ do navio de Sebastiaõ de Brito, e suavizando aos Soldados o penoso trabalho de acarretar pedras, e madeiros de extraordinaria grandeza o desejo, e a necessidade, que havia de acabar aquella machina, donde era preciso rebater aos Mouros por estarem taõ chegados aos muros do baluarte, que os batiaõ a coronha raza. Já a Fortaleza padecia grande falta de munições por ter passado largo tempo, que se esperavaõ do Reyno, quando chegou a ella Luiz de Crasto do Rio em huma nao à sua custa em companhia, e conserva de outras mandadas pela Rainha, em que vinhaõ Antonio Moniz Barreto, Christovaõ da Cunha, e seu irmaõ Vasco da Cunha, Pedro Vaz de Serqueira, Fernaõ Cabral, Gaspar Gato, e Joaõ Martins Ferreira, os quaes por causa de hum temporal se apartaraõ no Cabo de S. Vicente, e naõ puderaõ chegar juntos. Foy muito festejada a sua vinda; pois além de trazerem munições necessarias para a defensa da Praça, lhe chegara o mayor soccorro nas suas pessoas por serem taõ exercitadas em diversos sitios, onde deixaraõ assinalado o seu valor. Foy logo entregue hum

Novo soccorro conduzido por Luiz de Crastro do Rio.

lanço,

muro, além daquelle, em que aſſiſtia Antonio Lobo, e Luiz de Craſto, que preſidiou com cem homens armados de coſſoletes. A Fernaõ Cabral foy diſtribuido o lanço do muro do baluarte S. Sebaſtiaõ até a porta do mar. Aos outros Fidalgos ſe naõ deraõ certas eſtancias, mas que foſſem obrigados acodir promptamente àquella parte, onde o perigo foſſe igual ao ſeu esforço.

52 Tinhaõ já os inimigos entulhado totalmente a cava do noſſo baluarte, e determinando minallo fizeraõ huma trincheira, ou reparo atraveſſado do revelim pequeno, que eſtava junto à cava, e levantaraõ huma ſerra taõ alta, que lhe ſervia de amparo para ſem perigo picarem o noſſo muro, e juntamente abriraõ huma ſubida para o baluarte de tal largura, que cabiaõ por ella cento e vinte homens em fileira, para que ſe as minas naõ obraſſem o eſtrago pertendido, pudeſſem livremente ſubir, conſeguindo com a eſpada o que naõ effeituaſſe o fogo. Ao dia ſeguinte bateraõ ao baluarte com toda a artilharia, a cuja violencia cahio grande parte delle com huma guarita, de que receberaõ os inimigos grave damno. De noite lançaraõ fogo à porta da Villa, aonde acodindo Soldados de huma, e outra parte ſe travou huma horrivel peleja, que ſe fez mais medonha, e perigoſa com as ſombras da noite. Nos dias ſeguintes naõ ceſſaraõ de eſtar diſparando os inimigos os ſeus trabucos,

Operações dos inimigos para aſſaltarem a Fortaleza.

cujos pelouros de pedra eraõ de taõ deſmarcada grandeza, que com grande difficuldade podia hum homem ajudado de outro levantar qualquer delles ao hombro; os quaes cahindo em muitas partes, e naõ offendendo a peſſoa alguma, cauſaraõ mayor admiraçaõ, que eſtrago. Deſte foy unicamente participante Nuno Pereira, Fidalgo de incrivel valor, que recolhendo-ſe a caſa para deſcançar do trabalho até àquella hora ſofrido na Fortaleza, e receber novo alento para o empregar na ſua defenſa, foy mortalmente ferido em hum braço com hum pelouro, cujo golpe em termo de tres dias o privou da vida com geral ſentimento dos ſeus companheiros. Para impedir a continuada bateria dos trabucos levantou Iſidoro de Almeida outra de quatro meyos camelos, que deſpediraõ tal inundaçaõ de balas no arrayal dos inimigos, que os obrigaraõ a ſuſpender aquelle exercicio por muitos dias, e o meſmo obſervaraõ nas outras batarias contra a Fortaleza, vendo, que eraõ correſpondidos com mayor exceſſo. Em 14. de Abril chegou à Fortaleza o Capitaõ Gaſpar de Magalhães, igualmente experimentado nas guerras de Italia, e França, como nas de Africa, e poſto que o tempo lhe correo taõ contrario, que obrigou as mais caravélas da ſua companhia arribar a Cadiz, naõ foy impedimento baſtante para que naõ entraſſe na Fortaleza com duzentos

Morre Nuno Pereira.

Iſidoro de Almeida levanta huma bataria contra a dos inimigos.

Chega à Fortaleza Gaſpar de Magalhães com duzentos e cincoenta Soldados.

tos e cincoenta Soldados, e vinte e quatro barrís de polvora. Logo que chegou, naõ permittio estivesse ociosa a sua valentia, e para dar alguma prova della subio ao Cavalleiro com hum estandarte de seda azul, e amarella em barras, e sobre ellas atravessados dous bastões, que nos ferros tinhaõ gravada a letra, que dizia, naõ se alcançava honra sem grande trabalho, e o arvorou com evidente perigo sobre a estancia commettida ao seu cuidado, e posto que estava cuberto de terra, e molestado das pedras, que levantavaõ as bombardas, nunca se retirou do lugar, onde o seu brio o fazia insensivel à mais violenta impressaõ.

53 Era participante do perigo, e da gloria de Gaspar de Magalhães Fernaõ Rodrigues, feitor que fora em S. Thomé, que em varias batalhas tinha manifestado o animo de seu heroico peito, o qual entendendo ser inutil huma bombarda, que estava da parte do mar, a plantou em hum travez junto do baluarte Santo Espirito, cujos tiros causaraõ innumeraveis mortes aos inimigos. Era taõ continuada, e violenta a bataria disparada contra o nosso Cavalleiro, que já fatigado o animo dos nossos lhe naõ podia resistir; o que vendo Gaspar de Magalhães subio resolutamente sobre o parapeito, antepondo a vida dos companheiros à sua propria, e descobrindo a bombarda, que mayor damno nos causava, prometteo hum bom premio ao arti-

lheiro ſe a quebraſſe, o qual lhe poz com tal arte a pontaria, que embocando a bala pela bombardeira inimiga, naõ ſómente a reduzio a pedaços, mas matou a muitos Mouros, que a cercavaõ. Naõ obrou menos Pedro Paulo, Capitaõ de huma galé, inventando com admiravel engenho huns arcos, que deſpediaõ ſéttas de fogo, o qual ateou taõ grande incendio na lenha, que reparava aos Mouros para a fabrica das trincheiras, que por mais diligencias, que fizeraõ, nunca o poderaõ extinguir. Como todo o intento dos inimigos era minar o baluarte Santo Eſpirito para entrarem por elle a cavallo, como tinhaõ arrogantemente promettido ao ſeu Principe, começaraõ a continuar a mina, trabalhando de dia para com o tumulto da gente ſe naõ ouviſſem os golpes, e ſuſpendendo a operaçaõ de noite para que o ſeu ſilencio a naõ revelaſſe. Eſte ardil, que até entaõ nos era occulto, foy deſcuberto por hum papel achado dentro de hum caparaõ da Aguia, ſobre o lanço do muro, que corre da parte da Villa para o baluarte do rebate, o qual devia ſer mandado do arrayal inimigo, e continha eſtas palavras Caſtelhanas: *Mirad por lõs piés del gavilan, que la cabeça ſegura eſtá.* Foy examinado o ſentido deſte enigma pelo juizo dos noſſos Capitães, e concordaraõ na interpretaçaõ, que ſignificava intentarem os inimigos minar a Fortaleza pelo pé do

Invento do Capitaõ Pedro Paulo, com que abrazou grande parte das eſtancias dos Mouros.

Aviſa-ſe do campo minarem os inimigos a Fortaleza.

do baluarte, e naõ a eſcallar pelas ameyas da muralha. Naõ ſatisfeito Iſidoro de Almeida, a cuja direçaõ eſtava entregue o artificio das minas, com aquelle enigmatico aviſo, quiz uſar de outro ardil para certamente ſaber a parte, onde os Mouros fabricavaõ as minas. Para eſte fim mandou collocar debaixo da terra algumas vaſilhas, e dentro dellas ovos, os quaes ſe tremeſſem davaõ logo manifeſto ſinal do lugar, onde ſe fazia a operaçaõ. Correſpondeo o ſucceſſo ao ſeu diſcurſo, e guiado pelo indicio determinou com grande actividade em companhia de Joaõ da Sylva contraminar a mina dos inimigos, o que executou taõ brevemente, que paſſados tres dias ſe encontrou com ella tendo já penetrado dez palmos pelo noſſo baluarte. Como a contramina ſe fabricou por ſima da inimiga cinco palmos, foy neceſſario para a indireitar grande trabalho, e mayor diſpendio, concorrendo para hum, e outro Joaõ Riſcado, e Pedro Lourenço de Mello, que davaõ a dez toſtões por dia a cada mineiro.

Ardil, com que Iſidoro de Almeida conhece a fabrica da mina dos inimigos, e como a contraminou.

54 Tanto que os Mouros ſentiraõ eſtarem as ſuas minas muito perto das noſſas, para naõ malograrem o ſeu trabalho fingiraõ picar em outra parte, cujo engano ſendo entendido por Joaõ Riſcado, que andava dentro da mina, e era dos vinte deputados para a romperem, clamou que logo ſe abriſſe a mina, o que promptamente execu-

executou Diogo de Vaſconcellos metendo huma alavanca, e cuidando eſtar já aberta diſparou ſem effeito hum arcabuz. Bradou ſegunda vez Joaõ Riſcado, que ſe abriſſe a mina, pois os Mouros já eſtavaõ prevenidos, e dando hum cavoqueiro hum grande golpe, abrio hum buraco, por onde Pedro Lourenço de Mello diſparou hum arcabuz, a cujo eſtrondo acodiraõ com grandes alaridos os Mouros àquella parte, mas rebatidos valeroſamente pelos noſſos largaraõ o lugar com morte de innumeraveis. Neſte tempo ſe rompeo a mina, e reparada a noſſa gente com colchões molhados naõ ceſſavaõ de ferir nos Mouros, dando os arcabuzes de maõ a maõ por naõ permittir a eſtreiteza do lugar mais que dous homens emparelhados, e nos ficaraõ por deſpojos todos os inſtrumentos, que ſerviraõ para aquella fabrica. Os inimigos para evitarem o damno, que recebiaõ do noſſo fogo, lançaraõ na boca da mina huma grande quantidade de lenha ſeca, a que puzeraõ o fogo para com o fumo nos cegar: porém Joaõ Riſcado deſprezando eſtes obſtaculos, oppoſtos pela covardia dos Mouros, triunfava dos ſeus eſtratagemas de tal ſorte, que já nenhum chegava à boca da mina, porque com a morte pagavaõ o atrevimento. Naõ havia Fidalgo, que ſe iſentaſſe de aſſiſtir em lugar de tanto perigo, paſſando noites inteiras na companhia de ſeus Soldados, que eſquecidos

Rompem os noſſos a mina dos inimigos, onde padecem horrivel deſtroço.

quecidos da natureza, e sómente animados da honra estavaõ metidos na agua até os joelhos, tolerando como insensiveis igual tormento na frialdade, que no calor, que respirava aquella subterranea caverna. Nesta grande, e illustre facçaõ se assinalaraõ mais distinctamente Pedro Lourenço de Mello, Joaõ Riscado, Simaõ de Goes, Diogo de Vasconcellos, Gaspar de Mendoça, Joaõ Pires de Gavy, Duarte Luiz, Simaõ Pires, Domingos Gonçalves, Pedro de Sousa, Joaõ de Sousa Tavares, Francisco da Sylva, e Domingos Pereira.

CAPITULO VIII.

Assaltaõ os inimigos a Fortaleza, e das memoraveis acções, que obraraõ os Portuguezes nesta invasaõ. Retiraõ-se os Mouros fatalmente desbaratados depois de sustentarem hum duríssimo combate.

55 IMpacientes os inimigos de que por tanto tempo se lhe disputasse a gloria de vencedores, quando vangloriosos presumiaõ naõ haver valor, que pudesse resistir às suas armas, se resolveraõ assaltar a Fortaleza para sepultar nas suas ruinas aos defensores, e vingar em huma só hora os estragos, e injurias recebidos

1562.

dos em tantos dias. A certeza desta resoluçaõ trouxe do campo inimigo à Fortaleza em 19. de Abril o Mestre Jeronymo, Catelaõ, muito estimado de Muley Hamete, de cujo talento fiava os negocios de mayor importancia, o qual segurou a Alvaro de Carvalho, que depois que os Mouròs perderaõ a esperança de minar a Fortaleza, unica base, em que fundavaõ a sua conquista, tal fora o desgosto do Mestre de Campo Zacary, a cuja direçaõ estava commettido todo o Exercito, que logo fora dar conta deste successo a Muley Hamete para promptamente o escrever a seu pay, que como taõ experimentado resolvesse o que se devia obrar em materia de tantas consequencias. Relatou Muley Hamete ao Xarife a infelicidade do successo da mina, e brevemente respondeo, que sem dilaçaõ fosse ElRey de Dara examinar o alojamento do Exercito, e achando estar capaz de assaltar a Fortaleza, o executasse antes que fossem soccorridos os cercados; e quando naõ quizesse usar desta resoluçaõ, intentasse provocar os Portuguezes a huma escaramuça, onde em campo aberto seria mais facil a vitoria, e menos arriscado o conflicto. Obedeceo promptamente a esta ordem ElRey de Dara, e acompanhado de seu sobrinho Muley Hamete foraõ examinar com os olhos todo o seu Exercito, e admirando naõ sómente a boa ordem, e regular forma-

Resolvem os inimigos assaltar a Fortaleza.

tura

tura dos esquadrões, mas os alentados combatentes, de que se compunhaõ, resolveraõ, que fosse assaltada a Fortaleza, antes que algum soccorro vindo de Portugal lhes fizesse duvidosa a conquista.

Prevenções, que se fazem na Fortaleza, e no campo para o dia do assalto.

56 Certificado Alvaro de Carvalho da resoluçaõ dos inimigos, que lhe revelara o Mestre Jeronymo (a quem teve por hospede todo o tempo do sitio Gomes Freire de Andrade, e o premiou com dadivas generosas em retribuiçaõ de aviso taõ importante) segurando-lhe, que no dia da sesta feira, o mais santificado para os sequazes de Mafoma, havia ser o do assalto, se começou com mayor desvelo a preparar, mandando engrossar o muro do nosso Cavalleiro pela parte interior com pedra, e terra, de que até havia grande falta. O inimigo, que se naõ descuidava de procurar todos os modos, por onde nos offendesse, começou a levantar do bastiaõ pequeno, plantado adiante do grande, huma forte trincheira de terra, e lenha em direitura do nosso muro, ficando-lhe da outra parte o entulho da cava, cuja obra se edificou com incrivel brevidade; mas a nossa artilharia com continuados tiros lhe impedia o progresso, supposto que era tal a multidaõ dos trabalhadores, que qualquer portal aberto pelas nossas balas era instantaneamente reparado com terra, e fachina. Vendo Isidoro de Almeida a pressa, e velocidade,

com que aquella machina creſcia, de cuja eminencia nos haviaõ maltratar gravemente os inimigos, determinou abrir huma nova mina, para que foſſe totalmente arrazada, e pereceſſem abrazados todos os que ſe atreveſſem aſſaltar a Fortaleza. Já neſte tempo parecia a trincheira huma ſerra altiſſima, e impenetravel, ſendo-lhe muito inferiores os reparos fabricados pela noſſa induſtria, e como lhe naõ podiamos fazer damno por eſtar muito ſuperior à noſſa artilharia, ſe deliberaraõ os Mouros abrir com o picaõ em o noſſo Cavalleiro huma eſtrada taõ larga, que foſſe capaz de marcharem quarenta, ou cincoenta homens em fileira, cuja obra ſe concluìo com mayor diſpendio de trabalho, que de tempo. Com o meſmo calor, e brevidade começaraõ a minar a parte, onde haviamos eſperar o aſſalto, e chegando a noticia deſta operaçaõ a Iſidoro de Almeida, com a meſma celeridade fabricou huma contramina, que encontrando-ſe a poucos paſſos com a dos inimigos, foraõ taõ valeroſamente rebatidos pelos noſſos, que confuſamente largaraõ o lugar, e os inſtrumentos daquella fabrica, alcançando a vigilante induſtria de Iſidoro de Almeida igual triunfo dos Mouros ao precedente, de que acima ſe fez memoria.

Abrem outra mina os Mouros, que felizmente lha contramina Iſidoro de Almeida.

57 Entre os repetidos aviſos, que continuamente expedia Alvaro de Carvalho à Rainha Dona Catharina dos progreſſos deſte cerco, mandou

dou hum por Francifco Nobre, expondo-lhe a urgente neceffidade, que padecia a Fortaleza affim de munições, como de Soldados, ao qual refpondeo efta Princeza com o foccorro, que chegou a efte tempo à Praça; e conftava de dous mil homens, de quem eraõ Capitães D. Francifco da Cofta, D. Antonio de Lima, D. Gaftaõ Coutinho, D. Alvaro de Caftro, Vafco da Sylveira, D. Diogo de Menezes, D. Alvaro de Soufa, Duarte de Mello agradecidos à eleiçaõ, que a Rainha fizera das fuas peffoas para taõ illuftre empreza, cuja gloria eftimulou a outros, que lhe eraõ iguaes no nafcimento, para o ferem na heroicidade, como foraõ D. Diogo de Lima, D. Pedro de Almeida, Bernardo Carvalho, Joaõ de Saldanha, D. Antonio Rolim, Martim Affonfo de Miranda, Camereiro mòr do Cardeal Infante, D. Antonio Coutinho, D. Jorge Coutinho, D. Vafco Coutinho, e D. Diogo Lobo. Com taõ nobre, e authorizado foccorro receberaõ os cercados novo alento, e com o mefmo concluîo Ifidoro de Almeida a mina preparada para reprimir o impeto dos inimigos, a qual penetrou trinta palmos por baixo da fua trincheira, onde lhe introduzio oito barrís de polvora, fechando-lhe o repucho com pedra, e cal para rebentar com mayor impulfo, e eftrondo.

Chegaõ dous mil homens de foccorro à Fortaleza.

58 Eraõ duas horas depois do meyo dia

quando se ouvio huma voz no campo inimigo, a cujo ecco se suspendeo todo o estrondo assim de vozes, como de todos os instrumentos militares, durando este silencio por espaço de duas horas; e desejando Alvaro de Carvalho saber a causa de taõ estranha novidade, teve noticia de ter chegado ao Exercito o Cacís Môr, a quem a cega crença daquelles Barbaros veneravaõ com adorações de Pontifice supremo, o qual os exhortou a sacrificar as vidas em obsequio do seu Proféta sacrilegamente desprezado pelos Portuguezes, promettendo àquelles, que acabassem em taõ santa empreza, absolviçaõ das suas culpas, e eterno descanço a suas almas; e os que escapassem vivos daquelle assalto, seriaõ generosamente premiados pelo seu Principe. Acabada esta exhortaçaõ se ouvio huma estrondosa vozaria em todo o Exercito, como applauso às felicidades promettidas pelo Cacís, e logo se seguio huma formidavel descarga de toda a artilharia contra o nosso Cavalleiro, que obrigou a pegar nas armas aos Soldados, parecendo-lhes ser o final de assaltar a Fortaleza, até que o tempo por ser proximo à noite nos desenganou naõ ser ainda o determinado para a invasaõ. Ao dia seguinte com igual trabalho, que diligencia reparámos as ruinas feitas pela bataria, e fabricámos novamente por direçaõ de Pedro Paulo, e de Vasco Fernandes Homem huma trincheira formada de

Exhorta o Cacís môr aos Mouros para o assalto.

de pipas entulhadas de terra, para que amparados com ella pudessem os espingardeiros offender com mayor segurança aos inimigos.

59 Amanheceo o dia 24. de Abril destinado pelos inimigos para o assalto, e havendo-se na vespera implorada a protecçaõ do Invicto Martyr S. Jorge com huma devota Procissaõ, para que em taõ formidavel, e horroroso conflicto nos ajudasse como Soldado, e protegesse como Santo, se distribuiraõ os Soldados pelas estancias, e lugares, que lhes estavaõ entregues, esperando aos inimigos com tal alvoroço, que era feliz annuncio da vitoria. Muley Hamete com seu tio ElRey de Dara subio à eminencia de hum monte fronteiro ao nosso baluarte, por onde se havia dar o assalto, para naquelle lugar poder observar com menos perigo, e mayor distinçaõ todos os accidentes do conflicto. Estava assistido o Principe menos para defensa, do que magestade, de quinze mil Soldados de cavallo, em quem a variedade das galas com o ouro das armas, feridas dos rayos do Sol, faziaõ huma alegre, e vistosa representaçaõ. Os nossos Soldados posto que afflictos com a larga demora, que se fazia mais intoleravel pelo intenso calor do Sol, perseveravaõ constantes, e imperturbaveis nas estancias postos de joelhos com as lanças baixas junto do parapeito; mas vendo que era mais de meyo dia, e que os inimigos haviaõ de

Resolvem os inimigos assaltar a Fortaleza.

Lugar, e fórma, com que o filho do Xarife observou o assalto da Fortaleza.

de acometer por duas partes em baixa mar, e haver duas horas, que já a maré enchia, se persuadiraõ, que o assalto seria em outra occasiaõ mais favoravel aos seus intentos. Porém este discurso logo se desvaneceo, porque sendo huma hora da tarde começaraõ os Mouros a desenrolar as bandeiras dos seus vallos, e bastiões, que era o sinal da investida, e se perceberaõ na Fortaleza os confusos eccos de hum pregaõ mandado lançar por Muley Hamete, com o qual segurava em nome do Xarife seu pay largos premios a todos os seus Vassallos, que na occasiaõ presente obrassem acções heroicas, alentando com estas esperanças aquelles animos, em que dominava menos a honra, que a cubiça. Animados destas vozes deraõ fogo a toda a artilharia, a cujo horrivel estrondo parece que a terra se abalava, e começaraõ a bater o nosso Cavalleiro, de que logo as ruinas deraõ sinal do estrago. Com incrivel velocidade subiraõ tumultuariamente quatro bandeiras de inimigos com pomos dourados nas hasteas, e hum guiaõ branco seguido de huma manga de arcabuzeiros da parte do Norte com outras cinco bandeiras lançando furiosamente muitas panellas de polvora, alcanzias, e outros artificios de fogo, que a arte formara para ruina da natureza, obrigando a este elemento como se o trouxessem alistado debaixo das suas bandeiras, a que executasse a sua actividade,

Principia-se o assalto com huma horrorosa descarga de artilharia.

de, o que naõ podia obrar a ſua induſtria. Entre eſta tempeſtade de rayos chovia outra de pedras deſpedidas de innumeraveis fundas, cujos golpes eraõ igualmente mortaes, que as balas.

60 Toda eſta horrivel, e furioſa invaſaõ eſperava intrepidamente Ruy de Souſa de Carvalho, aſſiſtido de Fernaõ de Craſto, Capitaõ do baluarte, Gaſpar de Magalhães, Bartholomeu Guerreiro, e ſeu filho Chriſtovaõ Guerreiro, Joaõ de Mello, Ambroſio de Aguiar, Franciſco da Cunha, Pedro Lourenço de Mello, Joaõ Riſcado, Bernaldim Ribeiro Pacheco, e outros Fidalgos, e Cavalleiros taõ claros por naſcimento, como por diſciplina militar, os quaes concebendo entre tantos incendios mais ardentes eſpiritos fulminavaõ aos inimigos com tanta inundaçaõ de fogo, que dos primeiros, que o experimentaraõ, poucos foraõ vivos, que pudeſſem teſtemunhar o ſeu eſtrago. Já as nuvens do denſo fumo exhalado de tantos materiaes ſulfureos, e bituminoſos occultavaõ aos olhos a funeſta repreſentaçaõ daquelle ſanguinolento eſpectaculo; e os ouvidos enſurdecidos com o confuſo alarido das vozes naõ percebiaõ os laſtimoſos gemidos dos moribundos, ſendo taõ medonhos os eccos dos eſtrondos das armas, que obrigaraõ aos animaes deſamparar os Elementos, que a natureza lhe deſtinou para domicilios. Corria em tanta copia o ſangue das feridas abertas pelo noſ-

Furioſa reſiſtencia, com que os noſſos recebem aos inimigos.

ſo

ſo ferro, que ſe tinha transformado em mar o campo, onde naufragantes os Barbaros antes de mortos foraõ ſumergidos. Entre a mayor confuſaõ do conflicto bradava Ruy de Souſa de Carvalho mais acceſo com o ardor militar, que lhe animava o peito, do que abrazado no incendio das bombas, que lhe desfigurava o roſto.

Valeroſas palavras, com que Ruy de Souſa de Carvalho anima aos defenſores do baluarte.

„ Eya Cavalleiros de Jeſu Chriſto, defendey o ba-
„ luarte do voſſo Rey, e naõ permittaes, que
„ ſeja dominado por taõ vil, e infame canalha.
„ Aqui tendes o voſſo Capitaõ, que com a ſua
„ morte ſerá o primeiro, que vos abra a porta
„ para a immortalidade da vida. A efficacia deſtas palavras creou em todos os Soldados taõ novos brios, que era entre elles outra mayor batalha, qual havia obrar mais diſtinctas façanhas. O Capitaõ Gaſpar de Magalhães pelejando com duas lanças de fogo recebeo huma pedrada na cabeça, que ſentio pela copia do ſangue, que lhe banhava o roſto, e vedando a ferida com pouca terra foy continuando a peleja, e vendo arder huma rodela de alcanzias, animoſamente a levantou para a lançar entre os inimigos, mas ſendo rebatido de huma panella de polvora, lhe abrazou de tal modo o roſto, e mãos, que ficou para ſempre aleijado da direita. Neſte inſtante prendeo o fogo em dous barrís de polvora, que eſtavaõ debaixo do Cavalleiro, cujo impeto arrebatou aos ares a eſte inſigne Varaõ, e

Incriveis proezas do Capitaõ Gaſpar de Magalhães.

cahindo

cahindo como morto com as canelas das pernas descubertas por lhe ter consumido o fogo a carne, foy soccorrido por Gaspar da Cunha, Luiz Cayado, e outros Cavalleiros; e tornando daquelle parocismo perguntou se o Cavalleiro estava por ElRey? E respondendo-lhe Luiz Cayado, que estava, e estaria, disse: *Agora morra eu quando Deos for servido*, prevalecendo em taõ heroico coraçaõ mais o obsequio do seu Principe, que o amor da propria vida.

61 Neste fatal incendio foy arrebatado Affonso de Torres, que estava na estancia de seu irmaõ Nuno Fernandes de Magalhães, sendo levado ao fim da Praça da madeira, onde cahira se naõ tivera acordo de se firmar, mas ficou disformemente queimado, como tambem o foy Lourenço de Sá reduzindo lhe o corpo a carvaõ padecendo intoleraveis dores. Bernaldim Ribeiro Pacheco se transformou com a violencia do fogo a taõ horrenda figura, que pelas muitas costuras do rosto naõ era conhecido. O mesmo infortunio padeceraõ Alvaro Dias Rabello, Simaõ Viegas, Gaspar Valente, Alféres da bandeira Real, Affonso Barreto, Bartholomeu Guerreiro, Christovaõ Guerreiro, Domingos de Almeida, Gaspar de Medeiros, Domingos Gonçalves, Joaõ Gonçalves, cujo aspecto causava horror, Vicente Alvares Ribeiro, Joaõ Pires de Gavy, Francisco Barreto, Balthasar de Po-

Diversos Cavalleiros saõ abrazados infelizmente no baluarte.

mares, Simaõ Alvares da Cunha, e Fernaõ Rodrigues, Condeſtavel mór dos bombardeiros. A origem de taõ deploravel deſaſtre naſceo da deſordem, com que os noſſos Soldados pelejavaõ; porque ainda que Alvaro de Carvalho tiveſſe ordenado a Vaſco da Cunha, e a Antonio Moniz Barreto, que a gente poſta na porta da Villa, e no baluarte de Santiago entregue à direcçaõ de Pedro Vaz de Siqueira naõ largaſſe os ſeus póſtos até que a neceſſidade o pediſſe, naõ puderaõ aquelles Capitães reprimir a impaciencia dos Soldados, com que confuſamente foraõ buſcar o conflicto, de que ſe originaraõ tantas fatalidades. No tempo, que eſtava mais furioſamente travado o combate, e os inimigos ſe conſideravaõ certos do triunfo por terem arvorado cinco bandeiras ſobre o noſſo Cavalleiro, pareceo a Iſidoro de Almeida ſer occaſiaõ opportuna de dar fogo à mina, que com tanto trabalho, e induſtria tinha fabricado por baixo da eſtrada, ſendo taõ larga, que cabiaõ por ella cento e vinte homens em fileira. Rebentou com impetuoſa violencia a mina, cauſando hororoſos effeitos nos inimigos, pois a huns arrebatou aos ares, a outros ſepultou nas aberturas, que rompeo no entulho, e a muitos cravou nas eſtacas em que ficaraõ deſpedaçados. O meſmo eſtrago padeceo a trincheira, que cobria aos Mouros, a qual ſendo totalmente arrazada ficaraõ

Medonho eſtrago, que padecem os Mouros cauſado pela mina, que fabricou Iſidoro de Almeida.

taõ

taõ expoſtos às noſſas balas, que todas felizmente ſe empregavaõ, excedendo o numero das mortes ao dos tiros. Para ſalvarem a vida da ultima deſgraça, fugiraõ acceleradamente infinitos Barbaros, procurando no precipicio o ſeu refugio, e trazendo hum delles a camiza ardendo ſe ateou na polvora, que eſtavaõ recebendo os Elches arcabuzeiros, cujo incendio foy cauſa de perecerem mais de trezentos abrazados.

62 O horror de tantos cadaveres, e a copioſa inundaçaõ de ſangue, que deveraõ ſuſpender taõ porfiado conflicto, accendiaõ mais os animos para ſe continuar com mayor vigor. Sobre o parapeito eſtava Marcos de Souſa, esforçado mancebo, e ſendo advertido por Gaſpar de Magalhães reprimiſſe o ardor, com que taõ deſcubertamente pelejava, foy ferido com huma bala na cabeça, que o privou da vida. Jorge Nunes de Leaõ, que do ſeu valor, e diſciplina tinha dado baſtantes provas na guerra da India poſto ſobre hum feixe de piques arremeçava muitos dardos, e lanças ſobre os inimigos; mas ſendo ferido na ilharga direita com huma bala, e na cabeça com hum zaguncho, como ſe fora inſenſivel naõ queria deſamparar a ſua eſtancia, dizendo o deixaſſem morrer alegre, e ſatisfeito em ſerviço de Deos, e do ſeu Rey, até que perdendo a viſta com a copia do ſangue, que derramava da cabeça, foy levado nos braços dos compa-

Fidalgos, què glorioſamente acabaõ no baluarte.

companheiros, e entre elles morreo com eterna ſaudade. Ao mais alto do Cavalleiro ſubio hum Mouro de aſpecto horrivel, cuberto de huma medonha grenha, e de tres tiros matou a tres Fidalgos, quaes foraõ Franciſco de Carvalho, Jorge de Macedo, e Pedro Lourenço de Mello. Eſte querendo animoſamente arrebatar huma bandeira dos inimigos, foy morto por aquelle Barbaro, ficando por hum largo eſpaço abrindo, e fechando a maõ para moſtrar, que ainda depois de morto conſervava os eſpiritos, que o animaraõ vivo. Foy geralmente ſentida a ſua falta por ſer muito eſtimavel naõ ſómente pela valentia do animo, como pela docilidade do genio. O Mouro, que fora inſtrumento de tamanha perda, ainda que eſtava defendido com a adarga de outro, foy derrubado com hum pelouro do travez do Capitaõ Franciſco Portocarreiro, ſendo a ſua morte pequena ſatisfaçaõ para taõ ſenſivel fatalidade. Saõ incriveis as acções militares, que obraraõ Triſtaõ Vaz da Veiga, e ſeu irmaõ Gaſpar da Veiga, Lopo de Siqueira, Manoel de Meſquita, Joaõ Lopes, Vaſco Fernandes Coutinho, Jeronymo Peſtana, Manoel Rodrigues de Freixo, Miguel de Arnil, Pedro Zuzarte, Gonçalo Ribeiro, Franciſco de Zouro, Joaõ de Barros, filho do Feitor da Caſa da India, atraveſſado pela garganta com huma lança de arremeſſo, Pedro Goes, a quem de

Acções heroicas de varios Cavalleiros obradas no mayor ardor do aſſalto.

de huma pedrada lhe quebraraõ os dentes, Gaſpar Leitaõ, Miguel Peſtana, Duarte Luiz, Alvaro Rabello, Luiz Cayado, Manoel Landim, Antonio Velho, Bartholomeu de Vaſconcellos, D. Diogo de Caſtellobranco, D. Gonçalo de Caſtellobranco, D. Diogo Manoel, Pedro da Fonſeca, Sancho de Toar, Manoel Correa, Franciſco Ferreira, D. Antonio Lobo, D. Antonio de Almeida, que fazendo frente aos noſſos para ſe naõ retirarem do fogo, cahio derrubado com a multidaõ do muro abaixo, e ſendo a altura de trinta palmos, ſe levantou com duplicado alento, e abraçando huma rodela ainda que foy acometido de muitas lanças, e pedradas, de tudo triunfou o ſeu incomparavel valor; e outros muitos, a quem o ſeu alentado, e heroico esforço eternizou em toda a poſteridade.

63 Em quanto ſe obravaõ taõ memoraveis proezas no Cavalleiro aſſiſtiaõ nas eſtancias de Nuno Fernandes de Magalhães, e Vaſco Fernandes Homem alguns Fidalgos, e Cavalleiros eſperando a invaſaõ dos Mouros por ſer o lugar muito aberto; mas como na eſtancia de Vaſco Fernandes Homem eſtavaõ os arcabuzeiros de Joaõ de Mendoça, que eraõ muito diſciplinados, nunca ſe reſolveraõ os inimigos inveſtillos, diſparando continuamente Fernaõ Vieira contra elles bombas, e lanças de fogo, a que elles reſpondiaõ com huma inundaçaõ de balas, e pedras.

Valor de Sebastiaõ de Brito de Menezes, com que soccorre aos seus companheiros.

dras. Guardava a porta do mar Sebastiaõ de Brito de Menezes por ser Soldado muito experimentado, e dizendo-lhe alguns Soldados, que o Cavalleiro fora minado pelos Mouros, e nas suas ruinas tinhaõ infelizmente acabado os seus defensores, indignado com esta noticia cerrou a porta, e reprehendendo-os com algumas palavras injuriosas, subio velozmente ao Cavalleiro, e posto no espigaõ do parapeito começou a repartir as alcanzias a Nuno da Cunha, e a Fernaõ Rodrigues, que as lançavaõ sobre os inimigos com heroico impulso, devendo-se grande parte do feliz effeito à direçaõ de taõ insigne Soldado. Durava já o combate o largo espaço de quatro horas sem haver interrupçaõ de huma, e outra parte, até que vendo o Adail Francisco de Figueiredo mais remisso o impeto dos inimigos bradou decima do Cavalleiro: vitoria, vitoria, cujas vozes foraõ com tanto alvoroço recebidas da nossa gente, que começou a tremolar as bandeiras, e a descarregar toda a artilharia, e espingardaria como salva do triunfo, de cujo estrondo assim de vozes, como de armas assombrados os Mouros desampararaõ o lugar do combate, retirando-se confusos, e injuriados aos seus arrayaes para lamentar a grande perda, que tinhaõ experimentado. No mesmo instante, que se poz termo ao furor, se deu principio à piedade, sepultando em a Igreja nova de S. Sebastiaõ,

Francisco de Figueiredo acclama a vitoria, e se retiraõ os inimigos gravemente destroçados.

baſtiaõ, e Santo Eſpirito aquelles Heroes, que ſacrificaraõ as vidas em beneficio da ſua Patria, que naõ excedendo o numero de vinte e oito ſe multiplicaraõ para a memoria, e ſaudade, ſendo os principaes: Marcos de Souſa, Pedro Lourenço de Mello, Franciſco Carvalho, Jorge de Macedo, Martim Vaz de Souſa, Jorge Nunes de Leaõ, cuja varonil mãy Iſabel de Avelar mandando-a viſitar a Rainha Dona Catharina pela morte deſte filho, lhe agradeceo memoria taõ illuſtre, dizendo com heroica conſtancia, que já na guerra da India eraõ mortos quatro em beneficio da Coroa, e que poſto ſentira com exceſſo a morte deſte, ainda tinha outro que eſtava apreſtando para acabar naquelle cerco. Admirou a Rainha a valentia do coraçaõ deſta matrona ſuperior aos affectos da natureza, e naõ permittindo a generoſa offerta, que lhe fazia, remunerou largamente a ſua Caſa, affirmando, que Jorge Nunes de Leaõ ſempre viviria na lembrança dos Reys de Portugal. Tambem acabaraõ neſte combate Joaõ Vaz, Balthaſar Affonſo, Pedro Fernandes Pontevel, Gaſpar da Coſta, Pedro Rodrigues, naturaes da meſma Fortaleza, fazendo com as ſuas mortes igual ſacrificio como fieis, e amantes ao ſeu Principe, e à ſua Patria.

Numero dos noſſos Soldados, que morreraõ no aſſalto.

Memoravel expreſſaõ da fidelidade de Iſabel de Avelar.

64 Sepultados os mortos ſe tratou de curar os feridos, que paſſavaõ de trezentos para ſe prepa-

prepararem para novo combate. Entre os varios accidentes ſuccedidos neſte conflicto alguns houve, que pareceraõ mais que humanos. Alentava aos Soldados hum Religioſo Franciſcano com hum Crucifixo arvorado em huma lança, e dando-lhe hum pelouro na boca lhe fez hum pequeno ſinal. Semelhante caſo ſuccedeo a Vaſco Fernandes Homem, pois entrando-lhe huma bala entre o corpo, e a camiza, lhe naõ cauſou a menor leſaõ. Naõ he para deixar em ſilencio as memoraveis façanhas, obradas neſte aſſalto pelas mulheres da Fortaleza; pois para que a Africa ſe gloriaſſe das ſuas Amazonas, como tanto ſe tinha jactado a Aſia, animaraõ em corpos delicados varonís eſpiritos ſubindo ao lanço do muro, que corria do baluarte do combate para a parte da Villa, e armadas de lanças naõ ſó offendiaõ aos inimigos, mas impediaõ aos cercados a que ſe naõ retiraſſem do combate, ſoccorrendo a muitos com agua para extinguir o incendio, em que ſe abrazavaõ, cujas acções por ſuperiores ao ſexo lhe adquiriraõ na poſteridade a glorioſa antonomaſia de Heroinas. Ao dia ſeguinte ſe ordenou huma ſolemne Prociſſaõ, que diſcorreo por toda a Villa, em que foy levada a Imagem de S. Jorge, de cuja heroica protecçaõ amparado aquelle povo lhe rendeo as graças pela inſigne vitoria, que beneficamente lhe concedera contra poder taõ formidavel.

Heroica valentia das mulheres da Fortaleza no tempo do aſſalto.

Alvaro

Alvaro Carvalho avisou com summa promptidaõ a Rainha do faustissimo successo, que o Ceo nos tinha taõ liberalmente concedido, e elegeo a Fr. Alvaro de Miranda, Religioso Menor, assistente a todos os accidentes do assalto, para que com mayor individuaçaõ informasse aquella Princeza, e lhe representasse a necessidade, que a Praça tinha de munições consumidas em taõ dilatado cerco, e furioso combate; esperando da sua Real vigilancia, que brevemente seria provída de tudo que era necessario para defensa dos cercados, estrago, e ruina dos expugnadores.

CAPITULO IX.

Assaltaõ segunda vez os Mouros a Fortaleza, onde em segundo combate se retiraõ com mayor estrago, que no primeiro.

65 COmo se os nossos inimigos naõ estivessem bastantemente desenganados de que o seu poder alliado com o seu odio eraõ incapazes de triunfar da valerosa constancia dos Portuguezes, resolveraõ com obstinada porfia assaltar segunda vez a Fortaleza, para que amparados de fortuna mais benigna recuperassem em segundo combate a opiniaõ do seu valor, injuriosamente perdida no primeiro, e reduzissem ao

1562.

ſeu dominio aos cercados, que ſendo em o numero poucos, os multiplicava o valor contra os ſequazes de Mafoma. Para reſiſtir a taõ formidavel invaſaõ, em que fundavaõ os inimigos a ultima prova da ſua valentia, ſe preparou Alvaro de Carvalho (que entaõ governava ſómente a Fortaleza por eſtar ſeu irmaõ Ruy de Souſa de Carvalho gravemente ferido, e abrazado do combate antecedente, de que convaleceo paſſados muitos dias) mandando reparar novamente o noſſo Cavalleiro, que eſtava aberto, e arruinado por muitas partes pela violencia das batarias; e antevendo como prudente, e experimentado Soldado, que os inimigos nos haviaõ inveſtir com mayor furor, e impeto neſte ſegundo aſſalto, que no primeiro, intentava edificar ſobre o baluarte outro reparo, que naõ ſó defendeſſe, mas ſuſtentaſſe mais fortemente a machina do Cavalleiro. Foy conſultado neſta materia hum Engenheiro Italiano aſſiſtente na Fortaleza, que era inſigne neſta arte, e reſolveo, que naõ tinha o Cavalleiro ſitio capaz para ſobre elle ſe levantar outra obra; mas ſe edificaſſe hum baluarte na eſtancia de Vaſco Fernandes Homem, donde jugando trinta, ou quarenta eſpingardeiros impediriaõ aos Mouros conſervarſe naquelle lugar pelo eſtrago, que a ponto certo lhe haviaõ fazer. Approvaraõ todos o parecer do Engenheiro, facilitando mais a execuçaõ deſta

ta obra ter chegado no dia antecedente hum navio do Algarve carregado de vigas, e muita rama para fachina, materiaes neceſſarios para a conſtrucçaõ do baluarte, que ſe intentava, o qual levantaraõ os Soldados com tanta diligencia, e alvoroço, que no breve eſpaço de quatro dias eſteve concluîdo; cauſando grande aſſombro, que animaſſem eſpiritos taõ vigoroſos em corpos taõ quebrantados naõ ſó com o deſvelo continuo das vigias, mas com a copia de ſangue, que tinhaõ derramado no conflicto antecedente.

Levanta-ſe hum novo baluarte para mayor defenſa do noſſo Cavalleiro.

66 Os inimigos querendo competir com a noſſa vigilancia naõ ſe deſcuidavaõ de levantar a ſua trincheira arrazada para lhe ſervir de eſcudo aos tiros da Fortaleza; o que vendo Iſidoro de Almeida começou com a meſma brevidade a abrir nova mina no lugar, em que rebentara a outra, para cuja fabrica era o trabalho intoleravel por conſervarem a terra, e as pedras, que ſe deſentulhavaõ, taõ activo o calor, que pareciaõ extrahirſe de huma fornalha; mas era tal o goſto com que todos concorriaõ a eſta obra, que os fazia inſenſiveis para a moleſtia, e ſómente promptos para a operaçaõ. O Capitaõ Alvaro de Carvalho deſejava ſaber com certeza naõ ſó o dia, e a parte, por onde nos haviaõ aſſaltar os Mouros, mas tambem o numero dos mortos, e feridos, que houvera no combate paſſado, e para eſte effeito determinou colher huma lingua,

Iſidoro de Almeida fabrîca nova mina contra a trincheira dos inimigos.

 que

Sahe Pedro Paulo buſcar huma lingua, o que felizmente conſegue.

que o informaſſe de tudo quanto lhe era preciſo ſaber. Nomeou para eſta empreza a Pedro Paulo, a quem recommendou a importancia do negocio, a que o mandava, por ſer conducente ao acerto de que devia obrar. Partio a 28. de Abril Pedro Paulo em hum batel com Domingos Gonçalves, Pedro Fernandes, Gaſpar Pires, Antonio Ferreira, Manoel Real, Joaõ Domingues, Domingos Fernandes, Belchior Gonçalves, e Franciſco Martins, e ſahindo no quarto da modorra para a parte de Tite, Cidade deſerta, ſituada quatro leguas ao Poente de Mazagaõ, recolheo o batel em huma calheta de pedras altas, que eſtava para a parte de Azamor além de Mazagaõ o Velho, e ſaltando em terra ſe occultou com os ſeus companheiros junto das tendas do Alcaide de Çafim até amanhecer. Quando a eſte tempo veyo por aquella parte hum Mouro a cavallo para ſe lavar, e como hia com os olhos levantados contemplando as Eſtrellas o arremeteraõ improviſamente apontando lhe hum arcabuz ao peito: ſem fallar palavra o tiraraõ do cavallo, e o conduziraõ à Fortaleza, onde Pedro Paulo foy recebido com grande jubilo por ter taõ felizmente executado o que ſe lhe ordenara. Foy logo o Mouro inquirido pelo Capitaõ do que deſejava ſaber, e lhe reſpondeo com muita diſtinçaõ, e clareza, que todos percebiaõ por ter já eſtado cativo na Fortaleza,

Marmol. Deſcripc. Gener. de Afric. liv. 3. cap. 55.

taleza, e ſer conhecido de muitos Soldados noſſos, dizendo que no combate paſſado morreraõ mil e tantos Mouros, ſendo mayor o numero dos feridos, dos quaes pereceraõ abrazados na mina ſeiſcentos, e trezentos e vinte das balas, e lanças de fogo, ſuccedendo de huma, que ſaltara em hum fraſco de hum eſcopeteiro Turco, matar a mais de cem homens, ſegurando-lhe ſerem todos os mortos no conflicto das primeiras peſſoas aſſim no ſangue, como no esforço, cuja fatalidade de tal modo tinha penetrado a Muley Hamete, e a ſeu pay o Xarife, que eſtavaõ reſolutos a vingar eſta injuria aſſaltando a Fortaleza na ſeſta feira ſeguinte pela meſma parte, por onde fora inveſtida a primeira vez eſtando baxa mar; e ſe naõ pudeſſem conſeguir a conquiſta, certamente levantariaõ o ſitio por eſtar a mayor parte da gente deſeſperada de a render, retirando-ſe para as ſuas terras a buſcar no trabalho das ſearas remedio à fome, que os conſomia.

Noticias, que dá ao Governador o Mouro, que conduzio Pedro Paulo.

67 Recebida eſta individual noticia por Alvaro de Carvalho ficou taõ alegre com o deſtroço padecido pelos Mouros, como receoſo do aſſalto, que intentavaõ dar à Fortaleza, as quaes circunſtancias ſe confirmaraõ novamente com huma carta, que ſe lançou no muro em huma madrugada eſcrita por hum Elche Caſtelhano, e atada, em hum chumbo em que referia tudo quanto

quanto o Mouro tinha dito, accreſcentando, que ſuppoſto os Mouros eſtavaõ muito conſternados com o damno recebido, com tudo os Alcaides tinhaõ empenhado a palavra ao ſeu Principe, de que haviaõ dar o aſſalto onde vingariaõ com o ſangue dos Portuguezes as mortes, e feridas dos ſeus companheiros, para cujo effeito tinhaõ preparados novos artificios de fogo, com que a primeira impreſſaõ foſſe mais violenta, e formidavel do que fora a do combate paſſado. Todos eſtes aviſos deſpertavaõ o cuidado, e deſvelo de Alvaro de Carvalho para naõ deixar inſtante, em que ſe naõ adiantaſſe a obra do Cavalleiro, a qual ſe concluîo com grande ſatisfaçaõ dos Soldados, conhecendo que aquella machina levantada pelo ſeu trabalho havia ſer a ſepultura de ſeus inimigos, ſobre cujos cadaveres haviaõ lograr os delicioſos frutos da paz, e da vitoria. Com igual induſtria, e brevidade acabou Iſidoro de Almeida a mina, que tinha aberto por baixo da trincheira, ſendo mais profunda, que a primeira oito palmos, e a atacou com dezanove barrís de polvora. Acabada eſta, intentou fazer outra mais pequena, querendo com eſte ardil enganar aos inimigos, pois applicando primeiramente o fogo a eſta ſegunda mina, imaginando elles que naõ havia outra, ſe animariaõ em mayor numero a ſubir à Fortaleza como já ſeguros do perigo, e rebentando a eſte

a efte tempo a mayor, acabariaõ todos confumidos, e fepultados nas fuas ruinas; porém o fucceffo naõ correfpondeo ao defignio.

68 Os inimigos como tiveffem defcuberto do feu arrayal fete navios, de que era Capitaõ Francifco Henriques, conduzindo nelles para a Fortaleza munições, e duzentos e cincoenta Soldados, receofos de que efte foccorro lhes arrebataria das mãos o triunfo, fe refolveraõ em trinta de Abril, antes que os noffos defembarcaffem, invadir a Fortaleza, e naõ efperar para o dia feguinte deftinado para o affalto, de que logo deraõ finaes evidentes coroando-fe o monte da barreira da cavallaria, que fazia luftrofa guarda ao Principe Muley Hamete, e a feu tio ElRey de Dara, e defenrolando as bandeiras pelos vallos, trincheiras, e baftiões. Vendo Alvaro de Carvalho a refoluçaõ dos inimigos, mandou promptamente aos noffos Soldados, que occupaffem as fuas eftancias, apparecendo ao mefmo tempo guarnecidos os muros da Fortaleza daquelles Heroes, cujas feridas ainda vertiaõ fangue do combate antecedente, ouvindo-fe hum feftival, e harmoniofo eftrondo de trombetas, pifanos, e caixas, que mais parecia applaufo da vitoria, que preparaçaõ para o conflicto. Sentido Ifidoro de Almeida de naõ poder concluir a fegunda mina pela preffa, com que os inimigos nos queriaõ acometer, applicou todo o cuidado para

Refolvem os Mouros inveftir fegunda vez a Fortaleza.

Prepara-fe Alvaro de Carvalho para o affalto.

para acabar a primeira, aonde os esperava com impaciencia. Incitados os Mouros com mayores honras, e mais largos premios pelo seu Principe, principalmente àquelles, que se distinguissem com acções heroicas no assalto, se prepararaõ animosos, e resolutos para elle. Assistia por guarda do Cavalleiro Luiz de Faria, Fidalgo de grande esforço, e vigilancia em todos os perigos da guerra, ao qual estando acompanhado de Sebastiaõ de Brito, Manoel Rodrigues do Freixo, Gaspar Leite, e Artur de Brito, parecendo-lhe que já naquelle dia por ser tarde, e a maré cheya os inimigos naõ dariaõ o assalto, mandava aos Soldados tomar alguma refeiçaõ para os achar mais robustos o conflicto; porém Manoel Rodrigues do Freixo divisando por entre humas pipas estar junta a hum bastiaõ toda a Cavallaria dos inimigos, que attenta ouvia a exhortaçaõ dos seus Cacizes, disse a Gaspar Leite, que se naõ apartasse Soldado algum até que naõ vissem em que terminava aquelle silencio dos Mouros. Ainda naõ tinha acabado de proferir estas palavras quando se ouvio no campo huma medonha vozaria, que era sinal de ter acabado de fallar o Cacis, e logo dispararaõ aquella monstruosa bombarda chamada Maymona, que tinhaõ cavalgado sobre a sua trincheira, e havia muitos dias, que naõ usavaõ della por se lhe ter quebrado a carreta, da qual sahio huma

Estrago feito por huma monstruosa bombarda dos inimigos.

ma bala de pedra, que tinha cinco palmos e meyo de circumferencia, e rompeo o parapeito de dez palmos de groſſo, que eſtava ſobre o Cavalleiro, abrindo-lhe hum tamanho portal, que as ſuas ruinas mataraõ a Sebaſtiaõ da Silveira, e a Jorge de Alvelos, deixando a outros dous quaſi mortos.

69 Subiraõ com animoſa reſoluçaõ os inimigos levando tres bandeiras de cores, e lançando innumeravel quantidade de panellas de polvora com muitas ſevadeiras, e folles cheyos do meſmo material, que eſpalhavaõ por toda a Praça para ſe atear mayor incendio, e nelle abrazar aos cercados. Os noſſos diſpoſtos com melhor diſciplina, que no combate antecedente (pois naõ aſſiſtia no Cavalleiro mais que certo numero de arcabuzeiros, e ſe dava ſinal com huma trombeta, que eſtava no baluarte de S. Pedro, quando algum Mouro ſubia) eſperavaõ alentadamente aos inimigos recebendo-os nas lanças, de que cahiaõ infinitos precipitados. Travouſe o combate com medonha furia, e impeto, anhelando cada hum dos combatentes alcançar a gloria de vencedores. Era fatal o eſtrago, que experimentavaõ os Mouros, porque amparados os Portuguezes dos arcabuzeiros, que dominavaõ o Cavalleiro, aſſim como lhes eraõ ſuperiores no lugar, o eraõ em o valor. O eſtrondo da artilharia, e o clamor das vozes eraõ taõ horrendos, que ficaraõ

Violento impulſo, com que ſe principia o combate.

caraõ por muitos dias alguns Soldados ſurdos com a ſua violencia, augmentando-ſe mais com o numero de bombas, lanças de arremeço, e pedras, que ſem interpollaçaõ arrojavaõ huns aos outros. Naõ ſó o fogo batalhava contra os inimigos, mas tambem o fumo impellido pelo vento, que ſoprando antes do combate contra a Fortaleza, repentinamente ſe mudou como ſe foſſe por maõ inviſivel, com o qual morreraõ innumeraveis Mouros cegos, e ſoffocados. Animados os Portuguezes com eſte ſucceſſo, que parecia ſobrenatural ſubiaõ reſolutamente ao Cavalleiro, ſendo os primeiros Domingos de Vaſconcellos, Domingos Pereira, Manoel Rodrigues do Freixo, Gaſpar Leite, Joaõ de Souſa, Diogo Moniz, Simaõ Alvares da Cunha, que ſahio todo abrazado, o Capitaõ Joaõ de Mendoça, Fernaõ Ortiz, Franciſco Ferreira, Franciſco de Barros, Vaſco Fernandes Homem, Antonio Soares, Franciſco de Moura, Antonio Botelho, Ruy Dias de Sottomayor, Jeronymo Botelho, e Luiz Peſtana, que ambos foraõ gravemente feridos. Sebaſtiaõ de Brito, que jugando animoſamente alcanzias, ſahio com o roſto, e mãos queimadas. O Adail Franciſco de Figueiredo com os olhos abrazados do fogo guardava intrepidamente o portal aberto pela formidavel bombarda Maymona, e recebendo huma grande pedrada, que o derrubou por terra, onde podia ſer morto atropellado

Valeroſo animo, com que os noſſos rebatem a furia dos Mouros.

pellado com os pés dos ſeus companheiros, foy levado a caſa, onde convaleceo dos olhos, e das feridas. Tambem eſtavaõ abrazados D. Pedro de Menezes, Gomes Freire, Miguel Peſtana, Fernaõ de Rovoredo, Ambroſio de Aguiar, e Nuno de Brito, os quaes deſprezando a actividade do fogo, rebatiaõ ſem temor contra os inimigos as bombas, e lanças por elles arrojadas.

70 Ao tempo, que o combate eſtava mais furioſamente travado, e os inimigos menos prevenidos para o eſtrago, que os eſperava, entendeo Iſidoro de Almeida ſer a occaſiaõ opportuna para dar fogo à mina. Rebentou com tanta furia, e impeto, que lançando primeiramente huma nuvem de fumo involta em terra, ſahio outra de fogo, que cauſou em os Mouros o mais lamentavel, e horrivel deſtroço, que ſe póde conſiderar; porque arrazando toda a trincheira, arrebatou pelos ares a huma multidaõ innumeravel, e ſepultou outra mayor entre as ruinas derrubadas pela violenta actividade do fogo. Naõ ſe afrouxou a colera dos Mouros com taõ grande derrota, antes continuavaõ o aſſalto com mayor vigor; mas logo em caſtigo da ſua obſtinaçaõ experimentaraõ ſegundo deſtroço, pois naõ ardendo toda a polvora, com que eſtava attacada a mina, paſſado hum breve eſpaço rebentou a outra parte cauſando igual deſtruiçaõ, que a primeira, de cujo effeito conceberaõ os inimigos tal

Dá fogo Iſidoro de Almeida à mina, que fabricara.

R ii pavor,

Espantoso effeito, que causou a mina contra os inimigos.

pavor, que imaginando estar minada toda a Fortaleza, já pelejavaõ remissamente, e até os de cavallo se retiraraõ velozmente para salvar as vidas. A trincheira, que defendia aos Mouros, como estava toda arrazada, dava porta franca para que a nossa artilharia os offendesse livremente disparando dardos, e cadeas de ferro, cujo impulso fazia voar despedaçados a innumeraveis inimigos, e aquelles poucos, que escapavaõ desta fatalidade, estavaõ attonitos, e assombrados do lastimoso estrago de seus companheiros. A este tempo foy Pedro Paulo abrir a porta do mar para que desembarcasse Francisco Henriques, que conduzia sete navios de soccorro, de que acima fallámos, e por estar fechada a porta, e ter a chave Sebastiaõ de Brito, assistente no Cavalleiro, foy preciso, que a viesse abrir, cujo rosto estava disforme com o fogo. Desembarcado Francisco Henriques com a sua gente foy recebido com grande alvoroço pelo Capitaõ Ruy de Sousa de Carvalho, que ainda mal convalecido das feridas, e queimaduras recebidas no conflicto passado, esteve com a espada nua dando as ordens necessarias, e logo pedio a Francisco Henriques quizesse com a sua presença alentar aquelles Soldados, para que com mayor vigor, e constancia continuassem o combate. Subio promptamente ao Cavalleiro Francisco Henriques com parte da sua gente, e arvorando sobre o portal

Soccorro, que entra na Praça ao tempo do assalto.

aberto

aberto huma bandeira o ſeu Alferes Hippolyto Zuzarte ainda deſarmado como tinha vindo, conhecendo os Mouros ſerem Soldados novos, lhes arrojaraõ tal tempeſtade de pelouros, que foy logo deſpedaçada em varias partes a bandeira; naõ padecendo o menor damno o Alferes, excepto os veſtidos, que os tinha abrazados; admirando-ſe muito os inimigos de que a tempo taõ opportuno entraſſe tal ſoccorro, por cuja cauſa já deſanimados pelejavaõ mais conſtrangidos, do que voluntarios.

Pelejaõ os Soldados, que vieraõ do ſoccorro, com incrivel valor.

71 Em todo eſte conflicto aſſiſtia o Capitaõ Luiz de Faria pelejando ſem ceſſar, e quando via, que alguns Soldados desfaleciaõ ou por falta de forças, ou pelo grande numero de inimigos, chamava outros para que os ſoccorreſſem, concorrendo entre eſtes ſempre com animo invencivel Vaſco Fernandes Homem, que no portal recebeo huma grave ferida, e Luiz de Caſtro do Rio. Hum bombardeiro, que eſtava no travez de Pedro de Goes com hum tiro feito no eſpigaõ do baluarte derrubou felizmente pelo entulho abaixo as bandeiras dos Mouros, levando entre ellas deſpedaçado o Alferes môr, que ſuſtentava o eſtandarte de Muley Hamete, e juntamente duas eſcadas, por onde os inimigos nos commettiaõ, ficando huma ſó, que com hum pelouro diſparado do baluarte de Domingos Alvares Leite foy reduzida a pedaços com morte de muitos

Deſpedaça a noſſa artilharia as bandeiras, que os inimigos tinhaõ arvorado.

Retiraõ-se os Mouros totalmente destroçados.

muitos Mouros, que por ella subiaõ; cujo successo pelas suas circunstancias foy taõ applaudido pelos nossos, que começaraõ appellidar vitoria, e foy esta voz taõ alegre para os Portuguezes, como funesta para os inimigos, que naõ podendo já sustentar o combate, e muito menos a perda de seus companheiros, os obrigou a descer apressadamente do assalto, arrástrando em sinal de sentimento as bandeiras despedaçadas pelos nossos pelouros. Seguiraõ a mesma resoluçaõ os de cavallo retirando-se com huma marcha surda, que bem indicava a tristeza, que lhe opprimia os corações. Naõ obraraõ menos façanhas neste segundo assalto, que no primeiro as mulheres de Mazagaõ, pois sem distinçaõ de estados, ou idades ministravaõ aos Soldados pèdras, e outras armas offensivas contra os inimigos, e muitas vezes lhas arrojavaõ valerosamente sem temor da inundaçaõ de fogo, que cahia sobre a Praça, singularizando-se entre ellas Paulina Fernandes, que posta na escada do muro defendia com huma chuça naõ se retirasse algum dos nossos, antes os estimulava com palavras animosas a continuar a peleja. Neste grande assálto, que durou por espaço de cinco horas, morreraõ dos nossos sómente doze, sendo mayor o numero dos feridos, e abrazados, dos quaes foraõ os principaes: Sebastiaõ de Brito de Menezes, Francisco de Figueiredo, Adail da gente

Valor de Paulina Fernandes.

Perda, que recebemos no assalto.

gente de cavallo, Ambrosio de Aguiar, Simaõ Alvares da Cunha, Martim Affonso de Sousa, filho do Védor do Cardeal D. Henrique, Nuno de Brito, Antonio de Moraes, Pedro Vaz de Serqueira, Francisco Ferreira, e Domingos Pereira. Acabado o combate nomeou logo o Capitaõ Alvaro de Carvalho a Francisco de Moura para ir dar a noticia da felicidade do successo à Rainha Dona Catharina, pois havia de ser applaudido em todo o Reyno como merecia facçaõ taõ gloriosa, admirando todos o valor, com que tinhamos humilhada a arrogancia dos inimigos, e conseguido hum triunfo, que excedia a credulidade a naõ ser alcançado pelos Portuguezes.

CAPITULO X.

Fingem os Mouros assaltar outra vez a Fortaleza, e como desenganados da sua conquista levantaõ o campo, e se retiraõ para as suas terras. Relata-se o grande estrago, que padeceraõ em todo o sitio, e a fama immortal, que alcançou a naçaõ Portugueza por façanha taõ heroica.

72 POsto que os Mouros se retirassem do combate antecedente muito cortados

1562.

tados do noſſo ferro, ainda aſſim naõ deſiſtiraõ de reparar as ruinas abertas na ſua trincheira pela noſſa artilharia, affectando com eſte apparente trabalho aſſaltar outra vez a Fortaleza. Os noſſos, a quem a fadiga do conflicto paſſado tinha aſſazmente quebrantado os corpos, vendo o cuidado, com que os inimigos procuravaõ levantar a trincheira, ſe occuparaõ cautos, e vigilantes a reedificar o Cavalleiro, e baluarte, que ficaraõ baſtantemente derrotados, naõ lhe ſendo impedimento para taõ laborioſa empreza a debilidade das forças; antes tirando da fraqueza novos eſpiritos deſejavaõ, mais do que temiaõ, outro combate para ſe coroarem com triplicada vitoria. Eſte meſmo deſejo ardia no coraçaõ de Iſidoro de Almeida fabricando com incrivel brevidade nova mina, que ſerviſſe de funeſta ſepultura aos inimigos. Cubertos eſtes com a trincheira, que vigoroſamente reparavaõ para naõ ſerem maltratados da noſſa artilharia, foraõ deſenterrando os cadaveres dos ſeus companheiros, por ſer ley entre elles religioſamente obſervada, de naõ os deixar ſepultados em terra inimiga; e extraîdos da profundidade, onde os introduzira a violencia do fogo, os foraõ com igual trabalho, que piedade, transferindo a outra parte. Imaginou Iſidoro de Almeida que aquella acçaõ de cavar a terra era mais para inveſtigar as noſſas minas, do que deſenterrar os ſeus mortos, e diſ-

Reparaõ os noſſos, e os inimigos as ſuas ruinas.

e diſpoz, quando atacou a polvora na mina deixar de cada barril hum cordel prezo, que chegaſſe à Fortaleza, onde eſtavaõ continuamente vigiando os bombardeiros aos quartos, tendo os cordeis nas mãos com os botafogos accezos, para que tanto que ſentiſſem tocar nos barrís, déſſem fogo pelo reſiſto do cordel, e deſte modo pagariaõ com a morte a ſua curioſidade. Mas naõ era eſte o intento dos Mouros, ſe naõ levarem os corpos defuntos para outra ſepultura, e acarretar grande copia de lenha, com que cobriaõ as ſuas trincheiras determinando porlhe o fogo quando ſe retiraſſem, para que o fumo os amparaſſe de algum perigo, conſumindo em hum, e outro trabalho mais de oito dias continuos, e diſparando muitos tiros vagos, e incertos, com que nos perſuadiaõ apparentemente continuar o ſitio; mas a lentidaõ, com que adiantavaõ a trincheira, moſtrava que brevemente largariaõ o campo.

Prepara Iſidoro de Almeida terceira mina para deſtruiçaõ dos inimigos.

73 Neſte tempo chegou à Fortaleza, ſem faculdade da Rainha Dona Catharina, Martim Affonſo de Miranda, Camareiro môr do Cardeal, e tanto que o Capitaõ môr ſoube da ſua chegada, o foy buſcar louvando-lhe o brio, e esforço, com que antepunha os perigos daquella Fortaleza ao deſcanço da ſua caſa. Naõ eſperou que o mandaſſem ſubir ao Cavalleiro, mas lançando maõ de huma ceira de terra, a levou aos

Chega à Fortaleza Martim Affonſo de Miranda, e logo deu do ſeu valor ſingulares demonſtraçóes.

hombros até a parte mais eminente do baluarte, onde foy differentemente hoſpedado dos inimigos, do que fora pelos noſſos Soldados, pois diſparando aquelles huma peſſa deu o pelouro embaixo da noſſa trincheira, de cujo golpe levantando quantidade de terra ſepultou a Martim Affonſo, que milagroſamente eſcapou vivo. Ao dia ſeguinte chegaraõ à Fortaleza D. Pedro de Almeida, D. Diogo de Lima, Bernardo Carvalho, Luiz Alvares Pereira, que ſendo certificados por Franciſco Nobre do perigo, em que eſtava a Fortaleza, ſe embarcaraõ furtivamente para offerecerem as vidas em obſequio do ſeu Principe. Com o meſmo generoſo affecto aportou ao outro dia o Capitaõ Agóſtinho Ferraz com duzentos e cincoenta homens eſcolhidos, o qual por cauſa do temporal ſe apartara da eſquadra de Franciſco Henriques, com quem ſahira de Lisboa, e foy recebido com alvoroço, como tambem Franciſco Nobre trazendo repoſta do aviſo, que levara à Rainha, em cuja companhia vinha Thomé Rodrigues provído para ter cuidado dos armazens, e mais munições.

Levados de generoſos eſpiritos aportaõ outros Fidalgos à Fortaleza.

74 Amanheceo o dia 7. de Mayo conſagrado à Aſcençaõ de Chriſto, e logo de manhãa começaraõ os inimigos a bater com a artilharia o baluarte da porta da Villa por lhe ſer impoſſivel fazer outro mayor damno, o qual tinha durado

durado cinco dias. Logo que ſahio o Sol principiaraõ a lançar fogo em toda a lenha, que occupava os ſeus vallos, e trincheiras, e a tirar as bandeiras dos baſtiões, e era taõ denſo o fumo exhalado da lenha, que cobria todo o campo, que ſe o vento eſtiveſſe da parte contraria à Fortaleza nos cauſara grande horror, podendo à ſua ſombra ſermos commetidos; mas como já tinhaõ levado a artilharia lhes ſervio de reparo para naõ ſerem offendidos das noſſas balas. Deſeſperados de poder coroarſe vitorioſos com as triunfantes ruinas da Fortaleza, e ſentidos de que todo aquelle apparato militar concorrera para fazer mais plauſivel, e decantado o noſſo triunfo, ſe retiraraõ com igual confuſaõ, que ignominia, deixando para eternas teſtemunhas da noſſa gloria, e do ſeu eſtrago a vinte e cinco mil Barbaros. Ao tempo, que já caminhavaõ pelo fim das trincheiras contra Azamor, levantaraõ os noſſos hum formidavel alarido, com que lhe increpavaõ a ſua covardia, e diſparando do baluarte de Santiago huma bombarda, rompeo hum eſquadraõ, que deixou a muitos mortos, e feridos. Entre os jubilos de dia taõ feliz ſuccedeo hum deſaſtre, que cauſou exceſſivo ſentimento a todos, pois querendo Cleofaz Gil examinar a marcha dos inimigos, hum pelouro perdido lhe tirou a vida, merecedora de mayor duraçaõ pelas acções obradas neſte ſitio. Ao dia ſeguinte faleceo Louren-

Levantaõ os Mouros o cerco.

Perdem os Mouros vinte e cinco mil homens no progreſſo deſte ſitio.

Laſtimoſa morte de alguns Portuguezes.

ço de Sá abrazado no primeiro aſſalto, ſendo a ſua morte geralmente ſentida tanto pelo valor, com que pelejara, como pela tolerancia, com que em dezaſeis dias padeceo dores ſuperiores à humanidade; ſendolhe igual no ſofrimento, e na morte Joaõ de Mello, que ferido em hum pé de hum pelouro na eſtancia de Joaõ Rodrigues de Torres, depois de tolerar com invicta paciencia as violentas operações da Cirurgia acabou com laſtima dos companheiros.

Prociſſaõ de graças na Fortaleza pela felicidade da vitoria.

75 Tanto que os inimigos deſampararaõ o campo ſe fez huma ſolemne Prociſſaõ por toda a Villa acompanhada do Governador da Praça, Fidalgos, e Cavalleiros, em que muitos Sacerdotes com vozes acordes entoavaõ Pſalmos, e Hymnos, gratificando ao Author das vitorias o celebre triunfo, que a ſua Divina Piedade tinha concedido àquelle povo de poder taõ formidavel, a cuja devota conſonancia correſpondia feſtivamente a artilharia da Praça, convertendo em applauſo de dia taõ alegre o horror do perigo paſſado. Acabada a Prociſſaõ mandou Alvaro de Carvalho abrir as portas da Fortaleza para deſentulhar a cava, onde com admiraçaõ viraõ os noſſos Soldados as machinas, que a induſtria dos Mouros tinha levantado para noſſo eſtrago. Expedio logo o Capitaõ Joaõ de Mendoça para que foſſe digno menſageiro de noticia taõ plauſivel à Rainha Dona Catharina, a quem

O Capitaõ Joaõ de Mendoça vem à Corte com a noticia da vitoria.

quem reprefentaria menos com a eloquencia, do que com a authoridade da peffoa os memoraveis, e affombrofos fucceffos daquelle fitio, a que elle taõ alentadamente affiftira, e como os inimigos confufos, e injuriados nos largaraõ o campo, e a vitoria, fazendo-fe mais eftimavel por acabarem gloriofamente cento e dezafete Portuguezes, que ainda fendo poucos em o numero, eraõ infinitos para a faudade. Efta noticia encheo de tal alvoroço a Corte, que foy igualmente celebrada de grandes, e pequenos, exaltando com grandes elogios a prudencia, e vigilancia dos Capitães, o esforço, e valentia dos Soldados. A Rainha agradeceo com expreffões honorificas a Joaõ de Mendoça a noticia, que lhe dera, com a qual ficava aquella Praça fendo o incontraftavel antemural contra todas as invafões de Africa, e lhe mandou mais por honra, do que premio lançarlhe o habito de Chrifto.

76 Naõ fómente divulgou a voz da Fama efte efpantofo fucceffo em Portugal; tambem retumbou o feu ecco nos fete montes, em que fe exalta a Cabeça do Mundo, pois admirado o Pontifice Romano do militar esforço, que em obfequio da Religiaõ tinhaõ oftentado os Portuguezes, lhes canonizou o valor por mais que humano, e participando logo taõ feftiva noticia aos Legados, que affiftiaõ em Trento por Prefidentes do Concilio, lhes ordenou, que entre aquelle

Applaude o Pontifice, e os Padres do Concilio de Trento o invencivel esforço dos Portuguezes, que oftentaraõ nefte memoravel cerco. *Soufa, Vida de D. Fr. Barthol. dos Martyres, liv. 2. cap. 11.*

aquelle veneravel Congresso se solemnizasse com as mayores demonstrações de jubilo taõ inaudita façanha, em que era taõ interessada a Fé Catholica. Obedeceraõ os Legados à insinuaçaõ de Pio IV. e para mais plausivel argumento da celebridade foy composta huma Missa propria, cujas Orações agradeciaõ ao Deos dos Exercitos o triunfo alcançado contra os torpes sequazes de Mafoma.

Recebe Alvaro de Carvalho huma Carta da Rainha para que se recolha à Corte.

77 Chegado Joaõ de Mendoça a Mazagaõ, depois de expor a summa alegria, com que todo o povo recebera a noticia, que levara principalmente a Rainha, que fora o glorioso instrumento de toda aquella felicidade, entregou ao Governador a Carta da mesma Princeza, onde lhe agradecia o valor, com que em todo aquelle sitio se houvera, e que era justo viesse para a Patria receber o premio, de que era acredor o seu merecimento, deixando o governo da Fortaleza a seu irmaõ Ruy de Sousa de Carvalho, o qual se naõ fora seu irmaõ pelo sangue, o fora pelo esforço, confiando da sua grande experiencia, que em quanto aquella Praça estivesse amparada com a sua sombra nunca contra os seus muros prevaleceria a temeraria arrogancia dos Africanos. Recebida esta Carta por Alvaro de Carvalho com aquella estimaçaõ, de que era digna, determinou embarcarse logo para o Reyno, mas antes de partir quiz informarse certamente do

estrago

eſtrago padecido pelos Mouros no largo eſpaço de ſeſſenta e cinco dias, que durou o ſitio, para dar mais individual narraçaõ à Rainha; quando chegou hum Mouro à Fortaleza, e lhe contou todas as circunſtancias do ſucceſſo, affirmando que Muley Hamete ſe retirara para Marrocos à ordem de ſeu pay, por quem havia ſer injurioſamente recebido, pois com igual perda da honra, que de gente malograra aquella empreza, para que juntara o mayor apparato militar, que ſahira de Africa; e que Muley Hamete, e todos os Cabos principaes do Exercito hiaõ taõ cortados do medo, e do ferro, que nunca mais ſe atreveriaõ a olhar para os muros daquella Fortaleza, ſervindo-lhe a infauſta memoria do eſtrago padecido de eterno vituperio das ſuas armas. Com inexplicavel alvoroço ouvio Alvaro de Carvalho eſtas noticias, e em premio dellas mandou dar vinte cruzados ao Mouro, que logo foy reſtituído à ſua liberdade. Diſpoſtas algumas couſas pertencentes à conſervaçaõ da Fortaleza, ſe deſpedio Alvaro de Carvalho de ſeu irmaõ Ruy de Souſa de Carvalho, a quem entregou o governo, e embarcando-ſe entre vivas, e ſaudades chegou a Lisboa acompanhado de muitos Fidalgos, e Cavalleiros, onde foy benevolamente recebido da Rainha, louvando-lhe com exceſſivos applauſos a prudente direçaõ, e a vigilante prudencia, que ſempre obſer-

Tempo, que durou o ſitio.

Chega Alvaro de Carvalho a Lisboa, e dos elogios, com que a Rainha lhe engrandeceo o ſeu heróico valor.

obſervara em taõ dilatado ſitio, de que pendera a conſervaçaõ da Praça, a immortal gloria dos cercados, e a deploravel derrota dos inimigos: Que era tempo de ſe coroar vitorioſo com os louros, e palmas, que lhe tributava a Africa regados com o ſeu heroico ſangue, pois alcançara hum triunfo mayor do que ſonhou a Poeſia, e narrou a Hiſtoria, naõ ſómente vencendo homens, mas dominando Elementos: Que em quanto duraſſem os marmores daquella Fortaleza, viviria a pezar do tempo devorador eterna a memoria do ſeu nome, para os Portuguezes reſpeitado, para os Mouros temeroſo. Com iguaes, ou mayores elogios era celebrado Alvaro de Carvalho pelos Fidalgos da primeira grandeza, os quaes entre as congratulações de tantos applauſos para accreſcentarem mayor eſplendor ás ſuas peſſoas lhe invejavaõ a gloria de naõ ſerem ſeus companheiros dos perigos paſſados; e todo o povo com feſtivas, e ſinceras vozes o acclamava flagello da Mauritania, e immortal credito de Portugal.

CA-

CAPITULO XI.

Parte de Roma Lourenço Pires de Tavora, e das grandes honras, que recebeo do Pontifice, e outros Principes nesta despedida. He eleito seu successor D. Alvaro de Castro, chega a Roma, aonde expoem os negocios da sua Embaixada.

1562.

78 TAnto era o credito, que tinha adquirido Lourenço Pires de Tavora na Curia Romana com o ministerio de Embaixador exercitado por espaço de tres annos, que admirada a Cabeça do Mundo do seu profundo talento, e judiciosa capacidade o consultava como Oraculo: de tal sorte, que supplicando ao seu Soberano o mandasse restituir ao Reyno, posto que alcançasse duas vezes faculdade, o naõ executou impedido do empenho do Pontifice, escrevendo a ElRey D. Sebastiaõ fosse servido deixar assistir por mais tempo naquella Corte a Lourenço Pires para se valer das suas prudentes direções nos mayores negocios, em que era interessada a Christandade. Obedeceo Lourenço Pires ao preceito delRey, e ao gosto do Pontifice, que para significar a estimaçaõ, que fazia da sua pessoa, lhe destinou em os ultimos

Estimaçaõ, que mereceo em Roma Lourenço Pires de Tavora.
Hist. dos Var. do appellido de Tavor. pag. 211.

tempos da ſua aſſiſtencia em Roma para habitaçaõ hum quarto do Palacio Apoſtolico, onde familiarmente o tratava, confiando da ſua grande capacidade as materias mais graves para o governo, e conſervaçaõ da Igreja. Chegou finalmente o tempo de ſe reſtituir ao Reyno, para quem tinha alcançado da liberalidade Pontificia tantos privilegios, e favores; e querendo teſtemunhar Pio IV. o alto conceito, que ſempre fizera de Lourenço Pires de Tavora, o deixou eternizado à poſteridade neſta elegante recommendaçaõ, que delle fez à Mageſtade de D. Sebaſtiaõ.

Carta do Pontifice a ElRey D. Sebaſtiaõ em abono de Lourenço Pires de Tavora.

79 „Chariſſime, &c. Cum ex litteris dile„cti filii noſtri Henrici, Cardinalis patrui tui, in„telleximus vehementer abs Te deſiderari ope„ram dilecti filii nobilis viri Laurentii Pires, cum „ejus ſucceſſorem audiamus in itinere eſſe, diu„tiùs eum retinere noluimus, præſertim cùm ſi „diutiùs, hîc moraretur graviori valetudinis ſuæ „incommodo tam longæ viæ ſe fuerit commiſ„ſurus. Itaque cum benedictione noſtra eum „dimiſimus, gratam, & jucundam ejus memo„riam quoad vixerimus ſervaturi; eam in illo fi„dem, ac pietatem erga Maieſtatem tuam; eam „erga Sedem Apoſtolicam devotionem, & ob„ſervantiam; eam præterea in gerendis negotiis „virtutem, ſolertiam, induſtriam, dexteritatem„que cognovimus. Gaudemus Maieſtati Tuæ

preſtò

,, preſtò fore talis viri operam, cui omnes quam-
,, vis graves, & arduas res puto committi pote-
,, rit. Commendamus eum eidem Maieſtati tuæ,
,, niſi in remunerandis, & extollendis præſtanti-
,, bus, & benemeritis viris perpetuam, & ſum-
,, mopere laudandam iſtius Regis domûs conſue-
,, tudinem noſſemus: is Maieſtati tuæ, & pater-
,, num animum noſtrum adveniens declarabit, &
,, quædam prætereà ipſi paterno amori noſtro con-
,, ſentanea mandata exponet. Ejus orationi fi-
,, dem tua Maieſtas habere velit, quam Omni-
,, potens Deus incolumem cuſtodiat. Datum Ro-
,, mæ apud S. Petrum, die 11. Aprilis 1562. an-
,, no tertio.

Traduçaõ em Portuguez.

,, Chariſſimo, &c. Havendo entendido por
,, cartas do noſſo amado filho o Cardeal D.Hen-
,, rique voſſo tio, que deſejaveis aproveitarvos do
,, ſerviço do amado filho nobre Varaõ Louren-
,, ço Pires, e dizendo-nos, que he já partido ſeu
,, ſucceſſor, naõ o quizemos deter mais tempo,
,, principalmente podendo a demora ſer occaſiaõ
,, de entrar em taõ larga jornada com perigo de
,, ſua ſaude: pelo que com noſſa bençaõ o dei-
,, xamos ir, cuja memoria nos ſerá ſempre agra-
,, davel, e ſuave em quanto vivermos: tal foy
,, a fé, e amor, que nelle conhecemos para com
,, V. Mageſtade; a affeiçaõ, e devoçaõ a eſta
,, Sé Apoſtolica; o zelo finalmente, cuidado, e
,, deſtreza, com que tratou os negocios: e aſſim

T ii eſti-

,, eſtimamos, que V. Mageſtade ſe haja de va-
,, ler do ſerviço de tal peſſoa, a quem ſegura-
,, mente ſe podem encarregar todas as couſas por
,, graves, e difficultoſas, que ſejaõ. Nós o en-
,, commendáramos muito a V. Mageſtade, ſe naõ
,, ſouberamos o perpetuo, e louvavel coſtume
,, deſſa Corte em remunerar, e accreſcentar os
,, homens inſignes, e benemeritos: elle declara-
,, rá a V. Mageſtade o noſſo paternal amor, e
,, lhe dirá algumas couſas, que conforme a elle
,, lhe mandamos dizer, nas quaes lhe mande V.
,, Mageſtade dar credito. Deos guarde a V.
,, Mageſtade. Dado em Roma em S. Pedro a
,, 11. de Abril de 1562. anno terceiro.

O Senado Romano elege por ſeu Cidadaõ a Lourenço Pires de Tavora.

80 Admirado o Senado Romano dos elogios, com que o Pontifice exaltara o merecimento de Lourenço Pires de Tavora, determinou pelos votos dos Conſules Tiberio Margano, Paulo Bubalo, Marcello Alberino, e Horacio Urſino authorizar com a gravidade de tal peſſoa o numero dos ſeus Cidadãos, querendo que Roma ſe gloriaſſe com taõ illuſtre filho adoptado pela eleiçaõ, já que naõ teve a fortuna de o ſer pelo naſcimento; e lhe concederaõ para mayor brazaõ da ſua memoria ſe perpetuaſſem os privilegios, e iſenções deſte honorifico titulo em toda a ſua deſcendencia. Deſpedioſe Lourenço Pires do Papa, com aquellas expreſſões de agradecimento merecidas às honras publi-

Deſpede-ſe do Pontifice, que o mandou tratar com particulares honras.

publicas, e particulares, que recebera da ſua affectuoſa benevolencia, e ſahindo de Roma em 14. de Abril de 1562. o mandou acompanhar pela guarda dos ſeus cavallos ligeiros, capitaneada pelo Conde de Altaemps, irmaõ do Cardeal de S. Jorge Marco Sitico, ſobrinho do meſmo Pontifice. Nas primeiras duas pouſadas achou preparados pela magnificencia Pontificia eſplendidos banquetes, e ultimamente foy conduzido pelo Correyo môr do Papa por todas as terras da Igreja, onde era recebido pelos ſeus Governadores com Orações Gratulatorias, cujo obſequio ſómente ſe coſtuma praticar com os Principes. Dos Eſtados do Papa paſſou a Urbino, onde legoa e meya fóra da Cidade o eſtava eſperando o ſeu Duque com ſeu filho primogenito, e depois de o receber com inexplicavel jubilo, o tratou quatro dias com magnifica hoſpitalidade. De Urbino paſſou a Veneza: de Veneza a Milaõ: de Milaõ a França: de França a Caſtella, e entrando a 2. de Junho em Madrid, ſe deteve neſta Corte para tratar com El-Rey Filippe por commiſſaõ do Pontifice negocios de ſumma importancia para a Chriſtandade. Ultimamente chegou a Portugal; e coſtumando a Patria ſer ingrata a ſeus filhos, emendou eſta abominavel injuria do merecimento com os grandes dotes do ſeu talento, e capacidade, fazendo que ſe converteſſe toda em bocas para exaltar

Em Urbino o recebe o ſeu Duque com grande magnificencia.

tar o fiel desinteresse, e a politica sagacidade, com que administrara os negocios mais difficultosos, e alcançara os privilegios mais singulares para esta Monarchia, merecendo por taõ incomparavel ministerio a gratificaçaõ do Principe, a inveja da Nobreza, e a acclamaçaõ do vulgo.

Chega a Lisboa, onde he applaudido por todos.

81 Tres annos havia, que na Corte de França tinha exercitado o officio de Embaixador D. Alvaro de Castro com tanta satisfaçaõ do seu Soberano, que o achou digno de succeder no caracter a Lourenço Pires de Tavora, o qual entre outras graças alcançadas em beneficio do Reyno, fora a principal a do subsidio de cincoenta mil cruzados por cinco annos nas rendas Ecclesiasticas concedido no anno antecedente; e como naõ foy conveniente a ElRey D. Sebastiaõ usar desta graça pelos motivos já relatados, pedio ao Pontifice pelo novo Embaixador lhe convertesse aquella concessaõ em ter o Padroado dos Mosteiros do Reyno, cuja graça lhe foy concedida com varias condições, sendo huma dellas: Que se naõ utilizasse do subsidio Ecclesiastico. Mas como toda a Monarchia estava exhausta de cabedaes pela numerosa, e continua despeza feita para a memoravel defensa de Mazagaõ, cujas muralhas ainda conservavaõ o fogo, e exhalavaõ fumo da invasaõ, que tinhaõ padecido, e terse consumido grande somma de dinheiro no apresto de huma grossa Armada para

D. Alvaro de Castro succede a Lourenço Pires de Tavora na Embaixada de Roma.

Negociaçaõ, de que constava esta Embaixada.

ra

ra vingar o insulto dos Turcos, que com outra composta de quinze galés discorrendo pela costa do Algarve ancorou em Villa-Nova de Portimaõ, onde depois de fazer nella aguada, aprezaraõ alguns navios Gallegos, e Flamengos, e entre elles huma galé de Portuguezes, em que ficou cativo o seu Capitaõ Pedro Paulo, que tinha obrado acções heroicas no cerco de Mazagaõ, e outros Cavalleiros, cujo resgate foy de grande conveniencia para os Turcos, que favorecidos do vento escaparaõ do ultimo estrago promettido pelo nosso furor, sendo inutil todo o dispendio, que para este fim se tinha feito. Augmentava mais este grande gasto a conservaçaõ de muitos presidios nas vastissimas Regiões da Asia, sustentando-se tantos Exercitos, e Armadas para humilhar a soberba dos inimigos do Estado; principalmente quando prudentemente se receava, que aliviado o Turco da guerra, que lhe movera seu filho Bajazet com o Sophi da Persia, e tendo celebrado pazes com o Emperador de Alemanha, converteria toda a sua potencia contra as Praças presidiadas pelos Portuguezes na India, sendo necessario alistar novas tropas, e esquipar novas Armadas para rebater a furia de hum inimigo taõ formidavel.

82 Este era o total motivo, que impellio a ElRey D. Sebastiaõ a mandar a Roma D. Alvaro de Castro, fiando da sua efficacia representaria

taria ao Pontifice a urgente neceſſidade, que padecia o Reyno, concedendo-lhe para ſua conſervaçaõ como Pay benigno naõ ſómente a graça dos Padroados dos Moſteiros, mas que pudeſſe utilizarſe do ſubſidio dos cincoenta mil cruzados com as circunſtancias ſeguintes. Primeira: Que nos cinco annos, em que S. Santidade mandava cobrar o ſubſidio dos cincoenta mil cruzados, ſe começaſſe a executar deſde o dia da ſua promulgaçaõ, de tal ſorte, que foſſem cinco annos completos. Segunda: Que ſuppoſto a Bulla exceptuava os Beneficios, que naõ rendeſſem de cincoenta cruzados para cima, declaraſſe S. Santidade, que neſta renda entraſſem as diſtribuições quotidianas, e quaeſquer oblações, e benezes pertencentes aos intereſſados, que actualmente ſerviſſem os meſmos Beneficios. Terceira: Que neſta Bulla ſe naõ comprehendeſſem os reditos das Meſas Meſtraes das Ordens Militares de Chriſto, Santiago, e Aviz, por ſe ſuſtentarem com elles os Exercitos, e Armadas para defenſa do Reyno, e exaltaçaõ da Fé. Quarta: Que ficaſſem iſentas neſte ſubſidio as Commendas das Ordens Militares acima nomeadas, porque eſtas coſtumaõ contribuir para os gaſtos da Monarchia, que ElRey como ſeu Meſtre lhes mandava diſpender. Deſtas clauſulas conſtava a inſtrucçaõ, que levou D. Alvaro de Caſtro, que partindo de Lisboa a 22. de Mayo deſte

Circunſtancias, com que El-Rey pedio o ſubſidio Eccleſiaſtico.

te

te anno de 1562. chegou a Roma a 24. de Agosto, aonde antes de propor ao Pontifice a sua Embaixada, recebeo delRey D. Sebastiaõ huma carta escrita em 18. de Setembro para o mesmo Pontifice, na qual lhe agradecia as merces, que tinha recebido da sua liberalidade por diligencia do seu Embaixador Lourenço Pires de Tavora, e lhe representava as causas, que temos relatado, pelas quaes se constituía merecedor da graça do subsidio. A copia da carta era a seguinte.

Carta delRey D. Sebastiaõ para o Pontifice.

83 ,, Sanctissimo in Christo Patri, & Beatissimo Domino Pio IV. Pontifici Maximo. Sebastianus Dei gratiâ Portugalliæ, & Algarbiorum Rex citra, & ultra mare in Africa Dominus Guineæ, Navigationis, Expeditionis, Commercii Æthiopiæ, Arabiæ, Persidis, & Indiæ devotus, humilisque Sanctitatis tuæ filius religiosum sanctorum pedum osculum offert. Sanctissime Domine, & Beatissime Pater. Reddidit nobis Sanctitatis tuæ litteras Laurentius Pires à Tavora, Orator nuper apud Sanctitatem tuam noster, & quæ à Tua Sanctitate habebat in mandatis, accurate, diligenterque nobis explicavit. Ea ipsi per libenter audivimus. Erant enim, & per se ipsa gratissima omnia, & luculenta propensi tui erga nos animi significatione multò gratiora. Pro tam exuberanti igitur paternæ charitatis effusione, & tantis in

„ nos, Regnumque noſtrum collatis beneficiis cu-
„ piebam ſane, ut par erat, non per litteras ab-
„ ſens Sanctitati tuæ gratias agere, quas tamen
„ ago, quantas mens mea concipere maximas
„ poteſt, ſed ad Sanctitatis tuæ pedes coram ſu-
„ plex procidere eoſque religioſa veneratione oſ-
„ culari. Cujus indulgentiſſimæ erga nos benig-
„ nitati non fuit ſatis, nos, poſteroſque noſtros
„ Portugalliæ Reges jure patronatûs omnium,
„ quæ in Regno noſtro ſunt, Monaſteriorum or-
„ nare, niſi noſtrum etiam in eo jure obtinendo
„ ſtudium graviſſimo ſuo judicio comprobaret, &
„ tantum Beneficium illuſtri noſtræ in hanc Apo-
„ ſtolicam Sedem pietatis prædicatione cumula-
„ ret. Intelligent ſane cæteri, qui me (ut ſpe-
„ ro) longo ordine ſequentur Portugalliæ Reges
„ quantum ea juris patronatûs Monaſteriorum ac-
„ ceſſione, Sedis Apoſtolicæ liberalitati debeant;
„ ipſe verò imprimis ſanctitati tuæ plurimùm me
„ debere ſemper profitebor: non ob id ſolum
„ quod eo me primùm jure illuſtrare ſtuduerit,
„ & à me ad poſteros derivari; ſed quod tam
„ eo ſermone, quem poſtremum cum Oratore
„ noſtro in illius ad nos redditu habuit; quàm
„ amantiſſime ad nos ſcriptis litteris oſtenderit,
„ tam ſibi cognitam perſpectamque eſſe noſtram
„ pietatem, ut crederet, nos in eo patronatûs
„ Monaſteriorum jure petendo non tam noſtræ
„ dignitatis, quàm illorum utilitatis rationem ha-
buiſſe.

„ buisse. Quod cum ita se habeat, & ad resti-
„ tuendam, fulciendamque in illis Monasteriis ve-
„ terem disciplinam Sanctitas tua vehementer per-
„ tinere existimet, illa probatis, & in ejusdem
„ instituti professione spectatis hominibus in titu-
„ lum conferri, non autem vulgato, receptoque
„ pridem more commendari, eam conditionem
„ libentissime accipio. Quod verò ad pensionum
„ assignationem super eorumdem Monasteriorum
„ fructibus attinet; quam sibi, successoribusque
„ suis Sanctitas tua vult liberam reliqui; facile mi-
„ hi persuadeo Sanctitatem tuam, quod litteris
„ etiam suis ultrò significat; cæterosque Summos
„ Pontifices tuo præsertim exemplo incitatos quo-
„ ties Monasteriorum, de quibus agitur, Abbates,
„ Priores ne excedere è vita contigerit: ea in
„ constituendis super illorum proventibus, pen-
„ sionibus, æquitate, & moderatione usuros, ut
„ etiam citra descriptos à jure limites consistant,
„ ne instituta in Monasteriis religio labefactetur:
„ quod sequetur necessariò si immodicis pensioni-
„ bus eorum fructus exhauriantur. Qui ad con-
„ tinendam disciplinam, alendamque Monacho-
„ rum congruam multitudinem adeo sunt neces-
„ sariis, ut vix exigua portio sine magno instau-
„ ratæ religionis dispendio subtrahi, & in alios
„ quamlibet pios usus transferri possit. Quod cum
„ Sanctitati tuæ summæ curæ esse debeat, à me
„ tamen admoneri hoc maxime tempore est ne-

 cesse.

,, cesse. Quo propter assiduos sumptus bellorum,
,, quæ adversùs Numidiæ, Mauritaniæ, totiusque
,, pene Africæ nobis objectæ Regem, & adversus
,, Solymani copias terra marique instructissimas in
,, Oriente à nobis geruntur, facultates nostræ
,, adeò sunt exhaustæ, ut propter maximas im-
,, pensas proxima æstate à nobis factas tam in
,, solvenda Mazagoni oppidi in Mauritania no-
,, stri à Barbaris summâ vi oppugnati obsidione,
,, quàm in tuendis à Turcarum incursionibus Al-
,, garbiorum Regni finibus, non modo non pos-
,, sit Monasteriorum inopia sublevari, sed neces-
,, sario mihi sit utendum eo quinquaginta millium
,, aureorum ex Ecclesiarum proventibus per quin-
,, quenium annis singulis colligendorum, subsidio,
,, quod Sanctitatis tuæ beneficentia superiore an-
,, no nobis concessit. Cùm si per temporum as-
,, peritates licuisset, potius voluissemus onus ipsi
,, sustinere soli, quàm oneri esse nostrorum Reg-
,, norum Ecclesiis, quas paterna benevolentia am-
,, plectimur, & fovemus. Sed ejusmodi sunt dif-
,, ficultates consequutæ ab eo tempore, quo nos
,, libenter eo subsidio non usuros significavimus, ut
,, nemo grave sit existimaturus quod omnes pers-
,, piciunt esse omninò necessarium. Nam quod
,, ad Sanctitatis tuæ judicium pertinet, sic illi
,, omnes animi nostri sensus, atque motus cogni-
,, tos esse, probatosque confido, ut cum memi-
,, nerit, nos sponte nostrâ subsidiariæ hujus pe-
cuniæ

„ cuniæ contributione, quæ ne tum quidem gra-
„ vis poterat videri, & nobis magno uſui eſſe
„ poterat, hactenus abſtinuiſſe libentiſſime ſit ex-
„ iſtimatura, me tua præſertim Sanctitate innuen-
„ te eam uberaliter remiſſurum fuiſſe, niſi mihi
„ perſuaſiſſem gratiſſimum illi futurum ſubſidii ab
„ ea conceſſi beneficio ærarii noſtri difficultates ſub-
„ levari, poſtquam cognoviſſet quanto frequen-
„ tioribus, validioribuſque præſidiis maritima no-
„ ſtra in Africa oppida ſint modò à nobis mu-
„ nienda; quantò maioribus copiis Orientis mo-
„ tus comprimendi; quantò inſtructiore claſſe Tur-
„ carum, qui noſtra maria, littora, portus, op-
„ pidaque adeo ipſa mari vicina magno triremi-
„ um numero infeſtant, audacia coercenda. Spe-
„ ro autem fore, ut & priore juris patronatûs
„ Monaſteriorum gratiâ exiſtant poſthac, vevivi-
„ ſcente eorum religione, non pauci, qui ſan-
„ ĉte, pieque Deum colant; & hoc poſteriore
„ pecuniarii ſubſidii benificio reperiantur plurimi,
„ qui adverſus Chriſtiani nominis hoſtes fortiter,
„ conſtanterque dimicent, & tam excitatæ in
„ Monaſteriis religionis, quàm profligatæ hoſtium
„ potentiæ fructus ſecundùm Deum ad tuæ San-
„ ctitatis gloriam maximè pertineat; quarum re-
„ rum utraque cum omnibus de Chriſtiana Re-
„ publica piè cogitantibus maximam voluptatem
„ tum graviſſimo Reverendiſſimorum Patrum Se-
„ natui longe maiorem eſt allatura; quos non mi-
nus

„ nus restituendo in Monasteriis collapsæ disci-
„ plinæ, quàm reprimendæ Barbarorum insolen-
„ tiæ cupidos, studiososque esse confido; quibus
„ cum Sanctitas tua exposuerit eas rationes, quæ
„ ad utrumque in nos conferendum beneficium
„ ejus animum impulerunt, non poterunt pro sua
„ pietate, & suo in nos etiam studio, atque be-
„ nevolentia non vehementer probare tuæ erga
„ nos charitatis indulgentiam, quam ego, cæte-
„ rique Portugalliæ Reges perpetuæ servitutis,
„ observantiæ, obedientiæ, pietatisque professio-
„ ne promerebimur; & obsequiorum diligentia,
„ atque assiduitate testabimur. Cætera, quæ ad
„ hanc rem pertinent, exponet nostro nomine
„ Sanctitati tuæ Alvarus à Castro Orator apud
„ Te noster, quem peto humiliter ut tua Sancti-
„ tas benigne audiat, & fidem ei integram ad-
„ hibeat. Sanctissime in Christo Pater, & Bea-
„ tissime Domine, Christus Optimus, Maximus
„ Sanctitatem tuam diù nobis incolumem tueatur.
„ Olyssippone, XVIII. Septembris. Anno Do-
„ mini M.D.LXII.

84 Tanto que D. Alvaro de Castro recebeo esta carta a levou ao Pontifice, confiando que as affectuosas, e reverentes expressões, com que fora escrita, seriaõ suaves estimulos para mover a vontade a Pio IV. concedendo ao seu Soberano o que pertendia. Depois que o Papa leo a carta começou, como sempre costumava, a en-

a engrandecer a piedosa veneraçaõ delRey de Portugal para com os Vigarios de Christo, e como por ella se fazia acredor de todas as graças, e privilegios, naõ sendo menos digno de louvor a nomeaçaõ dos Ministros, que fazia para representarem a sua Real Pessoa; pois parecendo-lhe, que naõ haveria quem igualmente succedesse a Lourenço Pires de Tavora, cuja memoria seria eterna naquella Corte, tinha presente a hum Ministro, que enchia inteiramente o lugar de seu grande antecessor: Que naõ era necessario representarlhe S. Alteza as Armadas, e Exercitos, que continuamente aparelhava para ruina dos inimigos de Christo, pois naõ havia parte por mais remota, onde se naõ testemunhasse esta verdade, sendo as quatro do Mundo glorioso theatro das suas vitorias, ouvidas com jubilo pelos Catholicos, e com horror pelos infieis; e que attendendo aos copiosos dispendios feitos incessantemente para taõ santas emprezas, lhe concedia novamente o subsidio Ecclesiastico; e que a respeito da graça do Padroado, que implorava, considerando todas as razões allegadas pelo Embaixador em favor do seu Principe, e attendendo às antigas obrigações, de que a Sé Apostolica se confessava penhorada pelos Monarchas Portuguezes, e naõ menos pelo ardente zelo, com que em todo o tempo promoveraõ o augmento, e gloria da Igreja Romana, lhe

Elogios, com que o Pontifice exalta a piedade do nosso Monarcha.

Concede o Pontifice as graças imploradas pelo nosso Principe.

lhe concedia benignamente o que naquella materia lhe ſupplicava, com aquellas condições, que S. Alteza pertendia, ſendo ellas: Que os Moſteiros andaſſem em Titulo, e naõ em Commenda, ficando-lhe faculdade para pôr nelles penſões: Que ſeria metade dos frutos, quando vagaſſem; e que deſejava eſtiveſſe a Sé Apoſtolica muito opulenta para conceder com mais ampla faculdade eſta graça a S. Alteza; porém por eſtar exceſſivamente falta de collações de Moſteiros, naõ podia deixar de reſervar para ſi a outra parte das penſões, para com ellas premiar alguns Cardeaes, e outras peſſoas benemeritas da Igreja, affirmando ſer o ſeu mayor deſejo manifeſtar a todos os Principes o pio intento, com que S. Alteza procurava, que os Moſteiros andaſſem em Titulo, para que eſtimulados com o ſeu exemplo em ſeus Eſtados, e Dominios obraſſem acçaõ ſemelhante por contribuir toda em beneficio da Religiaõ Chriſtãa; e que eſperava apreſentaria S. Alteza peſſoas taõ dignas, e capazes, que na ſua eleiçaõ reſultaſſem copioſos frutos aos intereſſes eſpirituaes do Reyno; e ultimamente concluîo, que deſejava lhe ficaſſe reſervado hum Moſteiro para o prover ſem nomeaçaõ de S. Alteza, de cuja benignidade eſperava naõ ficaria deſraudado deſte deſejo.

85 Ouvio attentamente D. Alvaro de Caſtro ao Pontifice, e para de algum modo lhe grati-

gratificar os grandes elogios, que fizera ao ſeu Monarcha, pois excediaõ o numero das ſupplicas, ſe proſtrou por terra, e beijando-lhe o pé, ſignificou em nome do meſmo Principe a benevolencia, com que S. Santidade naõ ſó o ouvira, mas a promptidaõ com que o deſpachara; certificando-lhe que S. Alteza receberia hum goſto exceſſivo de que S. Santidade ſe ſerviſſe naõ de hum Moſteiro, mas de todos quantos eſtavaõ edificados em ſeus Dominios, ſendo toda eſta oblaçaõ limitado obſequio à profuſaõ de graças, e privilegios, que das ſuas ſagradas mãos tinha recebido. A Bulla deſtas conceſſões foy expedida no ultimo de Julho do anno ſeguinte de 1563. pelo Embaixador, com a qual mandou huma carta eſcrita a ElRey D. Sebaſtiaõ, onde relatava com ſumma individuaçaõ os elogios proferidos pelo Pontifice em obſequio da ſua Real Peſſoa.

Gratifica o noſſo Embaixador, com reverentes expreſſões ao Pontifice a conceſſaõ das graças.

CAPITULO XII.

Celébra ElRey D. Sebastiaõ as primeiras Cortes, para que saõ convocados os Tres Estados do Reyno, em cuja presença renuncia a Rainha Dona Catharina a administraçaõ da Monarchia, e se entrega ao Cardeal D. Henrique.

1562.

86 ENtre todas as Princezas, que dominaraõ o throno de Portugal, de nenhuma lhe deve ser taõ saudosa a memoria como a da Rainha Dona Catharina de Austria, dilatando com a sua prudente, e vigilante administraçaõ, exercitada por espaço de quasi cinco annos, igualmente a gloria da sua fama, como a vastidaõ do seu Dominio. Naõ he mais illustre o berço do Sol, do que foy aquelle, em que nasceo esta Princeza; pois produzida do augustissimo tronco de tantos Ascendentes coroados, foy irmãa do Cesar Austriaco Carlos V. e esposa de hum Monarcha, que encheo o Reyno de gloria, e o Mundo de espanto. Deste feliz consorcio tantas foraõ as producções da sua fecundidade, quantos os animados milagres de valor, prudencia, e fermosura, que illustraraõ a Europa, participando com mayor excesso desta felicidade a Coroa de Castella, quando com o au-

Acções illustres, que obrou a Rainha Dona Catharina na administraçaõ da Monarchia.

o augusto desposorio de sua filha unío as Quinas Portuguezas com os Leões de Castella. Por morte delRey D. João o III. recebeo a administração do Reyno, e de tal sorte se applicou aos interesses Politicos, e Militares da Monarchia, que se conheceo a falta de seu Real Esposo pela saudade, e não pela grandeza das acções. Amou como filhos, os que governava como Vassallos, permittindo que sem injuria da Soberania cedesse ao amor a Magestade. Prevenio com a promptidão dos despachos a importunação das supplicas, e sem excesso do rigor, nem offensa da justiça, os benemeritos forão premiados, os delinquentes punidos. Foy o seu coração o Altar da Religião, o seu peito o Templo da virtude, o seu juizo o deposito da prudencia, e as suas mãos o thesouro da liberalidade. Eternos monumentos da sua piedade forão os muitos Conventos, que devotamente reedificou; o Tribunal do Santo Officio em Goa, e alguns Bispados no Oriente, que zelosamente erigio, e os doutos Prelados, que para as Dioceses judiciosamente elegeo. Antepoz com generosa razão de Estado as conveniencias publicas ao proprio descanso, e possuindo todos os attributos da grandeza, se admirou na sua Real Pessoa por especial indulto da Providencia huma participação da immensidade, assistindo presente em todo o Reyno, e suas Conquistas, não sen-

 do

do baſtante a remotiſſima diſtancia, e o vaſtiſſimo intervallo de tantas terras para lhe impedir a próvida vigilancia da ſua maternal protecçaõ. Confeſſe-o toda a Aſia, aonde abateo, e derrotou a contumaz ſoberba de muitos Principes, qua repugnavaõ ſer Vaſſallos da noſſa Coroa. Teſtemunhe-o Africa na memoravel defenſa de Mazagaõ, de cujos marmores lhe lavrou a Fama a ſua Eſtatua para a collocar no Templo da Eternidade; ſendo eſta façanha taõ heroica, que quiz foſſe a Coroa de todas as acções obradas em todo o tempo, que governara a Monarchia.

87 Havia dous annos, que eſta Soberana Heroína fatigada com a adminiſtraçaõ de hum Reyno taõ dilatado eſcrevera aos Tres Eſtados delle, repreſentando-lhes as cauſas urgentes, que a moviaõ a aliviarſe de hum taõ laborioſo miniſterio, querendo occupar os ultimos dias da ſua vida retirada a hum Convento, onde ſe habilitaſſe para alcançar outra Coroa mayor, do que aquella, que governava. Contradiſſeraõ a eſta diliberaçaõ todos os Vaſſallos, conſiderando que ſem a direcçaõ de huma taõ prudente Matrona, ſe converteria a gloria, e conſervaçaõ do Reyno em deploravel ruina. Cedeo a Rainha em obſequio do amor, e zelo, com que ſe oppunhaõ peſſoas taõ graves ao ſeu intento, e continuou com a meſma vigilancia na regencia da Monarchia.

chia. Combatida de novos eſtimulos, que a incitavaõ a preferir a quietaçaõ do ſeu eſpirito e ao incanſavel cuidado do Reyno, repreſentou com efficacia ao Cardeal D. Henrique naõ poder continuar na adminiſtraçaõ, que lhe fora commettida, pois os annos por ſerem muitos, e as forças poucas, conſpiravaõ fatalmente para naõ ſuſtentar o pezo da Monarchia, a qual ſómente em os ſeus hombros, como mais robuſtos, deſcanſaria firmemente ſegura da menor ſombra da adverſidade: Que lhe naõ podia cauſar aſſombro a reſoluçaõ, que emprendia, pois naõ era nova, quando para a executar lhe offerecera a natureza o exemplar mais perfeito em ſeu irmaõ Carlos V. que deixando heroicamente o vaſto dominio de tantas Coroas, ſe retirara ao ſilencio do Clauſtro, onde exercitara as virtudes, que lhe impediaõ a multidaõ dos negocios, e o eſtrondo das armas, e que entre tantas glorioſas acções, que obrara aquelle Heroe, eſta era a unica, que podia imitar, pois a imbecillidade do ſexo lhe impoſſibilitara o exercicio de outras, com que aſſombrara ao Mundo: Que largamente tinha vivido para beneficio do Reyno, ſendo juſto que o pouco tempo, que lhe reſtava de vida, o dedicaſſe a Deos, interpondo algum eſpaço entre o reynar, e o morrer.

Propoem a Rainha ao Cardeal D. Henrique querer deixar o governo do Reyno.

88 Ouvio o Cardeal attentamente a Rainha, e ponderando o perigo, a que ſe expunha o Rey-

O Cardeal lhe perſuade o contrario.

no

no com aquella resoluçaõ, se empenhou com razões solidas, e efficazes, para que a naõ effeituasse; mas foy inutil toda a diligencia, naõ podendo prevalecer contra a sua determinaçaõ, antes mais constante, e resoluta no seu intento, persuadio a seu Neto convocasse os Tres Estados do Reyno a Cortes, para se tratarem materias muito convenientes à conservaçaõ da Coroa, e nellas fazer mais solemne a renuncia da regencia da Monarchia. Foraõ logo convocados os Tres Estados do Reyno por cartas circulares, sendo a que escreveo a Rainha em nome de seu Neto à Cidade de Lisboa, a seguinte.

Convocaõ-se os Tres Estados do Reyno para Cortes.
Baena, Vida delRey D. Sebast. cap. 1. §. 4.
Mariz, Dial. de Var. Hist. dial. 5.

Carta da Rainha aos Vereadores de Lisboa.

89 „Vereadores, e Procuradores desta Cidade de Lisboa, e Procuradores dos Mesteres „della. Eu ElRey vos invio muito saudar. Porque eu queria tratar, e communicar algumas „cousas muy importantes a serviço de Nosso Senhor, e meu, e bem de meus Reynos com „todos os Tres Estados delles, como sempre se „costumou fazer, e he razaõ, que se faça, determino com a ajuda de Nosso Senhor fazer „Cortes nesta Cidade de Lisboa aos doze do „mez de Dezembro, que vem deste anno de „1562. pelo que vos encommendo muito, e mando, que logo como esta virdes, elijaes dous „Procuradores taes pessoas, e assim sufficientes „como para tal auto se requere, os quaes traráõ procuraçaõ bastante segundo sempre se cos-

tuma

,, tuma fazer para com elles, e com outros Pro-
,, curadores das outras Cidades, e Villas, que
,, mando vir às ditas Cortes, poder praticar, com-
,, municar, e assentar tudo aquillo, que para ser-
,, viço de Deos, e meu, e bem de meus pó-
,, vos me parecer; e elles traráõ quaesquer lem-
,, branças, que vos parecer que sejaõ de servi-
,, ço de Deos, e meu, e bem de meus póvos,
,, e desta Cidade. E nisto vos encommendo,
,, que considereis, e todos o pratiqueis para me
,, poderem fazer melhor as taes lembranças, por-
,, que o meu principal respeito he ordenarse tu-
,, do assim como convém a meu serviço, e bem
,, dos ditos póvos, o que vos encommendo, e
,, mando, que assim façaes, e vós lhes ordena-
,, reis sua despeza segundo se costuma fazer, e
,, prazendo a Nosso Senhor eu ós despacharey
,, com toda a brevidade. Antonio de Aguiar a
,, fez em Lisboa a 11. de Julho de 1562.

Rainha.

90 Para a solemnidade deste acto, que foy em 13. de Dezembro, se destinou huma sala dos Paços da Ribeira, que estava magnificamente armada de preciosas tapeçarias. Na frente desta casa havia hum estrado grande de varios degraos, e emcima delle outro mais pequeno de tres degraos, sobre o qual estava huma cadeira de espaldas com huma almofada aos pés, a quem coroava hum magestoso docel, sendo tudo cuber-

to

Principiaõ-se as Cortes, e das pessoas, que nellas assistiraõ.

to de riquissimo brocado. Tanto que foraõ horas competentes, sahio ElRey do seu quarto acompanhado do Cardeal D. Henrique, o Senhor D. Duarte, Condestavel do Reyno, o Duque de Bragança D. Theodosio, D. Affonso de Portugal, Conde do Vimioso, o Conde de Portalegre, Mordomo môr, D. Diogo da Silveira, Guarda môr, Ruy Gomes da Silva, Copeiro môr com o estoque levantado, que nesta funçaõ fez o officio de Condestavel, e outros muitos Cavalheros, e ao entrar ElRey na sala houve huma harmoniosa consonancia de instrumentos, que applaudiraõ a sua chegada; e logo se sentou na cadeira, que estava preparada, ficando detraz della D. Aleixo de Menezes, Ayo do mesmo Principe. Ao lado direito delRey estava o Cardeal D. Henrique em pé com o barrete na maõ, e no segundo degrao desta parte estava o Duque de Bragança sentado em cadeira raza. Da parte esquerda assistia sentado em cadeira raza sobre o estrado grande, proximo a ElRey, o Senhor D.Duarte, e no segundo degrao desta parte estava sentado em semelhante cadeira o Duque de Aveiro. Para o lado esquerdo estavaõ o Mordomo môr, e o Meirinho môr D. Duarte de Castello-Branco com a vara na maõ, e para o direito assistiaõ algum tanto apartados do Cardeal o Copeiro môr com o estoque levantado, e o Guarda môr. No ultimo

degrao

degrao do eſtrado pequeno, onde ſe firmava a cadeira delRey, eſtava Pedro de Alcaçova Carneiro, Secretario de Eſtado, que neſte acto ſervio de Eſcrivaõ da Puridade. Da parte direita da ſala eſtavaõ ſentados os Prelados pela ordem da ſua ſagraçaõ, os quaes eraõ: D. Fernando de Vaſconcellos e Menezes, Arcebiſpo de Lisboa; D. Rodrigo Pinheiro, Biſpo do Porto; D. André de Noronha, Biſpo de Portalegre; D. Manoel de Noronha, Biſpo de Lamego; D. Fr. Joaõ de Portugal, Biſpo da Guarda; D. Jayme de Lencaſtro, Biſpo de Ceuta, e Olivença; D. Manoel de Almada, Biſpo de Angra; D. Joaõ de Mello, Biſpo do Algarve; e D. Juliaõ de Alva, Biſpo de Miranda.

Prelados, que aſſiſtiraõ neſta funçaõ.

91 Defronte dos Biſpos eſtavaõ ſentados os Marquezes, e logo os filhos do Duque de Bragança, e Duque de Aveiro, a quem ſe ſeguiaõ os Condes por ſuas antiguidades, e abaixo deſtes os Senhores de terras, e Alcaides mores, cuja ordem era a ſeguinte. O Marquez de Torres-Nove, o Marquez de Villa-Real, D. Jayme, irmaõ do Duque de Bragança, e D. Conſtantino; D. Affonſo, e D. Luiz, irmãos do Duque de Aveiro, D. Pedro, filho ſegundo do Duque de Aveiro, o Conde de Linhares, o Conde do Vimioſo, o Conde de Tentugal, o Conde de Odemira, o Conde da Caſtanheira, o Conde da Vidigueira, D. Luiz de Caſtro, o Baraõ de

Fórma, com que eſtavaõ os Cavalheros.

Alvito, D. Franciſco de Faro, D. Affonſo de Menezes, D. Gil Eanes da Coſta, Luiz Alvares de Tavora, D. Martinho de Caſtello-Branco, Martim Correa da Silva, Fernaõ da Silva, Fernaõ da Silva de Alpalhaõ, Joaõ Gomes de Lemos, D. Fradique Manoel, Luiz de Alcaçova, D. Manoel Lobo, D. Diogo de Caſtro, D. Pedro de Souſa, Chriſtovaõ de Mello, Manoel da Camera, Manoel Corte-Real, o Capitaõ da Ilha da Madeira, o Capitaõ da Praya, o Marichal D. Pedro de Noronha, Diogo Lopes de Souſa, D. Affonſo de Noronha, Ruy Telles, D. Franciſco Rolim, D. Pedro Coutinho, Jorge da Silva, D. Rodrigo de Menezes, Affonſo de Albuquerque, D. Joaõ Maſcarenhas, D. Garcia de Menezes, Lopo Peixoto, Bernardim de Tavora, Simaõ Guedes, D. Joaõ de Caſtello-Branco, Franciſco Barreto, Nuno Rodrigues Barreto, D. Manoel de Portugal, D. Garcia de Caſtro, Martim Affonſo de Souſa, D. Duarte de Almeida, D. Pedro de Menezes, Thomé de Souſa, D. Alvaro de Abranches, Franciſco Correa, Antonio Correa, D. Garcia de Almeida, Fernaõ da Silveira, D. Lopo de Azevedo, D. Duarte da Coſta, Franciſco de Sá, Franciſco Carneiro, D. Diogo de Caſtro Lobo, Jorge Moniz, Gonçalo Coelho, Senhor de Filgueiras, Antonio de Mello, Alcaide môr de Elvas, Antonio de Mello, Alcaide môr de Caſ-

tromarim,

tromarim, Braz Telles, D. Fernando Alvares de Noronha, Lourenço Pires de Tavora, Ruy Lourenço de Tavora, André Gonçalves de Ribafria, Alcaide môr de Cintra, D. Antonio de Caſtello-Branco, Senhor de Pombeiro, Jorge de Lima, Joaõ Gomes, Alcaide môr de Cea, Manoel de Mello Coutinho, D. Eſtevaõ da Gama, D. Manoel de Menezes, Deaõ da Capella, o Doutor Antonio Pinheiro.

92 No primeiro degrao do eſtrado grande eſtavaõ ſentados os Védores da Fazenda; no ſegundo o Regedor com o Chanceller môr, e os Deſembargadores do Paço; no terceiro os Corregedores da Corte, e os Deſembargadores da Caſa da Supplicaçaõ todos deſcubertos. No ultimo degrao aſſiſtia da parte direita o Porteiro môr, e da eſquerda o Repoſteiro môr. Eſtavaõ em pé os Reys de armas, e os Porteiros divididos em igual numero, huns da parte do banco dos Biſpos, e outros da parte do banco dos Titulos, e mais Cavalheros. Tanto que eſte luzido concurſo eſteve em ſilencio, ſe levantou o Doutor Antonio Pinheiro, e em nome do Eſtado Eccleſiaſtico recitou com a eloquencia, de que era ſummamente dotado, a Oraçaõ ſeguinte.

Muito alto, e muito poderoso Rey,
e Senhor nosso.

Oraçaõ, que recitou o Doutor Antonio Pinheiro em nome do Estado Ecclesiastico.

93 „ ENtre todas as comparações, que
„ os Filosofos guiados por razaõ hu-
„ mana, e os Sagrados Authores inspirados por
„ revelaçaõ Divina acharaõ para representar a
„ fórma, e qualidade, que toda a Republica
„ bem instituida, e ordenada deve ter para con-
„ seguir seu fim, foy a semelhança, que todo o
„ racional, e legitimo Ajuntamento tem com o
„ corpo verdadeiro, e natural: pelo qual o Rey,
„ em que a Republica transferio todo o poder,
„ e authoridade de reger, e mandar, he compa-
„ rado à cabeça, e aos membros inferiores os
„ Vassallos, que como subditos estaõ obrigados
„ servir, e obedecer. A muitas cousas he com-
„ parado o Rey, porque na semelhança de hum
„ só se naõ podia achar a significaçaõ das mui-
„ tas qualidades, em as quaes os que regem,
„ e governaõ, haõ de exceder aos governados,
„ e regidos. Mas o que espalhadamente em di-
„ versos exemplos, quasi em sombras, foy obscu-
„ ramente figurado, neste em que o corpo mys-
„ tico da Republica he proporcionado com o
„ material per junto, e quasi ao vivo he repre-
„ sentado. Sol he o Rey em seu Reyno, de
„ seus rayos a Republica, como a Lua, recebem
luz,

„ luz, e refplendor, e efclarece fua fermofura,
„ e em todas fuas partes recebe huma fuave, e
„ natural quentura, com que profpéra, e perfe-
„ vera em feu vigor. Olho he o Rey, que pa-
„ ra feus Vaffallos poderem repoufar quietos,
„ fempre véla. O que he a alma no corpo com-
„ pofto de quatro elementos, he o Rey no Rey-
„ no compofto de tres Eftados. A abelha, que
„ fem ter aguilhaõ, com que laftime, prefide às
„ outras, femelhança he do Rey, cujo Sceptro
„ ha de ter feveridade fem rigor, authoridade com
„ clemencia, fuavidade na difpofiçaõ das coufas,
„ perfeverança conftante na execuçaõ dellas; e
„ finalmente, affim como a incomprehenfivel in-
„ finidade das perfeições Divinas reluz na parti-
„ cipaçaõ, que dellas tem todas as coufas crea-
„ das, affim porque o mais expreffo retrato, que
„ ha na terra da potencia, fabedoria, e bonda-
„ de do Senhor Deos, he o Rey, que por fua
„ graça he feu temporal Miniftro, e por fua Di-
„ vina Providencia, dos homens he amado, obe-
„ decido, e temîdo, ordenou, que muitas das
„ coufas creadas o reprefentaffem em fuas quali-
„ dades, e nellas lhe ferviffem de lembranças das
„ muitas, em que o Rey deve fer confummado,
„ e perfeito. Mas porque na femelhança, que
„ o corpo imaginario, e intellectual tem com o
„ palpavel, e fenfivel, naõ fómente fe contém
„ as perfeições do Rey, mas tambem fe conhe-

cem

„ cem melhor por ellas as commuas, e recipro-
„ cas obrigações do Rey, e dos Vassallos, a ca-
„ beça, e membros do corpo da Republica, de
„ cuja conformidade pende a conservaçaõ, e prof-
„ peridade della, sobre todas as semelhanças esta
„ foy dos Authores Divinos mais lembrada, e
„ dos Gentios, e profanos mais geralmente ce-
„ lebrada: nella, como em espelho claro, vê o
„ Rey, pois he cabeça, que tudo o bom, que
„ Deos lhe communicou, he para o influir em
„ proveito, e bem commum de seus Vassallos,
„ porque a cabeça natural, que he a sua imagem,
„ e figura o que mais tem que os outros mem-
„ bros, que he ser assento da razaõ, e da ma-
„ yor, e melhor parte dos sentidos, tudo conver-
„ te em beneficio dos membros, que a ella saõ
„ sogeitos. Nella vém os subditos, e Vassallos
„ a obrigaçaõ, que tem de aliviar o pezo das
„ necessidades, e trabalhos, que seu Rey pade-
„ ce, pois saõ membros, a que o Rey como
„ cabeça dá politico movimento, e sentido. Nel-
„ la conheceraõ melhor o Rey, e os Vassallos
„ quanto convém para o Reyno ter espirito de
„ vida pacifica, prospera, e quieta; serem de
„ ambas as partes os intentos taõ desapropriados
„ de si, e taõ conformes, que cada huma das
„ partes se ajunta para bem da outra, e ambas
„ para o bem commum de todo o corpo da Re-
„ publica. E posto que fóra deste solemne Ajun-
tamento

„ tamento de Cortes os ſubditos, e Vaſſallos re-
„ ceberaõ do Rey, que os governa em tramqua-
„ lidade de paz, e igualdade de juſtiça continua-
„ mente eſta vital influencia he o Rey dos ſeus
„ Vaſſallos ſerviço, ſubjeiçaõ, e devida obedien-
„ cia, toda via quanto neſta geral congregaçaõ
„ de Cortes, a que ſois chamados, a conjunçaõ
„ myſtica da cabeça com ſeus membros eſtá mais
„ manifeſta, e mais viva; mais eſpera toda a Re-
„ publica deſtes Reynos, que cada huma das par-
„ tes tenha nella mais preſente a lembrança de
„ ſua obrigaçaõ, e que reſulte della naõ ſómen-
„ te o remedio das neceſſidades, e couſas, a que
„ por mandado de S. Alteza ſois chamados; mas
„ tambem dos abuſos, exceſſos, ſuperfluidades,
„ delicias, corrupções dos bons, e antigos coſtu-
„ mes, com a obſervancia dos quaes eſtes Rey-
„ nos floreceraõ ſempre, e proſperaraõ, e por cu-
„ jo eſquecimento vivem carregados, e opprimi-
„ dos de continuas neceſſidades, e trabalhos ſe ſe
„ póde dizer, que vive o Reyno, que como pa-
„ ralitico em ſeu leito dura ha tantos annos,
„ ſem dos beneficios, que lhe foraõ applicados,
„ ſentir ſaudavel, e conſtante melhoria. O que
„ no eſpiritual Reyno da Igreja Militante ſaõ os
„ Sagrados Concilios, ſaõ no temporal Reyno,
„ e humano os Ajuntamentos de Cortes: e ainda
„ que as ſantas Congregações dos univerſaes Con-
„ cilios tenhaõ privilegio da infallivel aſſiſtencia

do

,, do Eſpirito Santo, de que carece os Ajuntamen-
,, tos das Cortes politicas, e temporaes; toda via
,, em ſeu modo preſide tambem nellas o Eſpiri-
,, to do Senhor; com ſua providencia aſſiſtem os
,, Anjos da Guarda do Rey, dos Reynos, e das
,, Provincias com mayor luz do que fazem no
,, diſcurſo do ordinario governo; pelo que ſe eſ-
,, pera mayor reformaçaõ de coſtumes, mayores
,, defenſivos contra as ſuperfluidades mais preſen-
,, tes, e mayores remedios contra as neceſſidades
,, futuras, e preſentes; pela qual razaõ quanto
,, diſto mayores ſaõ as cauſas, que ElRey noſſo
,, Senhor teve para vos mandar ajuntar, e para
,, vos mandar dar conta das neceſſidades da ſua
,, fazenda, e das obrigações dos novos gaſtos,
,, que lhe he neceſſario fazer para defenſaõ de
,, ſeus Reynos, e Senhorios, que vós hoje jun-
,, tamente neſta ſolemnidade de Cortes repreſen-
,, taes, tanto mais vos convém, que procureis
,, todos ter a Noſſo Senhor propicio em noſſos
,, trabalhos, pois para remedio delles he já qua-
,, ſi neceſſario ſeu miraculoſo, e extraordinario
,, concurſo, o qual naõ poderemos alcançar ſe
,, no Ajuntamento, que S. Alteza ordenou para
,, o bem geral de todos, houver reſpeito ao bem,
,, ou mal particular de alguns: e poſto que aſſim
,, pelo eſtado, em que ficaraõ as couſas de ſeus
,, Reynos por falecimento delRey, que Deos
,, tem, ſeu Avô, como tambem pela conſolaçaõ,
que

„ que podereis receber de beijar a maõ a S. Al-
„ teza novamente levantado por voſſo Rey, e
„ Senhor natural, deſejou muito vervos juntos
„ no principio de ſeu reynado, e ajudarſe de
„ noſſas lembranças para o bom regimento de
„ ſeus Reynos, toda via o faz agora com ma-
„ yor contentamento, em que vós o tereis tam-
„ bem mayor de o ſervir vendo-o já em idade,
„ que vo lo póde melhor conhecer, e agrade-
„ cer. Eſte deſejo de vos ver juntos teve ante
„ S. Alteza tanta força pelo amor, que vos tem,
„ e o que ſabe que lhe tendes, que quando ceſ-
„ ſaraõ as urgentes cauſas, que teve para vos
„ mandar ajuntar, ella fora per ſi razaõ baſtante
„ para fazer Cortes, e para vos mandar chamar
„ a ellas. Proprio foy ſempre dos naturaes deſ-
„ tes Reynos viverem da vida, e viſta de ſeu
„ Rey; lealdade, e fidelidade nos Portuguezes
„ naõ ſaõ qualidades por tempo, e por coſtume
„ nelles adquiridas; mas por naſcimento de ſeus
„ Mayores quaſi herdadas, e por natureza em
„ todos quaſi impreſſas. Proprio foy ſempre dos
„ Reys deſtes Reynos quererem antes ſerem dos
„ ſeus Vaſſallos amados como Pays, que temi-
„ dos como Senhores, pelo que naõ ſómente fo-
„ raõ ſempre dos ſeus Vaſſallos com mayor amor
„ ſervidos, mas tambem dos eſtranhos com ma-
„ yor razaõ temidos; e ainda que para Vaſſal-
„ los, que na continuaçaõ do amoroſo ſerviço

,, do seu Rey saõ taõ ferventes, qualquer exem-
,, plo de huma só cousa, em que o mostrassem
,, possa parecer mais afronta, que louvor, pois
,, todas as em que o podem mostrar, saõ certos,
,, e perpetuos exemplos do filial amor, e lealda-
,, de, com que sempre servem; toda via posto que
,, o invictissimo esforço, com que os Portuguezes
,, no sitio passado de Mazagaõ sem lhes ser ne-
,, cessaria ajuda dos Reynos confederados, e lia-
,, dos, e amigos resistiraõ a todo o poder do Xa-
,, rife occupador de tantos Reynos em Africa,
,, aos Mouros, e a elle mesmo fez grande espan-
,, to, mayor admiraçaõ causou em todas as na-
,, ções, a que chegou a fama das illustres vitorias,
,, que em todos os assaltos, que os inimigos de-
,, raõ, os nossos alcançaraõ a promptidaõ, e ca-
,, lor, com que os Fidalgos criados de S. Alte-
,, za, e seus Vassallos forçando o mar, e o ven-
,, to à obediencia do seu Rey, que sobre tudo
,, mais veneraõ, e temem. Quanto os recados
,, eraõ de mayor aperto, e môr perigo, mais se
,, apressavaõ a ser presentes nelle, naõ tanto por
,, soccorrer aos cercados, de cuja constancia, e
,, esforço estavaõ confiados, quanto por se lhes
,, naõ passar a desejada occasiaõ de mostrarem a
,, todas as nações do universo Mundo o amor,
,, e gosto, com que offerecem, e sacrificaõ suas
,, vidas, pessoas, e fazendas por serviço do seu
,, Rey, Senhor, e Pay de todos. Esta obriga-
çaõ

„ çaõ de ſer no amor Pay da Republica de ſeus
„ Reynos terá ElRey noſſo Senhor mayor lem-
„ brando-lhe, que tem a Republica de ſeus Rey-
„ nos obrigaçaõ de filho. Ella com orações o
„ concebeo, com ſuſpiros, e intenſas dores o pa-
„ rio; voſſas devoções alcançaraõ de Noſſo Se-
„ nhor eſta Real planta, cuja ſombra nos faz am-
„ paro, cuja freſcura nos dá contentamento, cu-
„ jo fruto ſatisfaz voſſo goſto. . Voſſas Prociſſões
„ ajudaraõ o feliciſſimo parto da Sereniſſima Prin-
„ ceza D. Joanna noſſa Senhora, ſua mãy; voſ-
„ ſas lagrimas a allumiaraõ, lagrimas naõ menos
„ verdadeiras teſtemunhas da ſaudoſa triſteza, que
„ em todos deixou a anticipada morte do muito
„ alto, e muito excellente Principe D. Joaõ ſeu
„ pay, que da feſtejada alegria, que cauſou em
„ todos o glorioſo naſcimento delRey noſſo Se-
„ nhor ſeu filho. A novidade do nome de Se-
„ baſtiaõ, a qual entre todos os Reys deſtes Rey-
„ nos ſeus Progenitores he o primeiro, ſerá ſem-
„ pre hum vivo memorial da obrigaçaõ, em que
„ vos he a vós, que com tanto fervor o pediſ-
„ tes, e da que eſtes Reynos teraõ ſempre ao
„ glorioſo Martyr S. Sebaſtiaõ, ao qual antes co-
„ mo a fiel interceſſor deviaõ ſua ſaude, e da-
„ quelle dia, que foy para eſtes Reynos de no-
„ va luz, como a Padroeiro, e Protector deve-
„ raõ ſempre a deſejada ſucceſſaõ de S. Alteza,
„ que he a vida, com que mais verdadeiramente

„ vivem, e respiraõ. Ordinario costume foy sem-
„ pre da subjeiçaõ leal dos Portuguezes confir-
„ marem a obediencia, que devem aos Reys des-
„ tes Reynos, seus naturaes Senhores, com o so-
„ lemne juramento, que fazem aos Principes her-
„ deiros delles. Lembrarse-ha S. Alteza quanto
„ passou o amor, com que o desejastes, do costu-
„ me, que sempre tivestes, pois aos Principes
„ herdeiros recebeis por Senhores depois de nas-
„ cidos, e á S. Alteza em vossos corações juras-
„ tes por Senhor antes de ser nascido. Naõ cau-
„ sou sómente este amor taõ fervente a certa es-
„ perança, que todos tinheis de ser ElRey nos-
„ so Senhor naõ menos legitimo successor das he-
„ roicas virtudes dos Reys seus Antecessores, que
„ verdadeiro herdeiro da Coroa de seus Reynos,
„ principalmente tendo ainda fresca a memoria
„ delRey D. Manoel, seu Visavô, de gloriosa
„ lembrança; mayormente neste dia, em que
„ com a vida deixou a governança destes Rey-
„ nos, em que mais mereceo a gloria do Rey-
„ no, que sua alma possúe para sempre, e sen-
„ do-lhe ainda presentes, e quasi vivos os exem-
„ plos do muito alto, e muito poderoso Rey
„ D. Joaõ o III. seu Avô de louvada memoria,
„ cuja Religiaõ, zelo do culto Divino, pruden-
„ cia, clemencia, magnanimidade, igualdade,
„ paciencia nas adversidades, moderaçaõ, be-
„ nignidade, amor a seus Vassallos, e outras
muitas

,, muitas esclarecidas, e muito eminentes virtu-
,, des, vivem ainda na lembrança dos presentes,
,, e viviráõ sempre na memoria dos vindouros.
,, Mas porque esperastes todos haver de ter El-
,, Rey nosso Senhor desacostumadas, e quasi Di-
,, vinas virtudes, cujo nascimento pareceo a to-
,, dos desacostumado, e Divino, se na dilaçaõ
,, do chamamento a Cortes naõ concorreraõ ne-
,, cessarias, e justas causas, e della se recebera
,, algum damno, com este só fruto ficava bem
,, recompensado, pois o que sómente podeis es-
,, perar das virtudes de S. Alteza se no princi-
,, pio de seu reynado foreis juntos, agora pelo
,, successo da sua idade podeis já ver em muita
,, parte effeituado; conhecida está já em S. Al-
,, teza a viveza do engenho, promptidaõ do jui-
,, zo, certeza da memoria, reverencia aos Offi-
,, cios Divinos, devoçaõ aos Sacramentos, aca-
,, tamento às cousas Sagradas, amor à Justiça,
,, compaixaõ às pessoas miseraveis, grandeza de
,, animo, ao que tudo dá singular ornamento, e
,, lustre seu gracioso, e alegre semblante, sua cor-
,, poral disposiçaõ sofredora dos exercicios, em que
,, em casa se occupa, e dos trabalhos, em que
,, fóra no campo se exercita. A estas primicias
,, de grandes virtudes vay succedendo outra or-
,, dem de virtudes mayores, que cada dia mais
,, com a idade se vaõ descubrindo: a filial obe-
,, diencia, e amorosa reverencia à muito alta, e
muito

„ muito poderosa Rainha D. Catharina sua Avô,
„ nossa Senhora em reconhecimento do muito,
„ que lhe deve pela diligencia, com que o creou,
„ pelo cuidado, com que lhe escolheo pessoas pa-
„ ra o serviço da sua Real Pessoa, e Casa, pe-
„ lo amor, com que naõ sómente aceitou a go-
„ vernança, e defensaõ de seus Reynos, e Se-
„ nhorios, mas perseverou no regimento delles,
„ preferindo o serviço delRey nosso Senhor seu
„ neto ao bem commum, e geral de seus Rey-
„ nos à sua saude, vida, e consolaçaõ particu-
„ lar; o devido respeito, e gracioso acatamento
„ ao muito alto, e muito excellente Principe,
„ e Reverendissimo Cardeal Legado o Infante
„ D. Henrique seu tio, como quem conhece o
„ muito serviço, que lhe faz em ajudar a Rai-
„ nha nossa Senhora nos trabalhos da governan-
„ ça de seus Reynos com seu santo zelo, pru-
„ dente conselho, e perseverada diligencia. Es-
„ ta, e outras virtudes, que a moderada condi-
„ çaõ de S. Alteza já naõ sofre tratarem-se em
„ sua presença, naõ sómente vos daõ contenta-
„ mento, porque vedes cumprido muito do que
„ esperaveis; mas porque saõ as virtudes de S.
„ Alteza, que já nesta idade saõ descubertas,
„ certos, e abonados fiadores das que nas ou-
„ tras idades se haõ de descubrir; pelo que quan-
„ to mayores esperanças concebeis de S. Alteza,
„ tanto como leaes subditos, e Vassallos vos de-
veis

„ veis mais de esforçar ao ſerviço, aſſim no re-
„ medio das neceſſidades, que padece a Coroa
„ de ſeus Reynos, como das outras couſas, pa-
„ ra bem das quaes por ſeu mandado foſtes cha-
„ mados, e ſois juntos; e pois naõ menos ſaõ
„ notorias a todos as grandes difficuldades da fa-
„ zenda de S. Alteza, que as grandes obrigações
„ de preſentes, deſpezas aſſim ordinarias no pro-
„ vimento dos lugares de Africa, que com tan-
„ to gaſto ſuſtenta, como extraordinarias no per-
„ cebimento de novas Armadas para reſiſtir às que
„ os Turcos cada anno vaõ engroſſando com tan-
„ to damno, e perigo dos lugares maritimos deſ-
„ tes Reynos, para defenſaõ dos mares, e coſ-
„ tas dos Reynos, e Provincias do ſeu commer-
„ cio, navegaçaõ, e conquiſta, eſpecialmente
„ nas partes da India contra o poder do Turco
„ poſſuidor de tantos Imperios; com razaõ ſe
„ deve eſperar de vontades para o ſerviço de S.
„ Alteza taõ promptas, taõ offerecidas, e taõ
„ confórmes, que com a leal, e amoroſa tençaõ,
„ com que vos ajuntaſtes, alumiará Noſſo Se-
„ nhor voſſos entendimentos, para que além do
„ ſerviço, que de todos S. Alteza tem por muy
„ certo, o ſirvaes tambem com a lembrança dos
„ remedios, que para taõ urgentes neceſſidades
„ vos parecerem proveitoſos. E porque S. Al-
„ teza deſeja aſſim por cumprir com ſua Real
„ obrigaçaõ, como por folgar de fazer merce a
todos

„ todos os Eſtados de ſeus Reynos prover no
„ remedio daquellas couſas , que vir , que con-
„ vem ao bem commum de ſeus Reynos , vos
„ encommenda , e manda , que offerecendo-ſevos
„ algumas couſas, que por ſuas Ordenações, Preg-
„ maticas , e Regimentos ainda naõ eſtem pro-
„ vidas , ou que por ſe naõ cumprirem , e guar-
„ darem as Leys , e Ordenações ſobre ellas fei-
„ tas , naõ ſaõ inteiramente remediadas , lhe fa-
„ çaes nellas as lembranças neceſſarias com o amor,
„ e cuidado , e reſpeito , que de vós confia , e
„ eſpera , para nellas mandar , e ordenar o que
„ vir que mais convem a ſeu ſerviço , e ao bom
„ regimento de ſeus Reynos , e ao proveito , e
„ bem commum de todos ſeus ſubditos , e Vaſ-
„ ſallos.

94 Acabada eſta Oraçaõ , que foy ouvida, com igual admiraçaõ , que ſilencio , ſe levantou o Doutor Eſtevaõ Preto , Deſembargador da Caſa da Supplicaçaõ , e Procurador da Cidade de Lisboa , e em nome do Eſtado da Nobreza , e povo proferio a ſeguinte pratica , a qual em quanto durou todos os aſſiſtentes na ſala aſſim Titulares , como os que o naõ eraõ , eſtiveraõ em pé deſcubertos por fallar por todos.

Muito alto, e muito poderoſo Rey, e Senhor.

Oração, que diſſe o Doutor Eſtevaõ Preto em nome da Nobreza, e povo.

„ POr muito certo, e por muy ſem duvida
„ temos, que eſte Ajuntamento, e Congre-
„ gaçaõ de Cortes, e tudo que hora por parte
„ de V. Alteza ſe nos apreſenta, he com zelo,
„ e virtuoſo propoſito de fazer merce a ſeus pó-
„ vos, e Vaſſallos, e tudo, que parecer, que
„ convem ao ſerviço de Deos, e ſeu, e ao bom
„ regimento, e governança da Republica, paz,
„ e ſocego, e bem commum de ſeus Reynos;
„ o que ſempre ſe deve ter muito reſpeito, e
„ poſto que a iſſo obrigue ſua propria natureza,
„ e Sceptro Real, ainda muito mayor obrigaçaõ,
„ e eſtima he o amor, e vontade, com que o
„ chamou, e lhe quiz communicar o modo, e
„ meyos, por onde iſto ſe deve, e póde fazer.
„ Couſa por certo digna de perpetua, e eterna
„ memoria, pelo que beijamos as mãos de V.
„ Alteza, e porque como as couſas, que ſaõ
„ fundadas no amor de Deos, e do proximo ſe
„ naõ podem nunca errar, prazerá a elle, que
„ taes ſeraõ as que aqui ſe tratarem, e que ſe or-
„ denará ſua fazenda na fórma, e modo, que
„ deve, e ſe eſcuſaráõ os gaſtos ſuperfluos, e deſ-
„ neceſſarios della, e ſe limaráõ, e apararáõ naõ
„ ſómente as Leys, mas ainda os Miniſtros, e
„ Officiaes de Juſtiça, para que ſe faça igualmen-

„ te a todos com a diligencia, vigilancia, e lim-
„ peza, que ſe deve, porque della como de Prin-
„ ceza, e Rainha procedem toda las outras vir-
„ tudes, que já em V. Alteza reſplandecem, e
„ como em porfia trabalhaõ qual dellas nelle te-
„ rá o primeiro lugar. Pois V. Alteza ao pre-
„ ſente em taõ tenra idade ſe começa a lembrar
„ de nós, prazerá ao Senhor Deos, que lhe dará
„ taõ longos annos de vida, e com tantos con-
„ tentamentos, e accreſcentamentos do ſeu Real
„ Eſtado, como ſeus póvos, e Vaſſallos lhe de-
„ ſejaõ, e o fará taõ Chriſtianiſſimo, e taõ ze-
„ loſo da juſtiça, paz, ſocego, quietaçaõ do ſeu
„ povo, como o foy o muito Catholico, e eſ-
„ clarecido Rey D. Joaõ voſſo Avô, que Deos
„ tem, e o foraõ ſeus antepaſſados, de que V.
„ Alteza vem, e deſcende, e como o he a Se-
„ reniſſima Rainha voſſa Avô, que nos hora em
„ voſſo nome governa, e que Noſſo Senhor dê
„ tanta vida, que ella da ſua maõ em perfeita
„ idade de V. Alteza lhe entregue per ſi a go-
„ vernança de ſeus Reynos em tanta paz, e ſo-
„ cego, como nos até hora tem, para que V.
„ Alteza em ſeus dias nos cumpra inteiramente
„ o que ſe nos agora da ſua parte offerece, co-
„ mo cremos, que ſerá, porque pois o pode-
„ roſo Deos por ſua miſericordia nos quiz dar a
„ V. Alteza taõ miraculoſamente em tempo, que
„ taõ pouca eſperança tinhamos de taõ aſſinada
merce;

„ merce; de crer he, que elle o terá ſempre da
„ ſua maõ, e que de ſua ſucceſſaõ nos fiquem
„ ſempre naturaes herdeiros, e ſucceſſores, que
„ nos rejaõ, e governem. E pois elle ſe quiz
„ dar particularmente por defenſor deſtes Rey-
„ nos, e nos quiz dar ſuas Chagas por Armas,
„ por muy ſem duvida temos, que naõ permitti-
„ rá, que em tempo algum taõ excellentes, e
„ glorioſas Armas tenhaõ outra nenhuma miſtura;
„ e como de Rey dado miraculoſamente por Deos
„ os ſeus póvos, e Vaſſallos crem, eſperaõ, e tem
„ por fé, que V. Alteza os manterá ſempre em
„ juſtiça, e os defenderá, e amparará dos inimi-
„ gos, que individamente os quizerem offender,
„ e opprimir; e os regerá, e governará mais com
„ favor, e amor de Pay, que de Senhor, como
„ ſua lealdade, e muito amor lhe merecem, de
„ tal maneira, que elles ſe tenhaõ por ditoſos, e
„ bemaventurados na obediencia, e ſogeiçaõ de
„ tal Rey, e Senhor; porque na verdade niſſo
„ conſiſte a ſumma felicidade, e bemaventuran-
„ ça da Republica. Pelo que bem ſe cré, que
„ confórme a iſto naõ deve V. Alteza de querer
„ de povo, que tanto eſtima, e de que taõ que-
„ rido, e amado he, ſe naõ couſas taõ juſtas, e
„ taõ arrezoadas, que ſem trabalho, nem eſcan-
„ dalo ſe poſſaõ licitamente fazer, e concertar
„ confórme a poſſibilidade do Reyno, e das mui-
„ tas neceſſidades, em que o tempo o tem poſto,

,, como notoriamente se vê: porque quando isto
,, assim for, como esperamos, que seja, V. Al-
,, teza póde ter por muy certo, que seu povo fol-
,, gará, e terá muito gosto, e contentamento de
,, em todo o possivel o servir com suas pessoas, e
,, vidas, pois que por experiencia se tem tantas
,, vezes visto a vontade, e amor, e diligencia,
,, com que sempre os naturaes deste Reyno acu-
,, diraõ ao serviço de seu Rey, assim nos tempos
,, passados, que lemos, como neste presente, que
,, vemos; porque como se vê, e sente, que cum-
,, pre ao serviço de V. Alteza, ou succedem cou-
,, sas, a que he necessario acudir, assim offerecem
,, o sacrificio de suas vidas com tanto fervor, e
,, pressa de quem o primeiro fará por vosso lou-
,, vor, e serviço, que pospondo por elle o natu-
,, ral amor das mulheres, e dos filhos, e gastos da
,, sua fazenda, que muitos naõ tem, e buscaõ pa-
,, ra isso com tanto alvoroço, amor, e vontade
,, se opporem a tudo o que póde succeder, co-
,, mo se muita certeza tivessem de por isso alcan-
,, çarem a perpetua bemaventurança do povo, e
,, Vassallos, em que taõ certa está sempre esta
,, vontade, e amor natural, naõ se deve presu-
,, mir, que poderáõ nunca negar, o que com ra-
,, zaõ V. Alteza delles quizer. E por todas estas
,, palavras serem do coraçaõ, e da alma do seu
,, povo, como taes se haõ de achar sempre suas
,, obras, e serviços.

Fina-

95 Finalizadâ esta pratica chegaraõ o Arcebispo de Lisboa com os Bispos do Porto, e Algarve, que eraõ eleitos pelo Estado Ecclesiastico, e offereceraõ a ElRey hum memorial, onde em breves clausulas representavaõ as principaes materias, que haviaõ ser determinadas naquellas Cortes pertencentes à sua Jerarchia; e recebendo ElRey o papel, o entregou a Pedro de Alcaçova Carneiro, Secretario de Estado. Seguiraõ-se aos Prelados os Titulares, os quaes pelos seis eleitos, que eraõ o Conde da Castanheira, D. Diogo de Castro, D. Garcia de Castro, Fernaõ da Silveira, D. Joaõ de Castello-Branco, e D. Joaõ Mascarenhas apresentaraõ, a ElRey outro papel, que ElRey aceitou, e deu ao Secretario de Estado. Ultimamente pelo Estado do povo apresentou as suas supplicas, escritas em hum memorial, Martim Affonso de Sousa, e todos estes Procuradores em nome dos seus Constituintes beijaraõ a maõ a S. Alteza. A este tempo chegou Simaõ Guedes, Védor da Casa da Rainha, e da parte della entregou hum papel fechado ao Doutor Antonio Pinheiro, assinado pela Rainha em 8. de Outubro de 1562. para que em voz alta o lesse a todo aquelle Concurso, o qual constava das palavras seguintes.

Proposições, que fizeraõ a ElRey os Procuradores dos Tres Estados do Reyno.

96 „Que ElRey seu Senhor, e marido, que „Deos tinha, a nomeara, e declarara muitos dias „antes do seu falecimento por tutora, e curadora

Declaraçaõ da Rainha, que leo neste acto o Doutor Antonio Pinheiro, em que deixava o governo do Reyno.

„ ra do Senhor Rey ſeu Neto, e por Regedo-
„ ra, e Governadora de todos ſeus Reynos, e
„ Senhorios; e que depois do ſeu falecimento fo-
„ ra eſta ſua vontade, e determinaçaõ approva-
„ da, e ratificada pelo Senhor Cardeal ſeu irmaõ,
„ e pelos Grandes dos ditos Reynos, confórme
„ a Eſcritura, que diſſo fora feita neſſe tempo,
„ do que ella com muito juſtas cauſas ſe pudera
„ eſcuſar de taõ grande trabalho, vendo, e co-
„ nhecendo, que nenhuma couſa lhe era mais
„ propria, que ſentir taõ grande perda, e pedir
„ a Noſſo Senhor nella conſolaçaõ, e conformi-
„ dade com ſua Divina vontade, que a grande-
„ za da dor requeria, e que aquelle, de quem re-
„ cebia eſpiritos, e forças em todas as couſas fo-
„ ra Deos ſervido por ſeus grandes peccados, que
„ lhe faltaſſe; toda via lembrando-ſe mais da obri-
„ gaçaõ, que lhe tinha, que do que ſe lhe re-
„ preſentava em couſa taõ grande, para a qual
„ nunca as partes, que para ella ſe requeriaõ, po-
„ diaõ ſer iguaes aos deſejos, que ella tinha de
„ o fazer com bom acerto; aceitou o ſervir niſſo
„ a Deos Noſſo Senhor, e obedecer a ElRey
„ ſeu Senhor, e fazer alguma obra de amor ao
„ Senhor Rey ſeu Neto, a quem o tinha muy
„ grande, e que aſſim procedera no trabalho, até
„ que conhecendo-ſe ſem forças para o continuar,
„ determinara de o deixar, e o declarara aſſim ao
„ Senhor Cardeal ſeu irmaõ, e a todo o Rey-
no;

,, no; e por elle, e por todo o Reyno lhe fora
,, pedido com a inſtancia, que ſe ſabia, que o
,, naõ quizeſſe deixar; apreſentando-lhe muitas ra-
,, zões para iſſo, e que ella pelo comprazer, e
,, tambem por ſe naõ moſtrar ingrata a taes Vaſ-
,, ſallos tanto para eſtimar, quiz tirar forças don-
,, de as naõ havia, e moſtrarlhe que naõ era me-
,, nos o amor, com que iſto queria tornar a fazer
,, por elles, que aquelle com que elles lhe pediaõ,
,, que ella o fizeſſe. Porém que agora conſide-
,, rando os annos, que havia, que governava,
,, e regia eſtes Reynos, e como verdadeiramente
,, ſua diſpoſiçaõ por cauſa dos muitos, e grandes
,, trabalhos, que niſſo tinha paſſado, e principal-
,, mente por ſua grande deſconſolaçaõ, naõ era
,, a que convinha para poder mais com tamanho
,, pezo, como era o governo de taõ grandes Rey-
,, nos, e Senhorios; pelo que declarava às ditas
,, Cortes, onde S. Alteza eſtava preſente, e aos
,, Tres Eſtados dos ſeus Reynos eſtavaõ juntos,
,, declaraſſe, e notificaſſe de ſua parte, que lhe
,, naõ era poſſivel, nem ſe atrevia a continuar
,, mais com o dito governo, e daquelle dia em
,, diante o renunciava, e nelle naõ entenderia
,, mais que ſómente ainda dez dias, para que den-
,, tro nelles ſe declarar, que governaſſe o Senhor
,, Cardeal ſeu irmaõ, ao qual por tantas razões,
,, e por tantas, e taõ grandes qualidades, como em
,, ſua peſſoa concorriaõ, era devido, e muy pro-

prio

,, prio o governo deſtes Reynos; e a ella, e à
,, ſua conciencia gaſtar a vida, que lhe reſtava,
,, na ſalvaçaõ de ſua alma; o que havia muitos
,, dias, que tivera já feito, ſe naõ eſperara ſer mais
,, proprio fazello no dito lugar de Cortes, que
,, achava ſer muy conveniente para declarar eſta
,, ſua determinaçaõ; e que pedia a Sua Alteza,
,, que ſe na parte de ſua tutora, e curadora dei-
,, xara por alguma maneira de cumprir com o que
,, devia à obrigaçaõ de tamanho cargo, ſe lem-
,, braſſe, que naõ podia iſto ſer ſe naõ por razaõ
,, da fraqueza, e miſeria, de que todos os mor-
,, tos ſomos compoſtos: attendendo, que em tu-
,, do o que fizera em ſua creaçaõ, e em ſeu ſervi-
,, ço fora ſempre deſejando de o poder fazer melhor;
,, e na parte, que tocava ao governo dos ſeus
,, Reynos, e Senhorios pedia tambem a todos
,, os que eſtavaõ preſentes, e aſſim aos auſentes
,, naõ reparaſſem em ſuas fraquezas, e deſcuidos,
,, que niſſo teria, mas que attendeſſem ao gran-
,, de deſejo, que ſempre tivera de os governar
,, em juſtiça, e paz, e concordia de todos, e
,, que lhe quizeſſem aceitar aquella ſua vontade,
,, e grande zelo, que ſempre nella houvera de
,, todo o ſeu bem, e accreſcentamento em par-
,, ticular de cada hum, e univerſal de todos; e
,, que eſperava em Deos Noſſo Senhor, que do
,, Senhor Cardeal, ſeu irmaõ, ſeriaõ taõ bem, e
,, com tanta juſtiça, e paz governados, e regi-
dos,

„ dos, que do ſeu bom governo, e da grande
„ obediencia, e fidelidade de todos elles eſpera-
„ va ella ſe ſeguiſſe grande honra para Deos, e
„ grande ſerviço do Senhor Rey ſeu Neto, e
„ grande beneficio de todos ſeus Reynos, e Se-
„ nhorios.

97 Notavel foy a conſternaçaõ, que cauſou a todo aquelle eſclarecido Congreſſo eſta propoſta da Rainha; pois conſiderando attentamente o deſvelo, e cuidado, com que eſta Princeza ſe tinha dedicado à regencia da Monarchia, lhe parecia impoſſivel, que houveſſe outra peſſoa em todo o Reyno capaz de a ſubſtituir em taõ alto miniſterio. No eſpaço de dez dias, que a meſma Rainha deſtinou para nelles ſe eleger Governador do Reyno, ſe juntaraõ os Tres Eſtados delle com o Cardeal D. Henrique, e com zelo igual à ſua fidelidade propuzeraõ à Rainha os graves inconvenientes, que ſe ſeguiaõ da ſua determinaçaõ por ſer muito intempeſtiva na occaſiaõ preſente, dizendo lhe: Que naõ era juſto deixaſſe a ſeu Neto imperfeitamente inſtruido na arte de reynar, quando na eſcola da ſua educaçaõ tinha aprendido ſómente os primeiros rudimentos com tanta gloria do ſeu Magiſterio, que já delles ſe argumentava, que ſahiria conſummado nas maximas de taõ difficultoſa ſciencia: Que acabaſſe de pôr a coroa àquelle Real edificio, para cujá fabrica lhe tinha cuſtado tanto deſvelo o

Razões efficazes, com que os Tres Eſtados do Reyno perſuadem à Rainha continuar na regencia da Monarchia

lançarlhe os aliceſſes: Que pedia a mageſtade do Sceptro, que empunhava, o transferiſſe das ſuas mãos às de ſeu Neto, pois aquella authorizada inſignia unicamente ſe lavrara para Peſſoas Soberanas: Que parecia deshumanidade deſempaiar a huns Vaſſallos, a quem ſempre amara com ternura de mãy, e naõ os regera com ſoberania de Rainha: Que ſe alcançara eterna fama por vencer os inimigos da Patria ha poucos mezes ſobre os muros de Mazagaõ, certamente naõ conſeguiria menor gloria ſe triunfaſſe agora da ſua reſoluçaõ em beneficio da meſma Patria, continuando na adminiſtraçaõ dos ſeus Eſtados.

Naõ cede a Rainha da ſua reſoluçaõ.

98 A todas eſtas ſupplicas, e inſtancias dictadas pela efficacia de taõ graves peſſoas naõ cedeo a Rainha; antes mais inflexivel no ſeu propoſito pedio ao Cardeal D. Henrique quizeſſe aceitar a renuncia, que fazia da Regencia do Reyno, por entender ſer capaciſſimo de taõ grande occupaçaõ. O Cardeal como ſempre zelara o augmento, e conſervaçaõ da Monarchia, conſiderou, que ſe naõ aceitaſſe o governo della experimentaria alguma fatal ruina, cahindo daquella gloria alcançada em tantos ſeculos; e para que a ſua repugnancia naõ contribuiſſe para as calamidades, que prudentemente receava, aceitou benevolamente a adminiſtraçaõ, e regencia da Monarchia. Para eſta funçaõ ſe elegeo o dia vinte e tres de Dezembro, que era o ul-

He eleito o Cardeal Governador do Reyno.

o ultimo dos dez, que a Rainha aſſinou para ſe fazer a eleiçaõ de Regente do Reyno, e convocando ElRey à ſala, onde ſe tinha feito o acto das Cortes, aos Tres Eſtados do Reyno, foy eleito por voto de todos o Cardeal D. Henrique para Regente, e Governador deſta Monarchia até que ElRey cumpriſſe a idade de quatorze annos, de cujo acto ſe fez o Inſtrumento ſeguinte.

Inſtrumento publico da renuncia da regencia feita pela Rainha, e como foy eleito em ſeu lugar o Cardeal D. Henrique.

99 ,, Em Nome de Deos Amen. Sejaõ certos os que a preſente eſcritura, e inſtrumento de fé publica para perpetua memoria do preſente auto virem, que no anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto de mil e quinhentos e ſeſſenta e dous, quarta feira, que foraõ vinte e tres dias do mez de Dezembro do dito anno, na Cidade de Lisboa nos Paços do muito alto, e muito poderoſo Rey D. Sebaſtiaõ, Rey de Portugal, e dos Algarves, &c. noſſo Senhor, na ſala grande em preſença de S. Alteza, ſendo preſente o Illuſtriſſimo, e muito excellente Principe, e Senhor o Cardeal Infante D. Henrique, e os Tres Eſtados deſtes Reynos, per ſi, e per ſeus Procuradores, que per mandado do dito Senhor eraõ vindos às Cortes, e o dito Senhor Rey hora fez neſta dita Cidade de Lisboa, preſente nós Fernaõ da Coſta, e Pantaleaõ Rabello, Notarios publicos para eſte auto per ſuas eſpeciaes Proviſões,

„ que ao diante ſeraõ inſertas, e teſtemunhas ao
„ diante nomeadas pelo Doutor Eſtevaõ Preto,
„ Procurador da Cidade de Lisboa, foy dito em
„ nome dos ditos Tres Eſtados, que todos eſta-
„ vaõ em pé, em voz alta, que de todos os ſo-
„ breditos podia ſer ouvida, o ſeguinte. Por quan-
„ to a Rainha D. Catharina noſſa Senhora, le-
„ gitima Tutora de V. Alteza ſeu Neto, ſendo
„ dada, e nomeada na dita Tutoria, e por Re-
„ gedora, e adminiſtradora deſtes Reynos, e Se-
„ nhorios por ElRey D. Joaõ, que Deos tem,
„ Noſſo Senhor, nos Capitulos, que fez antes
„ de ſeu falecimento, e depois de falecido ten-
„ do concedida, e obedecida por Tutora de V.
„ Alteza, e Regedora, e Governadora dos ditos
„ ſeus Reynos, e Senhorios pelo Senhor Cardeal
„ Infante voſſo Tio, e pelos Grandes deſtes Rey-
„ nos, que foraõ preſentes, concorrendo niſſo os
„ Vereadores deſta Cidade de Lisboa, cabeça
„ principal dos ditos Reynos, com o Regedor
„ da Caſa da Supplicaçaõ, e com o Chançarel
„ mór delles, e outras peſſoas nobres, que lhe
„ entregaraõ, e ouveraõ por entregue a dita Tu-
„ toria, e governo, a qual pertencendo-lhe di-
„ reitamente, recebida, e obedecida de todos os
„ Grandes, por ſer Avô de V. Alteza, Rey, e
„ Senhor noſſo, e ſendo dahi em diante geral, e
„ particularmente recebida, e obedecida de todos
„ os Grandes, Póvos, e Vaſſallos deſtes Reynos,
e Se-

„ e Senhorios, e por tal acatada, e publicada,
„ como ſe vio pelas Cartas, que às Cidades, e
„ Villas principaes delles a Rainha noſſa Senho-
„ ra voſſa Avô em nome de V. Alteza eſcre-
„ veo, e pelas repoſtas, que a iſſo deraõ, e
„ agora por todos os ditos Tres Eſtados reco-
„ nhecida, ratificada, e havida por tal, quiz re-
„ nunciar, e de feito renunciou o governo, e
„ regimento dos ditos Reynos, e adminiſtraçaõ
„ delles, como conſtou por hum eſcrito da Rai-
„ nha noſſa Senhora, que S. Alteza mandou ler
„ no auto das Cortes, que ſe fez a doze dias
„ deſte mez de Dezembro do anno preſente, o
„ que elles Tres Eſtados ſentem tanto, como he
„ razaõ, e como ſe deve a quem, com tanto
„ amor, e zelo do bem commum os regeo, e
„ governou, e defendeo, e manteve em tanta
„ juſtiça, e paz, e concordia, como a todos he
„ notorio: e vendo elles, que S. Alteza ſe naõ
„ perſuade das razões, que lhe ſaõ dadas, e das
„ muitas inſtancias, que lhe ſaõ feitas, para que
„ naõ deixe o dito governo até V. Alteza ſer
„ de idade para per ſi o reger, e governar; e
„ conſiderando elles, que quando S. Alteza naõ
„ governar os ditos Reynos, o Senhor Cardeal
„ Infante D. Henrique por ſer Tio de V. Alte-
„ za, e tanto ſeu conjuncto em ſangue, e per
„ grandes virtudes, e zelo, que tem do bem deſ-
„ tes Reynos, e dos Vaſſallos, e ſubditos de V.
Alte-

,, Alteza os deve reger, e governar, com tal
,, declaraçaõ, que a Tutoria, Curadoria da pes-
,, soa de V. Alteza fique à dita Senhora, e ella
,, sómente entenda em sua creaçaõ, e tenha a
,, superintendencia de vossa propria Pessoa, e ad-
,, ministre, e governe todas as cousas de qual-
,, quer qualidade, que forem, que à vossa pes-
,, soa, mantença, serviço, e Casa tocarem; e
,, com parecer, e vontade da dita Senhora pe-
,, dem a V.A. que assim o haja por bem, e elles
,, Tres Estados todos tres juntamente elegem, e re-
,, cebem, e admittem o dito Senhor Cardeal In-
,, fante vosso Tio per Regedor, e Governador
,, destes Reynos, para que dagora em diante o
,, reja, e governe em nome de V. Alteza até
,, que V. Alteza seja de idade de quatorze an-
,, nos com a sobredita declaraçaõ, que assim pe-
,, dem ao Senhor Cardeal Infante, que presente
,, está, faça logo juramento solemne como he
,, costume, que elle regerá, e governará, e de-
,, fenderá os ditos Reynos, e Senhorios em no-
,, me de V. Alteza bem, e lealmente, e que
,, como V. Alteza for da dita idade de quator-
,, ze annos lhe leixará, e entregará livremente o
,, governo, regimento, e administraçaõ delles sem
,, contradiçaõ alguma, e que servirá a V. Alte-
,, za, e lhe obedecerá em tudo como leal, e bom
,, Vassallo, e que outro sim elle Senhor Cardeal
,, jure confórme a direito, que às pessoas dos di-

tos

„ tos Tres Eſtados, e às Cidades, Villas, Igre-
„ jas, e Moſteiros deſtes Reynos, guardará, e
„ fará guardar, em quanto no dito governo eſ-
„ tiver, ſeus bons coſtumes, leys, honras, li-
„ berdades, graças, merces, e privilegios, que
„ pelos Reys deſtes Reynos, e pela dita Senho-
„ ra Rainha em nome de V. Alteza lhe ſaõ fei-
„ tas, dadas, e outorgadas, naõ prejudicando o
„ que cada hum dos ditos Eſtados pedem em ſeus
„ Capitulos. E feito iſto pelo dito Senhor Car-
„ deal, elles Tres Eſtados promettem em ſeu no-
„ me, e de todo o Reyno delle obedecer, cum-
„ prir, e fazerem ſeus mandados, e os que em
„ nome de V. Alteza lhe mandar encarregar.
„ Em tanto que o dito Doutor Eſtevaõ Preto
„ acabou de dizer o ſobredito, logo D. Fernan-
„ do de Menezes, Arcebiſpo de Lisboa, Capel-
„ laõ môr do dito Senhor Rey ſe ſubio no eſ-
„ trado grande, no qual ſe poz huma almofada
„ de borcado, e nella hum Miſſal, e huma Cruz,
„ e diante della o Senhor Cardeal Infante em
„ joelhos, e com as mãos no dito livro preſen-
„ te o dito Arcebiſpo de Lisboa fez o juramen-
„ to, que ſe ſegue. Eu o Cardeal Infante D.
„ Henrique juro a eſta Cruz, e aos Santos Eu-
„ angelhos, em que ponho as mãos, que bem,
„ e lealmente reja, e governe, e defenda eſtes
„ Reynos, e Senhorios em nome delRey meu
„ Senhor; e tanto que S. Alteza for de quator-

ze

„ ze annos lhe leixarey , e entregarey o gover-
„ no , e adminiſtraçaõ delles livremente , e ſem
„ contradiçaõ alguma , e ſempre ſervirey , e obe-
„ decerey ao dito Senhor como ſeu bom , e leal
„ Vaſſallo : e aſſim juro , que confórme a direi-
„ to guardarey , e farey guardar em quanto no
„ dito governo eſtiver , e às peſſoas dos ditos
„ Tres Eſtados , e às Cidades , Villas , Igrejas ,
„ e Moſteiros deſtes Reynos ſeus bons coſtumes,
„ leys , honras , liberdades , graças , e mercés , e
„ privilegios , que pelos Reys deſtes Reynos , e
„ pela Rainha minha Senhora em nome delRey
„ meu Senhor lhe ſaõ feitas , dadas , e outorga-
„ das ; e feito o dito juramento pelo dito Senhor
„ Cardeal na maneira acima dita , logo Pero Dal-
„ caçova Carneiro do Conſelho do dito Senhor
„ Rey , e ſeu Secretario deu ao dito Senhor Rey
„ hum ſello grande das Armas Reaes de S. A.
„ dourado todo , poſto em hum pao , e atado a
„ elle por huma fita verde , e o dito Senhor Rey
„ o entregou de ſua maõ ao dito Senhor Cardeal
„ Infante , e por elle o inventario do dito regi-
„ mento , e governança ; e do dito Senhor Car-
„ deal o tomou , e entregou ao dito Pero Dal-
„ caçova Carneiro , e beijou a maõ ao dito Se-
„ nhor Rey , e ſe tornou a ſeu lugar ; e logo o
„ Senhor D.Duarte , Duque de Guimarães , Con-
„ deſtabre deſtes Reynos foy beijar a maõ ao di-
„ to Senhor Rey , e o meſmo fez D. Theodo-
ſio,

„ ſio, Duque de Bragança, e o dito Arcebiſpo
„ de Lisboa. E findo aſſim tudo, e acabado pe-
„ la ordem ſobredita, o dito Pero Dalcaçova em
„ nome do dito Senhor Rey para perpetua fir-
„ meza do dito auto, e ſuſtancia delle pedio a
„ Nós Notarios hum, e muitos inſtrumentos, aſ-
„ ſim para ſerem metidos na Torre do Tombo,
„ como para os ter, e guardar, e offerecer, e
„ apreſentar quando lhe foſſe mandado, e reque-
„ rido; e Nós lhos demos com fé, que tudo aſ-
„ ſim ſe fez, e paſſou, e bem livre, fiel, e ver-
„ dadeiramente ſem minguamento algum; e o
„ traslado do dito eſcripto, perque a Rainha
„ noſſa Senhora deixou, e renunciou o regimen-
„ to, e governança dos ditos Reynos, de que
„ acima faz mençaõ, e as Proviſões para poder-
„ mos fazer eſte auto em publico ſaõ as ſeguin-
„ tes. Antonio Pinheiro, iſto he o que de mi-
„ nha parte proporeis neſte auto preſente das Cor-
„ tes, que ElRey meu Senhor, &c. Eu ElRey faço
„ ſaber aos que eſte meu Alvará virem, que eu
„ hey por bem, e me praz, que Fernaõ da Coſta
„ meu Eſcrivaõ da Camera poſſa fazer em pu-
„ blico o inſtrumento de entrega do regimento,
„ e governança deſtes Reynos, e Senhorios ao
„ Cardeal Infante meu Tio em quanto eu naõ
„ cumprir idade de quatorze annos, e para iſſo
„ ſómente o faço Notario publico, e lhe dou to-
„ da a authoridade, que de direito ſe requer, e

Eſta declaraçaõ da Rainha, que eſtava inſerta neſte Inſtrumento, he a meſma, que acima fica eſcrita, e por eſta cauſa ſe naõ repete.

,, este hey por bem, que valha como carta passada por minha Chancellaria, posto que este por ella naõ passe, sem embargo da Ordenaçaõ em contrario. Pantaleaõ Rabello o fez em Lisboa a vinte e tres de Dezembro de mil e quinhentos e sessenta e dous. Raynha. Eu ElRey faço saber aos que este meu Alvará virem, que hey por bem, e me praz, que Pantaleaõ Rabello possa fazer em publico o instrumento da entrega do regimento, e governança destes Reynos, e Senhorios ao Senhor Cardeal Infante meu Tio em quanto eu naõ cumprir idade de quatorze annos, e para isso sómente o faço Notario publico, e lhe dou toda a authoridade, que de direito se requer, e este hey por bem, que valha como carta passada por minha Chancellaria, posto que este por ella naõ passe, sem embargo das Ordenaçoes em contrario. Feito em Lisboa a vinte e tres de Dezembro de mil e quinhentos e sessenta e dous. E por tudo assim passar na verdade fiz disso no mesmo dia, mez, e anno esta Escritura de fé, e Certidaõ publica para perpetua memoria do que dito he. Testemunhas, que foraõ presentes: Martim Affonso de Sousa, Jorge da Silva, Affonso de Albuquerque, todos do Conselho delRey nosso Senhor, e Bernaldim de Tavora outro si do Conselho do dito Senhor, e seu Reposteiro môr, e outros, e eu

„ e eu Pantaleaõ Rabello, Notario publico por
„ eſpecial Proviſaõ de S. Alteza para o auto pre-
„ ſente, que eſte eſcrevi. Martim Affonſo de
„ Souſa. Jorge da Silva. Affonſo de Albuquer-
„ que. Bernaldim de Tavora.

100 A Rainha poſto que largou a Regencia da Monarchia, ſendo fortemente inſtada a que continuaſſe com a tutela, e ſuperintendencia da creaçaõ de ſeu Neto, a aceitou conſtrangida, para que naõ foſſe julgado o ſeu amor por menos fino para com eſte Principe. Manifeſtou logo a ElRey Filippe de Caſtella, e à Princeza D. Joanna de Auſtria as cauſas, que a moveraõ a deixar a adminiſtraçaõ do Reyno por eſtas duas Cartas.

Carta da Rainha para ElRey de Caſtella.

101 „ Senhor. Porque de todas minhas obras
„ devo a V. Alteza darlhe conta dellas, entaõ
„ tenho mayor contentamento de o fazer, quan-
„ do ellas mais me tocaõ. Dias ha, como V.
„ Alteza ſerá lembrado, que lhe mandey dar con-
„ ta de como queria deixar eſta carga taõ peza-
„ da à minha conciencia do governo deſtes Rey-
„ nos, perſuadida das razões, que entaõ lhe dey,
„ de que creyo, que V. Alteza tambem ſerá lem-
„ brado; defiri o fazello até agora, aſſim pelo que
„ V. Alteza niſſo me mandou, como tambem
„ porque ſempre quiz mais qualquer pequeno bem
„ deſtes Reynos, que todo los bens do Mundo
„ para mim; e aſſi fuy fazendo o que naõ podia

„ com as forças corporaes, por querer cumprir
„ com o amor, e com a obrigaçaõ de taes Vaſ-
„ ſallos como ſempre deſejey fazer. Vendo ago-
„ ra, que nem iſto podia já, renunciey eſte go-
„ verno neſtas Cortes, que o Senhor Rey meu
„ Neto ora fez; e eſtou com muy grande con-
„ ſolaçaõ conſiderando, que o Senhor Cardeal
„ meu Irmaõ he tal peſſoa, e em quem concor-
„ rem tantas, e taõ grandes qualidades, que go-
„ vernará, e regerá eſtes Reynos com muita ſa-
„ tisfaçaõ dos naturaes delles, e a muito ſerviço
„ de Noſſo Senhor, e bem dos ditos Reynos.
„ Receberey de V. Alteza muy grande merce,
„ parecerlhe eſta minha determinaçaõ como lhe
„ eu mereço, e havella por bem; e juntamente
„ com iſſo ter por muy certo, que em quanto me
„ a vida durar naõ deſejarey, nem procurarey al-
„ guma couſa mais, que ſeu ſerviço, e cumprir
„ muy inteiramente com o muy grande amor, que
„ lhe tenho. Noſſo Senhor, &c.

Carta da Rainha para a Princeza D. Joanna.

102 „ Senhora. Até agora procurey quan-
„ to em mim foy poſſivel por obedecer a V. Al-
„ teza em naõ deixar o governo deſtes Reynos,
„ de que os dias paſſados lhe mandey dar conta;
„ e vendo, que já me naõ era poſſivel ter por
„ mais tempo carga taõ pezada à minha conci-
„ encia, e taõ contraria à minha ſalvaçaõ, con-
„ fiando, que V. Alteza pelo amor, que ſey, que
„ me tem, lhe pareceria razaõ buſcar eu o mais
certo

,, certo caminho della, renunciey o governo def-
,, tes Reynos neftas Cortes, que o Senhor Rey
,, feu filho ora fez. O que mais me confola nef-
,, ta minha determinaçaõ, he conhecer, e enten-
,, der confideradas as muitas, e muy grandes qua-
,, lidades do Senhor Cardeal meu Irmaõ, que
,, elle os governará, e regerá muito a ferviço de
,, Noffo Senhor, e ao do Senhor Rey feu filho,
,, e a bem deftes Reynos. Farmeha V. Alteza
,, muy grande merce em haver por bem efta mi-
,, nha determinaçaõ, pois me tanto convinha; e
,, crer, que agora fico mais livre para me poder
,, toda empregar no ferviço, e no amor de V.
,, Alteza, cuja muy Real peffoa guarde Deos,
,, &c.

CA-

CAPITULO XIII.

Primeiras acções do Vice-Rey D. Franciſco Coutinho. Parte D. Franciſco Maſcarenhas contra o Coſſario Caſar, e do ſucceſſo, que teve neſta jornada. Batalha Pedro Lopes Rabello com huma nao de Rumes, onde ſe abraza com os inimigos. Manda o Camorim Embaixadores ao Conde Vice-Rey a pedir pazes, e o Idalcaõ pertende a recuperaçaõ das terras de Salſete, e Bardéz.

1562.

103 A Saudoſa memoria, que a prudencia, e benignidade do grande D. Conſtantino de Bragança deixou impreſſa nos corações de todos os Vaſſallos do Eſtado, era hum perpetuo eſtimulo para que o Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho obraſſe acções taõ dignas do lugar, que occupava, que ſe naõ experimentaſſe a falta do ſeu illuſtre anteceſſor, regulando attentamente pelos veſtigios daquelle Heroe as diſpoſições do ſeu governo. Conhecendo, que as Fortalezas, que tinhamos levantado em todo o Oriente, eraõ os antemuraes, com que ſe conſervava a mageſtade do Eſtado, e ſe reprimia o orgulho de ſeus inimigos, reſolveo o Vice-Rey prover algumas de Capitães prudentes,

Nomea o Vice-Rey Capitães para diverſas Fortalezas do Eſtado.

tes, e alentados, mandando para Maluco a Henrique de Sá por morte de Manoel de Vaſconcellos; para Dio, a Martim Affonſo de Miranda ſubſtituindo a Filippe Carneiro, que por ſer ſobrinho de Pedro de Alcaçova Carneiro, Secretario de Eſtado, e muito Valído delRey D. Sebaſtiaõ, paſſava ao Reyno com as eſperanças fundadas na privança do Tio a ſer largamente remunerado pelos ſeus ſerviços; e para Damaõ a Garcia Rodrigues de Tavora, que do governo de Chaul ſe habilitara a ſer ſubſtituto do inſigne Capitaõ Luiz de Mello da Silva.

104 Para impedir os damnos, que contra as noſſas naos de Ormuz machinava o ſoberbo Coſſario Cafar, que tinha ſahido do Eſtreito de Meca a eſperallas com tres galés bem eſquipadas, armou huma poderoſa Armada, que conſtava de muitos galeões, e fuſtas, e foy eleito por ſeu General D. Franciſco Maſcarenhas, que depois foy Conde de Santa Cruz, e Vice-Rey da India, a quem acompanharaõ ſeiſcentos e cincoenta Soldados muito animoſos, e entre elles por Capitães diverſos Fidalgos, ſendo os principaes: Heytor da Silveira, D. Lourenço de Souſa, D. Diogo Fernandes de Vaſconcellos, D. Fernando de Menezes, Pedro da Silva de Menezes, Pedro de Mendoça, e ſeu irmaõ Joaõ de Mendoça, D. Franciſco Lobo, e Fernaõ de Miranda de Azevedo. Partida a Armada de Goa brevemente

Expede-ſe huma Armada contra o Coſſario Cafar. *Couto, Dec. 7. da Aſia, liv. 10. cap. 2. Faria, Aſia Portug. tom. 2. part. 2. cap. 18. §. 1.*

vemente chegou a Baçaim, e atravessando até Dio foy fazer aguada à Ilha das Vaccas, onde na demora, que fez, perdeo a occasiaõ de se encontrar com o pirata, que informado do poder, que o buscava, se foy atemorizado refugiar no porto de Mocá. Mas receando o Vice-Rey, que este Cossario fosse instrumento de alguma hostilidade em prejuizo do Estado, expedio contra elle segunda Armada, de que fez Capitaõ Jorge de Moura, e levou por companheiro a Pedro Lopes Rabello, com ordem de que naõ só lhe impedisse a sahida, mas que tomasse todas as naos, que do Achem, Tanacarim, e Cambaya vinhaõ carregadas de preciosas drogas. Em vinte dias atravessou Jorge de Moura a costa, que corre da India até a Arabia, e avistando a Cidade de Caxem, descobrio Pedro Lopes Rabello huma alterosa nao, que com as vélas infunadas demandava o Estreito de Meca; e imaginando, que pela grandeza do vaso seria navio do Reyno a foy seguindo, o que tambem pelo sinal, que lhe deu, executou o Capitaõ môr.

Invia o Vice-Rey segunda Armada para o Estreito.

Pedro Lopes Rabello avista huma alterosa nao do Achem.

105 Era esta nao do Achem, e vinha guarnecida de quinhentos Soldados Turcos Abexins, e de outras nações bellicosas com cincoenta pessas de artilharia de bronze. A copia das fazendas era taõ preciosa, que excedia a quantia de hum milhaõ, naõ entrando nesta grande somma hum palanquim fabricado de ouro, e cravado de

pedra-

pedraria de valor de duzentos mil cruzados, que o Achem mandava em ſinal do ſeu obſequio ao Gram Turco. Todo aquelle dia a naõ perdeo de viſta o noſſo Capitaõ, e anoitecendo accendeo o farol para que foſſe deſcuberta pelos noſſos galeões, ao que reſpondeo do meſmo modo a nao inimiga, navegando com grande ſocego, e muito mayor confiança de que naõ havia ſer acometida. Mas como o noſſo Capitaõ hia obſervando os movimentos da nao, tanto ſe chegou a ella, que voltando ſobre a noſſa lhe lançou algumas panellas de polvora, cujas chammas o guiaraõ pela eſcuridaõ da noite para que a abordaſſe com animo reſoluto. Os noſſos Soldados impacientes de já naõ lograrem o precioſo ſaco, que eſperavaõ, intentaraõ render com a eſpada aos inimigos; mas como eraõ ſuperiores em numero, defenderaõ com tal impeto a entrada, que ſe travou huma cruel batalha de ambas as partes. Acudio a eſte conflicto Antonio Cabral, e como a noite era muito tenebroſa, impedia o diſtinguir as naos, e arrebatado do deſejo de ſoccorrer a Pedro Lopes, lhe poz a proa ſobre a ſua nao, imaginando abordar a dos inimigos, ficando atraveſſada pela popa entre ambas as naos. Conſternados com taõ evidente perigo os Mouros, trabalhavaõ anciofamente para ſe deſaferrarem da nao de Pedro Lopes Rabello, mas era fruſtrada toda a ſua dili-

Acomete o noſſo Capitaõ a nao inimiga.

gencia por lhe ter cortado as cordas do leme Manoel da Costa, hum dos mais valentes Soldados, que se acharaõ nesta façaõ. Ardia com taõ vorazes labaredas a nao de Pedro Lopes, que para as extinguir era necessario o soccorro, e a fadiga de todos os nossos Soldados, sendo a confusaõ muito medonha, pois temiaõ ser consumidos do fogo, outros receavaõ serem despedaçados por estarem atracados taõ tenazmente. Neste tempo se desaferrou a nao inimiga, e como naõ tinha leme cahio outra vez sobre os nossos galeões, o que naõ podendo sofrer os Portuguezes lhe lançaraõ tanta inundaçaõ de fogo, que ateado pelas vélas, antenas, e enxarcias parecia hum Vesuvio inconstante, e de sorte se foy dilatando o incendio, que se ateou no galeaõ de Pedro Lopes com tanta furia, que naõ se podendo apagar, foy obrigado Antonio Cabral cortar as rajeiras ao seu para naõ ser tambem consumido. Para salvar a vida se lançou Pedro Lopes ao galeaõ de Antonio Cabral, e muitos dos seus companheiros, fugindo do fogo buscavaõ a agua, sendo igual o perigo em hum, e outro elemento; mas recolhidos aonde estava o seu Capitaõ fizeraõ cruel estrago em os Turcos, que andavaõ sobre as ondas lutando com a morte. Ainda durava a noite, quando descobrio o Capitaõ môr Jorge de Moura pelas labaredas em que se abrazavaõ as duas naos, que pare-

Perece lastimosamente abrazado o galeaõ de Pedro Lopes, e a nao do Achem. *Couto, Dec 7. da Asia, livr. 10. cap. 3.*

pareciaõ duas Cidades ardendo; e ouvindo os horrorosos estallidos das madeiras, causados pela violencia do fogo, lhe infundio aquelle funesto espectaculo grande terror, e espanto, e muito mais quando chegando à falla com Antonio Cabral soube, que hum daquelles navios era o de Pedro Lopes Rabello, que tanto que rayou a manhãa o conheceo já quasi consumido até o lume da agua.

Manda o Camorim pedir pazes ao Vice-Rey.

106 Para dar os parabens da sua chegada a Goa mandou ao novo Vice-Rey Embaixadores ElRey de Camorim, e entre os obsequios, com que lhe auspicava a prosperidade do seu governo, lhe pedio quizesse firmar com elle pazes perpetuas, para que seguro da invasaõ das nossas armas pudesse descançar livre do menor susto. O Vice-Rey recebeo aos Embaixadores com benigna hospitalidade, e lhe prometteo, que no Veraõ seguinte para mayor estabilidade da paz, que o seu Principe pertendia, iria pessoalmente assinar os Tratados, que se estipulassem nas conferencias, que entre hum, e outro deviaõ haver; e logo mandou preparar huma Armada, e convocar os Fidalgos, que o haviaõ acompanhar, para se concluir este negocio. Ao mesmo tempo recebeo Embaixadores do Idalcaõ, que sagazmente solicitava do Vice-Rey, que lhe largasse as terras de Salsete, e Bardez por lhe naõ terem cumprido as clausulas do contrato, com

Embaixadores do Idalcaõ pedindo ao Vice-Rey as terras de Salsete.

Dd ii que

que eſte Principe as entregou. A eſta propoſta reſpondeo o Vice-Rey, que naõ podia obrar couſa alguma ſem primeiramente a participar ao ſeu Soberano, de cujo beneplacito pendia a ultima reſoluçaõ daquella materia. Em Setembro ſurgio na barra de Goa o Capitaõ môr D. Jorge Manoel em a nao S. Martinho acompanhado de cinco naos, de que eraõ Capitães Fernaõ Martins Freire, deſpachado com a Capitania de Sofala, Antonio Mendes de Craſto, Fernaõ Coutinho, Luiz Mendes de Vaſconcellos, e D. Rodrigo de Craſto com tres mil Soldados eſcolhidos. Eſtimou muito o Conde Vice-Rey o ſoccorro naõ ſómente pela qualidade da gente, mas pela occaſiaõ, em que chegara, pois ſe eſtava preparando para a jornada, que intentava fazer; porém inſtado das ſupplicas dos Embaixadores do Camorim para firmar as pazes com o ſeu Principe, aſſim como as tinha celebrado com o Vice Rey D. Garcia de Noronha, lhas concedeo o Conde de Redondo com as clauſulas: Que mandaria o Camorim cortar os eſporões de todas as ſuas naos; e para que pudeſſem os Portuguezes navegar livremente por aquelles mares, ſeguros de toda a hoſtilidade, naõ ſahiria de algum dos ſeus portos pirata, que alteraſſe eſta concordia entre os Vaſſallos de huma, e outra Coroa.

Concede o Vice-Rey pazes a ElRey de Calicut.
Couto, Dec. 7. da Aſia, liv. 10. cap. 7.

CA-

CAPITULO XIV.

Marcha Cide Meriaõ a conquiſtar Damaõ, onde he morto, e derrotada a ſua gente por Garcia Rodrigues de Tavora, Governador daquella Fortaleza. Parte o Conde Vice-Rey com huma ſoberba Armada celebrar pazes com o Camorim. Glorioſos progreſſos da Fé nas Ilhas de Amboino, Moro, e Ternate, protegidos pelo zelo do Governador das Armas Henrique de Sá.

1562.

107 POr varias vezes intentaraõ os Abexins conquiſtar a Cidade de Damaõ por lhe ſer muito violento o dominio Portuguez à ſoberba dos ſeus animos, e ſahindo ſempre em todas as occaſiões, que quizeraõ ſacudir eſte jugo valeroſamente rebatidos, e vigoroſamente rechaſſados, ſe deliberaraõ a tentar ſe a fortuna eſtaria menos adverſa aos ſeus intentos, e elegendo por inſtrumento da ſua vingança, e liberdade a Cide Meriaõ, Capitaõ prudente, e Soldado deſtemido, ſahiraõ a campo com oitocentos cavallos, e quaſi mil infantes; e animados pela preſumpçaõ deſte General, lhes prometteo, que elle os reſgataria daquella eſcravidaõ injurioſa a todo o Reyno de Cambaya, e obrigaria aos Portuguezes receberem leys da ſua eſpada triunfante,

Cide Meriaõ, General dos Abexins intenta a conquiſta de Damaõ.

Couto, Dec. 7. da Aſia, liv. 10. cap. 8.

fante, para cuja empreza mais valiaõ poucos Soldados voluntarios, que muitos constrangidos, resolutos ou acabar gloriosamente naquella conquista, ou expulsar huma naçaõ, que era o escandalo do seu valor, e o desprezo da sua religiaõ. Estimulados os Abexins com estas palavras, prometteraõ com solemne juramento, feito na presença dos seus Idolos, estarem promptos para a execuçaõ do que se lhes propunha, e para mais religiosa observancia da sua promessa cortaraõ as barbas, superstíciosa ceremonia, com que declaraõ a resoluçaõ prompta de sacrificarem as vidas. Tinha entrado o mez de Outubro quando abalou todo este Exercito contra Damaõ, e senhoreando-se das parganas de Bouticier, e Puari, entraraõ pelos arrabaldes da Cidade com tal estrondo, e horror, que os moradores das Aldeas circumvisinhas se refugiaraõ às tranqueiras da Fortaleza para naõ experimentarem o primeiro furor dos inimigos.

Entraõ os inimigos pelos arrabaldes da Cidade.

108 Governava a Praça Garcia Rodrigues de Tavora, e avisado pelos clamores dos fugitivos do grande apparato militar, que o invadia, se prevenio a rebatello com quinhentos infantes, e cento e oitenta cavallos, declarando aos seus Capitães a determinaçaõ, que tinha de castigar a insolencia dos Abexins, pois se por algum breve espaço a dissimulasse, se atreveriaõ a baterlhe com as adargas às portas da Cidade, que sempre

Sahe o Capitaõ Garcia Rodrigues de Tavora romper aos Abexins.
Faria, Asia Portug. tom. 2. part. 2. cap. 18. §. 3.

pre fora reſpeitada por outros inimigos de mayor valor, e conſtancia, do que aquelles, que agora o acometiaõ, julgando por auſpicio da vitoria a brevidade, com que lhes preſentava batalha. Aſſentiraõ todos à reſoluçaõ do Capitaõ môr, e deixando a Cidade preſidiada paſſou da outra parte do rio, e marchando lhe ſahio meya legua antes de Parnel hum Abexim acavallo, e lhe entregou huma carta de Cide Meriaõ, na qual com ſoberbo atrevimento ſignificava, que o eſtava eſperando no eſpaçoſo campo de Parnel, pois naõ queria menor theatro para o receber. Garcia Rodrigues de Tavora lhe reſpondeo com mais prudencia, do que colera, que brevemente lhe ſatisfaria os ſeus deſejos, porque os ſeus eraõ ainda muito mayores de o ſervir; e caminhando em fórma de batalha aviſtou aos inimigos, cuja Infantaria eſtava formada em hum eſquadraõ, e em dous batalhões a Cavallaria, e no centro o ſeu General. Obſervada pelo noſſo Capitaõ a fórma dos inimigos começou a ordenar a ſua gente, repartindo a Infantaria em dous eſquadrões, e em dous batalhões a Cavallaria, e lembrando a todos as obrigações dos ſeus naſcimentos, o credito do Eſtado, e ſobre tudo a exaltaçaõ da Fé, que profeſſavaõ, começou a marchar, precedendo hum Crucifixo arvorado por hum Religioſo Dominico, que com a voz, e com o exemplo foy o primeiro, que deu principio à batalha.

A eſte tempo o deſafia o General dos inimigos.

Aviſtaõ-ſe os Exercitos.

Tan-

109 Tanto, que Cide Meriaõ vio abalar o noſſo Exercito mandou lançar algumas bombas, que derrubaraõ a ſete Soldados, e entre elles ao Religioſo, que levava a ſagrada Imagem, que levantando-a com ſumma velocidade hum Soldado, animou aos outros a que acometeſſem aos inimigos. Travouſe o conflicto com eſpantoſo furor, laborando de huma, e outra parte a eſpingardaria, da qual huma bala inimiga quebrou hum braço ao Santo Crucifixo, o que ſendo viſto pelo Soldado, que o levava, exclamou aos ſeus companheiros para que vingaſſem aquella ſacrilega affronta commettida contra o Fundador do ſeu Imperio. Accezos em generoſa ira os Portuguezes naõ ſó com eſtas vozes, mas ainda por verem a ſagrada Imagem com hum braço quebrado, e outro pendente da Cruz inveſtiraõ como furioſos leões aos inimigos, fazendo nelles tal eſtrago, que bem parecia os eſtimulava mais nobre cauſa. Para retardar eſte ſanguinolento impeto ſe adiantou Cide Meriaõ montado em hum ſoberbo cavallo acubertado, veſtido de luzidas armas, coroado de varias plumas, e brandindo a lança chamou por Garcia Rodrigues de Tavora, que como eſtava na frente do noſſo Exercito lhe reſpondeo picando o cavallo, e enriſtando a lança ao Mouro o tomou por baixo da vizeira, de cujo golpe cahio precipitado do cavallo, e de tal modo ſe embaraçou

Trava-ſe furioſamente a batalha.

Inflammaõ-ſe os Portuguezes com mayor furor defendendo a injuria feita contra huma Imagem de Chriſto.

baraçou com o do noſſo Capitaõ, que tambem veyo a terra, donde levantando-ſe mais velozmente Cide Meriaõ acometeo com o alfange a Garcia Rodrigues, que para ſalvar a vida foy neceſſario valerſe da força dos ſeus braços, entre os quaes lutou com elle por algum tempo, até que hum dos noſſos atraveſſou ao Barbaro por huma ilharga, de cuja ferida cahio morto. Garcia Rodrigues como ſe naõ tivera padecido a mais leve moleſtia, montou logo acavallo para animar com a ſua preſença aos noſſos Soldados, que tinhaõ feito grande derrota nos inimigos, ſendo muito mayor, quando com a infauſta noticia da morte do ſeu General fugiraõ deſordenadamente, de tal ſorte, que perſeguidos pelo eſpaço de duas legoas, igualou o numero dos mortos ao dos prizioneiros, e nos recolhemos para Damaõ taõ cheyos de applauſos, como de deſpojos. Voltaraõ os moradores das Aldeas da Cidade, a quem afugentara o terror dos Abexins, a habitar as ſuas caſas, ſeguros com a protecçaõ das noſſas armas, ſempre reſpeitadas, e agora triunfantes.

Pelejaõ os dous Generaes, e morre o dos inimigos.

Alcançamos glorioſamente a vitoria.

110 Chegaraõ as alegres noticias de taõ importante vitoria a Goa, onde aſſiſtia o Conde Vice-Rey, e as celebrou com exceſſivo jubilo, pois lhe perturbava o deſcanço a conſideraçaõ da conquiſta de Damaõ, que elle deſejava conſervar, naõ ſómente por ſer a ſua Fortaleza taõ

neceſſaria ao Eſtado, como porque fora a primogenita das acções heroicas de ſeu grande anteceſſor D. Conſtantino de Bragança. Depois de entregar o governo ao Arcebiſpo, e Capitaõ môr de Goa, partio com a mais mageſtoſa, e ſoberba Armada, que vio o Oriente, compoſta de cento e oitenta navios com quatro mil homens eſcolhidos por naſcimento, e valor para firmar as pazes com o Camorim, querendo inculcar a eſte Principe com taõ luſtroſo apparato, que ainda quando o noſſo Eſtado ſe oſtentava pacifico, naõ deixava de ſer formidavel. Chegou a Tiracolle, onde o eſtava eſperando ElRey de Calicut, e ſaltando em terra a noſſa Soldadeſca, em quem competia o brilhante das armas com o precioſo dos veſtidos, ſe eſtendeo em duas fileiras, formada cada huma de dous mil homens, e por entre ellas ſahio o Conde Vice-Rey taõ airoſamente biſarro, que foy a primeira vez, que ſe vio Marte com aſpecto agradavel, fazendo todo o bronze da Armada feſtivo, ainda que horroroſo preludio à ceremonia daquelle acto. No meſmo ponto ſahio da ſua tenda o Camorim por entre duas fileiras, compoſtas de quarenta mil Malabares, e o que excediaõ aos noſſos em numero, lhes cediaõ no luzimento. Aviſtaraõ-ſe ElRey, e o Conde, e depois de executados aquelles obſequios em que cada hum pertendia alcançar a precedencia, firmaraõ

Parte o Vice-Rey em huma luſtroſa Armada para o Malabar.
Lafitau, Hiſt. des Conqueſt. de Portug. tom. 2. liv. 13. pag. 584.
Faria, Aſia Portug. tom. 2. part. 2. cap. 18. §. 4.

Aviſta-ſe o Vice-Rey em Tiracolle com ElRey de Calicut.

maraõ postos em pé os Capitulos das pazes com as solemnidades costumadas, que logo foraõ publicadas pelas estrondosas vozes de toda a artilharia, sendo tal o ruido, que imaginaraõ atemorizados os Barbaros naõ ser aquelle horror annuncio da tranquillidade publica, mas principio de huma sanguinolenta batalha. Firmadas as pazes partio o Vice-Rey para Cochim, e despachou os navios, que haviaõ ir para o Reyno, dos quaes nunca appareceo a nao S. Martinho, em que naufragou lastimosamente o Capitaõ môr D. Jorge Manoel. Neste tempo alguns Portuguezes, que tinhaõ chegado da Armada, naõ permittindo, que estivessem ociosas as suas espadas por naõ haver inimigos, em quem descarregassem os golpes, os converteraõ contra si proprios, desafiando-se huns aos outros com taõ barbara loucura, e cega precipitaçaõ, que entre cincoenta, que acabaraõ infelizmente nestes combates, foraõ os principaes D. Tello de Menezes, e D Rodrigo de Castro, deixando abominavel memoria de serem mais observantes das leys do duelo, que dos dictames do Euangelho.

Firmaõ-se as pazes.
Couto, Dec. 7. da Asia, liv. 10. cap. 9.

Abominaveis desafios, em que morrem cincoenta Portuguezes.

111 Para pacificar as alterações de Moluco chegou a Amboino huma Armada de Portuguezes, pedida por Duarte Deça, de que era General o Governador das Armas Henrique de Sá, em cujo peito competia a piedade com o valor; e tanto

Ee ii

to que teve noticia da sua chegada o insigne Catholico D. Manoel de Ative se encheo de hum extraordinario jubilo, pois com aquelle soccorro se podiaõ restaurar as ruinas da Christandade de Amboino, executadas pela impiedade de Cachil Liliato; e relatando com ardente zelo a D. Henrique todos os successos passados, e disposições presentes, que tinhaõ havido naquella Ilha, e ser necessario libertar aos Christãos da oppressaõ dos Mouros, condescendeo D. Henrique aos seus rogos, e navegou armado contra a Cidade de Rocanive, que era a Capital de toda a Ilha. Governava esta Cidade com o usurpado nome de Rey de Amboino Ratiputi, em cujo coraçaõ era taõ grande a cubiça, que extrahia violentamente exorbitantes tributos de todos os seus moradores, executando taes extorsões naquelles, que lhe naõ obedeciaõ, que com o terror dellas sustentava o titulo da Magestade, e passava a tal excesso a sua soberba, que dizia livremente, que o naõ experimentar o rigor do ferro dos Portuguezes, era pela copia de ouro, com que os sobornava para naõ effeituarem esta acçaõ, ficando por ella duas vezes traidores, huma a Deos, e outra ao seu Principe. Naõ pode este Barbaro usar de semelhante astucia com Henrique de Sá, porque assaltando a Rocanive a conquistou, e prendeo ao Tyranno, e concorrendo os Deputados de todas as Villas, que elle

Henrique de Sá conquista Recanive.
Sousa, Orient. Conq. tom. 1. Conq. 3. Div. 2. §. 27.

elle tinha despojado, a embargallo na prizaõ; foy condemnado judicialmente à morte por ladraõ, o que se intitulava Rey, e o seu thesouro dividido entre os accusadores confórme a perda de cada hum. Ratiputi considerando, que naõ tinha appellaçaõ daquella sentença, movido com o intento de salvar a alma, ou a vida, pedio o Bautismo, que lhe foy conferido com o nome de Antonio de Abreu, em obsequio de hum Capitaõ Portuguez assim chamado, que foy seu padrinho. Henrique de Sá vendo, que elle tinha recebido a vida da alma, lhe concedeo a do corpo, com condiçaõ de ir prezo a Goa com o cunhado de D. Manoel de Ative pelo crime de o querer matar. Com a recuperaçaõ de Rocanive se restaurou a prégaçaõ Euangelica, reconciliaraõ-se os apostatas com a Igreja, solemnizouse hum Bautismo de mil e quinhentas almas, derrubaraõ-se duas mesquitas, e hum pagode, e sobre as ruinas destes diabolicos edificios se arvorou huma Cruz, e no circuito della dançou todo o povo, clamando em altas vozes, que antes queriaõ morrer, que renegar.

O Tyranno, que dominava esta Cidade, faz-se Christaõ, e he conduzido prezo a Goa.

Bautizaõ-se mil e quinhentas almas em Rocanive.

112 Naõ sómente respiraraõ os Christãos de Amboino pelo opportuno soccorro, com que os defendeo o Governador das Armas Henrique de Sá da violenta oppressaõ dos Mouros; tambem se experimentou a mesma felicidade na Ilha de Moro pelo zelo do mesmo Governador, aba-

tendo

tendo com huma poderoſa Armada o orgulho daquelles Barbaros, que temeroſos da ſua eſpada lhe mandaraõ Enviados, promettendo, que nunca perſeguiriaõ aos Chriſtãos, antes lhes concederiaõ livre faculdade para a obſervancia da ſua Ley. Igual ſucceſſo ſe admirou em Galelé, habitada de grande numero de Mouros, e Chriſtãos renegados. Deſejavaõ muitos deſtes reconciliarſe com a Igreja, de que taõ injuſtamente ſe tinhaõ apartado; mas era preciſo ſeparallos para que a communicaçaõ os naõ tornaſſe a perverter. Apreſtouſe Henrique de Sá para executar com as armas eſta ſeparaçaõ, mas felizmente a conſeguio, pois preguntado por Tioliza, Senhor daquella terra, que ainda que infiel era de vida inculpavel, ſe deſejava, que os Chriſtãos viveſſem quietos, e ſeguros na Ley, que profeſſavaõ, e reſpondendo-lhe Henrique de Sá, que eſte era o ſeu unico deſejo; replicou Tioliza movido já de eſpirito ſuperior: Ainda ſe fará mais do que deſejaes; e convocando de hum lugar eminente a todos os Mouros, lhes intimou com reſoluçaõ, e efficacia naõ haver outra Ley, em que houveſſe ſalvaçaõ, ſenaõ a de Chriſto, e que poſto que tarde, eſtava reſoluto a profeſſalla. Como ſe eſtas vozes foſſem proferidas por algum Oraculo Divino, de tal modo penetraraõ os corações daquelles Barbaros, que com lagrimas, e clamores proteſtavaõ querer

Triunfos da Fé por beneficio das armas de Henrique de Sá.

rer abraçar a Ley de Chriſto, e pagar com as vidas, ſe outra vez ſeguiſſem os erros de Mafamede; no meſmo inſtante ſe bautizaraõ huns, e ſe reconciliaraõ outros.

113 Em Ternate aſſiſtio o meſmo Henrique de Sá ao ſolemne Bautiſmo de Bungua, General das Armadas de Tidore, Senhor de ſeis Lugares, cuja converſaõ alterou de ſorte a ElRey Aeyro, que o infamou de desleal para com o Eſtado, perſuadindo ao noſſo Governador o mandaſſe em caſtigo da ſua infidelidade prezo a Goa; porém prevaleceo a innocencia do novo convertido contra a falſa calumnia do Tyranno. Com o exemplo de taõ grande homem attrahidos ſeis Cachiz dos mais authorizados da Corte de Tidore pediraõ o Bautiſmo, e fez em toda ella tal conſternaçaõ eſta novidade, que receoſos dous Miniſtros principaes, que governavaõ a ElRey na ſua menoridade, abraçaſſe o povo todo a Religiaõ Chriſtãa, buſcaraõ a Henrique de Sá pedindo-lhe quizeſſe impedir aquelles Bautiſmos, ou ao menos retardallos para naõ ſerem improviſamente opprimidos pelos Mouros, ſeus confinantes, vendo-os taõ affectos à Ley de Chriſto. A eſta taõ impia como ſimulada propoſta reſpondeo Henrique de Sá como verdadeiro Portuguez, que naõ podia ſer arbitro em materias da Religiaõ, quando eſta pertencia aos Miſſionarios Apoſtolicos, com quem as deviaõ tratar.

Converte-ſe o General del-Rey de Tidore.

Recor-

Recorreraõ a estes persuadidos de que lograriaõ melhor successo na sua pertençaõ, mas convencidos da necessidade, que havia do Bautismo para se alcançar a vida eterna, naõ sómente condescenderaõ de que se bautizassem os seis Cachiz, mas prometteraõ de que quando os negocios do Estado estivessem restituîdos a hum perpetuo descanso haviaõ persuadir a ElRey, e a todos os seus Vassallos o desprezo do Alcoraõ, e a falsidade dos Idolos, que adoravaõ. Solemnizou-se o Bautismo dos seis Cachiz com extraordinarias festas, sendo ainda muito mayores as significações de alegria publica, communicada a partes remotas pelo estrondo da artilharia, quando dous irmãos menores delRey de Tidore foraõ santificados com este Sacramento, que abrindo-lhe a porta para a salvaçaõ eterna, tambem ficou aberta para as esperanças da conversaõ delRey seu irmaõ. Estes gloriosos progressos da nossa Fé se dilataraõ com a protecçaõ das armas do igualmente valeroso, e pio Henrique de Sá, mostrando Deos com especial providencia, que estes prosperos successos se alcançavaõ sem dispendio de sangue, e das vidas, quando o fim das nossas emprezas se dirigia a extender a gloria do seu nome, e naõ a dilatar os limites do Estado; sendo a obrigaçaõ com que o Fundador do nosso Imperio nos deu a investidura de taõ vastos, e opulentos dominios, de prégar nelles

Bautismo de seis Cachiz, e de dous irmãos delRey de Tidore.

nelles o Euangelho, e naõ deſpojar com o religioſo pretexto da Fé aos Principes Orientaes dos ſeus theſouros.

CAPITULO XV.

Eſcreve ElRey D. Sebaſtiaõ ao Arcebiſpo de Goa para promover os augmentos da Fé no Oriente. Com outra carta gratifica a ElRey de Bungo a faculdade concedida aos Miſſionarios para prégar o Euangelho, de que tambem faz participante ao Conde Vice-Rey. Succeſſos da Miſſaõ do Reyno de Ottongue.

1562.

114 CОntinuavaõ com tanto augmento em todo o Oriente os progreſſos da Religiaõ Catholica, como ſe diminuhia a falſa crença da torpe ley de Mafoma, concorrendo para a exaltaçaõ de huma, e extirpaçaõ de outra igualmente o Apoſtolico fervor dos Operarios Euangelicos, e o ardente zelo dos Monarcas Portuguezes, ſendo taõ exceſſivo o que ardia no peito do Sereniſſimo Rey D. Sebaſtiaõ, que o manifeſtou ao Arcebiſpo de Goa, eſcrevendo-lhe quanto era importante ao Eſtado, e decoroſo à ſua Dignidade Epiſcopal patrocinar aos Religioſos da Companhia de Jeſus, para que à ſombra da ſua protecçaõ pudeſſem adiantar a eſpi-

Souſa, Orient. Conq. tom. 1. Conq. 1. Div. 2. §. 86.

eſpiritual conquiſta das almas, e multiplicarſe com mayor numero o rebanho de Chriſto, cujos Catholicos deſejos ſe viaõ expreſſos neſta carta.

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para o Arcebiſpo de Goa.

115 „ Reverendo em Chriſto Padre Arcebiſpo amigo. Eu ElRey vos envio muito ſaudar, como àquelle, de cujo accreſcentamento „ muito me prezaria. ElRey meu Senhor, e „ Avô, que ſanta gloria haja, vendo a obrigaçaõ, que a Coroa deſtes Reynos, e Senhorios tem à converſaõ dos infieis deſſas terras „ da India, e pelo zelo, que Deos Noſſo Senhor lhe deu do augmento, e dilataçaõ de „ noſſa Santa Fé Catholica, teve ſempre muito „ deſejo, e cuidado, de que ella foſſe dilatada, „ e augmentada nas ditas partes, e para iſto haver effeito, o encommendou, e encarregou ſempre aos Vice-Reys, e Governadores dellas, e „ além das lembranças, que lhes dava, ordenou, „ e proveo para eſte intento algumas couſas particulares por cartas, e proviſões ſuas, e em „ quanto ſe naõ executaraõ inteiramente, e com „ toda a diligencia, e cuidado, que a obrigaçaõ, „ e importancia do negocio pedia, procedeo a „ converſaõ das ditas partes com muito menos „ fruto, do que S. Alteza deſejava, e pertendia. „ Depois ſabendo eu, que no tempo do Governador Franciſco Barreto ſe augmentou muito „ a Chriſtandade por elle a favorecer, e fazer

cumprir

„ cumprir algumas couſas, de que aſſim eſtava
„ ordenado, e ordenar outras ao meſmo propo-
„ ſito; e tendo eu informaçaõ das mais razões
„ particulares, e impedimentos, porque a Gen-
„ tilidade naõ recebia noſſa Santa Fé, eſpecial-
„ mente neſſa Ilha de Goa, e nas a ella adja-
„ centes, e deſejando tirallos, e prover niſſo, o
„ pratiquey com os do meu Conſelho, e com o
„ Vice-Rey D. Conſtantino quando o mandey
„ à India, e lhe dey ſobre iſſo algumas lembran-
„ ças, encommendando-lhe muito, que neſte ne-
„ gocio puzeſſe toda a força, que elle pedia, e
„ prouve a Noſſo Senhor, que com a diligen-
„ cia, e meyos, que o dito D. Conſtantino niſ-
„ ſo poz, receberaõ muitos noſſa Santa Fé, de
„ que eu recebi, e recebo grande prazer, e con-
„ tentamento, e eſpero, que ſe aſſim ſe conti-
„ nuar, em muy breve tempo ſejaõ convertidos
„ muitos póvos deſſas partes, que ſerá grande
„ bem, e meyo para o ſocego de minha conſci-
„ encia, e ſegurança, e paz de meus Vaſſallos,
„ e a Coroa deſte Reyno poder poſſuir eſſe Eſ-
„ tado. E porque couſa taõ ſanta, e obrigato-
„ ria he muy neceſſaria, e deſejo eu muito, que
„ ſeja ſempre, e por todas as vias favorecida,
„ naõ me pareceo ſobejo fazervos eſta lembran-
„ ça, e encommendarvolo muito; poſto que con-
„ fio, que da voſſa parte naõ ficará nada por fa-
„ zer do que cumpre para que eſte meu deſejo

Ff ii haja

„ haja effeito. E porque eu escrevo largo ao
„ Conde de Redondo, meu Vice-Rey nessas
„ partes, sobre este negocio, e que pratique com
„ vosco, e com os Padres da Companhia de Je-
„ su, e outros Religiosos os meyos, que se po-
„ deráõ tomar mais convenientes para esta obra
„ proceder com todo fervor, e efficacia possivel,
„ naõ sómente nessa Ilha de Goa, e nas a ella
„ adjacentes, mas em todas as outras partes des-
„ se Estado, vos encommendo muito, que o tra-
„ teis com elles, e façaes sempre ao dito Vice-
„ Rey as lembranças, que vos parecerem neces-
„ sarias para o favor, e ajuda, que elle deve dar,
„ para que se cumpra inteiramente com a obri-
„ gaçaõ, que a Coroa destes Reynos, e Senho-
„ rios a isso tem, e assim vos encommendo mui-
„ to, que tenhaes sempre lembrança de avisar os
„ Bispos, e Vigarios, e outras pessoas, que vos
„ parecer, que devem, e podem ajudar nesta
„ obra em quaesquer partes, que estiverem, de
„ todas as cousas, que virdes, que para bem del-
„ la he necessario serem avisados, e animeis a
„ todos os Religiosos, que na conversaõ se oc-
„ cupaõ, e empregaõ, para que procedaõ sem-
„ pre com mayor fervor, e devoçaõ neste taõ
„ grande serviço de Nosso Senhor, e que amim
„ mais me lembra, e de que mais conta faço,
„ que de todos os outros proveitos dessas partes:
„ e procurareis, que se naõ dê occasiaõ aos no-
vamente

„ vamente convertidos, e aos que ſe eſpera que
„ ſe convertaõ, de enfraquecer, nem aos outros,
„ que parece, que eſtaõ mais longe de receber
„ noſſa Santa Fé, de ſe confirmarem em ſeus er-
„ ros, porque redundaria em grande deſcredito
„ della, e ſeria muito deſerviço de Noſſo Se-
„ nhor, e meu. E receberey muito contenta-
„ mento de ver cada anno por voſſas cartas no-
„ vas do augmento, que Noſſo Senhor dá na
„ converſaõ deſſas partes. Eſcrita em Lisboa a
„ 11. de Março de 1562.

116 O Arcebiſpo, que era dotado de inſig-
nes virtudes, depois que leo, e obſervou a im-
portancia da materia, e a ſoberania de quem a
mandava, eſcrupuloſo de que pudeſſe com algu-
ma leve demora prejudicar à ſua conſciencia, e
à delRey naõ executando logo o que lhe or-
denava, mandou chamar aos Padres do Colle-
gio de S. Paulo, e lhes concedeo ampliſſima fa-
culdade para a ſolemnidade dos Bautiſmos, que
por ſiniſtras informações lhes tinha prohibido.
Animados os Prégadores do Euangelho com eſ-
ta permiſſaõ, de tal modo ſe afervoraraõ em aliſ-
tar almas para as bandeiras de Chriſto, que no
breve eſpaço de vinte dias convocaraõ pelas Al-
deas do contorno de Goa trezentos e vinte e
nove Cathecumenos, que foraõ regenerados na
fonte Bautiſmal pelo meſmo Arcebiſpo, aſſiſtin-
do a eſta ſagrada ceremonia o Conde Vice-Rey
com

Dá faculdade o Arcebiſpo de Goa para ſe celebrarem os Bautiſmos.

com toda a Nobreza. Cada vez se foy augmentando o numero dos convertidos estimulados mais zelosamente pelo Capitaõ da Cidade Lopo Vaz de Siqueira, e o Padre Francisco Rodrigues, da Companhia de Jesus, que discorrendo pela Ilha de Goa, e suas adjacentes, exhortavaõ com huma carta escrita por ElRey D. Sebastiaõ aos Vassallos infieis da sua Coroa à profissaõ da Ley de Jesu Christo. Era taõ activo o incendio do zelo Catholico, que abrazava o coraçaõ deste Principe, que se naõ entibiava com a remota distancia daquellas Provincias, sendo a repetiçaõ das cartas, que escrevia nesta materia, o mais claro argumento do seu fervoroso affecto. Venerava ElRey de Bungo, ainda que infiel, como pay, ao Padre Cosme de Torres, que missionava naquelle Reyno, de tal sorte, que mandou aos seus Vassallos o amassem, e respeitassem como seu Principe, e para mayor prova do amor, que tinha a este Padre lhe deu licença, escrita em duas taboas com letras de ouro, para que todos os seus Vassallos pudessem livremente abraçar a Ley Euangelica. Sentiaõ excessivamente os Bonzos o empenho delRey de Bungo no augmento da Christandade, e lhe persuadiaõ desterrasse os Missionarios para a India, por serem homens infames, inimigos da paz publica, e desprezadores das suas divindades; mas o Rey os lançou da sua presença envergonhados,

Concessaõ delRey de Bungo para se prégar a Ley Euangelica.

dos, e confuſos, dizendo-lhes, que em dez annos, que aquelles Padres aſſiſtiaõ nos ſeus dominios lucrara o Imperio de cinco Reynos, ſendo ſómente Senhor de tres; e que alcançara por ſuas orações ſucceſſores para a Coroa, e tantos theſouros, que nenhum Rey do Japaõ os tinha iguaes. De todas eſtas felicidades, que reſultavaõ em gloria da noſſa Religiaõ, foy informado o noſſo Principe, e querendo com a gratificaçaõ animar aquelle Rey para continuar na protecçaõ da Chriſtandade, e na generoſa benevolencia, com que tratava aos Miſſionarios, eſcreveo ao Conde Vice-Rey huma carta, em que lhe dava conta dos progreſſos, que a Fé alcançara com o patrocinio delRey de Bungo, e remeteo outra a eſte Principe em que expreſſou o quanto lhe eraõ acrédores os triunfos, que a Religiaõ Catholica conſeguira em os ſeus dominios, ſendo o theor de ambas as cartas o ſeguinte.

Deſpreza ElRey de Bungo a contradicçaõ dos Bonzos.

117 „Conde Vice-Rey amigo. Eu ElRey „vos envio muito ſaudar, como aquelle que „amo. Eu ſoube do muito favor, e boas obras, „que o Duque de Bungo faz aos Padres da „Companhia de Jeſus, que andaõ nas terras do „Japaõ entendendo na converſaõ daquella Gen„tilidade, e de quaõ bem inclinado, e diſpoſ„to he para ſe fazer Chriſtaõ, e que poderia ſer „meyo para tomar, e receber noſſa Santa Fé „moſtrarlhe eu amiſade, e contentamento diſſo:

Cartas delRey D. Sebaſtiaõ para o Conde Vice-Rey. *Cartas do Japaõ, e China, tom. 1. pag. 94.*

pelo

„ pelo qual me pareceo eſcreverlhe, o que ve-
„ reis pela copia da carta, que com eſta irá.
„ Muito vos encommendo, e mando, que pro-
„ cureis efficazmente, que eſte Duque ſe con-
„ verta, e os meyos, de que ſe deve uſar, pra-
„ ticareis com o Arcebiſpo de Goa, e os Pa-
„ dres da Companhia de Jeſus, que tem infor-
„ maçaõ delle, e das couſas de ſuas terras, e
„ ſempre lhe moſtrareis amiſade, que lhe eſcre-
„ vo, que achará em vós: e quanto de mais
„ qualidade forem as peſſoas, que ſe converte-
„ rem, e os Gentios, de que ſe eſperar que o
„ façaõ, tanto ſe lhes deve moſtrar môr favor;
„ porque além de que pelo reſpeito de ſuas peſ-
„ ſoas ſer aſſim razaõ, pelo da noſſa Santa Fé o
„ he muito mais, porque com ſeu exemplo ſe
„ moveráõ muitos a recebella, e ſe conſervaráõ
„ melhor os que a tiverem recebido. E poſto
„ que geralmente vos encommendo por outra
„ parte os Padres da Companhia de Jeſus, em
„ particular me pareceo lembrança dos que an-
„ daõ nas ditas terras do Japaõ, e nas de Ma-
„ luco, e nas partes de Sofala, e Moçambique,
„ entendendo naquella nova converſaõ, tenhaes
„ muito eſpecial cuidado, porque padecem mui-
„ tos trabalhos, e andaõ em muy grandes peri-
„ gos: e pois elles com tanto animo, e tanto por
„ amor de Noſſo Senhor ſe offerecem a elles,
„ convém, que ſe faça diſſo muita conta animan-
do-os,

„ do-os, e provendo-os com tudo o que lhe for
„ neceſſario, como cuido, que fareis, pois ten-
„ des bem conhecido quanto mais conta faço da
„ converſaõ deſſas partes, em que elles ſe empre-
„ gaõ, que de todos os proveitos dellas. Eſcri-
„ ta em Lisboa a 11. de Março de 1562.

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para ElRey de Bungo.

118 „ Nobre, e honrado Duque de Bungo.
„ Eu D. Sebaſtiaõ, Rey de Portugal, e dos Al-
„ garves dá quem, &c. vos faço ſaber, que por
„ cartas, que os Padres da Companhia de Jeſus,
„ que andaõ neſſas terras do Japaõ eſcrevem a
„ eſte Reyno, ſoube da muita razaõ, que ha pa-
„ ra eu folgar com voſſa amiſade pelo conſenti-
„ mento, que daes aos naturaes de noſſas terras
„ para ſe fazerem Chriſtãos, e receberem noſſa
„ Santa Fé, e pelo muito favor, que àcerca diſ-
„ to déſtes ſempre aos ditos Padres, e em todo
„ o que cumpria a ſuas peſſoas, e ſeguranças
„ dellas nos perigos, trabalhos, e neceſſidades,
„ que ſe lhe offereciaõ, ſoccorrendo-os ſempre
„ com aviſos, conſelhos, e ajudas, e eſmolas
„ para ſeu remedio, e ſuſtentaçaõ, de que rece-
„ bi, e recebo grande contentamento, eſpecial-
„ mente, porque eſpero, que apoz eſtas boas
„ obras, que ſaõ indicio, e ſinal de Noſſo Se-
„ nhor vos querer dar inteiro, e verdadeiro co-
„ nhecimento da verdade, e pureza da Ley de
„ Chriſto Senhor, e Redemptor noſſo, vos fa-
„ rá merce de vos dar a luz, e graça para a re-

„ ceberdes , e elle vos receber nella para salva-
„ çaõ de vossa alma, e de todos vossos Vassal-
„ los, que ainda naõ chegaraõ ao conhecimen-
„ to deste bem. Porque tenho esperança, que
„ recebendo-a vós, elles todos faraõ o mesmo;
„ e assim como vos virem guardar a fé, e leal-
„ dade ao Senhor, e Creador de todo o Mun-
„ do, naõ dando às creaturas suas a honra, ser-
„ viço, e veneraçaõ, que a elle como Deos de
„ todas se deve, vos seraõ leaes, e fieis, e eu
„ folgarey sempre de fazer tudo o que com ra-
„ zaõ para vossa pessoa, e os vossos me reque-
„ rerdes, e de meus Reynos, e Senhorios vos
„ cumprir. E porque tenho muy grande espe-
„ rança, que folgareis de tomar esta Ley taõ san-
„ ta, e verdadeira, escrevo a meu Capitaõ môr,
„ e Vice-Rey dessas partes da India, que tan-
„ to que o souber, e tiver carta vossa, ou dos
„ Padres da dita Companhia de Jesus, que em
„ vossas terras andaõ, de como recebestes a agua
„ do Santo Bautismo, e procuraes de saber, e
„ guardar o que he necessario para vossa salva-
„ çaõ, como de taõ honrada pessoa espero, e
„ mo escreva pelo contentamento, que recebe-
„ rey de taõ grande merce de Nosso Senhor, e
„ bem de vossa alma; e tambem elle terá cui-
„ dado de em meu nome fazer tudo o que com
„ razaõ lhe requererdes, e vos cumprir como sa-
„ be, que eu desejo, que sempre se faça a to-
dos

„ dos os que deixaõ os enganos, e falſidades Gen-
„ tilicas por receber a verdade de noſſa Santa Fé.
„ Nobre, e honrado Duque, Noſſo Senhor vos
„ allumíe com ſua graça, e com ella vos tenha
„ ſempre em ſua guarda. Eſcrita em Lisboa em
„ 11. de Março de 1562.

119 O fim que teve a Miſſaõ de Monomotapa já ſe vio em o anno paſſado; agora he neceſſario ſaberſe em que veyo neſte a terminar a do Reyno de Ottongue, de que era incançavel Operario o Padre André Fernandes. Propunha eſte Apoſtolico Varaõ àquella barbara Cafraria por continua materia das ſuas exhortações a immortalidade da alma, os tormentos do Inferno, e as delicias do Paraiſo, e era infrutuoſo todo o trabalho, porque ſurdos os ouvintes às vozes de verdades taõ Catholicas affirmavaõ, que naõ havia outro Deos mais que o ſeu Gamba, e naõ havia premio, nem caſtigo; ſe naõ viver, e morrer; e quando ſe viaõ convencidos deſtes erros, ſe deſpicavaõ aſetteando ao Prégador. O artigo mayor da crença deſtes barbaros he affirmar, que logra o ſeu Principe por attributo da ſoberania o poder ſobrenatural de engroſſar as nuvens, ſuſpender as chuvas, ſoltar os ventos, alterar as eſtações, accender os relampagos, diſparar trovões, e fulminar rayos, e por eſta cauſa o adoraõ como divino. Ainda depois de bautizado conſervava o Gamba eſte fabuloſo dominio ſo-

Zelo, com que ſe occupava o Padre André Fernandes na converſaõ do Reyno de Ottongue.

bre a Regiaõ aéria, com tal presumpçaõ, que naõ queria desistir de taõ particular privilegio.

Confuta evidentemente o Padre a presumpçaõ temeraria delRey de Ottongue.

Naõ podendo tolerar este delirio o Padre André Fernandes, e esperando a este Principe na sala Real, onde estava assistido da gente mais luzida da sua Corte, com igual energia de palavras, e efficacia de espirito o increpou da temeraria loucura, com que se queria fazer arbitro dos meteoros, e dos movimentos sublunares; e se era taõ poderoso, como affectava, para desengano dos incredulos, e evidente demonstraçaõ da sua virtude cubrisse os ares de nuvens, inundasse a terra com agua, e assombrasse a terra com trovões. A efficacia deste argumento desenganou ao Gamba de que era falso o seu dominio sobre os ares; mas concebeo grande odio contra o Padre por se ver privado de taõ sublime poder no errado conceito de seus Vassallos.

CA-

CAPITULO XVI.

Executa o Emperador da Ethiopia varias tyrannias contra os Chriſtãos, principalmente contra o Biſpo D. André de Oviedo. He desbaratado em huma batalha eſte Principe pelo Vice-Rey de Tigré. Exercicios do Irmaõ Fulgencio Freire no Cayro, onde eſtava cativo. Morre em Goa o Patriarcha Joaõ Nunes Barreto, de cujas acções ſe faz huma ſuccinta memoria.

1562.

120 LOgo que ſe coroou na Ethiopia ſuperior o Emperador Minas, ou Adamas Segued, todo o ſeu cuidado applicou em perſeguir cruelmente os profeſſores da Religiaõ Catholica, revogando a liberdade, que ſeu irmaõ Claudio concedera às Abexinas caſadas com Portuguezes para que viveſſem confórme o Rito Romano, e cominando com graves penas a todo o natural da Ethiopia, que entraſſe em as noſſas Igrejas. Por naõ quererem profeſſar os Schiſmaticos dogmas de Alexandria deſterrou hum Armenio, degollou outro, mandou açoutar a huma mulher por ſe fazer Catholica, e com a violencia das ſuas tyrannias fez apoſtatar a muitos Vaſſallos: exterminou do ſeu Imperio aos Portuguezes, deſpojando-os das fazen-

Tyrannias executadas pelo Emperador da Ethiopia contra os profeſſores da Religiaõ Catholica.
Souſa, Orient. Conq. tom. 1. Conq. 5. Div. 2. §. 64.

Violenta o Emperador ao Bispo D. André de Oviedo para que naõ pregue a Fé nos seus dominios.

fazendas, e lugares dados por seu irmaõ Claudio em remuneraçaõ de lhe restaurarem para si a Ethiopia. Chamou ao seu Palacio ao Bispo D. André de Oviedo, e com impia severidade lhe prohibio prégar a Doutrina Euangelica, e se repugnasse a este preceito pagaria com a morte a desobediencia. Naõ intimidou ao constante Prelado esta ameaça do Tyranno, antes mais animoso lhe disse: Que naõ huma, mas muitas vidas sacrificaria espontaneamente pela prégaçaõ da Ley, que professava. Com esta reposta se enfureceo taõ cegamente o Barbaro, que desembainhou a espada para cortar a cabeça ao valeroso Prégador do Euangelho, o qual postrado por terra lhe offereceo a garganta para o golpe.

Valerosa constancia, com que lhe resiste o Bispo. *Telles, Hist. da Ethiop. Alt. liv. 2. cap. 31.*

Pasma attonito, e confuso o Tyranno da humildade da innocente victima, arroja a espada, e arrebatado de furiosa loucura, entre gritos, e clamores se atreve a pôr as mãos sacrilegas no Ungido do Senhor rasgando-lhe os vestidos, e naõ satisfeito com esta horrenda injuria, torna a empunhar a espada para dar a ultima satisfaçaõ à sua colera, mas foy suspendido de taõ impia execuçaõ pela authoridade da Rainha, estranhando-lhe este furor como indecoroso à soberania Imperial. Dissimulou por algum tempo a furia, porém passados poucos dias o desterrou para huma serra muito fragosa, e esteril, com tençaõ de que o Capitaõ della o matasse; mas foy supe-

ſuperiormente livre por hum reſplendor apparecido ſobre a choupana, em que eſtava encerrado, que ſendo viſto pela mulher do Capitaõ, julgando ſer aquella luz hum clariſſimo ſinal da innocencia daquelle Varaõ, perſuadio ao marido, que trocaſſe o rigor em piedade, alcançando a liberdade depois de ſeis mezes de prizaõ.

Batalha, em que he morto o Emperador.

121 Neſte meſmo tempo marchava o Emperador a preſentar batalha a Baharnagais, Vice-Rey de Tigré, que confederado com os Turcos, e alguns Portuguezes, tinha em odio de Minas acclamado por Emperador a outro ſeu irmaõ mais moço. Travouſe o conflicto em 20. de Abril deſte anno de 1562. com furor, e deſeſperaçaõ de ambas as partes; mas prevalecendo as tropas de Baharnagais foy totalmente deſbaratado o impio Minas, cuja ruina ſentio taõ exceſſivamente, que poucos dias depois da batalha acabou a vida. Eſquecido de tantas injurias, que recebera deſte Emperador, o ſeguio até o ſeu arrayal o Biſpo D. André de Oviedo, e poſto de joelhos no meyo do campo, em que ſe deu a batalha, por eſpecial favor da protecçaõ Divina naõ padeceo o menor deſacato das vitorioſas armas dos Turcos, e Tigrés, experimentando diverſa fortuna os outros Padres, que acompanhavaõ ao Emperador, ſendo cativos, e deſpojados, e alcançaraõ a liberdade por interven-

çaõ

çaõ dos Portuguezes, que ſeguiaõ as partes de Baharnagais.

122 Neſte anno chegaraõ ao Cayro os Padres Chriſtovaõ Rodrigues, e Joaõ Bautiſta Eliano, ambos Jeſuitas, inviados pela Santidade de Pio IV. a tratar da uniaõ da Igreja Alexandrina com a Romana, que ſe naõ effeituou como deſejava a Paſtoral vigilancia deſte Summo Pontifice. Aſſiſtia neſta terra o Irmaõ Fulgencio Freire, muito velho, e attenuado com as moleſtias do cativeiro, que tinha padecido, ſendo cauſa delle o que brevemente relataremos. Em o anno de 1557. em que na Ethiopia entrou o Biſpo D. André de Oviedo, de tal ſorte tinhaõ ſenhoreado os Turcos os portos de Maçua, e Arquico, que fechado o commercio entre a India, e a Ethiopia, ſe ignorava o que paſſava em nenhuma deſtas partes. Obrigado o Vice-Rey D. Conſtantino das repetidas inſtancias do Patriarcha Joaõ Nunes Barreto, mandou apreſtar tres fuſtas para que lançaſſem nas prayas da Ethiopia ao Irmaõ Fulgencio Freire com os provimentos neceſſarios aos Padres, e trazerem noticias daquelle Imperio. O medo das galés Turqueſcas, que diſcorriaõ por aquella coſta, naõ permittio mais tempo, do que entregar as cartas a hum, que as levou a Arquico, e voltando as fuſtas, ao embocar as portas do Eſtreito encontraraõ as quatro galés do celebre Coſſario Cafar,

Cativaõ os Turcos ao Irmaõ Fulgencio Freire.

far, e ſendo muito deſigual o partido, eſtimulado imprudentemente por hum Soldado o Capitaõ môr Chriſtovaõ Pereira Homem atracou a Capitania Turqueſca, e ſaltando nella com quinze Portuguezes foy atropellando os Turcos, que eraõ cento e cincoenta; porém vencidos os noſſos pelo exceſſo do numero, ficaraõ todos gravemente feridos, querendo Cafar conſervarlhes as vidas para os offerecer ao Graõ Turco para guarda da ſua peſſoa. Entre os cativos, que eſtavaõ na fuſta, o foy tambem o Irmaõ Fulgencio Freire, que depois de receber muitas feridas o lançaraõ a remar no banco, e ſervir na ribeira de Mocá com braga no pé. Cortado de tantos trabalhos o acharaõ no Cayro os Padres, que vieraõ neſte anno, mas taõ vigoroſo no eſpirito, que confirmava na Fé aos outros cativos, e tinha reduzido ſeis infieis, dos quaes tres morreraõ logo depois de bautizados. Foy reſgatado com oito Chriſtãos por mil e quinhentos cruzados, que deu o noſſo Embaixador aſſiſtente em Roma, e paſſando à Curia, daqui chegou a Lisboa, onde no anno de 1569. ſervio com ardente caridade na geral epidemia, que devorou a tantos dos ſeus habitadores.

Exercicios, que praticava no Cayro.

123 Finalizem-ſe os ſucceſſos da Ethiopia ſuperior com a ſentida morte do ſeu Patriarcha Joaõ Nunes Barreto, que aconteceo em Goa a 20. de Dezembro deſte anno de 1562. Naſceo eſte

Morte do Patriarcha Joaõ Nunes Barreto, e ſeu elogio.

Franco, Ann. Glorioſ. Soc. Jeſ. pag. 747.
Godinho de rebus Abyſſin. lib. 2. cap. 22.

este insigne Prelado na Cidade do Porto, e foy filho de Fernaõ Nunes Barreto, Senhor dos Morgados de Freiriz, e Penagate. Depois de frequentar a Universidade de Salamanca, onde recebeo a formatura na Faculdade dos Canones, o nomeou seu Irmaõ Gaspar Nunes Barreto na Abbadia de Freiriz, que era do seu Padroado, na qual desempenhou taõ pontualmente as obrigações de Pastor solicito, que era intitulado com a virtuosa antonomasia do Abbade Santo. Desejava ardentemente seu irmaõ Belchior Barreto, que era da Companhia, attrahillo ao mesmo Instituto, para que a graça os fizesse Irmãos, como os fizera a natureza; mas naõ se resolvia o Abbade a preferir a vida Religiosa à Ecclesiastica, que professava, querendo mais imitar o socego da Magdalena, que a diligencia de Martha. Tinha chegado ao Collegio de Coimbra o Padre Pedro Fabro, hum dos insignes Companheiros do grande Loyola, e confiado o Padre Belchior Nunes, que sómente hum Piloto taõ experimentado no caminho da vida espiritual podia ser director da consciencia de seu irmaõ, lhe escreveo para que com taõ douto Mestre de espirito pudesse consultar o estado mais perfeito de vida, que podia seguir. Obedeceo Joaõ Nunes a esta insinuaçaõ, e illustrado pelas sombras nocturnas de hum sonho a que seguisse antes a vida activa, que a contemplativa, partio

tio em trajes de peregrino até Coimbra, e logo entre os Padres do Collegio conheceo ao Padre Pedro Fabro, e lançado a ſeus pés lhe manifeſtou os ſegredos do coraçaõ, e por conſelho deſte Varaõ inſigne entrou na Companhia em o anno de 1544. Foy tal o fogo, que ſe lhe ateou no peito de querer aſſiſtir aos proximos, que ainda naõ tinha quatro annos de Religioſo, quando pedio com inſtantes rogos faculdade aos Superiores para ir conſolar com a ſua preſença aos Chriſtãos, que gemiaõ cativos nas duriſſimas maſmorras de Tituaõ, e Barberia. Neſte horroroſo theatro reſplandeceo mais vivamente a ſua heroica caridade, exercitando os miniſterios mais abatidos em obſequio dos enfermos, miniſtrando os Sacramentos para conſolaçaõ dos Catholicos, e prégando as verdades Euangelicas para confuſaõ dos Mouros; e de tal ſorte ſe reformaraõ com eſtes Apoſtolicos exercicios aquellas maſmorras, que mais pareciaõ grutas da Thebaida, que covas da Barberia, donde reſuſcitavaõ muitos à vida da graça pelo impulſo da ſua ſagrada efficacia.

124 Naõ ſómente triunfava a ſua eloquencia dos delirios de Mafoma, mas tambem dos enganos do Talmud, entrando pelas Sinagogas, e convencendo a perfidia Judaica com a evidencia da Fé do verdadeiro Meſſias, de que colheo por fruto a converſaõ de muitos Judeos,

 e en-

e entre elles hum doutiſſimo Rabbino. Depois de aſſiſtir por eſpaço de ſeis annos em Tituaõ, e ter por ſua induſtria procurado o reſgate de duzentos cativos, chegou a Lisboa, onde a Mageſtade delRey D. Joaõ o III. o elegeo Patriarcha de Ethiopia, ſendo taõ benemerito de taõ grande Dignidade, que ao meſmo tempo Santo Ignacio em Roma, e aquelle Monarcha em Portugal o julgaraõ digno della. Excuſouſe com tanta humildade daquella Mitra ao Santo Patriarcha, que mandou publicamente ler a carta, para que ſerviſſe de exemplar a todos, mas obrigado da ſuprema ordem de Paulo IV. ſometeo os hombros ao pezo, e foy ſagrado na Igreja da Santiſſima Trindade em 24. de Mayo de 1555. pelo Biſpo de Portalegre D. Juliaõ de Alva, Eſmoler môr da Rainha D. Catharina, e juntamente ſe ſagrou com elle D. André de Oviedo por Biſpo de Hierapolis, que havia ſer ſeu coadjutor, e futuro ſucceſſor. A Dignidade Patriarchal lhe naõ fez alterar o eſtylo, que obſervava em os exercicios, e miniſterios da Communidade; antes ſe prezava muito de que com a meſma maõ, em que ſuſtentava o bago, pegaſſe na vaſoura. No anno de 1556. navegou para a India, e aſſiſtindo no Collegio de S. Paulo de Goa, mudando de terra, naõ mudou do coſtume de praticar os mais vís miniſterios, como era lavar os pés aos hoſpedes, que vinhaõ das

das Miſſões. Todo o ſeu mayor deſvelo, e continua fadiga era aſſiſtir no ſeu Patriarchado para ſalvar aquellas ovelhas, que andavaõ naufragantes em hum pelago de erros Schiſmaticos; mas como ſe lhe impedio por altiſſima Providencia a execuçaõ deſtes fervoroſos deſejos, reſignado na vontade Divina ſe applicou em Goa, depois de regeitar o Biſpado deſta Cidade, em doutrinar os eſcravos, e Chriſtãos da terra com as inſtrucções conducentes à ſua ſalvaçaõ. Edificou na Ilha de Choraõ, pouco diſtante de Goa, humas caſas terreas junto à Igreja de Noſſa Senhora da Graça, onde retirado do commercio humano converſava com os Anjos, como ſe fora já ſeu companheiro: quando ſendo aſſaltado de huma febre o obrigou a voltar para o Collegio de S. Paulo, e aviſado pelo Medico da gravidade da doença, lhe agradeceo com inexplicavel alegria a noticia, e recebendo os Sacramentos com terniſſimo affecto, paſſou deſta vida mortal a coroarſe na eterna em idade de quarenta e cinco annos, e dezaſete da Companhia. Foy ſepultado com geraes lagrimas na Capella môr do Collegio Velho de S. Paulo, e ſobre a campa da ſepultura mandou abrir eſte letreiro o Geral da Companhia Everardo Mercuriano para eterna memoria de taõ inſigne Prelado. *Oſſa Reverendiſſimi in Chriſto Patris Domini Joannis Nonii Æthiopiæ Patriarchæ à Julio*

III.

III. Pontifice Maximo, ipso Æthiopiæ Rege David petente, missi.

CAPITULO XVII.

Saõ destroçados no Sertaõ de Piratininga os Indios Tupis. Sahe com huma Armada Fernando de Sá contra os Tamoyos, que inquietavaõ a Capitanía do Espirito Santo, e depois de os derrotar, morre infelizmente.

1562.

125 DOmado o orgulho dos Tamoyos pela valerosa espada de Mendo de Sá se retirou triunfante com toda a Armada para a Bahia; e quando parecia, que atemorizados estes barbaros com o estrago padecido naõ intentassem movimento algum contra os moradores da Capitanía de S. Vicente, vendo aquella enseada desasombrada das nossas armas se resolveraõ alterar com continuos assaltos o socego de seus habitadores, matando a muitos delles como se fossem féras para pasto da sua gula, e satisfaçaõ da sua vingança. Naõ havia lugar seguro da destreza dos seus arcos, e da voracidade de seus ventres, acometendo pelas serras aos que estavaõ occultos no sertaõ, e infestando com canoas aos que habitavaõ pelas margens dos rios; querendo com taõ enormes insultos desaggravar a inju-

Os Tamoyos inquietaõ com insultos novos aos moradores da Capitanía do Espirito Santo.
Vasconc. Chron. da Prov. do Brasil, liv. 2. n. 143.

injuria, que receberaõ no Rio de Janeiro, e reduzir toda aquella Capitania ao ſeu dominio. Para effeito deſte intento temerario começaraõ a cortar troncos de deſmarcada grandeza, de que ſaõ muito abundantes as mattas daquelle ſitio, e depois de cavados à violencia do ferro, fabricaraõ canoas capazes de levar cento e cincoenta remeiros, que ao meſmo tempo vogavaõ, e deſpediaõ ſettas, ſervindo-lhe muitas vezes o remo de eſcudo para rebaterem as armas inimigas. Cada dia ſe augmentava mais a inſolencia deſtes barbaros, a quem o deſejo da vingança fazia atrevidos, e a companhia dos Francezes, diſciplinados.

Rebellaõ-ſe os Indios Tupis contra o Eſtado.

126 Eſtas hoſtilidades, executadas pelo furor dos Tamoyos, facilitaraõ os animos dos Indios Tupis noſſos confederados para que ſe rebellaſſem contra os moradores da Villa de Piratininga, convocando para o ſeu deſtroço muitas Aldeas circumviſinhas, que ſe conſervavaõ neutraes, a quem perſuadiaõ, que lançaſſem fóra das ſuas terras aos Portuguezes como gente perniciosa à ſua conſervaçaõ. Depois de formarem hum Exercito, que lhes pareceo ſufficiente para a empreza intentada, reſolveraõ aſſaltar a Villa a tempo, que naõ foſſem ſentidos, e por eſte modo ſenhorearſe da fertilidade daquelles campos, a que tanto anhelava a ſua cubiça, e tambem porque as ſerras de Peranápiacabá, que mediavaõ

diavaõ entre elles, e os Portuguezes, lhes serviſſem de muralhas para os defender das ſuas invaſões. Acompanhados os Tupis de huma multidaõ de Gentios, e Chriſtãos fugitivos, que eraõ muito praticos nas entradas, e ſahidas da Villa de Piratininga, marcharaõ por caminhos occultos com intento de achar aos noſſos menos acautelados; porém naõ permittindo Deos, que eſtes barbaros conſeguiſſem o ſeu deſejo, diſpoz, que hum Indio apartando-ſe do Exercito rompeſſe o matto por atalho mais breve, e déſſe noticia à noſſa gente do grande poder, que vinha para acometella. Naõ deſmayaraõ os corações Portuguezes com eſte aviſo; antes como animados de ſuperior impulſo ſe prepararaõ reſolutamente para a invaſaõ, ſendo os Indios Cathecumenos, e bautizados os primeiros, que ſe offereceraõ para rebater o furor dos inimigos.

Marchaõ com hum poderoſo Exercito contra a Villa de Piratininga.

127 Eſtimulados com o exemplo deſtes alentados Indios ſe juntaraõ os moradores de ſete Aldeas circumviſinhas, e entrando em as noſſas eſtancias ſe offereceraõ por companheiros para o conflicto, que ſe eſperava. O Indio, que deu mayores argumentos de valor, e fidelidade, foy Tebyricá, chamado no Bautiſmo Martim Affonſo, principal peſſoa da Villa de Piratininga, o qual aliſtando a gente de tres Aldeas ſuas, naõ ſómente as exercitou com incançavel deſvelo para eſtarem promptos para o combate, mas os

Valeroſa fidelidade de Tebyricá.

os exhortou a que eſtiveſſem certos da vitoria, porque Deos pelejava da ſua parte, pois os inimigos huns eraõ Gentios, e outros tinhaõ com injuria da Religiaõ apoſtatado da Ley, que profeſſaraõ no Bautiſmo. Capitaneava o Exercito inimigo Ararayg, irmaõ de Tabyricá, e como trouxeſſe em ſua companhia hum filho, levado eſte do amor natural quiz, com palavras affectuoſas diſſuadir ao tio do zelo com que amparava aos Portuguezes, propondo-lhe ſer loucura contender com hum Exercito taõ formidavel, de cuja ſuperioridade aſſim no valor, como em o numero podia infallivelmente eſperar a ultima perdiçaõ, e todos os ſeus companheiros; porém Tabyricá confiado no auxilio Divino deſprezou todas aquellas propoſtas como injurioſas ao ſeu valor, antes lhe ſegurou, que havia triunfar, primeiro da ſua arrogancia, e depois da multidaõ barbara, e gentilica, que governava contra os profeſſores do Euangelho. Preparou-ſe para o conflicto como ſe fora para hum banquete, veſtindo as mais precioſas galas, e ordenou, que recolhidas as mulheres dos Portuguezes, e Indios na Igreja rogaſſem a Deos pela felicidade do ſucceſſo.

128 Eraõ nove de Julho, quando ao romper da alva inveſtiraõ os barbaros improviſamente a Villa com tal eſtrondo de vozes, e azovios, que parece cahiaõ os montes, e taõ con-

fiados marchavaõ de conſeguir a vitoria, que entre a bagagem traziaõ grande numero de caldeirões para nelles cozer a carne dos cativos, e fartarem, como coſtumavaõ, com taõ horroroſo alimento a ſua voracidade. Sahiraõ os noſſos a receber taõ barbara multidaõ com heroica valentia, e tal foy o furor com que ſe deu principio ao combate, que prevalecendo os impulſos da colera aos vinculos da natureza pelejavaõ irmãos contra irmãos, ſobrinhos contra tios, e filhos contra os pays. Durou por largo eſpaço o conflicto, onde ſe viraõ varios ſucceſſos, tendo em huns parte o valor, em outros a fortuna, até que cahindo morto de huma ſetta, diſparada por hum eſcravo, o ſobrinho de Tabyricá, tal foy a conſternaçaõ, que cauſou em todos os ſeus companheiros, que confuſos, e deſordenados nos deixaraõ o campo, e a vitoria, que ſe fez mais plauſivel por naõ morrer em taõ porfiada batalha Soldado algum dos noſſos. Seguiraõ os vencedores aos vencidos, que para mais facilmente ſalvarem as vidas arrojavaõ as armas recebendo igual eſtrago na fugida, que no conflicto.

Inveſtem os barbaros a Villa.

Morre no aſſalto o ſobrinho de Tabyricá, e ſe retiraõ os inimigos deſtroçados.

129 Ao tempo, que no Sertaõ de Piratininga tinhamos caſtigado a inſolencia dos Tupis, nos inquietavaõ com perpetuas invaſões os Tamoyos infeſtando, e aſſaltando toda a praya de Boyguacugoaba, e outros portos, donde arrebatavaõ cati-

Continuaõ os Tamoyos nas hoſtilidades contra as noſſas terras.

cativos muitos meninos, e mulheres, aquelles para tenro pasto da gula, estas para torpe exercicio da lascivia. Naõ era facil o modo, com que se impedisse o progresso de tantas hostilidades, que geralmente padeciaõ aquelles póvos, porque os barbaros vagavaõ embarcados em canoas muito ligeiras de quinze, e vinte remeiros, e fiados na velocidade dos remos obravaõ tudo quanto lhes persuadia a ferocidade dos seus animos, sem temor de que pudessem ser castigados por estes insultos. Tinha chegado de Portugal Vasco Fernandes Coutinho, e vendo o miseravel estado a que estava reduzida a sua Capitanía do Espirito Santo, desejava tomar huma satisfaçaõ, que fosse superior ao aggravo; porém impossibilitava a execuçaõ deste desejo naõ sómente a falta de Soldados, e aprestos militares, mas ser o inimigo poderoso, cuja soberba se tinha augmentado com algumas vitorias alcançadas por beneficio da fortuna. Alguns annos dissimulou Vasco Fernandes esta injuria, até que persuadido dos estimulos do seu brio, e das queixas daquelles póvos representou a Mendo de Sá, Governador do Estado do Brasil, as intoleraveis oppressões, que experimentavaõ os moradores daquella Capitanía, executadas pela barbara tyrannia dos Tamoyos, sendo a nossa tolerancia causa dos excessos da sua insolencia.

O Capitaõ mór da Villa do Espirito Santo expoem ao Governador do Estado as oppressões, que padecem os seus moradores.

130 O Governador como era zeloso da con-

ſervaçaõ do Eſtado mandou logo apreſtar huma Armada, guarnecida de gente, e armas, e nomeou por Capitaõ della a ſeu filho Fernando de Sá, que em idade juvenil era venerado como veterano na diſciplina militar. Depois de ter embocado a fóz do rio Quiricaré, diſtante trinta legoas da Villa do Eſpirito Santo, ſe incorporou com a gente de guerra deſta Capitanía, onde foy recebido com geral applauſo por confiarem do ſeu braço a ſalvaçaõ das ſuas vidas, e a total derrota dos inimigos. Sem dilaçaõ alguma buſcou logo aos barbaros, que achando-os menos prevenidos facilmente foraõ desbaratados, pagando huns com a morte, outros com o cativeiro as crueldades, de que tinhaõ ſido authores. Converteo-ſe a gloria deſte famoſo ſucceſſo em deploravel deſgraça, porque reunidos alguns Tamoyos para ſe vingarem do eſtrago padecido, ao tempo, que os noſſos cantavaõ os epinicios da vitoria, nos acometeraõ com tal impeto, e furor, que foy preciſo a Fernando de Sá ordenar que ſe retiraſſem velozmente aos navios, cuja ordem ſe executou com tal perturbaçaõ, que antes de chegarmos ao mar foy laſtimoſamente morto Fernando de Sá com alguns Soldados, que o acompanhavaõ. A morte deſte alentado mancebo foy geralmente lamentada, pois em obſequio da liberdade daquelles póvos ſacrificou a vida, merecedora de mais larga

Expede Mendo de Sá huma Armada para caſtigo dos Tamoyos.
Roch. Hiſt. da Amer. Portug. liv. 3. n. 13.

Saõ derrotados os inimigos.

Laſtimoſa morte de Fernando de Sá.

larga duraçaõ. Mendo de Sá esquecido dos affectos da natureza, e sómente lembrado das obrigações do cargo, naõ julgou por desgraça a morte de seu filho, de que fora gloriosa consequencia a conservaçaõ, e socego daquella Provincia, ficando igualmente eternizado na posteridade tanto o valor heroico do filho, como a constancia generosa do pay.

CAPITULO XVIII.

Escreve a Rainha D. Catharina a D. Alvaro de Castro como largara o governo do Reyno. Approva esta resoluçaõ, e adverte ao Cardeal D. Henrique o modo, com que deve reger a Monarchia. Exhorta Pio IV. ao nosso Monarcha, que soccorra aos Abexins contra o Turco, o que promptamente executa.

1563.

Participa a Rainha a D. Alvaro de Castro ter deixado o governo do Reyno,

131 DEpois que a Rainha D. Catharina significou aos Principes de Castella a heroica acçaõ, que executara na renuncia da administraçaõ desta Monarchia, como tivesse formado hum grande conceito da capacidade de D. Alvaro de Castro, que assistia neste tempo por Embaixador em Roma, lhe participou esta noticia, esperando, que havia ser approvada pela madureza do seu juizo. Recebeo

beo o Embaixador a carta da Rainha escrita em 8. de Janeiro, e ponderando a materia de que constava, representou à mesma Princeza como fiel Vassallo, e desinteressado Ministro, que aquella acçaõ de S. Alteza fora a coroa de todas, que tinha obrado na sua exemplar vida, pois preferia o ocio do espirito, para o dedicar à contemplaçaõ da eternidade, às profundas venerações, com que era adorada no throno; sendo o retiro, que fizera da Corte para o Claustro, infallivel prognostico de felicidades futuras, para o Reyno mayores que as passadas, por serem estas dispensadas pelos seus despachos, e aquellas alcançadas pelas suas supplicas. Deste modo approvou D. Alvaro a resoluçaõ da Rainha; mas como desconfiando do seu proprio talento, antes de mandar a reposta da carta, que recebera, buscou ao Pontifice para com taõ supremo voto authorizar o seu parecer: e expondo-lhe o heroico desprezo, com que a Rainha deixara a regencia da Monarchia, de tal modo ficou admirado Pio IV. desta resoluçaõ, que a julgou superior à Magestade, e muito mais ao sexo, e para demonstraçaõ de quanto era digna de premio lhe mandou a Rosa de ouro, que benzera naquelle anno (ceremonia, que na Quarta Dominga da Quaresma costumaõ fazer os Pontifices Romanos) a qual remetteo D. Alvaro de Castro por Duarte Carvalho, seu Mestre Sala, com

Expoem D. Alvaro de Castro ao Pontifice a resoluçaõ da Rainha.

Engrandece a acçaõ da Rainha o Pontifice, e lhe manda a Rosa de ouro.

com a reposta da carta; estimando a Rainha tanto a dadiva Pontificia, como o voto, com que o Embaixador approvara a sua determinação. Nesta occasião escreveo D. Alvaro ao Cardeal D. Henrique, animando-o como tão zeloso dos interesses da Monarchia a sustentar o pezo, que com a regencia della tomara sobre seus hombros, e a reformar muitos abusos, que dominavão os corações dos Portuguezes: e para que se conheça a judiciosa liberdade, com que tão grande Ministro manifestou a sua fidelidade em materia tão importante, daremos copiada a sua carta.

132 „Senhor. Por aviso de D. Francisco „Pereira de 29. de Janeiro, que recebi a 27. „de Fevereiro, entendi, que V. Alteza era eleito em Cortes por Governador desses Reynos, „e pelas cartas, que de V. Alteza recebi, em „que me dava conta do que nisso era feito me „ratifiquey do que passava, e verdadeiramente „cahi em grandes dous extremos: o primeiro „foy por parte delRey, e da terra folguey de„ver a V. Alteza a protecção, e cuidado del„la; e pela de V. Alteza me pezou vendo-o „tomar só, e sobre si hum tamanho pezo às „costas; mas como seja dotado de tantas, e tão „singulares virtudes, e o effeito da virtude seja „executarse em serviço daquelle, de quem se re„cebeo, olhando isto, e vendo quanta mais con-

Carta de D. Alvaro para o Cardeal D. Henrique.

ta

„ ta tem com o bem univerſal, que com o ſeu
„ particular, me pareceo, que eu como homem
„ tinha razaõ de recear, e V. Alteza como Prin-
„ cipe, e com quem Deos moſtra ter tanta con-
„ ta de querer aceitar a adminiſtraçaõ de hum
„ Reyno, cujo Rey he pupillo, cujas neceſſi-
„ dades já mais teve mayores, cuja conquiſta eſ-
„ tá taõ eſpalhada, e remota, que aos vivos eſ-
„ panta, e aos antigos nunca veyo à ſua noti-
„ cia, cuja gente natural eſtá taõ pervertida com
„ as delicias, e coſtumes, que ſerá mais difficul-
„ toſo reformalla, que dominar a eſtranha. To-
„ dos eſtes trabalhos, e difficuldades devem cau-
„ ſar a V. Alteza huma certa idéa para ver, e
„ ter por certo, nem o eſtremar Deos dos ſeus
„ antepaſſados em tantas, e taõ excellentes vir-
„ tudes, ſenaõ para ſe aproveitar dellas em tem-
„ po de mayor neceſſidade: pelo que vendo V.
„ Alteza como foy trazido do Senhor a eſte taõ
„ pezado jugo, muito certo lhe deve ſer, que o
„ terá favoravel, e comſigo; e ſendo aſſim com
„ hum Deos taõ Omnipotente, diante de cujo
„ conſpecto os Anjos, Archanjos, Cherubins, e
„ todos os mais Eſpiritos Angelicos eſtaõ tremen-
„ do; taõ miſericordioſo para com noſco, que
„ mandou ſeu Filho à terra a padecer morte de
„ Cruz, que ſe póde temer, nem que ſe deve
„ recear? Eſpero na bondade deſte Altiſſimo, que
„ com ſeu favor, e ajuda V. Alteza deixe glo-
rioſa

„ riosa fama na terra, e alcance tamanha parte
„ no Ceo como merecem suas obras; e já que
„ naõ sou habil, nem capaz para o poder ani-
„ mar neste taõ sublimado trabalho, em que o
„ Senhor o tem posto, poderey certificar ser hum
„ dos certos Oradores, que sempre lhe estaraõ
„ rogando, que prospere, e guie suas cousas, e
„ porque o effeito do amor he obras, e mostrar-
„ se em todas as occasiões corrente, farey a V.
„ Alteza algumas lembranças mais para cumprir
„ esta regra, que por haver, que disso haja ne-
„ cessidade ante elle. Quem com prudencia con-
„ siderar o estado do Mundo, e a corrupçaõ de
„ Portugal em todo o genero de cousa, verá cla-
„ ro quaõ necessario seja plantar novo Reyno,
„ novos homens, novas leys, novos costumes.
„ Farey nisso o que se deve, e póde fazer cum-
„ prir para isto. Lembro a V. Alteza, que hum
„ pintor quando quer debuxar huma figura em
„ hum painel, primeiro o aplaina muito bem, e
„ que huma horta se cava, e alimpa de todas as
„ hervas primeiro, para nella se plantar nova hor-
„ taliça. Assim convem fazer em huma Repu-
„ blica aplainar os males, cavar, e mondar os
„ vicios; isto feito facilmente se póde introduzir
„ a regra, e modo bom de viver; e lembro a
„ V. Alteza, que em todas as cousas, mayor-
„ mente nas que tem creado habito, naõ se pó-
„ de, nem se deve desarreigar em hum ponto,

„ mas pouco, a pouco. Eſte exemplo ſe póde
„ tomar da vida de Chriſto, o qual tendo poder
„ para obrar as couſas, naõ quiz fazer ſe naõ a
„ ſeu tempo, para nos niſſo enſinar, o como ha-
„ viamos de proceder. O fundamento ſobre que
„ o Reyno ſe fundar he a Juſtiça, onde a hou-
„ ver naõ ha que temer, e aonde a naõ ha, fa-
„ cilmente ſe póde eſperar a ruina, e perdiçaõ
„ do dito Reyno. Publicamente ſe queixaõ em
„ Portugal, que a naõ ha, e deve ſer baſtante
„ prova ver os morgados, que os Officiaes de
„ Juſtiça adquirem, e deixaõ, devendo-ſe elles
„ apenas poder manter. O remedio para iſto fa-
„ cilmente o darey naquellas palavras, que V.
„ Alteza já ouviria, que diſſe Vaſco Fernandes
„ Ceſar, que ſaõ fazer bem aos bons, e caſtigar
„ os ruins. Eſpero que V. Alteza proveja niſto,
„ como entendo, que começa a fazer, viſitando
„ as Relações cada ſemana, e lembre-ſe V. Al-
„ teza, que por Trajano fazer juſtiça rogou S.
„ Gregorio por elle a Deos. Na Religiaõ hou-
„ vera de fallar primeiro a V. Alteza, que em
„ outra nenhuma couſa, a qual de mais de neſ-
„ te tempo ſer taõ neceſſaria conſervalla, quem
„ conſiderar noſſo poder, noſſas Conquiſtas, noſ-
„ ſos inimigos, noſſos viſinhos taõ poderoſos, cla-
„ ramente verá, que em quanto ſoubermos ad-
„ quirir a virtude, e a ajuda de Deos, e obſer-
„ varmos ſua Religiaõ nos naõ poderá ir mal,
porque

„ porque ſe Deos for por nós, quem ſerá contra
„ nós? Lembro a V. Alteza, que ſe deve ſer-
„ vir dos homens de experiencia, que tiverem
„ as qualidades neceſſarias, e que niſto deve ſer
„ bom de contentar, naõ cuidando, que ha de
„ achar Anjos, mas homens compoſtos da maſ-
„ ſa, que Job diz: e que os Principes, e os que
„ governaõ ſem bons Miniſtros, naõ podem ſer
„ bem ſervidos, e que em apropriar os homens
„ em obra, que cada hum he, conſiſte fazer boas
„ eleições. Fazer as merces com igualdade he
„ couſa neceſſaria, porque mais ſe queixa o ho-
„ mem do que ſe deve fazer a outro, que do
„ que lhe negaõ: aſſim ſofreſſe verſe medrar por
„ privança, e valia, mas naõ he toleravel ao que
„ ſervio na guerra, derramou ſeu ſangue, gaſtou
„ ſua fazenda, perdeo o irmaõ, e o pay, ver a
„ quem naõ ſahio do Reyno fazerlhe muito mais
„ merce. De Deos, que he juſto Juiz, podemos
„ aprender quaõ differente lugar dá a hum Mar-
„ tyr, que a hum Confeſſor. V. Alteza vê, que
„ na deſordem, que houve em Portugal no fa-
„ zer das merces, naſceo em Portugal naõ ha-
„ ver hum homem contente, dando-ſelhe muito
„ mais do que ſe lhe nunca deo, o qual elles
„ convertem em atavios de caſa, em ſuperfluo
„ comer, em grandiſſimas delicias, naõ havendo
„ nenhum, que ſe lhe ache em ſua caſa huma
„ lança, humas couraças, e hum bom ginete na

 eſtri-

„ estribaria. Lembro a V. Alteza, que de mui-
„ tos negocios pequenos se deve de tirar, dei-
„ xando-os aos Officiaes a que pertencerem pa-
„ ra melhor poder attender aos grandes, e que
„ com sua vida, e saude deve ter muita conta,
„ lembrando-lhe quanto cumpre isto ao Rey, e
„ ao seu Reyno. Sobre o manejo da fazenda des-
„ se Reyno houvera muito que dizer a V. Al-
„ teza, mas porque cuido, que naõ faltaráõ lá
„ homens muito solicitos, e previstos, a elles
„ deixarey fazer, mas naõ posso deixar de me
„ condoer, que possuindo nós todas as riquezas
„ do Mundo sejamos os mais pobres delle, &c.

133 Estas foraõ as instrucções politicas, que o zelo de D. Alvaro de Castro mandou ao Cardeal D. Henrique, para que nellas aprendesse a arte de reynar, e foraõ taõ bem aceitas por este Principe, que pelas acções, que executou na administraçaõ da Monarchia, mostrou evidentemente a cuidadosa applicaçaõ, com que as estudara, agradecendo a taõ fiel Ministro a sincera liberdade, com que lhe fizera aquellas advertencias taõ necessarias para a regulada direcçaõ do seu governo. Feliz tempo, em que igualmente tinhaõ os Vassallos faculdade para advertir aos Principes, como estes estavaõ promptos para receber os documentos, que a verdade sem affectaçaõ, nem temor lhes fazia!

134 A sanguinolenta devastaçaõ, que executava

cutava Baharnagais, Vice-Rey de Tigré, confederado com os Turcos, em todo o Imperio da Ethiopia, depois que no anno paſſado triunfou do ſeu Emperador, moveo o zeloſo animo de Pio IV. para que neſte eſcreveſſe ao noſſo Principe, exhortando-o com paternal affecto a impedir como herdeiro da Catholica piedade de ſeus Mayores com as ſuas ſempre formidaveis, e triunfantes armas os laſtimoſos progreſſos, com que a barbara tyrannia de Baharnagais hia devaſtando hum taõ florente Imperio, querendo arrancar do ſeu terreno a ſemente do Euangelho, que por incançavel induſtria dos Monarchas Portuguezes tinha taõ fecundamente frutificado. As clauſulas, com que o Summo Paſtor exhortou ao noſſo Principe para taõ ſagrada empreza, eraõ as ſeguintes.

Exhorta Pio IV. a ElRey D. Sebaſtiaõ para ſoccorrer os Abexins contra os Turcos.

Chariſſimo Filio noſtro Sebaſtiano Portugalliæ, & Algarbiorum Regi illuſtri.

135 „ NOn dubitamus jam in tuam quo-
„ que notitiam ea eſſe perlata, quæ
„ nuper in Æthiopia geſta ſunt. Ut enim cog-
„ novimus ex litteris ad Nobilem virum Alvarum
„ de Caſtro Tuæ Maieſtatis apud Nos Oratorem
„ ex Ægypto miſſis, & ex his, quas dilectus quo-
„ que filius noſter Marcus Antonius, Tit. Sancti
„ Marcelli, Presbyter Cardinalis Amulius acce-
pit,

Carta do Pontifice para El-Rey.

Raynald. Annal. Eccleſiaſt. ad ann. 1563. num. 226.

„ pit, ortis inter Abyssinos de Regno discordiis
„ Barnagassus quidam ex Abyssinorum Principibus
„ pravo admodum detestabilique consilio ad Tur-
„ carum auxilium confugit, illius autem præsidii
„ Turcici præfectus in spem scilicet ingressus ejus
„ Regni per intestinas dissensiones, alias Turca-
„ rum cohortes ad se primo quoque tempore mit-
„ tendas accersivit. Quo nuntio accepto ad alias
„ gravissimas curas nostras non parva sane solli-
„ citudo accessit ex tanto illius Regni discrimi-
„ ne; etenim nisi impiorum hostium conatus im-
„ pediatur, verendum esse magnopere intelligi-
„ mus, ne illa tanta, & tam nobilis natio, quæ
„ Christianam Religionem jam inde ab Aposto-
„ lorum temporibus suscepit, & usque ad hæc
„ tempora retinuit, quamque speravimus, Divi-
„ na cooperante gratia, & tuæ pietatis auxilio
„ aliquando ad Ecclesiæ Catholicæ unitatem re-
„ dactum iri, teterrima Turcarum dominatione op-
„ primatur. Itaque vicem ejus toto ex corde do-
„ lentes, & pro Pastorali officio tanto in pericu-
„ lo subveniri ei cupientes, in te potissimum, Fi-
„ li, oculos nostros convertimus, qui illi auxi-
„ lium ferre potes, & debes. Maiores tui piæ
„ memoriæ Reges cum Abyssinorum Regibus
„ jam pridem amicitiâ institutâ minime eos un-
„ quam deseruerunt, sed variis temporibus auxi-
„ lia illis adversus ipsorum hostes subministrarunt,
„ & cùm socialem eis fidem egregie præstiterunt,

tùm

„ tùm pro ſua egregia erga Deum pietate maxi-
„ me ſtuduerunt Chriſtianæ Fidei cultum in illo
„ quoque Regno augere, & propagare. Hoc
„ autem tempore non ſolùm agitur ejus Regni
„ ſalus, ſed, ſi (quod Deus avertat) teterrimi ho-
„ ſtes tantum illud, & tam opulentum Regnum
„ in poteſtatem ſuam redigerent, ad eorum vires,
„ quibus tam ægre jam reſiſtimus, magna admo-
„ dum fieret acceſſio, & præter commune Chri-
„ ſtiani nominis in his Occidentis partibus diſcri-
„ men, tuæ ipſius in India res non parvo in pe-
„ riculo futuræ eſſent. Abyſſinorum enim natio-
„ ne ſubacta, atque ita Maris Rubri liberam poſ-
„ ſeſſionem adepti hoſtes claſſium tuarum naviga-
„ tionem in Indiam, & reditum in Occidentem
„ quotannis impedire haud dubiè conarentur, &
„ te utique in neceſſitatem adducerent tuendi por-
„ tus illos Indiæ, quos tenes, multò maioribus
„ ſumptibus, atque præſidiis: quantoperè verò
„ cupiant, & quanti ſua intereſſe intelligant im-
„ pedire claſſes tuas, quo minùs in Indiam na-
„ vigent, ſæpius jam oſtenderunt. Moveat igi-
„ tur te, chariſſime Fili, periculum ejus Chriſtia-
„ næ nationis, quæ jam pridem eſt in Fide Por-
„ tugalliæ Regum, & tuum auxilium vehemen-
„ ter expectat. Moveat diſcrimen, quod hæ
„ reliquæ Occidentis Provinciæ ſubituræ eſſent.
„ Moveat verò etiam proprium, & peculiare pe-
„ riculum tuarum claſſium, & Imperii, quod in
Indiis

„ Indiis obtines, quanto fortiſſimæ nationis tuæ
„ ſudore, & ſanguine, & tam admirabili Ma-
„ iorum tuorum virtute, ac felicitate partum,
„ & comparatum. Poteſt etiam nunc Imperium
„ illud Abyſſinorum ex immaniſſimorum hoſtium
„ faucibus eripere, ſi firma illuc primo quoque
„ tempore auxilia cum fortibus, & rei militaris
„ peritis ducibus miſeris. In Maioribus quidem
„ tantus pietatis ardor, tantaque animi fuit mag-
„ nitudo, ut ad infideles, ab idolorum cultu ad
„ veram religionem convertendos, nullis ſumpti-
„ bus parcentes, maximas, & inſtructiſſimas claſ-
„ ſes in Indiam uſque miſerint, & prolatis feli-
„ citer Fidei Chriſtianæ finibus ſummam ſibi in
„ cælo, & in terris gloriam compararint. Tu
„ ab illis ortus, tam præclara indole præditus,
„ tantis jam Dei beneficiis uſus, Abyſſinorum
„ gentem Chriſti cultricem, & cum familia tua
„ tam vetere amicitia, ac tam ſancto fœdere con-
„ junctam, Chriſto, & ejus Eccleſiæ ſurripi, &
„ nefando Mahometi ſervire patieris? Minime.
„ Nos verò hoc de Te vereri, aut ſuſpicari non
„ poſſumus, ſed tamen præter officium Paſtora-
„ le, quod nos cogit, ut ſalutem ejus nationis
„ tibi tam diligenter commendemus, paternus
„ erga Maieſtatem tuam amor noſter non minus
„ nos commovit, ut cum hæc res tantoperè per-
„ tineat ad Fidem, ad officium, ad exiſtimatio-
„ nem tuam, & ad tuarum rerum in India tu-
telam

„ telam te ad obviam eumdum hoſtium conati-
„ bus hortemur, excitemus, & moneamus. Tem-
„ pus etiam nunc opportunum habet Maieſtas
„ tua, id ſi quod tamen non veremur, præter-
„ mitteres, fruſtra eſſes poſtea requiſiturus. Ca-
„ ve quæſumus tam pii, tam neceſſarii officii fun-
„ gendi, cave tantæ laudis, & gloriæ pariendæ,
„ tanti denique à tuis claſſibus periculi depellen-
„ di tempus amittas. Datum Romæ apud San-
„ ctum Petrum ſub annulo Piſcatoris, die VI.
„ Februarii M.DLXIII. Pontificatûs noſtri an-
„ no IV.

136 Recebida eſta carta pelo noſſo Principe, como a materia, de que conſtaſſe, foſſe a conſervaçaõ da Fé Catholica, e extinçaõ dos ſeus inimigos, interpretando o ſeu ardente zelo como preceito a inſinuaçaõ Pontificia, eſcreveo logo ao Conde de Redondo, Vice-Rey da India, para que com ſumma brevidade apreſtaſſe huma Armada igualmente formidavel em o numero dos navios, como dos Soldados, com a qual libertaſſe o Imperio da Ethiopia da violenta oppreſſaõ, com que os Turcos o hiaõ devaſtando, e empenhaſſe todas as forças do Eſtado na total ruina deſtes barbaros, que favorecidos mais da fortuna, que do valor, intentavaõ o dominio de taõ vaſto Imperio. A promptidaõ, com que o noſſo Principe mandou executar eſta empreza, que tanto reſultava em obſequio

Ordena D. Sebaſtiaõ ao Vice-Rey da India, que ſoccorra aos Abexins contra os Turcos.

da Religiaõ Catholica, lha gratificou o Pontifice com estas elegantes expressões.

Raynald. Annal. Eccles. ad an. 1563. num. 227.

137 „Charissime in Christo Fili noster salu„tem, & Apostolicam benedictionem. Litte„ras tuas die vigesima Junii datas à nobili viro „Oratore tuo Nobis redditas, libentissime legi„mus: perspeximus enim quantum apud Te pon„deris habuerit paterna illa adhortatio nostra de „ferendo Abyssinorum nationi auxilio adversus „immanissimos hostes religionis nostræ, qua in „re præclarum illum animum Maiorum tuorum, „qui nulla oratione satis laudari possit, tuendæ, „ac defendendæ Christianæ Religionis, & im„piorum hostium conatibus in omnibus Orbis ter„rarum partibus obsistendi, singulari Dei bene„ficio in Te redivivum esse summoperè læta„mur. Maiestati tuæ tam pium istud in Reli„gionem studium firmissimum est, Fili clarissi„me, Regni tui præsidium. Regiam dignita„tem, & gloriam tuam is & tuebitur semper, „& augebit, cujus tu honorem, & cultum tan„topere cupere te, & paratum esse ostendis tue„ri, atque omni studio propagare. Quod igitur, „& tua sponte gravissimis de causis, quas ipse „commemoras, facturus fuisti, & nostra horta„tione commotus studiosiùs te facturum esse con„firmas, ut ipsis Abyssinis auxilia mittas, id, „quæsumus, quamprimùm poteris, effice, cum „sicut accepimus, maiori illi indies in discrimi-

ne

„ ne verſentur propter novas copias ; novoſque
„ Turcarum duces illuc cum novo tyranno ſub-
„ miſſos , ut eo celerius , ac maturius auxilium
„ eis ferre neceſſe ſit. Habemus alias duas epi-
„ ſtolas abs te die XXVII. Menſis ejusdem da-
„ tas , quarum in altera laudas multis verbis con-
„ ſilium noſtrum de iis , quæ ad mores pertinent,
„ corrigendis ; eo quidem animo ſumus , eo ab
„ initio Pontificatûs ſuimus , ut hominum licen-
„ tiæ in Sacris Canonibus negligendis obviam ire
„ ſtatuerimus , id quod multis jam in rebus feci-
„ mus , ſed nullam deberi nobis laudem putamus,
„ cum id agimus , quod officii noſtri ratio po-
„ ſtulat , &c. Datum Romæ apud S. Petrum
„ ſub annulo Piſcatoris , die XXVI. Novembris
„ M.DLXIII. Pontificatûs noſtri anno quarto.

CAPITULO XIX.

Relataõ-ſe as acções de algumas peſſoas inſignes em virtude , ſciencia , e nobreza , que neſte anno morreraõ.

138 FAtal foy eſte anno de 1563. para o noſſo Reyno , pois nelle ſe ſentio deſpojado das mais celebres peſſoas aſſim no eſplendor do ſangue , como no exercicio das letras , e virtudes ; ſendo o primeiro , que pagou

1563.

Elogio de Fr. Jeronymo de Azambuja.
Quietif. Scriptor. Ordin. Præd. tom. 2. pag. 182.

o tributo à morte em cinco de Janeiro, o insigne Escriturario Fr. Jeronymo de Azambuja, que nascendo para a vida temporal na Villa do seu appellido, renasceo para a eterna na Cidade de Lisboa. No Convento da Batalha professou em 6. de Outubro de 1520. o habito da Ordem dos Prégadores, aos quaes instruïo com a sua doutrina como Mestre, reformou com o seu exemplo como Prelado. A fama das suas grandes letras moveo a ElRey D. Joaõ o III. para que no anno de 1545. o mandasse por seu Theologo ao Concilio de Trento, aonde chegou primeiro o seu nome, que a sua pessoa. Em taõ veneravel Congresso entre applausos, e admirações manifestou os thesouros da sua sabedoria, e querendo aquelle Monarcha premiar os seus merecimentos lhe offereceo a Mitra da Ilha de S. Thomé, que elle modestamente recusou, por lhe haverem de servir os cuidados Pastoraes de obstaculo ao estudo da Sagrada Escritura, a que naturalmente o inclinava o genio; sendo claros testemunhos desta sua applicaçaõ os doutissimos Commentarios, escritos sobre o Pentateucho, e o Proféta Isaias, que sahiraõ à luz publica, e outros muitos, que a naõ lograraõ, com perda notavel da Republica Litteraria, como saõ os livros dos Reys, Psalmos, o Proféta Jeremias, e os doze Menores; admirando-se em todos elles a profunda noticia, que bebera das linguas

Orien-

Orientaes, e a fecundidade de conceitos moraes, deduzidos do fentido litteral, com que igualmente deleita, e inftrúe aos Leytores. Em 17. de Fevereiro morreo na Villa de Santarem o exemplar do Eftado virginal a Senhora D. Leonor de Noronha, filha de D. Francifco de Menezes, fegundo Marquez de Villa-Real, e da Marqueza D. Maria Freire, a quem a piedade do animo, e o eftudo das humanas, e divinas letras augmentaraõ mais a nobreza do feu claro nafcimento. Foy ornada de fingulares dotes da natureza; verfada em todo o genero de erudiçaõ; exercitada na efcola das mais heroicas virtudes, deixando duvidofa a pofteridade fe fora mais virtuofa, do que fábia. Para occupar dignamente o tempo traduzio da lingua Latina em a materna os Eneidas de Marco Antonio Sabellico, e efcreveo varios Tratados Efpirituaes em que fielmente retratou a fua piedade, e fabedoria.

Morte de D. Leonor de Noronha.

Macedo, Flor. de Efpan. cap. 8. Excellenc. 11. n. 6. Fr. Luiz dos Anjos, Jard. de Port. n. 132.

139 Com o breve intervallo, que corre de 17. a 20. de Fevereiro, lamentou a Jerarchia Ecclefiaftica a irreparavel perda de hum dos feus mayores Prelados, qual foy D. Pedro da Cofta, Bifpo de Ofma, filho de Lopo Alvares Feyo, Senhor do Morgado de Pancas, e da Talaya, e de Margarida Vaz da Cofta, irmãa de D. Diogo da Cofta, Bifpo do Porto, fobrinho do Cardeal D. Jorge da Cofta, e de D. Martinho, e D.

Elogio de D. Pedro da Cofta, Bifpo de Ofma.

Cardofo, Agiolog. Lufit. tom. 1. pag. 478. e 484. letr. B.

e D. Jorge da Costa; o primeiro Arcebispo de Lisboa, e o segundo de Braga. Como era descendente de huma familia taõ fecunda de Heroes Ecclesiasticos, entendeo, que a natureza lhos propuzera como exemplares domesticos naõ só para à imitaçaõ, mas ainda para o excesso; o que felizmente conseguio em todas as Dignidades, que administrou, sendo a primeira, que teve a de Commendatario dos Mosteiros de Paço de Sousa, e Bustello da Ordem de S. Bento, e do Mosteiro de Oliveira de Conegos Regrantes em Braga. Anticipouse tanto nelle o merecimento à idade, que quando contava vinte e dous annos o achou digno Julio II. de o promover à Mitra do Porto, que governou por espaço de vinte e nove. Desta Cathedral foy assumpto para a de Leaõ, onde assistio tres annos, e desta passou para a de Osma em Castella Velha, de que foy Pastor vinte e quatro. Em todas estas Diocesis mostrou, que era merecedor de outras mayores, ornando os Templos com summa magnificencia, soccorrendo os pobres com caritativa liberalidade, resgatando os cativos com zelosa commiseraçaõ.

Cunha, Catal. dos Bispos do Porto, part. 2. cap. 34.

140 Naõ houve funçaõ politica, que naõ ennobrecesse com a sua assistencia, sendo a principal quando no anno de 1526. acompanhou com o honorifico lugar de Capellaõ môr a Princeza D. Isabel, filha do nosso felicissimo Rey

D. Ma-

D. Manoel, indo a despozarse com Carlos V. e venerava tanto a Emperatriz o seu grande talento, que naõ obrava cousa alguma sem a sua approvaçaõ. O mesmo obsequio praticou no anno de 1552. com a Princeza D. Joanna de Austria quando veyo receberse com o Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ o III. acompanhando-a até a Raya de Castella, onde se fez a entrega daquella Princeza; e passados dous annos a esperou no mesmo lugar para a conduzir a Castella quando voltou de Portugal por causa da intempestiva morte de seu augusto Esposo, succedida em 2. de Janeiro de 1554. Na Cidade de Osma edificou o Collegio de Santa Catharina para amparo, e educaçaõ dos orfãos. Reedificou com grandes despezas hum Mosteiro de Religiosas, que a voracidade do fogo reduzira a cinzas. Cumulado de merecimentos acabou a vida mortal para principiar a eterna. Jaz sepultado na Villa de Aranda no meyo da Capella môr do recoleto Convento do Espirito Santo da Ordem dos Prégadores, onde lhe faz mais respeitada a sepultura o Epitafio gravado nella, que o intitula: *Bispo Santo, e Esmoler.*

Sousa, Vid. de D. Fr. Barth. dos Mart. liv. 2. cap. 34.

141 Naõ satisfeita a tyrannia da morte de cortar neste anno as vidas de dous taõ celebres Varões, hum da Republica Litteraria, e outro da Jerarchia Ecclesiastica, se atreveo a render ao seu imperio ao mayor Principe, que depois dos

Monar-

Monarchas Portuguezes respeitava o Reyno de Portugal. Foy este o Sereniſſimo D. Theodoſio primeiro do nome, e quinto Duque de Bragança, filho do Duque D. Jayme, e de ſua ſegunda mulher D. Leonor de Mendoça. Logo nos primeiros annos querendo manifeſtar o heroico valor, que herdara de ſeus auguſtos Mayores, ſahio de Evora para acompanhar ao Infante D. Luiz na glorioſa facçaõ da Goleta no anno de 1535. mas ſendo impedido pela ſoberana ordem delRey D. Joaõ o III. ſacrificou em obſequio do ſeu Monarcha os ardentes impulſos, que o arrebatavaõ para taõ famoſa empreza. Pela auſencia do Infante D. Luiz ſubſtituhio o Officio de Condeſtavel em o ſolemne acto das Cortes, que ſe celebraraõ em Evora a 13. de Junho de 1535. onde foy jurado por herdeiro deſta Coroa o Infante D. Manoel, filho delRey D. Joaõ o III. e neſte anno o elegeo o meſmo Monarcha por padrinho de ſeu filho o Infante D. Diniz. Para novamente enlaçar a Caſa Real com a de Bragança deſpozou ſua irmãa D. Iſabel com o Infante D. Duarte, ſendo o Palacio de Villaviçoſa o theatro, em que ſe celebrou eſte ſoberano conſorcio, a que aſſiſtiraõ ElRey D. Joaõ o III. com os Infantes D. Luiz, D. Affonſo, e D. Henrique. Naõ ſe podia offerecer occaſiaõ mais opportuna para o Duque oſtentar a generoſidade do ſeu eſpirito, do

Elogio de D. Theodoſio Primeiro, quinto Duque de Bragança.

Andrade, Chron. delRey D. Joaõ o III. part. 3. cap. 5. Goes, Chron delRey D. Man. part. 3. cap. 78.

do que eſta, pois teve por hoſpedes a hum Monarcha, e quatro Infantes, que admirados da precioſidade das baxellas, delicadeza de iguarias, e numero de criados, de que ſe viaõ ſervidas, e ornadas as meſas, ſe deſenganaraõ de que ſómente pela ſoberania ſe diſtinguiaõ do Duque. Deſta magnifica profuſaõ foraõ manifeſtos argumentos duas famoſas funções, em que deixou arrebatada toda a magnificencia Caſtelhana; ſendo a primeira quando no anno de 1543. conduzio ao rio Caya a Infanta D. Maria para ſe deſpoſar com o Principe D. Filippe, herdeiro da Coroa de Heſpanha, levando trezentos e cincoenta cavallos precioſamente ajaezados, em que montavaõ os principaes Vaſſallos dos ſeus dominios, a quem ſeguiaõ oitenta azemolas com repoſteiros bordados de ouro, e ſeda, onde ſe viaõ debuxadas as ſuas armas. A ſegunda foy no anno de 1554. partindo por ordem delRey D. Joaõ o III. a conduzir para Caſtella a Princeza D. Joanna de Auſtria, mãy delRey D. Sebaſtiaõ, a quem acompanhou com a numeroſa comitiva de oitocentas e cincoenta peſſoas, que em menos de quinze dias preparou para fazer mais pompoſa eſta funçaõ.

Cabrera, Hiſt. de Filippe II. livr. 1. cap. 2.

Andr. Chron. delRey D. Joaõ o III. part. 4. cap. 95.

142 Nunca oſtentou os militares brios do ſeu animo por gozar no ſeu tempo o Reyno de huma inalteravel tranquillidade; mas deſejando alcançar pelo braço mayor nome, que lhe

dera o nascimento, se oppoz por duas vezes a fortuna a este nobre intento, huma quando naõ permittio ElRey D. Joaõ o III. fosse à conquista da Goleta, e outra frustrando-se a expediçaõ de ir soccorrer com vinte mil homens a Praça de Mazagaõ invadida no anno de 1562. para cuja empreza o nomeara a Rainha D. Catharina. Foy singular fautor dos homens eruditos gostando excessivamente da sua familiaridade, e premiando a muitos com largos donativos, principalmente aquelles, que se distinguiaõ no exercicio das virtudes. Como entendia com perfeiçaõ dos primores da pintura, e escultura, e manejava com igual sciencia, que destreza os cavallos, e as armas, era grande a estimaçaõ, que fazia dos professores destas artes. Desejava penetrar os mysterios Politicos dos Soberanos, e para este fim conservava com excessivo dispendio nas mais celebres Cortes da Europa pessoas intelligentes, que o informassem de tudo, que era digno de ponderaçaõ. Por ser curioso investigador da veneravel antiguidade, mandou transferir do lugar de Terena, tres legoas distante de Villaviçosa, todos os marmores, que tinhaõ gravadas Inscripções à fabulosa divindade de Cupido venerada em hum Templo, que naquelle sitio lhe consagrará o Capitaõ Marhabal Carthagénez, e com elles ornou o alpendre do Convento dos Eremitas Augustinianos de Villaviçosa. Juntou huma

Mariz, Dialog. de Var. Hist. Dialog. 5.

Purif. Chron. dos Eremit. tom. 2. liv. 6. tit. 6. §. 8. e 9.

huma copioſa Livraria, que ſe fez mais eſtimavel com o grande numero de manuſcritos, que nella collocou. Augmentou a ſua caſa com tanto eſplendor, e magnificencia, que parecia de hum Principe Soberano, de tál ſorte, que pelo numero, e qualidade de Officiaes, com que ſe ſervia, ſe equivocava com a Real.

143 Naõ foraõ menores os argumentos da piedade do ſeu animo, do que da grandeza do ſeu coraçaõ, manifeſtando a ſua beneficencia ainda muito mayor para com Deos, de cuja immenſa liberalidade ſe confeſſava acrédor. Parte deſte Catholico reconhecimento perpetuou em alguns Conventos, como foraõ o das Chagas de Villaviçoſa de Religioſas Franciſcanas, que largamente dotou; o celebre de Scala Cœli de Religioſos Cartuxos de Evora, que fundara ſeu irmaõ D. Theotonio, Arcebiſpo deſta Cathedral, para a qual concorreo com generoſa profuſaõ, por cuja liberalidade lhe concedeo agradecida aquella exemplar Communidade o Padroado. Pela ſua diligencia ſe erigio o Collegio da Companhia de Jeſus na Cidade de Bragança, annexando-lhe para ſuſtento dos ſeus habitadores os frútos da Igreja de S. Joaõ de Tabeceiro. Ao Convento dos Eremitas de Santo Agoſtinho de Villaviçoſa, que he o jazigo deſta Sereniſſima Caſa, naõ ſómente lhe fez o Coro, mas obteve Bullas Apoſtolicas para nelle fundar huma Univerſidade. Ac-

Franco, Annal. Soc. Jeſu in Luſit. pag. 66. n. 7.

creſcentou o lugar de Deaõ, e o numero dos Capellães da ſua Ducal Capella, além de muitos, e precioſos ornamentos, peças de ouro, e prata para ſe celebrarem com mayor pompa, e perfeiçaõ os Officios Divinos, podendo juſtamente ſer chamado novo Fundador deſte edificio. Ao tempo, que tinha concluído o caſamento de ſeu filho primogenito o Duque de Barcellos D. Joaõ com a Senhora D. Catharina, filha do Infante D. Duarte, e D. Iſabel ſua irmãa, e eſtavaõ feitas todas as preparações para taõ auguſto deſpoſorio, ſe mudou repentinamente eſte jubilo em fatal triſteza. Cahio o Duque D. Theodoſio enfermo de huma moleſtia, que parecia terizia, mas achando-lhe os Medicos os pulſos intercadentes julgaraõ, que era mais grave a enfermidade do que ſe ſuppunha. Como o Duque era muito robuſto repugnava ceder à moleſtia, até que ſe foy de tal ſorte attenuando, que cahio na cama em 17. de Setembro, e conhecendo o perigo, a que eſtava reduzido, tratou logo de accreſcentar o ſeu Teſtamento, que coſtumava fazer todos os annos pela ſemana Santa, em cujas clauſulas eſtavaõ reſpirando a piedade, e temor de Deos, que ſempre conſervara. Encommendou a ſeu irmaõ D. Conſtantino, que foſſe Promotor da juſtiça contra elle, para aliviar a ſua conſciencia onde eſtiveſſe gravada. Recebeo todos os Sacramentos com verdadeiras demonſtra-

çoẽs

çöes de Catholico, e ſentindo, que era chegada a hora de pagar o tributo de mortal, pedio ao ſeu Confeſſor Fr. Paulo de Jeſus, Prior do Moſteiro de Santo Agoſtinho, e outros Religioſos de S. Franciſco, que lhe aſſiſtiaõ, ſupplicaſſem a Deos, que uſaſſe com elle da ſua infinita miſericordia, dizendo de quando em quando com fervoroſas expreſſões ao meſmo Senhor, que graças lhe devia dar pelo inexplicavel beneficio de o crear Duque de Bragança, podendo naſcer Turco, ou Gentio, e como tal desherdado da ſua eterna viſta. Aos 20. de Setembro entre as nove, e as dez da noite entregou o eſpirito ao ſeu Creador, cerrando-lhe os olhos Joaõ Correa, ſeu Guardaroupa; e ſendo amortalhado no habito de S. Franciſco, o ſepultaraõ no Convento de Santo Agoſtinho, que he o jazigo deſta Sereniſſima Caſa.

144 Foy o Duque D. Theodoſio caſado duas vezes, a primeira com D. Iſabel de Lancaſtro, ſua prima com irmãa, filha de ſeu tio D. Diniz de Portugal, terceiro Conde de Lemos, e de D. Brites de Caſtro, Senhora da Caſa de Lemos, cujo deſpoſorio ſe celebrou em 25. de Julho de 1542. em Lisboa no Palacio dos Eſtaos, ſendo padrinhos os Reys D. Joaõ o III. e a Rainha D. Catharina, e recebeo aos dous conſortes D. Martinho de Portugal, Arcebiſpo do Funchal. Deſte matrimonio teve ſómente

mente a D. Joaõ, que ſuccedeo nos Eſtados da Caſa de Bragança. Por morte de D. Iſabel, ſuccedida em 24. de Agoſto de 1558. como viſſe o Duque D. Theodoſio pouco eſtabelecida a perpetuidade da ſua Caſa, ſe reſolveo paſſar a ſegundas vodas, que contrahio em 3. de Setembro de 1559. com D. Brites de Lancaſtro, filha de D. Luiz de Lancaſtro, Commendador môr da Ordem de Aviz, e de ſua mulher D. Magdalena de Granada, de quem teve D. Jayme, que morreo na infeliz batalha de Alcacer, e a D. Iſabel, que caſou com D. Miguel de Menezes, primeiro Duque de Caminha, e ſexto Marquez de Villa-Real, de quem naõ teve ſucceſſaõ.

Faria, Europ. Portug. tom. 3. part. 1. cap. 1. §. 49.

Elogio de D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Caſtanheira.

145 Ultimamente arrebatou a morte neſte anno hum Heroe, que mereceo as lagrimas de todos os Eſtados, qual foy o famoſo D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Caſtanheira, e em todas as acções da ſua vida ſempre o primeiro, pois nelle acabou a idéa mais ſingular da Politica, e o exemplo mais perfeito da Chriſtandade. Tendo por pays a D. Alvaro de Ataide, ſegundo do nome, e D. Violante de Tavora, ſua ſegunda mulher, e por avós paternos os Condes de Atouguia, e maternos os do Prado, mayores foraõ as luzes, com que illuſtrou o eſplendor de taõ qualificados aſcendentes, do que aquellas, que delles recebeo. No Palacio delRey D. Joaõ

Soled. Hiſt. Seraf. tom. 4. liv. 2. cap. 4. n. 225. e 226.

Joaõ o III. em companhia de ſeu pay recebeo em idade muito tenra a primeira educaçaõ, e em taõ perigoſa Paleſtra nem o fauſto, nem o valimento, que teve, e conſervou até a morte (o que raramente ſuccede) com aquelle Monarcha lhe alteraraõ, ou perverteraõ a condiçaõ do ſeu animo compaſſivo. Conhecendo aquelle Principe, que os dotes do eſpirito ſe anticipavaõ aos da natureza, o nomeou, quando contava vinte annos, Embaixador a França para tratar negocios de ſumma importancia, e deſempenhou de tal ſorte neſte miniſterio a eleiçaõ, que delle ſe fizera, que voltando para o Reyno foy mandado em idade mais madura com o meſmo caracter a Caſtella, e Alemanha, e depois foy eleito Védor da Fazenda, que adminiſtrou com zelo, e fidelidade incomparavel.

146 Foy ornado de huma madureza, e perſpicacia de juizo; de huma inalteravel moderaçaõ na proſpera, e adverſa fortuna; de induſtria, e ſagacidade na expediçaõ dos negocios mais difficeis; de incorrupta fidelidade para com o ſeu Principe; de ardente amor para com a Patria; e de fervoroſa religiaõ para com Deos. Entre taõ heroicas virtudes, que com inveja, e admiraçaõ de todos praticava, a mais ſingular, que ſempre obſervou no diſcurſo de ſua vida, foy o deſintereſſe, com que ſempre ſe oſtentou ſuperior às mayores conveniencias, de que foraõ eviden-

Telles, Chron. da Companh. da Prov. de Portug. part. 1. liv. 1. cap. 11.

tes

tes provas o generoſo deſprezo, com que naõ quiz aceitar a opulenta precioſidade de que o nomeava legatario o Infante D. Luiz, e o Manifeſto, em que declarou a ſeus filhos a cauſa, porque lhes naõ deixava mayor copia de riquezas, querendo que foſſem mais herdeiros da ſua fama, que da ſua fazenda. Em premio dos ſeus incomparaveis ſerviços, feitos em obſequio da Coroa, ſómente aceitou o titulo de Conde, tal vez para que naõ ficaſſe na poſteridade infamado o ſeu Soberano de injuſto. Uſou ſempre de notavel parcimonia com a ſua peſſoa, e de grande liberalidade, e profuſaõ para com os pobres, ſendo muito mayor para com Deos erigindo-lhe para ſeu culto dous Conventos de eſpiritos Seraficos, hum de Religioſas na Villa da Caſtanheira, e outro para Religioſos nos ſeus arrabaldes, onde eternizou a ſua pia magnificencia. Foy caſado com D. Anna de Tavora, filha de D. Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, e Mirandella, e de ſua mulher D. Iſabel da Sylva, filha dos Condes de Penella, de quem teve numeroſa deſcendencia. Com a morte delRey D. Joaõ o III. cujo valimento mereceo por toda a vida, ſe reſolveo a procurar, e conſervar o de outro Monarcha, que nunca caducaſſe; e aſſim deixando todos os lugares, e negocios Politicos, que lhe podiaõ impedir reſoluçaõ taõ heroica, ſe retirou para o Conven-

to

to dos Religiosos, que edificara, onde exercitando com mayor fervor as virtudes praticadas por todo o espaço da sua vida, a terminou piissimamente em 7. de Outubro deste anno de 1563. com sessenta e tres de idade. O seu cadaver foy enterrado, como elle determinara, no mesmo Convento da Castanheira, no qual mandou levantar para deposito delle hum Mausoléo taõ soberbo na fabrica, como elegante no Epitafio, seu filho D. Jorge de Ataide, Bispo de Viseu, de quem se fez já illustre memoria.

CAPITULO XX.

Das primeiras negociações, que se fizeraõ àcerca do casamento delRey D. Sebastiaõ, e de como se naõ conseguio o seu desejado effeito.

147 COmo a estabilidade do throno de Portugal estivesse unicamente firmada na pessoa delRey D. Sebastiaõ, e pendente da sua vida a conservaçaõ desta Monarchia, receavaõ prudentemente os fieis corações de seus Vassallos, que sendo fatal despojo da morte, se transferiria a Coroa por falta de successaõ ao dominio de Principes estranhos, de cuja violenta oppressaõ gemeria tyrannizada a liberdade Portu-

1563.

Determinaõ os Tres Estados do Reyno, que ElRey case com huma Princeza de França.

gueza. Para que se naõ experimentasse taõ deploravel infortunio supplicaraõ com repetidas instancias os Tres Estados do Reyno nas Cortes celebradas em o anno passado à Rainha Regente, que ainda que ElRey naõ tivesse idade competente para contrahir o Matrimonio, casasse com huma Princeza de França, a qual seria logo conduzida a este Reyno para se educar com os costumes, que nelle se praticavaõ.

148 Governava neste tempo a Monarchia Franceza Carlos IX. e ainda que tinha tres irmãas, sómente a terceira, que era Madama Margarida, Duqueza de Valoes, podia ser esposa do nosso Principe por serem as duas já casadas; a primeira chamada D. Isabel com Filippe Prudente em o anno de 1559. e a segunda, que era Claudia, com Carlos Duque de Lorena em o anno de 1558. Porém como Madama Margarida naõ excedia a tenra idade de dez annos, por ter nascido em 14. de Mayo de 1552. era incapaz de se desposar com o nosso Monarcha; mas os ardentes votos dos Portuguezes suspiravaõ, que se unissem estes dous Principes com o sagrado vinculo do Matrimonio, para que esta vigilante prevençaõ, e prudente cautela suspendesse o justo temor de que o Reyno por falta de successaõ natural passasse a estranho dominio. Esta importante supplica, que os Tres Estados fizeraõ, naõ teve o desejado effeito por causa

Sainct. Marthe, Hist. Gen. de Franc. liv. 16. cap. 5.

Naõ se effeitúa o casamento por irresoluçaõ do Cardeal D. Henrique.

causa da indiscreta omissaõ do Cardeal D. Henrique, a cuja direcçaõ se entregou a regencia da Monarchia, pois como era naturalmente irresoluto nas suas determinações, deixou perder com culpavel inercia a opportunidade do tempo, que era taõ favoravel aos interesses Politicos desta Monarchia.

Intenta a Rainha dos Romanos, que o nosso Principe case com sua filha D. Isabel de Austria.

149 Chegou à noticia da Rainha dos Romanos D. Maria de Austria, mulher de Maximiliano II. que Lourenço Pires de Tavora, nosso Embaixador na Curia, voltava para Portugal, e escreveo a S. Francisco de Borja, que entaõ occupava, e enchia o lugar de Geral da Companhia, para que fallando da sua parte à Santidade de Pio IV. interpuzesse a sua authoridade Pontificia com Lourenço Pires de Tavora, propondo-lhe para consorte delRey D. Sebastiaõ a Archiduqueza D. Isabel de Austria, filha da Rainha D. Maria de Austria. Era aquella Princeza digna esposa do nosso Monarcha, naõ sómente pelo vinculo do parentesco, mas ainda pela igualdade dos annos, que ambos contavaõ, por ter nascido o nosso Principe em 20. de Janeiro, e a Archiduqueza em 25. de Junho de 1554. Expoz o Santo Borja ao Pontifice o intento da Rainha, e tanto nelle se empenhou, que naõ sómente significou a Lourenço Pires o quanto desejava a conclusaõ de hum negocio, que tanto resultava em beneficio da Christandade, mas

Eſcreve àcerca deſte negocio o Pontifice à Rainha D. Catharina, e outros Principes.

eſcreveo à Rainha D. Catharina, à Princeza D. Joanna de Auſtria, e a Filippe Prudente, para que todos concorreſſem a ſe effeituar aquelle auguſto conſorcio. Receberaõ eſtes Principes com exceſſivo goſto a noticia deſte caſamento, pois cedia em mayor eſplendor da Caſa de Auſtria, manifeſtando mais extraordinario jubilo a Princeza D. Joanna, como prevendo, que com eſte deſpoſorio ſe havia de venerar mais glorioſa, e dilatada a ſua deſcendencia.

Empenho da Princeza D. Joanna de Auſtria para que El-Rey D. Sebaſtiaõ caſe com ſua ſobrinha.

150 Eſtimulada de taõ nobre motivo recommendou a Lourenço Pires de Tavora, que valendo-ſe da ſua natural prudencia, e actividade repreſentaſſe aos Miniſtros do governo quanto era conveniente aos intereſſes de Portugal effeituarſe os deſpoſorios de ſeu filho com a Archiduqueza de Auſtria. Chegado à Corte Lourenço Pires propoz efficazmente ao Cardeal D. Henrique as glorioſas conſequencias, que conſeguia o Reyno com a nova, e feliz uniaõ das Aguias Auſtriacas com as Quinas Portuguezas, podendo certamente augurarſe de taõ heroica alliança multiplicados triunfos à Religiaõ Catholica, e inevitaveis eſtragos ao Imperio Othomano. O Cardeal ainda que mais affecto ao caſamento da Archiduqueza com ſeu ſobrinho, do que ao da Princeza de França, ficou perplexo na determinaçaõ de qual das duas havia ſer preferida para taõ auguſto conſorcio, ſendo as cauſas da ſua irre-

irresoluçaõ as que individualmente expressou Lourenço Pires de Tavora à Princeza D. Joanna nesta carta.

Carta de Lourenço Pires de Tavora para a Princeza D. Joanna.
Hist. dos Var. illustr. de Tavor. pag. 277.

151 „Tardey em responder à ultima carta, „que tenho de V. Alteza de Aranguez por esperar occasiaõ, e tempo, em que tratando o „negocio do casamento delRey meu Senhor com „o Senhor Cardeal pudesse melhor entender o „que V. Alteza nesse caso deseja saber; e dessa „maneira praticando algumas vezes com elle, e „querendo S. Alteza proceder na pratica com „muita ponderaçaõ, dilatouse a resoluçaõ muitos dias, porque considerava as duvidas, e inconvenientes, que poderiaõ nascer de o negocio se concluir logo do modo, que ElRey dos „Romanos pertende, como V. Alteza escreve, „e assi hia vendo o que no caso se devia fazer „conforme ao que lhe eu apontava sobre se dever logo tratar disso por parte de S. Magestade, e de V. Alteza, enderecey eu as praticas „deste negocio por tal modo, que póde V. Alteza estar segura, naõ usey mal da comissaõ, „que para isso me tem dado, nem fiz cousa, que „naõ seja necessaria para o bom effeito do negocio, contentamento, e reputaçaõ de ambas „as partes. Confessa o Senhor Cardeal, e conhece ser esse o mais conveniente casamento, „que a ElRey meu Senhor se póde offerecer; „e ao que delle pude entender naõ cuida já em

outro

,, outro algum, e vê bem os inconvenientes, que
,, ha no de França, e assi tem assentado segun-
,, do se póde comprehender licitamente, e sem
,, fazer o que naõ devo, o posso dizer, de acei-
,, tar este, durando V. Alteza, e S. Magestade
,, nos desejos, e vontade, que para isso agora
,, mostraõ, e querendo disso tratar como devem,
,, e cumpre a seu tempo, e no que está dito con-
,, fórme a meu juizo naõ tinha nenhuma duvida,
,, mas entendo, que ao presente naõ he tempo,
,, nem conjunçaõ para tratar deste negocio por
,, outra via, ou por outra particular pessoa, ou
,, Embaixador, e por quanto tem o Senhor Car-
,, deal dezenhos de se resolver em negocios da
,, Conquista delRey meu Senhor nas partes das
,, Costas de Guiné, e Brasil; e como os Fran-
,, cezes contra direito, e razaõ querem a si com-
,, merciar, e occupar o alheyo, he necessario pre-
,, venir a isso com manha, e com força; e sa-
,, bendo-se nesse meyo, que se trata de casamen-
,, to delRey com sobrinha de S. Magestade, e
,, que se deixa a esperança do de França, clara
,, causa de tomarem mayor escandalo, e se des-
,, avergonharem em suas pertenções daquella na-
,, vegaçaõ mais soltamente, e porque a resoluçaõ
,, do que digo, determinará presto, parece de-
,, vemos deixar passar a tormenta, que sobre isso
,, se espera, pois para o al naõ se perde tempo,
,, e espos isso importará pouco acusarem-se aquel-
les

„ les Senhores, quando ſouberem, que ſe trata
„ de outro caſamento; e por tanto me parece,
„ que na ultima determinaçaõ deſte negocio ſe
„ deve ſobreſtar por agora, naõ o deixando to-
„ da via esfriar, e eſquecer, e aſſim eſperar V.
„ Alteza o que ElRey dos Romanos reſponde
„ por Martim de Guſman para confórme, o que
„ elle trouxer entendido da vontade, e determi-
„ naçaõ delRey, V. Alteza proceder, porque
„ ſem eſſa clareza por ventura ſe acharia em al-
„ guma falta; ſey dizer a V. Alteza, e affirmar
„ por certo, que ſe a Senhora Infanta ſua ſobri-
„ nha vieſſe para ſe crear em ſua caſa, naõ ha-
„ veria com iſſo nenhuma duvida ao effeito do
„ negocio: da Rainha minha Senhora temos cer-
„ to deſejalo muito, e ſer muito contrario à ſua
„ natureza tratar de França; o Senhor Cardeal
„ eſtá da maneira, que tenho dito; falta ſómen-
„ te querer ElRey dos Romanos conſentir no
„ que V. Alteza, e S. Mageſtade por muitas tem
„ pedido, mas quando durar em ſua pertinacia
„ poderſeha tratar o negocio como acima apon-
„ to. Fallo em tudo taõ claro ſem me recear
„ de fazer o que naõ devo a eſtes Principes, por-
„ que tenho a V. Alteza por Princeza de graõ
„ ſegredo; e do que lhe dizer naõ me poderá
„ vir damno; do que lhe parecer neceſſario de-
„ ve V. Alteza dar conta a S. Mageſtade, e ſe
„ virem devo levar outro caminho, mande-me
avi-

„ avisar, e entre tanto V. Alteza póde estar se-
„ gura, que eu naõ perderey tempo, nem oc-
„ casiaõ de servir neste negocio como sey, que
„ ella deseja. Cumpre para minha justificaçaõ
„ entre Suas Altezas puder eu ser seu solicitador
„ por cartas de V. Alteza, por tanto quando ti-
„ ver sofra o enfadamento de me escrever, e pa-
„ ra intelligencia do caso basta o dito, e V. Al-
„ teza perdoe ser tanto.

152 Informada a Princeza D. Joanna por esta carta do modo, com que recebera o Cardeal D. Henrique a proposiçaõ do casamento delRey, depois de agradecer a Lourenço Pires de Tavora a diligencia, que applicara nesta negociaçaõ, lhe recomendou, que empenhasse todo o seu talento em concluir o casamento de seu filho com a Archiduqueza de Austria, impedindo por todos os modos se naõ effeituasse com a Infanta Margarida de Valoes, como se declara nestas duas cartas escritas da propria maõ da Princeza D. Joanna neste anno de 1563.

Cartas da Princeza D. Joanna para Lourenço Pires de Tavora.
Hist. dos Var. Illust. de Tavor. pag. 279.

153 „ Lourenço Pires. Nó os podre dizir
„ quan contente estou de ver por carta vuestra,
„ que teneis yá salud, porque me cansava mu-
„ cho dizerme, que no estaveis mucho; espero
„ en Dios, que os la dará como D. Catalina
„ desea, com esto me contentaré, y a todo lo
„ que me dizis, no podre responder, porque me
„ dá el Embaxador mucha priessa, si no agra-
deceros

„ deceros mucho el cuidado, que teneis de to-
„ do lo que me puede dar contentamiento, y os
„ digo, que le tuviera muy grande ſe ElRey
„ de los Romanos embiara a ſu higa aora, por-
„ que ſi efectuará mejor eſte negocio, como me
„ dizis, pero el no há reſpondido aunque no ven-
„ drá ſi no a lo que yó ſoſpecho, entretiene el
„ negocio haſta, que ElRey ſea de edad para
„ caſar, y tambien es ſoſpecha mia, que Fran-
„ cia deve de eſtorvar algo, porque ſiempre en-
„ tendi delRey, que deſeava, que mi ſobrina
„ venieſſe con eſtar al caſamiento concertado, y
„ jurado, como el mio. Yo he dicho a mi her-
„ mano lo que vós me eſcribis, y parecenos, que
„ primero que alla ſe torne a hablar en eſto,
„ procureis vós de entender como eſtan en ello,
„ y porque modo ſe deve tratar, y ſi parece,
„ que ſeria tiempo para quedar el negocio con-
„ certado de la manera, que digo, porque a eſto
„ no tendria ElRey, que reſponder, ſi nó em-
„ biar luego ſu hija, y aca no ſe pierda punto
„ en pedilla alRey, pero el ſe remiete a la ve-
„ nida de Martin de Guſman. Vós me aviſad
„ de lo que en eſto huviere, y de lo que ſerá
„ meneſter hazer de acá, uſando de la comiſion
„ como os pareciere, que bien ſegura eſtou, que
„ lo encaminareis bien, pues teneis tanto cuida-
„ do de hazerme plazer. Eſto pago yo muy
„ mal, pues tan poco aprovecha lo que deſeo

„ haver merced ; eſpero que el Señor Cardenal lo
„ hará de manera, que me quitará de verguen-
„ ça, es eſto, que me dizis, que quiero hazer,
„ vendria muy bien con el otro cargo ; eſto he
„ de procurar yo quanto pudiere, y no puedo
„ dizir mas, &c.

154 „ Lourenço Pires. Confieſſovos, que
„ me parecia, que tardaveis mucho en reſpon-
„ derme, pero en la que me eſcribís, veyo quan
„ poca razon tengo, pues ſe vé el cuidado, que
„ teneis deſte negocio del caſamiento delRey,
„ yo pienſo que ha de ſuceder muy bien de la
„ manera, que lo encaminaes, y porque no ſé
„ aun la repueſta, que ſe há traido Martin de
„ Guſman, nó tengo, que diziros de nuevo, ſi
„ no que me parece muy bien lo que haveis
„ paſſado con el Cardenal, y rogaros mucho,
„ que ſiempre entretengais la platica, haſta que
„ paſſe eſſo de Francia, y de acá ſepamos lo que
„ reſponde ElRey de Romanos, que tambien
„ temo, que anda temporizando con Francia,
„ doyla a la ira mala, que ſienpre nos haze da-
„ no, y en ella no ay coſa buena, ſi no querer
„ tambien allá, que por eſto les perdonare todo,
„ &c.

CA-

CAPITULO XXI.

Entraõ por ordem delRey D. Sebaſtiaõ habitar o Real Collegio de S. Paulo da Univerſidade de Coimbra os ſeus primeiros Collegiaes, de cuja fundaçaõ, e edificio ſe faz breve memoria, como dos inſignes Varões, que tem produzido.

1563.

155 HUma das glorioſas acções, que immortalizaraõ na poſteridade o auguſto nome delRey D. Sebaſtiaõ, foy o eſpecial empenho, com que protegeo, e ampliou o Real Collegio de S. Paulo da Univerſidade de Coimbra, celebre Seminario de famoſos Oraculos, illuſtre Paleſtra de eruditos Athletas, e fecunda Eſcola de ſublimes engenhos. Para a organizaçaõ deſte Litterario Corpo concorreraõ duas Mageſtades ſummamente deſveladas, dando-lhe a materia ElRey D. Joaõ o III. e ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ a fórma; ſendo taõ ſoberana, e eſclarecida a gloria deſte edificio, que mereceo com inveja de todos naſcer, e educarſe entre duas Reaes purpuras, que foraõ vaticinio das com que ſe haviaõ depois ornar os ſeus Collegas. Foy o ſeu primeiro Solar o Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, aonde attrahidos muitos eſpiritos da primeira grandeza

Fundaçaõ do Real Collegio de S. Paulo de Coimbra.

D. Nicolaõ de Santa Maria, Chron. dos Coneg. Reg. part. 2. liv. 10. cap. 15.

Oo ii pela

pela fama das letras, que nelle floreciaõ, o frequentavaõ para augmentarem com as luzes da Sabedoria os esplendores do nascimento. Era neste tempo Prior Geral desta Real Casa D. Dionysio de Moraes; e considerando, que a communicaçaõ dos seculares de algum modo pervertia a observancia severa da clausura Regular, deliberou em o anno de 1544. edificar este Collegio junto ao mesmo Convento, como com effeito o executou, dando-lhe por Tutelar ao General da milicia Angelica S. Miguel, sendo as primeiras, e principaes pessoas, que estudavaõ nelle, D. Joaõ de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, primeiro Conde do Vimioso, e de sua segunda mulher D. Joanna de Vilhena, filha do Senhor D. Alvaro; e D. Joaõ de Bragança, filho de D. Francisco de Mello, segundo Marquez de Ferreira, e de sua mulher a Senhora D. Eugenia de Bragança, filha de D. Jayme, quarto Duque de Bragança, e de sua segunda mulher D. Joanna de Mendoça.

156 Naõ chegaraõ os Collegiaes a assistir neste edificio o breve espaço de hum anno, porque querendo ElRey D. Joaõ o III. que fosse domicilio dos novos Mestres, que de França convocara para a Universidade, escreveo ao Prior Geral D. Affonso Pereira, que se recolhessem os Collegiaes outra vez àquella Real Casa, até que lhes fundasse novo edificio para a sua habitaçaõ.

Princi-

Principiou-ſe eſte contiguo ao Palacio delRey, lugar, onde antigamente eſtavaõ as Eſcolas Geraes, em que ſe liaõ as Sciencias no tempo, que ElRey D. Diniz mudou a Univerſidade de Lisboa para Coimbra. Eſtá ſituado na parte mais eminente da Cidade, dominando as amenas margens do Mondego, e os fertiliſſimos campos de Coimbra, cuja agradavel viſta contribúe para alivio da continua applicaçaõ aos eſtudos. A fórma do edificio he mais prolongada, que quadrada, para o qual ſe entra por hum portico firmado ſobre quatro degraos com duas columnas aos lados. A cornija da porta eſtá ornada com as Armas Reaes abertas em pedra, e no frizo gravada eſta Inſcripçaõ: *Joannes Tertius Luſitanorum Rex auguſtus, Patriæ Parens ſemper invictus, Collegium hoc D. Paulo dicavit, & Academiam à ſe fundatam adauxit.* As armas, de que uſa o Collegio no ſeu Sello, he huma Esféra, e dentro della a eſpada de S. Paulo coroada de huma eſtrella, a quem cérca eſta letra: *Lucrum mori pro Chriſto.* A intempeſtiva morte delRey D. Joaõ o III. naõ permittio, que ficaſſe perfeitamente completo eſte edificio, como deſejara ſeu auguſto Fundador: e como o vigilante cuidado da Rainha D. Catharina ſe occupava na prompta execuçaõ dos deſejos de ſeu eſpoſo, e ſabia, que o principal fora ver eſta obra reduzida à ſua ultima perfeiçaõ, paſſou hum Alvará

Deſcreve-ſe o edificio do Collegio.

a 23.

a 23. de Outubro de 1559. ao Reytor da Universidade, em que lhe ordenava se habitasse o Collegio de S.Paulo, e para este effeito lhe mandou os Estatutos, que deviaõ observar os Collegiaes, confirmados pela sua Real maõ em nome de seu neto. A falta das rendas para commoda sustentaçaõ dos Collegiaes foy o impedimento para que se naõ effeituasse promptamente a ordem da Rainha, até que em o anno de 1562. o Cardeal D.Henrique, como administrador do Reyno, mandou applicar duzentos e setenta mil reis das rendas da Universidade, para que unidas às da Igreja de S. Mamede de Val de Ermigio pudessem sufficientemente sustentar aos Collegiaes.

157 Em observancia desta Real Provisaõ elegeo o Reytor da Universidade D. Jorge de Almeida hum Domingo 2. de Mayo deste anno de 1563. para a entrada dos Collegiaes em o novo edificio. Na Capella mór se sentou o Reytor com os Doutores das quatro Faculdades por sua ordem, a quem se seguiraõ o Conservador da Universidade, Fidalgos, e Nobreza da Cidade, Ministros da Justiça, e innumeravel multidaõ de povo. Os Collegiaes nomeados por S. Magestade estavaõ sentados em dous bancos no Cruzeiro da mesma Capella por seus graos, e antiguidades. Deu-se principio à solemnidade deste acto com huma Missa cantada ao Espirito

Solemnidade, com que se deu posse aos primeiros Collegiaes.

Santo

Santo pelo Meſtre Fr. Diogo de Moraes, Religioſo Dominico, e Lente de Veſpera de Theologia na Univerſidade, onde a conſonancia das vozes com a harmonia dos inſtrumentos fizeraõ mais plauſivel a celebridade. Prégou o Doutor Paulo de Palacio, Lente de Eſcritura da Univerſidade, augurando com eloquente energia os copioſos frutos, que colheriaõ a Igreja, e o Reyno das primeiras plantas, que taõ fertilmente haviaõ fructificar naquelle novo Paraiſo, defendido, melhor que o Terreal, com a eſpada de Paulo. No fim da Miſſa ſe levantou Antonio da Sylva, Secretario da Univerſidade, que exercitava o Officio de Meſtre das Ceremonias, e conduzio a Ayres da Sylva, filho ſegundo de Ruy Pereira da Sylva, Guarda môr que fora do Principe D. Joaõ, Senhor do Morgado de Monchique, e de D. Iſabel da Sylva, nomeado para primeiro Reytor do Collegio, e os mais, que tinhaõ ſido eleitos para Collegiaes com o Porcioniſta Pedro Lourenço de Tavora, e chegando aos degraos da Capella môr ſe obrigaraõ com juramento ſolemne a obſervar os Eſtatutos. Depois de feita eſta ceremonia foraõ à Sacriſtia, e depoſtos os veſtidos voltaraõ com as lobas, de que haviaõ uſar no Collegio. No meyo da Capella eſtava ſentado em huma cadeira de eſpaldas o Reytor D. Jorge de Almeida, e chegando à ſua preſença os Collegiaes, ſe poz de joelhos

lhos o novo Reytor do Collegio, e recebeo das mãos do Reytor da Univerſidade a eſtola de pano roxo, que era a inſignia de Collegial, e Porcioniſta, e ao tempo, que lha lançou ſobre os hombros, lhe diſſe as ſeguintes palavras: *Accipe inſignia præclariſſimi Collegii D. Pauli à Joanne Tertio Rege noſtro feliciſſimæ recordationis primùm inſtituti ad laudem Omnipotentis Dei, & glorioſæ Virginis Matris Mariæ, & ad decus, & ornamentum hujus noſtræ florentiſſimæ Academiæ*; e por eſte modo receberaõ as inſignias os outros Collegiaes eleitos. Concluioſe eſte ſolemne acto com huma elegantiſſima Oraçaõ, que recitou o Doutor Lourenço Mouraõ, que era o quarto dos novos Collegiaes, ſendo o principal argumento gratificar a Deos, e aos dous Monarchas, hum Fundador, e outro Protector daquelle Real edificio, o verſe habitado por taõ illuſtres Collegas; e para que premaneceſſe glorioſamente eternizado taõ plauſivel dia nos faſtos Academicos ſe fez hum termo, que ſobſcreveraõ como teſtemunhas as peſſoas de mayor graduaçaõ da Univerſidade, quaes foraõ: D. Jorge de Almeida, Reytor da Univerſidade, os Doutores Affonſo do Prado, Lente de Prima de Theologia jubilado; Joaõ de Mogrovejo, Lente de Prima de Canones jubilado; o inſigne Pedro Barboſa, Lente de Veſpera de Leys; e Thomaz Rodrigues da Veiga, Lente de Prima de Medicina jubilado.

Ao

158 Ao dia feguinte, que era 3. de Mayo, veyo ao Collegio Real o Reytor da Univerfidade, e convocando à fua prefença o Reytor, e Collegiaes, depois de eftarem fentados, começou a exporlhe com grave eloquencia o eterno nome, que refultaria à Mageftade reynante de fer o benefico protector de hum edificio, cujos aliceffes lançara a magnificencia de feu Avo augufto, naõ lhe impedindo para fe declarar fautor das letras o eftrondo das fuas armas, que naquelle tempo por todo o Univerfo retumbava: Que julgava fora fuperiormente infpirado o magnifico fundador daquelle Collegio quando lhe deu por Tutelar ao Apoftolo S. Paulo, pois fendo graduado na fublime Academia do terceiro Ceo por Doutor das Gentes, certamente os havia inftruir com a profunda doutrina, que aprendera dos Serafins, para ferem venerados por Meftres univerfaes do Mundo: Que naõ podiaõ recear, foffem impenetraveis ao feu conhecimento os myfterios fcientificos, porque com a fua efpada, mais poderofa que a de Alexandre, cortariaõ os nós indiffoluveis das difficuldades: Que eftava vendo nafcer daquella fonte caudalofos rios de fagrada, e humana doutrina, cujas correntes fecundariaõ liberalmente o campo da Igreja: Que obfervava naquelle fabio Firmamento brilhar aftros da primeira grandeza com tanta intençaõ de luzes, que já no feu Oriente promettiaõ exterminar

Exhortaçaõ do Reytor da Univerfidade aos novos Collegiaes.

terminar de todo o Emisferio as ſombras da ignorancia: Que elles eraõ aquellas ſolidas pedras, eſcolhidas para baſes fundamentaes do novo edificio de Paulo, o qual com a ſua uniaõ, e firmeza ſe faria eternamente incontraſtavel contra a indiſcreta, e temeraria emulaçaõ dos ſeus antegoniſtas: Que ſe augmentaſſem com glorioſa fecundidade para eterno credito de ſeu auguſto Fundador, immortal gloria de ſeu Protector munifico, illuſtre ornato daquella Academia, e honorifico braſaõ de toda a Monarchia.

Illuſtres, e famoſos Varões, que ſahiraõ deſte Collegio.

159 Eſtas palavras pronunciadas por D. Jorge de Almeida entre as domeſticas paredes do Real Collegio foraõ myſterioſos vaticinios dos preclaros alumnos, que creou eſte Atheneo de Portugal, produzindo pela continuada ſerie dos tempos tantos Gigantes da Sabedoria, e Oraculos da erudiçaõ, que naõ ſómente illuſtraraõ o Sacerdocio, mas ennobreceraõ o Imperio. Na esféra da Jerarchia Eccleſiaſtica brilharaõ como luzes mayores os Ataides com a Purpura Cardinalicia; e com a Mitra Patriarchal os Almeidas. Ainda permanecem gravados na memoria os effeitos da Paſtoral vigilancia, e compaſſiva liberalidade, com que os Cunhas, os Menezes, os Souſas, e os Telles ornaraõ a Primacial de Braga; os Mendoças a Metropolitana de Lisboa; os Caſtellos-Brancos, os Mellos, e Vaſconcellos a Dioceſi de Coimbra; os Sylvas a do Porto; os

os Mellos, Saldanhas, e Mendoças a da Guarda; os Maſcarenhas, e Pereiras a do Algarve; os Vieiras, e os Noronhas a de Leiria; os Mouras, e os Carvalhos a de Miranda; os Barradas a da Bahia; e os Abreus a de Angra. Contra a heretica pravidade ſe armou o ardente zelo dos Maſcarenhas, e Cunhas como Inquiſidores Geraes do Reyno. Diſpenſaraõ as graças da Cruzada por Commiſſarios Apoſtolicos os Caſtellos-Brancos, os Braganças, os Souſas, e os Carvalhos. Foraõ Capellães mores das Mageſtades os Coſtas, e os Mellos; e ſeus Eſmoleres os Caſtellos-Brancos, e Tavoras. Muitos illuſtrados com a ſciencia dos Santos preferiraõ o ſilencio do Clauſtro ao applauſo da Academia, ſepultando as bem fundadas eſperanças, que lhe promettia a nobreza dos ſeus naſcimentos, debaixo de penitentes habitos de auſteros inſtitutos, como foraõ os Caſtros, os Limas, os Saldanhas, os Souſas, os Mellos, e os Mendoças.

160 Na Athenas da Luſitania explicaraõ na Cadeira de Prima com ſubtiliſſimos Commentos ao Meſtre das Sentenças os Almadas, e os Souſas. As Decretaes, e Clementinas foraõ profundamente explanadas pelos Leivas, Fragoſos, Coutinhos, Garridos, e Cayados. Recebeo hum, e outro Digeſto, e o Codigo novas Gloſſas, como tambem foraõ ſubtilmente interpretados os myſterios legaes dos Paulos, Sempronios, Labiões,

 e Pa-

e Papinianos pela aguda perspicacia dos Fonsecas, Mourões, Andradas, Almeidas, e Fonsecas. Illustraraõ aos Galenos, Hyppocrates, e Avicenas os Azeredos, Sousas, Cardosos, e Proenças. Foraõ venerados no Areopago de Lisboa como Oraculos da Jurisprudencia os Delgados, os Meireles, os Salemas, os Carvalhos, os Araujos, e os Sardinhas, administrando com tanta equidade a justiça, que nunca o interesse por menos nobre, nem o respeito por mais poderoso se atreveo a sobornar a inteireza das suas incorruptas deliberações. Representaraõ a pessoa dos seus Soberanos com o caracter de Embaixadores, e Enviados, os Sousas, e os Fonsecas em Roma; os Carvalhos em França; os Castilhos, e Magalhães em Inglaterra; e os Castros na Dieta de Ratisbona, executando em taõ grandes theatros estes eloquentes Mercurios com igual fidelidade, que destreza, os interesses Politicos dos seus Monarchas. Enriqueceraõ a Republica Litteraria com os seus doutissimos volumes insignes Escritores, cujas pennas fizeraõ mayores as azas da fama, merecendo entre elles mais distincta memoria aquelles dous celebrados Heroes, dignos de que as suas Estatuas ornassem o frontispicio do Collegio Real; hum Gabriel Pereira de Castro, que sustentando em huma maõ a balança de Astrea, e em outra a Lyra de Apollo, naõ lhe impedio o tumulto das

das controverſias forenſes o familiar commercio das Muſas, de cuja inſpiraçaõ arrebatado edificou com metrica conſonancia os muros de Lisboa, melhor que Orfeo os de Thebas; o outro, Manoel Rodrigues Leitaõ, animada Encyclopedia de todas as Sciencias, profundo Erario de todas as Faculdades, taõ eloquente na lingua materna, como na Latina, cujo talento illuſtou a Coimbra; cujo eſpirito reformou o Porto, para onde retirado da Corte abrio na Congregaçaõ do Oratorio, que fundou, huma Eſcola, de que ſahiraõ tantos diſcipulos das ſuas virtudes, como na Univerſidade tivera das ſuas letras. Eſtes ſaõ os generoſos filhos, que com o puro leite da doutrina mais ſolida alimentou eſta fecunda Mãy de todas as Faculdades, os quaes foraõ, e ſeraõ ſempre venerados como primogenitos da Sabedoria, e herdeiros da Celeſtial ſciencia de Paulo.

CAPITULO XXII.

Eſcreve ElRey D. Sebaſtiaõ a Fernaõ Martins Maſcarenhas para que o Pontifice naõ conſinta na mudança do Concilio da Cidade de Trento, como pertendia ElRey de França, mandando propor eſta meſma materia ao Emperador. Chega de Trento a Roma D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e os Theologos, e Prelados, que aſſiſtiraõ no meſmo Concilio, e das honras, que receberaõ de Pio IV.

1563.

161 NAõ ſocegava o inquieto animo delRey de França de querer ſe transferiſſe o Concilio da Cidade de Trento para outra de Alemanha; e de tal ſorte eſtava empenhado neſte intento, que ſe o naõ conſeguiſſe, tinha reſoluto naõ mandar Theologos ao Concilio Geral, e celebrar hum Nacional em o ſeu Reyno. Prevendo o Catholico zelo delRey D. Sebaſtiaõ os graves inconvenientes, que ſe ſeguiaõ ſe ElRey de França alcançaſſe o que intentava, eſcreveo ao ſeu Embaixador Fernaõ Martins Maſcarenhas huma carta, onde lhe expunha as cauſas, porque o Pontifice naõ devia condeſcender com a vontade delRey Chriſtianiſſimo, as quaes eraõ na fórma ſeguinte.

Dom

162 „Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas „amigo, &c. Eu tenho entendido, como El- „Rey de França pertende transferirſe o Conci- „lio deſſe lugar de Trento, onde ſe convocou, „e onde procede a outro algum, e que nomea „para iſſo Vormes, Spira, Bade, e Conſtan- „cia, e tem aſſentado mandar fallar niſſo com „toda a inſtancia ao Santo Padre, e ao Sagra- „do Concilio, apontando, que quando ſe naõ „conceder, naõ poderá deixar de fazer em ſeu „Reyno Concilio Nacional pelo que toca à quie- „taçaõ delle; e poſto que tenho por certo naõ „haver S. Santidade, nem o Sagrado Concilio „de admittir tal requerimento, pois eſtá viſto, „que qualquer movimento, e mudança, que ſe „fizer, ſeria interromper o remedio, que ſe eſ- „pera do progreſſo do dito Concilio, e que mal „ſe poderia tornar a ajuntar em outra parte pe- „los impedimentos, eſtorvos, e embaraços, que „ſe offereceriaõ, os quaes conſiderados, e enten- „didos dos que ſe apartaraõ da uniaõ da Igreja „Catholica, procuraõ por eſta via impedir, e „perturbar, que o Concilio naõ proceda, nem „vá adiante; toda via pareceome, que naõ cum- „priria com minha obrigaçaõ, ſe naõ mandaſſe „lembrar a S. Santidade, que por nenhum caſo „deve conſentir transferirſe o Concilio de Tren- „to para outro algum lugar, nem menos per- „mittir, que em França ſe faça Concilio Nacio- nal,

Eſcreve ElRey D. Sebaſtiaõ a Fernaõ Martins Maſcarenhas para que ſe naõ transfira o Concilio da Cidade de Trento.

,, nal, estando aberto em Trento ha tantos dias
,, o Geral, a que compete decidir, e determi-
,, nar todas aquellas cousas, pelas quaes se El-
,, Rey de França persuade a lhe ser necessario
,, fazer Concilio Nacional, o qual naõ vejo de
,, que possa servir, se naõ de novas perturbações
,, naquelle Reyno, havendo-se nelle de juntar os
,, que ha taõ pouco tempo deixaraõ as armas,
,, com que tantos damnos se fizeraõ, porque quan-
,, do nelle se fizessem determinações Catholicas,
,, naõ teriaõ aquella authoridade, nem força, co-
,, mo as que se fazem no Concilio Universal,
,, nem seriaõ recebidas pelos desviados, e teriaõ
,, mais occasiaõ para dizer, e allegar serem feitas
,, por seus inimigos, e parte contraria; e se do
,, dito Concilio resultasse alguma approvaçaõ do
,, que pertendem, e defendem, ficariaõ authori-
,, zadas, e com novo titulo de Congregaçaõ Ec-
,, clesiastica, e Concilio as taes opiniões, e as
,, partes, e sequazes dellas com mais obstinaçaõ,
,, e menos remedio de serem reduzidos. E jun-
,, tamente com isto tambem me pareceo devido
,, mandar lembrar a S. Santidade quanto convem
,, naõ haver alguma frieza, ou remissaõ no que
,, toca às cousas da Reformaçaõ, antes mostrar
,, nisso S. Santidade tal zelo, e fervor, qual re-
,, querem as afflicções da Christandade, cujo re-
,, medio pende da Reformaçaõ da Igreja, e de S.
,, Santidade querer, e ordenar, que no Concilio
se

„ ſe proceda livremente, e ſe proponha o que
„ aos Padres o Eſpirito Santo inſpirar, de cuja
„ immenſa bondade ſe deve eſperar, que ſendo
„ a cauſa ſua, ſerá ſervido endereçar, e enca-
„ minhar o felice progreſſo, e ſucceſſo deſte ſan-
„ to Concilio, e que delle ſe conſigaõ, e reſul-
„ tem os effeitos, e fruto, que para o beneficio
„ publico da Igreja, e Chriſtandade he neceſſa-
„ rio, de que a S. Santidade caberá perpetuo lou-
„ vor, e grande merecimento ante Noſſo Senhor.

Paſſa D. Joaõ Maſcarenhas à Corte do Emperador por ordem do noſſo Principe.

163 Naõ ſatisfeito o noſſo Monarcha de repreſentar ao Pontifice com taõ zeloſas expreſſões os inconvenientes, que ſe originavaõ da pertenſaõ delRey de França, nomeou a D. Joaõ Maſcarenhas, ſobrinho de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, para que em ſeu nome foſſe congratular ao Emperador Fernando I. da eleiçaõ de ſeu filho Maximiliano em Rey dos Romanos celebrada em 24. de Novembro do anno paſſado, e depois de lhe ſignificar o exceſſivo jubilo, que recebera com a coroaçaõ de ſeu primo, lhe diſſeſſe as urgentes cauſas, que haviaõ de o mover a opporſe, como Principe taõ amante da Igreja Romana, à reſoluçaõ delRey de França, querendo transferir o Concilio da Cidade de Trento para outra de Alemanha, de que podiaõ proceder perniciosas conſequencias. Recebeo o Emperador com ſummo agrado a Embaixada de ſeu ſobrinho, e lhe ſegurou empenharia a ſua autho-

Brentan. Epitom. Chronol. Mund. Chriſt. ad an. 1562. pag. 604.

ridade Imperial com o Pontifice, para que nunca consentisse no intento mais Politico, do que Catholico delRey de França. Assim se executou como ardentemente desejava o nosso Principe, cedendo o Christianissimo da sua resoluçaõ, e continuando o Concilio na Cidade de Trento, onde se lhe deu feliz conclusaõ em 4. de Dezembro deste anno de 1563.

164 Desejava anciosamente o Arcebispo Primaz D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ter occasiaõ opportuna para receber a bençaõ do Pontifice, e lhe communicar algumas materias importantes aos interesses espirituaes da sua Igreja, mas a assistencia, que fazia em Trento, lhe difficultava a execuçaõ deste desejo, naõ querendo que pela sua causa particular faltasse à commua, até que se lhe offereceo quando menos o imaginava, pois estando decretada a sessaõ 24. para 15. de Setembro deste presente anno, ficou deferida para 11. de Novembro, e na interpollaçaõ destes dous mezes se resolveo a executar o que tanto suspirava. Sahio de Trento em 18. de Setembro acompanhado do Cardeal de Lorena seu grande amigo, que naõ sómente pela Dignidade, mas muito mais pelo Real sangue, que o animava por ser tio delRey de França, era venerado em todas as terras com adorações de Principe; e como o Arcebispo era naturalmente inimigo destes obsequios, usou de tal artificio, que sem offen-

Parte de Trento o Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres para Roma.

offenſa da urbanidade Politica deixou a companhia do Cardeal, e proſeguindo o caminho por Bolonha, Florença, e Sena chegou a Roma em 29. de Setembro. Tanto que aviſtou eſta famoſa Cidade ſe apeou logo, e lançado por terra com os olhos cheyos de lagrimas, e o coraçaõ de jubilo a venerou por Metropoli da Fé, e Mãy univerſal de toda a Chriſtandade; e voltando para a ſua familia lhe encommendou o reſpeito, e piedade, com que deviaõ pizar aquellas ruas ſantificadas com o triunfal ſangue de innumeraveis Martyres.

Diligencias, que fez o noſſo Embaixador na Curia para que foſſe ſeu hoſpede o Arcebiſpo.

Muños, Vid. de D. Fr. Bartol. de los Martyr. liv. 2. cap. 20.

165 Tinha recebido D. Alvaro de Caſtro, noſſo Embaixador na Curia, a noticia certa naõ ſó da vinda do Arcebiſpo àquella Corte, mas ainda do dia, que de Trento partira, e por eſta cauſa o eſtava anciosamente eſperando para lograr a fortuna de receber em ſua caſa taõ grande hoſpede, cuja fama tinha aſſombrado a toda Roma. Para que ſe naõ fruſtraſſe o ſeu deſejo expedio naquella manhãa dous criados com ordem, que ſahindo para o caminho, que vay para Sena, ſe encontraſſem ao Arcebiſpo, voltaſſe logo hum a darlhe a noticia, e outro o detiveſſe até que elle ſahiſſe a recebello com aquelle apparato digno de taõ authorizada peſſoa. Porém foy inutil toda eſta cautela, porque caminhava de tal modo disfarçado o Arcebiſpo, que ſendo viſto pelos criados do Embaixador o naõ

conheceraõ, ſendo a ſua familia, que marchava mais diſtante, a que lhes deſcobrio ſer o Arcebiſpo o que elles ignoraraõ. Tanto que receberaõ eſta noticia voltaraõ com grande velocidade para ver ſe podiaõ emendar o engano, em que tinhaõ cahido; mas já a eſte tempo eſtava o Arcebiſpo na Igreja de S. Pedro adorando os Sagrados Corpos dos Santos Apoſtolos. Sabendo o noſſo Embaixador, que o Arcebiſpo eſtava na Cidade, expedio com incrivel brevidade todos os ſeus criados, para que repartidos por diverſas partes deſcobriſſem onde o Arcebiſpo eſtava, ao qual naõ lhe valendo o retiro do lugar, que eſcolhera, foy deſcuberto por dous delles, que com palavras cortezes lhe perſuadiaõ da parte de ſeu Amo quizeſſe hoſpedarſe no ſeu Palacio, onde com impaciencia o eſtava eſperando. Como todo o deſejo do Arcebiſpo era aſſiſtir entre os Religioſos da ſua Ordem, tinha determinado habitar no Convento da Minerva, e por mais inſtancias, que lhe fizeraõ para ſer hoſpede do Embaixador, naõ cedia da ſua determinaçaõ; mas perſuadido falſamente de que o Convento eſtava muito diſtante, o levaraõ ao Palacio do Embaixador, que ſahindo à rua o levou nos braços, dizendo-lhe com mais affectos, que palavras, como era poſſivel fizeſſe tantas diligencias para fugir dos Portuguezes quem tinha feito tantas para os honrar? E que naõ era juſto, que

Affectuoſas palavras, com que o Embaixador recebe ao Arcebiſpo.

que ſendo benigno por natureza, foſſe taõ ſevero para os naturaes, aborrecendo a ſua companhia, e familiaridade: Que lhe pedia naõ quizeſſe fazerlhe hum aggravo taõ indecoroſo à ſua opiniaõ, preferindo naquella Corte outra caſa à ſua no tempo, que aſſiſtiſſe nella.

166 Eſtas palavras dictadas pela affabilidade de D. Alvaro de Caſtro moveraõ ao Arcebiſpo, que eſtava ſummamente ſentido do engano, que lhe tinhaõ feito, a jantar com elle, mas com a condiçaõ, que lhe naõ havia ſervir de impedimento para naõ habitar entre os ſeus Religioſos. Depois de jantar inſtou novamente o Embaixador com o Arcebiſpo a ſer ſeu hoſpede; mas vendo, que era inutil toda eſta diligencia, ſe reſolveo a buſcar ao Pontifice para que fizeſſe ceder ao Arcebiſpo da ſua repugnancia Em obſequio do Embaixador mandou o Pontifice o ſeu Phyſico môr ao Convento da Minerva, que depois de lhe ſignificar da parte de S. Santidade o goſto, que recebera com a ſua chegada àquella Curia, lhe mandava com preceito de obediencia ſahiſſe logo daquelle Convento, e foſſe ſer ſeu hoſpede ao Vaticano; e quando ſe naõ agradaſſe daquella habitaçaõ, ſe daria por muito ſatisfeito de que aſſiſtiſſe em caſa do Embaixador de Portugal. Affligioſe exceſſivamente o Arcebiſpo com eſte preceito, e como eſtimava mais a obſervancia da clauſura, do que a pompa, e fauſ-

Janta o Arcebiſpo com o Embaixador, e logo ſe recolhe ao Convento da Minerva.

to

to dos Palacios, começou a interpretar o preceito por especie de favor, e honra, com que o Papa o tratava; mas logo mudou de parecer, receando se por desobediente cahiria em alguma culpa, e para se livrar deste escrupulo escolheo por mayor humildade, já que havia deixar aos seus Religiosos, ser antes hospede do Embaixador, que do Pontifice, em cuja casa esteve todo o tempo da sua assistencia em Roma.

Obrigado o Arcebispo do preceito do Pontifice aceita a hospedagem do Embaixador.

167 Grande era a ancia, que tinha Pio IV. de ver ao Arcebispo, pois além das informações da sua pessoa communicadas pelos Principes de Portugal, e Cardeaes Legados assistentes no Concilio, lhas tinha mais augmentado o Cardeal de Lorena, sendo o principal argumento da audiencia, que naquelle dia tivera com o Papa, exaggerar sinceramente as virtudes de taõ grande Prelado, affirmando-lhe, que igualmente se admiravaõ nelle juntos a pobreza Religiosa com a Dignidade Episcopal; a efficacia para persuadir com a liberdade para votar. Todos estes elogios ouvia o Papa com grande jubilo; e para que os olhos fossem testemunhas do que estavaõ taõ informados os ouvidos, mandou chamar ao Arcebispo, que promptamente foy a pé com o seu Companheiro buscar o Vaticano, onde o recebeo Pio IV. com excessiva benevolencia, fazendo-lhe honras taõ extraordinarias, que naõ costumava usar com os Prelados de igual Dignidade;

Especialissimas honras, com que o Pontifice tratava ao Arcebispo.

nidade; ſendo a principal, ao tempo, que o Arcebiſpo ſe proſtrou a beijarlhe o pé, inclinarſe profundamente como querendo abraçallo, e logo o mandou ſentar, e cobrir. Começou a praticar com elle em materias graves pertencentes ao governo, e conſervaçaõ da Igreja, e conheceo das ſuas repoſtas, que era diminuta a fama, que corria do ſeu profundo talento, pois o achava taõ douto para as decidir, como ardente para as zelar. Por taõ ſingulares virtudes contrahio o Papa taõ eſtreita amiſade com o Arcebiſpo, que todos os dias o chamava ao Vaticano, onde gaſtava com elle muitas horas, e em alguns o admittia à ſua meſa, favor ſómente concedido a Principes, ſendo para o goſto do Pontifice o mais ſaboroſo, e delicado manjar a ſinceridade, e acrimonia, com que o Arcebiſpo reprehendia o luxo Romano, totalmente ignorado nos primeiros ſeculos da Igreja, e ſempre reprehenſivel no Eſtado Eccleſiaſtico. Muitas vezes, acabado o jantar, o Pontifice como taõ affecto à naçaõ Portugueza louvava as acçóes militares dos Portuguezes, que por mar, e terra tinhaõ obrado, e as glorioſas vitorias, que de inimigos formidaveis tinhaõ conſeguido, concluindo em mayores elogios à peſſoa delRey D. Sebaſtiaõ, ſendo o principal dizer: „Que ſe naõ eſpantava ſer taõ „inteiro na juſtiça, e taõ zeloſo na Fé, pois era „Rey Portuguez.

Elogios, que dava Pio IV. à naçaõ Portugueza.

O Ar-

168 O Arcebiſpo agradecia com profundas expreſſões ao Pontifice o affectuoſo empenho, com que exaltava aos Portuguezes, e ao ſeu Soberano, ſendo ſempre o ſeu principal deſvelo, que tudo quanto praticaſſe com o Papa cedeſſe em utilidade da Igreja Univerſal, e para eſte fim por ſuas perſuaſões reformou Pio IV. a ſua familia, e a dos Cardeaes; e que os Biſpos por ſerem ſucceſſores dos Apoſtolos eſtiveſſem ſentados na preſença do Pontifice, pois antes aſſiſtiaõ em pé na preſença dos Cardeaes com eſcàndalo da àuthoridade Epiſcopal. Ultimamente para teſtemunho do affecto, com que o Pontifice o amava, lhe conferio com profuſa liberalidade muitas graças, e privilegios aſſim para o Arcebiſpo, como para a ſua Igreja; e na ultima deſpedida lhe deu para a jornada huma mula, em que coſtumava montar; e para perpetuo argumento do ſeu paternal amor, tirando do dedo hum annel de grande preço o meteo no do Arcebiſpo, cuja dadiva eſtimou taõ exceſſivamente por toda a vida, que quiz até depois da morte conſervalla, mandando, como com effeito ſe executou, que com ella foſſe enterrado. Com ſaudoſa ternura ſe deſpedio o Arcebiſpo de S. Carlos Borromeo, illuſtre exemplar de Prelados, e ſobrinho do Pontifice, que pelo zelo Paſtoral, em que ambos ardiaõ, ſe amavaõ enternecidamente, e contrahiraõ taõ intima amiſade, que por

Conſegue o noſſo Primaz do Pontifice mayor veneraçaõ para a Ordem Epiſcopal. *Vie de D. Fr. Bartholamy des Mart. liv. 2. cap. 22.*

Argumentos de affecto do Pontifice para o Arcebiſpo quando delle ſe deſpedio.

por insinuaçaõ do Santo Cardeal compoz o Arcebispo aquelle admiravel Tratado, que intitulou: *Stimulus Pastorum*, que consta de huma fiel instrucçaõ das obrigações de hum Prelado na sua Diocesi. Naõ mostrou menor sentimento nesta despedida o Cardeal D. Fr. Miguel Ghislerio, que passados poucos annos subio ao throno de S. Pedro com o nome de Pio V. ou fosse pela semelhança das virtudes, ou pela identidade do habito, que ambos professavaõ.

169 Concluido o Concilio determinaraõ os Prelados, e Theologos Portuguezes, que nelle assistiraõ, partir para o Reyno; e querendo beijar o pé ao Pontifice ou para sinal da sua profunda obediencia, ou por remuneraçaõ do quanto tinhaõ trabalhado em obsequio da Igreja, foraõ à presença de Pio IV. sendo o primeiro D. Jorge de Ataide, que chegou a Roma em 23. de Dezembro, e em 31. Fr. Francisco Foreiro, e ambos foraõ recebidos benevolamente pelo Pontifice, que estava taõ informado das letras de qualquer delles, que queria se demorassem na Curia para comporem o Index dos livros prohibidos, Cathecismo, e Breviario Romano, que se naõ acabaraõ em quanto durou o Concilio; instando muito mais para a conclusaõ destas obras os Cardeaes Legados Moron, e Simoneta pelo claro conhecimento, que tinhaõ dos seus talentos; mas ficou commettida a execuçaõ de obra

D. Jorge de Ataide, e Fr. Francisco Foreiro chegaõ a Roma, onde saõ recebidos do Pontifice benevolamente.

taõ necessaria como laboriosa ao desvelo de Fr. Francisco Foreiro; e D. Jorge alcançou faculdade do Pontifice para partir para o Reyno com o justificado pretexto de assistir a sua mãy, e diminuirlhe com a sua companhia o sentimento, que experimentava pela morte de seu pay D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira, que havia poucos mezes tinha succedido. A 22. de Janeiro do anno seguinte chegou a Roma D. Fr. Joaõ Soares, Bispo de Coimbra, sendo tratado pelo Pontifice como mereciaõ a sua sciencia, e Dignidade, mandando-o sentar, e cobrir, tendo praticado o anno passado a mesma honra com o Bispo de Leiria D. Fr. Gaspar do Casal, que por causa de hum accidente, que tivera em Trento, ordenaraõ os Medicos, que mudasse de clima, e vindo a Roma o recebeo o Papa com singulares demonstrações de affecto, convidando-o naõ sómente para que em dia de Paschoa fosse seu assistente no Solio, mas tambem na mesa. Igual benevolencia mereceo o insigne Theologo Diogo de Paiva de Andrade, que chegando de Veneza, onde imprimira huma douta Apologia em defensa do Sagrado Instituto da Companhia de Jesus contra a impia mordacidade dos hereges, entrou em Roma a 26. de Fevereiro a receber os applausos merecidos às suas letras, os quaes para naõ caducarem na fragil memoria dos homens os dei-

Com igual benignidade saõ tratados por Pio IV. o Bispo de Coimbra, e Diogo de Paiva de Andrade.

xou

xou eternamente recommendados naquelle douto Opuſculo, e em outros muitos, à poſteridade.

170 Naõ ſómente ſe extenderaõ os encomios do Pontifice em louvor dos Prelados, e Theologos Portuguezes, que Portugal mandou ao Concilio de Trento; ainda foraõ mais elegantes, com que honrou a D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, que repreſentara no meſmo Concilio a Real peſſoa de D. Sebaſtiaõ, a quem mandou ſignificar por D. Alvaro de Caſtro, noſſo Embaixador na Curia, que a mais diſcreta, e acertada eleiçaõ, que fizera S. Alteza, fora mandar àquelle veneravel Congreſſo hum Miniſtro taõ conſummado como D. Fernaõ Martins Maſcarenhas; pois, como lhe tinhaõ eſcrito os Legados, fora a principal cauſa de ſe concluir hum negocio taõ importante a toda a Chriſtandade, a quem deſejava dar premio digno de taõ alto merecimento: mas que confiava na generoſa equidade de S. Alteza remuneraria taõ relevantes ſerviços, de que era acrédora a Sé Apoſtolica. Eſte illuſtre panegyrico, que o Oraculo do Vaticano fez a Fernaõ Martins Maſcarenhas, dignamente o mereceo pelas acções, que executou em Trento, pois em todo o tempo, que aſſiſtio naquella Cidade, além de oſtentar profuſamente a ſua liberalidade, uſou de huma ſagaz prudencia, com que ſómente naõ conci-

Recommendaçaõ, que o Pontifice fez do miniſterio de Fernaõ Martins Maſcarenhas.

liava os animos mais diſcordes, mas conſeguia as negociações mais difficultoſas; ſendo taõ venerado o ſeu juizo, que até nas controverſias alheas era ſempre para a deciſaõ eſcolhido por arbitro; e o que cauſou mayor admiraçaõ foy, que zelando os intereſſes do ſeu Principe, nunca ſe eſqueceo das obrigações de Catholico, regulando as maximas de Politico, que raramente ſuccede, pelos dictames do Euangelho.

CAPITULO XXIII.

Parte para Caſtella Fr. André da Inſua, Geral que foy da Ordem Serafica, a tratar varias negociações Politicas com Filippe Prudente, e da inſtrucçaõ, que para eſte effeito levou.

1563.

Quem era Fr. André da Inſua?

171 O Reverendiſſimo Fr. André da Inſua foy hum dos filhos mais authorizados, que produzio a Provincia Serafica de Portugal. Naſceo em Lisboa para o Mundo, e no Oratorio de Noſſa Senhora da Inſua plantado no meyo da barra do rio Minho para a Religiaõ, e em ſinal do terniſſimo amor, que tinha a eſte Sagrado domicilio, conſervou o titulo delle por appellido. Depois de occupar os lugares de Commiſſario de Flandres, e Alemanha, e de Provincial da Provincia dos Algarves,

Soled. Hiſt. Seraf. part. 4. liv. 4. cap. 29. §. 989.

ves, ſubio quando contava quarenta e hum anno de idade à ſuprema Dignidade de Miniſtro Geral de todo o Orbe Seraſico em o Capitulo celebrado no anno de 1547. no Convento de Noſſa Senhora dos Anjos, junto de Aſſis. Tanto que ſe vio conſtituhido neſte honorifico lugar paſſou a Heſpanha, onde viſitou quaſi todas as Provincias ſogeitas à ſua obediencia, dividindo em duas a de Santiago, e erigindo novamente a de S. Miguel. Em Lisboa celebrou o Capitulo de S. Franciſco da Cidade, e os das Provincias dos Algarves, e da Piedade, e voltando a Caſtella fez huma Congregaçaõ Geral de todas as Provincias de Heſpanha em o Convento de Burgos, onde ordenou decretos para a obſervancia da diſciplina Regular. Paſſou a França, e chegou a Flandres, donde recebeo particulares honras de Carlos V. Partio para Italia, e entrou em Roma a tempo, que fora eleito por Pontifice Julio III. e depois de lhe beijar o pé, foy a Bolonha, onde fez eleiçaõ de Commiſſario Geral Ultramontano, e diſcorreo por Napoles, Florença, Brixia, Milaõ, e Genova. Chegou a Lisboa, donde partio para Salamanca celebrar o Capitulo Geral, em que ſe juntaraõ mil e duzentos Religioſos, em cuja veneravel, e douta preſença orava todos os dias na lingua Latina com geral admiraçaõ de taõ ſapientiſſimo Auditorio. Succedeolhe no Generalato Fr. Clemen-

te

te Dolera, que ao depois ſobre o ſayal veſtio a Purpura Cardinalicia, que lhe deu Paulo IV. na terceira creaçaõ, que fez de Cardeaes. Attendendo os Vogaes ao zelo, e actividade, com que Fr. André governava o immenſo Corpo da Religiaõ Serafica, naõ conſentiraõ, que eſtiveſſe em beneficio della ocioſo o ſeu talento, e aſſim por mais que repugnou a ſua modeſtia, foy uniformemente eleito por Commiſſario Geral da Familia Ciſmontana.

Ciacon. Vit. Pontif. Roman. tom. 3. col. 860.

172 Ao tempo, que eſte inſigne Varaõ aſſiſtio em Flandres, e Napoles, tratou como Agente da Mageſtade delRey D. Joaõ o III. diverſos negocios deſta Monarchia, em que manifeſtou igualmente a grandeza do ſeu talento como o deſintereſſe do ſeu animo. Informado ElRey D. Sebaſtiaõ da profunda capacidade de Fr. André, querendo ſeguir os veſtigios de ſeu auguſto Avo o mandou chamar, e depois de lhe engrandecer a prudencia, e fidelidade, com que ſempre negociara as materias Politicas commettidas à ſua direcçaõ, agora lhe era conveniente, que paſſaſſe a Caſtella, onde tinha ſido taõ reſpeitado o ſeu nome, e repreſentaſſe da ſua parte a Filippe Prudente a grave importancia dos negocios, de que pendia a conſervaçaõ de ambas as Monarchias. A inſtrucçaõ, que levou Fr. André para eſta negociaçaõ, era a ſeguinte.

Padre

Instrucçaõ, que levou Fr. André da Insua.

173 „ Padre Fr. André da Insua. Pela mui„ ta confiança, que de vós tenho, ouve por meu „ serviço mandarvos a ElRey de Castella meu „ tio para de minha parte lhe fallardes nas ma„ terias abaixo declaradas, de que aqui particu„ larmente vos mandey advertir, as quaes saõ „ taõ importantes ao serviço de Nosso Senhor, „ e a bem destes Reynos, e dos de Castella, „ como facilmente entendereis pela qualidade del„ las, e o que fareis he o seguinte. ¶. Primei„ ramente, porque vosso caminho ha de ser por „ Madrid, onde a Princeza minha Senhora está, „ visitareis S. Alteza de minha parte, e darlheis „ a carta minha, que para ella levaes, porque „ lhe faço saber como vos mando a ElRey meu „ tio para lhe fallardes algumas cousas, que mui„ to importaõ a serviço de Nosso Senhor, das „ quaes lhe dareis conta, para que além da mui„ ta razaõ, que ha para assi dever de ser, con„ fio eu, e tenho por muy certo, que enten„ dendo S. Alteza quanto ellas tocaõ a estes „ Reynos, e aos delRey meu tio, procurará o „ bom effecto do que pertendo; e tanto que vos „ S. Alteza despachar, fareis vosso caminho pa„ ra a Corte. ¶. Como a ella chegardes, da„ reis a D. Francisco Pereira meu Embaixador „ a carta, que para elle levaes, em que lhe di„ go o a que vos mando, e as razões, pelas „ quaes me persuadi a vos mandar fallar nestas mate-

,, materias, e trabalhareis pelo descarregar, e
,, desaliviar, quanto em vós for, para que naõ
,, cuide, que por falta de confiança de sua pes-
,, soa vos envio à vós. ¶. A ordem, que de-
,, veis ter he falardes a ElRey, a Ruy Gomes,
,, e ao Bispo de Cuenca, para que levaes cartas
,, minhas em crença sobre estes negocios, deixo
,, a vós, e sómente me pareceo devervolos aqui
,, tocar brevemente para vossa lembrança. ¶.
,, Creyo, que tereis entendido quaõ frequenta-
,, do he o trato de Berberia pelos moradores do
,, Reyno de Andaluzia, e a grande devasidaõ,
,, que tem em levarem aos Mouros armas, e
,, munições a volta de outras mercadorias, e
,, quanto por esse respecto o Xarife se augmen-
,, tou em forças, e poder, de que per algumas
,, vezes mandey dar conta a ElRey meu tio,
,, apontando-lhe os grandes inconvenientes, que
,, se seguiraõ deste trato, e quaõ pouco era o
,, proveito, que elle, nem seus Vassallos delle
,, recebiaõ em comparaçaõ do muito prejuizo,
,, que disso se seguia a seus Reynos, e aos meus,
,, além da grande offensa de Nosso Senhor em
,, se levarem as armas aos Mouros; e cuidando
,, ElRey, que tinha provido, ou provia em dar
,, ordem, que os navios, que fossem a Berberia,
,, registassem todas as fazendas, que se levassem,
,, e que se procurasse, que entre ellas naõ fossem
,, armas, deixou de conceder o que lhe nisto
manda-

,, mandava pedir, que era permittir, que ſendo
,, alguns navios de Vaſſallos ſeus achados por ou-
,, tros meus carregados de armas, e couſas de-
,, fezas os pudeſſe mandar caſtigar como por tal
,, caſo mereciaõ, de que procedeo ir o dito tra-
,, to em grande creſcimento, e haver em Fez,
,, e Marrocos mayor quantidade de armas, e mu-
,, nições, de que ha em ſeus Reynos, e nos
,, meus, porque pelos grandes intereſſes, que as
,, peſſoas, que niſſo trataõ, dellas tiraõ, naõ lhes
,, faltaõ meyos para as carregarem, ainda que ſe-
,, jaõ defezas, e prohibidas por ElRey, e que
,, ſe tenha a ordem, que ElRey manda de ſe
,, regiſtarem as fazendas, e naõ ſe poder fazer
,, alguma empreza contra os Mouros, de que lo-
,, go naõ ſejaõ aviſados pelos que com elles tra-
,, taõ com grande perigo das ſuas conſciencias;
,, e he iſto tanto, que ſempre a Armada delRey
,, meu tio, que eſte anno foy ſobre Velez, o
,, poderá tomar, ſegundo fuy informado, ſe os
,, Turcos, que nelle eſtaõ, naõ foraõ advertidos
,, pelos ditos mercadores do deſenho da dita Ar-
,, mada, da qual porque me pareceo couſa mui-
,, to importante, e ſer agora naõ terem aviſo,
,, nem menos da minha, e que poderia reprimir
,, o Xarife do intento, que dizem que tem de
,, vir cercar Tangere, cuidando, que ſe faziaõ
,, preſtes para irem ſobre algum lugar ſeu, man-
,, dey pedir a ElRey meu tio, que quizeſſe pa-

„ ra efte effecto mandar cerrar os portos de Ber-
„ beria, porque naõ tendo o Xarife aviſo do que
„ ſe cá ordenava, poderia deixar de vir cercar a
„ dita Cidade, e por cartas, que agora recebi
„ de D. Franciſco Pereira me diz, que fallou niſ-
„ ſo a ElRey, e que ElRey ſe eſcuſára diſſo por
„ o dito trato de Berberia lhe render dezaſeis con-
„ tos, e os ter conſinados a peſſoas, que os al-
„ li tinhaõ comprado de renda; de que naõ poſ-
„ ſo deixar de me eſpantar muito vendo a frie-
„ za com que ſe reſponde a materia em que tan-
„ to vay a ſeus Reynos, e aos meus, e que con-
„ vem muito atalhar, antes, que o mal ſeja in-
„ curavel, nem menos ponderarſe mais dezaſeis
„ contos, que o trabalho, e perigo em que po-
„ derá pôr o cerco a Cidade de Tangere, e naõ
„ ſe lembrarem, que quando o ella paſſar, naõ
„ eſtará muito fóra delle os lugares de Andalu-
„ zia pela viſinhança, que tem com a dita Ci-
„ dade, e que neceſſariamente ſe ha de diſpender
„ entaõ muito mais que os dezaſeis contos, que
„ rende o dito trato; e naõ me pareceo, que
„ cumpriria com o que devo ao muito amor,
„ que tenho a ElRey meu tio, e a razaõ, que
„ antre nós ha ſe lho naõ mandaſſe dizer por vós,
„ quanto convem prover com toda brevidade na
„ devaſidaõ do dito trato differentemente do que
„ até agora tem feito, e juntamente com iſſo
„ quanto importa reſolverſe eſte anno na empre-
za

„ za de Argel, e Velez, que o paſſado lhe man-
„ dey lembrar. Porque ainda, que quanto amim
„ eu pudera ter cumprido com as lembranças,
„ que lhe niſſo tenho mandado fazer, toda via
„ naõ hey por ſobejo tornalhas a fazer por vós,
„ de quem confio, que aſſi por eſtas couſas to-
„ carem tanto ao ſerviço de Noſſo Senhor, e ao
„ meu, de que ſempre vos moſtraſtes muito ze-
„ loſo, procurareis por as exagerardes a ElRey,
„ de maneira, que acuda com toda preſteza à
„ empreza de Argel, ou Velez, e mande cer-
„ rar os portos de Berberia, e vedar o dito tra-
„ to para que ſe naõ levem armas, e munições
„ aos Mouros, porque ſendo iſto de tanto ſervi-
„ ço de Noſſo Senhor, naõ poderá elle faltar de
„ o ajudar, nem ElRey de ganhar grande hon-
„ ra, e louvor no Mundo, e muito merecimen-
„ to ante Deos. ¶. Por cartas, que agora re-
„ cebi de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas meu
„ Embaixador ao Concilio, ſoube de huma pro-
„ teſtaçaõ, que o Embaixador delRey de Caſtel-
„ la meu tio quizera fazer ſobre as palavras *pro-*
„ *ponentibus legatis*, que na Bulla da publicaçaõ
„ do Concilio ſe puzeraõ, naõ darem de novo
„ authoridade aos Legados, nem a tirarem aos
„ Embaixadores, e Padres, e aos mais que na-
„ quelle Concilio, e nos paſſados a tinhaõ de
„ poderem fallar, e propor as materias, como
„ em todos o tinha feito, e eſtava em coſtume,

,, movido parece de se querer começar a votar
,, no ultimo Capitúlo da Reformaçaõ, que trata
,, dos seculares, o qual contraría muito à juris-
,, dicçaõ, que ElRey meu tio tem nos Reynos
,, de Napoles, e Sicilia, e ter comissaõ delRey
,, para naõ consentir tratarse do dito ultimo Ca-
,, pitulo, e quanto o dito D. Fernaõ Martins
,, procurara para o dito Embaixador naõ fazer a
,, dita protesta, e os Legados consentirem, que
,, se fizesse a Sessaõ sem o ultimo Capitulo, dei-
,, xando com os mais que ficavaõ para a outra
,, Sessaõ, em que o Emperador, e Reys Chris-
,, tãos pudessem sobre o dito ultimo Capitulo in-
,, formar S. Santidade, ou ao Concilio; e assi
,, mesmo fuy avisado como os Bispos de Napo-
,, les, e Sicilia, e de toda Italia estavaõ postos
,, em que sem o dito ultimo Capitulo se naõ pu-
,, desse tratar de refórma, e residencia por quaõ
,, sem authoridade, e poderes estavaõ em todas
,, estas partes, e quaõ tomada lhe tinhaõ a juris-
,, dicçaõ os Reys, Principes, e Senhores secula-
,, res, porque de nenhuma maneira podiaõ resi-
,, dir sem os restituirem por o dito Capitulo; nem
,, consentiriaõ apertarem-nos mais sem por estou-
,, tra parte lhe darem a liberdade, que convinha
,, para exercitarem seus Officios; e posto que das
,, muitas virtudes, e grande zelo delRey meu tio
,, para o que toca ao serviço de Nosso Senhor,
,, e bem universal da Christandade, eu haja por
certo,

„ certo, que nenhuma couſa ſua particular ante-
„ porá ao bem, e repouſo da Chriſtandade, e
„ que com todas ſuas forças, e poder ha de pro-
„ curar, que o Concilio ſe proſiga, e acabe, e
„ ſe ſigaõ delle os effectos, que ſe pertendem,
„ e que ſaõ neceſſarios; e os que deſejaõ a diſ-
„ ſoluçaõ do Concilio naõ poſſaõ nunca tomar
„ occaſiaõ dalguma couſa, que em ſeu nome ſe
„ requeira, e trate, antes vejaõ ſempre quanto
„ folga de ſe cortar por as em que lhe muito
„ vay, para que tudo ſe encaminhe, como for
„ mayor ſerviço de Noſſo Senhor, toda via pa-
„ receome, que naõ ſeria ſobejo mandarvos dar
„ em lembrança o que niſto tenho entendido,
„ para que tomando vós la de mais perto mais
„ larga, e particular informaçaõ deſta materia,
„ poſſaes lembrar da minha parte a ElRey
„ meu tio o que nella vos parecer neſta ſubſ-
„ tancia havendo neceſſidade diſſo, ou pela
„ via do Biſpo de Cuenca, ou pela que mêlhor,
„ e de mayor effecto vos parecer, e de maneira,
„ que conheça ElRey, que a vontade com que
„ me movo a lhe mandar niſto fallar, he a que
„ eu devo ter para todas ſuas couſas. Do que
„ com ElRey paſſardes neſtas materias, e o que
„ nellas ſe fizer me eſcrevereis particularmente
„ para vos eu mandar o que houver por meu ſer-
„ viço, que façaes.

174 „ Padre Fr. André. Neſta materia ha pouco

Segunda inſtrucçaõ.

,, pouco, que eſcrever, mayormente ſendo com-
,, municada, e tratada com voſco. As razões
,, por onde he importantiſſima couſa a eſtes Rey-
,, nos caſar a Princeza minha Senhora com o
,, Principe meu irmaõ ſaõ tratadas com voſco,
,, e ellas ſaõ taõ viſtas, e taõ claras, que ſe dei-
,, xaõ facilmente entender, e conhecer de todo
,, juizo, quanto mais do voſſo, do qual eu te-
,, nho tanta confiança. ¶. Tambem ſaõ viſtas,
,, e entendidas as razões, pelas quaes naõ he cou-
,, ſa menos importante, mas muito mais aos Rey-
,, nos de Caſtella caſar o Principe com a Prince-
,, za minha Senhora; e tanto he iſto aſſi, que em
,, todas as Cortes, que agora proximamente em
,, Caſtella ſe fizeraõ, o principal, e mais impor-
,, tante apontamento dellas foy eſte, e com tanta
,, inſtancia pedido, e requerido pelos Grandes, e
,, póvos, como ſabeis. ¶. Conveniente, e de-
,, cente às peſſoas eſtá tambem muito claro, que
,, na Chriſtandade para a Princeza minha Senho-
,, ra naõ ha outro ſe naõ o dito Principe, e para
,, elle, e para o bem dos Reynos por muitas razões,
,, que ha para iſſo, tambem naõ ha outro mais pro-
,, prio, que o da Princeza minha Senhora. O con-
,, tentamento, que a todas as partes diſto toca he
,, taõ igual, e taõ proprio, que em nenhum ou-
,, tro póde ſer mayor. Reſta favor, e ajuda de
,, Noſſo Senhor, no qual eu eſpero, que ſerá ſer-
,, vido de ſe effectuar, ao qual muy particular, e
conti-

,, continuamente o eu mando encommendar, esperando grandes seus serviços de tal obra. ¶.
,, E parecendo-me deverse tratar pela via do Bispo de Cuenca, Confessor delRey meu tio, e tanto seu acepto, como tenho entendido, que he, e por Ruy Gomes, que de vós tem tanta experiencia, ouve por suave, e proprio meyo serdes vós o que trateis com os resguardos, que com vosco pratiquey, que como sereis lembrado, saõ. Tentareis primeiro pelo mesmo Confessor, o como ElRey está neste casamento, e como se deixará nelle persuadir, e isto de tal modo, que nunca lhe possa ser pezado o tentardes isto, se elle o soubesse; e quando achasseis isto tambem desposto, e com esperança, e confiança de poder correr, usareis entaõ das cartas, que levaes em crença sobre esta materia, e em todo o segredo desporeis o negocio a se ter por certa a conclusaõ delle, e entaõ ficará a negociaçaõ publica ao modo, que a ambos nos parecer, que se deve ter no tratar, e assentar o dito negocio, e quando sentisseis estar ElRey desviado, e seu intento ser outro no casamento do Principe seu filho, será entaõ tempo, e conjunçaõ de tocardes como de vosso o que tambem vos pratiquey para verdes se será parte este meyo delRey se persuadir ao casamento da Princeza minha Senhora com o dito Principe, que he quando elle for contente deste casamen-

„ to se fazer, e effectuar, eu o seria de casar com
„ a filha delRey dos Romaõs em que o anno pas-
„ sado me mandou fallar, e porém isto tocareis
„ como de vosso sem ser de minha parte, se naõ
„ mostrando, que me poderia a isso persuadir,
„ quando elle se persuadisse ao casamento da Prin-
„ ceza minha Senhora com o Principe seu filho.
„ Hey por escusado lembrarvos a destreza, e bom
„ modo com que tratareis toda esta materia, por-
„ que confio, que para vós sómente basta verdes
„ meu intento, e o que pertendo, que se casar a
„ Princeza minha Senhora com o Principe meu
„ irmaõ por muitas razões, que ha para isso, e
„ effectuando-se sómente assi, o estimaria mais,
„ que nenhuma outra cousa, mas quando pare-
„ cesse, que naõ haveria outro algum meyo de se
„ fazer, se naõ casando eu com a filha delRey
„ dos Romaõs sua sobrinha, serey contente de o
„ aceptar tratando-se o meu casamento do modo,
„ e fórma, com que seria razaõ eu casar.

175 Com estas instrucções, que levou Fr. André da Insua para que se effeituasse a negociaçaõ, que nellas se comprehendia, escreveo ElRey D. Sebastiaõ, e a Rainha D. Catharina a ElRey de Castella, e à Princeza D. Joanna de Austria, a Ruy Gomes da Sylva, Principe de Evoli, ao Bispo de Cuenca, Confessor de Filippe Prudente, e ao nosso Embaixador D. Francisco Pereira, cujas cartas eraõ as seguintes.

Sere-

176 „ Sereniſſimo, e muito alto, e muito poderoſo Principe Tio. Eu mando o Reverendo „ Padre Fr. André da Inſua, Geral que foy da „ Ordem de S. Franciſco da Obſervancia, que „ de minha parte falle a V. Alteza em certas „ materias, que muito importaõ a ſerviço de Noſſo Senhor, e a bem deſſes Reynos, e deſtes. „ Affectuoſamente peço a V. Alteza o queira ouvir, e darlhe inteiro credito no que àcerca dellas de minha parte a V. Alteza diſſer, e em „ muy ſingular prazer o receberey de V. Alteza. „ Noſſo Senhor guarde a peſſoa de V. Alteza „ como deſejo. De Lisboa a 8. de Dezembro „ de 1563. Bom ſobrinho de V. A. Rey.

Carta para ElRey de Caſtella.

177 Sereniſſimo, e muito alto, &c. Pela „ muita confiança, que tenho do Padre Fr. André da Inſua, Geral que foy da Ordem de S. „ Franciſco da Obſervancia, communiquey com „ elle algumas couſas, que tocaõ à Princeza minha Senhora, para da minha parte as dizer a „ V. Alteza: terey muito em que merecer a V. „ Alteza querello ouvir, e darlhe àcerca diſſo „ inteiro credito. Noſſo Senhor guarde a muy „ Real peſſoa de V. Alteza. De Lisboa 8. de „ Dezembro de 1563. &c.

Outra carta para ElRey de Caſtella.

178 „ Sereniſſima Princeza. Pela muita confiança, que tenho do Reverendo Padre Fr. „ André da Inſua, Geral que foy da Ordem de „ S. Franciſco da Obſervancia, o mando a El-

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para a Princeza D. Joanna ſua máy.

,, Rey meu tio, para da minha parte lhe fallar ,, em algumas cousas, que muito importaõ a serviço de Nosso Senhor, das quaes lhe mandey, ,, que a V. Alteza désse conta, depois de a visitar da minha parte. Beijarey as mãos a V. ,, Alteza quererlhe darlhe de si muitas novas para mas escrever, e credito, que nas ditas cousas de minha parte dizer a V.Alteza. Nosso ,, Senhor guarde a pessoa de V. Alteza. De ,, Lisboa 20. de Dezembro de 1563. Obediente filho de V. A. Rey.

Carta delRey para Ruy Gomes da Sylva, Principe de Evoli.

179 ,, Illustre Principe. Tenho tanta experiencia do muito, que sempre fazeis em todas ,, minhas cousas, que naõ devo deixar passar alguma de que vos naõ dê conta, e mayormente das de que tanto vaõ a esses Reynos, e a ,, estes, e ao serviço de Nosso Senhor, como saõ ,, as que mando fallar a ElRey meu tio pelo Reverendo Padre Fr. André da Insua, Geral que ,, foy da Ordem de S. Francisco da Observancia, ,, ao qual mandey, que volas communicasse, havendo por certo averdes nellas de obrar o que ,, merece a muito boa vontade, que vos tenho. ,, Muito vos rogo, que o ouçaes, e lhe deis inteiro credito, no que àcerca disso, e de minha ,, parte vos dizer, e em muito prazer o recebe-rey de vós, &c.

Carta delRey para o Bispo de Cuenca, Confessor de Filippe Prudente.

180 ,, Reverendo em Christo Padre Bispo, ,, &c. Pela muita confiança, que tenho do Reverendo

,, verendo Padre Fr. André da Infua, Geral que
,, foy da Ordem de S. Francifco da Obfervancia,
,, o mando a ElRey meu tio para de minha par-
,, te lhe fallar algumas coufas, que muito impor-
,, taõ, das quaes lhe mandey vos déffe conta,
,, porque por ferem da calidade, que faõ, e tanto
,, da obrigaçaõ delRey efpero, que façaes nellas,
,, o que deftas razões pedir, e o que deveis à mui-
,, to boa vontade, que vos tenho. Muito vos
,, rogo o ouçaes, e lhe deis inteiro credito no que
,, àcerca diffo de minha parte vos differ, e em
,, muito prazer o receberey de vós, &c.

181 ,, Dom Francifco Pereira amigo, &c.
,, Por Ribeiro Correyo recebi a voffa carta de 26.
,, do paffado com as de D. Fernaõ Martins Maf-
,, carenhas meu Embaixador ao Concilio, e affi a
,, provifaõ das quarenta mil fanegas de trigo, que
,, ElRey meu tio ouve por bem, que efte anno
,, fe pudeffem tirar de Andaluzia para provimento
,, dos meus lugares de Africa, e das galés, e por
,, ella vi tudo o que paffareis com ElRey, e feus
,, Officiaes fobre a conceffaõ da dita faca, e o que
,, fe vos refpondera ao cerrar os portos, e a licen-
,, ça para fe tirarem de Bifcaya as lanças, piques,
,, chuços, dardos, e fettas, que vos efcrevi, e
,, ouveme por muito zelo de vos na diligencia,
,, que puzeftes, delRey meu tio conceder a dita
,, provifaõ, e no modo, que lhe fallaftes nas fo-
,, breditas coufas, e por certo tenho, que deixar

Carta delRey para D. Francifco Pereira, Embaixador em Caftella.

,, ElRey meu tio de naõ conceder o que lhe por
,, vós mandava pedir àcerca de cerrar os portos,
,, naõ feria por naõ fazerdes niffo todo bom offi-
,, cio, que convinha, fe naõ por fe naõ pondera-
,, rem bem as razões, que lhe de minha parte déf-
,, tes, e as mais, que niffo havia, nas quaes quan-
,, to mais cuido, tanto mais me parece naõ dever
,, deixar de tornar mandallas lembrar a ElRey
,, meu tio, pois as que por fua parte fe daõ de
,, perder dezafeis contos de renda, naõ faõ pa-
,, ra fe niffo fallar, eftando vifto tanto ao olho,
,, quanto mais fe aventura em fe naõ cerrar os di-
,, tos portos, e devia fer por peffoa, que affi a
,, ElRey, como ao feu Confeffor pudeffe lem-
,, brar quanto importa à fua conciencia mandar
,, cerrar os ditos portos para que fe naõ levem
,, aos Mouros as armas, e munições, que cada
,, dia em grande crefcimento lhe levaõ, com que
,, as forças do Xarife fe augmentaõ cada vez mais,
,, e o perfuadiffe a iffo, pois naõ baftaõ as vezes,
,, que de minha parte lhe fallaftes neftas coufas, e
,, para iffo efcolhi o Padre Fr. André da Infua,
,, o qual pelo credito, que tem com ElRey do
,, tempo, que foy Geral, e pela amifade do Bif-
,, po de Cuenca feu Confeffor, efpero que poffa
,, niffo aproveitar; e affi no que toca à materia
,, da Reformaçaõ em que lhe tambem mando por
,, elle fallar por fer tanto da fua profiffaõ, pelo
,, que vos quero avifar diffo, affi para faberdes o
que

„que nisso ordeno, como tambem para verdes,
„que as razões, pelas quaes me movo a mandar
„fallar o dito Fr. André nestas cousas, saõ as aci-
„ma ditas, e naõ por naõ ter de vós, e vossa
„pessoa aquella confiança, e satisfaçaõ, que re-
„querem vossos serviços, e o bom modo, que
„sempre nelles tivestes. Quanto ao que toca às
„lanças, piques, chuços, dardos, e settas vos
„escreverey a quantidade para se fazer a provisaõ.
„As novas, que me escrevestes folguey de ver,
„e vos agradeço muito o cuidado, que tendes
„de sempre assi o fazer, &c.

Carta da Rainha D. Catharina para ElRey de Castella.

182 „Senhor. Eu disse ao Padre Fr. André
„da Insua, Geral que foy da Ordem de S. Fran-
„cisco da Observancia, que da minha parte fal-
„lasse a V. Alteza algumas cousas sobre o casa-
„mento da Senhora Princeza sua irmãa minha fi-
„lha, o qual desejo muito ver effectuado, como
„muitas vezes tenho escrito a V. Alteza; e pe-
„lo Padre Fr. André ser pessoa de que confio
„muito por sua virtude, e experiencia, me pa-
„receo por elle mandar fallar a V. Alteza sobre
„esta materia. Terey muito em merce a V. Al-
„teza quererlo ouvir, e darlhe àcerca disso intei-
„ro credito. Nosso Senhor guarde a muy Real
„pessoa de V. Alteza como desejo. De Lisboa
„a 20. de Dezembro de 1563. Mãy de V. Al-
„teza, que fará o que V. Alteza lhe mandar.

Raynha.

Senhora.

Carta da mesma Rainha para a Princeza D. Joanna de Austria.

183 „Senhora. O Senhor Rey seu filho
„ manda o Padre Fr. André tratar alguns nego-
„ cios com o Senhor Rey seu irmaõ, que muito
„ importaõ a serviço de Nosso Senhor, e a bem
„ de seus Reynos, dos quaes manda dar particu-
„ lar conta a V. Alteza, como he razaõ, que
„ seja. Naõ quiz, que fosse sem esta carta minha,
„ porque por todas as vias desejo eu sempre pedir
„ a V. Alteza, que de sua disposiçaõ me mande
„ muito boas novas. Terey em merce a V. Al-
„ teza quererlhas dar para mas elle escrever, por-
„ que tambem desejo naõ cançar V. Alteza, pois
„ servilla, he o que mais desejo; elle dirá as do
„ Senhor Rey seu filho, e por ellas julgará V.
„ Alteza as minhas, e quaõ consolada devo estar.
„ Nosso Senhor seja muito louvado, que foy ser-
„ vido darme esta tamanha consolaçaõ; elle guar-
„ de a muy Real pessoa de V. Alteza como lhe
„ peço. De Lisboa 20. de Dezembro de 1563.
Raynha.

184 Recebidas estas cartas com as instrucções dos negocios, que nellas se recommendavaõ, partio Fr. André da Insua de Lisboa em 28. de Dezembro deste anno de 1563. e chegando a Madrid buscou logo a D. Francisco Pereira, nosso Embaixador naquella Corte, para que como Ministro taõ experimentado fosse seu director em as negociações, que ElRey D. Sebastiaõ commettera à sua diligencia. Recebeo o Embai-

Embaixador com aquella eſtimaçaõ, que merecia Varaõ taõ virtuoſo, e authorizado, ſegurando-lhe, que era ſuperior a gravidade da ſua peſſoa para concluir negocios de mayor importancia. Com exceſſivo affecto foy recebido pelo Biſpo de Cuenca D. Fr. Bernardo de Freſneda, Confeſſor de Filippe Prudente, pois tinha ſido ſeu condiſcipulo na Univerſidade de Pariz, e Commiſſario Geral em Alemanha no tempo, que Fr. André fora Geral da Ordem Serafica; e depois de receber a carta do noſſo Principe, lhe prometteo empenhar em ſeu obſequio toda a ſua authoridade. Como huma das principaes materias, que levava recommendada Fr. André da Inſua, era o caſamento da Princeza D. Joanna de Auſtria com ſeu ſobrinho o Principe D. Carlos, filho de Filippe Prudente, ſe empenhou com grande actividade a concluir eſte negocio, cujo progreſſo communicou à Rainha D. Catharina por eſta carta.

Carta de Fr. André da Inſua para a Rainha, copiada da original, que eſtá na Torre do Tombo, Almar. 15. Maſſo 44.

185 „Senhora. Por outra carta, que com „eſta vay feita ao primeiro de Agoſto, a qual „fiz cuidando de ſe partir logo eſte correyo, ve„rá V. Alteza o que he paſſado aſſi no negocio „principal a que vim, como em outras particu„laridades, que fazem ao caſo do meſmo nego„cio; e eſtando eſte correyo para partir chegou „Antonio Ribeiro, criado do Embaixador, e me „deu a carta de V. Alteza de 29. de Julho, pela

„ la qual ſoube, que quando ElRey noſſo Se-
„ nhor me eſcreveo em huma de 16. do meſmo,
„ que apertaſſe o negocio principal, naõ tinha
„ recebido outra minha de 17. do meſmo, em
„ a qual tratava de tudo o que S. Alteza me
„ mandava fazer, e por iſſo naõ terey neſta, que
„ dizer, remetendo-me ao que ſobre iſto tenho eſ-
„ crito, e ao que agora tambem eſcrevo a El-
„ Rey noſſo Senhor por duas cartas como V.
„ Alteza verá.

„ O que de novo ha que dizer he ſobre o
„ ponto, que me V. Alteza agora eſcreve ſobre
„ a comiſſaõ, que trouxe na minha inſtruçaõ
„ àcerca do caſamento de ElRey noſſo Senhor,
„ em a qual comiſſaõ ahinda que o tempo, e o ne-
„ gocio me poz em muito aperto para iſto tratar
„ ſó como de mim na maneira, e modo, que
„ o trata minha inſtruçaõ, toda via nunca o quiz
„ fazer por me parecer ſer ponto, que ahinda que
„ o tempo, e os negocios, e a perplexidade del-
„ Rey, e o grande negociar, e apertar da par-
„ te contraira me davaõ a licença para uſar da
„ minha inſtruçaõ confórme a vontade de Voſ-
„ ſas AA. hera neceſſario naõ no fazer ſem de
„ novo o conſultarla, e aſſy agora pelo que ſuc-
„ cede da certeza de ſe Sua Mageſtade reſolver
„ dentro em 15. dias, ou 20. dias tinha detremi-
„ nado de todo, ſe naõ vieraõ eſtas couſas, de deſ-
„ pachar a toda furia para dar conta do que paſ-
ſar,

„ ſar, e ha iſto eu tenho eſcrito já a Voſſas AA.
„ como hum filho do Gram Vola eſtá eleito por
„ Embaixador para Bohemia, com o qual ſegun-
„ do me affirma Ruy Gomes ſem nenhuma du-
„ vida ſe crê, que ſe reſolverá ElRey antes que
„ parta, e porque a partida ſe affirma, que ſerá
„ dentro em vinte dias, e o negocio ſe aperta mais
„ do que nunca ſe fez, me parece, que faria mui-
„ to ao caſo eu como de mim meſmo tocar iſto,
„ porque me lembra, que na pratica, que tive
„ com S. Mageſtade, aſſi acaſo por o dar a prati-
„ ca de ſi lhe toquey huma palavra dizendo, que
„ ſe pela ventura S. Mageſtade eſtava em alguma
„ maneira penhorado, que outros caſamentos ſe
„ podiaõ achar com que ſe iſto podia ſoldar, e o
„ meſmo diſſe a Ruy Gomes, mas diſſe iſto taõ
„ geral, e paſſar taõ levemente, que S. Mageſ-
„ tade, nem Ruy Gomes naõ lançaraõ maõ diſ-
„ ſo, nem me reſponderaõ a nada, e porque ago-
„ ra ſe ajuntaõ muitas couſas por honde parece,
„ que importa muito practicalo eu como de mim
„ com Ruy Gomes, e com ElRey, e de manei-
„ ra, que nenhuma obrigaçaõ, nem prejuizo pu-
„ deſſe vir a V. Alteza, julguey ſer neceſſario dar
„ diſto agora aviſo a V. Alteza.

„ O alevantamento deſte pó corço em
„ cortiça tem poſto tanto medo a eſta terra
„ como nunca podera ſer, porque imaginaõ,
„ que tudo iſto ſaõ negocios Francezes, e lian-

,, ças, e estendem tanto isto, que chegaõ a imaginar, que podem ter intelligencias com Bohemia, por verem quanto aperta França por o seu casamento com a filha de ElRey dos Romanos, com isto ha nova certa, que o Emperadòr está quasi saõ a quem ElRey tem tanta razaõ de comprazer pela instancia, que assy doente como está cada dia faz. As cousas da Italia dizem, que de serto estam muy corruptas, e solapadas, e que se suspeita, que ha grandes ligas athe querer pôr em isto o Papa, e Duque de Florença, e com estas novas, ou fingidas, ou verdadeiras se acrecenta mais o medo, e os receos, que esta gente taõ sem proposito tomou de que o Confessor Bispo naõ tem pasciencia, e pasma pelas quaes cousas todas teme muito Ruy Gomes, e o Bispo, que ElRey juntamente com a afeiçaõ, que mostra a estes seus sobrinhos, e com as batarias de cada dia, assy de França, como de Boemia, e o principal pelo muito descontentamento, que a Princeza mostra de se casar, pois chegou ao mandar dizer a ElRey, que o constrangaõ a se resolver agora na parte contraria, e no que nos naõ queremos por honde pelo que sinto destes negocios, e pratica, que tenho destes dous homens, que governaõ ElRey, me parece, que he muy necessario se Vossas AA. isto pertendem, e desejaõ como o mostraõ, que eu devia como de mim mesmo muito

„ muito a ſalvo delRey noſſo Senhor, e deſſe
„ Reyno tocar iſto de maneira, que pudeſſe S.
„ Mageſtade com eſte penhor de poder conten-
„ tar, e ſatisfazer a ElRey dos Romanos fazer
„ o que V. Alteza pertende, e ao menos quan-
„ do iſto naõ pudeſſe ſer logo fazer de maneira,
„ que ſe deſpachaſſe o Embaixador de Bohemia
„ ſem reſoluçam, que ſerá muy graõ negocio paſ-
„ ſar eſte ponto, porque hindoſſe eſte ficava o
„ campo largo para depois ſe poder melhor nego-
„ ciar, e naõ digo iſto a V. Alteza ſem cauſa,
„ porque Ruy Gomes, e o Biſpo tem praticado
„ largo comigo, que quando viſſem, que naõ
„ podiaõ levar ElRey para o que V. Alteza per-
„ tende, e ſentirem, que pelas razões já ditas S.
„ Mageſtade ſe quer reſolver em Bohemia, que
„ entaõ haõ de trabalhar muito para dilatar o ne-
„ gocio, e fazer, que em nenhuma maneira S.
„ Mageſtade ſe reſolva agora, para o qual prati-
„ caraõ comigo muitas razões, que podem con-
„ vencer a ElRey a naõ ſe reſolver com eſta hi-
„ da do Embaixador, a primeira eſtar a Rainha
„ prenhe, que faz muito ao caſo para ſegurança
„ delRey, e do Reyno, e ſobre tudo naõ ter
„ ahinda o Principe o aſſento, que he neceſſario
„ para o matrimonio, de que ElRey ſempre com
„ os dous em todallas praticas ſe moſtra mal ſatis-
„ feito, de que já eſcrevi a V. Alteza, como ſem-
„ pre com iſto ſe eſcuſava tambem parece, que

,, com o tempo, e com ser hida já a Marqueza
,, se acabaraõ as maniconias, e arrufos da Prince-
,, za para naõ mostrar descontentamentos. Tam-
,, bem se espera, que se detreminem algumas
,, cousas de Italia, e Bohemia, que com as es-
,, peranças do casamento se podem melhor aca-
,, bar destas, e doutras razões tem Ruy Gomes,
,, e o Bispo muito aponto, das quaes naõ haõ de
,, usar se naõ quando virem o negocio, que V.
,, Alteza pertende desbaratado, e ElRey para se
,, resolver em a parte contraria, e leva entaõ este
,, hum muito grande remedio athe achar outro
,, tempo, pelo qual me affirmo, que para huma
,, cousa, e outra, ou para o que V. Alteza de-
,, seja, ou para dilatar o negocio he muito neces-
,, sario, que ElRey nosso Senhor me mande au-
,, thoridade para como de mim eu tocar isto do
,, casamento delRey nosso Senhor, pois he o pro-
,, prio tempo, e muy necessario honde isto tem
,, lugar, e se isto parecer serviço de S. Alteza pó-
,, de me mandar por escrito as mesmas palavras,
,, que parecerem ser necessarias ao negocio, por-
,, que naõ saibaõ hum ponto dellas, e porque es-
,, te Antonio Ribeiro me dizem, que ha logo de
,, tornar, por elle me póde V. Alteza avisar de
,, sua vontade, e o que devo de fazer, e lembro
,, a V. Alteza, que ha de ser com muita brevi-
,, dade se este logo naõ tornar, porque isto anda
,, para cada dia, e naõ queria, que por falta de
causa,

,, causa, que taõ pouco póde obrigar a ElRey
,, nosso Senhor, e ao Reyno perdesemos o que
,, V. Alteza tanto deseja, cuja vida Nosso Se-
,, nhor conserve em estado de graça, deste Ma-
,, drid hoje sinco de Agosto de 1564. Frey An-
,, dreas Insulanus.

CAPITULO XXIV.

Relataõ-se os estragos causados pelos terremotos, e incendios na Ilha de S. Miguel, e das peñitencias, que fizeraõ seus moradores para applacar a Justiça Divina.

1563.

186 MEdonho, e horrivel foy o castigo, com que a Justiça Divina punio severamente as culpas dos moradores da Ilha de S. Miguel neste anno de 1563. anticipando para seu flagello os mesmos estragos, que haõ ser fatal preludio à destruiçaõ de todo o Mundo. Em 25. de Junho começou a terra a tremer com espantoso movimento; e sendo geral em todo o ambito daquella Ilha, se sentio mais violento nas Villas da Ribeira Grande, Alagoa, Agua de Pao, e Villa Franca sem interpollaçaõ de huns a outros, até que no dia 28. às nove horas da noite rebentou no cume da serra chamada *Fayaõ do Meirinho* hum vol-

Rebenta hum volcaõ de fogo na Ilha de S. Miguel. *Cordeiro, Hist. Insul. liv. 5. cap. 11. §. 86.*

caõ

caõ taõ impetuoſo, que de todos foy julgado ter ſahido de huma das gargantas do Inferno, cauſando mayor aſſombro, que ſendo eſta ſerra cercada de huma alagoa de agua doce, que tem huma legoa de circumferencia, exhalaſſe do meyo della outra ſerra de fumo muito eſpeſſo, e condenſado, cujo centro arrojava pedras de deſmedida grandeza, que ſubiaõ até a altura de quinze braças, as quaes cahindo impetuoſamente dentro, e fóra da agua, que fervia em cachões, ſe dilatavaõ por toda a circumferencia, e logo com mayor violencia ſe eſpalhavaõ pelos ares. Acompanhava a eſta inundaçaõ de pedras outra de relampagos, e rayos com taõ formidavel eſtrondo, que parecia ſe diſparava a artilharia de todo o Mundo. Attonitos os ouvidos com taõ horriveis eccos, mayor eſpanto concebiaõ os olhos vendo abrirſe na meſma ſerra cinco furnas de fogo alimentado de materias ſulfureas, por cuja cauſa fervia com tanta colera, que pela boca de cada huma dellas ſahia grande quantidade de pedras pomes, e exceſſiva copia de cinza, que dilatando-ſe pela larga diſtancia de ſete Freguefias em altura de quinze palmos devaſtou, e deſtruhio todos os frutos, e campos, onde cahio, naõ fazendo menor damno o fogo, pois conſumio arrebatadamente muitos boſques, e mattas, cujo arvoredo nunca tinha experimentado a violencia do ferro.

Eſtragos, que cauſou.

Eſte-

187 Esterelizada toda a terra com taõ fatal inundaçaõ, começaraõ a morrer os animaes por naõ acharem pasto, com que sustentar a vida; outros cegos com a cinza, que voava pelos ares, cahiaõ precipitados das rochas ao mar; alguns houve, que espantados do fogo discorriaõ furiosamente vagabundos dando urros, e bramidos horrorosos; outros por natureza ferozes domesticados pelo pavor buscavaõ como refugio as casas, e as Igrejas. Toda esta horrivel confusaõ se via nos brutos, sendo ainda muito mayor a que experimentavaõ os homens, pois julgando ser chegado o ultimo dia, he inexplicavel o terror, pasmo, e assombro, que os tinha occupado, e assim attonitos, e confusos fugiaõ das casas para naõ serem antes sepultados, do que mortos, e vagando pelos campos despidos, e descalços imploravaõ com brados, e gemidos a Divina Clemencia, e confessavaõ publicamente com arrependidas vozes as suas culpas. Correspondiaõ lastimosamente a estes clamores os alaridos das mulheres, e as innocentes lagrimas dos meninos sustentados a seus peitos, ignorando o lugar, para onde caminhavaõ, e fugindo da voracidade do fogo, que sem respeito ao sagrado, e profano reduzia tudo a hum mar de cinzas. A primeira Villa, que experimentou mais furiosamente este estrago foy a Ribeira Grande, sendo universalmente assolada, e posta por terra, de

Terror, e confusaõ, que occuparaõ os animos dos moradores.

He assolada pelo incendio a Villa da Ribeira Grande.

de tal ſorte, que, como outra Jeruſalem, nem veſtigio algum ficou da ſua grandeza, cauſando mayor horror eſta ruina, do que a daquella taõ famoſa Cidade, pois huma foy cauſada pela violencia humana, e eſta era executada pela ſeveridade Divina.

Cahe arruinado pelos terremotos o Convento das Religioſas de Santa Clara, donde ſe retiraõ com grande confuſaõ.

188 Naõ perdoou eſte horrivel flagello ao Sanctuario de Chriſto, nem à pureza de ſuas Eſpoſas, padecendo o Convento das Religioſas de Santa Clara laſtimoſos eſtragos, executados pelo impulſo dos terremotos, cahindo a Capella môr, que era ſumptuoſa, com o tecto de abobeda, abrindo-ſe as paredes por diverſas partes, e reduzindo-ſe todas as officinas a hum monte de ruinas. As Religioſas obrigadas do temor ſahiraõ do Convento com grande confuſaõ, e acompanhadas de algumas peſſoas nobres caminharaõ em Prociſſaõ até a Ermida da Madre de Deos, diſtante meya legoa da Villa, derramando copioſas lagrimas, e rezando alguns Pſalmos para applacar a indignaçaõ Divina, cujo eſpectaculo enternecia os corações mais obſtinados, principalmente vendo a algumas Religioſas de idade caduca naõ lhes ſervir de impedimento a diſtancia, e aſpereza do caminho para proſeguirem a meſma jornada; e ſendo o fim della a Ermida da Madre de Deos, a acharaõ derrubada, que cauſou a todas as Religioſas mayor eſpanto, e ſentimento. Deſte lugar partiraõ para outra Aldea,

dea, que tambem eſtava aſſolada, onde repreſentaraõ ao ſeu Prelado Fr. Antonio de Alarcaõ, que aſſiſtia na Cidade de Ponte Delgada, diſtante duas legoas daquella Villa, naõ ſómente o perigo, de que tinhaõ eſcapado, mas ao que eſtavaõ expoſtas. Tanto que recebeo eſte aviſo, mandou dous Religioſos graves, que conduziſſem as Religioſas com todo o decóro à Cidade, onde foraõ recebidas com huma ſolemne Prociſſaõ, compoſta do ſeu Prelado, e mais Religioſos, acompanhados de toda a Clerezia, e povo da meſma Cidade a tempo, que era tal a copia da cinza eſpalhada pelos ares, que cegava a todos. Foraõ levadas ao Convento da meſma Ordem, que tem a Cidade, e nelle as Religioſas as trataraõ com taõ amoroſa hoſpitalidade, que já lhe eſqueciaõ os trabalhos padecidos na jornada, e os perigos, de que tinhaõ ſalvado as vidas. Como era muito numeroſa eſta Communidade, pois excedia o numero de oitenta peſſoas, naõ pode aſſiſtir mais que oito dias neſte domicilio, fazendo-o mais inhabitavel o exceſſivo calor procedido do fogo, por cuja cauſa foraõ transferidas para as caſas de Jorge Nunes Botelho, onde obſervavaõ pontualmente a diſciplina Regular, e Clauſura Religioſa.

Recolhem-ſe para a Cidade de Ponte Delgada, e ſe hoſpedaõ no Convento das Religioſas da ſua Ordem.

189 Quando parecia, que toda a violencia do fogo tinha reſpirado pela boca da ſerra do Fayaõ, começou paſſados quatro dias a reben-

tar com extraordinaria furia pelo pico chamado do *Sapateiro*, abrindo no cume huma fenda, pela qual sahiaõ muitas chamas, e lavaredas com horrivel estrondo, acompanhado de huma inundaçaõ de pedras negras de notavel grandeza.

Segundo volcaõ, que rebentou com grande estrondo.

Passados tres dias se despenhou do mesmo pico huma caudelosa torrente de fogo, à maneira de polme, cheya de brazido, como se sahira de hum forno, que formada em multiplicadas ondas de dez braças de alto, e outras tantas de largo, devastou naõ sómente as casas, mas todos os pomares, e hortas, por onde corria. Rodavaõ do mesmo pico pedras agitadas pela vehemencia do fogo de extraordinaria grandeza até o mar, onde depois de exhalado o calor, que as abrazava, se reduziaõ em carvões. He inexplicavel a destruiçaõ, que causaraõ estes terremotos, e incendios em todos os lugares, em que se experimentou a sua violencia, despojando a todos os moradores da opulencia, que com fortuna, e industria tinhaõ adquirido, reduzindo-os a taõ deploravel estado, que para sustentar a vida, e a de seus filhos andavaõ mendigando até que morriaõ pasmados por naõ poderem tolerar tantas miserias, e adversidades. A mayor parte dos Templos foy arruinada, escapando poucos de taõ fatal estrago pela diligencia daquelles, que os buscavaõ por asylo, os quaes para os conservar illesos subiaõ aos telhados, onde com varios instrumentos

trumentos lançavaõ fóra a cinza, e pedra, que nelles cahiaõ. Em algumas deftas Igrejas entre a gente, que a ellas fe refugiou, concorreraõ muitas mulheres, que formadas em Prociffaõ pediaõ com dolorofas vozes a Deos mifericordia, e tendo pofto muitas dellas aos feus filhos de oito, e nove mezes ao pé dos Altares caufou grande admiraçaõ, que em todo aquelle tempo naõ fahiffe das fuas innocentes bocas hum fó gemido.

Preces, com que os moradores procuraõ applacar a indignaçaõ Divina.

190 Naõ faltaraõ peffoas, que affirmaraõ credulas terem ouvido vozes horriveis pelos ares quando o incendio era mais activo, e os terremotos mais violentos, dando mayor fundamento a efta affeveraçaõ o cafo, que fuccedeo ao Vigario da Freguefia da Achada, que eftando com todos os feus Freguezes dentro da Igreja, ouvio hum rumor de gente, que lhe batia furiofamente à porta, e perguntando quem era, lhe refponderaõ, que abriffe, pois eraõ os feus Freguezes; e como o Vigario eftava certo de que todos affiftiaõ dentro da Igreja, começou devotamente animofo a clamar, que fe eraõ demonios, da parte de Deos lhes requeria, que fe foffem, a cujas vozes defappareceraõ com eftrondofos alaridos, e fe precipitaraõ em o mar.

Raro cafo, fuccedido na Freguefia da Achada.

Foy taõ copiofa a inundaçaõ de cinza, e pedra, que fahiraõ deftes incendios fubterraneos, que chegou a cahir pela circumferencia de toda a Ilha, que he de feffenta legoas, voando taõ

Efpantofos effeitos dos volcões, e terremotos.

diſtante, que ſe acharaõ veſtigios dellas duzentas legoas ao mar, de tal ſorte, que vindo a Armada do Reyno buſcando as Ilhas, e eſtando muitas legoas longe, ſe viraõ com paſmo, e admiraçaõ cubertos os navegantes de tanta cinza, que a recolhiaõ em grande copia, ignorando a cauſa, de que procedia. Naõ ſe dilatou menos que a cinza o fogo, pois os moradores da Cidade de Angra diſtante da de S. Miguel trinta legoas teſtemunharaõ com os olhos o incendio, que a abrazava, e com os ouvidos os formidaveis eſtrondos, de tal modo, que imaginando ſerem de artilharia ſe perſuadiraõ ſer alguma batalha naval, e firmes neſte conceito ſe diſpuzeraõ com as armas a defender os lugares, por onde podiaõ ſer commettidos; mas conſiderando com mayor reflexaõ ſer aquelle eſtrondo ſobrenatural, começaraõ a fazer devotas Prociſſões, e aſperas penitencias, com que pediaõ a Deos naõ permittiſſe que pela enormidade de ſeus peccados foſſem victimas do ſeu furor, juſtamente indignado. Horrendos terremotos padeceo Villa-Franca, e poſto que naõ cahiraõ os edificios, houve tal pavor, e eſpanto na gente, que a habitava, que toda a noite ſem diſtinçaõ de ſexo, ou idade diſcorriaõ pelas ruas ſupplicando à Divina Piedade para que naõ experimentaſſem outro caſtigo ſemelhante a hum diluvio, que havia annos tinha devaſtado aquella terra.

Deſcobre-ſe na Cidade de Angra o incendio da Ilha de S. Miguel.

Padece grandes terremotos Villa-Franca.

CA-

CAPITULO XXV.

Intenta o Madune conquiſtar a Cidade de Cotta, e a Fortaleza de Columbo, e de huma, e outra empreza ſahe derrotado pelo valor do Capitaõ de Columbo Balthaſar Guedes de Souſa. Chega huma Armada do Reyno, e expede-ſe outra ao Malabar. Batalha Jeronymo Dias de Menezes com tres Paros de Malavares, e alcança delles huma glorioſa vitoria.

191 ERa a Ilha de Ceilaõ formidavel theatro da continua guerra agitada pela ambiçaõ do Madune, que para ſe fazer Senhor de toda ella intentava contra os vinculos da natureza deſpojar a ſeu irmaõ do Reyno de Cotta, ſendo o General das ſuas tropas ſeu filho Rajû Pandar; e para que trouxeſſe os animos inquietos dos que imaginava inimigos, humas vezes convertia a potencia dos ſeus Exercitos contra a Fortaleza de Cotta, e outras contra a de Columbo. Governava eſta Fortaleza Balthaſar Guedes de Souſa, Soldado de grande experiencia, e valor, a quem faziaõ companhia ſeu irmaõ Gonçalo Guedes, e os Capitães Nuno Pereira de Lacerda, Simaõ de Mello Soares, Gaſpar Gutteres de Vaſconcellos, Antonio Chai- 1563.

nho

nho de Craſto, e André da Fonſeca, que repartidos pelas eſtancias eſperavaõ vigilantes o menor movimento do Rajû; quando, eſte depois de ter aſſaltado por varias vezes a Fortaleza de Cotta, ſe reſolveo inveſtir Columbo, querendo acreditar a fortuna das ſuas armas com mais glorioſo triunfo. Para eſte fim juntou hum numeroſo Exercito, que conſtava de trinta mil combatentes, e com elles poz hum apertado cerco à Fortaleza, onde eraõ continuas as batarias, e inceſſantes os aſſaltos, empenhando o esforço dos melhores Soldados para brevemente conſeguir o intento de a render à ſua obediencia. Porém era taõ forte a reſiſtencia, que achava nos animos dos expugnados, que ainda quando ſe viaõ quaſi rendidos pelo exceſſo dos expugnadores, como ſe tiraſſem novos brios do deſalento os rechaçavaõ com mayor deſtroço, experimentando taõ fatal eſtrago, que deſenganado o Rajû da empreza ſe recolheo com igual derrota, que ſentimento a Ceitavaca. Imaginavaõ os noſſos, que naõ voltaria o Rajû a intentar outra expediçaõ militar por ſahir taõ derrotado dos muros de Columbo; mas como elle, e ſeu pay eraõ empenhados neſta guerra pelo odio, e cubiça, que tinhaõ a ElRey de Cotta, e aos Portuguezes ſeus colligados, reclutou novamente o Exercito tanto de Soldados, como de mantimentos, e marchou contra a Fortaleza de

Sitia o Madune a noſſa Fortaleza de Columbo.
Couto, Dec. 7. da Aſia, liv. 10. cap. 14. e 15.
Faria, Aſia Port. tom. 2. part. 2. cap. 18. §. 7.

Levanta o cerco com lamentavel perda.

Intenta cercar a Fortaleza de Cotta.

de Cotta, confiado de que a conquiſtaria com pouco diſpendio de ſangue, por naõ poderem os Portuguezes quebrantados com o cerco de Columbo ſoccorrer aquelle Principe.

192 Teve noticia Balthaſar Guedes de que o Rajû abalava o Exercito contra aquella Fortaleza, e deixando preſidiado Columbo por ſeu irmaõ Gonçalo Guedes partio com a mayor parte da ſua gente para Cotta. He eſta Cidade de fórma redonda cercada toda de hum caudaloſo rio, que ſe naõ póde atraveſſar ſe naõ com embarcações, e terá mil paſſos de circumferencia. A entrada, que fica para a parte de fóra, tem a figura de huma garganta de largura de cincoenta paſſos, a qual eſtava fortificada de huma, e outra parte com groſſas paredes. Sobre o rio tinha huma ponte chamada o paſſo de Ambola, ſituada para a parte de Columbo, diſtante legoa e meya de Cotta, por onde os noſſos ſe communicavaõ. Todos eſtes lugares eſtavaõ guarnecidos de Soldados, e da parte de fóra ficou o Capitaõ Balthaſar Guedes de Souſa com El-Rey para acudirem promptos onde foſſe mayor a neceſſidade. Appareceo o Rajû com hum formidavel Exercito à viſta da Fortaleza, e logo reſoluto a acometeo por muitos lados, e naõ ſe fiando tanto do valor dos Soldados, como da ferocidade dos Elefantes, os mandou inveſtir por onde o rio corria mais caudeloſo: porém os Portuguezes

Breve deſcripçaõ da Cidade de Cotta.

O Madune a combate.

tuguezes como Hercules verdadeiros triunfavaõ destas agigantadas féras lançando-lhe tantas lanças de fogo, que os fizeraõ retroceder feridos, e atropellados. Os inimigos mais animosos com o caminho aberto pelos Elefantes, investiraõ como incertos do perigo com incrivel furia aos nossos, e travando-se huma horrenda batalha, eraõ tantos os golpes, como as mortes, sendo tal a confusaõ das vozes, e o estrondo das armas, que se naõ conhecia ventagem em nenhum dos dous partidos. Balthasar Guedes, e ElRey de Cotta com outros Cavalheros Portuguezes faziaõ cruel estrago nos inimigos, pois despidos de humanidade se revestiraõ para seu damno da fereza dos brutos, que os acometeraõ. Neste horroroso conflicto se passou este dia, e os seguintes, sem que os inimigos de dia, e de noite com as armas empunhadas nos permittissem algum breve descanço, naõ havendo interrupçaõ alguma para refazer as forças attenuadas com huma batalha successiva de tantos dias. O Rajû desejoso de já render a Cidade buscava todos os modos para que fosse entrada, commettendo-a ao mesmo tempo por mar, e terra com intento de que estando divididos os defensores mais facilmente poderia ser entregue. Muitas vezes se via quasi rendido o valor Portuguez à invasaõ dos barbaros, mas quando se imaginavaõ triunfantes, experimentavaõ mais pezados os golpes

Trava-se o conflicto de ambas as partes, que se continuou por muitos dias.

pes das noſſas eſpadas. ElRey de Cotta como defendia naquella Fortaleza a propria Coroa, obrou acções dignas de eterna memoria aſſiſtindo com heroico esforço onde era mais evidente o perigo.

193 Chegaraõ as noticias da oppreſſaõ, em que eſtava a noſſa gente a Diogo de Mello Coutinho, Capitaõ da Fortaleza de Manar, e ſem demora partio com alguns navios cheos de Soldados, mantimentos, e munições para ſoccorro dos cercados, e foy demandar a coſta de Tutocuri. Apertava mais violentamente o cerco o Rajû prevendo, que como eſtava proximo o fim do Inverno receberiamos de varias partes ſoccorro, com que ſe fruſtraria todo o empenho, que tinha applicado para aquella conquiſta, e para que ſe naõ deixaſſe de effeituar commetteo por todas as partes com mayor furor a Fortaleza, onde achou nos defenſores mais vigoroſa reſiſtencia, do que actividade nos expugnadores. Cauſava eſpanto aos meſmos inimigos, que quatrocentos homens ſuſtentaſſem, como ſe foraõ formados de bronze, a irrupçaõ de tantos mil Soldados, ſem que o fogo de tantas bombardas, nem a embravecida ferocidade dos Elefantes, conſpirada para o ſeu eſtrago, os pudeſſe retirar dos póſtos, que occupavaõ. Irritado o Rajû da noſſa conſtancia, reſolveo por ultima deſeſperaçaõ ſacrificar a mais eſcolhida gente do ſeu

Repete o Madune com mayor vigor os aſſaltos.

Novo aſſalto dos inimigos, que he valroſamente rebatido pelos noſſos.

Exercito, que era a da sua Guarda, confiado, que com ella certamente alcançaria a vitoria. Mandou pôr na frente os Elefantes, que se arrojaraõ com medonhos urros às tranqueiras, aonde acudio com summa promptidaõ, e valor El-Rey, e Balthesar Guedes precedido do Padre Fr. Simaõ de Nazareth com cinco Religiosos da Ordem Serafica, o qual tendo arvorado huma Imagem de Christo Crucificado, clamava aos nossos Soldados, que naõ receassem a morte quando estavaõ protegidos do Author da vida, naõ permittindo, que os inimigos da sua Cruz prevalecessem contra aquelles, a quem dera as Chagas, que nella recebera por final do seu amor. Foy taõ violento o impeto, com que se arrojaraõ os Elefantes estimulados pelos inimigos às tranqueiras, que entrada huma, onde era mais porfiado o combate, foraõ mortos tres Religiosos, e mais de vinte Portuguezes. O nosso Capitaõ vendo a larga porta, que as féras abriraõ para os inimigos ganharem a vitoria, puxou por toda a gente, que tinha armada de lanças de fogo, e outros instrumentos militares, e sendo elle o primeiro no exemplo, e unico na valentia incitou aos companheiros para que fizessem tal estrago nos barbaros, que nunca mais se atrevessem a disputarlhe a gloria de vencedores. Arremetteraõ como furiosos Leões aos Elefantes, sendo a agigantada corpulencia destes brutos inferior

Perigo da Fortaleza.

ferior à grandeza dos ſeus corações, e os lançaraõ fóra das tranqueiras, e com o meſmo vigor inveſtiraõ aos inimigos, que naõ podendo ſuſtentar o furor das noſſas armas, cederaõ em as noſſas mãos o triunfo, ficando para eterno teſtemunho delle quatrocentos mortos, e outros tantos abrazados. O Capitaõ Balthefar Guedes de Souſa eſmaltou a gloria de taõ fauſto dia com o ſeu ſangue vertido de duas feridas recebidas na batalha, em que ſe moſtrou igualmente Soldado animoſo, que General prudente. Logo foraõ reparadas as ruinas da Fortaleza, e para que naõ intentaſſem outra vez invadilla, ſe aviſou a Columbo para ſer provída de petrechos militares, de que eſtava muito exhauſta com taõ prolongado ſitio. Foy taõ veloz o aviſo, como prompto o ſoccorro, chegando Diogo de Mello Coutinho com Antonio da Coſta Travaſſos, Capitaõ môr de Cochim, com ſete navios de mantimentos; e ao tempo, que entraraõ pela bahia da Cidade de Çotta a congratular de taõ celebre vitoria aos noſſos Soldados, levantou o campo o Rajû, e ſe recolheo a Ceitavaca a lamentar a perda de mais de dous mil homens mortos neſte ſitio, onde foy caſtigada a ſua cubiça, com que queria tyrannamente privar da Coroa a ſeu tio, e humilhada a ſoberba, com que pertendeo triunfar da naçaõ Portugueza.

Retiraõ-ſe os inimigos deſtroçados do aſſalto.

Valor, com que ſe houve no conflicto o Capitaõ Balthefar Guedes de Souſa.

Diogo de Mello Coutinho, e Antonio da Coſta Travaſſos introduzem ſoccorro em Cotta, e o Rajû levanta o ſitio.
Faria, Aſia Portug. tom. 2. part. 2. cap. 18. §. 8.

194 Determinava o Conde Vice-Rey partir

tir na entrada de Setembro contra o Achem em huma poderosa Armada, para cuja preparação se consumio todo o Inverno, como tinha escrito a D. Francisco Deça, Capitão de Malaca, quando surgirão na barra de Goa tres naos do Reyno, de que era Capitão môr D. Jorge de Sousa, e as outras duas vinhão capitaneadas por Diogo Lopes de Lima despachado com a Capitanía de Maluco, e por Vasco Lourenço de Barbuda. Depois de estarem surtas, e ainda com a mayor parte da carga, sobreveyo hum temporal tão rijo, que soçobrou lastimosamente a nao S. Filippe, por estar mais chegada à terra, e certamente sentio muito o Conde Vice-Rey esta fatalidade por estarem sómente duas naos para a carga da pimenta; e desistindo da empreza intentada contra o Achem, applicou todo o desvelo em preparar huma Armada para segurança da costa do Malavar, e reprimir os insultos dos piratas, que continuamente a infestavão. Elegeo para Capitão môr da Armada a D. Francisco Mascarenhas, que constava de tres galeotas latinas, e doze navios de remo, cujos Capitães erão: D. Pedro de Menezes, Aires de Saldanha, seu irmão Manoel de Saldanha, Fernão de Miranda de Azevedo, Pedro de Mendoça, Alexandre de Sousa, Mem Dornellas, Jeronymo Dias de Menezes, Diogo Soares de Albergaria, Bernardo de Azevedo Coutinho, Jeronymo

Perde-se a nao S. Filippe na barra de Goa.

Expede-se huma Armada para o Malavar.

ronymo Teixeira de Macedo, Mattheus de Figueiredo, Manoel Furtado, e Manoel Simões.

195 Partio a Armada com feliz viagem, e como era neceſſario prover de cavallos os portos do Canara, como de fazendas a Cochim para a carga das naos, que haviaõ partir para o Reyno, ficou em Goa o navio, de que era Capitaõ Jeronymo Dias de Menezes, o qual paſſados poucos dias foy conduzindo as naos, que demandavaõ aquelles portos; quando à viſta de Batecalá deſcobrio tres paraos de Malabares, que imaginando ſerem os noſſos navios mercantís por ter já paſſado a Armada, levados da cubiça da preza os foraõ acceleradamente buſcar. Vendo Jeronymo Dias de Menezes a determinaçaõ dos inimigos ſe reſolveo a batalhar com elles, antevendo, como prudente Soldado, que ſe os naõ inveſtiſſe, além de ficar reputado por cobarde, deixava expoſtos os navios da ſua conſerva à furia daquelles barbaros. Acompanhavaõ a Jeronymo Dias de Menezes quarenta Soldados dos mais alentados da India, diſtinguindo-ſe entre elles Gaſpar Carvalho, que ſendo de eſtatura ordinaria tinha forças taõ robuſtas, e o aſpecto taõ carregado, que baſtava apparecer para infundir terror ao homem mais animoſo; o qual vendo a deliberaçaõ dos Malabares perſuadio a Jeronymo Dias de Menezes, que velozmente puzeſſe a proa no primeiro parao dos inimi-

Encontra-ſe Jeronymo Dias de Menezes com tres paraos de Malavares, e depois de huma porfiada contenda os desbarata.
Couto, Decad. 7. da Aſia, liv. 10. cap. 16.

inimigos, para que quando os outros chegassem, tivessem aquelle menos contra si. Executou com incrivel brevidade o Capitaõ o conselho de Gaspar Carvalho, e apertando os remos a nossa gente, depois de huma descarga de espingardaria, de que morreraõ muitos Mouros, lhe puzeraõ a proa sobre o seu parao. Saltou improvisamente nelle Gaspar Carvalho, armado de espada, e rodella, fazendo tal estrago nos inimigos, que depois de afugentar os da proa, os foy preseguindo com o mesmo furor pela coxía até o masto, onde deixou a muitos despedaçados, e a outros precipitados às ondas, conseguindo a immortal gloria de se coroar com huma vitoria taõ arrebatada, que quando chegaraõ os outros dous paraos a soccorrer aos seus companheiros, já os nossos estavaõ recolhidos ao navio. Enfurecidos os Malabares com esta derrota, quizeraõ vingar a injuria recebida de hum só homem, e investindo ao nosso navio com resoluçaõ destemida, foraõ de tal sorte offendidos com a descarga da artilharia, e muitas panellas de polvora, que antes de atracar o navio já tinhaõ perdido trinta Soldados. Estimulados mais com este destroço lançaraõ cincoenta homens em o navio, com os quaes se accendeo hum terrivel conflicto, fazendo os nossos toda a diligencia para que estes padecessem semelhante estrago ao que tinhaõ experimentado os seus companheiros. Alentava a

nossa

nossa gente com a voz, e com o exemplo Gaspar Carvalho, executando com a espada, como se fora rayo, taes proezas, que elle só valia por hum Exercito inteiro; mas como o numero dos inimigos era grande, e peleijavaõ com desprezo das proprias vidas carregaraõ com tanto impeto, e violencia, que obrigaraõ aos nossos a se refugiarem ao toldo, onde animados pelo heroico espirito de Jeronymo Dias de Menezes recobraraõ novos alentos, de que se seguio lançarem atropelladamente aos Mouros fóra do navio, deixando sessenta mortos para memoria do triunfo. Os barbaros, que puderaõ escapar deste conflicto, se recolheraõ cheos de feridas, e injurias aos seus paraos, e se fizeraõ à véla temendo que naõ restasse algum para dar noticia do estrago. A mayor gloria, e a melhor fortuna, que houve nesta batalha, foy que entre tanto sangue, e tanta mortandade naõ faltasse hum Soldado nosso, posto que muitos ficaraõ gravemente feridos. Jeronymo Dias de Menezes, depois que lançou ao mar os corpos dos inimigos, navegou para Batecala, onde recebeo os vivas de huma vitoria, com que exaltou o nome Portuguez, e intimidou os barbaros da costa do Malabar.

Singular esforço, com que se houve neste conflicto Gaspar de Carvalho.
Faria, Asia Port. tom. 2. part. 2. cap. 18. §. 9.

CA-

CAPITULO XXVI.

Converte-se à Fé Catholica o Principe herdeiro do Reyno dos Papuas, e Imperio de Bengay. Recebem o Bautismo nas Ilhas dos Celébes ElRey de Manado, e ElRey de Siaõ. Admiravel reducaõ dos habitadores de huma Ilha de Amboino.

1563.

Progressos da Christandade no Oriente.

196 ABundantissimo era o fruto, que colhiaõ os Agricultores Euangelicos da sementeira da palavra Divina, que com tantos suores espalhavaõ pelas vastissimas Regiões do Oriente, extirpando os espinhos das superstições Gentilicas, e arrancando a zizania dos erros Mahometanos, para que mais fecundamente crescesse, e se dilatasse, de tal sorte, que neste anno naõ sómente se encheraõ os celleiros da Igreja Catholica com innumeraveis convertidos; mas, o que he mais para admirar, muitos Principes abjurando os delirios de Mafoma, prostraraõ reverentes as suas Coroas aos pés do Throno do Divino Cordeiro, e abraçaraõ a Ley, que com o seu Sangue promulgara em todo o Mundo. Foy o primeiro o Principe herdeiro do Reyno dos Papuas, e Imperio de Bengay, que sendo mandado por seu pay à Ilha de Ternate, onde

Converte-se o Principe herdeiro do Reyno dos Papuas. *Sousa, Orient. Conq tom. 1. Conq. 3. Div. 2. §. 33.*

onde viviaõ Chriſtãos, e Mouros, para com attenta reflexaõ obſervar as duas Religiões, e eſcolher dellas qual devia abraçar, recebendo ou o Bautiſmo, ou a Circumciſaõ, voltaſſe para a Corte, e reduziſſe todos os ſeus Vaſſallos à profiſſaõ da Ley de Chriſto, ou de Mafoma. Examinou o Principe o genero de vida, que exercitavaõ huns, e outros, e ouvindo attentamente os argumentos, com que os Cacizes defendiaõ os delirios do Alcoraõ, e os Miſſionarios as verdades do Euangelho, ſe deliberou penetrado da luz da Graça a deixar as trévas do Gentiliſmo, e aliſtarſe nas bandeiras do Crucificado. Eſta admiravel converſaõ ſentio exceſſivamente ElRey Aeyro, e armado da ſua natural aſtucia pertendeo perverter ao novo convertido; e vendo que eraõ fruſtradas todas as diligencias, que lhe dictara a ſua cavillaçaõ, deſpachou Embaixadores a ElRey de Bengay pedindo-lhe huma filha para caſar com o ſeu primogenito, naõ querendo por dote deſte Real conſorcio, ſe naõ que o ſeu Reyno obſervaſſe os preceitos de Mafamede. Eſtava quaſi reſoluto ElRey de Bengay para aceitar eſta propoſta, mas aconſelhando-ſe com ElRey de Bachaõ, lhe perſuadio eſte piiſſimo Principe, que de nenhuma ſorte aceitaſſe aquella condiçaõ por ſer injurioſa a Deos, e à ſua peſſoa; e perſuadido ElRey de Bengay deſte Catholico conſelho regeitou heroicamente as

Intenta ElRey de Ternate perverter ao Principe novamente convertido, e o naõ conſegue.

conveniencias propostas pelo de Ternate.

Pedem os moradores das Ilhas Celébes Prégadores Euangelicos.

197 Os moradores das Ilhas dos Celébes, situadas ao Poente das Molucas, mandaraõ pedir com fervorosas instancias por seus Embaixadores hum Missionario para que os bautizasse; e como para certas conveniencias da nossa Coroa desejava Henrique de Sá descobrir o maritimo destas Ilhas, preparou duas coracoras cheyas de Soldados, e armas, e nellas mandou ao Padre Diogo de Magalhães, Jesuita, que pouco tempo havia chegara de Amboino, para que regenerasse nas salutiferas aguas do Bautismo aquelles póvos, que taõ sequiosos se mostravaõ dellas. Teve o perfido Rey de Ternate noticia dos designios de Henrique de Sá, e quasi esteve para perder o juizo por ter já prompta huma Armada, e nomeado por General della ao Principe Babû para constranger aos Celébes a que trocassem pela seyta Mahometana a superstiçaõ Gentilica. Para impedir a determinaçaõ de Henrique de Sá se valeo de hum estratagema, fazendo publicar, que por aquelle Archipelago discorria huma Armada de Castelhanos muito formidavel, e que se ignorava o porto, que buscava, pois se via fazer varios rumos. As circunstancias do lugar, do tempo, e numero das vélas obrigaraõ a Henrique de Sá a que cresse esta mentira revestida com apparencias de verdade, e logo despachou huma embarcaçaõ ligeira com

Continúa ElRey de Ternate impedir o progresso da Religiaõ Christãa.

aviso

aviſo às duas coracoras, que voltaſſem para Ternate, mandando com igual vigilancia inquirir por todas as partes a certeza daquella vaga noticia. Soube Henrique de Sá depois deſte exame, que fora ardil delRey Aeyro, e naõ obſtante ter já entrado o mez de Mayo, e com elle o Inverno, que com exceſſivo rigor atormenta aquelles canaes, ordenou, que ſegunda vez ſe tentaſſe a jornada com grande repugnancia dos Soldados, que vaticinavaõ havia ſer infeliz; mas Deos, em cujo obſequio redundava eſta viagem, os conduzio taõ proſpera, como brevemente, deſembarcando em quatro dias no porto de Manadó, Cidade Real, e principal da Ilha.

Chegaõ os noſſos à Ilha dos Celébes.

198 A eſta Cidade foy levado o Padre Diogo de Magalhães, e teve por ouvintes das ſuas primeiras Euangelicas declamações a dous Principes coroados, ſendo o primeiro o proprio Rey da Ilha dos Celébes, que eſtava em Manadó, e o ſegundo ElRey da Ilha de Siaõ, que corre da Linha para o Norte entre Manadó, e Mindanao, e eſtá ſituada em tres graos de altura Boreal, defrontando pela banda do Norte com a pequena Ilha de Sanguin, e pela do Sul com a de Sarambal. Foraõ taõ efficazes as vozes do Prégador Apoſtolico, que penetrados os corações deſtes dous Principes profeſſaraõ a Ley do Nazareno, e abjuraraõ a abominavel crença de ſuas ſuperſtições Gentilicas. Seguiraõ taõ alto

Bautizaõ-ſe o Rey dos Celébes, e ElRey de Siaõ, e os Grandes da Corte.

exemplo os Grandes da Corte, e os mais entendidos do povo, naõ sendo necessario mais que duas semanas para que fossem sufficientemente instruidos; e no mesmo tempo, que se edificavaõ estes vivos Templos para habitaçaõ do Divino Espirito, se derrubavaõ os altares, em que era adorado o demonio, para naõ permanecer vestigio algum da superstiçaõ antigua. No fim das duas semanas principiou o Bautismo pelos dous Reys, fazendo dignas as suas cabeças de cingir a Coroa quando foraõ purificadas com a agua da Sagrada Fonte. O de Siaõ se chamou Jeronymo; do outro se ignorou o nome. Mil e quinhentos foraõ admittidos a este puro Lavatorio, e ainda fora mayor o numero se naõ se receasse prudentemente, que pela ignorancia dos mysterios taõ facilmente largariaõ a Fé, como a recebiaõ.

O Padre Diogo de Magalhães bautiza duas mil almas. *Bartol. Hist. de l' Asia, liv. 6. pag. 396.*

199 Na Ilha de Bolaõ reynava o filho delRey de Manadó, que recebeo ao Padre Diogo de Magalhães com grande benevolencia, naõ tanto por respeito de seu pay, mas porque desejava ser filho da mesma Ley, que elle professava, offerecendo para subditos da Igreja quinze mil Vassallos; mas como era Mahometano por força, que lhe fizera Cachil Guzarate, irmaõ delRey Aeyro, e os professores desta crença saõ mais faceis a retroceder, que os Gentios, naõ quiz bautizallo o Padre com tanta brevida-

de.

de. Em Caurípe correraõ ſeis lugares populoſos de idolatras a pedirem o Bautiſmo; mas como era impoſſivel inſtruir hum ſó Cathequiſta a tanta multidaõ de almas, foy bautizado o Regedor, que os governava; mas como houve cauſa para ſe demorar o Padre Magalhães, regenerou para Chriſto dous mil payſanos, e plantou huma Cruz na praya.

Apoſtaſia dos moradores de huma Ilha de Amboino.

200 Celebre foy a reducçaõ, e conſtancia da Fé, que ſuccedeo em hum Lugar da Ilha de Amboino, em que ſendo o ſeu povo bautizado por hum Capitaõ Portuguez, aſſaltado pela furia dos Mouros antepuzeraõ a vida do corpo à da alma perdendo a Fé, e voltando para os erros, que antigamente profeſſavaõ. Arrependidos de taõ abominavel delicto com o exemplo de Rocanive mandaraõ ſeus Embaixadores ao inſigne Catholico D. Manoel, Regedor de Ative, para que intercedeſſe com algum dos Miſſionarios a ſerem reſtituhidos à uniaõ dos Fieis, e bautizarlhes oitenta crianças naſcidas no tempo da ſua apoſtaſia. Eſtranhoulhes ſeveramente D. Manoel a infidelidade commettida contra Deos, e para que outra vez naõ deſamparaſſem os arrayaes de Chriſto com eſcandalo da Fé, lhes pedio por fiadores da ſua palavra as mais precioſas alfayas, que poſſuhiaõ; e offerecendo elles com grande ſinceridade tudo quanto tinhaõ, julgou o Padre Franciſco Rodrigues, aſſiſtente na-

quelle

quelle Lugar, que aquella liberal, e prompta offerta era o mais seguro penhor da sua fidelidade, e partio logo a reconciliallos com a Igreja. Ternissimo espectaculo se offerecia aos olhos da piedade Catholica ver os profundos actos de humildade, e arrependimento, com que todo o povo entrando por hum bosque cerrado desenterraraõ huma Cruz, que nelle tinhaõ sepultada quando apostataraõ para naõ receber a menor injuria. Novamente foy arvorado este Real Estandarte da nossa Redempçaõ, rendendo-lhe todo o genero de venerações dictadas pela sua piedade, sendo a mayor quando todas as tardes ao pôr do Sol a ornavaõ de muitas luminarias; e entre profundas reverencias, e devotos canticos a adoravaõ com excessiva ternura, conservando com tanta constancia a sinceridade destes Sagrados obsequios, que assaltados por huma multidaõ de Mouros armados para desistir daquelle devoto culto, arrancaraõ a Cruz receando fosse objecto de algum sacrilego desacato, e a levaraõ aos hombros fugindo das suas Patrias, e foraõ viver pobres, e desterrados em outras terras, mas contentes, e satisfeitos com aquelle precioso thesouro.

Arrependem-se, e se reconciliaõ com a Igreja.

CA-

CAPITULO XXVII.

Abraça a Ley Euangelica Xiumitanda, Rey de Omura, e ſe bautiza com o nome de Bartholomeu. Relata-ſe a conſtancia, com que eſte Principe conſervou a Fé padecendo graves adverſidades para que á deixaſſe. Fruto eſpiritual, que ſe colheo na Cidade do Nome de Deos na Ilha de Macao, onde ſe expede huma Embaixada ao Emperador da China, que ſe naõ effeituou.

1563.

201 COroemos os triunfos da Fé alcançados neſte anno com a Coroa de Xiumitanda, Rey de Omura, que em obſequio da Ley Euangelica, que em Vocoxiura prégava o Apoſtolico Padre Coſme de Torres, deixou as trevas, e buſcou as luzes, que lhe illuſtraraõ primeiro a alma, que o entendimento. Movido eſte Principe de ſuperior inſpiraçaõ veyo ancioſamente viſitar ao Padre Torres, deſejando ouvir da ſua boca alguma inſtrucçaõ Catholica, que como ſemente da vida eterna fructificaſſe no ſeu coraçaõ; e praticando o Padre ſobre a Eſſencia, e Attributos de Deos, ſendo eſta materia taõ ſublime naõ deixou de a penetrar o profundo engenho deſte Principe, que mais

Admiravel converſaõ del Rey de Omura.
Bartol. Hiſt. de l' Aſia, liv. 8. pag. 559.
Guſman, Hiſt. de las Miſſion. de la Comp. part. 1. liv. 6. cap. 19.

mais parecia Europeo, que Japonez aſſim nos dotes da alma, como na gentileza do corpo. Ao dia ſeguinte attrahido ſuavemente daquella pratica, que ouvira, quiz outra vez goſtar da doçura dos Divinos Myſterios, que a vontade abraçava, e o entendimento comprehendia, e ainda que vinha acompanhado de muitos Fidalgos da ſua Corte, ſómente permittio que aſſiſtiſſe a eſte acto, que durou até as duas horas depois da meya noite, D. Luiz, irmaõ do Governador de Omura, que tinha ſido o ſeu primeiro Prégador. He inexplicavel a veneraçaõ, e aſſombro, com que eſteve attentamente ouvindo a relaçaõ de que havia ſucceder no Juizo final, principalmente a ſeparaçaõ dos Juſtos para o Paraiſo, e a dos peccadores para o Inferno; os varios ſucceſſos, huns proſperos, e outros infauſtos, que ſuccederaõ desde que o Mundo foy creado, até que por Chriſto foy remido. Eſtas verdades Catholicas lhe foraõ de tal ſorte illuſtrando o juizo, que na manhãa do dia ſeguinte mandou dizer por D. Luiz ao Padre Torres, que elle era já Chriſtaõ, e que tanto que Deos lhe concedeſſe hum filho para ſegurança da Coroa, receberia o Bautiſmo.

202 Naõ eraõ paſſados dous mezes quando a Rainha Camizama, ſua eſpoſa, deu ſinaes de eſtar pejada, e vendo-ſe obrigado aquelle Principe ao cumprimento da promeſſa, veyo corte-

jado

jado de trinta Fidalgos, que elle meſmo reduzira, e depois de recitarem em voz alta huma ſumma dos Myſterios da Fé, levantaraõ os braços ao Ceo, a cujo devoto eſpectaculo aſſiſtia o Padre Coſme de Torres banhado em ternas lagrimas, e bautizou em primeiro lugar a ElRey, que ſe quiz chamar Bartholomeu, e depois aos outros Cavalheros. Depois de ſer regenerado para Chriſto Xiumitanda o elegeo ſeu irmaõ ElRey de Arima por General das armas contra hum Principe ſeu confinante, e paſſando com o Exercito pelo Templo do Idolo Mauſtem, que era o Deos da guerra, moſtrou aos ſeus Soldados a eſtimaçaõ, que deviaõ fazer de tal divindade. Era a figura deſte Idolo hum Gigante, a quem hum gallo, que tinha na cabeça, lhe formava o capacete, taõ venerado por aquelles barbaros como arbitro das vitorias, que em final do ſeu culto lhe abatiaõ as bandeiras, e as armas toda a milicia quando aviſtava o portico do Templo, onde era venerado aquelle Marte do Japaõ. Differente foy a ceremonia, que uſou D. Bartholomeu, porque chegando às portas do Templo mandou fazer alto ao Exercito, e por alguns Soldados ordenou, que derrubaſſem o Idolo do altar, e depois de o pizar lhe cortou com a eſpada a cabeça, e entregue o Pagode à voracidade do fogo ſobre as ſuas profanas cinzas arvorou huma Cruz, que de todos foy adorada.

He eleito General das armas por ſeu irmaõ ElRey de Arima.

Fervoroſa religiaõ, com que derruba o Idolo Mauſten.

Commoçaõ dos Regedores de Omura contra ElRey D. Bartholomeu em odio da Religiaõ, que tinha abraçado.

203 Contra estes admiraveis progressos da Christandade, que florecia nos dous Reynos de Omura, e Arima se conspirou o Inferno pelo impulso de doze Regedores de Omura, que julgando por abatimento das suas pessoas, e desprezo dos cargos, que exercitavaõ, a introducçaõ de huma nova Ley, com a qual sem o seu consentimento permittia ElRey o desterro dos Bonzos, e o incendio dos Pagodes, começaraõ a conjurarse occultamente, fingindo querer abraçar a Ley de Christo até que se descobrisse occasiaõ opportuna de amotinar o povo, a qual naõ tardou muito, antes foy a melhor, que elles podiaõ appetecer. Era costume observado entre aquelles barbaros incensar o Principe reynante com profundas inclinações ao Rey defunto, cuja ceremonia se havia fazer em certo dia de Agosto deste anno. No dia decretado para este impio obsequio entrou D. Bartholomeu no Templo, e posto que naõ era filho do Rey defunto de Omura, se naõ perfilhado pela Rainha sua mulher, e assumpto por eleiçaõ à Coroa, a veneraçaõ, que fez à estatua foy mandar, que derrubada do altar fosse reduzida a cinzas. Os Regedores estimaraõ mais esta injuria, que se mil vezes incençasse o Principe defunto, e logo escreveraõ a Gotondono, filho natural do Rey, cuja era a estatua, para que com o sangue de D. Bartholomeu lavasse taõ escandalosa afronta

commet-

commettida publicamente contra a Mageſtade de ſeu pay; e para mais facilmente o eſtimular a eſta vingança lhe prometteraõ de concitar o povo em ſeu favor, e auxilio. Aceitou Gotondono a offerta, e entrando com os confederados por Omura começaraõ acclamallo Rey, mas como naõ tiveraõ o ſequito, que eſperavaõ, lançaraõ fogo à Cidade, e ao Palacio, donde eſcapou D. Bartholomeo rompendo por entre o ferro, e as chamas, e ſe occultou na eſpeſſura de hum boſque, onde furtivamente o alimentou huma China, a quem elle depois remunerou como merecia taõ amante fidelidade. Naquella noite chegaraõ as laſtimoſas noticias do eſtrago de Omura, e da rebelliaõ contra ElRey, e para que naõ experimentaſſe ſemelhante deſgraça o Padre Coſme de Torres, que era procurado pelo odio daquelles barbaros para ſer victima do ſeu furor, lhe pediraõ os Chriſtãos daquelle porto com muitas lagrimas quizeſſe ſalvar a vida, que animava os ſeus eſpiritos. O Padre julgando o conſelho por aviſo ſuperior ſe meteo em hum junco, em que ſe livrou da Soldadeſca, que ao outro dia appareceo ſobre a terra, e depois de ſaqueada a entregaraõ ao fogo, do qual naõ ſó via as chamas, mas ſentia o calor.

Poem fogo à Cidade, e Palacio, donde ſe ſalva felizmente ElRey D. Bartholomeu.

Retira-ſe da Cidade de Omura o Padre Coſme de Torres.

204 Neſte meſmo tempo foy invadido ElRey de Arima por hum Principe confinante, com tanta violencia, que o obrigou a ſahir do

Reyno fugitivo. Para conservar as Coroas destes dous irmãos tornou a governar o Reyno seu pay Xengandono, que o tinha renunciado, mandando por conselho dos Bonzos, de quem era devotissimo, desterrar a seu filho primogenito, destruir as Igrejas, quebrar as Cruzes, e mandar com gravissimas penas, que todos os seus Vassallos abraçassem a religiaõ antigua, que taõ ingratamente tinhaõ deixado, pois naõ queria houvesse pessoa no seu Reyno, que professasse huma ley, que fora causa de estarem despojados do seu Reyno seus dous filhos, hum porque era Christaõ, e outro porque o desejava ser; porém naõ foy observado taõ impio decreto. Entre taõ furiosa confusaõ se compadeceo a Divina Misericordia da invicta paciencia, e heroica constancia de D. Bartholomeu permittindo, que passados quarenta dias depois do incendio da sua Corte voltasse a tomar posse pacifica do Reyno por ter a mayor parte dos Vassallos inclinada à sua obediencia. Prodigiosa foy a incontrastavel firmeza, com que este Principe conservou sempre no coraçaõ a Fé de Jesu Christo, pois sendo combatido por ElRey seu pay, e outros Principes, com as efficazes batarias de brandos rogos, e de crueis ameaças para que apostatasse; naõ attendendo ao respeito do pay, e muito menos à soberania dos Principes, lhes respondeo, que mais estimava ser Christaõ, do que

Restitue-se o Principe D. Bartholomeu à sua Corte com applauso dos seus Vassallos.

que Rey. Naõ o intimidava verſe por huma parte ameaçado dos inimigos eſtranhos, e por outra perſeguido dos domeſticos, para que deixaſſe de obſervar exactamente os preceitos Euangelicos de tal ſorte, que apoſtatando da Fé dous Titulares do ſeu Reyno lhes mandou cortar as cabeças por ſerem traidores a Deos, que era mais enorme delicto, que à ſua propria peſſoa. Para ſinal da ſua Chriſtandade, e confuſaõ do Gentiliſmo trazia debuxado em hum, e outro hombro com letras verdes em campo branco o Santiſſimo Nome de JESUS, pendente ao peito huma Cruz, e humas Contas do cinto.

205 Neſte feliz anno ſe juntaraõ oito Miſſionarios na Cidade do Nome de Deos na Ilha de Macao, adjacente às prayas de Cantaõ, Provincia da China. Seis eſperavaõ por monçaõ para paſſarem às Ilhas do Japaõ, os outros dous, que eraõ os Padres Franciſco Peres, e Manoel Teixeira, Jeſuitas, haviaõ entrar com o novo Embaixador no Imperio da China, ſendo a occaſiaõ, que houve para eſta Embaixada a ſeguinte. Tinha o Vice-Rey D. Affonſo de Noronha nomeado Embaixador para aquelle Imperio a Diogo Pereira, e chegando elle com o Santo Xavier a Malaca, onde aſſiſtia por ſeu Capitaõ D. Alvaro de Ataide, aggravado eſte de que Diogo Pereira lhe tiveſſe negado dez mil cruza-

Embaixada para a China, que naõ tem effeito.

cruzados, que lhe pedira empreſtados, e invejoſo dos grandes lucros, que lhe havia render a Embaixada, e naõ menos o applauſo de toda a India, e a futura remuneraçaõ delRey, lha impedio por todos os modos para naõ executar aquelle miniſterio, em que hia taõ intereſſada a Religiaõ Catholica; e por mais ſupplicas, com que lhe pertendeo abrandar a contumacia do ſeu animo o fervoroſo eſpirito de S. Franciſco Xavier, foraõ todas fruſtradas. Conſiderando eſte Santo os damnos, que recebera Diogo Pereira pelo ſerviço de Deos, e delRey, eſcreveo à Mageſtade de D. Joaõ o III. para que lhos ſatisfizeſſe com Real generoſidade. Eſta remuneraçaõ executou ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ, ordenando ao Conde Vice-Rey D. Franciſco Coutinho, que mandaſſe por Embaixador à China, e Capitaõ de Macao a Diogo Pereira, e lhe deu algumas precioſas peſſas para offerecer à Mageſtade Sinica. Tanto que o Conde chegou à India ſoube como Diogo Pereira eſtava em Macao, e no Abril do anno paſſado apreſtou hum galeaõ, em que mandou a Gil de Goes ſignificaſſe a Diogo Pereira qual dos dous lugares eſcolhia, ou ir por Embaixador à China, ou governar a Cidade de Macao. Elegeo Diogo Pereira a Capitanía, e Gil de Goes, que era ſeu cunhado, ficou com a Embaixada, que nunca ſe effeituou pela arrogancia dos Mandarins,

rins, que a naõ quizeraõ admittir com taõ pequena pompa. Como naquelle galeaõ foraõ embarcados os dous Padres Jeſuitas, e habitaſſem na Cidade de Macao mais de novecentos Portuguezes, além de muitos Chriſtãos da terra, naõ faltava materia para o exercicio dos miniſterios Apoſtolicos, frequentando os Sacramentos com muita devoçaõ, e inſtruindo quaſi mil eſcravos, de que ſe colhia copioſo fruto.

LIVRO

LIVRO II.

CAPITULO I.

Supplíca Filippe Prudente a ElRey D. Sebaſtiaõ concorra para o ſoccorro da Praça de Oraõ cercada pelos Mouros, o que promptamente executa. Intenta aquelle Monarcha recuperar a Praça do Penhaõ de Velez, para cuja conquiſta ſolicíta por ſeu auxiliar ao noſſo Principe. Parte huma Armada, de que he General Franciſco Barreto, e das primeiras operações, que fizeraõ Portuguezes, e Caſtelhanos.

NAÕ intentava o prudente animo de Filippe Segundo empreza alguma militar na Regiaõ de Africa, em que foſſe intereſſada a authoridade da ſua Coroa, para cujo feliz ſucceſſo naõ ſolicitaſſe com vigilante prevençaõ as armas auxiliares dos Portuguezes, reconhecendo pela expe-

1564.

riencia acreditada em tantos ſeculos, que ſómente ellas, como independentes do beneficio da fortuna, eraõ arbitras dos mayores triunfos, e diſpenſadoras das mais famoſas vitorias. Tinha Hazen, Rey de Argel, tributario do Graõ Turco, e filho do celebre Barbaroxa, determinado conquiſtar as importantes Praças de Oraõ, e Mazalquivir, e para alcançar o intento, a que o impellia o ſeu orgulho, naõ ſómente prevenio todo o genero de petrechos, e munições, mas convocou aos Alcaides de Tremecen, Catanea, Conſtantina, e Tunes para que foſſem ſeus companheiros em taõ glorioſa conquiſta. Governava a Praça de Oraõ D. Affonſo de Cordova, Conde de Alcaudete, e ſabendo que nas ribeiras de Cirite, cinco legoas diſtante de Oraõ, eſtavaõ alojados vinte e cinco mil barbaros capitaneados por Hazen, aviſou logo pelo Capitaõ Gonçalo Fernandes ao ſeu Principe do numeroſo Exercito, que pertendia invadir aquella Praça, ſendo preciſo que ſem dilaçaõ foſſe ſoccorrido de gente, e munições para a conſervar no ſeu dominio, e fruſtrar os intentos de inimigo taõ poderoſo. Logo que Filippe recebeo a noticia do imminente perigo, que ameaçava a Oraõ, eſcreveo aos Vice-Reys de Napoles, e Sicilia, a Joaõ André Doria, Marco Antonio Colona, ao Gram Meſtre de Malta, aos Duques de Saboya, e Florença, e à Republica de Geno-

Sitio de Oraõ, e Mazalquivir.

Ferreras, Hiſt. de Eſpan. part. 14. *ann.* 1563. *n.* 6. e 53.

Genova para que concorressem com as suas galés a rebater, e quebrantar as forças daquelles barbaros.

2 Mas parecendo-lhe, que ainda com os auxilios militares de tantos Principes poderiaõ prevalecer as armas infieis contra as Catholicas, para segurar a vitoria representou por huma carta escrita em 9. de Abril do anno passado a seu sobrinho D. Sebastiaõ o formidavel poder, que alistara ElRey de Argel para a conquista de Oraõ; supplicando-lhe quizesse concorrer com opportuno soccorro para aquella empreza, pois unicamente confiava a felicidade della do invencivel valor dos Portuguezes pela antigua posse, que tinhaõ de triunfar daquella barbara, e perfida naçaõ. Recebeo D. Sebastiaõ esta carta pelo Embaixador de Castella D. Affonso de Tovar; e como no seu peito ardia o zelo mais puro da Religiaõ Catholica, lhe servio de generoso estimulo para que promptamente se deliberasse a preparar huma Armada capaz de derrotar os sequazes de Mafoma. Correspondeo Filippe a esta obsequiosa promptidaõ de seu sobrinho com as mais gratas expressões, que ficaraõ eternizadas nesta carta.

Pede Filippe II. soccorro a ElRey D. Sebastiaõ, o qual logo mandou aprestar.

3 „Serenissimo muy alto, y muy poderoso „Rey de Portugal mi muy caro, y muy ama„do sobrino. Vi vuestra carta de 13. del pre„sente, y D. Alonso de Tovar mi Embaxador

Carta de Filippe II.

„ me avisó de las galeras, y naos, que haveis „ mandado aprestar para el socorro de Oran, y „ las de más Plaças, que alli tenemos, y por „ ello os doy muy cumplidas gracias, que es co- „ mo de vós esperava; y de que he recebido „ mucho contentamiento por ser para tal efecto, „ y de que se recreese tanto provecho a estos „ Reynos, y se sigue al vuestro; y por el avi- „ so, que de nuevo tenemos de las dichas Pla- „ ças, por lo que importa hazer el dicho socor- „ ro com brevedad, y juntar Armada para esto, „ y lo que más se puede ofrecer, escrivo al di- „ cho Embaxador cerca dello, lo que del enten- „ dereis, ruegoos afectuosamente, que haviendo- „ lo oydo, y dandole entero credito, hagaes em- „ biar a Malaga luego las galeras, y navios, que „ huviere prestes, sin aguardar los de más, y po- „ dran hir embiandose segun de mi parte os lo „ pediere, que por convenir assi, y ser tan ne- „ cessario recebiré en ello gran contentamiento, „ que en Malaga se le hará todo buen tratami- „ ento, como es mucha razon. Serenissimo, muy „ alto, y muy poderoso Rey mio muy caro, y „ amado sobrino Nuestro Señor sea en vuestra „ continua guarda, y protecion. De Madrid 25. „ de Abril de 1563. Tinha durado por espaço de hum mez o rigoroso sitio, que Hazen tinha posto a Mazalquivir, querendo que o rendimento desta Praça lhe facilitasse a conquista de Oraõ; mas

mas foy rebatido taõ alentadamente pelo heroico eſpirito de D. Martinho de Cordova, irmaõ do Conde de Alcaudete, que depois de varios aſſaltos, em que ſempre prevaleceo o valor dos Heſpanhoes, tendo noticia da Armada, em que navegava o ſempre temîdo ſoccorro dos Portuguezes, para naõ experimentar a ultima calamidade ſe retirou vergonhoſamente, deixando o campo ſemeado de innumeraveis cadaveres, e diverſos petrechos militares.

Reſolve-ſe a recuperaçaõ da Praça do Pinhaõ de Velez.

4 Eſte fauſtiſſimo ſucceſſo foy o preludio de outro mais glorioſo, conſeguido neſte anno de 1564. da barbara potencia dos Mouros com a recuperaçaõ da importante Praça do Pinhaõ de Velez, cuja fundaçaõ, e reſtauraçaõ foy neſta fórma. Diſcorria em o anno de 1508. o Conde Pedro Navarro, Capitaõ do Catholico Rey D. Fernando, com huma Armada pela coſta de Berberia para reprimir os inſultos dos Mouros, com que infeſtavaõ aquelles mares, e chegando ao porto da Cidade de Velez da Gomeira, ſituada entre as duas ſerras Cantil, e Baba no mar Mediterraneo Iberico, proxima ao Eſtreito de Gibraltar, diſtante quarenta legoas em traveſſia de Malaga, ſe reſolveo edificar neſte ſitio, por ſer aſylo de todos os piratas, hum Caſtello ſobre huma penha, que ficava ſetecentos paſſos fronteira à Cidade. Alcançada faculdade do ſeu Principe edificou Pedro Navarro ſobre a eminencia daquella

Funda a Fortaleza do Penhaõ o Conde Pedro Navarro. *Marmol. Deſcripc. General de Africa, tom. 2. liv. 4. cap. 62.*

la penha hum Castello, a quem os Christãos intitularaõ Pinhaõ, para cuja fabrica concorreo com mayor empenho a natureza do que a arte para o fazer inexpugnavel, pois o mar cingindo-o por todas as partes lhe servio de fosso, e a serra, sobre que estava sentado, era de taõ inaccessivel altura, e taõ fragosa a subida, e estreita, que apenas podia caminhar por ella hum homem. Tanto que esteve concluhida a obra lhe poz Pedro Navarro o presidio necessario para a sua conservaçaõ, e nomeou por Governador do Castello a Joaõ de Villalobos, que se fazia temido, e respeitado de todos os Mouros circumvisinhos, obrigando-os a que o provessem de todo o genero de mantimentos, sendo a obediencia, com que o serviaõ, mais filha do temor, que do obsequio.

He sitiada pelos Mouros, donde se retiraõ gravemente destroçados.

5 Naõ podia tolerar este violento dominio Muley Almançor, que era Senhor de Velez, e para sacudir taõ pezado jugo pedio soccorro a ElRey de Fez, que logo lhe mandou dous mil Soldados, com os quaes cercou o Penhaõ, mas foraõ taõ valerosamente rechaçados pelos Christãos, que se retiraraõ com grande perda. Quatorze annos se conservou esta Praça no dominio de Castella governada por Joaõ de Villalobos, e succedendo morrer Muley Almançor, lhe substituhio no lugar, e no odio ao nome Christaõ, seu primo Muley Mahemete, o qual se empenhou

nhou a buſcar algum artificio, com que pudeſſe conquiſtar o Pinhaõ, evitando com o ſeu rendimento a perpetua inquietaçaõ, que padeciaõ os ſeus naturaes, e fazendo, que aquelle porto eſtiveſſe aberto, e patente para nelle ſe armarem, e recolherem as embarcações dos piratas, que alli de todas as partes concorriaõ. Para alcançar eſte deſignio ſe valeo o barbaro de hum ardil, com que felizmente conſeguio o que intentava. Soube, que no coraçaõ de Joaõ de Villalobos prevalecia a cubiça ao deſintereſſe, e para lhe fomentar com mayor exceſſo aquella deſordenada paixaõ, introduzio no Penhaõ dous Mouros alquimiſtas, que lhe propuzeraõ o modo, com que brevemente poderia ſer Senhor de hum cabedal muito copioſo, permittindo-lhes exercitar a arte da alchimia, em que eraõ artifices inſignes, e veria como o mais baixo metal paſſava pela prata mais refinada, e ſendo lavrada occultamente naquella Fortaleza, elles a venderiaõ aos Bereberes habitadores daquellas ſerras. Naõ deſagradou o projecto ao Villalobos, antes ancioſo de lograr os intereſſes promettidos permittio aos Mouros que na ſua preſença fizeſſem hum enſayo daquella arte, em que elle fundava o augmento das ſuas riquezas, e vendo que o effeito correſponderia à promeſſa ſe alegrou exceſſivamente, e recolheo em huma caſa forte, e occulta aos dous artifices, que por muitos dias ſe

Ardil, com que Muley Almançor ſe ſenhoreou da Fortaleza.

Torres, Origen de los Xariſes, cap. 100.

ſe occuparaõ naquelle exercicio. Sahiaõ eſtes a vender, e commutar a alquimia à Cidade de Velez da Gomeira, e de caminho revelavaõ a Muley Mahamete tudo quanto ſe pàſſava no Pinhaõ, o qual valendo-ſe da ſua perfidia lhes facilitou o modo, com que podiaõ privar da vida ao Villalobos, e ſenhorearſe daquelle Caſtello taõ prejudicial à conſervaçaõ dos ſeus naturaes. Obedeceraõ os dous Mouros à inſinuaçaõ de Muley Mahamete, e como tinhaõ a entrada livre na Fortaleza executaraõ facilmente o aſſaſſino. Eſtava o Villalobos lançado de peitos ſobre huma ameya da Fortaleza, e chegando hum dos Mouros a elle o abraçou pelas coſtas, a tempo que o ſeu companheiro o matou às punhaladas. A morte de Joaõ de Villalobos de tal ſorte deſanimou aos Soldados, que preſidiavaõ a Fortaleza, que logo ſe renderaõ a Muley Mahamete, uſando com elles de taõ barbara tyrannia, que a nenhum perdoou o furor da ſua eſpada.

He morto violentamente Joaõ de Villalobos, Governador da Fortaleza.

6 Foy exceſſivo o ſentimento, que cauſou a Heſpanha a perda deſta Praça por ſer o freyo, que impedia aos Mouros armar navios contra os Chriſtãos, e agora lhes ficava livre o porto para delle continuamente ſahirem infeſtar aquelles mares. Por diverſas vezes intentaraõ os Heſpanhoes recuperar Praça taõ importante, expedindo para eſte fim no anno de 1525. huma Armada capitaneada por D. Luiz Hurtado de Mendoça,

Duas vezes intentaõ os Heſpanhoes a ſua reſtauraçaõ, e o naõ conſeguem.
Vertot. Hiſt. des Cheval. de Malt. tom. 3. liv. 12. pag. 418.

doçá, Marquez de Mondejar, e Capitaõ General do Reyno de Granada, e outra em o anno passado de 1563. de que era General D.Sancho de Leiva, Capitaõ das galés de Napoles, mas assim huma como a outra, depois de ter obrado acções dignas do valor dos Hespanhoes, se recolheraõ a Malaga sem poder reduzir o Penhaõ ao dominio de seu legitimo Senhor. Chegou finalmente este anno, que foy o termo decretorio, em que haviaõ ser expulsos os Mouros desta Fortaleza com tanta ignominia sua, como gloria da naçaõ Hespanhola, e Portugueza. Para segurar a expugnaçaõ desta Praça por repetidas vezes intentada, e nunca conseguida, se empenhou o desvelo de Filippe Prudente mandando preparar huma Armada das mais formidaveis, que tinhaõ surcado o Mediterraneo, guarnecida de Soldados veteranos, e de todo o genero de petrechos militares, da qual era General D.Garcia de Toledo, Marquez de Villa-Franca, Duque de Fernandina, e Vice-Rey de Catalunha. Convocou para empreza taõ gloriosa a diversos Potentados da Europa, querendo que fossem participantes de huma vitoria, em que triunfava a Religiaõ contra os torpes professores do Alcoraõ. Como a causa era taõ nobre naõ houve algum, que com generosa emulaçaõ naõ pertendesse ser o primeiro, acreditando com a promptidaõ do soccorro o zelo da sua piedade.

Resolve Filippe II. a sua conquista.

7 Entre todos se distinguio assim em o numero das embarcações, como dos Soldados a Armada, que mandou aprestar a Magestade delRey D. Sebastiaõ, sempre ambicioso da exaltaçaõ da Fé, e destruiçaõ dos seus antegonistas. Constava de hum galeaõ de extraordinaria grandeza, oito caravélas, e quatro fustas guarnecidas de mil e quinhentos Soldados, e mais de trezentos Cavalleiros, desejosos de accrescentar com o sangue vertido mayor esplendor ao herdado de seus illustres progenitores. Foy eleito para General desta Armada Francisco Barreto, cujo nome era taõ formidavel aos Mouros em Africa, como tinha sido a sua espada na Asia, onde ao mesmo tempo, que regeo aquelle Estado como Governador, colheo como heroico Soldado multiplicadas palmas de taõ perfida naçaõ. Governava as caravélas com o lugar de Capitaõ môr seu sobrinho Ruy Barreto, a quem o valor, e sciencia militar, em que era muito versado, lhe tinhaõ adquirido fama naõ vulgar. Sahio a Armada do porto de Lisboa, quando aõ dobrar o Cabo de S. Vicente encontrou em Albufeira, Lugar pouco distante da Cidade de Lagos, a duas galeotas capitaneadas pelo Turco Yaya, que vinha soberbo com o despojo de duas Urcas Flamengas, que aprezara naquelle Estreito. Logo que o barbaro reconheceo as embarcações de Portugal, obrigou com a espada na maõ aos forçados

Armada, que mandou expedir ElRey D. Sebastiaõ para a expugnaçaõ desta Fortaleza.

Era General da Armada Francisco Barreto.
Ferrer. Hist. de Espan. part. 14. an. 1564. n. 10.

çados para que com a velocidade dos remos ſe ſalvaſſem do perigo, que os ameaçava. Mayor foy a ancia, com que as galés Portuguezas forcejavaõ para que os Turcos lhes naõ fugiſſem, de tal modo, que até os Fidalgos eſquecidos da propria grandeza vogavaõ impetuoſamente, querendo que aquella vitoria alcançada no mar lhes ſerviſſe de enſayo para a que haviaõ conſeguir na terra. Por mais ambicioſo de gloria ſe anticipou a todos Pedro Paulo, reduzindo com o valor do ſeu braço quaſi à ultima ruina a galeota, que governava o Capitaõ Carmami; porém conſiderando prudentemente Franciſco Barretto, que ſe Pedro Paulo ſe alongaſſe muito ao mar, poderia ſer derrotado pela galeota de Yaya, o aviſou pela boca de huma peça para que ſe recolheſſe. Obedeceo com ſumma repugnancia a eſta ordem Pedro Paulo, pois o privou de huma acçaõ taõ glorioſa ao credito do ſeu nome.

Daõ caça os noſſos no Cabo de S. Vicente a duas galés de Turcos.

8 Deſte modo ſe ſalvou Yaya do fatal perigo, que certamente receava, e a noſſa Armada chegou felizmente a Cadiz. Neſte porto achou ſurtas quinze galés providas de mantimentos D. Garcia de Toledo, e depois de praticar todas as ceremonias militares com Franciſco Barreto, conferio com elle o modo, por onde mais facilmente ſe poderia intentar a conquiſta do Penhaõ. Reſolveo Franciſco Barreto, que em quanto hia conduzir duzentos Soldados de Tan-

Entra a noſſa Armada em Cadiz.

gere partisse D. Garcia para Malaga, em cujo porto brevemente se veriaõ, e se determinaria o modo da expugnaçaõ da Fortaleza. Chegou a Tangere Francisco Barreto, e recolhendo nas suas galés duzentos Soldados escolhidos daquella Praça, e alguns Cavalleiros, que voluntariamente se offereceraõ para aquella empreza, ao tempo, que navegava para Malaga, foy acometido de hum forte temporal, que o obrigou a recolherse a Marbella, até que soprando vento favoravel entrou em Malaga, onde se juntou toda a Armada, que Hespanha convocara para a conquista do Penhaõ. Constava de noventa e tres galés, das quaes quatorze eraõ do General de Castella D. Garcia de Toledo, oito de Portugal, cinco da Religiaõ de Malta governadas por D. Fr. Joaõ Egio, treze de Napoles de que era General D. Sancho Martines de Leiva, dez de Sicilia capitaneadas por D. Fradique de Carvajal, sete que governava D. Alvaro Bazan, sete Marco Antonio Colona, doze André Doria, dez do Duque de Florença, tres do Duque de Saboya, de que era Capitaõ o Conde de Sofrasco, e quatro do Marquez de Estepa. As galeotas, fustas, e embarcações menores excediaõ o numero de sessenta, e depois de estarem providas de todos os viveres, e petrechos necessarios partio toda esta numerosa Armada em 31. de Agosto do porto de Malaga, e na-

Chega Francisco Barreto a Tangere, donde conduz a duzentos Soldados.

Junta-se a Armada Portugueza com a Castelhana, e do numero dos navios, que a compunhaõ.

Funes, Chron. de la Rel. de S. Juan, part. 2. liv. 5. cap. 11.

e navegando com vento profpero chegou tres legoas diftante do Penhaõ, onde o General D. Garcia de Toledo chamou a confelho a todos os principaes Capitães, com os quaes conferio o modo mais facil, e feguro de executar aquella empreza, de que haviaõ refultar taõ gloriofas confequencias; e ouvida a conformidade dos votos, ordenou o General a Marcos Centuriaõ, Marquez de Eftepa, foffe com duas galés reconhecer fe eftava prefidiado o Caftello de Alcalá. Era a fua fituaçaõ fobre hum rochedo alto, e redondo, cuja raiz banhava o mar, tendo em quadro quatro torres, que o defendiaõ, e ornavaõ. Gloriava-fe de fer fundado pelo noffo Sereniffimo Monarcha D. Manoel, fervindo-lhe de porta para toda a Berberia; e depois de alguns annos eftar prefidiado, fe largou por fer inutil a fua confervaçaõ aos intereffes da noffa Coroa.

Conferem os Generaes a fórma da expugnaçaõ.

Herrera, Hift. Gener. del Mund. liv. 6. cap. 2.

CAPITULO II.

He acometido o Penhaõ pelas armas Catholicas, e depois de huma larga, e vigoroſa reſiſtencia he conquiſtado com perda de muitos barbaros. Agradece Filippe Segundo com hum generoſo donativo a Franciſco Barreto o heroico valor, que oſtentou na expugnaçaõ deſta Praça.

1564.

Encarrega o Governador de Argel a Cara Muſtafá o governo da Fortaleza do Penhaõ.

9 A Fama do apparato naval, que tinha armado Heſpanha, fortemente conſternou a toda a Africa, e para que naõ foſſe infeliz deſpojo de taõ formidavel poder, acudio promptamente Haſcen, Governador de Argel, guarnecer as principaes Praças com grandes preſidios, devendo-lhe o mayor cuidado o Penhaõ da Gomeira, para o que ordenou a Cara Muſtafá, Alcaide deſta Praça, levaſſe cem Turcos dos mais alentados com que ſe augmentaſſe a ſua guarniçaõ. Executou Cara Muſtafá eſta ordem, e naõ ſómente introduzio os novos Soldados, mas proveo a Praça de mantimentos, e munições para ſeis mezes, deixando por ſeu Tenente a Ferred Arraes renegado, em quanto elle com duas galeotas corria o Eſtreito de Gibraltar para ſaber porque parte navegava a Armada de Heſpanha. Antes que Muſtafá ſe recolheſſe

colheſſe a dar a noticia da Armada, a diviſaraõ os moradores de Velez, e preoccupados de hum extraordinario pavor deſampararaõ tumultuariamente a Cidade, buſcando para refugio das vidas as ſerras mais aſperas, e fragoſas. Conhecendo Ferred, que toda aquella machina militar navegava para a conquiſta do Penhaõ, começou com efficazes palavras a alentar o animo dos Turcos para que valeroſamente defendeſſem aquelles muros, que por duas vezes tinhaõ ſido combatidos, e nunca expugnados pelas armas Catholicas.

Apparece a Armada, e deſampararaõ os Mouros a Cidade de Velez.

10 Aviſado D. Garcia de Toledo pelo Marquez de Eſtepa de como eſtava deſerto o Caſtello de Alcalá, navegou com toda a Armada, e ſurgindo no lugar, em que no anno antécedente tinha ancorado D. Sancho de Leiva, mandou deſembarcar os Soldados, e petrechos neceſſarios para a expugnaçaõ, ſendo os primeiros, que ſaltaraõ em terra, D. Sancho de Leiva, D. Luiz Oſorio, e Chapino Viteli, Marquez de Catona. A eſte tempo começaraõ a apparecer alguns Mouros pelos cumes das montanhas, mas o General mandou com prudente cautela prohibir, que ninguem ſahiſſe ſem ſua licença, ainda que foſſe provocado, a contender com os inimigos, e o que ſe atreveſſe a executar o contrario, pagaria com a vida a tranſgreſſaõ do ſeu preceito. Ordenou mais, que huma compa-

Deſembarque dos Chriſtãos, que guarnecem diverſos poſtos.

Cabrera, Hiſt. de Filipe II. liv. 6. cap. 17.

companhia de arcabuzeiros preſidiaſſe o Caſtello de Alcalá, e que quatro companhias ſe alojaſſem na montanha, que olhava para o Meyo dia, e cinco na que eſtava ſituada ao Levante: ultimamente diſpoz, que o Conde Annibal com os Soldados Alemães guardaſſe os viveres, e munições para ſerem a ſeu tempo diſtribuidos, e que o Marquez de Eſtepa impediſſe todo o ſoccorro, que ſe intentaſſe introduzir por mar. Franciſco Barreto, e Fr. Joaõ Egio, que tinhaõ hido a Marbella conduzir as galés de Portugal, quando chegaraõ, e viraõ, que ſe tinha feito o deſembarque ſem a ſua aſſiſtencia, ſe moſtraraõ muito aggravados, juſtificando o ſeu ſentimento Franciſco Barreto com a falta da promeſſa, que lhe fizera D. Garcia de Toledo de deſembarcar toda a gente, que compunha a Armada ao meſmo tempo, e allegando D. Fr. Joaõ Egio o privilegio, que gozava a ſua Religiaõ de ſempre ſer a primeira em lançar gente em terra quando a expediçaõ era contra inimigos da Igreja. A taõ juſtificadas queixas ſatisfez promptamente D. Garcia de Toledo affirmando a hum, e outro General, que naõ fora voluntaria, mas urgente a acçaõ, que executara, pois como o mar ſe tinha furioſamente alterado, deſembarcara com toda a preſſa a gente, para que a empreza ſe naõ fruſtraſſe.

Sentimento de Franciſco Barreto, e do General de Malta, a que ſatisfaz D. Garcia de Toledo.
Ferrer. Hiſt. de Eſpan. part. 14. *n.* 19. *an.* 1564.

11 Reſolveraõ logo os Capitães, que para faci-

facilitar a conquista do Pinhaõ era necessario primeiro tomar a Cidade de Velez. Em observancia desta resoluçaõ marchou a tres de Setembro todo o Exercito dividido em dous esquadrões, precedendo a todos D. Joaõ de Villa-Real com toda a Cavallaria para descobrir pelos cumes, e faldas dos montes o caminho, por onde havia marchar o Exercito. Capitaneavaõ o primeiro esquadraõ D. Sancho de Leiva, D. Luiz Osorio, Fr. Joaõ Egio, e outros Cavalheros, aos quaes seguiaõ a Infantaria de Napoles, e de Malta, aos arcabuzeiros de que eraõ Capitães D. Pedro Gonçalves, e o Capitaõ Texada. O segundo esquadraõ era governado por Francisco Barreto, a quem assistiaõ todos os Cabos da gente de Portugal, Sicilia, Lombardia, e Castella. Marchava na retaguarda o Conde Annibal de Altemps com os Alemães, e outros Fidalgos Italianos. Tanto que a vanguarda do Exercito chegou ao alto da montanha de Velez sahiraõ varios Mouros armados de escopetas, com que feriraõ alguns Soldados, mas foraõ rechaçados com tanto brio pelos terços de Napoles, e Malta, que confusamente se retiraraõ com morte de muitos companheiros, naõ sendo bastante este choque para alterar a ordem da marcha do Exercito. Os Mouros estimulados da perda recebida investiraõ a retaguarda, a que presidia o Conde Annibal, o qual asses-

Marchaõ os Christãos a conquistar a Cidade de Velez. *Funes, Chron. de la Relig. de S. Juan, part. 2. liv. 5. cap. 11.*

Saõ derrotados muitos dos inimigos.

tando doze peças de campanha foy notavel o estrago, que com ellas lhes causou; porém os barbaros furiosos com esta derrota se empenharaõ em novo combate, a que foy preciso resistir Diogo Lopes de Siqueira, Tenente das galés de Portugal, e o Capitaõ Joaõ de Espuche com os seus Soldados, e depois de huma larga contenda cederaõ os Mouros destroçados com igual numero de mortos, que feridos.

Entraõ na Cidade vitoriosos os Christãos, que a achaõ desamparada.
Cabrera, Hist. de Filip. II. liv. 6. cap. 17.

12 O primeiro, que entrou na Cidade de Velez, foy Chapino Viteli, que a achou despejada de todos os seus moradores, e ainda que os Turcos dispararaõ varios tiros do Penhaõ, naõ fizeraõ o menor damno no Exercito, que se alojou dentro dos seus muros. O General D. Garcia de Toledo mandou examinar todos os contornos da Cidade para se prevenir de alguma emboscada, que lhe tivessem armado os inimigos; e sabendo, que sobre a montanha de Baba estava huma torre com alguma gente, expedio huma companhia, que logo por ella foy desalojada; e para que o Penhaõ naõ pudesse ser soccorrido por esta parte, levantou huma trincheira defendida por cinco companhias, e quatro peças de campanha. No alto, que olhava para o Levante, se acamparaõ duas companhias, e o que correspondia ao Poente estava fortificado por Francisco Barreto com as melhores esquadras Portuguezas, e desta sorte estavaõ fechados

Fortificações, com que os Generaes seguraõ a campanha.

chados todos os paſſos, naõ podendo os inimigos cauſar damno ao Exercito, nem introduzir ſoccorro na Fortaleza. O Alcaide de Fez depois de ter obſervado o formidavel poder, que tinha marchado contra o Penhaõ, aviſou promptamente ao Xarife da oppreſſaõ, a que eſtava reduzido, vendo-ſe cercado por mar, e terra de inimigos taõ poderoſos, e valentes. Com eſta noticia ordenou o Xarife aos ſeus Alcaides, e Xeques, que ſem dilaçaõ aliſtaſſem a gente, que pudeſſem, e marchaſſem a Velez, aonde mandaria a ſeu filho Almançor com todos os Fidalgos da ſua Caſa para lhe ſerem companheiros ou na gloria de vitorioſos, ou na deſgraça de vencidos. Eſte apparato militar, preparado pelos inimigos, obrigou a D. Garcia de Toledo a mandar levantar hum baſtiaõ na praya, ſobre o qual ſe plantaraõ doze peças de artilharia, com que ſe deu principio à bataria do Penhaõ, quando ao meſmo tempo o galeaõ de Portugal, e outras muitas galés inceſſantemente diſparavaõ huma inundaçaõ de tiros contra os muros da Fortaleza.

Principiaõ-ſe as batarias contra a Fortaleza.

13 D. Garcia querendo uſar antes da benevolencia, que do rigor, mandou a hum Capitaõ, que fallava expeditamente a lingua Turqueſca, com huma bandeira branca dizer a Ferred, Governador do Penhaõ, que entregaſſe aquella Fortaleza violentamente uſurpada à Co-

Propoſta, que faz D. Garcia de Toledo a Ferred, Governador do Penhaõ.

roa de Heſpanha, promettendo concederlhe todas as conveniencias, que podia deſejar, e naõ ſe expor pela ſua contumacia a experimentar o ultimo caſtigo, que aos rebeldes coſtumaõ preſcrever as leys da guerra. A eſta propoſta reſpondeo o barbaro com atrevida vaidade, ſegurando, que havia de conſervar aquelles muros em o dominio do Graõ Senhor até o ultimo inſtante da vida, pois além da fidelidade jurada, com que promettera defender aquella Praça, era inexpugnavel pela ſituaçaõ, e ainda muito mais pelos valeroſos Soldados, que a preſidiavaõ. Naõ acabou D. Garcia de ouvir eſta repoſta, quando mandou continuar a bataria contra a Fortaleza. Neſte tempo foy acometido o Capitaõ D. Franciſco Zapata por trezentos Mouros, cujo impeto ajudou a rebater o Capitaõ Texada, obrigando a voltarem as coſtas com morte de trinta, e de cem feridos. A bataria do baſtiaõ fazia tal eſtrago na Fortaleza, que naõ ſómente deſcavalgou tres peſſas, mas derrubou duas torres com grande parte da muralha. Differente effeito faziaõ as balas inimigas, pois diſparadas em grande copia contra a Armada, naõ lhe cauſavaõ o menor eſtrago. Conhecendo os Turcos ſer irreparavel a ruina cauſada pela noſſa artilharia ſe começaraõ a preoccupar de medo, e tanto que chegou a noite foraõ deſcançar do trabalho daquelle dia, dei-

Arrogancia, com que o barbaro lhe reſponde.

Eſtrago, que fazem as noſſas batarias.

xando

xando sómente trinta homens de guarda.

14 Por conselho de todos os Capitães ordenou D. Garcia, se levantasse outra bataria sobre huma penha, que estava tiro de mosquete da Fortaleza, e commettendo-se esta operação a Rodrigo Clavijo, e Francisco de Molina, sendo sentidos pelos Mouros quizeraõ impedilla disparando multiplicados tiros, mas naõ foy poderosa toda esta opposiçaõ para que se naõ continuasse, e conseguisse o intento de D. Garcia. Desesperados os Turcos de serem soccorridos, determinaraõ abandonar o Castello descendo pela parte, que cahia para o mar, porém Ferred os animava propondo-lhes o juramento, que tinhaõ feito de antes perder a vida, do que entregar aquella Fortaleza; porém como estavaõ reduzidos à ultima oppressaõ, naõ attendendo às vozes do seu Capitaõ começaraõ a sahir da Fortaleza com tal precipitaçaõ, que a mayor parte delles passou a nado por lhe ficar muito proxima a terra. O Alcaide Ferred vendo, que sem Soldados naõ podia conservar a Praça, valendo-se de hum engano, com que segurou a treze, que sómente estavaõ nella, que hia conduzir gente para se defender, se ausentou deixando-os expostos à violencia dos vencedores. Recebeo logo aviso D. Garcia por hum renegado de como a Fortaleza estava desamparada, e que para se senhorear della o estavaõ com impaciencia

Levanta-se nova bataria contra a Fortaleza.

Desampara a mayor parte da guarniçaõ a Fortaleza.

Foge o seu Governador.

paciencia esperando alguns Mouros, que por naõ saber nadar, ainda se conservavaõ dentro dos seus muros. Duvidou D. Garcia desta noticia parecendo-lhe ser mentirosa, e como prudente Capitaõ mandou a Joaõ André Doria, e a D. Guilhen Rocaful para que o informassem da certeza. Ao tempo, que estes dous Capitães chegaraõ às muralhas da Fortaleza, lhes sahio hum Turco Alferes pedindo-lhes queria fallar ao General, e alcançada licença passou aonde estava D. Garcia, a quem disse estava resoluto entregarlhe aquella Praça com a condiçaõ, que haviaõ sahir com as armas, e fazendas, que nella tinhaõ. D. Garcia lembrado da contumás soberba, com que desprezaraõ a clemencia, que com elles quizera usar antes da expugnaçaõ, lhes negou a liberdade, e sómente lhes concedeo as vidas.

Concede D. Garcia de Toledo as vidas aos Soldados, que ficaraõ na Fortaleza, onde entra com grande applauso.
Ilhescas, Hist. Pontif. part. 2. liv. 6. cap. 31. fol. 343.
Baudoin, Hist. del Ord. de S. Juan de Hyer. liv. 16. cap. 5.

15 Abertas as portas da Fortaleza entrou o Capitaõ D. Joaõ de Sanoguera com cincoenta Soldados, e se tomou posse della, onde se acharaõ vinte e cinco peças de artilharia, e grande copia de petrechos, e mantimentos. Em 6. de Setembro subiraõ ao Castello D. Garcia de Toledo, Francisco Barreto, D. Fr. Joaõ Egio, D. Alvaro Bazan, os Generaes das galés de Saboya, e Florença; os Condes de Cifuentes, e Lerma, D. Luiz Osorio, D. Sancho de Leiva, D. Fradique do Carvajal, e o Marquez de Este-

Eſtepa com os Capitães, e Cavalleiros, que voluntariamente tinhaõ concorrido a eſta empreza, ſendo em todos geral o aſſombro de que ſe ganhaſſe huma Praça taõ inexpugnavel pelo ſitio, como pelos defenſores. D. Garcia deu quatro eſcravos Turcos a Franciſco Barreto, e diſtribuhio os outros entre os Generaes. Logo aviſou a Filippe Segundo da felicidade deſte ſucceſſo por D. Franciſco Eraſo, que atraveſſando em huma chalupa até Malaga chegou pela poſta a Madrid. Em 8. de Setembro, dedicado ao Naſcimento de Maria Santiſſima, ſe celebrou a expugnaçaõ deſta Fortaleza com todo o genero de inſtrumentos militares, trocado o horror em alegria, e o eſtrago em jubilo, e contentamento. Mandou o General reparar com ſumma brevidade as ruinas feitas pela artilharia na F[illegible]rtaleza, e nomeou por ſeu Governador ao Capitaõ Diogo Peres Arnalte com trezentos Soldados para ſua guarniçaõ, e quarenta artilheiros.

Celebra-ſe eſte ſucceſſo com plauſiveis eſtrondos.

Ferrer. Hiſt. de Eſpan. part. 14. *an.* 1564. *n.* 31.

16 Sentidos os Mouros com a perda deſta importante Praça, deſceraõ furioſamente de huma montanha novecentos entre infantes, e cavallos, e acometeraõ aos Soldados, que eſtavaõ na praya. Para rebater eſta improviſa invaſaõ ſahio com heroico brio o Capitaõ Bartholomeu de Miranda, e ſe começou a travar hum horrivel combate, que durou por eſpaço de tres horas,

Combate dos Mouros, em que ſahem deſtruhidos.

horas, até que naõ podendo os barbaros lograr o ſeu intento, ſe retiraraõ deſordenadamente com eſtrago de trinta mortos, e cem feridos. Naõ eraõ baſtantes tantas vitorias para deſenganar aos inimigos da pertinacia, com que queriaõ triunfar das armas Catholicas, antes o meſmo eſtrago os eſtimulava a experimentar outro mayor. Ao tempo, que ordenara D. Garcia de Toledo que ſe demoliſſem os muros de Velez, e a gente toda ſe embarcaſſe, mil e quinhentos Mouros, que eſtavaõ eſpalhados pelos montes, ſe uniraõ em hum corpo, e inveſtindo a trezentos arcabuzeiros, que governava D. Luiz Oſorio, os deſordenaraõ de ſorte, que foy preciſo a D. Lope Figueiroa, o Marquez de Ardalles, e outros Cavalleiros ſahir a vingar aquelle inſulto com tanto valor, que repentinamente voltaraõ os Mouros as coſtas. Acudio a ſoccorrellos o Alcaide de Fez, e ſe renovou o combate; porém foraõ rechaçados taõ fortemente por D. Diogo de Cordova, e D. Sancho de Leiva, que foraõ totalmente deſtruhidos. Neſte recontro cahio mortalmente ferido de huma bala D. Luiz Oſorio, cuja morte foy geralmente ſentida. Os Mouros largaraõ o campo com perda de duzentos Soldados, e entre elles muitos Xeques, e trezentos feridos.

Segundo combate, e ſegunda vitoria dos Chriſtãos.

17 Foy inexplicavel o applauſo, com que toda Heſpanha ſolemnizou a fauſta noticia da conquiſ-

conquiſta do Penhaõ, por ſe ter glorioſamente recuperado de hum dominio igualmente perfido, que injuſto, ſendo participante da mayor parte deſta gloria o coraçaõ de Filippe Prudente, julgando, que eſtabelecia mais firmemente a antonomaſia de Catholico, quando ſe empenhava na extinçaõ dos inimigos da Cruz; e para que fizeſſe patente a todo o Mundo o jubilo, que concebera com a felicidade deſta empreza, mandou explicar a eſtimaçaõ, que fizera de ſe ter taõ felizmente conſeguido a todos os Generaes, e Capitães, que foraõ heroicos inſtrumentos de facçaõ taõ grande, exaltando o valor, e prudencia, com que tinhaõ executado as ſuas ordens. Singulares foraõ as demonſtrações, que uſou eſte magnanimo Monarcha com Franciſco Barreto, querendo que claramente ſe conheceſſe, que aſſim como ſe tinha diſtinguido de todos no valor, elle o ſingularizava na gratificaçaõ. Mandou eſte generoſo Principe retratarſe em huma medalha de ouro, onde o primor do pincel excedeo a precioſidade do metal, a qual pendente de huma groſſa cadea elegantemente fabricada a remeteo a Franciſco Barreto com a carta ſeguinte, em que cada clauſula ſerá em toda a poſteridade hum eterno padraõ da gloria deſte General, e hum immortal Obeliſco da benevolencia de taõ grande Monarcha.

Eſtimaçaõ, que fez Filippe II. da conquiſta deſta Fortaleza.

Inexplicavel honra, com que gratificou a Franciſco Barreto o valor, que oſtentou neſta empreza.

Copia da carta, que lhe eſcreveo.
Couto, Decad. 9. da Hiſt. da Ind. cap. 23.

18 „ El buen ſuceſſo de la empreza del Peñon yo lo pongo más a vueſtra fortuna, que „ a mi potencia; ſiempre le eſperé tal, como „ eſtava certificado, que hiva D. Garcia de To„ ledo ayudado de vueſtro favor; y al trabajo, „ que en ello tuvieſtes, os agradeſco mucho, y „ os quedo por el en mucha obligacion, y no „ ſupe al preſente con que os lo poder agrade„ cer, y remunerar alguna pequeña parte dél, „ ſi nó con os mandar un retrato de mi perſona „ con una cadena, para que con ella me ten„ gaes prezo todos los dias de vueſtra vida pa„ ra lo que de mi os cumpliere. De Madrid, „ &c.

CA-

CAPITULO III.

Publica-ſe na Cathedral de Lisboa a Bulla da concluſaõ do Concilio de Trento, a cujo acto aſſiſte ElRey D. Sebaſtiaõ, mandando a todo Reyno, e Conquiſtas, que ſe obſervem os ſeus Decretos, e o meſmo perſuade a ElRey de Congo. Parte por ordem do meſmo Principe Ayres Cardoſo para Inglaterra a tratar huma negociaçaõ importante às conveniencias da Monarchia.

1564.

19 CHegou a Lisboa com a Bulla da publicaçaõ a deſejada noticia da concluſaõ do Concilio de Trento, e pareceo ſer myſterio, o que podia ſer acaſo, que ao meſmo tempo que em Africa ſe eſtava celebrando a vitoria alcançada dos infieis com a conquiſta do Penhaõ, ſe ſolemnizaſſe em a mais famoſa Cidade da Europa, qual era a Capital deſte Reyno, outro mayor triunfo conſeguido pela Religiaõ Catholica da proterva contumacia dos hereges. Publicou-ſe a Bulla em 7. de Setembro, Veſpera do Naſcimento da Mãy de Deos, em a Cathedral na preſença auguſta del-Rey D. Sebaſtiaõ, o Cardeal D. Henrique, o Arcebiſpo, e toda a Nobreza da Corte. Eſte

Solemnidade, com que ſe publicou a Bulla da concluſaõ do Concilio de Trento.

acto se fez mais plausivel com o Sermaõ, que prégou o Doutor Antonio Pinheiro, exaltando com elegante energia o ardente zelo, com que o nosso Principe concorrera para se concluir taõ sagrada empreza, de que eraõ importantes consequencias a refórma dos costumes, a extinçaõ dos abusos, a observancia dos Sagrados Canones, a veneraçaõ ao Santuario de Christo, a obediencia aos seus Vigarios, e a ruina, e abatimento dos antegonistas da Igreja Romana. Concluhiose esta solemnidade com a Procissaõ, que discorreo pela mesma Cathedral, e no dia seguinte se publicou a Bulla por todas as Igrejas da Cidade com applaúso universal.

Ordena ElRey D. Sebastiaõ, que se observem em todo o Reyno, e Conquistas os Decretos do Concilio.

20 Para demonstraçaõ da profunda obediencia, com que ElRey D. Sebastiaõ recebera todas as determinações decretadas neste Sagrado Concilio, escreveo cartas circulares naõ sómente a todos os Prelados do Reyno, mas ainda aos das Conquistas para serem promptos executores dos Decretos do Concilio nas suas Diocesis, admirando-se nas quatro partes do Mundo a zelosa piedade, com que este Principe queria que a pureza da sua Fé excedesse a vastidaõ dos limites do seu Imperio, naõ lhe podendo entibiar taõ intenso ardor nem o clima mais frio, nem a distancia mais remota. Ainda foraõ mayores as significações do seu Catholico zelo, pois naõ satisfeito de ordenar a exacta observancia dos

Decre-

Decretos do Concilio aos que lhe eraõ inferiores pela vaſſallagem, ſe reſolveo perſuadir aos que lhe eraõ iguaes na ſoberania ſacrificaſſem em obſequio da Religiaõ todas as maximas politicas, que os podiaõ diſſuadir da rendida obediencia às determinações do Sagrado Concilio, fazendo com a ſua aceitaçaõ, que a Fé glorioſamente ſe exaltaſſe, e a heregia totalmente ſe extinguiſſe. Deſte religioſo cuidado ſeja indelevel teſtemunha a carta, que eſcreveo a ElRey de Congo, cujo theor he o ſeguinte.

Copia da carta delRey D. Sebaſtiaõ a ElRey de Congo, em que o perſuade a receber as diſpoſições do Concilio de Trento.

21 „Muito alto, e muito excellente Principe Irmaõ. Eu D. Sebaſtiaõ por graça de „Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, &c. „O Santo Padre Pio IV. noſſo Senhor me enviou a Bulla da confirmaçaõ do Santo Concilio Tridentino, em que ſe conthem toda a „doutrina da noſſa Santa Fé Catholica, e de „todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, „e muitas outras determinações neceſſarias à reformaçaõ dos coſtumes, e de grande ſerviço „de Noſſo Senhor; a execuçaõ das quaes todos „os Fieis Chriſtãos, e principalmente os Reys „Catholicos eſtaõ obrigados, como pelo dito „Concilio lhes he mandado, confórme a qual „obrigaçaõ eu recebi a dita Bulla, e os Decretos do dito Concilio com ſolemne, e devota „Prociſſaõ, e na Sé deſta Cidade com toda minha Corte dey graças a Deos Noſſo Senhor por

,, por taõ grande merce, e se celebrou na dita
,, Sé Missa solemne, em que houve Sermaõ, e
,, se leo, e publicou a dita Bulla; e porque te-
,, nho especial obrigaçaõ ao bem espiritual, e tem-
,, poral desses Reynos de Congo, me pareceo
,, bem escrevervos com a Bulla, e Decretos do
,, dito Concilio, que vos envio, o modo, que
,, cá se guardou na publicaçaõ delles, e o cui-
,, dado, e zelo, com que os dou à sua devida
,, execuçaõ, e encommendarvos, como encom-
,, mendo muito a guarda, e observancia do di-
,, to Concilio, sobre o que tambem vos escre-
,, verá mais largo o Bispo de S. Thomé, como
,, Prelado que he desses Reynos de Congo,
,, para que em tudo o que tocar à vossa obriga-
,, çaõ o comprirdes, e fazerdes guardar, e cum-
,, prir em todos vossos Reynos, e Senhorios co-
,, mo sois obrigado. Rey muy excellente, Prin-
,, cipe Irmaõ; Nosso Senhor haja sempre vossa
,, pessoa, e Real estado em sua santa guarda.
,, Escrita em Lisboa 2. de Outubro de 1564.

O Cardeal Infante.

Parte para Inglaterra Ayres Cardoso.

22 Neste anno partio por ordem delRey para Inglaterra Ayres Cardoso a tratar huma negociaçaõ, que era muito util às conveniencias desta Monarchia, e para facilitar a sua conclusaõ escreveo o nosso Principe a D. Diogo de Gusmaõ da Sylva, Embaixador de Castella naquella Corte, para que protegesse a Ayres Cardoso

doſo em o negocio, a que o mandava, confiando do ſeu grande talento o havia de zelar como ſe fora do ſeu Soberano. A carta era a ſeguinte.

Carta delRey para o Embaixador de Caſtella na Corte de Inglaterra.

23 „ D. Diogo de Guſmaõ da Sylva. Por „ cartas de Joaõ Pereira Dantas meu Embaixa„ dor na Corte de França, e de Ruy Mendes, „ que em Anvers faz as couſas de meu ſerviço, „ tenho entendido o deſejo, e affeiçaõ, que moſ„ traes para todas as couſas de meu ſerviço, e „ como os aviſaes de tudo, o que parece, que „ a elle compre, de que recebo muito prazer, „ e vo lo agradeço muito, e diſſo terey muita „ lembrança para vo.lo moſtrar no que ſe offe„ recer, e com razaõ me requererdes; muito vos „ rogo, que o queiraes aſſim ſempre continuar, „ porque além delRey meu tio ſe haver diſſo „ por muito ſervido de vós por as ſuas couſas, „ e as minhas ſerem humas meſmas, naõ me eſ„ quecerey eu da obrigaçaõ em que vos por iſ„ ſo fico. Ayres Cardoſo, que eſta vos dará, „ vay ao negocio, que vereis, o qual lhe man„ dey, que com voſco communicaſſe, porque „ confio, que aſſi o tratareis, e o ajudareis co„ mo ſe fora proprio delRey meu tio. Rece„ berey de vós muito prazer quererdelo tratar „ como couſa minha, e dardeslhe ordem como „ poſſa fallar à Rainha, e entender o mais a que „ principalmente o mando, e porque o dito Ay-
res

„ res Cardoſo vos fallará àcerca diſto mais largo;
„ a elle me remetto, &c.

Materia, de que conſtava a negociaçaõ, que foy tratar Ayres Cardoſo.

24 Conſtava eſta negociaçaõ, em que repreſentaſſe Ayres Cardoſo da parte do noſſo Principe à Rainha de Inglaterra como tivera noticia de que nos ſeus portos ſe tinhaõ carregado dez navios de varios generos de mercadorias para irem commutar por outros generos à coſta da Mina, e de Guiné; e ſendo eſtas terras da ſua Conquiſta, e demarcaçaõ, lhe parecera dar a S. Alteza noticia daquelle procedimento para que logo o impediſſe, pois naõ devia permittir, que pelo intereſſe particular ſe rompeſſe a antigua amiſade, que Portugal ſempre conſervara com Inglaterra; quando os lucros, e conveniencias, que podiaõ reſultar daquelle commercio, eraõ devidos aos ſeus Vaſſallos, cujos aſcendentes com o ſangue, e as vidas lhe tinhaõ alcançado aquella Conquiſta.

25 Recommendou ElRey a Ayres Cardoſo, que depois de fazer eſta repreſentaçaõ à Rainha, obſervaſſe com grande diſſimulaçaõ, e cautela o numero dos navios: as Abras, e Bahias, onde ſe preparavaõ: a gente, munições, e artilharia, de que hiaõ guarnecidos: quem eraõ as peſſoas principaes, que nos ditos navios eraõ intereſſadas: de que grandeza, e tonelladas eraõ: ſe a gente, que os guarnecia, era paga pela Rainha, ou pelos Capitães das meſmas embarcações: e ſe dentro

tro levavaõ materiaes para fabrica, e conſtrucçaõ de alguma Fortaleza, querendo ſer de tudo individualmente informado. Na fórma, que o deſejava ElRey, o executou felizmente Ayres Cardoſo, e attendendo a Rainha de Inglaterra à juſtificada repreſentaçaõ do noſſo Principe, mandou com ſeveras penas prohibir, que nenhum dos ſeus Vaſſallos navegaſſe com mercancias para algum dos portos das Conquiſtas de Portugal, e com eſta prohibiçaõ ſe conſervou inalteravelmente a amiſade, que havia entre huma, e outra Coroa.

Conſegue-ſe felizmente a negociaçaõ.

CAPITULO IV.

Auſenta-ſe queixoſo o Senhor D. Antonio para Caſtella, onde expoem a Filippe Prudente as cauſas da ſua partida. Interpoem eſte Monarcha a ſua authoridade com ElRey D. Sebaſtiaõ, e como ſe compoz eſta diſcordia. Parte por ordem deſte Principe D. Jeronymo de Ataide dar os peſames ao Emperador Maximiliano II. pela morte de ſeu pay Fernando Primeiro.

26 O Senhor D. Antonio, contra quem fatalmente ſe conſpirou a fortuna diſpondo que o indiſcreto odio do Cardeal D. Henrique, e a inſaciavel ambiçaõ de Filippe Pru-

1564.

dente o deſpojaſſem da Coroa, que lhe promettia o ſeu alto naſcimento, foy filho do Sereniſſimo Infante D. Luiz, e neto do auguſtiſſimo Monarcha D. Manoel. Querendo ſeu pay, que foſſe unicamente herdeiro das ſuas heroicas virtudes o mandou aprender os primeiros rudimentos no Convento da Coſta, ſituado em a celebre Villa de Guimarães, donde paſſados alguns annos ſe transferio no de 1548. a Coimbra para continuar naõ ſómente o eſtudo das Humanidades, mas o da Filoſofia no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, onde teve por condiſcipulos, e emulos do ſeu raro talento a D. Fulgencio, e a D. Theotonio, filhos do Duque de Bragança D. Jayme. Em huma, e outra Paleſtra, em que reverberavaõ as luzes dos dous mayores Aſtros da Igreja Jeronymo, e Agoſtinho recebeo os documentos mais uteis, e neceſſarios tanto para a cultura do entendimento, como para a inſtrucçaõ do eſpirito. Na pureza da lingua Latina, e noticia das letras humanas ſahio taõ perfeitamente conſummado, que era applaudido por inſigne Poeta, e elegante Orador, compondo verſos com affluencia, e ſuavidade; recitando Orações, em que a efficacia da repreſentaçaõ competia com a energia da eloquencia, ſendo neſte genero eterno teſtemunho do ſeu admiravel engenho a que proferio em Coimbra em louvor do primeiro Monarcha Portuguez

Creaçaõ, e primeiros eſtudos do Senhor D. Antonio.

tuguez D. Affonſo Henriques, merecendo ter por ouvintes, e admiradores as Mageſtades de D. Joaõ o III. e D. Catharina, quando com o Principe D. Joaõ, e a Infanta D. Maria, ultima filha delRey D. Manoel, foraõ em 6. de Novembro de 1550. viſitar a Univerſidade.

Eſtuda Filoſofia, e recebe o grao de Meſtre em Artes
D. Nicul. de Sant. Maria, Chron. dos Coneg. Reg. liv. 10. cap. 9. n. 5.

27 Naõ menor perſpicacia manifeſtou na penetraçaõ das ſubtilezas da Logica, e Metafyſica, recebendo em 5. de Mayo de 1551. com geral acclamaçaõ, e magnifica ſolemnidade de toda a Athenas Portugueza o grao de Meſtre em Artes. Para aprender os profundos, e Sagrados Myſterios da Theologia o mandou ſeu pay acompanhado do ſeu Eſtribeiro môr Franciſco Figueira a Evora, onde reſidia o Cardeal D. Henrique, o qual elegeo ao inſigne Varaõ Fr. Bartholomeu dos Martyres, credito da Religiaõ Dominicana, e eſplendor da Mitra Primacial de Braga, para que inſtruiſſe a ſeu ſobrinho com a noticia de taõ alta Faculdade, ſendo o principal deſvelo de taõ famoſo Meſtre illuſtrar o entendimento, e inflammar a vontade do diſcipulo para que naõ ſómente conheceſſe, mas finamente amaſſe ao Divino Objecto daquella Sagrada Sciencia. O admiravel progreſſo, que D. Antonio fez nas letras humanas, e Divinas impellio a ſeu pay para o deſtinar a que ſeguiſſe a vida Eccleſiaſtica, eſperando que com o exercicio das virtudes aprendidas de taõ ſublimes Meſ-

Na Cidade de Evora aprende Theologia, ſendo ſeu Meſtre Fr. Bartholomeu dos Martyres.
Souſa, Vid. de D. Fr. Barthol. dos Mart. liv. 1. cap. 4.

tres ſe conſtituhiria hum perfeito exemplar do Eſtado Clerical. Em obſequio deſte preceito ſacrificou D. Antonio nas aras da obediencia a vontade propria, recebendo as Ordens Sacras, que lhe conferio ſeu tio o Cardeal D. Henrique; porém como a inclinaçaõ natural eſtimulada do heroico exemplo de ſeus Reaes progenitores o arrebataſſe a ſeguir as armas, determinou reſolutamente naõ receber a Ordem do Presbyterado, ainda que foy com fortes inſtancias perſuadido pelo Cardeal D. Henrique, moſtrando com eſta repugnancia, que naõ abraçara o Eſtado Eccleſiaſtico por eleiçaõ propria, mas alhea.

Seu pay o Infante D. Luiz o inclina ao Eſtado Eccleſiaſtico, e recebe Ordens Sacras.

28 Contava vinte e quatro annos de idade quando ſeu Sereniſſimo pay paſſou em 27. de Novembro de 1555. a lograr a Coroa alcançada pelos ſeus merecimentos muito mais precioſa, e permanente do que aquella, que lhe negou a fortuna; e ſendo juſto, que a morte de hum Principe, digno da immortalidade, o deſenganaſſe a deſprezar o caduco, e anhelar ao eterno, começou a viver taõ licencioſamente, que manchava com eſcandalo da modeſtia, e injuria do ſeu eſtado todas as acções da ſua vida, por cuja cauſa ſe fez taõ aborrecido do Cardeal ſeu tio, acerrimo zelador da diſciplina Eccleſiaſtica, que lhe negou o Arcebiſpado de Evora como indigno de tal Dignidade pela diſſoluçaõ dos ſeus coſtumes, e o proveo em D. Joaõ de Mello, Biſ-

Andrad. Chron. delRey D. Joaõ III. part. 4. cap. 115.

O Cardeal D. Henrique lhe nega o Arcebiſpado de Evora.

po

po do Algarve. Naõ pode o ardente eſpirito de D. Antonio diſſimular eſta repulſa, que elle julgou por grave afronta; e accumulando mayores motivos à ſua queixa ſe auſentou occultamente para Caſtella, e chegando à preſença de ſeu primo Filippe Prudente lhe repreſentou efficazmente as urgentes cauſas, que o moveraõ a deixar o Reyno, e buſcar na ſoberana protecçaõ de taõ grande Monarcha deſafogo às injurias, que tinha prudentemente tolerado, e injuſtamente recebido de ſeu tio o Cardeal D. Henrique, ſendo as principaes permittir, que ſeu ſobrinho D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, lhe preferiſſe no aſſento das Cortes celebradas no anno de 1557. a generoſa renuncia, que fizera da herança do Infante ſeu pay, ſem ter até aquelle tempo recebido alguma compenſaçaõ equivalente, com que pudeſſe ſuſtentar decentemente a grandeza do ſeu naſcimento; as repetidas ſupplicas, authorizadas com a intervençaõ do douto, e virtuoſo Varaõ Fr. Luiz de Granada, para que o Cardeal D. Henrique permittiſſe, que o Papa o diſpenſaſſe na mudança do habito Clerical, que conſtrangido recebera, no militar de S. Joaõ de Malta, cuja ordem profeſſara como Prior do Crato.

Auſenta-ſe para Caſtella, e expoem a Filippe II. as cauſas da ſua partida.
Ferrer. Hiſt. de Eſpan. part. 14. an. 1565. n. 57. e 58.

29 Ao tempo, que D. Antonio eſtava propondo eſtas queixas a ElRey Filippe ſe rompeo em Portugal a noticia de que tinha occultamente

te

te partido para Caſtella, e foy notavel a conſternaçaõ, que cauſou eſta auſencia por ſer de huma peſſoa de taõ alta Jerarchia. Para evitar o progreſſo deſta reſoluçaõ effeituada pela precipitada inconſideraçaõ de hum animo deſcontente, expedio logo ElRey a Franciſco de Sá, Capitaõ da ſua Guarda, ſeu Camereiro môr, e depois Conde de Mattoſinhos, a quem encommendou, que com ſumma diligencia, e naõ menor brevidade buſcaſſe a D. Antonio, e em qualquer parte que o achaſſe lhe entregaria aquella ſua carta, cujas clauſulas eraõ as ſeguintes.

Expede ElRey D. Sebaſtiaõ a Franciſco de Sá com huma carta para que o Senhor D. Antonio naõ proſiga a ſua jornada.

Copia da carta.

30 „ D. Antonio Tio. Agora ſoube como „ partiſtes Sabbado paſſado do Bom Jardim com „ tençaõ de vos hirdes fóra deſtes Reynos, de „ que recebi o deſcontentamento, que he razaõ, „ vendo que naõ ſómente vos eſqueceis com tal „ obra de cujo filho ſois, mas da obrigaçaõ, que „ me tendes, como meu Vaſſallo, a quem ſem„ pre moſtrey em todas as couſas muito boa von„ tade, e porque ſempre a queria conſervar lem„ brandome do divido, que comigo tendes, e „ dos grandes merecimentos do Infante voſſo pay, „ que Santa gloria haja, deſejando atalhar a que „ hum filho ſeu ſe naõ perca, houve por bem „ mandarvos por Franciſco de Sá do meu Con„ ſelho, e Capitaõ da minha Guarda com eſta „ minha carta, pela qual vos mando expreſſamen„ te, que donde quer que vós a receberdes, naõ

paſſeis

„ passeis mais adiante, e vos torneis logo ao vosso Priorado, donde naõ sahireis sem meu especial mandado, o que tudo vos mando, que cumpraes, e façaes sob pena de caso mayor, e em tudo que vos fallar da minha parte mais largo o dito Francisco de Sá a elle me remeto, e vos rogo, que em tudo que elle dizer lhe dareis credito como amim mesmo, &c.

31 Com esta carta levou Francisco de Sá huma instrucçaõ, que constava de algumas advertencias, com que o affecto delRey queria conciliar o animo de D. Antonio, e para que naõ rompesse em algum excesso digno do seu nascimento lhe lembrava o esclarecido pay, que o gerara, cuja saudosa memoria lhe serviria de perpetuo estimulo para conformar as acções da sua vida pelas obrigações do seu Estado, sendo a integridade dos seus costumes hum espelho clarissimo, onde emendassem os defeitos todos os subditos, que elle espiritualmente regía, ou temporalmente mandava. Sobre tudo fosse o seu principal desvelo pagar as suas dividas, para cuja satisfaçaõ era superabundante a quantia de nove contos de renda, de que agora lhe fazia merce, serenando por este modo a sua consciencia dos graves escrupulos, que a inquietavaõ. Propoz com prudente efficacia Francisco de Sá estas advertencias a D. Antonio, que elle ouvio attenta, e benevolamente, mas ainda que protestou com

Advertencias, que ElRey manda fazer a D. Antonio.

Avista-se D. Francisco de Sá com o Senhor D. Antonio, e o naõ pode persuadir a que se restitúa ao Reyno.

com obſequioſas expreſſões a obediencia, que devia a ElRey como ſeu Principe, eſtava de tal ſorte eſcandalizado de ſeu tio o Cardeal D. Henrique, que ſe naõ reſolveo voltar para o Reyno, até ſe lhe naõ dar ſatisfaçaõ dos aggravos, que contra o decóro da ſua peſſoa tinha recebido.

Queixa-ſe ElRey a D. Franciſco Pereira do Senhor D. Antonio.

32 Eſtimulado ElRey da deſobediencia de D. Antonio repreſentou a D. Franciſco Pereira, ſeu Embaixador em Madrid, a juſtificada queixa, que tinha da precipitaçaõ, com que ſe auſentara para aquella Corte, merecendo por eſta acçaõ, indecoroſa ao ſeu naſcimento, hum daquelles caſtigos, com que ſe ſatisfazem os Principes aggravados. O Embaixador para de algum modo abrandar a indignaçaõ delRey contra os exceſſos de D. Antonio lhe eſcreveo a ſeguinte carta.

Repoſta, que lhe mandou D. Franciſco Pereira, copiada da Original, que eſtá na Torre do Tombo, Almario 15. Maſſo 4.

33 „Senhor. Na carta de 29. me falla V. „Alteza no eſtado em que eſtá o Senhor D. An„tonio, filho do Infante meu Senhor, que eſté em „gloria. Naõ poſſo negar, que tudo o que V. „Alteza me diz delle ſaõ lançadas, que me che„gaõ ao coraçaõ, porque iſto devo eu ao mui„to amor, que me ſeu pay tinha, e quaõ de „veras ſempre tratou de mim, e de meu ſervi„ço, naõ poſſo mais fazer, que ſofrer eſta dor „com o ſentimento, que he razaõ, e com ella „guardarey o que me V. Alteza manda, e naõ

pode-

„ poderey deixar de lhe pedir lhe perdoe, e o
„ tome ao quicio de voſſo ſerviço, e lhe faça a
„ merce, que filho de tal pay merece, o qual
„ nunca deve eſquecer a eſſa terra, e os benefi-
„ cios, que delle recebeo com taõ pouca oppreſ-
„ ſaõ della como ſe tem viſto, e muy differente
„ doutros Principes, que em tempos paſſados nel-
„ la houve. Muy deſcontente eſtou de o Voſ-
„ ſa Alteza naõ mandar prender dentro nos ſeus
„ Paços, e caſtigallo, ſe o merecia, porque naõ
„ vieſſe por terras eſtranhas dando que fallar às
„ gentes, e lançando-ſe juizos, que he muito con-
„ trario, do que convem a voſſo ſerviço, poſto
„ que a culpa toda ſeja ſua, mas ſempre V. Al-
„ teza ficará com tanta pena, como he razaõ de
„ ver hum filho do Infante voſſo tio a que ſe
„ tantas obrigações tinhaõ andar peregrinando pe-
„ lo Mundo, pelo que ainda agora me affirma-
„ ria, que V. Alteza o devia mandar enterter
„ onde eſtiver, e fazerlhe a merce, que lhe tem
„ promettida, pois vê, que o que tem he im-
„ poſſivel baſtarlhe. V. Alteza me perdoe pelo
„ amor de Deos fallarlhe taõ apreſionadamente
„ no Senhor D. Antonio, porque aſſi pela obri-
„ gaçaõ, que tenho a voſſo ſerviço, como pelas
„ razões, que tenho ditas por filho de ſeu pay,
„ nem pude deixar de o fazer. Noſſo Senhor a
„ vida de V. Alteza por muitos annos guarde,
„ e ſeu Real eſtado accreſcente como ſeus cria-

,, dos deſejamos. De Madrid a 5. de Agoſto
,, de 1564. D. Franciſco Pereira.

Manda Filippe II. a D. Chriſtovaõ de Moura para pacificar eſta diſcordia.
Cabrera, Hiſt. de Filip. II. liv. 6. cap. 20.

34 Empenhou-ſe Filippe Prudente com authoridade de Principe, e affecto de parente patrocinar a cauſa de D. Antonio, e para eſte fim mandou por interprete da ſua vontade a D. Chriſtovaõ de Moura, Cavalleiro do habito de Alcantara, Gentilhomem de boca do Principe D. Carlos, e Eſtribeiro môr da Princeza D. Joanna de Auſtria, mãy delRey D. Sebaſtiaõ, o qual chegando a Portugal expoz da parte do ſeu Soberano ao Cardeal D. Henrique o deſejo, que tinha de pacificar o animo de D. Antonio com Sua Alteza, e como elle o conſtituhira arbitro deſta diſcordia, agora ſe declarava ſeu advogado, ſupplicando a Sua Alteza, que attendeſſe às queixas de ſeu ſobrinho, que por lhe parecerem juſtificadas mereciaõ prompta ſatisfaçaõ; e para que naõ foſſe acuſada de menos recta a intençaõ de Sua Alteza eſperava, que ſem demora condeſcenderia no deſpacho das ſupplicas de D. Antonio, as quaes ſe reduziaõ a que permittiſſe Sua Alteza, mudaſſe ſeu ſobrinho com diſpenſaçaõ Pontificia o habito, que trazia no militar de S. Joaõ de Malta: Que cinco contos de reis, que lhe promettera annualmente pelo Secretario de Eſtado Pedro de Alcaçova Carneiro para ſua commoda ſuſtentaçaõ, e ainda naõ recebera com igual prejuizo do ſeu credito, e conſciencia, ſe lhe

Propoem o Embaixador as pertençõ.s do Senhor D. Antonio.

lhe mandassem assentar na Alfandega de Lisboa por ser mais prompto o pagamento nesta parte, do que na Casa da India onde estavaõ assentados: Que ultimamente pedia satisfaçaõ da injuria, que padecera, vendo-se precedido por seu sobrinho D. Duarte assim quando na Capella Real recebia a agua benta, como no assento das Cortes ha poucos annos celebradas.

35 O Cardeal, que era mal affecto a tudo, que respeitava ao augmento da pessoa de D. Antonio ouvio com animo dissimulado estas supplicas por virem authorizadas com o patrocinio del-Rey de Castella, e para naõ descobrir a aversaõ na repulsa, e satisfazer ao empenho de hum taõ grande Principe, lhe respondeo, que era taõ poderosa a protecçaõ de Sua Alteza, que bastava a menor insinuaçaõ da sua vontade para elle promptamente executar o que lhe supplicava, mas que considerando com attenta reflexaõ as pertenções de seu sobrinho, sómente lhe estranhava a indiscreta resoluçaõ de querer cingir espada, e deixar o habito Ecclesiastico, e exercicio das Ordens, que elle com tanto gosto lhe conferira, e seu pay com mayor desvelo solicitara, querendo quando o dedicou ao ministerio do Altar, que nelle se eternizasse a sua devota piedade, e fosse huma viva imagem de Estado taõ perfeito: Que para naõ ser reo desta culpa nunca consentiria em semelhante mudança, na qual

Reposta, que o Cardeal deu ao Embaixador.

Naõ consente o Cardeal em que o Senhor D. Antonio deixe o habito Ecclesiastico pelo de secular.

qual ſe violava a obediencia, com que D. Antonio em obſequio de ſeu pay ſeguira aquelle genero de vida, e ſe offendia a modeſtia quando ſe deixava a Igreja pela campanha, preferindo a vida licencioſa de Soldado à inculpavel, e reformada de Eccleſiaſtico. Ultimamente ſegurava a Sua Alteza, que aſſim como eſtava prompto para conceder a ſeu ſobrinho todas as pertenções, que reſultavaõ em decóro, e augmento da ſua peſſoa, nunca aſſentaria naquella em que hiaõ igualmente prejudicadas as conſciencias de ambos, a ſua no conſentimento, e a delle na execuçaõ de huma acçaõ taõ eſcandaloſa.

36 Recebeo Filippe eſta reſoluçaõ do Cardeal mandada por D. Chriſtovaõ de Moura, e como todo o intento daquelle Principe, era unir os animos diſcordes de D. Antonio com ſeu tio, eſcreveo novamente a ſua irmãa a Rainha D. Catharina, de cuja carta Original ſe tranſcreveo a copia ſeguinte.

Carta de Filippe II. à Rainha D. Catharina, copiada da Original.

„ Señora. Por una carta, que el Señor „ Cardenal mi Tio me ha eſcrito ultimamente „ de ſu mano, he viſto los inconvenientes gran„ des, que le mueven a no poder venir en lo de „ la mudança del habito de D. Antonio, y yo „ he procurado tan deveras deſeando el remedio „ deſte moço, y entendiendo, que eſtava la ma„ yor parte del en eſto, pero viſto, lo que S. „ Alteza me eſcribe, nó quiero cançarle mas con eſta

„ esta materia, si nó pedirle, como agora lo ha-
„ go, que pues D. Antonio se determina a se-
„ guir mi voluntad en todo, el me assegura, de
„ que a D. Antonio nó se le hará fuerça a que
„ se acabe de ordenar, hasta que Dios le inspi-
„ re, lo que más convenga a su servicio. A
„ Vuestra Alteza pido muy de veras, que nó
„ solamente venga por su parte en esto, pero que
„ ablande al Señor Cardenal para que consienta
„ tambien nello, y me assegure, que nó le ha-
„ rá con D. Antonio otra cosa, y se eche a una
„ parte este negocio, que por tocarnos a todo
„ tanto, y haver yo puesto la mano en el que-
„ ria, que se concluisse a gusto, y satisfacion de
„ todos, como escrivo mas largo al Señor Car-
„ denal, y D. Christoval lo dirá a Vuestra Al-
„ teza a quien me remito. Guarde Nuestro Se-
„ ñor la muy Real persona de Vuestra Alteza
„ como deseo. Del bosque de Segovia a 29. de
„ Mayo, &c. Hijo, y servidor de V. Alteza.

Yo ElRey.

37 Logo, que a Rainha D. Catharina leo esta carta mandou significar por outra a seu irmaõ o excessivo gosto, que recebera, e o Cardeal D. Henrique com a certeza de naõ querer insistir S. Alteza na mudança do habito de D. Antonio por lhe ser injuriosa à reputaçaõ do seu nome, promettendo-lhe, que se naõ usaria da menor violencia para que D. Antonio recebesse

Agradece a Rainha D. Catharina a seu irmaõ D. Filippe naõ insistir na mudança de habito do Senhor D. Antonio.

Ordens

Ordens de Missa, até que Deos lhe inspirasse o que fosse mais conveniente a seu serviço: Que a tençaõ do Cardeal nunca fora constrangerlhe a vontade para seguir o Estado Ecclesiastico, porque naõ ignorava, que o naõ podia fazer sem offensa da sua consciencia; porém supplicava a S. Alteza, que valendo-se do seu prudente juizo, e soberana authoridade, quando achasse occasiaõ opportuna lembrasse a D. Antonio a obrigaçaõ em que estava de satisfazer à vontade de seu pay, e delRey D. Joaõ o III. resolvendose a receber o grao de Sacerdocio, para o qual o destinaraõ taõ piedosos Principes. Ultimamente affirmava a S. Alteza, que era escusada a recommendaçaõ àcerca do modo com que seria tratado D. Antonio quando voltasse para o Reyno, porque ainda que merecesse pela precipitaçaõ delle alguma demonstraçaõ de castigo, como sempre se lembrara de quem o gerara, haviaõ esquecer as desordens do filho pela memoria das virtudes do pay, fazendo por obsequio deste Principe, que se augmentasse a Casa de D. Antonio em numero de criados, e oppulencia de rendas.

Resolve o Senhor D. Antonio voltar para o Reyno, a quem manda D. Sebastiaõ acompanhar pelo nosso Embaixador, que assistia em Castella.

38 Foraõ taõ efficazes as clausulas desta carta, que igualmente satisfizeraõ o empenho de Filippe Prudente, e as pertenções de D. Antonio, que conhecendo estarem compostas as discordias, e serenados os animos, que o moveraõ a retirarse

ſe para Caſtella, onde aſſiſtio dous annos, ſe deliberou com beneplacito de ſeu primo voltar para Portugal. Soube ElRey D. Sebaſtiaõ deſta deliberaçaõ de D. Antonio, e logo aviſou a D. Alvaro de Caſtro, que neſte tempo era ſeu Embaixador em Caſtella para que o acompanhaſſe, como conſta deſta carta.

39 „ D. Alvaro de Caſtro. Eu ElRey vos „ envio muito ſaudar. Eu tenho tomado aſſen- „ to nas couſas de D. Antonio meu Tio, pelo „ que lhe eſcrevo, e rogo, que ſe venha embo- „ ra, e porque ſou informado quaõ bem o acom- „ panhaſtes, e ſerviſtes neſſa Corte, de que eu „ recebi contentamento vo lo quiz moſtrar por „ eſta, e aſſi meſmo, que o terey em vós virdes „ com D. Antonio meu Tio, pelo que vos en- „ commendo muito, que o façaes, aſſim porque „ de vós, e voſſos ſerviços terey ſempre aquel- „ la lembrança, que he razaõ, e elles merecem. „ Eſcrita em Lisboa a 20. de Junho de 1566.

Carta delRey para D. Alvaro de Caſtro.

Rey.

Chegou D. Antonio à Corte, onde o receberaõ todos os Principes com ſumma affabilidade, de tal modo, que chegou a eſtimar as deſattenções, que tinha tolerado pelo exceſſo do jubilo, e affecto com que foy recebido, conhecendo, que o impulſo, que o arrebatara para ſe auſentar deſte Reyno, fora mais effeito da inquietaçaõ do ſeu genio, que da averſaõ do Cardeal ſeu tio.

Fu-

Morre o Emperador Fernando I. com summa piedade.
Caferrio, Syntagm. Vetustat. pag. 216.
Ilhescas, Hist. Pont. part. 2. liv. 6. cap. 31.

40 Funesto foy este anno de 1564. para a Christandade, pois em 25. de Julho morreo hum dos seus mayores defensores, qual foy o Cesar Austriaco Fernando Primeiro, deixando em Vienna de Austria a Coroa Imperial, que nelle cedera seu irmaõ o invicto Carlos V. pela eterna, que lhe alcançaraõ suas singulares virtudes. O dia antecedente à sua morte assistio com grande devoçaõ às Vesperas do insigne Patraõ das Hespanhas Santiago, que foraõ cantadas com igual harmonia, que magnificencia. Como estava consumido de huma febre ethica naõ necessitou de aviso, que o desenganasse da pouca duraçaõ da sua vida, antes conhecendo ser chegada a ultima hora se lançou na cama, e pedio a Extrema Unçaõ, que recebeo com summa piedade. Depois mandou chamar os Cantores da sua Capella para lhe cantarem Hymnos, e Psalmos, como querendo com a melodia da terra fazerse já participante da consonancia do Imperio. Todo o tempo, que durou a musica nunca apartou os olhos, e os affectos de hum Crucifixo, a quem entre lagrimas, e suspiros dizia fervorosas jaculatorias, indices ardentes da sua piedosa ternura, até que soltou o espirito para ser coroado na eternidade. Esta fatal perda foy geralmente sentida por todos os Soberanos da Europa, principalmente pelo nosso Monarcha, a quem os vinculos do parentesco a fez mais sensivel. Para

expressar

expreſſar o ſeu ſentimento mandou a D. Jeronymo de Ataide do ſeu Conſelho, filho de D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Caſtanheira, e de ſua mulher D. Anna de Tavora, Commendador de Villa-Franca, a quem recommendou, que foſſe a Caſtella viſitar ſua mãy, tio, e primo, e depois de lhe repreſentar a pena, que o acompanhava pela morte de hum Principe taõ eſclarecido, paſſaſſe a Vienna de Auſtria, e exprimiſſe ao Emperador Maximiliano Segundo a exceſſiva dor, que tivera com o falecimento de ſeu Auguſto pay; podendo unicamente ſervir de conſolaçaõ, e alivio em taõ deploravel calamidade o ſer ſucceſſor de hum Principe taõ perſeito, cuja memoria lhe havia continuamente deſpertar o eſpirito para obrar acções dignas da immortalidade. Naõ ſómente com eſta obſequioſa acçaõ manifeſtou o noſſo Monarcha o ſeu ſentimento pela morte do Emperador Fernando, ainda o declarou mais finamente mandando celebrarlhe na Cathedral de Liſboa ſumptuoſas Exequias, nas quaes orou com a ſua coſtumada eloquencia o inſigne Theologo, e famoſo Prégador Diogo de Paiva de Andrade.

Manda o noſſo Monarcha a D. Jeronymo de Ataide dar os peſames a Heſpanha, e a Alemanha pela morte deſte Principe, a quem dedicou ſumptuoſas Exequias.

Manda ElRey celebrar Exequias à memoria do Emperador.

CAPITULO V.

Celébra ElRey D. Sebastiaõ Capitulo da Ordem Militar de Santiago, da qual brevemente se relataõ o seu principio, e progresso.

1564.

Quando principiou esta Ordem.
Rades, Chronica de las Tres Ord. pag 4. vers.
Caro, Hist. de las Ordin. Milit. pag. 1. vers.
Card. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 529.

41 A Illustre Ordem Militar de Santiago he taõ famosa pela antiguidade do seu principio, como pelo progresso das heroicas façanhas, que em todos os seculos obraraõ os seus valerosos Cavalleiros. Affirmaõ graves Escritores, que foy o seu primeiro instituhidor ElRey de Leaõ D. Ramiro I. o qual venerando por seu Auxiliar na memoravel batalha de Clavijo aquelle Sagrado Apostolo, que como filho de Trovaõ com o rayo da sua espada fulminou as esquadras Mauritanas, em eterno reconhecimento de favor taõ soberano creou esta nova Milicia, e para indelevel memoria daquella espada, banhada em sangue infiel, ordenou, que se ennobrecessem os peitos dos novos Cavalleiros com a insignia de huma Cruz vermelha em fórma de espada, servindo esta nobre divisa de heroico estimulo aos professores desta Ordem para sempre pelejarem animosamente contra os inimigos da Fé, e da Religiaõ.

Outros

42 Outros Authores eſtribados em mais ſolidos fundamentos lhe aſſinaõ o principio no anno de Chriſto de 1161. em o qual querendo huns Cavalleiros, que habitavaõ o Reyno de Leaõ, emendar a vida licencioſa, que com geral eſcandalo exercitavaõ, ſe reſolvèraõ a fazer huma Congregaçaõ, cujo inſtituto foſſe defender com as armas os dominios Catholicos dos inſultos Mahometanos. Foy o principal author deſta Congregaçaõ D. Pedro Fernandes de Fuente-Encalada, o qual participou taõ glorioſo intento a ElRey D. Fernando II. de Leaõ, e de Galiza, e com approvaçaõ deſte Principe elegeraõ por ſeu Tutelar ao Patraõ das Heſpanhas o Apoſtolo Santiago, e por habito da Ordem a eſpada enſanguentada em fórma de Cruz.

Impetra-ſe da Sé Apoſtolica approvaçaõ para eſta Ordem.

43 Paſſados alguns annos conſiderando D. Pedro Fernandes, que ſe naõ podia conſervar eſta Ordem ſem approvaçaõ da Sé Apoſtolica, recorreo ao Cardeal Jacintho Bubo, que depois ſubio ao Pontificado com o nome de Celeſtino III. que neſte tempo aſſiſtia em Heſpanha como Legado do Papa Alexandre III. para compor as diſcordias, que haviaõ entre os Reys de Leaõ, e Caſtella, e lhe ſupplicou quizeſſe acompanhallo para poder com a ſua authoridade alcançar do Pontifice a confirmaçaõ da Ordem Militar, que profeſſava. Recebeo Alexandre III. com grande affabilidade a D. Pedro Fernandes

Heliot, Hiſt. des Ord. Relig. et Milit. tom. 2. pag. 257. Giuſtin. Hiſtor. Chronol. del Ord. Milit. part. 1. p. 358.

nandes juntamente com o Cardeal ſeu Legado; e depois de examinar o ardente zelo, com que os Cavalleiros daquella Milicia ſe occupavaõ em derrotar os inimigos da Cruz, expedio huma Bulla em 5. de Julho de 1175. pela qual approvou taõ Sagrado inſtituto debaixo da Regra de Santo Agoſtinho, e ſendo a ſua Cabeça a Collegiada de Loyo de Conegos Regrantes, ſituada em Galliza, aos quaes ſe tinhaõ aggregado antes deſta approvaçaõ depois de confirmada pela Sé Apoſtolica lhe doou Affonſo IX. de Caſtella o Caſtello de Ucles, onde ſe edificou o principal domicilio deſta illuſtre Milicia.

Quando foy approvada eſta Ordem pela Sé Apoſtolica.

Rades, Chron. de Santiago, cap. 7.

44 Notavelmente ſe foy dilatando eſta Ordem por Heſpanha, e Portugal, concorrendo os noſſos Monarchas para o ſeu augmento, e conſervaçaõ com profuſa liberalidade, pois El-Rey D. Affonſo Henriques, que tinha fundado em Lisboa no ſitio da Boa Viſta hum Templo para depoſito das triunfaes cinzas dos Santos Martyres Veriſſimo, Maxima, e Julia, ordenou que nelle habitaſſem alguns Cavalleiros deſta Milicia, ſendo eſta Caſa o primeiro Solar, que em Portugal teve a illuſtre Ordem de Santiago. Igualmente herdeiro da Coroa deſte Principe, que do affecto para taõ illuſtre Ordem foy El-Rey D. Sancho I. dando aquelle domicilio a alguns Clerigos de vida inculpavel para adminiſtrarem os Sacramentos aos Cavalleiros; e parecendo-lhe

Generoſa liberalidade dos Monarchas Portuguezes para eſta Ordem.

Fr. Agoſt. de Sant. Mar. Hiſt. Tripart. pag. 225.

cendo-lhe limitada eſta merce, lhes doou em o anno de 1186. com benefica liberalidade os Caſtellos de Palmella, Alcacere, Almada, e Arruda. Conquiſtada a Villa de Alcacere em o anno de 1217. pelo invicto valor de Affonſo II. ordenou, que os Freires deſta Milicia foſſem habitar o Convento, que na meſma Villa lhes edificara, onde aſſiſtiraõ até o anno de 1240. Depois que D. Sancho II. recuperou em o anno de 1239. Mertola do poder dos Mouros, foraõ transferidos os Freires para eſta Villa, da qual reynando o valeroſo Monarcha D. Joaõ o I. paſſaraõ para a Villa de Palmella, que glorioſamente ſe jacta com inveja das outras Povoações, naõ ſómente de que duas vezes foſſe reſtaurada do infiel dominio dos barbaros pelo invencivel braço do primeiro Affonſo, mas de ſer a Cabeça de taõ preclariſſima Ordem neſte Reyno.

D. Nic. de Sant. Mar. Chron dos Coneg. Reg liv. 4. cap. 14. Mon. Luſit. part. 5. liv. 17. cap. 57.

45 Logo, que ElRey D. Diniz ſubio ao Throno, como foſſe ornado de heroicos eſpiritos, lhe pareceo ſer indecoroſo à ſua Soberania, que os Cavalleiros da Milicia Portugueza da Ordem de Santiago eſtiveſſem ſogeitos aos Meſtres de Caſtella, e para que os ſeparaſſe da obediencia, que até entaõ lhes profeſſavaõ, ſupplicou à Santidade de Nicolao IV. o qual attendendo à juſtificada ſupplica do noſſo Principe expedio huma Bulla em 17. de Setembro de 1288. pela qual

Intenta ElRey D. Diniz ſeparar a Ordem de Santiago da jurisdicçaõ de Caſtella.

Alcança do Pontifice eſta ſeparaçaõ.

qual separou da obediencia dos Mestres de Castella os Cavalleiros Portuguezes, e que pudessem eleger hum Mestre independente daquelles. Naõ puderaõ tolerar esta determinaçaõ do Pontifice os Castelhanos, e querendo impugnalla representaraõ ao Summo Pastor naõ ser conveniente a separaçaõ concedida. Porém como ElRey D. Diniz era summamente activo em promover tudo quanto resultava em gloria do Reyno, alcançou do mesmo Pontifice outra Bulla em o anno de 1290. na qual lhe concedia, que os Cavalleiros Portuguezes elegessem Mestre totalmente independente dos Mestres de Ucles.

Oppoem-se os Castelhanos a esta determinaçaõ do Pontifice.

Segunda vez concede a ElRey D. Diniz o Pontifice a separaçaõ, que pertendia.

46 Novamente se empenharaõ os Castelhanos a perturbar esta graça Pontificia, e ainda que Celestino V. confirmou em 22. de Novembro de 1294. a isençaõ Portugueza, importunado das instancias delRey de Castella a annulou, até que subindo à Cadeira de S. Pedro Joaõ XXII. e sendo juridicamente informado do grave detrimento, que padeciaõ os Cavalleiros Portuguezes com a sogeiçaõ aos Mestres de Castella, sem embargo das repetidas, e multiplicadas razões, que estes allegavaõ pela sua parte, resolveo o Pontifice, que totalmente fosse separada a Ordem Militar Portugueza da jurisdicçaõ Castelhana. Com esta determinaçaõ Pontificia cessaraõ todas as controversias agitadas pelos Mestres de Castella, e se elegeraõ Mestres Portuguezes,

Reclamaõ os Castelhanos contra a separaçaõ dos Cavalleiros Portuguezes.

Separa-se totalmente a Milicia Portugueza da jurisdicçaõ Castelhana.

guezes, dos quaes ſendo o primeiro D. Joaõ Fernandes, foy o decimo ſexto, e ultimo o Senhor D. Jorge, filho natural delRey D. Joaõ o II. de que tomou poſſe em 12. de Abril de 1492. e por ſua morte ſe annexou o Meſtrado deſta inclyta Ordem, como tambem a de Aviz, e de Chriſto aos Monarchas Portuguezes, ſendo o primeiro, que as adminiſtrou D. Joaõ o III.

Quem foy o primeiro, e ultimo Meſtre Portuguez da Ordem de Santiago.

47 Do religioſo affecto, e magnifica liberalidade, com que os Reys de Portugal deraõ em todos os tempos publicas demonſtrações em obſequio da Ordem Militar de Santiago, foy glorioſo exceſſo ElRey D. Sebaſtiaõ, pois como foſſe naturalmente inclinado a promover os progreſſos da Religiaõ, e extinguir aos antegoniſtas da Cruz de Chriſto, conhecendo que o inſtituto deſta valeroſa Milicia ſe occupava em taõ nobre, e Sagrado miniſterio, logo desde os primeiros annos ſe empenhou na conſervaçaõ, e augmento dos ſeus illuſtres profeſſores. Para eſte fim, por ſer taõ digno de hum Principe Portuguez, mandou convocar em Lisboa Capitulo da Ordem, o qual ſe celebrou em 14. de Novembro deſte anno de 1564. em a Caſa do Capitulo de S. Franciſco da Cidade, e para que eſte acto foſſe mais ſolemne, e plauſivel aſſiſtio o meſmo Principe como Governador, e perpetuo Adminiſtrador do Meſtrado de taõ nobre Milicia. Eſtava ſentado em huma precioſa cadeira,

Celébra ElRey D. Sebaſtiaõ Capitulo da Ordem de Santiago.

deira, coroada de hum mageſtoſo docel, e aſſiſtido dos Commendadores da Ordem, entre os quaes ſe diſtinguiaõ D. Affonſo de Lencaſtro, Commendador môr, D. Joaõ, Duque de Aveiro, Commendador das Commendas de Santiago de Caſſem, do Torraõ, e Ferreira, Manoel Telles, Commendador de Ourique, Eſtevaõ de Brito, Commendador de Panoyas, D. Antaõ de Faria, Commendador de Alcaria-Ruyva, D. Pedro Maſcarenhas, Commendador das Meuras, D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, Commendador de Mertola, D. Jeronymo de Caſtello-Branco, Commendador de Aljezur, D. Lourenço da Sylva, Commendador de Meſejana, Jorge Furtado de Mendoça, Commendador da Repreza, D. Rodrigo de Menezes, Commendador de Caſela e Salvador de Santarem, Pedro Pantoja, Commendador de Tavira, e D. Antonio Manoel, Commendador de Horta Lagoa.

Commendadores da Ordem, que aſſiſtiraõ a eſte acto.

48 Seguiaõ-ſe aos Commendadores os Cavalleiros profeſſos, dos quaes eraõ os principaes: D. Jorge de Lencaſtro, Marquez de Torres-Novas, Fernaõ Carvalho, Eſtevaõ Mendes, Diogo Botelho, Lopo Furtado de Mendoça, Gaſpar de Torres, Diogo Rodrigues de Sá, Jeronymo de Quintanilha, Fernaõ Pires, Ruy Dias Carvalho, Gaſpar de Leaõ, Fernaõ Guerreiro, Chriſtovaõ Pinheiro, Fernaõ de Sande, D. Rodrigo

Cavalleiros profeſſos, e Freires aſſiſtentes.

drigo de Caſtro, Filippe Maſcarenhas, Diogo de Sá, Pedro Carvalho Cardoſo, D. Jeronymo da Coſta, Diogo Mendes Godinho. Defronte deſtes Cavalleiros eſtavaõ ſentados da parte direita os Eccleſiaſticos profeſſos deſta Ordem, tendo preferencia no aſſento os Parochos das Igrejas, como eraõ Alvaro Affonſo, Prior de Cacela, Luiz Gomes, Prior de Santa Maria de Palmella, Antonio Dias, Prior dos Collos, Eſtevaõ Rodrigues, Prior de Santa Cruz, Pero Affonſo, Prior de Sines, Diogo Pacheco, Prior de Almada, Antonio Mendes, Prior de Alcouchete, Jeronymo Rodrigues Barregaõ, Prior de Ourique, o Licenciado Jeronymo Ribeiro, Prior de Santiago de Caſſem, Bartholomeu Vieira, Prior do Barreiro, o Licenciado Alvaro Lobato, Prior do Torraõ, o Licenciado Antonio Caldeira, Prior da Igreja da Conſolaçaõ de Alcacere, Thomè de Figueiredo, Prior da Annunciada de Setuval, Baſtiaõ Rodrigues, Prior das Entradas, Balthaſar de Vilheivas, Prior de S. Sebaſtiaõ de Setuval, Gonçalo Barradas, Prior de Coina, Juzarte Correa, Prior de Cezimbra, Antonio Affonſo, Prior de Alvalade, Jeronymo Rodrigues, Prior da Repreza, Manoel Alvares, Prior de Alhos-Vedros, Meſtre Gaſpar, Prior de Santa Maria de Setuval, e Diogo Bocarro, Prior de Aljuſter.

Quaes eraõ os Priores das Igrejas da Ordem de Santiago, que aſſiſtiraõ neſte Capitulo.

49 Entre taõ authorizado Congreſſo ſe diſ-

Assistio a este acto D. Diogo de Gouvea, Dom Prior môr de Palmella.

tinguia naõ sómente pela Dignidade, mas ainda pelo talento, D. Diogo de Gouvea, Prior môr de Palmella. Era filho de Gonçalo de Gouvea, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, e neto de Antaõ de Gouvea, Cavalleiro da Ordem de Christo. Aprendeo em Pariz no Collegio de Santa Barbara, de que era Reytor seu tio Diogo de Gouvea, as Sciencias mayores, em que sahio eminente; e depois de receber naquella celebre Universidade o gráo de Doutor em Theologia, voltou para Portugal. Attendendo a Magestade delRey D. Joaõ o III. às suas grandes letras, o nomeou seu Theologo ao Concilio Tridentino, para onde partio no anno de 1552. com o Embaixador do mesmo Principe Diogo da Sylva, filho de Joaõ da Sylva, Senhor de Vagos, e de sua mulher D. Joanna de Castro, onde foy applaudida a sua sabedoria. Restituìdo ao Reyno possuhio algumas Dignidades, como foraõ Abbade de Vinhó na Beira, Conego na Sé de Lisboa, Deputado da Mesa da Consciencia; e ultimamente por morte de D. Joaõ de Olmedo, decimo oitavo Prior de Palmella, foy elevado a este lugar, que administrou com zelo, e rectidaõ. Para dignamente exaltar o desvelo, e empenho, com que ElRey D. Sebastiaõ em taõ tenra idade se manifestava affecto à Ordem de Santiago, o gratificou em nome de todo aquelle illustre Congresso na fórma seguinte.

Quem foy este Prelado.

Raynald. Annal. Eccles. Tom. 21. ad an. 1552. n. 23.

A

Fratica de D. Diogo de Gouvea.

50 „ A nobre, e muy antigua Religiaõ, e
„ Ordem da Cavallaria do Bemaventurado Apoſ-
„ tolo Santiago (Muito alto, e muito podero-
„ ſo Rey noſſo Senhor) naõ póde deixar de dar
„ ſempre muitas graças a Deos pela grande mer-
„ ce, que em eſtes tempos lhe fez em ter a V.
„ Alteza por ſeu Regedor, Governador, e per-
„ petuo Adminiſtrador, e pelo ſingular beneficio,
„ e merce aſſinalada, que eſta Ordem, e Mili-
„ cia de V. Alteza recebeo em haver por bem
„ de a mandar convocar, e ajuntar Capitular-
„ mente o dia doje, beija as Reaes mãos de V.
„ Alteza, e tem por muy certo, que pois em
„ taõ tenra idade ſe lembrou della, e poz nella
„ os olhos, havendo tantos annos, que pelas al-
„ terações, e difficuldades dos tempos eſteve al-
„ gum tanto eſquecida, que creſcendo V. Al-
„ teza creſcerá tambem em ſeu Real animo a
„ vontade, e deſejo de a ſempre amparar, fa-
„ vorecer, e accreſcentar, ao que parece V. Al-
„ teza naõ ter pequena obrigaçaõ por eſta San-
„ ta Religiaõ, e Ordem reluzir muito, e reſ-
„ plandecer em ſua Real Coroa depois, que em
„ tempo do muito alto, e de eſclarecida, e lou-
„ vada memoria ElRey D. Joaõ o III. voſſo
„ Avo, foy incorporada, e unida perpetuamen-
„ te à Coroa deſtes Reynos: accreſcenta tam-
„ bem eſta obrigaçaõ o muito que os Reynos,
„ e Senhorios de Portugal, e dos Algarves de-

„ vem a efte Apoftolo, e hum dos Principes da
„ Igreja Santiago, pois fempre em feus perigos,
„ trabalhos, encontros, e guerras os Portugue-
„ zes interpondo, e chamando feu nome conhe-
„ cem evidentemente, e fentem fua ajuda, e fa-
„ vor. Pelo que pede a V. Alteza com gran-
„ de inftancia, e efficacia efta fua Ordem, e
„ Religiaõ, que diante de fi tem prefente, que
„ queira olhar para o bem efpiritual, e tempo-
„ ral naõ com menos cuidado, diligencia, e af-
„ feiçaõ, mas antes com muito mayor, fe for
„ poffivel, do que fizeraõ os Meftres paffados,
„ Infantes, e Reys voffos predeceffores, que
„ della tiveraõ o governo, e adminiftraçaõ, a
„ qual honra, e merce em efte taõ devido Ajun-
„ tamento, e Capitulo taõ neceffario para ferví-
„ ço de Noffo Senhor, e do gloriofo Apoftolo
„ Santiago, Defenfor noffo, e Advogado efpe-
„ cial, e para defcarrego das confciencias de to-
„ dos, efpera efta Ordem, e Congregaçaõ Mi-
„ litar receber de V. Alteza com accrefcenta-
„ mento de outras mayores.

Eftabelecem-fe varias determinações nefte Capitulo.

51 Varias foraõ as determinações, que nef-
te Capitulo fe eftabeleceraõ, dirigidas ao aug-
mento, e confervaçaõ da Ordem Militar de San-
tiago, refpirando em cada huma dellas o arden-
te zelo, com que a piedade fempre augufta del-
Rey D. Sebaftiaõ promovia os feus progreffos,
as quaes naõ expendemos por fer alhea do nof-
fo

ſo aſſumpto a ſua individual noticia, e eſtar commettido taõ nobre argumento à incançavel, e judicioſa indagaçaõ do Senhor Doutor Alexandre Ferreira, que tendo illuſtrado o Porto com o naſcimento, Coimbra com o Magiſterio, e Madrid com a Politica, o deſtinou a Real Academia, da qual he digniſſimo Collega, para eſcrever a Hiſtoria das Ordens Militares deſte Reyno, cuja laborioſa empreza deſempenhará o ſeu ſublime talento com grande ſatisfaçaõ de toda a Republica Literaria.

CAPITULO VI.

Repreſenta ElRey a D. Margarida de Auſtria, Governadora dos Eſtados de Flandres, como nelles ſe cunhava moeda com as armas de Portugal, de que ſe ſeguia grave damno a eſta Coroa. Expede aquella Princeza hum Decreto contra os artifices deſta fabrica. Promulga outro ſemelhante em ſeus Dominios o Emperador Maximiliano II. em obſequio do noſſo Principe.

52 A Vigilancia, com que o Cardeal D. Henrique attendia pelas conveniencias do Reyno, que adminiſtrava, naõ permittia diſſimular o mais leve prejuizo contra a conſervaçaõ,

1564.

servaçaõ, e soberania desta Coroa, sendo hum dos mayores argumentos deste desvelo a acçaõ, que neste anno praticou com eterna gloria do seu zelo. Tinha chegado de Flandres no fim de Novembro deste anno passado ao porto da Villa de Bayona no Reyno de Galliza huma nao chamada S. Joaõ, que era de Gaspar da Rocha, e Joaõ Maciel, moradores na Villa de Vianna, e entre outros generos, de que vinha carregada, foraõ achados por Affonso de Arteaga, Corregedor de Bayona, onze barrís de moedas de cobre, de valor de cinco reis, cunhadas com as armas de Portugal, semelhantes aos cunhos de que se usava na Casa da Moeda deste Reyno, e fazendo aquelle Ministro diligente investigaçaõ pelos artifices desta fabrica, descobrio serem dous Portuguezes chamados Gaspar Dias, e Salvador da Palma, assistente hum em Anvers, e outro em Middelbourgh, os quaes mais attentos ao augmento do lucro, que à reputaçaõ do nome fabricaraõ falsamente a moeda, e a introduziaõ neste Reyno com grave prejuizo dos Portuguezes.

53 Tanto que chegou esta noticia ao Cardeal D. Henrique, considerando as perniciosas consequencias, que resultavaõ aos interesses deste Reyno com a falsidade daquella moeda, escreveo em nome de seu sobrinho D. Sebastiaõ a D. Margarida de Austria, que entaõ governava

nava com ſumma prudencia, e actividade os Eſtados de Flandes, pedindo-lhe mandaſſe com toda a brevidade informarſe em que parte dos ſeus Dominios aſſiſtiaõ os artifices de huma fabrica taõ nociva ao bem publico; e que ſendo deſcubertos executaſſe nas ſuas peſſoas taõ ſevero caſtigo, que ſerviſſe de exemplo formidavel a todo o complice de ſemelhante delicto. Aſſiſtia neſte tempo em Flandres por Agente dos negocios deſte Reyno Ruy Mendes, a quem o Cardeal recommendou entregaſſe promptamente a carta a D. Margarida de Auſtria, e lhe ſignificaſſe com efficacia quanto eſtimaria o ſeu Soberano, que S. Alteza executaſſe logo o que lhe ſupplicava. A fórma de huma, e outra carta era a ſeguinte.

Carta para D. Margarida de Auſtria.

54 ,, Illuſtriſſima, e excellente Princeza minha muito prezada Tia. Eu tenho ſabido como em fim do mez de Novembro do anno paſſado veyo ter ao porto da Villa de Bayona do Reyno de Galliza huma nao por nome S. Joaõ, na qual Affonſo de Arteaga, Corregedor da dita Villa, achou onze barrís de moeda de cobre, que ſe fez, e cunhou falſamente neſſes Eſtados com as inſignias, e armas da Coroa deſtes Reynos, e pelas diligencias, que o dito Corregedor ſobre iſſo fez, ſe moſtrou ſerem culpados no dito caſo hum Gaſpar Dias, Portuguez, eſtante, e morador em Anvers,

„ Anvers, e assi hum Salvador da Palma estan-
„ te em Middelbourg, como se verá pela carta do
„ dito Corregedor, que envio a Ruy Mendes,
„ Cavalleiro Fidalgo da minha Casa, para vo la
„ mostrar, e porque este negocio he da qualida-
„ de, que vedes, e de que se seguem muy gran-
„ des incônvenientes a meu serviço, naõ se ata-
„ lhando a elle, e naõ se castigando os culpados
„ com o rigor, què semelhante caso requeria,
„ vos rogo muito, que com muita brevidade man-
„ deis às Justiças dos ditos Lugares, e de quaes-
„ quer outros desses Estados, onde os ditos Gas-
„ par Dias, e Salvador de Palma forem achados,
„ que os prendaõ, e façaõ delles justiça, e lhe
„ tomem, e confisquem seus bens, de maneira,
„ que o castigo destes seja exemplo para outros
„ se naõ atreverem fazer a dita moeda falsa, e
„ em singular prazer o receberey de vòs. Illus-
„ trissima, e excellente Princeza minha muito
„ prezada Tia, Nosso Senhor vos haja sempre em
„ sua santa guarda. Escrita em Lisboa a 23. de
„ Fevereiro de 1564. O Cardeal Infante.

Carta para Ruy Mendes.

55 „ Ruy Mendes. Eu ElRey vos envio
„ muito saudar. Em fim do mez de Novembro
„ do anno passado veyo ter ao porto da Villa
„ de Bayona do Reyno de Galliza huma nao
„ por nome S. Joaõ, na qual Affonso de Artea-
„ ga, Corregedor da dita Villa, achou onze bar-
„ rís de moeda de cobre, que se fez, e cunhou
nesses

„ noſſes Eſtados com as inſignias, e armas da
„ Coroa deſtes Reynos, e pelas diligencias, que
„ o dito Corregedor ſobre iſſo fez, ſe moſtrou
„ ſerem culpados no dito caſo hum Gaſpar Dias
„ Portuguez, eſtante, e morador em Anvers,
„ e hum Salvador de Palma eſtante em Meddel-
„ bourg, como ſe verá pela carta do dito Corre-
„ gedor, que com eſta vos envio, e por o caſo
„ ſer taõ grave, e de que ſe póde ſeguir gran-
„ des inconvenientes a meu ſerviço naõ ſe ata-
„ lhando, eſcrevo a Madama Regente minha
„ Tia, e lhe rogo, que com muita brevidade
„ mande às Juſtiças dos ditos Lugares, e de quaeſ-
„ quer outros deſſes Eſtados, onde os ditos Gaſ-
„ par Dias, e Salvador de Palma forem achados,
„ que os prendaõ, e façaõ delles juſtiça, e lhe
„ tomem, e confiſquem ſeus bens, de maneira,
„ que o caſtigo deſtes ſeja exemplo para outros
„ ſe naõ atreverem a fazer a dita moeda falſa.
„ Muito vos encommendo, que deis a dita car-
„ ta à Madama, e lhe requeiraes execuçaõ deſ-
„ te negocio, e cumprimento da dita carta, e
„ ſendo neceſſario fazerem-ſe àcerca diſto algumas
„ diligencias, as fareis com toda brevidade, e
„ me eſcrevereis o que ſe no caſo fizer. Eſcri-
„ ta em Lisboa a 23. de Fevereiro de 1564.

O Cardeal Infante.

56 Logo, que Ruy Mendes recebeo eſta carta foy à preſença de D. Margarida de Auſ-

tria, e lhe entregou a que vinha para Sua Alteza, e depois de lida, lhes ſegurou, que ſem dilaçaõ executaria o que nella ſeu irmaõ ElRey de Portugal lhe inſinuava. Expedio em obſequio deſta inſinuaçaõ hum Decreto, pelo qual comminou com graves penas todas as peſſoas, que nos ſeus Eſtados fabricaſſem moeda com os cunhos das armas Portuguezas, do qual o theor foy o ſeguinte.

Mandamiento, y defenſa de la Mageſtad delRey, por la qual ſo graves penas defiende, que ninguna perſona pueda hazer, ny contrahazer en eſtas tierras ninguna ſuerte de monedas ſemejantes a la eſtampa, ó cuño del Sereniſſimo Rey de Portugal.

POR ELREY.

Copiado do impreſſo, que ſe guarda na Torre do Tombo, Gaveta 13. Maſſo 7.

57 „ AL noſtro Mayre de Lovayna, „ Aman de Bruçellas, Eſcoltetes „ de Enveres, y Bolduque, y a qualeſquier otros „ nueſtros, y de nueſtros Vaſſallos, ó Barones, „ Juſticias, y Governadores, y ſus Lugartenien- „ tes, ſalud. Como por parte de Ruy Mendes, „ agente, y factor de nueſtro muy caro, y muy „ amado hermano ElRey de Portugal, rezidien- „ te en nueſtra Villa de Enveres, nos fue remoſ- „ trado, y dado a entender, de como por el mez de

„ de Noviembre proximo paſſado, ſobre lo que
„ entonçes nos dió a entender, como diverſas
„ perſonas rezidientes en eſtas nueſtras tierras de
„ acá, ó vezinos, hizieron enbiar en el Reyno
„ de Portugal algunos pequeños toneles de cla-
„ vos meſclados con pieças de cobre de la eſtam-
„ pa, y cunho de la Mageſtad del dicho Senhor
„ Rey, diſtribuyendolas en el dicho Reyno de
„ Portugal por buena, e leal moneda, y como
„ ſy fueſſen de la propria eſtampa del dicho Se-
„ nhor Rey, rempliendo a ſy el dicho Reyno
„ (en el qual ſe uſa de la moneda de cobre)
„ con monedas falſas: le acordamos, y hezimos
„ deſpachar nueſtras letras patentes en forma de
„ placcarte para evitar tales inconvenientes, y
„ hallar, y deſcubrir los falſarios. Y como deſ-
„ pues ſe halló, y deſcobrió mucha cantidad de
„ las dichas pieças de cobre de la eſtampa, y
„ cuño de la Mageſtad del dicho Senhor Rey,
„ como ſy fueſſen forjadas, ó eſtampadas en ſu
„ proprio Reyno: Y otroſy, que algunas perſo-
„ nas determinaron de forjar, y eſtampar, y con-
„ trahazer en las dichas nueſtras tierras de acá
„ pieças de oro ſemejantes a las de dies Duca-
„ dos de Portugal, las quales en bondad, y va-
„ lor, valen mucho menos, que las verdaderas
„ del dicho Reyno de Portugal. De manera,
„ que ſiendo caſo, que en eſto nó ſea proveydo,
„ ſe hallaran en eſtas nueſtras tierras malos eſpi-

 ritos,

„ tos, y ingenios, los quales han de destribuir,
„ y sembrar falsas monedas en todos otros Rey-
„ nos, tierras, y Señorios, y especialmente en el
„ dicho Reyno de Portugal. Lo todo en muy
„ grande prejuizio, y daño asy de la Magestad
„ del dicho Senhor Rey, y de sus sujectos; co-
„ mo de los nuestros de acá, por la muchedum-
„ bre de los estampadores, y casas de monedas,
„ que ay por acá. Paresciendoles ser cosa liçita,
„ y permetida, que puedan estampar, y forjar
„ todo lo que quizieren: como tambien paresçe,
„ que se quieren excusar aquellos, que se entre-
„ metieron de la estampa de las dichas pieças de
„ cobre semejantes à aquellas de la estampa del
„ dicho Señor Rey de Portugal. Por la qual
„ causa el dicho suplicante en nombre de la Ma-
„ gestad del dicho Señor Rey su amo, nos há
„ requerido, y pedido, que fuessemos servidos
„ en esto proveerle de remedio conveniente. Por
„ la qual causa, y en conçideration de lo que dicho
„ és, queriendo proveer, que semejantes falseda-
„ des no se hagan más en prejuizio de la Ma-
„ gestad del dicho Rey de Portugal nuestro muy
„ caro, y bien amado hermano, especialmente
„ en respecto de la muy estrecha amistad, y afi-
„ nidad, que tenemos entre nosotros, y avien-
„ do el bien de sus negoçios por favoresçidos,
„ y encomendados, como nuestros negoçios pro-
„ prios, como los avemos tenido de todo tiem-
po.

„ po. Porende os mandamos, y encomenda-
„ mos por vertud desta carta, que luego, y sin
„ ninguna dilaçion, hagais pregonar, y publicar
„ cada uno en su jurediçion, y en lugares adon-
„ de se acustumbran hazer pregones, y publica-
„ tiones, y de nuestra parte muy expressamente
„ mandeis, que ninguno de qualquier estado, qua-
„ lidad, ni condiçion, que fueren, no presuman,
„ ni determinen por ninguna manera de estampar,
„ ni forjar, ó hazer forjar, ni estampar en estas
„ partes ningunas pieças, ó dineros de cobre,
„ ni de plata, ni de oro, de la estampa, ni se-
„ mejantes a las monedas de la Magestad del di-
„ cho Señor Rey de Portugal, ni de las haver,
„ ni tener, ni guardar en sy, antes, que quales-
„ quier, que tuvieren al presente algunas dellas
„ en grande, ó en pequeña quantidad, las ayan
„ de entregar en manos de nuestros cambiadores,
„ ó otros nuestros deputados, y cometidos para
„ lo que dicho es, para que sean fòndidas, y
„ quebradas, como falsas, y válvadas por más de
„ su justo preçio, y valor, y esto dentro de quin-
„ ze dias despues de la publicaçion desta carta,
„ so pena de ser tenidos, y reputados, y castiga-
„ dos como hazedores de falsas monedas, y co-
„ mo sus compañeros, y participantes con ellos.
„ Queriendo, y ordenando a demas desto, que
„ las pieças de cobre, que al presente se desco-
„ brieron, sean por vos los dichos nuestros De-
putados

„ putados publicamente deshechas, y quebradas,
„ a ſy à exemplo de qualeſquier otros, como tam-
„ bien para que cada uno pueda conoçer la fal-
„ çedad, y prohibiçion de tales, y ſemegantes
„ pieças falſas. Y porque deſta carta ſe podrá
„ aver neçeſſidad en muchos lugares, queremos,
„ que al treslado della con ſello autenticado, fir-
„ mado, y concertado por uno de los nueſtros
„ Secretarios, ſea dado feé, y credito como a
„ eſte preſente original. Porque aſy nos plaze.
„ Dada en nueſtra Villa de Bruſelas debaxo de
„ nueſtro contraſello aqui abaxo imprimido en
„ placcarte, à el poſtrero dia del Mes de Mayo
„ de mil y quinientos ſeſſenta y quatro años. Fue
„ de ſuſo eſcrito por ElRey, y firmado por ſu
„ Secretario I. de Facuuvez. En las eſpaldas fue
„ eſcrito Oy. XXI. dias del Mes de Junio de mil
„ y quinientos ſeſſenta y quatro años. Fue leydo,
„ y publicado delante de la breteca de la caſa
„ deſta Villa de Enveres por my Herman de
„ Hemmomes, Eſcrivano del Señor Eſcotete, y
„ Malgrabe de Enveres, el contenido en el
„ blanco deſta otra parte eſcrito. Y deſpues de
„ averlo hecho ſe hizo publicamente en el di-
„ cho dia la execution en el mercado de los di-
„ neros, que ſe hallaron falſos, conforme à lo
„ contenido en el dicho placcarte, en preſençia
„ del Señor Ju. Vanymerſele Cavallero, Señor
„ de Bauldrys, como Malgrave, y Eſcoltete de
la

„ la dicha Villa, estando yo alli presente. Fue
„ firmado.

H. Van Hammomez.

58 Naõ sómente à Governadora de Flandres, mas tambem ao Emperador Maximiliano II. representou o Cardeal D. Henrique como alguns de seus Vassallos batiaõ moeda cunhada com as armas de Portugal, e falsificada assim na diminuiçaõ do pezo, como na inferioridade do metal, de que era composta, de cuja introducçaõ neste Reyno se seguia hum fatal prejuizo à Fazenda Real; pelo que pedia a Sua Magestade, que usando do seu poder castigasse severamente a todos os artifices de fabrica taõ perniciosa. O Emperador persuadido da justificaçaõ desta supplica promulgou hum Decreto, cujas clausulas saõ as seguintes.

59 „ Maximiliano Segundo pela graça de
„ Deos eleito Emperador dos Romanos sempre
„ augusto, Rey de Germania, e de Hungria, e
„ de Bohemia, e de Dalmacia, e de Croacia,
„ e de Esclavonia, e Archiduque de Austria,
„ Duque de Borgonha, e de Istria, e Corinthia,
„ e Carniola, e de Witemberga, e Conde de
„ Hasburg, e de Tirol, a todos, e quaesquer
„ Eleitores, e outros Principes Ecclesiasticos, e
„ seculares, Arcebispos, Bispos, e Prelados, Du-
„ ques, Marquezes, Condes, Barões, e Caval-
leiros

„ leiros nobres, e Senhores, Republicas, Ma-
„ gistrados, e Presidentes, Corregedores, Capi-
„ tães, e Governadores de Cidades, Terras, e
„ Lugares, e seus lugar Tenentes, e Officiaes
„ Burgomestres, e Conselheiros, Juizes, Com-
„ munidades, e Burgeses, visinhos, e quaesquer
„ outras pessoas nossas sogeitas, e fieis do sacro
„ Imperio, e dos outros nossos Reynos, e Pro-
„ vincias, e Senhorios nossos hereditarios de qual-
„ quer Estado, e Ordem, e condiçaõ, que fo-
„ rem, aos quaes estas nossas presentes letras, ou
„ seu traslado authentico forem mostradas saude,
„ e graça nossa Imperial, e todo o bem. Fa-
„ zemos saber por este nosso publico Edito a vos-
„ sas Devoções, e Dileções, e quaesquer outras
„ pessoas de como o Serenissimo Principe o Se-
„ nhor D.Sebastiaõ, Rey de Portugal nosso ami-
„ go, e irmaõ, e consanguineo muy amado, por
„ hum Enviado, e Procurador de sua serenidade
„ nos fez entender amigavelmente, como algu-
„ mas pessoas de alguns annos a esta parte ousa-
„ raõ bater, e estampar alguns dinheiros, ou pe-
„ ças de cobre semelhantes àquelles, dos quaes
„ usaõ em seu Reyno de Portugal, e outro si
„ dinheiros, e pessas de ouro semelhantes aos que
„ valem dez cruzados de Portugal, com o cu-
„ nho, e estampa, e sinal da moeda de Portu-
„ gal, os quaes naõ só correspondem, nem saõ
„ iguaes em pezo, valor, nem preço à moeda
de

,, de Portugal, antes ſaõ de muito menor pre-
,, ço, e valor, e que levaõ, e enviaõ ao Rey-
,, no de Portugal em grande quantidade os ditos
,, dinheiros aſſim forjados, e ſemelhantes à moe-
,, da de Portugal, diſtribuindo-os por boa, e leal
,, moeda de Portugal, pelo qual forjar deſta má
,, moeda ſe faz muy grande deſacato, e afronta
,, ao dito Sereniſſimo Rey de Portugal, e outro
,, ſi muito damno ao dito Reyno de Portugal,
,, e ſogeitos delle, e porque nos foy amigavel,
,, e hermanavelmente pedido, que opportunamen-
,, te quizeſſemos prover, e acudir aos fraudes,
,, e enganos deſtes falſarios, e impedir, e refrear
,, a ſua temeraria ouſadia, e inſolencia, para que
,, para o tempo vindouro ſe naõ atrevaõ a ou-
,, ſar, ou tentar de fazer ſemelhante; pela qual
,, cauſa ſendo nós inclinados à muy juſta, e muy
,, racionavel petiçaõ do dito Sereniſſimo Rey de
,, Portugal noſſo irmaõ, e amigo, e conſangui-
,, neo muy amado, e entendendo pertencer ao
,, cargo Imperial impedir, e refrear o dito for-
,, jar, e eſtampar, e diſtribuir eſtas falſas moedas
,, prohibidas pelas Leys antigas, e vedadas por
,, Conſtituições, e Ordenações noſſas, e do Sa-
,, cro Imperio, e ſob graves penas contra os Au-
,, thores, e obreiros dellas, ordenamos, e man-
,, damos a voſſas Devoções, e Dileções quaeſquer
,, outras peſſoas por noſſa authoridade Imperial
,, ſobre graviſſima indignaçaõ noſſa, e do Sacro

,, Imperio, e ſob as penas conſtituïdas, e orde-
,, nadas pelas Sacras Leys dos antigos Empera-
,, dores, pelas Conſtituições, e Ordenações noſ-
,, ſas, e do Sacro Imperio contra os eſtampado-
,, res, e authores da moeda falſa, que desde ago-
,, ra em diante nenhuma peſſoa preſuma de con-
,, trafazer, nem imaginar de contrafazer alguma
,, moeda de ouro, nem prata, nem de cobre de
,, qualquer valor, ou preço ſemelhante à eſtam-
,, pa, ou cunho, ou ſinal do dito Sereniſſimo
,, Rey de Portugal, nem taõ pouco eſtampar,
,, ou forjar, nem enviar a Portugal alguma moe-
,, da com o cunho, ou ſinal, ou eſtampa do di-
,, to Sereniſſimo Rey de Portugal de qualquer
,, preço, ou valor, que ſeja, nem taõ pouco al-
,, li diſtribuir, diſpender, nem deſcambar com
,, outra moeda, antes que diſſo inteiramente ſe
,, hajaõ de guardar, e abſter, e primeiramente
,, mandamos, e ordenamos a quaeſquer Magiſ-
,, trados, os quaes de noſſa parte tem alguma
,, jurisdiçaõ para que com toda a diligencia buſ-
,, quem os ditos eſtampadores, e officiaes de
,, moedas falſas, e ſe acharem alguns, que niſſo
,, ſejaõ culpados, que contra elles guardem, e
,, executem as Leys, e Conſtituições, e Orde-
,, nações noſſas, e do Sacro Imperio, e que rom-
,, paõ, e cortem em pedaços as moedas, que
,, aſſim forem eſtampadas, e feitas, ou forjadas,
,, ou valadas, ou de outra qualquer ſorte contra-
feitas

„ feitas à maneira de outra moeda, e que façaõ
„ proclamar, e publicar, que ninguem as possa
„ gastar, nem receber sob grandes penas, para
„ isso ordenadas; e que em tudo, e por tudo
„ hajaõ de obedecer, e guardar estreitamente,
„ e muy sinaladamente este nosso mandamento:
„ e que naõ façaõ, nem presumaõ de fazer cou-
„ sa alguma em contrario para que naõ encor-
„ raõ em nossa indignaçaõ, e do Sacro Imperio
„ por ser assim nossa vontade, e em testemunho
„ da verdade firmamos estas letras de nossa maõ,
„ as quaes vaõ selladas de nosso proprio sello.
„ Dadas na nossa Cidade de Vienna em Austria
„ a 29. dias do mez de Agosto do anno de Nos-
„ so Senhor Jesu Christo de 1565. e dos nossos
„ Reynos, e dos Romanos o terceiro, e de
„ Ungria o segundo, e de Bohemia o dezasete.
„ Foy firmado por Sua Magestade do Empera-
„ dor Maximiliano com o sello da sua Imperial
„ Magestade em cera vermelha.

CAPITULO VII.

He eleito Lourenço Pires de Tavora Capitaõ mór de Tangere, e das primeiras operações do seu governo. Congratula a Santidade de Pio IV. a ElRey D. Sebastiaõ por eleiçaõ taõ acertada.

1564.

60 FOy taõ sensivel para o altivo animo do Xarife Muley Abdalá, Rey de Marrocos, a afronta, que padeceo quando se retirou totalmente destroçado da Praça de Mazagaõ, que temerariamente pertendera expugnar, que naõ foy bastante o largo espaço de dous annos para lhe extinguir da memoria este aggravo; antes alimentando no coraçaõ mayor odio contra os Portuguezes, meditava o modo por onde se vingaria de huma naçaõ, que nascera para flagello de toda a Africa. Entre varias idéas, que lhe propoz o pensamento para este desaggravo, elegeo o de cercar a Cidade de Tangere, para cuja expugnaçaõ começou a formar hum Exercito formidavel pelo numero, e muito mais pelo valor. Chegou a noticia do intento do barbaro ao Cardeal D. Henrique, e considerando, que aquella Cidade estava taõ falta de fortificações, como de presidio para rebater a inimigo igual-

Intenta o Xarife cercar a Praça de Tangere.
Hist. dos Var. illustr. do appellid. de Tavor. pag. 225.

igualmente perfido, como poderoso, nomeou em nome delRey D. Sebastiaõ por Capitaõ môr della a Lourenço Pires de Tavora, fiando da sua prudente actividade a conservaçaõ da Praça, o credito da naçaõ, e a total derrota dos inimigos. Agradecido Lourenço Pires a esta eleiçaõ, que o Cardeal fazia da sua pessoa para aquelle governo, começou a allegar as razões, que tinha para o naõ exercitar; pois lembrado estava, que em annos florentes lho tinha offerecido ElRey D. Joaõ o III. em remuneraçaõ dos serviços, que fizera em Alemanha, e que o naõ aceitara, quanto mais agora, que estava na ultima idade, a qual por ser mais propria para descançar, do que para contender, o isentava do exercicio das armas. O Cardeal novamente o persuadio para que aceitasse o governo daquella Cidade, pois determinava augmentar o seu presidio com mil Soldados de cavallo, aos quaes para serem invenciveis havia elle doutrinar com os preceitos da arte militar, de cuja Palestra havia ser brevemente discipulo seu sobrinho D. Duarte. Receoso Lourenço Pires, de que esta sua repugnancia fosse interpretada por indecorosa à sua opiniaõ, quando em beneficio da Patria tinha empregado como Ministro o seu talento com tanta fidelidade, se sacrificou a exercitallo como Soldado, naõ sendo menos admirada a sua actividade nas Cortes da Europa, que nas campanhas de Africa.

Nomea ElRey para Governador da Praça a Lourenço Pires de Tavora.
Menezes, Hist. de Tangere, liv. 1. §. 53.

Pre-

Parte Lourenço Pires de Tavora com huma lustrosa Armada para Tangere.

61 Prevenido das munições, e petrechos necessarios partio de Lisboa em 15. de Abril deste anno de 1564. em huma Armada guarnecida de valerosos Soldados, e grande numero de Cavalheros desejosos de alcançar mayores brasões pelo braço, do que já tinhaõ pelo nascimento, sendo os principaes Christovaõ de Tavora seu filho, Alvaro Pires de Tavora seu cunhado, filho de Ruy Lourenço de Tavora; Francisco de Tavora, filho de Bernardim de Tavora, Reposteiro môr; Vasco da Sylveira, D. Luiz de Menezes, Alferes môr; D. Gastaõ Coutinho, filho de D. Gonçalo Coutinho; D. Francisco de Moura, filho de D. Luiz de Moura; D. Julianes da Costa, filho de D. Gil Eannes da Costa, Védor da Fazenda; Manoel Telles, filho de André Telles, Embaixador em Castella; Ruy Nunes Barreto, filho de Francisco Barreto, General das galés; Jorge de Mello, filho de Alvaro da Cunha; Antonio de Mello de Taveira, filho de Balthasar de Mello; Manoel de Mello, filho de Francisco de Mello; D. Rodrigo de Mello, filho de D. Gomes de Mello; Fernaõ Annes de Lima, filho de Jorge de Lima; Fernaõ de Lima de Abreu, Nuno Furtado de Mendoça, filho de Jorge Furtado; Diogo de Mendoça, filho de Joaõ Arraes de Mendoça; D. Jorge de Faro, filho de D. Francisco de Faro; D. Diogo de Castello-Branco, filho de D. Francisco

ciſco de Caſtello-Branco, Camareiro môr; D. Luiz de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida; D. Joaõ de Azevedo o Almirante; Mem de Brito, filho de Leonel de Brito; D. Luiz Coutinho, filho de D. Franciſco Coutinho; D. Luiz de Sande, filho de D. Joaõ de Sande, D. Franciſco de Almeida, e D. Antonio de Almeida.

62 Permanecia taõ vivamente impreſſo na memoria de Pio IV., o alto conceito, que fizera de Lourenço Pires de Tavora quando aſſiſtio na Curia por Embaixador deſta Coroa, que chegando à noticia do Pontifice a eleiçaõ, que o noſſo Monarcha fizera da ſua peſſoa para Capitaõ môr de Tangere, eſcreveo ao meſmo Principe huma carta, em que exaltava com elegantes elogios a prudencia, com que elegera para huma empreza taõ heroica a hum Varaõ digno unicamente della pelo ſeu valor, e fidelidade. A carta era a ſeguinte.

Copia da carta de Pio IV. a ElRey D. Sebaſtiaõ em abono de Lourenço Pires de Tavora.
Hiſt. dos Tavor. pag. 228.

63 „Chariſſime, &c. Dilectum filium Laurentium Pires audivimus miſſum abs Te in Africam fuiſſe, ut cum firmo præſidio Urbi ditionis tuæ Tingi præſit, qua in re probavimus admodum judicium tuum; nam cum illum optimè noverimus, non dubitamus, eum in urbe ea tuenda cùm fide, tùm vigilantia, virtute, prudentia Tuæ Maieſtati plane ſatisfacturum eſſe. Itaque nos quibus & tua, & univerſæ

,, versæ Reipublicæ Christianæ causa curæ est,
,, ut id oppidum, quod tam parvo intervallo ab
,, Hispania disjunctum est, cuique tantopere no-
,, stræ Religionis hostes imminent, diligentissime
,, defendatur; gaudemus ejus custodiam tali viro
,, commissam fuisse. Qui verò de benevolentia,
,, quam erga eum suscepimus dum apud Nos O-
,, rator esset tuus, nihil remisimus, eamque &
,, conservamus, & conservaturi sumus præter com-
,, modum tuum, hoc etiam illi abs te habito ho-
,, nore lætati sumus: scimus enim ejusmodi mu-
,, nera non nisi viris egregiis, probatisque commit-
,, ti: quod Tuæ Maiestati significandum duximus
,, ut intelligas & honorificum istud de eo judi-
,, cium Nobis jucundum fuisse, & gratum fore,
,, quodcumque intereà illi Regiæ tuæ gratiæ si-
,, gnum dederis. Datum Romæ apud Sanctum
,, Marcum, die 26. Junii Pontificatûs nostri an-
,, no quinto.

Traducaõ em Portuguez.

64 ,, Charissimo, &c. Ouvimos, que ten-
,, des mandado a Africa ao amado filho Louren-
,, ço Pires para Governador da vossa Cidade de
,, Tangere, cuja eleiçaõ naõ podemos deixar de
,, approvar muito, porque como quem bem co-
,, nhece, naõ duvidamos, que com sua fidelida-
,, de, esforço, prudencia, e vigilancia ha de dar
,, a V. Magestade na defensa daquella Cidade.
,, Pelo que tocandonos tanto o cuidado de nos-
,, sas cousas, e de toda a Republica Christãa es-
timamos,

„ timamos, que para melhor defenſa de huma
„ Cidade apartada de Heſpanha por taõ pe-
„ queno eſpaço, e taõ infeſtada dos inimigos de
„ noſſa Religiaõ ſeja encommendada a tal peſſoa
„ a guarda della. E porque do affecto, que lhe
„ tivemos ſendo voſſo Embaixador em noſſa Cor-
„ te, o naõ diminuimos, e o conſervamos da meſ-
„ ma maneira, e o conſervaremos ſempre, nos
„ alegramos tambem (além do reſpeito, que vós
„ ganhaes em o ter alli) de o honrardes deſta
„ maneira, porque ſabemos, que ſe naõ encom-
„ mendaõ taes cargos, ſe naõ aos homens aſſi-
„ nalados, e que ſe tem em muita conta; o que
„ nos pareceo dizer a Voſſa Mageſtade para que
„ entenda quanto nos agradou a eſtimaçaõ, que
„ delle fez, e quanto contentamento recebere-
„ mos com todas as ſignificações, que lhe der
„ do ſeu agrado. Dado em Roma, &c.

Eſcreve o Pontifice a Lourenço Pires, e lhe concede indulgencia plenaria para todos os Soldados, que militarem com elle.

65 Naõ ſómente congratulou a benignidade de Pio IV. ao noſſo Principe pela eleiçaõ, que fizera para Governador da Praça de Tangere da peſſoa de Lourenço Pires de Tavora, mas a elle meſmo ſignificou o Pontifice o exceſſivo jubilo, que concebera o ſeu coraçaõ com aquella noticia, pois conhecia claramente do ardente zelo, com que tratara os negocios pertencentes à Igreja, uſaria da meſma actividade para debellar aos inimigos della; e querendo, que experimentaſſe a ſua paternal beneficencia, concedeo

indulgencia plenaria aos ſeus Soldados todas as vezes, que verdadeiramente diſpoſtos combateſſem com os barbaros, para que fortalecidos com eſte eſpiritual ſoccorro naõ receaſſem o furor das ſuas armas. Por ſerem elegantiſſimas as palavras, com que o Pontifice exprimio o ſeu affecto para com eſte inſigne Varaõ, as julgamos dignas de ſe tranſcreverem neſte lugar.

Copia da carta.

66 „ Dilecte fili, nobilis vir, ſalutem. Cum „ litteras tuas libenter legimus, ut conſuevimus, „ tum illud quoque non ſine animi lætitia cogno- „ vimus, quàm honorificum de tua fide, & vir- „ tute judicium ſecerit Sereniſſimus Rex, qui ur- „ bem Mauritaniæ Tingim in diſcrimine, quod „ illi à potentiſſimis noſtræ Religionis hoſtibus „ imminet, tibi potiſſimùm tuendam, defenden- „ damque commiſit. Hujuſmodi enim munera, „ non niſi lectiſſimis viris, & cum fide, tum vir- „ tute, atque uſu rerum præſtantibus committi „ ſolent. Laudavimus in litteris, quas ad eum „ ſcripſimus, hoc ejus de te judicium non ſine „ commemoratione conſtantis erga te benevolen- „ tiæ noſtræ, & quæcumque is prætereà in Te „ ornamenta contulerit, quantopere ea nobis gra- „ ta futura ſint, ſignificavimus. Non eſſe Te „ hortandum à nobis ſcimus, ut tam opportu- „ num Regni Portugalliæ adverſus impios hoſtes „ Religionis noſtræ præſidium quàm diligentiſſi- „ me defendas; non enim dubitamus Te & opi- nioni

„ nioni noſtræ, & Sereniſſimi Regis judicio pla-
„ ne ſatis eſſe facturum. Ut verò tu, & mili-
„ tes tui Apoſtolica benedictione muniti alacrio-
„ re animo cum infidelibus, demicetis benedictio-
„ nem vobis Apoſtolicam impertientes omnibus,
„ & ſingulis, quotieſcumque vel urbem eam ab
„ hoſtium impetu defendere, vel ad pugnam ire
„ contigerit, contritis, & confeſſis, vel confi-
„ tendi propoſitum habentibus cùm primum com-
„ mode potuerint, de Omnipotentis Dei miſeri-
„ cordia, ac Beatorum Petri, & Pauli, Apoſto-
„ lorum ejus, authoritate confiſi plenam omnium
„ peccatorum veniam, & indulgentiam tenore
„ præſentium tribuimus. Datum Romæ, &c.

Traduçaõ em Portuguez.

67 „ Amado filho, nobre Varaõ, ſaude. Le-
„ mos de boa vontade a voſſa carta como coſ-
„ tumamos, e alegramonos muito de entender a
„ honra, e eſtimaçaõ, que o Sereniſſimo Rey
„ faz da voſſa lealdade, e valor, eſcolhendovos
„ para guarda, e defenſa da Cidade de Tangere
„ no perigo, que ſe lhe teme por taõ poderoſos
„ inimigos da noſſa Religiaõ, porque ſemelhan-
„ tes cargos naõ coſtumaõ commetterſe ſe naõ a
„ peſſoas muito eſcolhidas, e de muito particu-
„ lar esforço, e experiencia. Na carta, que lhe
„ eſcrevemos tratando da noſſa firme affeiçaõ pa-
„ ra comvoſco lhe louvamos eſta honra, que
„ vos deu, e lhe diſſémos quanto contentamen-
„ to receberemos com as mais, que vos fizer.

„ Sabemos, que naõ he neceſſario lembrarvos
„ que defendaes com cuidado huma Fortaleza
„ taõ importante ao Reyno de Portugal contra
„ os barbaros inimigos da noſſa Fé; porque naõ
„ duvidamos, que haveis de reſponder inteira-
„ mente à conta, em que vos temos, e à con-
„ fiança, que ElRey de vós fez. Mas para que
„ vós, e voſſos Soldados peleijeis mais alegre-
„ mente contra os infieis fortalecidos com a ben-
„ çaõ Apoſtolica fazendovos participante della;
„ confiados da miſericordia de todo o poderoſo
„ Deos, e da authoridade dos ſeus Bemaventu-
„ rados Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, conce-
„ demos pelo theor das preſentes a todos aquel-
„ les, que contritos, e confeſſados, ou com pro-
„ poſito de ſe confeſſarem tanto que commoda-
„ mente puderem, todas as vezes, que lhes tocar
„ defender a Cidade da invaſaõ dos inimigos,
„ ou ſahirem fóra a peleijar com elles, indulgen-
„ cia plenaria, e remiſſaõ de todos os ſeus pec-
„ cados. Dado em Roma, &c.

68 Tanto, que chegou a Tangere Lourenço Pires de Tavora acompanhado de taõ luſtroſa Soldadeſca foy notavel a conſternaçaõ, que cauſou nos animos dos Mouros eſta noticia, e de tal ſorte lhes intimidou os corações, que mais cuidavaõ de ſe acautelar, do que de offender. Era neſte tempo Alcaide môr de Arzilla Cide Roho Bentuda, que ſe intitulava com os eſpecioſos

ciosos titulos de Senhor de Larache, e Alcacer Quibir, e sabendo da chegada do novo Governador, como era muito presumido, lhe quiz fazer huma ostentaçaõ do seu valor. Para este fim continuava todos os dias dar rebates a Tangere, confiado na experiencia militar dos seus companheiros, e algumas vezes se atrevia chegar aos seus muros; porém a vigilancia de Lourenço Pires lhe fazia frustrados todos os seus intentos, recolhendo-se sem preza alguma aos seus quarteis. Estimulado Bentudá de que a nossa cautela triunfasse sem sangue dos seus designios, se deliberou investirnos com dous mil Soldados de cavallo, de quem fiou o feliz successo da empreza, que intentava, e para mais facilmente a conseguir os emboscou em hum palmar, que sendo descubertos pelas nossas Atalayas, sahiraõ com animo resoluto, e se aproximaraõ às nossas tranqueiras. Para castigar este atrevido insulto correraõ os nossos, e accendendo-se entre huns, e outros hum furioso combate, em que se peleijou de ambas as partes com igual vigor, fugiraõ os barbaros, deixando a muitos dos seus companheiros mortos no campo, e os que escaparaõ foraõ correndo até Ceuta, onde era Capitaõ D. Pedro da Cunha, a quem avisou Lourenço Pires do estrago, que tinhaõ padecido. Neste conflicto unicamente morreraõ dos nossos Rodrigo Rabello, e Jorge de Mendoça, que venderaõ as

Cide Roho Bentuda vem armar com dous mil cavallos à guarniçaõ de Tangere.

Ataqua-se hum furioso combate, de que sahem desbaratados os inimigos.

as ſuas vidas por innumeraveis mortes. O mayor deſvelo de Lourenço Pires era fortificar a Cidade applicando toda a diligencia de dia, e noite neſta operaçaõ para poder reſiſtir à invaſaõ, que a ameaçava, ſendo tal a actividade, com que concluhio eſta obra, que chegando à noticia do Xarife como os ſeus muros eſtavaõ impenetraveis, licenciou o Exercito, que com tanta ancia convocara, e ſe recolheo a Marrocos temeroſo de experimentar ſemelhante eſtrago ao que padecera em Mazagaõ.

Fortifica o Governador da Praça as ſuas muralhas, e ſe deſvanece o intento do Xarife.

CAPITULO VIII.

Queixa-ſe o Conde Vice-Rey ao Camorim da infracçaõ das pazes, que com elle celebrara, e para caſtigo da ſua infidelidade ſaõ derrotadas oitenta fuſtas de Malabares por Domingos de Meſquita. Morre o Conde Vice-Rey D. Franciſco Coutinho, e ſe relataõ brevemente as ſuas virtudes, e lhe ſuccede no governo D. Joaõ de Mendoça.

1564.

69 A Vitoria, que alcançou dos Malabares Jeronymo Dias de Menezes, foy taõ glorioſa, que retumbaraõ os ſeus eccos na Cidade de Goa; e eſtimando o Conde Vice-Rey o valor, com que aquelle Capitaõ ſe tinha havi-

havido em taõ desigual contenda, estranhou a infracçaõ do contrato das pazes, que taõ solemnemente tinha jurado com o Camorim; e logo pelo Capitaõ de Chale mandou representar a este Principe a pouca fidelidade, com que observara os pactos com elle estipulados, sendo os principaes, e os mais importantes: Que naõ sáhiriaõ de seus portos piratas, que alterassem a tranquillidade publica, e que todos os navios cortados os esporões se converteriaõ em pagueis, lembrando-lhe ser indecoroso à soberania de Principe naõ sómente naõ cumprir o promettido, mas muito mais naõ castigar os transgressores das suas leys. Ouvio o Camorim a justificada queixa do Conde Vice-Rey, e lhe respondeo com astuta cavillaçaõ, que certamente ignorava sahir dos seus portos Vassallo algum a roubar as fazendas alheas, por serem todos muito observantes das suas leys, naõ querendo experimentar por aquelles excessos o rigor de hum exemplar castigo: Que se alguns discorriaõ pelo mar exercitando aquelles roubos, deviaõ ser levantados, e como taes fossem mortos pelo primeiro, que os encontrasse, porque elle lhe promettia, que se os colhesse naõ haviaõ obrar segunda vez semelhantes insultos.

Estranha o Vice-Rey ao Camorim naõ observar os pactos, que com elle estipulara. *Couto, Decad. 7. da Asia, liv. 10. cap. 17.*

70 Naõ ficou satisfeito com esta repósta do Camorim o Conde Vice-Rey, antes interpretando-a como apparente disfarce da sua infidelidade

se

ſe determinou vingar eſta aleivoſia com hum caſtigo formidavel. Teve por noticia que para Cambaya partiaõ oitenta fuſtas de Malabares com paſſaportes dos Capitães de Chale, e Cananor, e as mandou eſperar para que foſſem reduzidas a cinzas; e ſe o Camorim ſe queixaſſe deſta acçaõ, o ſatisfaria dizendo, que por ſerem levantados uſara com elles de taõ ſevero caſtigo. Offereceo-ſe para eſta empreza Domingos de Meſquita, Soldado de igual valor, e determinaçaõ, o qual perſuadio ao Conde Vice-Rey, que com gente infiel a Deos, e aos homens ſe naõ devia praticar algum primor de guerra; antes quanto mais foſſe veloz o caſtigo, tanto mayor reſpeito ſe conciliava ao credito do Eſtado. Sahio Domingos de Meſquita em huma caravella, e duas fuſtas com cento e vinte homens, ſem que peſſoa alguma penetraſſe o fim da ſua jornada, e chegando ao rio de Carapataõ mandou ſurgir defronte delle duas legoas ao mar, para que nem por huma, nem por outra parte lhe pudeſſe eſcapar embarcaçaõ alguma dos inimigos. Ao tempo, que começaraõ as fuſtas dos Malabares apparecer de duas em duas, e de tres em tres, eraõ conſtrangidas pelos noſſos a que lançaſſem dentro da caravella de Domingos de Meſquita os Mouros, que traziaõ, e deſpejadas as fuſtas eraõ metidas no fundo. Depois ordenou o noſſo Capitaõ extrahir os Mouros, que eſtavaõ

Reſolve o Vice-Rey vingar-ſe do Camorim.

Domingos de Meſquita derrota oitenta fuſtas de Malabares.

Lafitau, Hiſt. des Decov. et Conq. des Portug dans le nouveau Monde, tom. 2. *liv.* 3. *pag.* 585.
Far. Aſia Port. tom. 2. *part.* 2. *cap.* 18. §. 10.

vaõ recolhidos na ſua caravella, e para memoria da fé publica mal obſervada, lhe cortou as cabeças, que juntamente com os corpos foraõ arrojados ao mar, aonde tambem acabaraõ naufragantes outros muitos envoltos nas vélas das ſuas embarcações, excedendo o numero de dous mil, que deſta ſorte acabaraõ, cuja fatalidade por ſerem muitos de Cananor, foy cauſa de ſe accender outra vez a guerra naquelle Reyno. Cauſou eſta derrota tal ſentimento em todo o Malabar, que naõ havia caſa, em que ſe naõ lamentaſſe a perda das vidas, e das fazendas deſtruidas em vinte e quatro embarcações, obrigando o amor a huns derramar ſentidas lagrimas pela morte dos parentes, e a outros a conveniencia pela falta de tantos cabedaes infauſtamente perdidos.

71 Eſte ſentimento, que affligia a todo o Malabar, com muito mais juſtificado fundamento ſe extendeo univerſalmente pelo Eſtado, lamentando com enternecidas demonſtrações de affecto a intempeſtiva morte do Conde Vice-Rey, ſuccedida a 19. de Fevereiro deſte anno de 1564. ſendo taõ breve a infermidade, que ao meſmo tempo, que adoeceo, foy logo capitulada por mortal. Como era geralmente amado, foy tambem univerſalmente ſentido, fazendo a brevidade da doença mais laſtimoſa a ſua memoria. Amou ſempre a juſtiça ſem nunca degene-

Morte do Conde Vice-Rey D. Franciſco Coutinho, de quem ſe faz huma breve memoria.

rar em rigor. Usou da liberalidade mais para premio da virtude, do que para ostentaçaõ da grandeza. Foy muito discreto, e cortezaõ, e ainda que algumas vezes dizia palavras jocosas, nunca foraõ accusadas de pueris. Teve o corpo bem proporcionado, a presença gentil, e sendo para todos suave, sómente para comsigo era severo. Representou a pessoa do seu Soberano com magestade, fazendo, que o seu nome fosse temîdo, e respeitado de todos os Principes do Oriente. Mais feliz fora o seu governo, se fora mais dilatado, mas se a morte lhe roubou a vida, o naõ pode privar da immortalidade. Foy filho de D. Joaõ Coutinho, primeiro Conde de Redondo, e de D. Isabel Henriques, filha de Fernaõ Martins Mascarenhas, Senhor de Lavre, Alcaide môr de Monte-Môr o Novo, e de Alcacer do Sal, Commendador de Mertola, e de Almodouvar, e Capitaõ dos Ginetes. Casou com D. Maria de Gusmaõ, filha de D. Francisco de Gusmaõ, Camereiro môr da Infanta D. Maria, e de D. Joanna de Blasfe, Camereira môr da mesma Princeza, de quem teve tres filhos, e oito filhas, dos quaes o primeiro chamado D. Joaõ Coutinho morreo menino; o segundo, que herdou a Casa com o nome de D. Luiz Coutinho, foy casado com D. Mecia, filha de D. Aleixo de Menezes, Ayo delRey D. Sebastiaõ, e de D. Luiza de Noronha,

nha, que morreo com o meſmo Principe na infeliz batalha de Alcacer; o terceiro foy D. Joaõ Coutinho. As filhas de taõ grande Cavalhero illuſtraraõ igualmente as Caſas mais illuſtres, como os Conventos mais reformados, caſando a primeira, chamada D. Iſabel Henriques, com D. Diniz de Alencaſtre, Commendador môr da Ordem de Chriſto; D. Joanna de Guſmaõ com Ruy Gonçalves da Camera, Conde de Villa-Franca; e D. Guiomar de Blasfe com D. Simaõ de Menezes. D. Conſtança, e D. Catharina cobriraõ o eſplendor da ſua nobreza com o penitente Sayal de S. Franciſco no Convento da Eſperança de Lisboa; D. Violante veſtio o habito de Malteza no Moſteiro de S. Joaõ da Villa de Eſtremoz; D. Anna, e D. Luiza morreraõ meninas. Mandou no ſeu Teſtamento o Conde Vice-Rey, que foſſe o ſeu corpo amortalhado no habito de S. Franciſco, e depois transferido à Villa de Redondo. Acompanhado do Cabido, Irmandade da Miſericordia, e toda a Nobreza Secular, e Eccleſiaſtica de Goa foy ſepultado na Igreja dos Religioſos Menores, onde o ſeu unico nome he o mais heroico Epithafio da ſua fama. Foy entre os Vice-Reys o ſetimo, e o vigeſimo primeiro entre os Governadores. No appellido o primeiro; no titulo o ſegundo; e em o nome o terceiro.

72 Ainda naõ eſtava entregue à ſepultura o

cadaver do Conde de Redondo, mas depoſitado na Capella môr do Convento de S. Franciſco de Goa, quando na preſença do Cabido, por eſtar auſente o Arcebiſpo D. Gaſpar, que tinha hido viſitar as Fortalezas do Norte; e do Biſpo da Ethiopia D. Belchior Carneiro, Lopo Vaz de Sampayo, Capitaõ de Goa, Lopo Vaz de Siqueira, Védor da Fazenda, Henrique Jaques, Ouvidor Geral, Gonçalo Lourenço de Carvalho, Chanceller do Eſtado, e os Vereadores da Camera, trouxe o Secretario Manoel Leitaõ as vias das ſucceſſões do governo da India, que eraõ quatro, as quaes levara o Conde de Redondo aſſinadas pela parte de fóra pela Rainha D. Catharina, que governava o Reyno na menoridade de ſeu neto D. Sebaſtiaõ, e de cada ſucceſſaõ pendiaõ tres ſellos de cera vermelha, em que eſtavaõ impreſſas as Armas Reaes; e tirando o Secretario a primeira ſucceſſaõ a entregou ao Capitaõ da Cidade, para que com o Ouvidor Geral a examinaſſe ſe eſtava ſellada, e fechada ſem o menor vicio, que pudeſſe duvidar da ſua legalidade; e depois de ſer viſto, e conhecido ſer o ſinal verdadeiro da Rainha D. Catharina, a abrio o Secretario, e nelle eſtava nomeado por ſucceſſor do Conde de Redondo D. Antaõ de Noronha; e porque havia quaſi dous annos, que tinha partido para o Reyno, ſe tirou a ſegunda precedendo o meſmo exame,

Abrem-ſe as ſucceſſões, e ſahe nomeado D. Joaõ de Mendoça.

me, e nella ſe achou nomeado D. Joaõ de Mendoça, que acabara de ſervir a Capitanía de Malaca, e como eſtava preſente lhe leo o Secretario a nomeaçaõ na ſua peſſoa, que elle logo aceitou, e deu a homenagem do Eſtado nas mãos do Capitaõ de Goa Lopo Vaz de Sampayo; e depois poſto de joelhos diante de hum Altar, que para eſte effeito ſe levantou, prometteo com juramento ſolemne de obſervar juſtiça a todos confórme o eſtylo do Eſtado.

CAPITULO IX.

Expede o Governador D. Joaõ de Mendoça huma Armada para ſoccorrer a Fortaleza de Cananor, que eſtava ſitiada. Chega a Goa por Vice-Rey do Eſtado D. Antaõ de Noronha, e prepara huma Armada para ſoccorrer aquella Praça.

1564.

73 A Primeira acçaõ, por onde deu principio ao ſeu governo D. Joaõ de Mendoça, foy deſpachar os provimentos das Fortalezas de Malaca, e Moluco quando interromperaõ eſtas diſpoſições os Embaixadores enviados pelo Camorim, que ſignificaraõ o lamentavel damno, e eſtrago, que Domingos de Meſquita tinha cauſado aos Vaſſallos do ſeu Principe

Chegaõ Embaixadores do Camorim a Goa, e ſe queixaõ de Domingos de Meſquita.

pe com a perda de innumeraveis vidas, e preciosas fazendas, commettendo estes excessos debaixo da segurança da paz. O Governador se mostrou apparentemente sentido daquelle successo, e respondeo aos Embaixadores para de algum modo os satisfazer, que aquelle Capitaõ era levantado, obrando aquelle insulto como cossario; mas lhes promettia, que se o pudesse colher pagaria severamente o que taõ barbaramente executara. A este tempo chegou à barra de Goa Domingos de Mesquita, e como ainda naõ tinhaõ voltado para Cananor os Embaixadores, para mostrar o Governador, que com as obras confirmava as palavras o mandou prender, e satisfeitos os Nayres com este castigo se despediraõ, e tanto que se ausentaraõ foy logo solto Domingos de Mesquita, e largamente remunerado pelo Governador como merecia a acçaõ, que tinha obrado.

Couto, Decad. 7. da Asia, liv. 10. cap. 18.

Politica, com que se houve o Governador com os Embaixadores.

74 Chegou a noticia da morte do Conde de Redondo a D. Francisco Mascarenhas assistente no Malabar, que a sentio extremosamente, naõ só pelo affecto da amisade, mas ainda pelo vinculo do parentesco, e resolvendo-se a partir para Goa visitou de caminho a Fortaleza de Cananor, e a deixou provída de gente, e munições, sendo necessaria toda esta prevençaõ para rebater o impeto dos Malabares, que se esperava, pois incitados por huma Moura de

grande

grande authoridade, que ficara viuva de hum Mouro morto na derrota executada por Domingos de Mesquita, fizeraõ huma liga geral contra a nossa Fortaleza jurada com as supersticiosas ceremonias, que costumaõ, protestando, que naõ haviaõ de largar os seus muros até que os naõ rendessem à sua obediencia. Antes de entrar em Goa D. Francisco Mascarenhas chegou ao rio Canharoto onde residia ElRey de Cananor, e porque já estava confederado com Ade Rajao para invadir a nossa Fortaleza, lhe bombardeou o seu Pagode, que ficava sobre a Ribeira por ser a mayor afronta, que lhe podia fazer. Sentido o barbaro desta injuria muito mais aggravante, pois lhe offendera a Divindade, que adorava, a castigou com huma cruel vingança mandando lançar o fogo a todos os navios, que estavaõ ancorados à sombra da nossa Fortaleza, e se reduziraõ a cinzas trinta entre grandes, e pequenos, de cuja destruiçaõ receberaõ os moradores da Fortaleza notavel damno.

Ligaõ-se muitos barbaros do Malabar contra a Fortaleza de Cananor.

D. Francisco Mascarenhas bombardea o Pagode del-Rey de Cananor.

Em vingança deste aggravo manda o Rey abrazar todos os navios ancorados debaixo da nossa Fortaleza.

75 Declarou-se a guerra entre a Fortaleza, e os Malabares, por cuja causa escreveo o Capitaõ della D. Payo de Noronha ao Governador D. Joaõ de Mendoça, que promptamente o mandasse soccorrer, pois esperava naquelle Inverno ser invadido pelos Malabares. Chegou a Goa D. Francisco Mascarenhas ignorante do que succedera em Cananor, e foy recebido por D. Joaõ

O Governador de Cananor pede soccorro.

Joaõ de Mendoça com grande benevolencia. Foy logo avisado o Governador estar no rio Carapataõ surta huma nao do Achem a mais rica, e preciosa, que havia muitos annos sahira daquelle porto, e navegava para Meca. Estimou o aviso, e tendo despachado a seu sobrinho Antonio Furtado de Mendoça em huma galeota para invernar em Damaõ, e sahir esperar as naos de Meca nos possos de Surrate, o despachou com mayor velocidade mandando armar outra galeota, de que fez Capitaõ Joaõ da Costa Peleja com dous navios, de que eraõ Capitães Balthasar da Costa, e Luiz de Aguiar. Levava por regimento Antonio Furtado de Mendoça, que se fosse pôr em paragem, donde naõ pudesse ser descuberto dos inimigos; mas foy inutil toda a vigilancia, e alvoroço, com que se esperava taõ preciosa preza, pois avisados os mercadores da nao por huns pescadores de que os nossos navios occupavaõ sempre hum lugar, mudaraõ improvisamente de conselho desembarcando as fazendas para que com ellas naõ perigassem as suas vidas, e os nossos voltaraõ huns para Goa, e outros para Damaõ.

Manda o Governador queimar huma nao do Achem, e se naõ executa.

76 Naõ se descuidaraõ os Mouros de invadir a Fortaleza de Cananor com toda a violencia, e como já experimentavaõ alguns assaltos, e haviaõ muitas escaramuças em que pela desigualdade do numero dos Soldados, e falta de manti-

mantimentos, e petrechos militares podia o Capitaõ daquella Fortaleza D. Payo de Noronha prudentemente recear ſe renderia com injuria do nome Portuguez, eſcreveo ſegunda vez a D. Joaõ de Mendoça pedindo-lhe com efficacia mandaſſe velozmente ſoccorrer aquella Fortaleza de tudo quanto era neceſſario para rebater o furor dos Malabares, pois eſtavaõ reſolutos a vingarem com o proprio ſangue as injurias, e os eſtragos, que tinhaõ recebido das armas Portuguezas. Foy incrivel a brevidade, com que o Governador expedio a André de Souſa com cinco navios, ordenando-lhe defendeſſe a Praça de Cananor com toda a gente militar, que governava da parte de fóra, e D. Payo de Noronha mandaſſe aos Soldados do preſidio. Ao tempo, que chegou a Cananor André de Souſa achou a noſſa Fortaleza cercada por Ade Rajao com hum numeroſo Exercito, e repartindo os Capitães pelas tranqueiras ſe fortificou de tal ſorte, que ſem receber damno dos inimigos lho cauſava muito grande fazendo varias ſahidas, em que lhe cortava muitos palmares, e executava outras iguaes hoſtilidades.

D. Payo de Noronha aviſa ao Governador do perigo da Fortaleza.

Prompto ſoccorro expedido pelo Governador.

Chega André de Souſa a Cananor, e diſpoem a defenſa das ſuas tranqueiras.

77 Eſperava D. Joaõ de Mendoça em Setembro ſucceſſor no governo, mas como naõ queria eſtiveſſe ocioſa a ſua vigilancia, mandou concertar a Armada para o Veraõ ſeguinte com o intento de a achar prompta quem vieſſe ad-

miniſtrar o Eſtado, naõ reparando, que neſte diſpendio conſumiſſe a ſua fazenda, por attender ſempre mais ao ſerviço do ſeu Principe, que à conveniencia da ſua peſſoa. Chegou o dia tres de Setembro, em que ferrou a barra de Goa a Armada, que trazia o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha, ſendo recebido com feſtivas, e benevolas demonſtrações do Arcebiſpo, Capitaõ môr da Cidade, Vereadores, e toda a Nobreza, e povo. Naõ ſe achou preſente a eſta ceremonia politica D. Joaõ de Mendoça por eſtar impedido de huma infermidade, mas logo que teve noticia da chegada de D. Antaõ de Noronha, lhe mandou pelo Capitaõ môr da Cidade entregar o governo do Eſtado, de que fora mais depoſitario, que poſſuidor, merecendo pelos ſingulares dotes de ſeu animo que o adminiſtraſſe por mais largo tempo, pois foy amante da juſtiça, e da verdade; inimigo do intereſſe, e conveniencia propria, como ſe vio claramente quando voltou para a Patria com mayor abundancia de acções heroicas, que de precioſos theſouros. Sempre conſervou benevolos os ouvidos, e patentes as portas para todo o genero de peſſoas, que lhe queriaõ fallar, prevenindo com a promptidaõ dos deſpachos a importunaçaõ das ſupplicas. Foy filho de D. Antonio de Mendoça, e de D. Iſabel de Caſtro. Caſou com D. Joanna de Aragaõ, filha de Nuno Rodri-

Chega a Goa o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha.

Entrega o governo ao novo Vice-Rey D. Joaõ de Mendoça, de quem ſe faz hum breve elogio.

Rodrigues Barreto, Fronteiro môr do Algarve, Védor da Fazenda, e Capitaõ môr da Cidade de Faro, e Loulé, e de D. Leonor de Milaõ, de quem teve hum filho unico, que ſe chamou Nuno de Mendoça, que nas qualidades do eſpirito ſahio verdadeiro retrato de ſeu pay, oſtentando o ſeu militar esforço nas campanhas de Flandres, e depois em Africa quando governou a Praça de Tangere. Partio D. Joaõ de Mendoça no Janeiro ſeguinte para o Reyno, e experimentando tempos contrarios naõ quiz arribar a Moçambique, mas paſſou a Ormuz, onde foy recebido com grande jubilo por Pedro de Souſa, Capitaõ deſta Fortaleza, que o amava muito, e depois de tomar a Ilha de Santa Helena chegou a Portugal mais cheyo de fama, que riqueza.

78 Foy inexplicavel o applauſo, e alvoroço, com que ſe ſolemnizou em Goa a entrada de D. Antaõ de Noronha, competindo o povo com a Nobreza em o modo, e exceſſo com que havia de manifeſtar o jubilo dos ſeus corações, vaticinando todos com aquellas ſignificações de affecto a felicidade do governo, que os eſperava, fundada na larga experiencia das grandes virtudes, que eſte Heroe tinha manifeſtado em todo o tempo, que aſſiſtira no Oriente. Principiou o ſeu vigilante cuidado em attender pelo que neceſſitava de mais prompto remedio, e ſa-

Manda o Vice-Rey huma poderosa Armada para soccorro de Cananor.
Faria, Asia Port. tom. 2. part. 3. cap. 1. §. 2.

bendo a oppressaõ, a que estava reduzida a nossa Fortaleza de Cananor cercada por Ade Rajao com hum formidavel poder, expedio logo a D. Antonio de Noronha para que governasse os Soldados da terra, e aos do mar elegeo por seu Capitaõ a Gonçalo Pereira Marramaque com huma poderosa Armada, de que eraõ Capitães Heytor da Sylveira, Jeronymo Correa Baharem, Joaõ Gomes de Castro, Jeronymo Teixeira de Macedo, D. Diogo de Sousa, D. Diogo Fernandes de Vasconcellos, Joaõ Lopes Leitaõ, Ayres Gonçalves de Miranda, Joaõ de Mendoça, filho de Christovaõ de Mendoça, D. Jeronymo de Menezes, Joaõ Gomes de Abreu e Lima, Alexandre de Sousa, D. Francisco Henriques, D. Diogo de Almeida, D. Luiz Mascarenhas, Fernaõ de Miranda de Azevedo, Francisco Vaz de Siqueira, Gaspar Velho, Manoel de Brito, D. Pedro de Castro, irmaõ do Conde de Basto, Ayres de Saldanha, seu irmaõ Manoel de Saldanha, Antonio Botelho, Diogo Lopes de Azevedo, Fernaõ Gomes da Gama, Jeronymo Dias de Menezes, Simaõ Reynel, e D. Alvaro Manoel. Na altura dos Ilheos de Angediva encontrou Gonçalo Pereira Marramaque a D. Francisco Mascarenhas, que lhe entregou a Armada, que governava. Chegando a Cananor foy muito differente o effeito, que causou este soccorro no animo dos sitiados, e dos

dos expugnadores, pois ao mesmo tempo, que alentou aquelles para continuar as proezas militares, que até entaõ tinhaõ obrado, obrigou a estes a que mais remissamente invadissem a Fortaleza, supposto naõ desistiraõ do cerco, com que a tinhaõ fortemente apertado.

CAPITULO X.

Progressos da Christandade em Goa. Funda-se huma Igreja na Aldea de Margaõ. Extinguem-se os sacrilegos lavatorios em Baçaim. Tumultuaõ os Vassallos delRey de Siau contra a sua pessoa por se fazer Christaõ. Terrivel perseguiçaõ contra os Christãos de Amboino, que saõ soccorridos por Antonio Paes, que alcança vitoria dos inimigos.

1564.

79 NAõ triunfou menos a Religiaõ Catholica em todo o Oriente no Vice-reynado de D. Antaõ de Noronha, do que floreceo no sempre saudoso governo de D. Constantino de Bragança, promovendo com ardente piedade os augmentos da Fé, que estava felizmente propagada pelas Ilhas de Goa, Choraõ, Divar, Salsete, e o Reyno de Cochim. Admiraveis eraõ os progressos da Christandade de Goa, pois muitos com a graça bautismal, de Cathecumenos

Augmentos da Christandade nas Ilhas de Choraõ, Divar, e Salsete.

thecumenos

thecumenos se convertiaõ em Cathequistas, conduzindo para o rebanho de Christo com a efficacia das suas vozes a innumeraveis professores dos antigos erros do Gentilismo. Empenhavaõ-se os filhos a communicar a seus pays outra melhor vida, que delles receberaõ, persuadindo-lhes a que se regenerassem no bautismo. A mesma diligencia praticaraõ os maridos com suas esposas, os irmãos com as irmãas, e os tios com os sobrinhos, querendo constituir huma numerosa familia, que tivesse a Fé por tronco mais unida com os vinculos da graça, que da natureza. Investigavaõ com summa diligencia se algum Gentio sacrificava occultamente aos Idolos, porque logo delatado em Goa era severamente punido com a pena comminada á taõ sacrilego delicto. Para extinguir as superfliciosas solemnidades destes barbaros passavaõ muitos a Salsete, e Bardez, e com carne de vacca lhe profanavaõ os tanques de seus lavatorios. Aquelles, que antes de convertidos eraõ venerados por Oraculos da sabedoria, subiaõ a lugares eminentes, onde os concursos eraõ mais numerosos, e protestavaõ com vozes, e lagrimas os fabulosos delirios, com que antigamente os enganavaõ movidos da ambiçaõ da honra, e interesse do lucro. Outros illustrados da verdadeira sciencia desafiavaõ aos seus companheiros para publicas disputas, mostrando-lhes evidentemente a ignorancia, e fal-

e falſidade da ſua doutrina, do que ſe ſeguia, que convencidos alguns da propria conſciencia ſe rendiaõ; outros ſurdos aos clamores da verdade ſe retiravaõ afrontados pela liberdade do povo.

80 A Aldea de Margaõ, cabeça da Ilha de Salſete, e a mais nobre das tres Commarcas ſogeitas à Cidade de Goa, celebre pelo ſeu contrato, e multidaõ de moradores, venerava com profundas ceremonias hum Idolo chamado Damador; e querendo o Padre Antonio de Quadros, Provincial da Companhia, extinguir eſte eſcandalo da piedade Catholica, e fundar hum Templo ao verdadeiro Deos, porque eſtabelicida a Fé em Margaõ ſe eſpalhaſſe pelas Aldeas inferiores, receando as contradições dos Bramanes, que eraõ os mais poderoſos daquelle Paiz, recorreo ao authorizado patrocinio do Arcebiſpo Primaz D. Gaſpar, que perſuadido de ſupplica taõ juſta paſſou a Margaõ com os Padres mais graves do Collegio de S. Paulo, e perguntou aos Gentios, que o vieraõ receber, qual ſeria o ſitio mais accommodado para fundar a nova Igreja? Receavaõ eſtes que com a fabrica deſte edificio ſe derrubaſſe o Pagode, e para que o Arcebiſpo naõ elegeſſe aquelle ſitio, lhe propuzeraõ outros mais convenientes aos ſeus intentos. Chegou o Arcebiſpo ao lugar, em que eſtava o Pagode, e fixando na terra huma ſetta,

ta, que levava, ſignificou com eſte ſinal, que aquelle era o ſitio deſtinado para a nova fabrica, e ficaraõ taõ traſpaſſados os corações dos Gentios com o ferro daquella ſetta, que naõ ſe atreveraõ a reſiſtir à veneravel authoridade de taõ grande Prelado. Derrubado o Pagode ſe erigio ſobre as ſuas ruinas huma Igreja dedicada ao Eſpirito Santo, que diffundio taõ liberalmente a enchente dos ſeus dons ſobre os moradores daquella Aldea, que logo ſe fizeraõ Chriſtãos cinco para ſeis mil, e ſendo antigamente os mais rebeldes ao Eſtado, conſervaraõ com a Fé Divina a humana à noſſa Coroa.

Funda-ſe ſobre as ruinas do Pagode de Margaõ huma Igreja, e ſe reduzem os ſeus moradores à Fé Catholica.

81 Coſtumava a Gentilidade Indoſtana em Baçaim no dia do quarto depois da Lua cheya de Agoſto fazer hum lavatorio geral nas ribeiras de algum rio, com o qual cria a ſua ſuperſtiçaõ, que ficava igualmente lavado o corpo, como pura a alma. Para eſta ridicula ceremonia obſervavaõ naquelle dia hum jejum taõ auſtéro, que nem com agua o quebravaõ, repartindo copioſas eſmolas pelos ſeus Sacerdotes, e abſtendo-ſe de genero algum de ſacrificio por julgarem que a menor gotta de ſangue, que manchaſſe a agua, lhe tirava a efficacia de purificar as ſuas culpas. Era innumeravel a multidaõ de povo, que dos contornos de Baçaim concorria a eſte lavatorio, como ſe fora hum jubileo pleniſſimo com grande injuria dos novos converti-

Superſtições Gentilicas em os lavatorios de Baçaim.

dos,

dos, pois os Gentios lhe diziaõ por afronta a facilidade, com que ſe purificavaõ de culpa, e pena, o que elles naõ podiaõ alcançar, ſe naõ com rigoroſas penitencias neſta vida, e com hum Purgatorio de fogo na outra. Para ſe extinguir taõ eſcandaloſa expiaçaõ ſe plantaraõ Cruzes pela margem do rio, de cuja ſagrada ſombra ſe apartavaõ cada vez mais os Gentios, até que enfadados de mudar tantos lugares acharaõ hum ſitio diſtante quaſi duas legoas da Cidade, que era huma grande concavidade aberta em o lado de huma penha, e junto della hum lago, que ſe fazia muito ameno pelas frondoſas arvores, que o cercavaõ. Neſte lugar fabricaraõ varias capellas com altares, onde collocaraõ diverſos Idolos, e pelo circuito do lago lavraraõ eſcadas de pedra, por onde deſciaõ a banharſe. Superior ao arco da caverna eſtava huma arvore inclinada ſobre a lagôa, aonde por ultimo acto daquella infernal ceremonia ſubia o mais celebre penitente, e ſe deixava cahir perpendicularmente ſobre o lago, que naufragante nelle era numerado como Santo no Calendario Gentilico. Naõ podia tolerar o zelo do Padre Chriſtovaõ da Coſta a pertinaz cegueira daquelles barbaros, e para que de huma vez acabaſſe de extinguir idolatria taõ abominavel, recorreo ao Capitaõ de Baçaim para o ajudar em taõ ſanta empreza, o qual promptamente lhe deu cincoenta

Lugar deſtinado pelos barbaros para a ſua expiaçaõ.

Apoſtolico zelo, com que o Padre Chriſtovaõ da Coſta extinguio eſtas impias ceremonias.

moſqueteiros, e outros tantos Soldados de cavallo com outra muita gente, que voluntariamente queria ſer inſtrumento da extinçaõ daquella ceremonia. Chegaraõ todos unidos no dia, em que ſe havia celebrar o lavatorio, e ao tempo, que aquella turba innumeravel ſe metia no lago diſpararaõ improviſamente a moſquetaria ao ar, e com vozes injurioſas inſultavaõ aos idolatras, que conſternados com taõ repentino eſtrondo fugiraõ arrebatadamente atropellando-ſe huns aos outros, deixando muitos as cabayas, outros as bandeiras, onde tinhaõ pintados os Idolos da ſua mayor devoçaõ, e em hum inſtante deſappareceo toda aquella ſacrilega multidaõ. Derrubaraõ-ſe as capellas, quebraraõ-ſe os Idolos, banhou-ſe a terra, e o meſmo lago com o ſangue de algumas vaccas, que alli foraõ mortas, ficando eſte lugar na opiniaõ dos barbaros eternamente contaminado, e incapaz de taõ impia ſolemnidade: ceſſaraõ os lavatorios, e nunca mais ſe ouviraõ nos contornos de Baçaim aquelles jubileos, em que ſe manchavaõ mais as almas, quando lavavaõ os corpos.

ElRey de Siau promulga leys em beneficio da Chriſtandade, que profeſſava.

82 O Rey de Siau, que o anno paſſado ſe bautizou em Manadó, cujo valeroſo animo era muito affamado por aquelles mares, voltando outra vez para a ſua Ilha pertencente à Provincia de Celébes, e diſtante de Ternate trinta e ſeis legoas, illuſtrado com as luzes da Fé ſe

empe-

empenhou a reduzir os ſeus Vaſſallos ao ſuave jugo do Euangelho mandando promulgar novas leys, e introduzir coſtumes mais reformados. Naõ pode tolerar a licencioſa politica dos Siaus eſta refórma, e inſtigados pelos Mouros, que aborreciaõ mortalmente ao Rey Chriſtaõ; aliſtaraõ occultamente ſeis mil Soldados, com os quaes diſcorrendo pela Fortaleza de Paſſem, e outras menores, foraõ acclamando outro Principe, que conſervaſſe os antigos erros da ſua barbara crença; e de tal modo tumultuou a plebe contra o perſeguido Rey, que para eſcapar da furia inimiga, com ſeu pay já caduco, ſeus irmãos, e hum filho de poucos annos ſe refugiou a hum lugar ainda que pequeno, forte, com eſperanças de reſtaurar a Coroa; mas deſenganado, que mal podia conſervar a vida, quanto mais reſtituirſe ao Reyno, foy para Ternate pedir ſoccorro aos Portuguezes, que lhe foy negado pela deſgraça dos tempos, tendo-o elle merecido pelos ſerviços, que fizera ao Eſtado. Foy recebido benevolamente pelos Padres Jeſuitas, que o ſuſtentaraõ por eſpaço de quatro annos, tolerando aquelle deſterro com heroica paciencia, até que no anno de 1568. cingio outra vez a Coroa uſurpada.

Tumultuaõ os Vaſſallos, e ſe rebellaõ contra a ſua peſſoa.

Salva-ſe o Principe em Ternate.

83 Terrivel foy a perſeguiçaõ, que o demonio, invejoſo dos progreſſos da Religiaõ Catholica, excitou contra a Chriſtandade de Am-

 boino,

boino, huma das mais celebres da Asia Insular. Era incançavel Obreiro desta vinha o Padre Francisco Rodrigues, e respondia o fruto taõ abundantemente ao trabalho, que se naõ fora a infernal astucia delRey Aeyro, com que lhe impedia os augmentos, certamente naõ haveria angulo daquella terra, que naõ adorasse ao Crucificado, e blasfemasse de Mafoma. Para se extinguir a memoria da Ley Euangelica se alistaraõ Exercitos, e expediraõ Armadas, fazendo por mar, e terra horriveis estragos em todos aquelles, que eraõ Christãos. ElRey da Java Mayor, que he dos mais poderosos daquelle Archipelago Moluco, mandou huma Armada de treze juncos a carregar em Banda de Noz, Massa, e Cravo, com ordem de que degollassem a todos os Professores do Euangelho; e para dar mayor calor a esta cruel perseguiçaõ se ligou com ElRey Aeyro em odio da Christandade, e dos Portuguezes, ordenando ao Principe Babû seu filho primogenito se unisse com os Mouros de Amboino, para que todos em hum corpo assaltassem os lugares dos Christãos, e que sem distinçaõ de sexo, ou idade experimentassem o rigor do ferro, ou do fogo, para que totalmente se extinguissem todos os sequazes da Ley de Christo. No porto de Ito, lugar principal da mesma Ilha de Amboino, mandou o Principe lavrar huma esquadra de coracoras de guerra, e guarnecellas

Cruel perseguiçaõ contra a Christandade de Amboino. *Sousa, Orient. Conq. tom. 2. Conq. 3. Div. 1. §. 3. e 4.*

Expede ElRey de Java huma Armada contra a mesma Christandade.

necessas de quatro mil paysanos, e Moluquezes, e navegou até o lugar de Rocanive com o designio de o levar por interpreza, mas achando o igualmente provído de armas, e Soldados, que cercado de fortes trincheiras, naõ teve animo para o assaltar, e sómente lhe propoz a paz com a insame condiçaõ de se fazerem Mouros, aliás, que seriaõ todos mortos pela violencia dos Jaos, que se estavaõ por momentos esperando em huma alterosa Armada. Desprezaraõ os moradores de Rocanive todas estas ameaças, respondendo ao barbaro Principe, que elles estavaõ taõ radicados na Fé, que nenhuma adversidade por mayor que fosse seria bastante para os obrigar a retroceder da sua constancia.

Pertende ElRey de Ito preverter aos moradores de Rocanive, e o naõ consegue.

84 Poucos dias eraõ passados quando appareceo a Armada da Java demandando o porto de Rocanive, cuja vista affligio taõ penetrantemente os corações daquelles perseguidos Christãos, que prostrados diante de huma Cruz pediaõ com enternecidas lagrimas, e lastimosos clamores remedio, e soccorro contra taõ formidavel perigo; quando benigno o Ceo aos seus suspiros permittio, que se levantasse hum furioso vento, que espalhando os juncos, os levou a diversos portos para escaparem do naufragio. Sómente se recolheraõ tres a Amboino, que deraõ a alegre noticia para os Christãos de brevemente aportar em Rocanive tres naos de Portuguezes,

Espalha huma tempestade a Armada dos Jaos.

tuguezes, baſtecidas de armas, e Soldados; e de tal modo aſſuſtou ao Principe Babû eſta noticia, que logo mandou levantar as ancoras, e voltou para Ito taõ ſentido de ſe lhe fruſtrarem os ſeus deſignios, como contentes os Chriſtãos de ficarem livres de taõ inexoravel inimigo. Governava as tres naos Portuguezas, que mandara o Vice-Rey D. Franciſco Coutinho, Antonio Paes, ſendo a ordem, que trazia, fundar huma Fortaleza na Ilha de Amboino, que impedio o Capitaõ de Ternate por naõ deſgoſtar a ElRey Aeyro, moſtrando-ſe neſta acçaõ menos Catholico, que Politico. Chegou com vento taõ proſpero, que parecia ſobrenatural, pois excedeo na brevidade o curſo ordinario do tempo, mas taõ falto de gente, que naõ chegavaõ a trinta Soldados os da guarniçaõ da ſua nao, ſendo numero muito deſproporcionado para rebater a multidaõ dos inimigos. Foy recebido Antonio Paes com tantas acclamações dos Chriſtãos daquelle Paiz, que creraõ lho enviara o Ceo como redemptor das ſuas afflições; e para os certificar neſte penſamento foy logo acompanhado de poucos Portuguezes, e os Chriſtãos da Ilha buſcar animoſamente aos Mouros, e alcançando delles em varios recontros ſucceſſos felices, de tal modo ſe intimidaraõ, que buſcavaõ para refugio das vidas as cavernas dos montes, e as eſpeſſuras dos boſques, aonde os hiaõ procurar

Entraõ no porto de Rocanive tres naos de Portuguezes.

Antonio Paes deſtroe os inimigos da Chriſtandade.

curar os Chriſtãos alentados com a fortuna de taõ grande Capitaõ.

85 Socegado o rumor das armas em Amboino começaraõ os Miniſtros do Euangelho a dilatar a ſua eſpiritual conquiſta, e entrando o Padre Franciſco Rodrigues no deſtricto de Ative bautizou a novecentas peſſoas, e para mais excitar a piedade em os novos convertidos celebrou neſte anno a Paſchoa da Reſurreiçaõ com ſolemne apparato, ornando a Igreja de precioſas alfayas, onde a muſica, e os perfumes conciliavaõ mayor veneraçaõ às ſagradas ceremonias. Em Rocanive derrogou a induſtria do Padre Fernaõ Alvares o abominavel coſtume de ſerem os Mouros caſados com tres, e quatro mulheres, ou quantas podiaõ comprar, pois os pays vendiaõ as filhas aos maridos, ſendo o exceſſo do preço correſpondente à qualidade do ſangue, ſeguindo-ſe deſta infame venda, que ſómente os ricos ſe multiplicavaõ, e os pobres nem mulher tinhaõ, nem familia. Para extinguir eſte abuſo taõ execrando ſe empenhou a efficacia do Miſſionario Apoſtolico reduzindo os Matrimonios a huma ſó mulher, e de tal modo arrancou dos pays a torpe ambiçaõ de vender as filhas, que elles meſmos confeſſavaõ, ainda que intereſſados no lucro, que a noſſa Ley era confórme aos dictames da razaõ, e da vida civil. Neſte meſmo tempo, em que ſe dilatavaõ

Progreſſos, e augmentos da Fé pelo zelo dos Miſſionarios Apoſtolicos.

as emprezas eſpirituaes, naõ ſe deſcuidava Antonio Paes de adiantar as temporaes com valor, e prudencia, pois conſiderando ſer impoſſivel com taõ poucos Soldados render os inimigos com a violencia das armas, e naõ ſer menos difficultoſo ao Eſtado mandar multiplicados ſoccorros para rebater as continuas alterações de huma Provincia taõ diſtante, introduzio entre os póvos daquellas Ilhas, que ſe governavaõ como Cidades livres, hum arbitrio de que unidos todos elegeſſem por ſeu General hum Portuguez, que mandaſſe huma Armada commua para qualquer guerra offenſiva, e defenſiva, compoſta de cem juncos, parós, e coracoras, com a qual ſe fizeſſem Senhores daquelle Archipelago, temídos, e reſpeitados de ſeus inimigos, e livres de toda a invaſaõ de piratas eſtrangeiros.

Arbitrio de Antonio Paes em favor da Chriſtandade de Amboino.

86 Contra eſte prudente arbitrio ſe armou a aſtucia delRey Aeyro, pois como intentava coroarſe Monarcha de toda a Aſia Inſular lhe era muito prejudicial aos ſeus deſignios, principalmente o augmento do Chriſtianiſmo, com o qual ao meſmo tempo, que ſe augmentava o noſſo poder, ſe diminuía cada vez mais o ſeu: e para que impediſſe eſte projecto apreſtou nos ſeus portos hum grande numero de embarcações fornecidas de muita Soldadeſca, e fingindo, que todo aquelle apparato militar era para ſogeitar à ſua obediencia alguns Capitães, que ſe lhe tinhaõ

Aſtucias delRey de Ternate contra os profeſſores do Evangelho.

nhaõ rebellado, mandou infeſtar todas as Ilhas de Amboino, e perſeguir cruelmente aos Chriſtãos, e certamente conſegueria o ſeu impio intento, ſe ElRey de Bachaõ com huma poderoſa Armada ſe naõ juntara a Antonio Paes para reprimir a reſoluçaõ daquelle tyranno. Tanto que chegou a Ternate a noticia da expediçaõ, que mandara ElRey Aeyro, conheceo Henrique de Sá, Capitaõ da noſſa Fortaleza, as machinas deſte caviloſo Principe, e arrependido de que por ſeu obſequio naõ permittira a fundaçaõ da Fortaleza em Amboino, o ameaçou, que ſe logo naõ mandaſſe retirar a ſua Armada, navegaria da India a noſſa para caſtigar taõ aſtuta inſolencia. O barbaro ſempre infiel ſe moſtrava apparentemente innocente, e para diſſimular mais a ſua malicia mandou a Amboino o ſeu Auditor Geral, de cuja eloquencia fiava que continuaſſem, ſem ſerem penetrados, os ſeus enganos. Como era diſcipulo de taõ bom Meſtre começou a promover a guerra ſecretamente, e reprimir toda a hoſtilidade publica, ſendo o ſeu mayor eſtudo, que o coraçaõ ſe naõ conformaſſe com a lingua, e por eſte modo foy entretendo a Antonio Paes com boas eſperanças, até que hum dia em ſinal de benevolencia lhe mandou huma fruta, verdadeiro ſymbolo do ſeu animo, pois taõ fermoſa era no exterior, como interiormen-

Morre Antonio Paes por aleivoſia do meſmo inimigo.

te eſtava inficionada, a qual tanto que a comeo, em breves dias acabou a vida com ſentimento geral de todas aquellas Ilhas.

CAPITULO XI.

Aſſaltaõ os Mouros o Lugar de Ative na Ilha de Amboino, donde ſahem derrotados. Conſpiraõ-ſe varios Principes contra D. Bartholomeu El-Rey de Omura, e ſaõ deſtroçados pela ſua valeroſa eſpada. Colhe em Firando o Padre Gaſpar Villela abundante fruto com o ſeu Apoſtolico miniſterio.

1564.

Sitiaõ os Mouros o lugar de Ative.

87 A Morte do inſigne Capitaõ Antonio Paes alentou de tal ſorte aos Mouros, que ſe reſolveraõ a cercar Ative, Lugar principal da Chriſtandade de Amboino, para onde ſe recolheraõ os Portuguezes, cujo numero naõ excedia de trinta. Chegaraõ neſta occaſiaõ a Rocanive tres naos Portuguezas, carregadas de cravo, gente, e armas, que navegavaõ para a India, e haviaõ eſperar quatro mezes vento favoravel para Malaca. Receberaõ novos alentos com eſtas naos os cercados de Ative, e mandaraõ ſignificar aos Capitães dellas, que ſahindo ao mar, e pondo ſe em fórma de batalha levantariaõ os inimigos o aſſedio com

o te-

o temor de ſerem deſtruidos; mas elles mais attentos às conſervações de vidas, e fazendas, do que zeloſos do credito da ſua naçaõ, reſponderaõ, que promptamente ſeriaõ ſoccorridos pela Armada, que ſe eſtava apreſtando em Ternate. Eſta covardia alentou aos Mouros confederados, e deu atrevimento aos Jaos para combater huma nao Portugueza, que voltava da Banda carregada de Noz, e Maſſa; e para eſte fim armaraõ oito navios ligeiros, ſobre cujas popas levantaraõ taõ altos parapeitos, que pudeſſem de frente a frente peleijar com a nao, e os encheraõ de quatrocentos Soldados; e naõ ſe atrevendo buſcar deſcubertamente com taõ ſuperior partido a nao, que entre Soldados, e mercadores trazia cem homens, ſahiraõ de noite a remo ſurdo, e ſaltaraõ nella taõ improviſamente, que já eſtavaõ rendidos os noſſos quando deſpertaraõ. Com eſte ſucceſſo ficaraõ taõ orgulhoſos os Mouros, que lhes pareceo naõ haver difficuldade inſuperavel às ſuas armas, e ſahindo a terra tudo quanto encontravaõ era deſpojo da ſua eſpada, entregando ao fogo o que deſprezava a ſua cubiça. Animados com eſta fortuna apertaraõ com mayor violencia o cerco de Ative, e por mais reſiſtencia, que lhes faziaõ os Portuguezes, naõ deſiſtiaõ de dar continuos aſſaltos, e de hum ſe avançaraõ com tal furia a queimar a Igreja dentro das trincheiras,

Rendem os Jaos huma nao Portugueza.

que certamente se fariaõ senhores do Lugar, se a voz de huma varonil mulher naõ désse alento aos sitiados clamando pelas ruas, naõ desmayassem com a multidaõ dos inimigos, porque a Princeza da Gloria, a cujo culto era consagrada a Igreja, combateria em seu favor, sendo a triunfal sombra de taõ valerosa Judith a que os havia libertar das violentas mãos daquelles barbaros Holofernes. A este feliz annuncio correspondeo promptamente o successo, pois amparados os nossos Soldados com taõ Sagrado patrocinio fizeraõ com as balas taõ horroroso estrago nos inimigos, que poucos se retiraraõ com vida, e o mayor numero ficou destroçado no campo.

Recebem os inimigos grande perda em Arive.
Sousa, Orient. Conq. tom. 2. Conq. 3. Divis. 1. §. 9. & seqq.

88 Restituído aos seus Estados o Catholico D. Bartholomeu, Rey de Omura, Cidade na Costa Occidental da Ilha de Ximo em Japaõ, se conspiraraõ neste anno contra elle, ElRey de Firando, os Vassallos de Gotondono, e o traydor Faribo, e armando trezentos e vinte navios de guerra navegaraõ a Omura. Para resistir a Exercito taõ numeroso alistou aquelle Principe quantos Soldados pode, e ainda que eraõ muito inferiores em o numero aos inimigos, marchavaõ certos do triunfo, pois combatiaõ em obsequio da Ley do Deos dos Exercitos. Como prospero auspicio da vitoria mandou o Padre Cosme de Torres a ElRey huma bandeira, em

Confederaçaõ de varios Principes contra D. Bartholomeu, Rey de Omura.

em que eſtava bordado o ſinal da noſſa Redempçaõ, que logo o mandou levar na frente da vanguarda, e para infallivel certeza da vitoria appareceo no primeiro dia da marcha debuxada no ar huma Cruz muito reſplandecente, cujas luzes prognoſticavaõ a derrota dos ſequazes das trevas do Gentiliſmo. Saltaraõ eſtes em terra a quatro de Outubro, e ordenando os ſeus batalhões foraõ marchando até a Cidade, onde preſumiaõ eſtar D. Bartholomeu, mas elle para os colher menos prevenidos, e deſordenados, ſe emboſcou nas coſtas de huma montanha muito diſtante de Omura, e lhe ſahio taõ felizmente eſte eſtratagema, que parece foy ſuperiormente inſpirado, ſendo taõ inſtantanea a velocidade, com que os inveſtio, como a com que os derrotou. Excederaõ os mortos o numero de quatrocentos, ſendo muito mais exceſſivo o dos feridos; e os que reſtaraõ correraõ precipitadamente para ſalvar as vidas até as prayas do mar, aos quaes foy perſeguindo o vitorioſo Principe, de que ſe ſeguio reſtaurar tres Fortalezas, e huma dellas, que era a chave do Reyno, ſómente com o valor de trinta homens. Eſtava ſituada eſta Fortaleza no cume de hum monte, que por todos os lados ſe deſpenhava em precipicios, por onde ſe lançaraõ confuſos, e deſatinados os rebeldes, que a preſidiavaõ. Foy celebrada em todo o Japaõ eſta conquiſta por ſer com tanta facilidade

Deſembarcaõ os alliados, e ſaõ totalmente deſtruidos.

O Principe vitorioſo conquiſta diverſas Fortalezas.

cilidade concluhida, quando a natureza a tinha feito taõ inexpugnavel, que era necessario para a render largo assedio Exercito numeroso, e multiplicados assaltos, e batarias. O General de Firando assombrado de que taõ poucos Soldados derrotassem gente taõ bem disciplinada, e veterana, deduzio a felicidade do successo de auxilio superior, affirmando, que a vitoria a concedera Deos, cuja Ley taõ religiosamente observava D. Bartholomeu, naõ reparando por seu obsequio perder os seus Estados, e a mesma vida. Estas vitorias alcançadas pelo valor de taõ piissimo Principe foraõ causa de que tambem recuperasse o Reyno ElRey de Arima, irmaõ de D. Bartholomeu, que era Gentio, o qual para se mostrar affecto à Ley de Christo deu faculdade para se levantar huma Igreja em Cachinozû, onde habitavaõ quinhentos Christãos de tanta firmeza na Fé, que nenhum delles com tantas alterações retrocedeo, por mais que Xangadono, pay dos Reys de Omura, e Arima pertendeo com caricias, e ameaços attrahillos ao culto dos Idolos Japonezes. A noticia destes gloriosos triunfos, que felizmente alcançava a Religiaõ Catholica do Paganismo, foy recebida com taõ excessivo jubilo pelo Cardeal D. Henrique, Governador neste tempo da Monarchia, que ordenou fosse celebrada com as mais publicas, e plausiveis demonstrações; manifestando deste modo

ElRey de Arima restaura o seu Reyno, e permitte, que se levante huma Igreja nos seus Dominios.

do o quanto eſtimava as vitorias, que reſultavaõ em obſequio da Fé, cuja exaltaçaõ obrigou a ſeu grande pay ElRey D. Manoel a emprender por mares nunca cortados de outras quilhas o deſcobrimento daquellas vaſtas, e remotiſſimas terras.

89 Desde o anno de 1557. em que os Bonzos em Firando ſe amotinaraõ contra o Padre Gaſpar Villela, eſtava fechada aquella Cidade aos Miniſtros Euangelicos: e ainda que o Jacata, chamado Tacanombo, ſobornado com o intereſſe, que tinha na eſcalá, que as noſſas naos da India, e China faziaõ no ſeu porto, prometteſſe aos Portuguezes, que facilitaria a introducçaõ aos Padres, como era inimigo mortal da Ley de Chriſto nunca acabava de cumprir a promeſſa. Succedeo ſurgir à viſta de Firando a nao Santa Cruz, e logo o Padre Coſme de Torres aſſiſtente em Cachinozû, porto de Arima, foy pedir ao Capitaõ D. Pedro de Almeida ferraſſe outro porto, e naõ augmentaſſe as forças a hum inimigo da Fé, e do piiſſimo Rey D. Bartholomeu. Significou logo o noſſo Capitaõ ao Jacata, que ſe naõ déſſe ampla faculdade aos Padres para prégar o Euangelho, e edificar huma Igreja, navegaria a outro Reyno para commerciar. Obedeceo o Rey a eſta inſinuaçaõ obrigado da conveniencia propria, e porque o Padre Gaſpar Villela fora injurioſamente

O Jacata admitte a prégaçaõ Euangélica em Firando.

lança-

lançado daquella Cidade, determinaraõ os Christãos, e os Portuguezes receber ao Padre Luiz Froes com honorifico apparato, para o que se ornaraõ de flamulas, galhardetes, e bandeiras a nao Santa Cruz, e a nao Santa Catharina, e tanto que appareceo o Ministro do Euangelho se deu huma salva Real, que nunca semelhante se tinha ouvido em Firando. Os Portuguezes vestidos de preciosas galas foraõ esperar ao Padre em bateis alcatifados, e com toda esta pompa foraõ ao Palacio visitar ao Jacata, que o recebeo com cortez benevolencia; depois foy ver a D. Antonio, e logo se edificou a Igreja em sitio muito accommodado. Entre os mayores perseguidores, que tinha a Christandade de Firando na Corte, era o Patriarcha dos Bonzos, que sendo illustre por nascimento abominava com excesso os Prégadores Euangelicos. Estimulado de que D. Antonio lhe naõ concedesse certas terras, que lhe pedira, soltou a furia, que occultava no peito, mandando abrazar as mesmas terras juntamente com as casas dos lavradores. Queixou-se D. Antonio a ElRey de taõ barbara insolencia, e reconhecendo, que era seu Capitaõ General, e naõ tinha outro Vassallo de igual prudencia, e valor, desterrou do Reyno ao Patriarcha, e lhe confiscou todos os bens, que logo foraõ distribuidos pelos Grandes da Corte. Era D. Antonio o unico defensor da

Apparato, com que os Portuguezes recebem ao Padre Luiz Foes neste porto.

Desterra o Jacata ao Patriarcha dos Bonzos.

Fé

Fé em Firando, naõ ſendo menos util à Chriſtandade a efficacia do ſeu zelo, que o exemplo da ſua vida.

90 Lograva a Cidade de Meaco, populoſa Corte do Imperio Japonez, de huma belliſſima paz, quando no Abril do anno paſſado ſe alterou repentinamente com as revoluções dos Bonzos, armados contra o Emperador Cubozama; por cuja cauſa foy obrigado o Padre Gaſpar Villela a retirarſe para o Sacay. Pacificada a Cidade apreſentáraõ os Bonzos de Fienoyàma ao Regedor do Reyno hum papel em nome da ſua Univerſidade, em que ſe continhaõ treze artigos politicamente ordenados para ſe conſervar na ſua antiga paz o Imperio do Japaõ. Dous delles eraõ formalmente contra a Fé de Chriſto. Continha o primeiro, que ſe deſterraſſe para a India o Padre Gaſpar Villela, o qual como peſte tinha inficionado aquelle florente Imperio, corrompendo com a perſuaſaõ das ſuas palavras os corações de ſeus habitadores, e ſe demoliſſe a Igreja, que tinha edificado em Meaco, e deſte modo applacadas as divindades de Amida, e Xaca, cujos nomes eraõ abominaveis depois da prégaçaõ do Euangelho, concederiaõ outra vez a paz, e felicidade, que antigamente com tanto deſcanço logravaõ. O ſegundo artigo era, que totalmente ſe extinguiſſe a memoria do Chriſtianiſmo por ſer a venenoſa ſemente, que bro-

Diligencias, que fazem os Bonzos para eſtabelecer a ſuperſtiçaõ dos ſeus erros.

tava em discordias, rebelliões, e guerras civís, de que tinhaõ sido lastimosos theatros Facata, Bungo, Amanguchi, e Firando. Era o Regedor do Reyno, a quem foraõ entregues os artigos, muito particular amigo do primeiro Ministro do Imperio, e grande protector do Padre Villela, e respondeo aos dous artigos, que naõ parecia razaõ privar a hum pobre estrangeiro da faculdade, que por muitas vezes se lhe concedera: Que se remettesse esta materia ao exame de dous Juizes, que com sciencia, e sem paixaõ declarassem se era nociva ao bem publico daquelle Estado a Ley, que prégava o Bonzo Europeo, porque achando ser assim poderia o Emperador revogar as graças, e privilegios concedidos.

Prudencia, com que o Regedor do Reyno responde às proposiçóes dos Bonzos.

91 Foraõ eleitos para Juizes dous homens leigos, mas respeitados por grandes Sabios, insignes magicos, hum Mestre do Emperador nos ritos Gentilicos; outro Astrologo do primeiro Ministro de Estado, que lhe assinava os momentos para acertadamente emprender qualquer negocio. Mas que inexcrutaveis saõ os segredos da Predestinaçaõ! Quem imaginará, que estes dous crueis perseguidores do Christianismo haviaõ ser taõ brevemente os seus defensores? Sendo consultado hum delles em certo negocio por hum Japonez, e preguntado pelo Gentio se era Christaõ, lhe respondeo, que sim. Instou outra

Elegem-se dous Sabios da sua crença para defirir as supplicas dos Bonzos.

tra vez o Gentio, que lhe explicasse a Ley, que professava; e animado o Japonez de illustraçaõ superior lhe começou a explicar a unidade de Deos, a immortalidade da alma, a resurreiçaõ dos mortos; e o idolatra attonito, e assombrado dava credito a tudo que ouvia, e penetrado de mayor luz interior lhe pedio, que fosse buscar o Mestre, que o ensinara, porque queria receber o Bautismo, e seu companheiro. Chegou o Japonez ao Sacay, deu noticia do que lhe tinha succedido, mas eraõ taõ obstinados inimigos da Ley de Christo aquelles dous idolatras, que julgavaõ todos ser engano ardiloso taõ improvisa mudança. Certificado o Padre Villela do ardente desejo, e sincero affecto, com que se queriaõ alistar nas bandeiras de Christo, naõ saõ explicaveis as lagrimas de alegria, as vozes de jubilo, e a acçaõ de graças, em que rompeo a devoçaõ daquelles Christãos considerando, que com dous homens taõ venerados no Japaõ se abria huma larga estrada para a propagaçaõ da Christandade. Chegou a Nara, oito legoas distante de Meaco, o Padre Gaspar Villela, aonde o esperavaõ os dous Letrados, foraõ regenerados nas salutiferas aguas da vida eterna, seguindo o seu exemplo huma grande multidaõ de povo, que detestando a superstiçaõ de tantas idolatrias adoraraõ as injurias de Christo Crucificado, que antigamente reputavaõ por loucuras.

Admiravel conversaõ destes dous Gentios.

CAPITULO XII.

Parte Eſtacio de Sá para a Bahia ſoccorrer a Mendo de Sá, e das glorioſas vitorias, que no Rio de Janeiro alcançou por mar, e terra dos Francezes, e Tamoyos.

1564.

92 QUatro annos havia que Mendo de Sá, Governador do Eſtado do Braſil, tinha informado a Rainha D. Catharina dos glorioſos triunfos, que alcançara da cavillaçaõ dos Francezes, e barbaridade dos Tamoyos, porém como inimigos taõ poderoſos naõ ficaraõ totalmente deſtruidos, continuavaõ com repetidas hoſtilidades a infeſtar os noſſos portos. Para evitar eſte damno, que cada dia ſe augmentava com mayores exceſſos, ordenou aquella zeloſa Princeza a Eſtacio de Sá, ſobrinho do Governador Mendo de Sá, Varaõ de igual prudencia, e valor, que ſem demora partiſſe para a Bahia com dous galeões guarnecidos de Soldados, e todos os apreſtos militares, e ſignificaſſe da ſua parte a Mendo de Sá, que depois de juntar o mayor poder, que lhe foſſe poſſivel, navegaſſe a expulſar novamente os Francezes da enſeada do Rio de Janeiro, povoando toda aquella terra com gente Portugueza. Chegou

Expede a Rainha a Eſtacio de Sá com hum ſoccorro para a Bahia.
Brito Freire, Nova Luſit. liv. 1. n. 67.

gou à Bahia Eſtacio de Sá, e depois que declarou a ſeu tio as ordens, que trazia, como eſte ſempre aſpirava a emprezas igualmente arduas, que glorioſas, eſtimou exceſſivamente, que para aquella expediçaõ concorreſſe o valor de ſeu ſobrinho. Logo apreſtou as embarcações, que eſtavaõ ancoradas no porto, onde foy taõ luſtroſo o numero dos Soldados, como abundante o genero dos mantimentos; e aggregado eſte poder ao ſoccorro, que viera do Reyno, ordenou a Eſtacio de Sá, General da Armada, que foſſe demandar a barra do Rio de Janeiro com todo o eſtrondo militar, e que obſervando as diſpoſições do inimigo, ſe deſcobriſſe occaſiaõ, que lhe prometteſſe a vitoria, o provocaſſe ao mar alto, para que em mayor theatro oſtentaſſe a valentia do ſeu coraçaõ.

Chega à Bahia Eſtacio de Sá.

93 Partio Eſtacio de Sá, e logo que chegou à barra do Rio, teve noticia, de que os Tamoyos tinhaõ infielmente roto as pazes, e declarado guerra contra os Portuguezes. Duvidavaõ muitos deſta infracçaõ, mas logo a experiencia os deſenganou da duvida, porque entrando alguns bateis noſſos a fazer aguada em huma Ribeira, hum delles, que mais ſe adiantou, foy acometido de ſete canoas, e ainda que eſcapou da violencia dos barbaros, ſe recolheo com quatro marinheiros mortos. Eſte infauſto ſucceſſo claramente manifeſtou o animo, com que os Tamoyos

Parte Eſtacio de Sá com huma Armada contra os Francezes, e Tamoyos.

Acha aos Tamoyos muito poderoſos, e inſolentes.

moyos eſtavaõ reſolutos para impedir a noſſa entrada em qualquer dos ſeus portos, diſcorrendo pelo mar armados em muitas canoas, e cobrindo as prayas de infinita gente, cujo barbaro furor ſe alimentava com os continuos ſoccorros de França. Informado Eſtacio de Sá de que o poder dos inimigos era ſuperior às noſſas forças, e conſiderando, que para o deſalojar do ſitio, em que eſtava fortificado, lhe era neceſſario mayor numero de combatentes, reſolveo como prudente General naõ empenhar com taõ deſigual partido o credito do Eſtado, e a gloria do ſeu nome; e navegou para a Capitanía de S. Vicente com intento de ſe prover de embarcações de remo, e outros apreſtos conducentes para aquella expediçaõ.

Parte à Capitanía de S. Vicente para ſe prover de mayor numero de embarcações.

94 Chegado o noſſo General a eſte porto ſe armaraõ contra a ſua reſoluçaõ graves difficuldades, movidas pelo zelo de huns, e pelo temor de outros, com que lhe perſuadiaõ deſiſtiſſe da empreza, que intentava, dilatando a ſua execuçaõ para tempo mais opportuno. Fundavaõ o ſeu diſcurſo em a grande deſproporçaõ, que havia entre o noſſo poder, e o do inimigo, pois além de ſer eſte muito numeroſo, ſe achava fortificado nas ſuas proprias terras, abundante de mantimentos, ſervido de canoas ligeiras, deſtriſſimo no exercicio das armas aprendido com a diſciplina dos Francezes. Pelo contrario tudo mili-

Difficuldades, que lhe repreſentaõ os moradores daquella Capitanía.

militava contra o noſſo intento, pois o numero dos Soldados era limitado, a terra, que havia ſer theatro daquella guerra, era totalmente ignorada da noſſa gente; os mantimentos eſtavaõ quaſi exhauſtos; as embarcações por grandes, e pezadas eraõ inuteis para combater com canoas, que fiadas nos remos podiaõ apoſtar ligeireza com o vento; e, o que era mais para recear, a pouca pratica, que os noſſos Soldados tinhaõ de peleijar com aquelles Gentios por ſer muito differente da que ſe uſa na Europa.

95 Eſtes inconvenientes, que podiaõ diſſuadir a outro Capitaõ, que naõ foſſe Eſtacio de Sá, o eſtimularaõ a proſeguir a empreza intentada, pois julgava por acçaõ indecoroſa tanto para o Eſtado, como para a ſua opiniaõ voltar com o poder, que juntara, ſem abater o orgulho daquelles barbaros, e aſſim deſprezando os obſtaculos propoſtos ſe reſolveo acometellos. Depois de guarnecer a Armada de mayor numero de Portuguezes, e Indios chegados da Villa do Eſpirito Santo, partio em 20. de Janeiro, dedicado ao invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, a quem como a Soldado elegeo por tutelar daquella expediçaõ, e felizmente embocou a barra do Rio de Janeiro. Ordenou, que logo ſaltaſſe a Infantaria em terra, e levantaſſe trincheiras em hum altiſſimo penedo, que pela ſua fórma pyramidal era chamado Paõ de Aſſucar. Neſte lugar taõ facil

Deſpreza os obſtaculos propoſtos, e navega para o Rio de Janeiro.

Desembarca, e se fortifica.

facil para a sahida dos nossos, como difficultoso para o assalto dos inimigos, se começou a dispor o modo como seriaõ atacados. Era formidavel a multidaõ de canoas volantes cheyas de Tamoyos armados, que cobriaõ os mares, que insolentes com as vitorias passadas, e animados com a companhia dos Francezes naõ temiaõ, que as nossas armas triunfassem da destreza de seus arcos, e resoluçaõ dos seus animos.

Exhorta, e aníma aos Soldados.
Vasconc. Vida do Ven. Padre Anchieta, liv. 2. capit. 10. e 11.

96 Estacio de Sá convocou toda a Soldadesca, e lhe representou, que era tempo de extinguir huma naçaõ taõ deshumana, e feroz, que sómente no exterior se distinguia das féras; taõ soberba, e insolente, que desprezava as nossas leys como injustas, e aborrecia o nosso dominio como violento: Que depois de varia fortuna tinhaõ chegado ao lugar, aonde se haviaõ coroar vitoriosos, ou padecer a injuria de vencidos, pois as aguas do mar por hum lado, e a multidaõ dos inimigos por outro, lhes impedia retroceder daquella empreza: Que as causas, que o moveraõ àquella deliberaçaõ, eraõ taõ justificadas, que julgava escusado relatallas, sendo patente ao Mundo todo a infidelidade, com que aquelles barbaros tinhaõ quebrado a paz celebrada com o Estado; os assaltos continuos, com que por mar, e terra perturbavaõ aquella Costa roubando, e matando seus habitadores com tal excesso, que com a carne, e sangue de taõ

inno-

innocentes victimas fartavaõ a fome, e extinguiaõ a ſede: Que aquelle dia era decretado ha muitos ſeculos para libertar aquelles póvos da tyranna oppreſſaõ de inimigos taõ ferozes, ſervindo o ſeu eſtrago de formidavel documento para os vindouros. Com as vozes do General ficaraõ de tal modo animados os Soldados, que já eſtavaõ impacientes de aſſaltar aos Tamoyos, que igualmente deſejoſos de nos acometer ſahiraõ com repentino eſtrondo de vozes, e de armas, que retumbando naquelles penhaſcos multiplicavaõ o pavor, e o eſpanto: porém acharaõ tal reſiſtencia em a noſſa gente, que depois de hum porfiado conflicto, onde peleijaraõ com valor, e diſciplina, foraõ muitos mortos, e mayor numero ficou de prezioneiros. A felicidade deſte ſucceſſo foy cauſa de ſe conſeguir outro ſemelhante. Armaraõ os Tamoyos vinte e ſete canoas para derrotar a dez, que eraõ dos Portuguezes, mas ſahiolhe a fortuna taõ adverſa ao ſeu intento, que logo ao primeiro encontro abalroaraõ os noſſos Soldados a principal dos inimigos, fugindo as outras para lhe naõ ſerem companheiras na deſgraça.

Vitoria contra os Tamoyos.

Segundo triunfo contra vinte e ſete canoas.

97 Eſtas duas vitorias ſerviraõ de glorioſo preludio para ſe alcançar outro mayor triunfo. Raivoſos os inimigos de que ſempre as noſſas armas triunfaſſem das ſuas, juntaraõ mayor poder para experimentar ſe podiaõ conſeguir pelo

exceſſo do numero o que naõ podiaõ pela inferioridade do valor. Para eſte fim appareceraõ tres naos Francezas muito bem artilhadas com cento e trinta canoas de guerra à viſta do noſſo arrayal. A multidaõ dos combatentes era taõ numeroſa, que ſómente as deſentoadas vozes, com que vinhaõ já celebrando a vitoria, baſtavaõ para triunfar de outros corações, que naõ foſſem Portuguezes. A eſtes horriveis clamores reſpondeo Eſtacio de Sá com as bocas de toda a arcabuzaria, e artilharia, de cujo eſtrondo ficaraõ de tal modo feridos, e conſternados os marinheiros da Capitania, que foy dar à coſta entre huma fragoſa penedia, donde ſendo extrahida com igual trabalho, que perda, nos acometeraõ formados em ordem de batalha. Competia a induſtria dos Francezes com a deſtreza dos Tamoyos, quaes haviaõ deſpedir mayor numero de balas, bombas, alcanzias, e ſettas contra o noſſo arrayal, quando ao meſmo tempo vomitavaõ fataes incendios as noſſas armas, ſendo tantas as mortes como os tiros. Eſtacio de Sá parecendo-lhe, que era pequena gloria para a ſua fama deſtroçar aos inimigos ſem empenhar o valor do ſeu braço, ſahio do arrayal, e os foy alentadamente buſcar às naos, donde mais violentamente nos offendiaõ, e travando com elles huma horroroſa batalha, depois de recebe-rem conſideravel eſtrago lhes cederaõ a vitoria fugin-

Augmentaõ os inimigos as forças, e vigoroſamente combatem ao noſſo arrayal.

Saõ os inimigos vencidos, e derrotados no mar, e na terra.

fugindo com toda a celeridade para naõ ſerem fatalmente ſubmergidos, anticipando-ſe a eſta cobarde reſoluçaõ as canoas dos Gentios. Logo expedio o General varios troços de Soldados, que divididos por diverſas Aldeas foraõ ſeveramente caſtigando a inſolencia de ſeus moradores, e reduzindo à noſſa obediencia todos aquelles, que eſquecidos da fé promettida repugnavaõ ſugeitarſe ao dominio Portuguez.

98 A ultima vitoria, com que Eſtacio de Sá coroou todas as acções militares obradas neſte anno, foy muito celebrada pelas ſuas circunſtancias. Tinhaõ ſahido ſete canoas noſſas a fazer algumas prezas, quando improviſamente ſe viraõ acometidas de ſetenta e quatro dos inimigos, que as eſtavaõ occultamente eſperando; e valendo-ſe da ligeireza dos remos as cercaraõ por todas as partes, deſpedindo contra ellas hum diluvio de ſettas, e outras armas de arremeſſo. Naõ intimidou aos noſſos eſta invaſaõ taõ ſuperior às ſuas forças, antes com animo reſoluto, e intrepido ſe defendiaõ de hum numero taõ exceſſivo de barbaros; até que ſoccorridos de outras ſete canoas inveſtiraõ as ſetenta e quatro, e depois de hum ſanguinolento conflicto, que durou largo tempo, alcançámos a vitoria prizionando a quatro, e obrigando as outras a que com a velocidade dos remos ſe ſalvaſſem da ultima calamidade.

Outra vitoria contra ſeſſenta e quatro canoas.

CAPITULO XIII.

Celebra-se o desposorio da Serenissima Senhora D. Maria, filha do Infante D. Duarte, com o Principe de Parma Alexandre Farnesio, e das plausiveis festas, com que foy solemnizado este augusto consorcio. Chega de Flandres a Armada para conduzir a Princeza, e se relata a magnificencia, com que foraõ hospedados o General, e outros Cavalheros, que vinhaõ nella até a Princeza se embarcar.

1565.

99 ERa em todo o Mundo taõ venerada a fama das virtudes da Serenissima Senhora D. Maria, como soberana a serie de seus Reaes progenitores, por cujos singulares dotes a pertendiaõ com ambiciosa emulaçaõ para sua consorte os mayores Principes da Europa, querendo authorizar os seus thronos, e communicar novos esplendores às suas Coroas com a magestade de taõ virtuosa Princeza. Entre todos aquelles, que aspiraraõ a taõ alta fortuna, foy preferido o invencivel Heroe Alexandre Farnesio, superior ao Macedonico naõ sómente na gloria das emprezas militares, mas no exercicio de acções religiosas, cujo nome se conservará eternamente gravado na fachada do Templo

plo de Marte, como digno premio das ſuas heroicas façanhas; ſendo o mayor de todas a eſpoſa, que o Ceo benignamente lhe concedeo, de que foy inſtrumento a vigilante induſtria de ſua mãy D. Margarida de Auſtria. Governava eſta Princeza os Eſtados de Flandres com taõ prudente gravidade, que era ao meſmo tempo temîda, e amada naquelles oppulentos Paizes, triunfando a ſeveridade, com que adminiſtrava a juſtiça, da ternura do ſexo para nunca degenerar em frouxidaõ culpavel: e como deſejava augmentar os intereſſes Politicos da ſua Caſa, e conheceſſe, que com nenhuma outra negociaçaõ o podia conſeguir, ſe naõ caſando ſeu filho com huma Princeza de alto naſcimento, eſcreveo a ſeu irmaõ Filippe Segundo de Caſtella para que interpondo a ſua Real authoridade alcançaſſe para eſpoſa de ſeu ſobrinho a Sereniſſima D. Maria, que aſſiſtia em Portugal, pois com taõ ſoberano conſorcio ſe illuſtraria auguſtamente a Ducal Caſa de Parma, por ſer prima com irmãa do Principe D. Joaõ, pay delRey de Portugal D. Sebaſtiaõ, e da Rainha de Caſtella D. Maria ſua mulher, netos ambos do famoſo Monarcha D. Manoel. A eſta pertençaõ, em que ſe intereſſava tambem a gloria de Heſpanha, condeſcendeo benevolamente Filippe Prudente, e para manifeſtar o exceſſivo goſto, com que a approvara, a executou com tal brevidade, que em

Procura a Princeza de Parma caſar ſeu filho Alexandre Farneſio com a Senhora D. Maria.

Filippe II. ſe declara medianeiro neſta negociaçaõ. *Eſtrada de Bello Belgico, Decad.* 1. *lib.* 4.

14.

14. de Março deste anno de 1565. se concluîraõ os contratos matrimoniaes entre estes dous Principes, celebrados por Christovaõ Riano, nos quaes se dotou a Princeza com setenta mil cruzados; e para inviolavel observancia do que nelles fora pactado confirmaraõ as suas clausulas com juramento os dous contrahentes por seus procuradores, sendo o do Principe, Juliaõ Ardinguello, Cavalhero Florentino, e Commendador da Religiaõ de Malta, e da Princeza, D. Theotonio de Bragança, que se assinaraõ com as testemunhas assistentes à solemnidade deste acto, que foraõ D. Francisco Pereira, Embaixador de Portugal na Corte de Hespanha, o Principe de Evoli Ruy Gomes da Sylva, Mordomo môr do Principe de Hespanha, Lourenço Polo, e o Marquez de Oriolo do Conselho de Italia. Expedio logo Filippe a Lisboa por seu Embaixador a D. Affonso de Tovar, que havia dous annos assistira nesta Corte com o mesmo caracter, para que da sua parte representasse a seu sobrinho D. Sebastiaõ, e sua irmãa D. Catharina o inexplicavel jubilo, que tivera com a feliz conclusaõ daquelle desposorio, com que novamente se duplicavaõ os vinculos do parentesco da Coroa de Hespanha com a de Portugal. Acompanhava ao Embaixador Juliaõ Ardinguello, Procurador do Principe de Parma, e tanto que chegaraõ a Lisboa foraõ cumprimentar

Ajustaõ-se os contratos matrimoniaes.
Salazar, Glor. da Casa Farn. pag. 657.

Congratúla Filippe aos nossos Principes por este desposorio.

tar a Princeza D. Maria, e na ſua preſença ſe ratificaraõ ſolemnemente os deſpoſorios em 22. de Mayo com as clauſulas eſtipuladas em Madrid.

Ratificaõ-ſe os contratos matrimoniaes na Corte de Lisboa.

100 Ao dia decretado para a celebraçaõ dos deſpoſorios, foy o Embaixador buſcar a Princeza, que ſahio do ſeu Palacio acompanhada de ſeu irmaõ o Senhor D. Duarte, ſeu tio o Cardeal D. Henrique, o Duque de Aveiro D. Jorge com ſeus filhos, o Marquez de Torres-Nove, D. Pedro, e D. Conſtantino montados todos em ſoberbos cavallos, e caminhando com taõ magnifica, e numeroſa comitiva ſe augmentou mais o applauſo de taõ feſtivo dia com a Real peſſoa delRey D. Sebaſtiaõ, aſſiſtido de toda a Corte precioſamente veſtida, que para claro argumento da eſtimaçaõ, que fazia da Princeza, a foy buſcar para a conduzir ao ſeu Palacio, e encontrando-a no caminho foraõ entre ambos reciprocas as demonſtrações de jubilo, e agrado, com que explicaraõ os affectos dos corações. Com igual alegria eſperavaõ a Princeza no Paço ſua mãy a Infanta D. Iſabel, a Rainha D. Catharina, a Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel, e da Rainha D. Leonor com todas as Damas, e Senhoras; e depois de mutuamente ſe praticarem aquelles obſequios, que ſem offenſa da ſoberanía ſaõ ſinceros indices da benevolencia, e da ternura, deſceo a Prince-

Magnificencia, com que ſahe do ſeu Palacio a Senhora D. Maria.

ElRey D. Sebaſtiaõ com toda a Corte a vay buſcar, e do affecto, com que a comprimentou quando a encontrou no caminho.

Princeza com todas as Peſſoas Reaes, acompanhadas da primeira Nobreza de hum, e outro ſexo, à Capella Real, onde D. Julhaõ de Alva, Capellaõ môr, reveſtido de Pontifical recebeo a Senhora D. Maria com o Principe de Parma, ſendo ſeu procurador para eſte acto o Embaixador de Caſtella, e em quanto duraraõ as ceremonias deſte Sacramento era taõ ſuave a harmonia dos inſtrumentos taõ diverſos na fórma, como unidos no concento, que alegrava os animos, e ſuſpendia aos ouvidos. Na tarde deſte feſtivo dia para que foſſe mais plauſivel na poſteridade ſe fez hum ſarao em huma ſala do Palacio, em que ElRey dançou com a Princeza deſpoſada, admirando todo aquelle luzido Congreſſo, que lhe aſſiſtia, o garbo, com que eſte Principe regulava primoroſamente os movimentos do bayle, animados pela proporcionada ſymetria do corpo, a quem communicava mayor graça a gentileza do roſto na florente idade de doze annos, que entaõ contava. O Senhor D. Duarte, irmaõ da Sereniſſima Eſpoſa, antepondo os jubilos do dia à gravidade dos annos, dançou com D. Catharina Deza, Dama da Rainha D. Catharina, que entre todas ſe diſtinguia no exceſſo da fermoſura. Proſeguiraõ os outros Cavalheros com as mais Senhoras eſte feſtivo obſequio à Princeza até à meya noite.

Chega ao Palacio, e na Capella Real ſe recebe.

Quem teve neſte acto a procuraçaõ do Duque de Parma.

Em obſequio de dia taõ plauſivel dançou ElRey D. Sebaſtiaõ com a Senhora D. Maria.

101 Ao dia ſeguinte ſe fabricou em huma eſpa-

eſpaçoſa ſala do Paço hum amfiteatro de madeira de altura de ſete, ou oito degraos, que cercava toda a ſala, a qual eſtava armada de precioſos pannos de ouro, e ſeda. Na frente eſtava hum docel bordado de perolas, e debaixo delle huma cadeira com duas almofadas guarnecidas de ouro, e todo o pavimento cuberto de tapetes de ſeda. Aos lados da cadeira ſerviaõ de mageſtoſo ornato dous grandes Aparadores formados em meyo circulo, e fechados com huma ayroſa balauſtrada repartida em oito degraos, ſobre os quaes eſtavaõ pendentes dous doceis de brocado, que coroavaõ duas precioſiſſimas copas; ornada huma de todo o genero de pratos, taças, vaſos, e outras peſſas de ouro maciſſo, e a outra de prata liza, e lavrada, taõ elegantemente fabricada, que competia o primor da arte com a precioſidade da materia. Neſta grande caſa ſe preparou hum eſplendido banquete para o Embaixador de Caſtella, logrando a ſingularidade de hum favor, de que naõ havia memoria de ſemelhante em Portugal, qual foy de aſſentarſe com elle à meſa ElRey D. Sebaſtiaõ, o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, onde por eſpaço de tres horas, que durou o convite, exercitou ElRey tal benevolencia com o novo hoſpede, que quiz moſtrar, que o privilegio de taõ feſtivo dia diſpenſava nos attributos da Mageſtade. Foy ſervida a meſa pelos

Sumptuoſos banquetes, com que ſe ſolemnizaraõ eſtes deſpoſorios.

Honra eſpecial, com que ElRey trata ao Embaixador de Caſtella.

los Gentis-homens da Camera, e Cavalheros da primeira graduaçaõ, naõ ceſſando em todo eſte tempo de ſuſpender aos ouvidos a harmonica conſonancia de varios inſtrumentos. De tarde deu a Rainha D. Catharina outro banquete em differente ſala, ornada de precioſas tapeſſarias, e grande copia de peſſas de ouro, e prata, naõ ſendo inferior ao precedente no ornato, e magnificencia, ao qual aſſiſtiraõ unicamente com a Rainha, a Princeza D. Maria, ſua mãy a Infanta D. Iſabel, e a Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel. Recebiaõ as Damas da Rainha as iguarias das mãos dos Cavalheros, que chegavaõ até à porta da ſala, e as collocavaõ ſobre a meſa. Paſſados quatro dias convidou a Infanta D. Maria a Princeza deſpoſada, e a ſua mãy para outro banquete, que lhe deu no Paço com igual grandeza aos que lhe precederaõ, e em a noite deſte dia houve ſarao, em que dançaraõ muitos Cavalheros, e Damas da Caſa Real, e das duas Princezas.

102 Empenhou-ſe a naçaõ Portugueza em competencia dos ſeus Monarchas ſolemnizar eſte auguſto deſpoſorio, fazendo as mayores demonſtrações do ſeu fiel jubilo, e magnifica profuſaõ. Na praça do Palacio ſe levantaraõ alteroſos palanques fabricados com primoroſa architectura, os quaes ſe armaraõ com todo o genero de tapeſſarias, e ſe ornaraõ com varios quadros,

Feſtas, com que a naçaõ Portugueza applaudio eſtes deſpoſorios.

dros, em que o pincel explicava em varios ſymbolos a felicidade deſte ſoberano conſorcio. Entre toda eſta magnificencia ſe diſtinguio a naçaõ Flamenga em a fabrica de hum Palacio ſoberbamente ornado, onde eſtava expoſta huma ſumptuoſa meſa cuberta de innumeraveis iguarias, e aſſiſtida de acordes inſtrumentos, e ſonoras vozes, liſonjeando-ſe ao meſmo tempo o palato com o delicado das viandas, e os ouvidos com a harmonia da muſica. Principiou eſta feſtividade pelo combate de dezaſete touros, cuja furia foy deſtramente rebatida por outros tantos Cavalheros montados em generoſos cavallos. Acabado eſte eſpectaculo, poſto que feſtivo, ſempre horroroſo; entraraõ pela praça quatro companhias de Fidalgos, compoſta cada huma de dezaſeis, que faziaõ o numero de ſeſſenta e quatro montados ſobre ayroſos brutos para correrem o jogo das canas, onde ſe admira igual ſciencia, que agilidade. Era guia da primeira companhia D. Diniz de Alencaſtro, filho do Commendador môr; da ſegunda D. Miguel de Noronha, ſobrinho do Marquez de Villa-Real; da terceira D. Luiz de Alcaçova, filho do Secretario de Eſtado Pedro de Alcaçova Carneiro; e da quarta D. Joaõ Pereira, filho de D. Franciſco Pereira, Embaixador neſte tempo em Caſtella. Precediaõ para mayor pompa a cada hum deſtes quatro Fidalgos, ſeis cavallos Andaluzes acubertados

Feſtivo jogo de canas, celebrado por ſeſſenta e quatro Fidalgos.

tados de precioſos pannos. Veſtiaõ todos os ſeſſenta e quatro Cavalheros à Mouriſca, trajando cada quadrilha para differença veludos de diverſas cores. Cubriaõ as cabeças com turbantes ornados de inextimaveis joyas, e candidas plumas; embraçavaõ adargas formadas com galante artificio, onde o couro para reparar os golpes era cuberto de ouro, e prata, ſendo dos meſmos metaes as franjas com que eraõ orladas. Acompanhavaõ a cada Cavalhero oito pagens, e oito lacayos precioſamente veſtidos, chegando taõ luſtroſa comitiva a fazer o numero de mil e vinte quatro peſſoas, que formavaõ hum exercito agradavel. Ao tempo, que entraraõ na praça as quatro fileiras, ſe dividiraõ em duas, e começando com bem diſciplinada ordem a ſahir de dous em dous os combatentes, logo de quatro em quatro, e de oito em oito ſe principiou aquelle feſtival conflicto, onde arremeçavaõ com imperceptivel agilidade as canas, e reparavaõ os golpes nas adargas com biſarra deſtreza, cauſando aos expectadores aquella fingida hoſtilidade alegria, e naõ horror, pois todo o eſtrago, e furor do combate ſe convertia em jubilo, e applauſo de taõ ſolemne dia.

Manda a Princeza Margarida de Auſtria apreſtar huma Armada para conduzir a ſua nora.
Haræus, Ann. Brabant. tom. 3. pag. 35.

103 Tanto que a Princeza D. Margarida de Auſtria recebeo a deſejada noticia de eſtar effeituado o caſamento de ſeu filho com a Senhora D. Maria, mandou apreſtar huma ſoberba Armada,

mada, digna de ſer conductora de ſua nora, de que nomeou por General a Pedro Erneſto, Conde de Mansfelt, vindo acompanhado de ſua mulher Maria Memorancy, e ſeu filho Carlos Mansfelt. Conſtava a Armada de ſete naos grandes, e tres pequenas, excepto trinta navios mercantís. Chamava-ſe a Capitania Santa Margarida, ſendo taõ alteroſa, que era de ſetecentas e cincoenta tonelladas, guarnecida com trinta e cinco peças de bronze, e quarenta e cinco de ferro. Entre as muitas cameras, que tinha, era a principal deſtinada para hoſpicio da Princeza, armada de veludo carmezim franjado de ouro, com hum docel de brocado, e cuberto o pavimento de finiſſimos tapetes. A cama ſe ornava de damaſco de ouro, cuja cabeceira era delicadamente pintada de ouro, e ultramarino, com meſas, e cadeiras da meſma pintura, ſobre as quaes eſtavaõ almofadas de veludo carmezim, orladas de paſſamanes de ouro. Entre todo eſte precioſo, e magnifico ornato levavaõ a precedencia dous veſtidos, que o Principe mandava à ſua Sereniſſima Eſpoſa, dos quaes hum era de veludo carmezim, bordado de ouro, e forrado de pelles de arminho; e o outro de veludo roxo, tecido de canutilho de ouro, e prata com o forro de pelle de lobo cerval, que a natureza com exceſſo da arte pintou gracioſamente em fórma de dados. As outras cameras, onde

Magnificencia, e ornato da Capitania.

onde vinhaõ o Conde General, sua mulher, Monsignor Latienlogia, Mordomo de Sua Alteza, Fabio Lembo, Commissario da Armada, e outros Fidalgos, estavaõ armadas de diversas tapessarias. A segunda nao chamada Santiago era de seiscentas e setenta tonelladas, guarnecida de setenta e cinco peças de artilharia; e a terceira chamada a Magdalena tinha quarenta e cinco peças de guarniçaõ, de que era Capitaõ o filho do General da Armada.

Chega a Armada a Lisboa, e das estrondosas salvas, com que he recebida.

104 Em doze de Agosto sahio a Armada do porto de Flessinga, e entrando pelo canal, onde estaõ os bancos de Flandres, que tem de extensaõ cento e quarenta legoas, navegou até a costa de Inglaterra com algumas calmarias, e ventos contrarios, até que em dezanove dias chegou a Lisboa. Logo que foy avistada das torres de Cascaes, e Belem, explicaraõ pelas estrondosas vozes de trezentos tiros o jubilo, com que recebiaõ aquelles hospedes, a cujo ruidoso obsequio correspondeo a Armada com outras tantas salvas, arvorando em cada navio o seu estandarte de damasco carmezim, em que se via bordado de ouro em huns as Armas de Portugal, em outras as de Castella, e nos mais as da Casa Farnese, Borgonha, e Austria, suavizando o horror dos eccos do bronze a harmonia de innumeraveis instrumentos, que enchiaõ os ares de consonancia, e os corações de alegria. Passados

Bandeiras, que arvora.

dos tres dias mandou ElRey D. Sebaſtiaõ a D. Conſtantino de Bragança, e ſeu irmaõ D. Duarte, tios da Princeza deſpoſada, com outros Cavalheros, entre os quaes foy o Embaixador de Caſtella D. Affonſo de Tovar, buſcar a bordo ao General, e mais peſſoas de diſtinçaõ, que com elle vinhaõ: e praticados de huma, e outra parte aquelles obſequios, que ſe coſtumaõ obſervar em ſemelhantes occaſiões, foraõ conduzidos ao Palacio, onde os eſperava ElRey com todas as peſſoas Reaes, e tanto que chegaraõ à ſua preſença ſe levantou ElRey, a quem ſeguio toda a Nobreza, e recebendo com grande benignidade ao Conde General, ſua mulher, e todos os Cavalheros da ſua comitiva, ordenou, que foſſem hoſpedados em hum quarto do Palacio, que já eſtava preparado ſumptuoſamente para eſte effeito. Os outros Cavalheros, e Gentis-homens, que vieraõ na Armada, ſe repartiraõ pelas caſas de varios Fidalgos, onde a hoſpedagem competio com a profuſaõ de ſeus generoſos animos. Ainda ſe extendeo mais a benevolencia dos noſſos Principes, pois a Rainha D. Catharina com a Princeza D. Maria, e ſua mãy a Senhora D. Iſabel deraõ hum banquete à Condeſſa de Mansfelt, e mais Senhoras da ſua companhia, onde ſe vio o appetite liſongeado de viandas taõ peregrinas, que até a India Oriental concorreo com a agua do rio Ganges para o re-

D. Conſtantino de Bragança, e ſeu irmaõ D. Duarte vaõ buſcar a bordo ao General da Armada o Conde de Mansfelt.

Entra o General no Paço, e como ElRey o recebeo.

A Rainha, e a Princeza daõ hum ſumptuoſo banquete à Condeſſa de Mansfelt.

regalo dos convidados, e a que beberaõ os Cavalheros Italianos era do Tibre, que elles julgaõ pela mais pura, e excellente de todo o Mundo. Deu-se fim a este convite com hum sarao, em que todas as Damas causaraõ com ayrosos movimentos jucundo divertimento aos olhos. Passados quinze dias convidou ao Conde General, e todos os Cavalheros da sua comitiva D. Constantino, filho do Duque de Bragança, para hum sumptuoso banquete de peixe, onde a variedade, de que abunda o Tejo, deu bastante materia ao artificio dos cozinheiros para fazer tal copia de delicadas iguarias, que ao mesmo tempo saciavaõ os olhos, e os appetites. A mesa foy servida de prata de raro primor, e de louça da India, cuja qualidade era taõ admiravel, que competia com aquelle metal precioso.

D. Constantino de Bragança deu hum esplendido banquete ao Generàl da Armada.

105 Chegou o tempo de partir a Princeza para Flandres, e antes que se embarcasse mandou ElRey à Armada hum generoso refresco, e ao Conde General, à Condessa sua mulher, Cavalheros, e Damas da sua comitiva preciosas joyas. Sahio do Paço a Princeza acompanhada delRey, o Cardeal D. Henrique, e toda a Corte, e por mais que queria dissimular o sentimento, que lhe causava a separaçaõ dos seus naturaes, a quem finamente amava, cedia a magestade do semblante à ternura do coraçaõ. Para mayor argumento da veneraçaõ, que tinha à Prince-

Sahe a Princeza do Paço para se embarcar.

Princeza ElRey D. Sebaſtiaõ ſe embarcou com todas as peſſoas Reaes na Capitania, e foraõ navegando placidamente até Belem, onde ſe detiveraõ tres dias, e ſahindo a terra a Princeza viſitou o Moſteiro dos Religioſos de S. Jeronymo, ſumptuoſa fabrica de ſeu inclyto avô ElRey D. Manoel. Neſte lugar foraõ as ultimas deſpedidas, em que ſe admiraraõ dous effeitos contrarios, e repugnantes, quaes eraõ jubilo, e pezar; alegrando-ſe huns de ter a fortuna de ſerem dominados por taõ ſuave Princeza; lamentando outros o verem-ſe privados para ſempre da ſua amavel preſença, ſendo mais penetrante o golpe deſta auſencia para ſua mãy, e ſeu irmaõ, que nos ultimos abraços deſtillaraõ os corações pelos olhos, fazendo os apertados vinculos da natureza mais intoleravel eſta ſeparaçaõ. Entre as peſſoas mais authorizadas, que compunhaõ a comitiva da Princeza, eraõ o Biſpo de Angra D. Manoel de Almada pelas ſuas grandes letras, e o Padre Sebaſtiaõ de Moraes, da Companhia de Jeſus, pelas ſuas virtudes, que ſendo deſtinado para Confeſſor da Princeza, chegou depois a ſer Biſpo do Japaõ. Antes que a Armada levaſſe as ancoras expedio o Conde General ao ſeu Mordomo môr para que déſſe a noticia da partida da Armada a D. Margarida de Auſtria, e ao Duque Octavio Farneſe, e a ſeu filho, que impacientemente eſperavaõ taõ alegre

Embarca-ſe a Princeza, a quem acompanharaõ ElRey, e o Cardeal.

Peſſoas principaes, que levava na ſua comitiva a Princeza.

Franc. Annal. Societ. in Luſitan. pag. 75. §. 14.

nova, e para se prepararem as solemnes festas, com que a Cidade de Bruxellas havia receber a Princeza, naõ sendo impedimento para esta publica congratulaçaõ a intempestiva morte do Cardeal de Santo Angelo, irmaõ do Duque de Parma. Ao mesmo tempo expedio o Conde de Mansfelt a Carlos Buissoto à Corte de Castella para que significasse a Filippe Prudente como estava para dar à véla conduzindo a Flandres a Princeza sua sobrinha, cuja noticia estimou excessivamente.

CAPITULO XIV.

Parte de Lisboa a Princeza D. Maria, e dos memoraveis successos, que lhe aconteceraõ até chegar a Flandres. Entra em Bruxellas, onde he recebida com magnifico apparato, e excessivo jubilo por sua sogra D. Margarida de Austria, em cuja companhia assiste alguns mezes, até que caminhou para Parma, aonde a sua entrada he summamente applaudida pelos seus Vassallos.

1565.

Sahe a Armada de Lisboa.

106 SAhio a Armada Real das saudosas prayas do Tejo em 14. de Setembro, consagrado à exaltaçaõ da Cruz de Christo, e surcando o Oceano, naõ muito distante da costa

costa de Portugal se cerrou improvisamente o dia, e crescendo o vento se alterou de sorte o mar, que todos os navios impellidos do impeto da tempestade lutavaõ com as ondas, e vagavaõ espalhados sem governo, de que se seguio, que topando hum delles com a Capitania se abrio por diversas partes, e em cada huma dellas se via a sepultura dos navegantes. Distava pouco da Capitania este horroroso espectaculo, e como ouvisse a Princeza os lastimosos clamores dos naufragantes, chea de piedade, e commiseraçaõ mandou ao General da Armada, que salvasse promptamente aquelles miseraveis, que em cada onda bebiaõ a morte. Duvidava o General executar esta ordem receando, que com aquelle soccorro poderia expor a Princeza a hum evidente perigo; mas ella confiada na Divina protecçaõ lhe segurou, que para alcançar a serenidade desejada naõ havia outra esperança mais infallivel do que acodir a huma affliçaõ taõ deploravel. Persuadido o General da efficacia destas vozes expedio lanchas, e bateis para recolher aos naufragantes, os quaes tanto que entraraõ na Capitania se submergio o navio, que os levava, e para testemunho da heroica fé, e piedade da Princeza se converteo instantaneamente a furia da tormenta em serena tranquillidade. Poucos dias passaraõ, que a Armada naõ experimentasse outra tormenta, cujo furor obrigou

Horrorosa tempestade, que padece a Armada
Strada de Bello Belgico, Decad. 1. lib. 4.

Naufraga huma nao da Armada.

Heroica piedade da Princeza.

Arriba a Armada a Inglaterra obrigada de novo temporal.

ao General a arribar a hum dos portos de Inglaterra, e significando à Princeza, que mandasse cumprimentar a Rainha Isabel, que naquelle tempo com escandalo da Religiaõ Catholica governava aquella Coroa, repugnou executar esta ceremonia por ser aquella Princeza inimiga declarada da Igreja Romana. Para alivio dos incommodos de taõ molesta jornada pareceo conveniente, que a Princeza desembarcasse até que estivesse capaz o tempo de a continuar; porém naõ approvaraõ esta resoluçaõ alguns Senhores da sua comitiva julgando naõ ser decoroso, que huma Princeza Catholica se expuzesse a algum desacato, que contra a sua Real pessoa podiaõ os hereges impiamente commetter, principalmente naquelles tempos, em que a liberdade, com que viviaõ, os fazia mais atrevidos, e petulantes. A este receyo fundado no amor, e na veneraçaõ respondeo a Princeza com animo verdadeiramente Catholico, que naõ era digna de que o Ceo lhe concedesse a coroa do martyrio lavrada por mãos taõ sacrilegas, offerecendo a vida em obsequio da Fé, que professava.

Catholico zelo, que manifestou a Princeza nesta jornada.

107 Innumeraveis foraõ os argumentos de zelo Catholico, que em toda esta jornada manifestou o coraçaõ desta virtuosa Princeza. Entre a numerosa multidaõ de gente, que de hum, e outro sexo concorria a ver a Armada, e muito mais a Serenissima Princeza, chegou huma

mulher

mulher nobre com dous filhos ornados de gentil preſença, e logo que os vio a Princeza naõ ſómente os admittio com grande affecto, mas pedio à mãy permittiſſe, que os levaſſe em ſua companhia, promettendo-lhe, que pelo amor, com que haviaõ ſer tratados, naõ experimentariaõ a falta da ſua aſſiſtencia; querendo com eſta piedoſa acçaõ livrar da condemnaçaõ eterna aquellas duas almas, que pela impia educaçaõ de ſeus pays eternamente padeceriaõ. Ateou-ſe caſualmente o fogo na Capitania, de cuja voracidade conſternados os navegantes intentavaõ confuſamente ſalvar huns as vidas, e outros as fazendas. Sahio da camera a Princeza, e lembrada de que naõ trazia hum cofre, que era depoſito de varias Reliquias, abrazada de outro mayor incendio rompeo intrepidamente por entre as chammas a ſalvar da ſua voracidade aquelle devoto theſouro, com o qual depois de extincto o fogo ſe reſtituîo à Capitania. Tanto que o tempo correo opportuno para proſeguir a jornada levantou ferro a Armada, e chegando à Ilha de Zelanda em Middelbourgh no porto de Fleſſinga, onde coſtumaõ ancorar os navios de alto bordo, que vem a Flandres, lançou ancora em 2. de Novembro, e deſembarcando a Princeza com o Conde, e Condeſſa de Mansfelt, e todas as Damas, e Cavalheiros, a eſtava eſperando Monſignor di Buſſo com huma numeroſa comi-

Salaz. Glor. da Caſa Farneſ. pag. 658.

Deſembarca a Princeza em Fleſſinga, a quem os Principes de Parma mandaõ cumprimentar.

comitiva de Gentis-homens, e a acompanhou por ser já noite com trezentas tochas. Assistio a Princeza em Middelbourgh sete dias para descançar da molestia padecida na jornada por espaço de cincoenta dias, e a este Lugar a mandou visitar sua sogra D. Margarida de Austria por Monsieur Montigni, Cavalleiro do Tusaõ, e pelo seu Estribeiro môr o Marquez de Lecca-Corvo, e o mesmo obsequio praticou seu sogro o Duque de Parma Octavio Farnese pelo Conde Troilo de S. Secondo.

108 De Middelbourgh partio a Princeza para Sas de Gante, onde a estavaõ esperando seus moradores com hum sumptuoso banquete. Logo que o Principe Alexandre Farnesio recebeo a noticia certa de ser chegada a Flandres sua Esposa partio em 7. de Novembro com quarenta criados vestidos preciosamente, e o Principe de Orange, a quem esperava o Marquez de Berghes, e caminhando até Sas acharaõ ao Conde de Egmont, Cavalleiro do Tusaõ, que tinha vindo esperar com huma luzida comitiva a Princeza para a congratular da sua chegada àquelles Paizes. Desembarcou a Princeza em Sas, onde de huma janella occulto o Principe vio a S. Alteza, que foy conduzida pelos Cidadões de Gante ao Palacio, e em huma das suas salas Alexandre Farnesio acompanhado do Principe de Orange, Conde de Egmont, Marquez de Berghes,

ghes, Monſieur de Montigni, Monſieur de Sameri, Mordomo de Madama Margarida, e outros Cavalheros, cumprimentou a Princeza com profunda reverencia, e querendo o Principe beijarlhe a maõ, o naõ conſentio, e fallando-lhe em lingua Heſpanhola, que a ſabia taõ perfeitamente como a materna, conſervou entre o decóro da Mageſtade tal modeſtia no ſemblante, que naõ levantou os olhos para o Principe em todo o tempo, que duraraõ eſtas politicas ceremonias. Partio a Princeza em 10. de Novembro para Bruxellas, onde foy recebida entre applauſos, e affectos por ſeu ſogro o Duque Octavio Farneſio, a quem acompanhavaõ o Principe de Orange, o Duque de Areſcot, o Conde de Orn, Almirante do mar, o Marquez de Berghes, o Conde de Meghen, e dos Cavalheros daquelles Paizes, os Condes de Naſſau, de Strambourg, de Ligni, e de Reus, e outros muitos Fidalgos, que para diſtinçaõ das ſuas peſſoas traziaõ por equipagem cento e cincoenta cavallos precioſamente ajaezados. Entre eſte magnifico concurſo vinhaõ quarenta Gentis-homens da Caſa da Princeza Margarida de Auſtria, montados em cavallos cubertos de veludo carmezim.

Aviſtaõ-ſe os Principes deſpoſados.

Chega a Princeza a Bruxellas, onde a recebe ſeu ſogro com muitos Senhores.

109 A's portas da Cidade de Bruxellas eſtavaõ quatro coches, entre os quaes ſe admirava hum de admiravel architectura, entalhado todo

Magnifica pompa, com que entra neſta Cidade.

do de primorofo relevo com quatro eftatuas, que ferviaõ nos angulos de termos. Os capiteis, e a cornija eraõ de obra Corinthia; o forro de preciofiffimo brocado; as cortinas de tela encarnada, orladas de grandes franjões de ouro, participando defte preciofo ornato as cuberturas, e jaezes dos cavallos. Nefta carroça entrou S. Alteza com a Condeffa de Mansfelt, e huma Dama Portugueza, e acompanhada de todos os Cavalheros, e Senhoras, que a feguiaõ entrou em Bruxellas, a cujas portas, por fer já noite a eftavaõ efperando os pagens do Principe feu Efpofo veftidos de veludo carmezim bordado de ouro, e prata, com tochas accezas, e a conduziraõ ao Palacio, que eftava illuminado com o reflexo de tantas luzes, que parecia a noite dia. Trajava a Princeza huma roupa branca, bordada de ouro batido, preza com hum cinto de preciofas pedras. Compunha-fe o toucado de admiraveis diamantes, rubís, e efmeraldas, cuja brilhante confufaõ cegava os olhos de quem a queria contemplar. Na primeira fala do Palacio a eftava efperando a Princeza D. Margarida com feu filho Alexandre Farnefio, aos quaes faziaõ Corte D. Diogo de Gufmaõ da Sylva, Embaixador delRey Catholico, o Conde de Egmont, a Princeza de Orange, as Condeffas de S. Secondo, e de Caorfa, e outras muitas Damas, e Senhoras da primeira gran-

De que forte vinha veftida.

deza.

deza. Acompanhava a S. Alteza o Conde de Mansfelt, D.Manoel de Almada, Bispo de Angra, e D. Diogo de Mendoça, e tanto que a avistou D. Margarida de Austria desceo alguns degraos a buscar a Princeza, que lhe fez duas cortezias com tanto garbo, que arrebatou os affectos dos circunstantes, e querendo beijarlhe a maõ, o naõ consentio D. Margarida; antes levantando-a nos braços a beijou na face, e pondo-a à sua maõ direita a conduzio à Capella Real, onde estavaõ duas almofadas de brocado, sobre as quaes fizeraõ oraçaõ, a qual acabada, chegou o Principe Alexandre Farnesio, e posto de joelhos com a Princeza sua Esposa receberaõ da maõ do Arcebispo de Cambray Maximiliano de Bergés as benções nupciaes, para cuja ceremonia meteo entre os dedos dos dous Principes hum anel de valor de dez mil cruzados, e no fim deste acto se ouvio huma harmoniosa consonancia de instrumentos, que publicavaõ o jubilo de taõ festivo dia. Estava preparado hum esplendido banquete em huma galaria do Palacio, para onde conduzio a Princeza Margarida a sua nora, em que assistiraõ todos os Principes, e Cavalheros de ambos os sexos, que tinhaõ concorrido a esta plausivel funçaõ. No fim do banquete houve hum bayle, em que dançou o Principe com a Princeza, e como no vestido tivesse huma cauda de extraordinaria grandeza,

Chega ao Palacio.

Recebe as benções nupciaes do Arcebispo de Cambray. *Estrada de Bello Belgico, Decad. 1. lib. 4.*

para lhe naõ ſervir de embaraço ao movimento a envolveo com tal garbo no braço, que ſuſpendeo os olhos de todos os circunſtantes. Proſeguiraõ eſte divertimento os outros Principes, e Cavalheros em que ſe conſumio a mayor parte da noite. Ao dia ſeguinte 12. de Novembro celebrou Miſſa de Pontifical o Arcebiſpo de Cambray na Capella Real, a que aſſiſtiraõ os dous Principes debaixo de hum precioſo docel. Quizeraõ o Duque Octavio, e Madama Margarida teſtemunhar o affecto, com que amavaõ a ſua nora, e para demonſtraçaõ delle lhe mandaraõ hum adereço de pedras precioſas de valor de vinte e cinco mil cruzados; vinte e cinco peſſas de brocado de ouro, primoroſamente lavrado em Milaõ, e Florença; dez peſſas de téla de ouro, dez de prata, e dezaſeis tecidas de ambos eſtes metaes.

Precioſas peſſas, que mandaraõ à Princeza os Duques de Parma.

110 Huma das mais ſoberbas fabricas, que tem a Europa, he o Palacio de Bruxellas, ſendo taõ eſpaçoſa a ſua grandeza, que no meſmo tempo ſe hoſpedaraõ em diverſos quartos o Emperador, e ſeu filho o Principe de Heſpanha; o Duque de Saboya; as Rainhas D. Maria, e D. Leonor; a Duqueza de Lorena com o numero de criados competentes à ſoberanía de taes peſſoas. Em huma ſala deſte magnifico Palacio, que tinha de comprimento ſeſſenta paſſos, vinte e oito de largo, e trinta de alto ſe levantou huma

Grandeza do Palacio de Bruxellas.

huma meſa ſobre tres degraos de doze paſſos de largo, e vinte e oito de comprido para nella comerem os Principes, a qual para mais decente ornato eſtava cercada de huma balauſtrada; e na parte inferior outra meſa do comprimento de toda a caſa, em que haviaõ comer todos os Cavalheros, e Damas, que aſſiſtiraõ a eſtes deſpoſorios. Nos angulos da caſa ſe admiravaõ quatro copas ornadas de todo o genero de peſſas de ouro, e prata, com tanta delicadeza fabricadas, que eraõ mais eſtimaveis pelo artificio, que pela materia; e entre ellas ſe via com mayor admiraçaõ huma grande taça de ouro, que fora tomada a ElRey de França Franciſco Primeiro na batalha de Pavia. Cobria as paredes deſta eſpaçoſa ſala huma precioſiſſima tapeſſaria tecida de ouro, e ſeda, em que ſe repreſentava a Hiſtoria de Gedeaõ, onde as figuras eſtavaõ taõ animadas pelo artifice, que ſó lhe faltavaõ fallar para ſerem vivas. Augmentavaõ os reflexos de tanto ouro, e prata as brilhantes luzes, que ardiaõ em cento e trinta e quatro candieiros de differentes fórmas. Deſpojaraõ-ſe os montes, os boſques, e os rios para regalo, e abundancia dos convidados, que aſſiſtiaõ neſte ſumptuoſo banquete. Conduziraõ-ſe os vinhos de todas as partes em que a natureza os fez mais generoſos, como eraõ as Malvazias da Ilha da Madeira, e Candea; os Claretes de Fran-

Fabrica, que ſe erigio para hum ſumptuoſo banquete.

Profuſaõ, e diverſidade das iguarias.

ça, Artois, e Borgonha; os Gregos de Napoles, e Romanía. Por espaço de quinze dias trabalharaõ cento e dez cozinheiros nas viandas, e iguarias, que haviaõ ornar as mesas, competindo a delicadeza com a abundancia. Seria empreza difficil relatar individualmente a magnifica profusaõ ostentada nos banquetes, justas, e torneyos pelos Principes, e Cavalheros de Bruxellas, Flandres, Artois, Cambray, Lucemburg, Gueldres, e Hollanda em obsequio destes augustos desposorios. As machinas, que se levantaraõ para demonstraçaõ do seu jubilo animadas com inscripções allusivas à prosperidade dos dous Soberanos Consortes; os carros triunfaes, em que as Divindades Gentilicas confessavaõ a sua obediencia ao imperio daquelles Principes; e as poesias, com que os póvos pelas vozes de metricos acentos explicaraõ a sinceridade dos seus votos.

Continua-se a sumptuosidade das festas.

111 Coroou-se toda esta pomposa magnificencia com a funçaõ mais solemne, que se podia desejar. Chegou a Vespera do Apostolo Santo André, Padroeiro da Ordem do Tusaõ, e todos os seus Cavalleiros, que se achavaõ em Bruxellas, se juntaraõ na Capella Real, e se sentaraõ sem disputarem a precedencia, como lhes ordenaõ os seus Estatutos; de tal sorte, que se concorrerem Reys, que sejaõ Cavalleiros da Ordem, como naquelle tempo eraõ D. Fernando de

Solemnidade dos Cavalleiros do Tusaõ em obsequio da Princeza.

de Auſtria, ElRey de Boemia, ElRey de Polonia, ElRey de França, e ElRey de Caſtella, naõ precedem no lugar aos que ſaõ mais antigos na Ordem. Os Cavalleiros deſta inſigne Ordem, que eſtiveraõ preſentes, eraõ o Duque Octavio Farneſe; o Principe de Gaure, e Conde de Egmont, Governador de Flandres, e Artois; o Conde de Mansfelt, Governador de Lucemburg; o Conde de Aremberg, Governador de Frizia; Filippe de Croy, Duque de Areſcot; o Senhor de Barlemont, Governador de Gueldres; o Conde de Orn, Almirante do mar; o Marquez de Berghes, Governador de Henau; o Principe de Orange, Governador de Hollandá, e Zelanda; o Conde de Frizia Oriental, Govèrnador de Limburgo; Florencio de Memoranci, Senhor de Montigni, Governador de Tornay; o Conde de Ligni; e o Conde de Hocſtrat, os quaes aſſiſtiraõ às Veſperas ſentados, que cantou o Abbade de Filighen, officiadas por grande numero de Miniſtros, e mayor de vozes, e inſtrumentos, eſtando preſente o Biſpo D. Manoel de Almada em hum banco cuberto de veludo fronteiro aonde eſtavaõ os Cavalleiros. Ao dia ſeguinte, dedicado ao Santo Apoſtolo, vieraõ todos os Cavalleiros veſtidos de ceremonia com as inſignias da Ordem, e ornados de precioſa pedraria, e entrando na Camera de Madama Margarida, que eſtava com a Princeza, as foraõ

foraõ conduzindo, e acompanhando de dous em dous até a Capella para assistirem à celebraçaõ da Missa, que foy cantada com trinta e seis vozes, e grande multidaõ de instrumentos, onde a variedade naõ offendia a consonancia. Ao offertorio se levantaraõ todos os Cavalleiros, e de dous em dous fizeraõ obsequiosas reverencias à Princeza, que as recebia com agradavel modestia, renovando-se com estes obsequios a illustre memoria de que naquelle dia, em que se cumpriaõ cento e trinta e quatro annos fora instituida taõ insigne Ordem em veneraçaõ de outra Princeza de Portugal, qual foy a Serenissima Infanta D. Isabel, filha do nosso invicto Monarcha D. Joaõ o Primeiro, quando em Bruges se desposou com Filippe Terceiro, Conde de Flandres, e Duque de Borgonha. Acabada a Missa conduziraõ os Cavalleiros até o Palacio a Princeza na mesma fórma, que tinhaõ vindo, onde estava preparado hum banquete, que na magestade, e abundancia era superior a todos os que se tinhaõ dado, desprezando o appetite as iguarias mais delicadas por estarem suspensos os ouvidos com a harmonia dos instrumentos. De tarde se fez na Camera da Madama hum bayle, em que entraraõ cincoenta e duas Senhoras da primeira grandeza, vestidas com taõ precioso, e exquisito ornato, que naõ podiaõ os olhos desejar mais agradavel espectaculo.

Anselm. Hist. Geneal. de la Mais. Royal. de Franc. tom. 1. cap. 9. §. 19.

Magnifico banquete, e vistoso bayle, que se fez neste dia.

Chegou

112 Chegou finalmente o dia, em que a Princeza havia deixar aquelles Eſtados, e foy incrivel o ſentimento, com que a naçaõ Flamenga lamentou a auſencia de taõ amavel Senhora, ſendo eſcuſada a Mageſtade para dominar a todos os corações, conſervando-ſe nelles taõ ſaudoſa memoria das ſuas virtudes, que foy inexplicavel o alvoroço, que conceberaõ com a noticia de que hia governar aquelles Paizes, quando o foy ſegunda vez ſua ſogra D. Margarida de Auſtria. Entrou em Parma a 24. de Junho de 1566. onde a eſperavaõ com grande ancia os ſeus Vaſſallos, competindo a fineza dos ſeus affectos com a magnificencia de ſumptuoſas fabricas, que erigiraõ para dignamente receber a ſua Princeza, de cujas heroicas virtudes aprendeo aquella Corte taõ altos documentos, que ſerviraõ de reformaçaõ aos coſtumes. As acções virtuoſas, que eſta inſigne Princeza exercitou no eſpaço de onze annos, que viveo em Parma, foraõ argumento das pennas de muitos Eſcritores, das quaes para que ſejaõ exemplar eterno das Teſtas Coroadas formaremos hum elogio quando chegarmos com eſtas Memorias ao anno de 1577. no qual recebeo no Empyreo a coroa merecida pela ſantidade das ſuas obras.

Parte a Princeza para Parma, e como foy recebida dos ſeus Vaſſallos.

CA-

CAPITULO XV.

Triunfa Lourenço Pires de Tavora dos artificios do Alcayde Bentuda, e alcança delle huma gloriosa vitoria, pela qual ElRey D. Sebastiaõ o congratúla.

1565.

113 HAvia hum anno, que governava a Praça de Tangere Lourenço Pires de Tavora com tanta gloria do seu nome, e fatal terror dos Africanos, que naõ se atreviaõ a olhar para os seus muros, quanto mais offender aos seus defensores. O Alcayde Bentuda, que era naturalmente arrogante, e presumido, naõ podia dissimular o vil abatimento, a que se reduzira a sua opiniaõ alcançada em alguns recontros, onde teve mayor parte a fortuna, que o valor; e conhecendo, que a vigilancia de Lourenço Pires lhe desarmava sem dispendio de sangue as suas machinas, se resolveo usar de hum artificio para triunfar do seu poder. Ordenou a dous Judeos seus criados, que fossem da sua parte desafiar a Lourenço Pires a huma batalha campal, onde os combatentes haviaõ ser tantos de huma, como de outra parte, para que aquelles, que sahissem vitoriosos, devessem a gloria do triunfo à valentia do coraçaõ, e naõ

Desafia o Alcayde Bentuda a Lourenço Pires de Tavora.
Hist. dos Var. do Appellid. de Tavor. pag. 231.

e naõ ao exceſſo do numero. Recebeo Lourenço Pires eſta propoſta com tanto jubilo, que mandou de alviçaras a Bentuda hum Mouro, que muito eſtimava, e com elle a Pedro Veloſo, homem prudente, e alentado, para que ajuſtaſſe com o Alcayde o lugar, que havia ſer o theatro daquella bellicoſa contenda. Voltou Pedro Veloſo acompanhado de dous Mouros, que certificaraõ a Lourenço Pires, por até entaõ o duvidar, ſer verdadeiro o recado, que Bentuda lhe mandara pelos dous Judeos, e que ficara muito contente, e ſatisfeito de ter aceito o deſafio, pois naõ eſperava menos da heroicidade do ſeu animo. Inſtou Lourenço Pires aos Mouros para que lhe diſſeſſem qual era o lugar deſtinado para o deſafio, e que numero de Soldados haviaõ ſer competidores no campo; ao que elles reſponderaõ, que ignoravaõ o que lhes preguntava, de cuja repoſta inferio Lourenço Pires, que alguma aleivoſia ſe diſſimulava neſta negociaçaõ, e os remetteo ao ſeu Alcayde. Depois paſſados varios dias, em que Bentuda faltava às condições neceſſarias para o deſafio, entendeo Lourenço Pires, que era artificio, que lhe armara a ſua infiel induſtria para cahir em algum engano, de que reſultou afrontoſa ignominia para eſte barbaro, e glorioſa fama para a prudencia de Lourenço Pires, com que cauto ſabia prevenir eſtes eſtratagemas.

Aceita o noſſo Capitaõ o deſafio, que ſe deſvanece por fraqueza do barbaro.

114 Desenganado Bentuda de poder triunfar da vigilante cautela do nosso Governador por artificio, converteo todo o seu desvelo para ver se o podia vencer por força. Para este effeito convocou de Fez grande numero de arcabuzeiros, e em 14. de Junho acompanhado de duzentos cavallos se emboscou na serra de S. Joaõ, da qual sahindo impetuosamente, o esperou, quando menos o imaginava, Lourenço Pires no Lugar dos Lumares com toda a nossa gente formada em batalha, e mandando provocar ao barbaro com huma escaramuça, cheyo de pavor naõ quiz aceitar o combate, antes dividindo os Soldados por diversas partes satisfez à sua colera em mandar no silencio da noite cortar as hortas, e searas, e se recolheo ao dia seguinte para Arzilla. Naõ recebemos nesta occasiaõ outra perda mais, que de dous meninos, e huma atalaya, que por descuido do Adail Sebastiaõ Gonçalves Pitta permittio, que vagassem mais longe do que era necessario. Estas hostilidades, obradas pelo furor dos inimigos em os nossos campos, experimentaraõ os seus com mais lamentavel estrago naõ perdoando a furia do fogo, aonde naõ podia chegar a violencia do ferro.

Naõ aceita o barbaro a batalha.

115 Naõ socegava o inquieto animo do Alcayde Bentuda de buscar occasiões em que triunfasse da nossa resistencia, mas sempre a fortuna se declarava contraria aos seus designios.

Acha-

Achava-ſe a Cidade de Tangere ſummamente exhauſta de mantimentos, e lenha; e para ſe remediar taõ urgente neceſſidade mandou Lourenço Pires ſahir ao campo alguns Soldados, que foſſem buſcar alguma couſa para alimento dos corpos, diſpondo, que partiſſem muito antes as atalayas, eſperando da ſua vigilancia naõ foſſem improviſamente acometidos dos Mouros. Neſte tempo eſtavaõ emboſcados os dous filhos do Alcayde Bentuda, que eraõ muito animoſos, com quatrocentos cavallos, pouco diſtantes das noſſas atalayas, obſervando occaſiaõ opportuna, em que com menos diſpendio de ſangue derrotaſſem a noſſa gente, e aproveitando-ſe deſta, como taõ favoravel aos ſeus intentos, ſahiraõ formados com grande alarido de vozes, e eſtrondo de armas. Marchava Lourenço Pires por huma parte, e por outra o Adail Sebaſtiaõ Gonçalves Pitta conduzindo a gente para a Fortaleza, que ſahira buſcar provimento, e vendo o numero grande de barbaros, que o buſcava, veyo chegando com velocidade às noſſas tranqueiras, para que reparado com a ſua ſombra pudeſſe reſiſtir com mayor vigor aos inimigos. No ſitio do Palmeirim fez alto Lourenço Pires de Tavora, o qual ordenou ao Adail, que foſſe com quarenta cavallos deſalojar aos Mouros de hum outeiro, que tinhaõ occupado. Marchou Sebaſtiaõ Gonçalves Pitta a executar a ordem do Gover-

Entraõ no campo de Tangere os dous filhos de Bentuda com quatrocentos cavallos.

nador, e era tal a impaciencia, com que caminhavaõ os Soldados para investir aos inimigos, que naõ podendo o Adail reprimirlhe o furor, os acometeraõ com tal braveza, e resoluçaõ, que sendo taõ inferiores em o numero por quatro vezes fizeraõ retroceder os barbaros, e por outras quatro se tornaraõ a formar, naõ se conhecendo em ambas as partes algum excesso no valor.

116 Observava Lourenço Pires de Tavora, como experimentado Capitaõ, todos os movimentos do conflicto, e vendo contingente a vitoria por ser muito desigual o partido, correo velozmente a sustentar o brio da gente Portugueza a tempo, que descobrio por entre muitas nuvens de pó, que se levantava na campanha, hum troço de quatrocentos Mouros, que vinhaõ anciosamente soccorrer aos companheiros. Naõ intimidou o heroico coraçaõ de Lourenço Pires este accidente, antes animando aos seus Soldados, a quem lhes prometteo a sua assistencia, acometeo a todo aquelle formidavel corpo, que mais attentos para a conservaçaõ da vida, que da honra fugiraõ descompostamente, ficando os nossos senhores do campo, e da vitoria. Neste glorioso combate sahio gravemente ferido o Adail, e outros muitos Cavalleiros, rubricando com o sangue vertido das veyas os illustres brasões das suas casas. Nuno Furtado estimando mais

Saõ destroçados pelos nossos.

mais a fama, do que a vida, foy o primeiro, que rompeo aos inimigos, e certamente ficaria opprimido da multidaõ barbara se lhe naõ acudiraõ promptos os seus companheiros. He incrivel o furor, com que D. Francisco de Moura entrou pelos inimigos, e succedendo atravessar a hum com a lança, e naõ a podendo tirar, puxou pela espada, com a qual como se fora rayo fulminou a mayor parte delles, ainda que sahio gravemente ferido. Semelhantes proezas obraraõ D. Rodrigo de Mello, Manoel de Mello, Simaõ da Veyga, Ayres Quinteiros, Gonçalo Figueira, Gaspar Antunes, e Luiz de Castilho.

Proezas de alguns Cavalheros neste conflicto.

117 Esta singular vitoria, que pela desproporçaõ do numero pareceo sobrenatural, por triunfarem quarenta Portuguezes de oitocentos Mouros, a relatou por huma carta a ElRey D. Sebastiaõ, Lourenço Pires de Tavora, a qual trouxe Lourenço Fernandes Pitta, filho do Adail, que com elle se achou alentadamente no conflicto. Estimou ElRey com tanto excesso a noticia deste glorioso triunfo, que para ficar a sua memoria eternizada na posteridade a gravou com indeleveis caracteres nesta carta, com que agradeceo a Lourenço Pires o seu esforço, como dos seus heroicos companheiros.

Lourenço Pires de Tavora relata a ElRey o successo desta batalha.

ElRey o congratúla pela felicidade deste successo.

118 „Lourenço Pires de Tavora. Eu El- „Rey vos envio muito saudar. Por Lourenço Fernan

Copia da Carta.
Hist. dos Var. do Appellid. de Tavor. pag. 255.

„ Fernandes Pitta recebi a vossa carta de 30. do
„ passado , e por ella soube particularmente o
„ bom successo , e vitoria , que vos Nosso Se-
„ nhor deu contra a gente do Alcayde Bentu-
„ da , e seus filhos , a maneira como o effeito
„ passou , e a em que me servirão os Fronteiros,
„ e Cavalleiros , que se nisso acharão , que eu
„ folguey muito de entender , e recebi com esta
„ nova muito contentamento , e dey por ella a
„ Nosso Senhor muitos louvores , e a vós agra-
„ deço muito o modo , que em tudo tivestes ,
„ e guardastes , que foy o que de vós , e vossa
„ pessoa se podia , e devia esperar , e confórme
„ a boa conta , que de vós sempre déstes , e a
„ grande confiança , que de vós tenho. O que
„ me escreveis àcerca do Adail , Fronteiros , e
„ Cavalleiros , que com elle se acharão , e que
„ me nomeaes em vossa carta , e assi os que vos
„ acompanharão , folgarey muito de ver , e te-
„ nho muito contentamento de todos o fazerem
„ com tanto esforço , e animo como o dizeis ,
„ e como de cada hum delles tenho por muy
„ certo , de que terey muita lembrança para em
„ seus requerimentos folgar de lhes fazer merce.
„ Receberey prazer em lhe significardes da mi-
„ nha parte o contentamento , que tenho deste
„ serviço , e do esforço , que mostrarão , e a lem-
„ brança , que disso me fica , e dardes a cada
„ hum delles de minha parte os agradecimentos
deste

„ deſte feito na maneira, que vos parecer. Da-
„ da em Lisboa a 16. de Outubro de 1565.

Rey.

CAPITULO XVI.

Deſtroe Pedro da Sylva de Menezes dezaſete Parós de Malavares com morte do ſeu Capitaõ Morimuja. Alcança D. Paulo de Lima huma vitoria naval do pirata Canatale. Cérca Ade Rajao a Fortaleza de Cananor com hum grande Exercito, onde padece lamentavel eſtrago.

1565.

119 PAdecia Goa grande falta de mantimentos, de que ſe originavaõ fataes conſequencias aos ſeus moradores, e para ſe evitar eſta geral calamidade expedio a vigilante prudencia do Vice-Rey D. Antaõ de Noronha a Pedro da Sylva de Menezes com ſete navios, de que eraõ Capitães Gomes Eannes de Freitas, Vicente Paes, Diogo Fernandes Parelha, Ruy de Mello, Simaõ Caldeira, e Vaſco da Sylva, e diſcorrendo pela coſta do Canará foy ſegurando por aquelles portos os navios das cafilas, que haviaõ de conduzir os mantimentos a Goa, quando paſſado o rio de Bacelor foy acometido de hum temporal taõ furioſo, que o obrigou

Sahe Pedro da Sylva de Menezes com huma Armada para o Canará.
Faria, Aſia Portug. tom. 2. part. 3. cap. 1. §. 3.

obrigou a correr toda a noite com pouco panno por naõ poderem as amarras resistir ao impeto do vento; e achando-se ao amanhecer no rio Canharoto com tres navios menos, voltou a Mangalor para ver se os descobria a tempo, que elles vinhaõ acompanhados de tres parós de Malavares, que os nossos abordaraõ, e navegavaõ vitoriosos com taõ grande preza buscando ao seu Capitaõ, que lhes louvou o animo, e engrandeceo o esforço. Unidos os navios, que a tormenta espalhara, foraõ continuando felizmente a sua derrota, quando entre os Ilheos, e o Continente encontraraõ ao Mouro Murimuja capitaneando dezasete paráos de Cossarios, e como estava confiado em o numero, e valor da sua gente, nos acometeo com valerosa determinaçaõ disparando huma carga de artilharia, e arcabuzaria, de que foy mayor o estrondo, que o estrago. Logo abordaraõ sete navios da nossa Armada, mas com tal infelicidade, que ao porlhe as proas, foraõ taõ vigorosamente rechaçados com as espadas, e o fogo de muitas panellas de polvora, que dous foraõ lançados a pique, e os cinco, que eraõ galeotas, ficaraõ no poder dos vencedores, sendo todos os Mouros da sua guarniçaõ mortos, e alguns se precipitaraõ ao mar para se salvarem nos outros navios, acompanhando-os na desgraça o seu Capitaõ Murimuja, que morreo à violencia do nosso ferro.

Separaõ-se os navios com huma tormenta.

Avistaõ os nossos a Murimuja com dezasete paraos.

Remettem os inimigos, e depois de rebatido o seu impulso saõ totalmente destroçados.

Enno-

Ennobreceo-ſe a vitoria com o deſpojo de vinte peças de artilharia de bronze, e com outras de menor eſtimaçaõ. Os inimigos temeroſos com eſta derrota, para naõ participarem do infortunio de ſeus companheiros fugiraõ velozmente, aos quaes fomos ſeguindo até o rio de Pudepataõ, donde ſahiraõ tres paraos, e cincoenta almadias para os ſoccorrer, mas foraõ taõ fuſtigados da noſſa artilharia, que huns, e outros ſe refugiaraõ ao rio. Neſta batalha morreraõ tres Portuguezes, e ficaraõ oitenta feridos, e dos Mouros foraõ cem mortos, e innumeraveis os feridos. O Vice-Rey recebeo benevolamente em Goa a Pedro da Sylva de Menezes, exaltando com grandes elogios o valor, com que caſtigara aquelles inimigos do Eſtado, e com generoſos premios remunerou aos Soldados, glorioſos inſtrumentos deſta vitoria.

120 Como a Fortaleza de Cananor era hum forte freyo contra os inſultos dos Malavares, deſejavaõ eſtes por todos os modos conquiſtalla para naõ ſer o fatal obſtaculo das ſuas emprezas, principalmente eſtando preſidiada de huma naçaõ, a quem pelo dominio, e pela Religiaõ mortalmente aborreciaõ; e tendo intentado por diverſas occaſiões reduzilla à ſua obediencia, neſte anno empenharaõ com mayor deſvelo as ſuas forças aliſtando hum numeroſo Exercito com que a aſſediaraõ. Para rebater eſte formidavel impeto

peto expedio o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha, logo que tomou posse do governo, huma Armada, de que era Capitaõ Gonçalo Pereira Marramaque, mas considerando, que naõ era bastante soccorro para impedir os progressos de inimigo taõ poderoso, aparelhou outra Armada, que constava de quatro navios, para que junta com a primeira alcançassem credito ao Estado, liberdade à Fortaleza, e total destruiçaõ aos Malavares. Nomeou por General desta segunda expediçaõ ao insigne Heroe D. Paulo de Lima, que se embarcou na galeota chamada S. Joaõ Bautista, em que por tres vezes se tinha ensayado em outras tantas vitorias, alcançadas dos Malavares para conseguir o ultimo, e mayor triunfo desta barbara naçaõ. Surto D. Paulo na bahia de Batecala appareceraõ seis navios, que a escuridaõ da noite lhe representou serem Parós, e preparando-se para os commetter conheceo, quando mais se avisinharaõ, serem da Armada de Gonçalo Pereira Marramaque, que os tinha expedido, para que acompanhassem a D. Paulo, por ter noticia certa de que tinha partido de Goa; e estimulados de huma indiscreta politica militar, com que pertendiaõ que a Armada de D. Paulo lhe abatesse a bandeira para lhe serem superiores no governo maritimo, o deixaraõ exposto a hum manifesto perigo, prevalecendo naquelles animos mais o brio particular,

Passa o grande D. Paulo de Lima a soccorrer Cananor.

do

do que a gloria das noſſas armas. Mas a fortuna, que foy ſempre companheira inſeparavel das acções heroicas de D.Paulo, permittio, que alcançaſſe o immortal credito deſte triunfo, naõ querendo que os outros foſſem delle participantes.

121 Navegava D. Paulo de Lima pelos mares de Batecala quando lhe appareceo o pirata Canatalle de naçaõ Malavar, e de eſpirito muito orgulhoſo, conduzindo ſete Parós carregados de precioſas prezas, que a ſua cubiça tinha colhido na coſta do Norte. Determinou logo D. Paulo acometer ao barbaro antes que elle o executaſſe, moſtrando-lhe, que taõ pouco o temia, que nem a deſigualdade dos navios, e muito mayor a dos Soldados, lhe podiaõ retardar a colera, com que o inveſtia, ſendo o primeiro para o conflicto o que havia ſer unico no triunfo. Principiou-ſe o combate com a deſcarga da artilharia, fazendo tal eſtrago nos inimigos, que foy certo prognoſtico da derrota, que haviaõ padecer, pois divididos huns dos outros com o impulſo das balas, e pedras deſpedidas dos noſſos canhões, lhe ſervio a propria confuſaõ de mayor perigo, e ruina. O Canatalle cobrando vigor do deſalento dos ſeus Soldados, naõ ſe aſſuſtou com taõ funeſto preludio, e arremetendo com mais dous navios à galeota de D. Paulo, e com outros aos noſſos tres navios, foy taõ

Encontra D. Paulo ao pirata Canatalle.

Accende-ſe huma furioſa batalha.
Couto, Dec. 8. da Aſia, liv. 1. cap. 2.

Abraza-ſe hum navio dos noſſos, e dous deſamparaõ a D. Paulo de Lima.

impetuosa a violencia, com que se houveraõ os Malavares, que naõ podendo o navio de Bento Caldeira soportar o impulso, foy lastimosamente abrazado; os outros dous para naõ padecerem semelhante fatalidade arrebatados de vil temor, e covardia, puzeraõ a salvaçaõ das vidas na velocidade dos remos. Cercado de inimigos taõ valerosos, e já quasi triunfantes estava D. Paulo de Lima, e imaginando o Canatalle, que no primeiro impeto, com que abordou a sua galeota podia certamente celebrar o triunfo, se vio frustrado da sua enganosa esperança; pois se como os espiritos de todos os seus Soldados animassem o heroico coraçaõ de D. Paulo, de tal sorte se alentou contra o Canatalle, que elle sómente bastava para derrotar outro apparato militar mayor do que contra si via armado.

122 Envejosos os companheiros de D. Paulo de que elle unicamente lhes quizesse roubar a gloria de taõ grande dia, sendo cincoenta, obraraõ taes façanhas, que cada espada era hum rayo, cada lança hum corisco, com que fulminaraõ mais de duzentos Mouros. Entre estrondo taõ furioso, em que ambos os partidos disputavaõ a preferencia do valor, foy ferido em hum coxa D. Paulo do golpe de huma bombarda, e tendo já recebido quatro frechadas, de que manava grande copia de sangue, como se fora insensivel às paixões da natureza desprezava ver-

Perigo, e valor de D. Paulo neste conflicto.

ter

ter o proprio, e ſómente anhelava derramar o alheo; e ainda que eſtava com trinta Soldados mortos, nem a falta de taõ eſtimaveis companheiros, nem a do ſangue, que lhe corria das feridas, o deſanimava a buſcar para novo conflicto ao Canatalle inveſtindo-o ſempre pela frente, aonde lhe moſtrava ſer tal o ſeu esforço, que quanto mais diminuido de forças, entaõ eſtava mais vigoroſo o eſpirito para o combate. O barbaro julgando por infame covardia, que huma galeota triunfaſſe de tantos Parós fortemente eſquipados, perſuadia aos ſeus Capitães, que ſeria eterno deſcredito das ſuas armas ſe a naõ levaſſem prezioneira, a tempo que por eſtar muito deſtroçada já ſe naõ podia defender. Voltaraõ os inimigos em obſequio de Canatalle a inveſtir outra vez a D. Paulo, e o acharaõ taõ prevenido para eſte ſegundo combate, que foy mais glorioſo, que o primeiro; pois tendo alentado eſte Heroe a ſua gente para que recebeſſem aos Mouros com grandes alaridos, e eſtrondos militares, de tal ſorte ſe intimidaraõ os inimigos, que naõ foy neceſſario o ferro, e o fogo para que triunfaſſem delles, baſtando ſómente aquellas animoſas vozes para que confuſos fugiſſem naõ querendo ſer deſpojos do noſſo furor, e valentia. Voltou D. Paulo para Goa depois de ter alcançado taõ glorioſa vitoria, onde deſembarcou entre os braços dos Fidalgos, que lhe congra-

Reforçaõ os inimigos o combate, onde ſaõ deſtruidos.

Entra em Goa D. Paulo, e lhe congratúla o triunfo.

congratulavaõ o triunfo; e ſendo levado a caſa de Martim Affonſo de Mello, foy viſitado nella pelo Vice-Rey, que lhe ſignificou com expreſſões honorificas a inveja, que tivera à gloria de taõ famoſa acçaõ; e a meſma benevolencia uſou com os Soldados indo ao Hoſpital, onde ſe eſtavaõ curando das feridas recebidas em taõ deſigual combate, e lhes remunerou o alentado eſpirito, que tinhaõ oſtentado, com donativos ainda que largos ſempre inferiores ao ſeu merecimento.

Couto, Dec. 8. da Aſia, liv. 1. cap. 6.
Faria, Aſia Portug. tom. 2. part. 3. cap. 1. §. 6.

123 Continuavaõ com infatigavel diligencia o aſſedio de Cananor os Malavares, mas ſempre achavaõ contra o progreſſo dos ſeus intentos armada a vigilancia de D. Antonio de Noronha, que naõ ſatisfeito de os offender dentro das tranqueiras ſahio muitas vezes ao campo, em que foraõ tantos os combates, como as vitorias, cortando o ſeu triunfante ferro pelas vidas de dous mil Mouros, e pelos troncos de quarenta mil palmeiras, cuja hoſtilidade era igualmente ſenſivel aos barbaros, como a meſma morte. Eſtes fataes eſtragos de tal modo irritaraõ os animos dos inimigos, que convocaraõ a todo o Malavar, para que foſſe proporcionado inſtrumento da ruina dos Portuguezes. Formaraõ o numeroſo, e formidavel corpo de cem mil combatentes com munições, e petrechos correſpondentes a eſta militar multidaõ, para expugnar a Fortaleza,

Forma-ſe hum formidavel Exercito contra a Fortaleza de Cananor.

leza, e eſtavaõ taõ confiados na certeza da ſua conquiſta, que já repartiaõ entre ſi os deſpojos; reſervando o General para a ſua peſſoa a artilharia, outros a prata das Igrejas, e outros as melhores alfayas dos moradores. Foy aviſado D.Antonio de Noronha pelo Nayre Nicorigoaripo Jangada da Fortaleza, que ſempre obſervara ſincera fidelidade com os Portuguezes, dos apparatos, que os Malavares preparavaõ para render a Fortaleza, e do numero exceſſivo de Soldados, que tinhaõ aliſtado para eſta empreza; e logo D. Antonio de Noronha communicou eſta noticia a D.Payo de Noronha, Capitaõ da Fortaleza, perſuadindo-lhe, que recolheſſe dentro della tudo que era mais precioſo para ſer impenetravel à cubiça dos inimigos, e naõ occupaſſe divididos os Soldados pelas tranqueiras, pois deſte modo ſe naõ poderia conſervar algum daquelles lugares. Chamou D. Payo aos Capitães, e lhe propoz ſe era conveniente o conſelho, que lhe inſinuava D. Antonio de Noronha, e todos reſolveraõ, que ſe ſeguiſſe; pois ſendo infallivel o poder, com que os inimigos invadiaõ aquella Fortaleza, ſeria grande imprudencia, que eſtiveſſem expoſtas ao furor de taõ cubiçoſos barbaros as alfayas mais precioſas daquelles moradores; o que promptamente ſe executou recolhendo a muitos, que eraõ incapazes para a guerra, dentro dos ſeus muros.

Previne-ſe o Capitaõ da Fortaleza contra a invaſaõ dos inimigos.

Armou-

124 Armou-se a piedade de D. Antonio de Noronha para taõ sanguinolenta batalha com o espiritual escudo dos Sacramentos, mandando a todos os seus Soldados, que purificassem as almas para se fortalecerem mais os corpos. Depois desta religiosa acçaõ preparou como vigilante Capitaõ todos os instrumentos bellicos para estarem promptos para o combate, e passando toda a noite com as armas na maõ, ao romper do dia romperaõ aquellas numerosas esquadras, que cubriaõ a terra, as quaes com destemida resoluçaõ remeteraõ às tranqueiras, e com igual velocidade subiraõ por varias escadas com tal vozaria, e estrondo, que causava pavor aos corações mais alentados; e saltando furiosamente sobre o alojamento de Manoel de Travassos, se começou a huma aspera, e sanguinolenta batalha, em que morreraõ muitos inimigos. Correo ao soccorro dos nossos D. Antonio de Noronha, e para que naõ cedessem ao impeto dos barbaros os animou com palavras, e muito mais com o exemplo, e foy tal o furor, que se lhes accendeo nos peitos, que depostas as armas, como leões ferozes os despedaçavaõ com os dentes. Com a mesma promptidaõ, e valentia acudio D. Antonio às estancias, em que batalhavaõ Thomé de Sousa Coutinho, Gaspar de Brito, e os dous irmãos Bentacores, achando ser tal o esforço, com que rechaçavaõ aos inimigos, que era escusada a sua

Investem os barbaros a Fortaleza com hum furioso assalto.

a ſua preſença. Os barbaros deſeſperados com tanto eſtrago ſe precipitavaõ pelas eſcadas de que tinhaõ feito degraos para a vitoria, e como a campanha eſtava cuberta de numero taõ exceſſivo, ſe naõ perdia tiro, correſpondendo a cada hum duplicadas mortes. Vendo Ade Rajao a frouxidaõ, com que os ſeus Soldados ſuſtentavaõ o conflicto, para que cobraſſem novas forças os mandou animar por dous Cacizes, que com a efficacia das vozes, e muito mais dos geſtos lhes perſuadiraõ a obrigaçaõ de zelar a honra do ſeu grande Proféta ſacrilegamente ultrajada, alcançando em remuneraçaõ deſte culto o deſcançarem com elle em hum paraiſo de deleites, onde a alegria era eterna, e a felicidade interminavel. Alentados os barbaros com as falſas eſperanças deſte premio remeteraõ contra a Fortaleza com tal alarido de vozes, que naõ deixava perceberſe o eſtrondo das armas.

Lafitau, Hiſt. des Conq. des Portug. dans le Nouveau Monde, tom. 2. liv. 14. pagin. 590.

Ade Rajao manda animar aos ſeus Vaſſallos.

125 Diverſos eraõ os clamores, com que a piedade das mulheres com os cabellos ſoltos, e pés deſcalços ſolicitava o Divino auxilio para taõ imminente perigo. Os Religioſos de S. Franciſco proſtrados na preſença de Chriſto Sacramentado ſupplicavaõ com enternecidas lagrimas, ſe admiraſſe manifeſta a ſua protecçaõ, onde tinha occulta a ſua Divindade. No meyo deſtas fervoroſas ſupplicas ſe vio a Igreja illuminada de hum reſplendor, parecendo, que o Ceo ſe abrira à

violencia daquellas supplicas, e interpretando dous Religiosos serem aquellas luzes claros indicios da vitoria se levantaraõ animosos, e tomando cada hum seu Crucifixo subiraõ aos muros, onde era mais horrivel o conflicto, e como Alferes de Milicia mais sagrada, arvorando aquelles dous Estandartes, em que estava pendente o Redemptor do Mundo, animaraõ com estas vozes aos Soldados. „Eya Cavalleiros de „Christo, peleijay sem temor da morte, pois es„taes protegidos da Arvore da Vida. Se aca„bares pela causa, porque contendeis, que ma„yor premio póde conseguir o vosso valor, que „passar de huma vida caduca, e transitoria, pa„ra huma eterna, e perduravel? Com huma „morte compraes duas vidas, e mereceis duas „coroas; huma, que a fama vos dará como a „Soldados animosos; outra, que o Ceo vos con„cederá como a Martyres invenciveis. Rece„bey as feridas como indeleveis sinaes do vosso „esforço, padecey a morte como premio infal„livel da vossa eternidade, pois he taõ nobre, „e soberano o motivo, porque verteis o sangue, „e sacrificaes a vida, que por serem estes bar„baros os instrumentos da vossa felicidade os de„veis amar, e naõ aborrecer. Aqui está mili„tando comvosco o Deos dos Exercitos, cuja „poderosa protecçaõ desterra o temor de vossos „corações, infunde alento nos vossos peitos.

Alentaõ dous Religiosos Franciscanos aos nossos para o conflicto.

Olhay

,, Olhay para as feridas impreſſas pelo odio,
,, ainda conſervadas em ſeu corpo para ſerem
,, tantas bocas, com que vos animaõ a naõ re-
,, ceares receber outras por ſeu obſequio, defen-
,, dendo com o voſſo ſangue a ſua Ley, que
,, eſtes barbaros injurioſamente deſprezaõ, e mor-
,, talmente aborrecem. Acabe hoje ſuffocada pe-
,, las voſſas valeroſas mãos a Hydra do Maho-
,, metiſmo, e com a clava deſta Cruz ſe deſpe-
,, dacem em tantas partes as ſuas cabeças, que
,, nunca mais poſſaõ renaſcer a taõ infame vida.
,, Morraõ para ſempre os inimigos da Cruz, e
,, triunfe eternamente o Crucificado.

126 Com a efficaz perſuaſaõ deſtas palavras, a que communicava mayor energia a preſença do Redemptor do Mundo, expoſto na Cruz a novas injurias, ſe accenderaõ os noſſos Soldados em taõ generoſo furor, que rompendo aos Mouros, como ſe principiaſſe o conflicto, privaraõ a huns da vida, a outros da liberdade, e a infinitos precipitaraõ das eſcadas, que tinhaõ arrumado à Fortaleza; reſultando deſtes eſtragos taõ numeroſa mortandade, que deſenganados os barbaros ſe recolheraõ atròpelladamente a lamentar a morte de ſeus companheiros, e juntamente a injuria de ſerem vencidos por taõ poucos Soldados. Reconhecendo D. Antonio de Noronha, que a vitoria fora alcançada mais a impulſo da protecçaõ Divina, que do valor humano,

Retiraõ-ſe os inimigos com perda de cinco mil mortos.

Aaaa ii entrou

Rende D. Antonio de Noronha as graças a Deos pela vitoria.

entrou na Fortaleza acompanhado de dous Religiosos com as Imagens arvoradas, onde os recebeo D. Payo de Noronha com grande jubilo, e prostrados todos por terra renderaõ as graças ao Senhor dos Exercitos pelo especial empenho, com que tinha protegido as nossas armas, e debellado os inimigos do seu santo Nome. As mulheres, e os meninos explicavaõ pelos olhos a alegria dos corações, convertendo em lagrimas de jubilo as que antes tinhaõ derramado em final da tribulaçaõ passada. Esta vitoria foy das mais celebradas, que houve no Oriente naõ sómente pelas circunstancias, que concorreraõ para ser singular; mas ainda pelo excessivo numero de barbaros, que foraõ mortos, chegando a cinco mil, que para naõ inficionarem os ares os mandou entregar ao fogo D. Antonio de Noronha. Em taõ horrivel conflicto, e porfiado assedio, sendo tantos inimigos mortos, foraõ muito poucos os Soldados, que faltaraõ da nossa gente, sendo a mayor quantidade de feridos, que brevemente se restituîraõ ao seu antigo vigor.

127 Ao tempo, que estavamos celebrando a vitoria, chegou para a fazer mais plausivel, Gonçalo Pereira Marramaque com toda a Armada segurando aos sitiados estarem livres de outra invasaõ dos Malavares. Porém com ficarem taõ quebrantados os inimigos intentaraõ fazer alguma hostilidade, que foy valerosamente rebatida,

tida, e ſeveramente caſtigada pela valentia de D. Antonio de Noronha, onde recebeo huma grave ferida de huma eſpingardada, que vingou com o ſaco de muitas povoações, incendio de muitas fazendas, e morte de muitos habitadores de Cananor. O Vice-Rey mandou Alvaro Pires Sottomayor ſubſtituir o lugar deſta Capitanía, que occupava D. Payo de Noronha. O primeiro projecto do novo Capitaõ foy communicar com Gonçalo Pereira Marramaque o modo por onde ſe havia cauſar mayor damno a Ade Rajao; e aſſentado entre ambos, que em huma madrugada foſſe hum por terra, e outro por mar, o executaraõ de tal ſorte, que entrando pela Cidade, em que aſſiſtia aquelle barbaro, lhe puzeraõ o fogo, cuja voracidade foy conſumindo grande parte dos ſeus edificios. Acudio Ade Rajao a eſte fatal incendio para ſalvar as precioſas fazendas, de que eſtava recheada, e encontrando-ſe com os noſſos Capitães ſe armou huma furioſa contenda, de que reſultou muitas mortes nos Mouros, e algumas feridas em os noſſos, ficando para teſtemunho do eſtrago a povoaçaõ queimada, e cortado hum fermoſo palmar, de que colhemos as palmas para inſignias da vitoria.

Hoſtilidades executadas pelos noſſos contra Ade Rajao

CA-

CAPITULO XVII.

Alcança Pedro de Ataide, Capitaõ de Columbo, diversas vitorias do Rajû no prolongado assedio, que poz à Fortaleza de Cotta.

1565.

Previne-se o Rajû para a guerra de Columbo.

128 ERa taõ insaciavel a ambiçaõ do tyranno Rajû, com que se queria coroar senhor absoluto de toda a Ilha de Ceylaõ, que devendo moderar esta impaciente cubiça com a deploravel derrota, padecida ha dous annos em Columbo, resolveo novamente continuar os seus ambiciosos intentos, fingindo na fantasia, que os experimentaria mais favoraveis, convertendo-se a fortuna de adversa em parcial das suas armas. Para o fim, que meditava alistou hum Exercito, em que era taõ grande o numero de gente, como de munições, e petrechos militares; e querendo ao mesmo tempo valerse do impeto das armas, que da astucia dos estratagemas, divulgou, que todo aquelle apparato se destinava para reduzir à sua obediencia a Fortaleza de Cotta, pretendendo com este vago rumor, que o descuido dos nossos Soldados, que presidiavaõ Columbo, contribuisse para que sem dispendio de sangue se senhoreasse daquella Fortaleza. Em cinco de Outubro abalou

abalou o Exercito, e marchando para Cotta se assentaraõ as batarias contra os seus muros. Estava neste tempo na Fortaleza Pedro de Ataide, Capitaõ de Columbo, por ter vindo avisar a ElRey de Cotta do immenso poder convocado contra elle pelo Rajû, e considerando como prudente Soldado a numerosa multidaõ de gente inimiga, e os poucos mantimentos, e Soldados, que naõ passavaõ de trezentos, a mayor parte inutil por idade, e achaques, assistentes na Fortaleza, começou a idear o modo, com que poderiaõ forças taõ limitadas naõ só rebater, mas ainda triunfar de Exercito taõ formidavel. Convocou todos os Capitães, que em diversos recontros tinhaõ mostrado valor intrepido, e lhes commetteo os lugares, onde se havia disputar com mais terrivel furor a entrada, sendo os principaes Gaspar Pereira de la Cerda, Antonio Cardoso Sueyro, Manoel Lourenço, Joaõ de Mello de Ataide, Ayres Ferreira, Henrique Moniz Barreto, Francisco Gomes Leitaõ, e Joaõ Correa de Brito. Os outros Fidalgos, e Cavalleiros fizeraõ hum corpo, onde estava Pedro de Ataide com ElRey de Cotta para acudirem promptos à parte, em que fosse mais necessaria a sua presença.

Sitía a Fortaleza de Cotta. *Soledad. Hist. Seraf. tom. 3. liv. 5. cap. 15. n. 950.*

Dispoem a defensa o Capitaõ Pedro de Ataide.

129 Continuava o Rajû o cerco com todo o furor, e impedia com mayor desvelo, que naõ fosse a Fortaleza soccorrida de mantimentos, para

ra

ra que os sitiados se rendessem opprimidos, mais à violencia da fome, do que do ferro, e fogo. Tinha deixado Pedro de Ataide por substituto da Capitanía de Columbo a seu irmaõ D. Diogo de Ataide, o qual com summa providencia introduzia tudo quanto era necessario aos cercados: e ainda que Bicarnarsinga, Capitaõ do Rajû, pertendeo por varias vezes impedir estes soccorros, nunca o pode conseguir triunfando da sua opposiçaõ a nossa valentia, até que irritado dos estragos padecidos nestes recontros, esperou com a mayor parte do Exercito a hum nosso Capitaõ, que com vinte e cinco Lascarins conduziaõ a Cotta alguns mantimentos, e cercando-o por todos os lados vingou a perda da sua gente com a morte de taõ poucos homens. O Rajû prevendo como Soldado veterano, que a forte resistencia das nossas armas lhe impossibilitava o rendimento de Cotta; para que se naõ frustrasse o numeroso Exercito, que alistara, levantou o cerco no mais alto silencio da noite, e marchou a soprender Columbo, imaginando que lhe seria facil a conquista por estarem os defensores descuidados deste assalto, e para effeito deste pensamento acometeo improvisamente a Fortaleza por todas as partes arrumando-lhe escadas, pelas quaes subiraõ com incrivel acceleraçaõ dous mil Mouros, determinados a sepultar nas suas ruinas aos que lhe difficultassem a entra-

Vigilancia, com que D. Diogo de Ataide soccorria aos cercados.

Entrepreza do Rajû contra Columbo, donde sahe derrotado.
Couto, Dec. 8. da Asia, liv. 8. cap. 3.

entrada. Mas taõ accelerada foy a inveſtida dos barbaros, como veloz a derrota, que experimentaraõ, porque acudindo com vigilante acordo, e heroica reſoluçaõ D. Diogo de Ataide com D. Martinho de Caſtello-Branco, e outros Cavalheros, receberaõ os inimigos nas pontas das lanças, e eſpadas, de que a mayor parte ficou morta, e outra precipitada. Correo taõ prompto, como alentado o Rajû a reparar eſte fatal damno padecido pela ſua gente, e juntando a mais valente, e bem diſciplinada ſe poz na frente para com o ſeu exemplo a animar a que vingaſſem as mortes de ſeus companheiros. Eſtimulados com taõ brioſos inſentivos, remetteraõ os barbaros com horroroſa furia, deſprezando generoſamente as vidas, e querendo com o ſangue dos defenſores lavar a afronta das ſuas armas. Para rebater eſte impetuoſo furor ſe infundiraõ novos eſpiritos em os Portuguezes, e eſperando intrepidos a inveſtida dos inimigos, que ſolicitavaõ alojarſe ſobre os muros da Fortaleza, foraõ taõ vigoroſamente rechaçados, que logo quinhentos mortos teſtemunharaõ mudamente o ſeu eſtrago, e o valor dos noſſos braços.

Repete o aſſalto, e ſe retira com perda de quinhentos mortos.

130 A luz da manhãa manifeſtou mais claramente ao Rajû a derrota, que de noite padeceraõ os ſeus Soldados; e deſeſperado, de que pela violencia das armas pudeſſe conquiſtar aquellas Fortalezas, ſe reſolveo para deſaggravo da

gente perdida, e muito mais do ſeu credito ultrajado impedir com toda a vigilancia qualquer genero de ſoccorro, que ſe pudeſſe introduzir nas duas Fortalezas, para que opprimidos da ultima neceſſidade ſe lhe entregaſſem à ſua diſcriçaõ. Para effeituar eſte projecto juntou grande numero de gaſtadores para divertir por varias partes o rio, que cercava a Cidade, e o eſgottaſſem de tal ſorte, que ſe pudeſſe entrar nella a pé enxuto. Oppoz-ſe valeroſamente a eſte deſignio, como taõ prejudicial à conſervaçaõ da Fortaleza, Pedro de Ataide aviſado do eſtrondo dos gaſtadores, correndo com cincoenta Soldados a impedir o progreſſo deſta obra; e dando huma deſcarga de eſpingardaria ſobre os Mouros, cahiraõ trezentos mortos, e os noſſos entupiraõ os vallos, que com incrivel trabalho tinhaõ principiado a abrir. Succedeo a eſte tempo hum caſo, que pareceo ſobrenatural; pois occupado o ar de hum nevoeiro muito eſpeſſo, cubrio de tal ſorte aos noſſos Soldados, que os fez inviſiveis aos inimigos, quando eſtes eſtavaõ deſcubertos, e expoſtos aos noſſos tiros, ſeguindo-ſe deſta differença o receberem os Mouros grande deſtroço, e os Portuguezes nem a menor moleſtia. Vendo o Rajû com inexplicavel ſentimento, que todos os ſeus intentos ſe convertiaõ para mayor ruina ſua, vacillava confuſo, porque modo poderia reſtaurar o credito perdi-

Intenta o Rajû divertir o rio, e lhe impede a operaçaõ Pedro de Ataide com morte de trezentos inimigos.

perdido, e abater a Potencia, que era inſtrumento de tantas injurias, e derrotas. Determinou naõ repetir o aſſalto, mas continuar o aſſedio, com que impediſſe a introducçaõ dos mantimentos na Fortaleza, pois ſómente a fome poderia inteſtinamente render aquelles peitos, que eraõ impenetraveis ao ferro. Naõ podia excogitar o barbaro mais violenta machina para oppreſſaõ dos ſitiados, que a prohibiçaõ dos mantimentos, pois eſtavaõ taõ exhauſtos delles, que eraõ já ſummamente appetecidos os mais aſquerolos, ſuſtentando-ſe muitos de animaes immundos. Apertado o noſſo Capitaõ de neceſſidade taõ extrema ſahio com oitenta Soldados a buſcar no campo inimigo alguns elefantes para ſuſtentar as vidas, e mandando deſcubrir por Balthesar Paçanha com trinta Soldados o lugar, em que eſtariaõ os inimigos, para com menos perigo fazer aquella preza, ſe encontrou com o Exercito do Rajû, que eſtava emboſcado por aquella parte com tençaõ de tomar hum baluarte o mais importante de Cotta. Cercados os noſſos de multidaõ taõ immenſa voltaraõ para o Capitaõ a tempo, que os inimigos os perſeguiaõ taõ furioſamente, que já tinhaõ morto a Antonio Martins, grande Soldado, e Cavalleiro; o que vendo os outros Portuguezes, ſem eſperar a ordem do ſeu Capitaõ lhes ſahiraõ com eſpantoſo impeto, e naõ ſendo mais que oito, fizeraõ tal

Emboſcada, em que he deſtroçado o Rajû.

eſtrago em os barbaros, que retrocederaõ para onde tinhaõ ſahido, ficando em taõ deſigual contenda morto Diogo de Meſquita, e feridos Gaſpar Fernandes de Aguiar, Pedro de Souſa, Antonio Lourenço, Pedro Fernandes, Antonio Dias, Pedro Pires, e Coſme Gonçalves, aſſiſtindo com animo imperturbavel Pedro de Ataide a eſte conflicto, até que o Rajû ſe retirou para o ſeu arrayal.

131 A extrema penuria, que padecia a Fortaleza de Cotta, naõ ſómente debilitava as forças para reſiſtir aos inimigos, mas ainda fazia peyores effeitos nos animos, que nos corpos, chegando a vacillar a fidelidade dos defenſores corrompidos pelas generoſas offertas do Rajû; naõ ſe deſcuidando de multiplicar todo o genero de ardís, e negociações para conſeguir o dominio daquella Fortaleza. Entre aquelles indignos do nome de Portuguezes, que machinavaõ antepor a conveniencia propria à conſervaçaõ da Fortaleza, era Fernaõ Caldeira, natural da India, tendo convocado para ſequazes do ſeu perfido intento a quarenta Soldados com reſoluçaõ de paſſar com elles no ſilencio da noite ao campo inimigo. Soube Franciſco de Macedo, que ſeguia eſte abominavel partido Luiz Carvalho, e lhe eſtranhou a acçaõ por indecoroſa ao ſeu naſcimento, e à ſua Chriſtandade, pois nella perigava o culto da Religiaõ, que profeſſava, e da

Conjuraçaõ felizmente deſcuberta.
Faria, Aſia Portug. tom. 2. part. 3. cap. 2. §. 2.

da fé promettida ao ſeu Principe. Penetrado Luiz Carvalho deſtas palavras igualmente Catholicas, que politicas, deteſtou com toda a ſubmiſſaõ o intento, que meditara, proteſtando, que a extrema neceſſidade fora a peſſima conſelheira de que foſſe ao meſmo tempo traidor a Deos, e ao ſeu Principe. Teve noticia deſte caſo Pedro de Ataide, e depois de agradecer ao Ceo o modo, por onde ſe deſcubrira aquella conjuraçaõ, de que era infallivel conſequencia a entrega da Fortaleza, abraçou a Luiz Carvalho com tanta ternura, que no eſquecimento do aggravo moſtrou, que lhe tinha perdoado a culpa. Depois chamou a Fernaõ Caldeira, que fora cabeça da conjuraçaõ, e com prudente ſuavidade o animou a que naõ prevaleceſſe no ſeu peito a cubiça das promeſſas do Rajû, pois quem era infiel a Deos, o ſeria muito mais aos homens: Que ſe a falta dos mantimentos o tinha precipitado em taõ eſcandaloſa reſoluçaõ, devia crer, e confiar como Catholico, que ſe o Author da natureza ſuſtentava aos bichos da terra, como havia permittir, que as creaturas, em quem eſtampou a ſua Imagem, pereceſſem à violencia da fome? A eſta exhortaçaõ, que era mais filha de amor de pay, que de ſeveridade de Capitaõ, ſe rendeo de tal modo Fernaõ Caldeira, que lançado aos pés de Pedro de Ataide confeſſou com lagrimas o arrependimento da ſua perfidia, e levantando-o nos braços

Clemencia de Pedro de Ataide, com que trata aos conjurados.

braços o Capitaõ lhe segurou com a sua amisade os mayores augmentos. Mandou logo, que alguma prata do seu uso se reduzisse a dinheiro, que liberalmente repartio por todos os Soldados, principalmente aquelles, que seguiraõ a parcialidade de Fernaõ Caldeira, mostrando no semblante, e muito mais na profusaõ destas dadivas naõ conservar na memoria o escandaloso delicto, que aggravara a Fé Divina, e à fidelidade humana.

132 Correo a noticia a Manar da oppressaõ, que se padecia em Cotta, e do duro assedio, com que o Rajû tyrannizava aquelles alentados defensores; e desejando Jorge de Mello, Capitaõ daquella Fortaleza, soccorrer aos sitiados, persuadio a ElRey de Candea D. Joaõ, que juntasse hum corpo militar, com que entrasse pelas terras do Rajû devastando-as a ferro, e fogo, para que acudindo a impedir esta invasaõ levantasse o sitio, que taõ pertinazmente continuava. Facilmente condescendeo o Rey a esta insinuaçaõ, pois o estimulava o odio mortal, que tinha ao Rajû, e logo armou cinco mil homens, de que fez Capitaõ General a D. Affonso, e com elle quiz que marchasse Belchior de Sousa, seu Guarda môr, com trinta Soldados Portuguezes, para que com a disciplina de taõ illustre Soldado executasse a sua gente façanhas dignas de eterna memoria. Entraraõ estes Capitães

Diversaõ, que faz contra o Rajû ElRey de Candea com alguns Portuguezes.

pitães como rayos animados talando os campos, deſtruindo as povoações, e obrando todo o genero de hoſtilidades até chegar à Cidade de Chilao, que era muito populoſa, onde ſem reſiſtencia alguma conſumio o fogo o que naõ pode cortar o ferro. Aviſado o Rajû deſte fatal eſtrago, perſiſtio contumaz no cerco, querendo antes conquiſtar o alheyo, que perder o proprio. Intentou dar o ultimo aſſalto no ſilencio da noite pela parte de Preacotta, para cujo effeito preparou toda a gente mais valeroſa, e antes deſta reſoluçaõ eſcreveo ao noſſo Capitaõ, dizendo-lhe: Que já era tempo de ceder de huma reſiſtencia mais temeraria, que valeroſa, pois ſabia ter a fome de tal ſorte attenuado aos ſeus companheiros, que mais eraõ ſombras, do que homens; e para os vencer era ocioſa a violencia das armas quando ſobejava para a ſua extinçaõ a pertinacia, com que queriaõ defenderſe. A eſta propoſta do Rajû lhe reſpondeo Pedro de Ataide: Que como os Portuguezes tinhaõ mayores os eſpiritos, que os corpos, neceſſitavaõ de menos alimento para ſuſtentar o natural brio da ſua naçaõ: Que naõ eſtava taõ exhauſta de mantimentos a Fortaleza, como lhe perſuadia a ſua errada imaginaçaõ, e quando mayor neceſſidade os opprimiſſe extrahiriaõ dos ſeus arrayaes tudo que foſſe neceſſario para ſuſtento das forças, e conſervaçaõ daquelles muros, recebendo a pe-

Tenta o Rajû a conſtancia do noſſo Capitaõ.

Valeroſamente lhe reſponde.

a pezar do ſeu altivo animo por hoſpedes aquelles, que aborrecia como inimigos.

Aviſo, que recebe Pedro de Ataide do proximo aſſalto.

133 Neſte tempo appareceo inopinadamente huma mulher Chingala no baluarte da Preacotta clamando com grandes vozes, que lhe abriſſem, porque queria fallar a Pedro de Ataide; e ſendo admittida à ſua preſença lhe ſegurou eſtiveſſe prevenido, porque aquella noite intentava o Rajû aſſaltar com o ultimo esforço, e deſeſperaçaõ a Fortaleza, cujo annuncio foy recebido como voz do Ceo, que deſpertava o deſcuido dos ſitiados. Logo deſpedio o Capitaõ para Columbo a Antonio da Sylva, a quem recommendou informaſſe a D. Diogo de Ataide da determinaçaõ do inimigo, e tanto, que ouviſſe o eſtrondo das bombardas aballaſſe com toda a gente, e acometeſſe ao Rajû pela retaguarda quando eſtiveſſe mais occupado no aſſalto. Pedro de Ataide proveo com ſummo cuidado todos os lugares de muniçóes, e Soldados, dando a cada hum armas duplicadas; e elle com ElRey ſe alojou no baluarte de Preacotta eſperando intrepidamente o aſſalto, que havia ſer a ultima concluſaõ de taõ prolongado cerco. A tempo que chegou a Columbo Antonio da Sylva, tinha chegado à meſma Fortaleza Jorge de Mello, Capitaõ de Manar com cem Soldados, e recebendo o aviſo de Pedro de Ataide ſe unío com D. Diogo de Ataide para que marchaſſem

juntos

juntos ao ſoccorro de Cotta, e ruina do Rajû. No quarto da alva, em que o ſono prende mais ſuavemente os ſentidos, commetteo a Cidade o Rajû, perſuadido de que o canſaço, e a fraqueza tiveſſe menos vigilantes aos ſitiados, e eſcolhendo a gente mais alentada, e os artificios mais violentos, a inveſtio por todas as partes; e parecendo-lhe, que para conſeguir a empreza ſeria menos efficaz o esforço dos homens, ſe valeo da ferocidade dos brutos, ordenando foſſem os elefantes na vanguarda para bater com aquellas animadas machinas as trincheiras, e abrirlhe com a ruina mais larga porta para o aſſalto; porém achou taõ deſvelada, e prompta a noſſa valentia para o ſeu eſtrago, que com o meſmo impulſo foraõ atropelladas as féras, e os Soldados. Augmentava-ſe o horror do conflicto com o eſtrondo das armas, clamor das vozes, e o gemido dos moribundos, fazendo mais medonha eſta ſcena as ſombras da noite, que funeſtamente ſe illuminavaõ de eſpaço a eſpaço com o fogo vomitado pela artilharia, e outros artificios militares.

O Rajû commette a Fortaleza no quarto da alva.

134 Tentaraõ os inimigos inveſtir a Cidade pelo rio, e divididos em ſeis eſquadras a commeteraõ animoſamente por outras tantas partes, confiados de que pelo numero, e naõ menos pelo valor ſe lhe naõ diſputaria a entrada; mas experimentando mayor exceſſo na valentia Portugueza,

Fórma, com que ſe deu o aſſalto.

gueza, cahiraõ muitos despedaçados à violencia dos tiros, sendo tanta a copia de sangue barbaro, que chegou a engrossar a corrente. Instaraõ a continuar o conflicto, e entrando em hum passo da Fortaleza mataraõ alguns dos seus defensores. Para os desalojar desta estancia correo velozmente Pedro de Ataide com ElRey de Cotta, onde se accendeo hum horrendo combate, em que o nosso Capitaõ obrou façanhas taõ heroicas, que até foraõ invejadas dos mesmos inimigos. Cançado o ferro, com que à maneira de rayo cortava pelos barbaros, lhe cahio das mãos como cedendo ao impulso de quem o esgremia; e vendo-se sómente com as guarnições empunhadas, cheyo de huma generosa colera arrebatou huma alabarda a hum Soldado, e com ella fez taes estragos nos inimigos, que desampararaõ derrotados o lugar, que occupavaõ. Naõ foy inferior o esforço, com que Estevaõ Gonçalves, Capitaõ dos Inhames, impedio a invasaõ de tres mil Mouros pela parte do rio lançando-se às suas correntes, onde concebendo dentro da agúa mayor fogo abrazou de tal sorte aos inimigos acompanhado sómente de quatro Soldados, que dos corpos mortos se converteo em terra o que era mar; de cuja proeza assombrado ElRey de Cotta, já que lhe naõ podia dar a purpura por premio, o vestio com huma roupa de grãa, bordada de ouro, com que esta-

O nosso Capitaõ, e ElRey de Cotta acodem ao lugar de mayor perigo.

Heroica façanha de Pedro de Ataide.

Singular acçaõ de Estevaõ Gonçalves.

eſtava ornado. Ainda durava a noite quando chegaraõ de Columbo a Cotta D. Diogo de Ataide, e Jorge de Mello pela parte do arrayal do Rajû, que o acharaõ deſpejado, e logo deraõ ſinal com o fogo aos noſſos da ſua vinda, ignorando aonde eſtava o inimigo. Ao tempo, que o Capitaõ Pedro de Ataide acudio a deſalojar os Mouros do paſſo, em que entraraõ, applicou o Rajû todo o impeto contra o baluarte da Preacotta confiado em conſeguir a conquiſta da Fortaleza, por eſtarem taõ divertidos os noſſos Soldados; mas achou tal obſtaculo aos ſeus deſignios nos alentados eſpiritos de cincoenta Portuguezes, que foraõ vigoroſamente por elles rechaçados, e totalmente deſtruidos; ſendo eſta fatal derrota taõ ſuperior à esféra do poder humano, que os meſmos barbaros confeſſaraõ, que entre as trévas da noite viraõ rayar a Aurora na figura de huma Donzella fermoſiſſima, que com hum dilatado manto azul protegia aos ſitiados do chuveiro das balas, e ſettas, que voavaõ para ſeu damno, e as convertia contra os meſmos, que as diſparavaõ; os quaes atemorizados das brilhantes luzes deſta Eſtrella matutina, que poſta em ordem de batalha peleijava contra o Siſara do Gentiliſmo, perderaõ o animo, e as forças, ſendo mais vencidos pelo pavor ſobrenatural, do que pelo esforço, e valor dos ſitiados.

Admiravel esforço de cincoenta Portuguezes no baluarte da Preacotta.

Teſtemunhaõ os inimigos ſerem ſuperiormente protegidos os ſitiados.

Levanta o Rajû o cerco com perda de dous mil Soldados. *Couto, Dec. 8. da Asia, liv. 1. cap. 3.*

135 Naõ quiz o Rajû, que a manhãa testemunhasse o estrago, e injuria, que padecera em taõ prolongado sitio, e ordenando à sua gente que desistisse da empreza, se retirou confuso, e desenganado a Ceitavaca a lamentar a perda de dous mil Soldados mortos neste cerco. Informado Pedro de Ataide, que já o inimigo tinha passado o rio Calane correo todas as estancias, e achou para confirmaçaõ do auxilio Divino, que taõ empenhadamente lhe assistira neste assedio, morrera unicamente Francisco Fernandes Gameiro, quando tinhaõ sido os combates taõ porfiados, e os conflictos taõ perigosos pelo espaço de quatro mezes, causando-lhe mayor assombro ver o sanguinolento estrago, que obraraõ as nossas armas em os inimigos, cujos cadaveres cubriaõ todo o campo. Mandou, que quatrocentos destes corpos fossem salgados para servirem de alimento, se o inimigo intentasse outra vez invadillos; e estranhando esta ordem do Capitaõ Fr. Simaõ de Nazareth por ser prohibido em a nossa Ley o pasto de carne humana, lhe respondeo, que a necessidade extrema prevalecia aos preceitos da Religiaõ: mas como era igualmente pio, que animoso, sabendo, que o inimigo se apartara taõ desbaratado, que nunca intentaria olhar para a Fortaleza, ordenou, que o fogo consumisse todos os cadaveres dos inimigos. D. Diogo de Ataide, e Jorge de Mello

vieraõ

vieraõ de Columbo congratular à Pedro de Atai-de por taõ celebre vitoria, que ficou eterna nos annaes do Oriente, como tambem aos seus valerosos companheiros, conservando ainda desfigurados com o pó da campanha, e o fumo da polvora a immortal memoria do esforço mais que humano, ostentado em taõ dilatado assedio, pelo qual se fizeraõ dignos de collocar no Templo de Marte os seus simulacros.

136 Destruido o Rajû com tanta gloria do nome Portuguez, considerou o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha o dispendio, que custara ao Estado a conservaçaõ de Cotta, e que podia aquelle tyranno intentar outra vez invadilla, e se resolveo com o parecer dos mais prudentes Soldados, que ElRey deixasse aquella Fortaleza, e se transferisse para a de Columbo. Para executar esta resoluçaõ expedio a Diogo de Mello com cinco navios, e chegando a Cotta propoz a ElRey as conveniencias, que lhe resultavaõ de trocar a habitaçaõ daquella Fortaleza pela de Columbo. Condescendeo o Principe nesta proposta, e demolido o Templo, e arrazado tudo quanto podia ser objecto da cubiça, e sacrilegio dos Mouros se recolheo à Armada ElRey com todos os Religiosos, que assistiaõ em Cotta, e entraraõ em Columbo, onde se levantou hum edificio capaz da habitaçaõ deste Principe, ordenando ElRey D. Sebastiaõ fosse respeitado

Manda o Vice-Rey do Estado demolir a Cidade de Cotta.

Passa o seu Rey a viver em Columbo.

peitado com a veneraçaõ devida ao caracter da ſua Real peſſoa, aſſinando-lhe huma larga renda, com que naõ eſtranhaſſe eſtar deſpojado dos ſeus dominios; mas experimentou em a cobiça dos Portuguezes outra guerra ſemelhante à que lhe movia a ambiçaõ do Rajû, uſurpando-lhe com diverſos pretextos todos os rendimentos, com que a liberalidade delRey de Portugal lhe mandara magnificamente aſſiſtir.

CAPITULO XVIII.

Triunfa Manoel de Brito em Monte Dely dos Mouros, que lhe impediaõ a entrada daquelle porto. Faz retirar de Damaõ tres mil Mouros Triſtaõ de Mendoça. Vay por Embaixador a Conſtantinopla Antonio Teixeira. Batalha naval de Pedro Lopes Rabello com huma nao do Achem, em que ambas laſtimoſamente ſe abrazaõ.

1565.

137 AO tempo, que Joaõ Gago de Andrade levava os provimentos para as Fortalezas de Moluco, naõ ceſſava Gonçalo Pereira Marramaque de infeſtar a coſta do Malavar aprezando innumeraveis parós cheyos de precioſos generos; e expedindo a ſeu tio Manoel de Brito com dez navios para conduzir ſegura-

guramente as cafilas dos mantimentos, que vinhaõ de Malaca, China, Moluco, Pegû, Bengala, e toda a costa de Choromandel, de que se lhe juntaraõ mais de oitenta embarcações, como os Noroestes, que cruzaõ aquelles mares, o obrigassem a navegar com mais lentidaõ do que queria, experimentou grande falta de agua em toda a Armada, e para se prover della surgio em monte Dely, onde desembarcou grande numero de marinheiros escoltados de outros tantos Soldados, para que pudessem sem o menor susto fazer a aguada. Era este porto delRey de Cananor, com quem o Estado trazia guerra; e sahindo os Mouros a impedir aos nossos a aguada, se travou hum combate, para cuja decisaõ foy preciso que Manoel de Brito desembarcasse mayor numero de Soldadesca por se augmentar cada vez mais o dos barbaros, nos quaes fizeraõ os Portuguezes tal estrago, que foraõ obrigados a largar o campo, e fugirem descompostamente para a povoaçaõ, e depois de lhe fazermos algumas hostilidades se recolheo Manoel de Brito prosperamente a Goa, onde já achou a Gonçalo Pereira Marramaque.

Chega Manoel de Brito a fazer aguada em monte Dely, e os Mouros lho impedem, que saõ destruidos pelo mesmo Capitaõ.

138 Mirhamud, primo com irmaõ de Trecobar, e Abdulacan, que fora Rey de Madune, fugitivos do Graõ Mogor, por lhes ter usurpado os seus Reynos, e receosos de que os matassem, capitaneavaõ tres mil Mogores, com que

Pertendem Mirhamud, e Abdulacan conquistar Damaõ. *Couto, Dec. 8. da Asia, liv. 1. cap. 4.*

que marcharaõ ſobre Damaõ intentando conquiſtar aquella Cidade, para que nella fortificados eſtiveſſem ſeguros, e impenetraveis contra as tyrannias do Mogor. Governava eſta Fortaleza Joaõ de Souſa, e informado pelo pavor dos moradores das povoações circumviſinhas, que confuſamenta fugiaõ da entrada daquelles barbaros, aviſou logo a Goa, e a todas as Fortalezas do Norte, para que promptamente o ſoccorreſſem, em quanto elle fortificava a palizada, que ſervia de muro com hervas leiteiras, que naõ ſómente reſiſtem à violencia das balas, e machados, mas tem a efficacia qualquer gotta, que ſalta nos olhos, de logo privar da viſta. Acudio Triſtaõ de Mendoça, Capitaõ de Chaûl, com duzentos homens, e o Vice-Rey como mais empenhado na conſervaçaõ daquella Fortaleza aſſiſtio em peſſoa no caes de Goa até que expedio quatro navios, de que eraõ Capitães D. Fernando de Alercaõ, D. Diogo Pereira, Ayres de Saldanha, e D. Antonio de Caſtello-Branco. Chegaraõ a hum tempo eſtes ſoccorros, com que determinou Joaõ de Souſa inveſtir ao inimigo, e armando ſeiſcentos Soldados de eſpingardas, a quem acompanhavaõ cento e vinte cavallos Arabios, atraveſſou o rio, e na povoaçaõ de Couleca teve noticia de eſtarem os barbaros alojados em Parnel, que diſtava tres legoas; e marchando em ordem de batalha deu a vanguarda

Diſpoſições, com que os eſpera o Capitaõ da Fortaleza.

Soccorros, que vem à Fortaleza, expedidos de Goa, e Chaûl.

O noſſo Capitaõ buſca aos inimigos, que ſem peleijarem fogem deſordenadamente.

da a Triſtaõ de Mendoça, a quem ſeguiaõ trezentos Soldados, e algumas peças de artilharia. Seria o quarto da alva, quando aviſtaraõ os inimigos, e querendo reſolutamente acometellos, foy tal o pavor, que lhes occupou os animos, que ſem eſperar a noſſa determinaçaõ fugiraõ arrebatadamente, fiando a ſalvaçaõ das vidas da ligeireza dos cavallos, e deixando todo o arrayal, que era muito copioſo, e rico, nas mãos de Triſtaõ de Mendoça, de que ſe aproveitou abundantemente a cubiça dos Soldados. Joaõ de Souſa como prudente Capitaõ julgando aquella arrebatada fugida dos inimigos por aſtucia cavilloſa, ſem dar tregoas no trabalho voltou com a meſma velocidade, com que fugiraõ os Mouros, para Damaõ, porque ſe intentaſſem acometello o naõ achaſſem deſprevenido; porém foraõ taõ penetrados do medo, que ſe recolheraõ por caminhos impraticaveis para Cambaya, e Balagate, parecendo-lhes naõ haver lugar por mais occulto, que foſſe, donde pudeſſem eſcapar do noſſo furor.

Propoem o Baxá de Baçora ao Turco a conveniencia do commercio dos Portuguezes.

139 No Vice-reynado do Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho era Capitaõ de Ormuz D. Joaõ de Ataide, e aſſiſtia em Baçora hum Baxá, e por ſer muito aſtuto obſervou com grande reflexaõ os emolumentos, e conveniencias, que os Portuguezes tiravaõ com o commercio daquella Fortaleza; e deſejando que

o Graõ Turco participasse de negociaçaõ taõ util para os seus Vassallos, escreveo a Ali Baxá, primeiro Ministro do Graõ Senhor, para que o persuadisse a naõ continuar a guerra, que tinha comnosco, perdendo grandes utilidades, que lhe podiaõ resultar da nossa amisade com o commercio de Ormuz, as quaes poderiaõ ser mayores se pelo tempo adiante fosse senhor absoluto da Fortaleza, concorrendo para esta felicidade o descuido dos Portuguezes. Representou este negocio taõ facil Ali Baxá ao Graõ Turco, que logo se subordinou à sua disposiçaõ, e avisando do que tinha obrado ao Baxá de Baçorá, começou a tentar o animo do nosso Capitaõ de Ormuz, que respondeo naõ poder obrar naquella materia cousa alguma, que naõ fosse ordenada pelo Vice-Rey. Despedio o Baxá hum Arabio a Goa, e chegando à presença de D. Antaõ de Noronha, lhe propoz a substancia daquella negociaçaõ com taes termos, que naõ lhe desagradando a proposta, lhe segurou, que antes de se resolver queria consultar a vontade do Graõ Turco. Para este fim nomeou por Embaixador àquella Corte Antonio Teixeira, nobre por nascimento, e muito versado nas linguas Turquesca, e Persiana, acompanhado de quatro criados preciosamente vestidos; e partindo de Ormuz, de cuja Fortaleza era Capitaõ D. Pedro de Sousa, chegou a Baçorá, e atravessando o rio Eufrates passou

O mesmo Baxá envia hum mensageiro a Goa.

Manda o Vice-Rey a Antonio Teixeira por Embaixador a Constantinopla. *Faria, Asia Portug. tom. 2. part. 3. cap. 2. § 9.*

paſſou a Babylonia, até que entrou em Conſtantinopla, onde com grande apparato, e luzimento da ſua peſſoa foy introduzido na Camera do Graõ Senhor, eſpalhando para mayor oſtentaçaõ de grandeza muitas moedas de ouro, e lhe repreſentou como o Baxá de Baçorá mandara pedir pazes ao Vice-Rey da India, para que ceſſando os eſtragos da guerra ſe continuaſſe à ſombra da paz o commercio entre Baçorá, e Ormuz. O Graõ Turco lhe reſpondeo: Que elle naõ pedia pazes a nenhum Principe: Que ſe El-Rey de Portugal as pertendia, mandaſſe hum dos principaes Cavalheros da ſua Corte, com quem as celebraſſe. Eſta repoſta naõ ſómente a confiou o Graõ Turco das vozes do Embaixador, mas a eſcreveo ao noſſo Principe, e chegando a Lisboa Antonio Teixeira com a carta, por ſerem as ſuas clauſulas cheas de huma indiſcreta arrogancia, foy julgada por mais digna de deſprezo, que attençaõ.

Entra em Conſtantinopla, e falla ao Graõ Turco.

Arrogancia, com que o barbaro reſpondeo.

140 Para aprezar as naos, que vinhaõ do Achem para Meca ſahio de Goa D. Fernando de Monroy, Fidalgo Caſtelhano, com dous galeões, e quatro galeotas, de que eraõ Capitães Pedro Lopes Rabello, Vaſco Delgado de Brito, Martim Pereira de Sá, e Diogo Ferreira de Padilha, e as eſperou nos Canaes de Cardû, que ficaõ entre as Ilhas Maldivas; e mandando a Pedro Lopes Rabello com a galeota de Dio-

Sahe D. Fernando de Monroy eſperar as naos do Achem.

go Ferreira que navegaſſem pelo outro canal por ſer a parte, por onde ordinariamente faziaõ as naos inimigas o ſeu curſo, encontrou hum alteroſo navio do Achem, guarnecido de quatrocentos Turcos, e artilharia groſſa, e carregado de precioſas mercadorias, e tanto que aviſtou a nao de Pedro Lopes a inveſtio com galharda reſoluçaõ. Igual valor oſtentou o noſſo Capitaõ, pois lhe reſpondeo com huma formidavel deſcarga de artilharia, e atracando-ſe com o inimigo lhe lançou dentro do navio a gente mais animoſa. Começou-ſe hum furioſo combate em que laborava mais o fogo, que o ferro, mas ateouſe com tal actividade o incendio procedido da inundaçaõ das panellas de polvora, que miſeravelmente ſe abrazaraõ ambas as naos. Para ſalvar a vida de taõ fatal perigo ſe arrojou ao batel Pedro Lopes Rabello com alguns Soldados, e outros buſcaraõ o meſmo refugio na galeota de Diogo Ferreira, onde recolheo alguns Turcos, que repartio como cativos pela ſua gente militar. Aviſado D. Fernando de Monroy deſte combate pelo eſtrondo da artilharia deu à véla com a mayor velocidade que pode, e quando chegou, vio reduzidas a cinzas as duas naos, e recolhendo a Pedro Lopes, e ſeus companheiros, mandou pedir a Diogo Ferreira pelo Feitor da Armada os Turcos, que tinha cativado, a cuja petiçaõ ſe moſtrou taõ deſattento, que

Pedro Lopes Rabello combate com huma poderoſa nao do Achem.

Abrazaõ-ſe laſtimoſamente as duas naos.
Couto, Dec. 8. *da Aſia, liv.* 1. *cap.* 8.

que logo foy ſeveramente punida pelo General a ſua deſobediencia, ſendo companheiros no caſtigo os Soldados, que foraõ complices no delicto.

CAPITULO XIX.

Cruel perſeguiçaõ contra a Chriſtandade de Amboino, em que muitos dos ſeus habitadores alcançaõ a palma do martyrio. Conſtancia de cinco Portuguezes mortos no Achem em obſequio da Fé. Eſcreve ElRey D. Sebaſtiaõ ao Vice-Rey D. Antaõ de Noronha ſobre as injuſtiças obradas em Moluco.

141 FAtal era a conſternaçaõ, em que fluctuava a Chriſtandade de Amboino agitada pelo entranhavel odio, que tinha à Religiaõ Chriſtãa o barbaro Rey Aeyro, quando improviſamente aportou em Rocanive a Armada Portugueza enviada de Ternate pelo Capitaõ deſta Fortaleza Henrique de Sá; e imaginando aquelles afflictos Chriſtãos, que nella navegava a ſua redempçaõ no caſtigo da inſolencia, com que eraõ tyrannizados pelos Mouros, brevemente ſe lhe converteo eſta eſperança em pena inconſolavel, originando-ſe a ſua total ruina do ſeu unico remedio. Depois que o Cabo deſta

1565.

desta expediçaõ juntou os Soldados, e armas, que lhe eraõ precisos, sahio com huma nao de guerra, huma fusta, e dezaseis embarcações entre Parós, e Juncos, em que hiaõ cento e quarenta Portuguezes, e querendo principiar a empreza pela restauraçaõ da nao da Banda, que os inimigos nos tinhaõ tomado, navegou para Java, e achando neste porto a nao ancorada quizeraõ todos logo investilla; mas impedidos pelo Capitaõ, ou penetrado do medo, ou corrompido por ElRey Aeyro, se retirou sem obrar acçaõ alguma militar. Esta infeliz retirada ao mesmo tempo que fez desmayar as esperanças de Amboino lamentando por irreparavel a sua perdiçaõ, alentou aos Mouros de Ito, e os confederados de Moluco, e da Java para tomar as armas com mayor ousadia, e assolar todos os lugares, que conservavaõ a voz de Portugal. A' vista daquelle timído Capitaõ, e de toda a Armada se abrazou Rocanive, e foy entrada, e destruida Ative. Arrazou-se Ulate, onde o seu Regulo, que era Christaõ naõ querendo largar a Fé, que constantemente professava, foy cruelmente martyrizado, cortando-lhe os musculos dos braços, e as polpas das pernas, que feitos em postas, e assadas serviaõ de delicioso pasto aos barbaros, que o atormentavaõ, e para lhe causarem mayor pena lhe metiaõ entre os dentes a propria carne. Profetizou o fatal

Destruiçaõ de varios lugares de Amboino.

Constancia heroica do Regulo de Ulate quando foy martyrizado.

tal caſtigo dos ſeus verdugos, que brevemente com admiraçaõ de todos ſe cumprio.

142 Vendo os Chriſtãos de Amboyno, que os Mouros como impetuoſa corrente devaſtavaõ as povoações dos profeſſores do Euangelho, ſe reſolveraõ em huma dellas occultar huma Cruz para que naõ foſſe objecto das ſuas ſacrilegas afrontas; e envolvendo eſte Sagrado Eſtandarte em hum panno preto em ſinal da triſteza, que lhes occupava os corações, a ſepultaraõ com muitas lagrimas em huma gruta. Souberaõ os barbaros deſta religioſa acçaõ, e argumentando della o cordeal amor, que tinhaõ à Religiaõ Catholica, ſe enfureceraõ de tal ſorte, que ſeiſcentos, que excediaõ a idade de quinze annos, foraõ victimas da ſua crueldade. Os martyrios, com que lhe provavaõ a ſua conſtancia, eraõ ingratos à meſma humanidade, pois cortando-lhe os corpos em varias partes, e aſſadas a fogo lento as comiaõ os verdugos com grandes riſadas na preſença daquelles alentados Confeſſores de Chriſto. Neſte anno, verdadeiramente fatal para os progreſſos da Chriſtandade de Amboyno, ſe extinguio a ſemente Euangelica lançada em taõ incultas terras pelo Apoſtolico zelo de tantos Miſſionarios, que lamentando inconſolavelmente deixar expoſtas quaſi ſetenta mil ovelhas do rebanho da Igreja à voracidade daquelles famintos lobos, ſe retiraraõ à Fortaleza de

Glorioſo martyrio de ſeiſcentos Chriſtãos.

de Ternate, donde propuzeraõ ao Vice-Rey as conveniencias, que resultariaõ à soberanía do Estado, e muito mais à extensaõ do Imperio de Christo se mandasse edificar huma Fortaleza na Ilha de Amboyno, principalmente para que se naõ acabasse o commercio, e dominio Portuguez no Archipelago Moluco, se por assalto, ou fome fosse conquistada a Fortaleza de Ternate.

143 Parece, que quanto mayor era a perseguiçaõ contra os sequazes da Ley de Christo, tanto mayor era a constancia, com que toleravaõ pela confissaõ dos seus dogmas a acerbidade dos tormentos. Succedeo na Praça do Achem huma contenda porfiada entre hum Portuguez, e hum Turco, e como o brio de qualquer destas nações decide as suas controversias mais com obras, que palavras, deu o Turco huma bofetada no Portuguez, e este vingou a afronta com huma cana de Bengala, com que deixou ao Turco quasi morto. Para desaggravo da injuria padecida foy o Turco queixarse ao Embaixador seu amo, a tempo que o Rey da terra lhe mandava hum presente, que elle naõ aceitou, significando-lhe com cega colera, que naõ iria à sua presença até que com exemplar castigo naõ punisse a insolencia dos Portuguezes. Ordenou logo o Rey, que fossem prezos todos, que eraõ vinte e quatro, dos quaes dezoito foraõ espetados, e os outros seis, por serem mais ricos, e esti-

Tyrannia, com que o Achem matou a dezoito Portuguezes. *Sousa, Orient. Conq. tom. 2. Conq. 3. Divis. 1. §. 14.*

eſtimados os fecharaõ em huma caſa cercada de vigilantes centinellas. Era hum delles Fernaõ Viegas, a quem acompanhava hum filho de quatorze annos, e para que deixaſſem a Ley de Chriſto concorreraõ os Cacizes perſuadindo-lhe a falſa crença de Mafoma; mas elles fortemente-conſtantes nas verdades do Euangelho os inſultavaõ de barbaros, cegos, e idolatras. Para os obrigar a que retrocedeſſem da Fé, que publicamente profeſſavaõ, os mandou o Rey levar do carcere à praya, onde expoſtos ao ardor do Sol, e ao ſereno da noite naõ cederaõ com eſtes rigores, e muito menos com as promeſſas de os fazer Grandes da ſua Corte. Foy taõ ardente a ſede, que padeceo o filho de Fernaõ Viegas, que fez com a cabeça huma cova na areya para com a ſua humidade temperar de algum modo a ſecura, que o abrazava. Neſte tempo entrou no porto do Achem hum Embaixador de D. Leoniz Pereira, Capitaõ de Malaca, e ſabendo o tyranno, que toda a negociaçaõ da Embaixada conſiſtia em que lhe mandaſſe os Portuguezes, o demorou malicioſamente no mar em quanto delles tomava a ultima vingança. Deſconfiado o barbaro, que nem o rigor dos tormentos, nem a caricia das promeſſas faziaõ a menor impreſſaõ nos peitos daquelles invenciveis Athletas, os ſentenciou a hum martyrio taõ cruel, como prolongado. Arrancaraõ-

Invicta paciencia, com que toleraõ acerbos tormentos cinco Portuguezes.

lhe as unhas de mãos, e pés; e depois de asset-teados lhes cortaraõ as cabeças. Fernaõ Viegás animava ao filho a que padecesse constantemente a morte com a esperança de melhor vida, gloriando-se, que com excesso a todos os pays o gerara duas vezes, huma para a terra, outra para o Ceo, sendo esta mais venturosa, pois nascia para Christo.

144 Taõ notorias eraõ em Portugal as injustiças, que se commettiaõ em Moluco, que foraõ as disposições mais urgentes da ultima ruina de Ternate, como as astucias, e perfidias delRey Aeyro, que se veraõ expressas nesta carta, escrita de Almeirim em 14. de Março deste anno de 1565. por ElRey D. Sebastiaõ ao Vice-Rey D. Antaõ de Noronha, cujo theor he o seguinte.

Carta delRey D. Sebastiaõ ao Vice-Rey.

145 „Viso-Rey Amigo. Eu ElRey vos „envio muito saudar. Posto que confio, que „de todas as cousas universaes, e particulares, „que tocarem a serviço de Nosso Senhor, e meu, „e bem das partes, tereis o cuidado, diligencia, „e vigilancia, que convem; toda via por esta „particularmente me pareceo lembrarvos, que „as minhas Fortalezas, que mais distantes estaõ „dos lugares de vossa Residencia podem pade„cer mais detrimento, que as que menos distaõ, „e assim convem haver àcerca dellas tanto cui„dado, que os Capitães, Officiaes, e morado-

res

„ res das ditas Fortalezas naõ ſe poſſaõ deſcui-
„ dar, nem deixar de fazer o que cumpre à ſua
„ obrigaçaõ, parecendo-lhes, que naõ poderáõ
„ ſer caſtigados quando o merecerem; e porque
„ fuy informado de algumas couſas particulares,
„ que em Moluco tem neceſſidade de remedio,
„ me pareceo eſcrevervollas, para que provejaes
„ niſſo com toda a diligencia, e efficacia, que
„ for poſſivel, e ſaõ abaixo declaradas.

„ Dizem que os regimentos, e proviſões,
„ que os Capitães de Moluco tem minhas, e de
„ meus Governadores, e as que lhes apreſentaõ
„ as partes quaſi commummente annullaõ em tu-
„ do, o que naõ faz a propoſito de ſeu intereſ-
„ ſe, e as que podem ajudar para ſeus proveitos
„ interpretaõ, extendem, e amplificaõ, como
„ lhes parece com prejuizo do meu ſerviço, e
„ das partes: E que a guerra, e deſtruiçaõ, que
„ ſe fez naquella terra agora ha ſeis annos com
„ tantas mortes de Chriſtãos, e Mouros, proce-
„ deo da cubiça dos Capitães: E que a raiz, e
„ cauſa de grandes males he terem os Capitães
„ trato com o Rey da terra por ſi, ou por ſeus
„ feitores, porque pelo intereſſe, que eſperaõ,
„ o deixaõ perſeguir os Chriſtãos, e naõ lhe vaõ
„ à maõ a iſto.

„ E que traz ElRey de Ternate dous Ca-
„ pitães ſeus a queimar, roubar, e fazer quanto
„ mal podem aos Chriſtãos de Amboyno, e aos

„ Portuguezes, que procuraõ defendellos: e ha-
„ verá já quatro annos, que isto dura, e os meus
„ Capitães com tudo dissimulaõ. E que o mes-
„ mo Rey de Ternate tem entranhavel odio aos
„ Christãos, e tem muitos em sua Casa por ca-
„ tivos, que tomou na guerra, e sendo que to-
„ mou alguns sobre seguro, e naõ podia cativar
„ outros por outras razões, os faz viver como
„ Mouros, e os ditos meus Capitães o sabem,
„ e passaõ por isso.

„ E que mandando o anno de mil e qui-
„ nhentos e sessenta e dous o Conde Vice-Rey,
„ a quem Deos perdoe, fazer em Amboyno hu-
„ ma Fortaleza por Antonio Paes, o meu Ca-
„ pitaõ, que entaõ era de Moluco, impedio fa-
„ zerse por naõ descontentar a ElRey, sendo a
„ dita Fortaleza muito necessaria, e efficaz re-
„ medio contra os males, que o mesmo Rey
„ faz, e de que se podiaõ seguir grandes, e ma-
„ nifestos bens. E cumpria, que se mandasse fa-
„ zer logo, porque com esta Fortaleza se podia
„ segurar a de Moluco, que dizem estar em gran-
„ de perigo, porque o Rey se vay fazendo ca-
„ da vez mais poderoso; e como os moradores
„ da dita Fortaleza naõ tem donde bem, e fa-
„ cilmente possaõ ser providos de mantimentos,
„ se naõ de Malaca, donde para lhes virem he
„ necessario perto de hum anno de tempo, po-
„ dem os Mouros tolher, que lhes naõ vaõ, e
com

„ com isto tomar a Fortaleza; e fazendo se hu-
„ ma em Amboyno serão soccorridos de manti-
„ mentos todas as vezes, que for necessario. E
„ que serviria mais esta Fortaleza de defender,
„ que os Jaos não fossem pelo cravo a Amboy-
„ no, donde levão mais de mil quintaes cada
„ anno; e havendo alli Fortaleza teria, eu mais
„ de dous mil, além da noz, e massa, que a ter-
„ ra dá; e cresceria a Christandade, que he gran-
„ de meyo para segurar a terra, e crescerem to-
„ dos os provimentos della, &c.

CAPITULO XX.

Intenta o Padre Francisco Rodrigues prégar o Euangelho na China, e o não consegue: passa a Macao, cuja Cidade se descreve, e do fruto, que nella colheo. He derrotada huma Armada delRey de Firando pelas naos Portuguezas, que estavão ancoradas em Vocoxiura. Successos varios do Padre Gaspar Villela na Corte de Meaco.

146 JA' escrevemos como não foy admittida huma Embaixada delRey de Portugal ao Emperador da China, para se introduzir com este pretexto politico a prégação Euangelica em tão opulento Imperio; mas não perde-

1565.

perderaõ totalmente as esperanças os moradores de Macao, e os Padres Jesuitas de alcançarem o fim de taõ santos intentos; e depois de muitas diligencias tiveraõ neste anno faculdade para entrar em Cantaõ, Cidade visinha da nossa Colonia, tratar com os Mandarins se havia ser recebido na Corte o Embaixador Portuguez. Naõ teve este negocio o effeito desejado, e sómente o Padre Francisco Rodrigues foy admittido à audiencia daquelles Ministros, que admirados, e attonitos da doutrina, e sciencia, com que lhes explicou os Mysterios da Ley de Christo, lhe vestiraõ huma Cabaya de damasco carmezim por divisa de Letrado eminente, e homem Divino; e querendo muitos, que se désse permissaõ a este Operario Euangelico para assistir no Reyno, resistio fortemente a este voto o Aytes, que he o Juiz dos Estrangeiros, allegando ser costume inviolavel dos Chinas naõ admittirem a algum dentro dos seus limites. Desenganado o Padre de naõ poder promulgar o Euangelho em taõ vasto Imperio, voltou para Macao, onde para Hospicio dos Missionarios, que passavaõ ao Japaõ, edificou huma Ermida, e foy a primeira Casa de Religiosos, que houve nesta Cidade.

Naõ consentem os Chinas, que se prégue o Euangelho em Cantaõ.

147 Está ella situada em vinte e dous graos e meyo da parte do Norte com o porto aberto ao Sueste em fórma de peninsula a respeito da Ilha de Ansaõ, na qual toca com huma lingua de

Descripçaõ da Cidade de Macao.

de largura de hum tiro de pedra. Pela parte do Norte he cercada de muros de Leſte a Oeſte, e da outra lavada do rio. He interiormente defendida pelas Fortalezas de Noſſa Senhora do Monte, e de Santiago, que fica na barra, e pelos Fortes do Bom Parto, S. Pedro, e S. Franciſco; e exteriormente pelas Fortalezas de Noſſa Senhora da Guia, e do Monte. Defronta com a terra firme de Cantaõ, Provincia da China. O numero de Religioſos, que ſuſtenta com o ſeu commercio, he argumento infallivel da ſua Chriſtandade, pois além da Cathedral, tres Freguesias, Caſa de Miſericordia, e Hoſpital de S. Lazaro, tem quatro Conventos de Religioſos, hum de Franciſcanos, outro de Dominicos, e outro de Agoſtinhos; o quarto he de Freiras Recoletas de Santa Clara. O Collegio da Companhia, dedicado à Madre de Deos, em que ſe enſina Grammatica, Theologia Eſpeculativa, e Moral, he hum dos melhores edificios, que ornaõ eſta Cidade. No tempo em que era Vice-Rey da India o Conde da Vidigueira lhe pediraõ os ſeus moradores Soldados para defenſa, peſſoa de qualidade para o governo, privilegios de Cidadãos, e titulo de Cidade para a Colonia. Differio o Conde generoſamente a eſta ſupplica, porque além de os admittir ao gremio do Eſtado, e concederlhe privilegios muito honorificos, deſpachou para os governar com paten-

patente de General da China a D.Franciſco Maſcarenhas; e neſte tempo começou Macao a ſer Cidade com titulo do Nome de Deos, que he hoje habitada por cento e cincoenta familias Portuguezas, ſendo o numero das almas Chriſtãas dezanove mil e quinhentas, das quaes dezaſeis mil ſaõ mulheres, excepto innumeraveis Chinas Gentios, de que a mayor parte ſaõ artifices, e mercadores.

148 Sabendo o Jacatá por eſpias da amigavel correſpondencia, que por cartas tinha D. Bartholomeu, Rey de Omura, com D. Antonio, capitulou a eſte de traidor por ſe communicar com hum Principe Chriſtaõ, e ſeu inimigo; e mandou para deſafogo da ſua cega paixaõ matar quatro Chriſtãos, Vaſſallos de D. Bartholomeu, por ſerem os portadores das cartas, e foy admiravel a conſtancia, com que huns ſe animaraõ aos outros para padecer a morte, que lhes ſegurava a vida eterna. Navegava bem deſcuidada do perigo huma barca do porto de Facundá com algumas alfayas pertencentes ao ſerviço, e ornato da Igreja, quando foy acometida, e deſpojada por dez navios de Catandono, Rey de Firando; e tirando as armas aos Catholicos, que he hum genero de afronta muito exceſſiva naquellas Ilhas, ſe recolheraõ muito ſatisfeitos com a preza, e muito mais com huma pintura, que acharaõ entre os deſpojos, em que eſtava debu-

Hoſtilidades, que faz o Jacatá aos Chriſtãos.

debuxada a Aſſumpçaõ de Maria Santiſſima, e a offereceraõ como precioſa dadiva os piratas ao ſeu Principe, inimigo acerrimo da Ley de Chriſto, o qual com ſacrilego atrevimento riſcou com tinta os olhos da Imagem, e a expoz na ſua ſala à viſta de todos. Queixaraõ-ſe os Chriſtãos ao Jacatá deſte deſacato, que malicioſamente diſſimulou; mas encontrando-ſe hum dos Chriſtãos, a quem tinhaõ tirado as armas, com o Gentio, que o tinha injuriado, lhe tomou furioſamente a eſpada, de cujo aggravo ſendo informado Catandono julgando a offenſa feita contra a ſua peſſoa jurou de ſe vingar de D. Antonio, e de todos, que ſeguiaõ as ſuas partes. Convocou o barbaro varios Titulares, e Senhores de terras, para que armados com grande numero de gente queimaſſem o Palacio de D. Antonio, e a Igreja; e ſabendo eſte da reſoluçaõ do tyranno ſe dividio Firando em varias parcialidades, e concorrendo muitos ſeus Vaſſallos com todo o genero de armas, com tal animo ſe prepararaõ para defender a Igreja do menor deſacato dos idolatras, que ſe retiraraõ pacificados os dous Principes, ſendo medianeiro deſta concordia a Real authoridade do Jacatá. O filho delRey de Firando ſemelhante a ſeu pay na impiedade, com que offendeo a Imagem da Senhora, amaſſou, e desfez huma veronica, em que eſtava gravado o retrato do Redemptor do Mundo, e como

Deſacato, que obra ElRey de Firando contra huma Imagem da Senhora.

mo estes dous desacatos naõ tinhaõ sido punidos, se resolveo D. Joaõ Pereira levantar ferro de Firando, e fazer escala em Vocoxiura, porto de D. Bartholomeu, e o mesmo persuadio a todas as naos Portuguezas, para que aquelle barbaro em castigo das sacrilegas afrontas, que commettera, perdesse os emolumentos dos direitos, e commercio da sua navegaçaõ.

Retira-se do porto de Firando D. Joaõ Pereira.

149 Para vingar este aggravo determinou assaltar como pirata as nossas naos, que estavaõ ancoradas em Vocoxiura, e depois de roubadas entregallas ao fogo, naõ reparando, que contendia com os Portuguezes, e naõ com Chinas, que saõ taõ fracos Soldados, como industriosos artifices. Sahio com cincoenta navios guarnecidos da mais lustrosa Soldadesca, e colhendo improvisamente aos nossos, permittio Deos, a quem tinhaõ implorado com continuas supplicas os Christãos de Firando, que da primeira descarga, que deraõ nos inimigos cahissem setenta mortos, mais de duzentos feridos, e a mayor parte dos navios destroçados, cujo estrago obrigou a que atropelladamente voltassem as proas, e fugissem da ultima calamidade. Entre os mortos de mayor distinçaõ foraõ seis parentes delRey de Firando, quatro Capitães de nome, e hum sobrinho de D. Antonio, que perseguia tanto a Fé, quanto seu tio a defendia. A Gentilidade Japoneza lamentou amargamente este feliz succes-

Destroça o nosso Capitaõ a cincoenta Juncos do mesmo inimigo.

so

ſo das noſſas armas, pois ſe perſuadia naõ haver outra naçaõ mais valeroſa, que a ſua, principalmente o Jacatá de Firando, que vendo-ſe abatido, e humilhado converteo a ſua colera contra todo o Chriſtianiſmo.

150 O Principe de Ximabará, que naõ era muito deſaffecto à Ley de Chriſto, ordenou aos ſeus Vaſſallos, que aſſiſtiſſem às ceremonias de huma ſolemnidade Gentilica, proteſtando, que naõ queria delles mais que aquella reverencia extrinſeca naõ dedicada ao culto do Idolo, mas expreſſamente em obſequio da ſua Real peſſoa, a quem deviaõ acompanhar ao Templo. Naõ quizeraõ os Chriſtãos obedecer a eſta ordem, receando naõ cedeſſe em veneraçaõ do Idolo a ceremonia politica feita ao ſeu Principe, e aſſim lhe mandaraõ dizer, que antes ſacrificariaõ as vidas, do que concorrer com obſequios eſcandaloſos à profiſſaõ da ſua Fé. Já eſperavaõ mil e quinhentos com imperturbavel animo o martyrio, mas entendendo o Principe a ſua heroica reſoluçaõ, lhes pedió em ſinal de obediencia as Cruzes, e Imagens Sagradas, que traziaõ pendentes aos peitos, ao que reſponderaõ com igual politica, e valor naõ ſe manifeſtar a obediencia devida ao Soberano na entrega de couſas Sagradas, mas em outros tributos profanos, de cuja repoſta admirado o Principe os mandou, ſe foſſem em paz, pois eraõ dignos de eſtimaçaõ pe-

Pureza da Fé de mil e quinhentos Japonezes.

Ffff ii la

la conſtancia, com que zelavaõ os pontos mais delicados da ſua Fé. Eſte heroico acto fez propagar com admiravel progreſſo a Chriſtandade do Japaõ, e imaginando a cegueira dos Bonzos, que ſe arruinaria com a morte de D. Leaõ, hum dos principaes fautores do Chriſtianiſmo, o mataraõ com veneno, de que reſultou radicarſe mais nos corações de todos a Ley Evangelica; e para mayor confuſaõ daquelles barbaros, e immortal gloria de D. Leaõ lhe ordenaraõ os Chriſtãos hum funeral digno de hum Monarcha. Acompanhavaõ o cadaver, que hia metido em hum precioſo caixaõ, cuberto de hum magnifico panno, ſetecentas tochas, e chegando ao lugar da ſepultura lhe edificaraõ hum ſoberbo Mauſoleo de pedra, onde o Epitafio mais honorifico foy a nobre cauſa porque foy morto.

Mataõ os Bonzos a D. Leaõ, zeloſiſſimo fautor do Chriſtianiſmo.

151 Era incanſavel o zelo, e diligencia, com que na Corte de Meaco promovia os augmentos da Fé o Padre Gaſpar Villela, mas era tambem entranhavel o odio, com que o perſeguiaõ os Bonzos, pois naõ prevalecendo contra a ſua qualificada innocencia as calumnias machinadas em o anno paſſado, offereceraõ mil e quinhentos cruzados a hum Fidalgo ſeu Protector, e grande privado de Cubozama para que o fizeſſe deſterrar; mas o Fidalgo ſe naõ deixou attrahir do intereſſe daquelle premio ſem primeiro examinar ſe era merecedor o Padre daquelle exterminio.

Bartoli, Hiſt. de l' Aſia, livro 8. pag. 583.

Perſeguiçaõ dos Bonzos contra o Padre Villela.

Foy

Foy pessoalmente ouvir a doutrina, que elle prégava, e ficou taõ illustrado com as luzes da Ley Euangelica, que logo abjurou as trevas do Paganismo, e se declarou o mais obstinado perseguidor dos Bonzos. Para radicar a Fé no coraçaõ dos novos convertidos, e extirpar os erros dos Gentios, compoz com estudioso trabalho hum livro de Controversias contra todas as seytas do Japaõ, escrito na lingua da Corte, que he muito elegante nos termos, e expressiva nas palavras, e exercitava aos meninos de mayor engenho para que disputassem com os Japonezes, ensinando-lhe o modo com que haviaõ soltar os argumentos, e resolver as duvidas propostas contra os Mysterios da Fé. No primeiro de Fevereiro, vespera do primeiro dia do anno Japonez, que se regûla pelas Luas, e começa na mais proxima a 7. de Fevereiro, he ceremonia inviolavel de todos os Grandes assim Ecclesiasticos, como seculares concorrerem à Corte para dar os bons annos ao seu Principe, e para demonstraçaõ de que lhos desejaõ muito prosperos lhe fazem a oblaçaõ de alguma dadiva. Recebe o Cubozama estes obsequios em huma sala forrada de odorifero cedro, e acharoada de curiosos lavores taõ lustrosos, e transparentes como espelhos, onde a arte triunfa da natureza. O pavimento está todo cuberto de finissimas esteiras bordadas de ouro. Neste festivo dia apparece o Em-

Admiravel conversaõ de hum privado de Cubozama.

Apparato do Emperador do Japaõ, com que recebe os bons annos dos seus Vassallos.

o Emperador do Japaõ revestido de tal magestade, que se considera como Divino; e para conciliar mayor respeito, e veneraçaõ a ninguem falla, e muito menos se inclina, e se quer mostrar a alguem huma significaçaõ de agrado, he porlhe os olhos, e abater hum pouco o leque, que tem nas mãos. Por industria do Trinchante môr foy admittido a esta solemnidade o Padre Gaspar Villela, que tambem offereceo ao Emperador huma dadiva mais estimavel pelo artificio, que pelo valor. Naõ deixou de estimar o Principe a offerta, e despedio ao Padre com sinal de benevolencia, achando-a muito mayor quando visitou a Emperatriz, e a mãy do Emperador, servindo estes Reaes favores, com que o Padre foy tratado na Corte de Meaco, de confusaõ para a malevolencia dos Bonzos, com que taõ injustamente o queriaõ desterrar.

Demonstraçaõ, com que honrou o Emperador ao P. Villela
Gusman, Hist. de las Miss. de la Comp. liv. 6. cap. 31.

152 Porém brevemente se acabaraõ estas esperanças fundadas na benevolencia do Emperador, porque conspirando-se contra a sua pessoa Mixiondono, Rey de Cavachi, em remuneraçaõ de o ter sublimado a huma grande dignidade, alistou dozé mil Soldados com o falso pretexto de lhe ir gratificar o beneficio, que delle recebera; e ainda que o Emperador entendeo, que aquelle apparato militar se convocara para sua ruina, despersuadido desta supposiçaõ por hum de seus Conselheiros se deixou ficar no Palacio, onde

onde perfidamente foy degollado, e toda a familia Real pelas mãos daquelle ingrato traidor. Ainda assistia em Meaco o Padre Gaspar Villela quando se representou taõ funesta tragedia, e avisado pelo Secretario de Mixiondono, author principal da conjuraçaõ, que salvasse a vida, pois tambem contra elle se armava o odio daquelle tyranno, vendo que certamente era victima do seu furor, como ternissimamente amava ao Padre, pois o tinha bautizado, se deliberou a libertallo no meyo de hum esquadraõ de Soldados todos Catholicos, e dotados de espiritos animosos. O Vó Summo Pontifice do Japaõ publicou hum decreto à instancia de Mixiondono, em que mandava, que todos os Missionarios fossem exterminados, derrogando-lhe todos os privilegios, e liberdades concedidas pelo Emperador defunto. Com esta impia ordem despojaraõ os Christãos a Igreja de tudo que podia ser objecto do ludibrio dos idolatras, e partio o Padre Villela para Imori bem escoltado, a tempo que por todo Meaco ao som de clarins se publicava o exterminio da prégaçaõ Euangelica, e dos seus Ministros confirmado pelo supremo Senado, e com penas rigorosas comminadas contra os seus transgressores. Entrou o Padre em Sacay, onde muitos Bonzos inspirados superiormente vinhaõ procurar o Bautismo, e da Universidade de Bandou, distante de Meaco para o Nascen-

He morto aleivosamente o Emperador.

Retira-se o Missionario Apostolico para Sacay, onde bautiza a muitos Gentios.

Naſcente quinze, ou vinte jornadas, concorreraõ Meſtres eminentes, acompanhados de diſcipulos engenhoſos, que depois de controverterem em largas diſputas os pontos mais altos da Religiaõ Chriſtãa, ſe rendiaõ convencidos ao ſuave jugo do Euangelho.

CAPITULO XXI.

Morto Pio IV. eſcreve ElRey D. Sebaſtiaõ ao Conclave para que ſe eleja ſucceſſor capaz de taõ grande Dignidade. He eleito S. Pio V. a quem o meſmo Principe congratùla a nova aſſumpçaõ ao Pontificado, e da repoſta, que lhe mandou o meſmo Pontifice.

1566.

153 Contava o Pontifice Pio IV. ſeſſenta e ſete annos de idade, cinco annos, onze mezes e meyo de Pontificado quando com exceſſivo ſentimento de toda a Chriſtandade pagou o inevitavel tributo de mortal em 9. de Dezembro de 1565. de cuja funeſta noticia foy logo informado ElRey D. Sebaſtiaõ por D.Fernando de Menezes, Alcaide môr, e Commendador de Caſtello-Branco, filho de D. Diogo de Menezes, Claveiro da Ordem de Chriſto, e de D. Cecilia Leme, filha de Joaõ Lopes Siqueira, Trinchante delRey D. Manoel, Embai-

Morre o Pontifice Pio IV. *Brentano, Epitom. Chron.ſæcul. XVI. ad an.* 1565. *pag.* 606. *Bonani, Numiſm.Pontif.Rom. tom.* 1. *pag.* 271. *e* 291.

Embaixador na Curia, e ſucceſſor neſte miniſterio de D. Alvaro de Caſtro, que com o meſmo caracter aſſiſtia em Caſtella; e para teſtemunhar o agradecimento das muitas graças, e privilegios, que recebera do ſeu paternal affecto, lhe mandou celebrar à ſua ſaudoſa memoria honorificas Exequias, e naõ menos ſentido da falta de taõ grande Paſtor, do que ſolicito de hum ſucceſſor, que dignamente encheſſe lugar taõ ſupremo, eſcreveo aos Cardeaes, que para eſte fim já eſtavaõ juntos em Conclave, cujas palavras, com que os exhortava a taõ pia acçaõ, eraõ as ſeguintes.

Manda D. Sebaſtiaõ celebrar Exequias à memoria do Pontifice.

154 „Reverendiſſimos em Chriſto Padres, „e Irmãos muito amados. Depois da devida re„commendaçaõ vos faço ſaber, que por cartas „de D. Fernando de Menezes do meu Conſe„lho, e meu Embaixador, ſoube como Noſſo „Senhor fora ſervido de levar para ſi o Papa „Pio IV. de louvada memoria, de que me deſ„aprouve tanto como era razaõ, e taõ univer„ſal perda merecia; e aſſim o particular amor, „que a Sua Santidade tinha por ſuas muy gran„des virtudes, aſſim meſmo ſoube, como na pri„meira Congregaçaõ, que depois diſto fizereis, „aſſentareis ſe obſervaſſe em tudo a Bulla, que „o dito Papa tinha feito ſobre as couſas do Con„clave, de que recebi muy grande contentamen„to, eſperando em Noſſo Senhor, que pois hou-

Carta do noſſo Monarcha ao Conclave.

„ ve por bem inſpirar em vós tal determinaçaõ,
„ o ſeja aſſim meſmo de por meyo do Eſpirito
„ Santo concorrer com ſua graça na eleiçaõ, que
„ ſe houver de fazer, e que ſeja tal, qual a Chriſ-
„ tandade, e as afflições, em que ſe acha, ha
„ miſter. E poſto, que com taes, e com taõ
„ bons principios eu pudera eſcuſar de vos lem-
„ brar quanto importa ao ſerviço de Noſſo Se-
„ nhor poſpordes todo o humano reſpeito, e at-
„ tenderdes ſómente ao ſerviço de Noſſo Senhor,
„ e bem da ſua univerſal Igreja; toda via pare-
„ ceome, que naõ cumpriria com minha obri-
„ gaçaõ, ſe vo la naõ lembraſſe por eſta; e por
„ iſſo movido mais della, que de me parecer pu-
„ deſſe ſer neceſſaria em materia ſemelhante, e
„ a que tanto eſtaes obrigados por voſſas muy
„ grandes virtudes alguma perſuaſaõ, ou lembran-
„ ça, vos rogo muito affectuoſamente, e com
„ toda a inſtancia devida queiraes neſta eleiçaõ
„ moſtrar ao Mundo, que naõ pertendeſtes nel-
„ la mais, que conformardeſvos com voſſas con-
„ ſciencias, e com o que deveis a Noſſo Senhor,
„ que vos poz neſſe lugar, porque com iſſo naõ
„ poderá elle deixar de aſſiſtir em tal obra por
„ meyo do Eſpirito Santo, e alumiar voſſos co-
„ rações para ſe fazer breve, e ſanta eleiçaõ do
„ Pontifice, de que mais gloria, e louvor ſe ſe-
„ guirá a cada hum, do que ſubir ao Pontifica-
„ do: e porque àcerca deſta materia eſcrevo mais
largo

,, largo ao dito mèu Embaixador para vo lo com-
,, municar, vos rogo muito o ouçaes, e lhe deis
,, inteiro credito no que àcerca disto de minha
,, parte vos disser, e hajaes por certo, que pa-
,, ra todas as cousas, que tocarem ao bem dessa
,, Santa Sé Apostolica me achareis sempre taõ
,, prompto como o devo ser, e o foraõ os Reys
,, meus Antecessores, &c.

155 Tinhaõ entrado no Conclave quarenta e nove Cardeaes, e se receava prudentemente, que pela multiplicidade de tantos votos se dilataria por largo tempo a eleiçaõ do novo Pontifice; mas como entre elles tinhaõ mayor authoridade os Cardeaes Farnese, e Borromeo, Penitenciario do Sagrado Collegio, se empenharaõ a que com a mayor brevidade se effeituasse a eleiçaõ para que eraõ convocados. Os primeiros, que foraõ propostos para o Pontificado, foraõ os Cardeaes Moron, Amulio, e Bomcompagno, que naquelle tempo assistia em Hespanha, e sendo excluîdos por varios pretextos, e motivos, foraõ novamente propostos os Cardeaes Pisa, Montepulciano, Alexandrino, e Dolera; mas fazendo todo o esforço o Cardeal Borromeo com o de Altaemps para ser eleito o Cardeal Alexandrino, desejando, que no merecimento de taõ grande successor se conservasse a memoria de seu tio Pio IV. vencidas insuperaveis difficuldades, que se lhe oppunhaõ a este intento,

Sóbe ao Pontificado o Cardeal Alexandrino, e se chama Pio V.

Nat. Alex. Hist. Eccles. tom. 8. secul. XVI, cap. 1. art. 20.

o conseguio felizmente, sendo adorado por Vigario de Christo D. Fr. Miguel Ghisleri em 7. de Janeiro deste anno de 1566. o qual querendo conservar o nome de Miguel, e vendo, que nenhum dos seus antecessores o tivera, condescendeo às instancias do Cardeal Borromeo, com que o persuadio a que se chamasse Pio, sendo o Quinto deste nome.

Nascimento, educaçaõ, e lugares, que teve antes de ser Pontifice.

156 A Villa de Bosco, situada junto de Alexandria de la Palha no Monferrato, se fez celebre em todo o Mundo por ser berço deste insigne Varaõ, onde nasceo em 17. de Janeiro de 1504. A familia Ghisleri oriunda de Bolonha, que era antigamente Senatoria, estava taõ abatida na pessoa de seu pay Paulo Ghisleri, que cultivava o campo para sustentar a vida, dispondo a Divina Providencia, que neste tempo produzisse taõ grande homem para naõ receber, antes lhe communicar mais altos timbres de nobreza. Na florente idade de quatorze annos para segurar o premio promettido aos Justos, recebeo o habito da Ordem dos Prégadores no Convento de Voguera da reformada Congregaçaõ de Lombardia, em cuja sagrada Palestra naõ aprendeo, mas continuou a exercitar as virtudes, que no seculo praticava. Em Bolonha estudou as Sciencias mayores, que depois ensinou por espaço de dezaseis annos com igual fruto dos discipulos, que admiraçaõ dos outros Mestres.

Ciacon. Vitæ Pontif. Roman. tom. 3. col. 989.

Palat. Gest. Pontif. Roman. tom. 4. col. 291. & seqq.

Gordon. Opus Chronol. ad an. 1565.

tres. Governou os Conventos de Alba, Sonzino, e Viclevano, unindo prudentemente a brandura com a feveridade, de tal forte, que nem huma degeneraffe em frouxidaõ, nem a outra em rigor. Nos Pulpitos foy ouvido como Apoftolo, fazendo com a efficacia dos feus clamores, que as virtudes foffem amadas, os vicios aborrecidos. Como era dotado de hum animo intrepido, e deftemido, o elegeo Julio III. no anno de 1545. Inquifidor na Cidade de Como, cujo minifterio exercitou com fervorofo zelo extirpando a venenofa zizania, que nos campos de Italia começavaõ a femear os infames fequazes de Luthero. Em premio da vigilancia, com que perfeguia aos inimigos da Igreja, foy nomeado pelo mefmo Pontifice no anno de 1551. Commiffario Geral da Inquifiçaõ de Roma, obrando com tal feveridade nefte lugar, que delle fez degrao naõ fómente para que Paulo IV. no anno de 1556. o elegeffe Bifpo Nepofino, e Sutrino, mas que em 15. de Março de 1557. o creaffe Cardeal do titulo de Santa Maria fuper Minervam, que depois o foy do titulo de Santa Sabina.

157 Naõ quiz Pio IV. que lhe foffe o feu anteceffor mais attento, e vigilante na remuneraçaõ de hum homem taõ benemerito da Igreja, e o nomeou Bifpo de Monreal, e que deixado o titulo de Santa Sabina ufaffe outra vez do primeiro,

meiro, que tinha de Santa Maria ſuper Minervam. O fervoroſo zelo, com que defendeo a juriſdicçaõ da Sé Apoſtolica, o valor intrepido, com que ſe oppoz aos inimigos de Deos, e as mais virtudes, que lhe ornavaõ o eſpirito, o habilitaraõ para ſubir ao Throno do Vaticano, em que foy coroado a 17. de Janeiro, em que cumpria ſetenta e dous annos de idade; e para que nas obras começaſſe logo a deſempenhar a piedade do ſeu nome, ordenou para evitar as mortes ſuccedidas na Coroaçaõ de ſeu anteceſſor Pio IV. ſe naõ lançaſſe dinheiro ao povo. Divulgada em Roma eſta eleiçaõ ſe dividiraõ em parte os affectos, celebrando huns com feſtivos applauſos o novo Pontifice, entriſtecendo-ſe outros de ſer eleito, pois receavaõ, que como creatura de Paulo IV. tiveſſe delle herdado a ſeveridade do eſpirito, de que já eraõ manifeſtos argumentos naõ ſómente a Religiaõ, em que fora educado, mas as acções, que ſendo Inquiſidor obrara contra a impiedade dos hereges. Todo o ſeu principal deſvelo no principio do Pontificado dedicou à emenda dos coſtumes, refórma dos abuſos, e exacta obſervancia das determinações do Concilio, que havia poucos annos ſe tinha celebrado, e concluído em Trento; e como era taõ zeloſo dos intereſſes da Igreja, e conhecia quanto nelles foraõ ſempre empenhados os Monarchas Portuguezes, ſendo entre

Primeiras acções do ſeu Pontificado.

tre elles primeiro em o nome, e na obediencia à Sé Apostolica, o que presentemente governava a Coroa Portugueza, qual era o Serenissimo D. Sebastiaõ, lhe escreveo a seguinte carta, em que lhe expunha o como fora assumpto à dignidade Pontificia, e lhe supplicava continuasse nos obsequios à Cadeira Romana, de que era acrédora desde a fundaçaõ do Reyno, que regía; promettendo ao mesmo Principe de ser benefico pay para a concessaõ das graças, de que pela sua ardente piedade era merecedor.

Carta do Pontifice a ElRey D. Sebastiaõ.

158 „Charissime in Christo Fili noster salu„tem, & Apostolicam benedictionem. Post obi„tum felicis recordationis Pii Papæ IV. & exe„quias ejus honorificè de more celebratas, cùm Ve„nerabiles Fratres nostri Sanctæ Romanæ Eccle„siæ Cardinales, quorum ex numero tunc erà„mus, implorato piè, ac religiosè Divino au„xilio, in locum solitum convenissent ad novum „Pontificem eligendum post maturam, & dili„gentem dierum aliquot consultationem, sicut „rei magnitudo postulabat, conversis ad nos ocu„lis nudius tertius nos, quamquàm meritis tanto „officio impares, ad suscipiendum Sedis Aposto„licæ regimen vocarunt summo consensu, & „concordiâ. Deterrebat nos sane tanti oneris „magnitudo, & virium nostrarum ad id feren„dum infirmitas; sed ne nostra recusatio aliquid „forsan scandali pareret, ne vè labores, mole-

stias,

,, ſtias, angores, & ſervitutem Divini obſequii
,, causâ, parùm pie detrectare videri poſſemus,
,, cervices noſtras jugo, quod Domino placuit,
,, per miniſterium fratrum noſtrorum humeris no-
,, ſtris imponere humili corde ſubmiſimus, ſuper-
,, no ejus favore freti, cujus auxilium ſperantibus
,, in ſe nunquam deeſt. Et confiſi nec Tuam,
,, nec aliorum piorum Regum, & Principum
,, opem nobis defuturam, quam quidem nos tan-
,, to ſtudio abs Te requirimus, & poſtulamus,
,, ut maiori animi ſtudio eam petere, & implo-
,, rare non poſſimus. Etenim ad ea, quæ cupi-
,, mus, quæque noſtri ſunt muneris obeunda ad
,, tollendas hæreſes, ad ſedanda ſchiſmata, ad uni-
,, tatem, & concordiam Chriſtiani populi recon-
,, ciliandam, ad mores denique, qui tantopere
,, corrupti ſunt, corrigendos, quàm parùm ido-
,, nei ſimus, cognoſcimus, niſi Tuo, & cætero-
,, rum Regum, qui nos juvare & poſſunt, &
,, debent, auxilio ſublevemur. Illud Maieſtati
,, Tuæ perſuaſum eſſe cupimus nullum paſſuros
,, nos Te à nobis benevoli Patris officium deſi-
,, derare, ſicuti confidimus Te quoque eâ proſe-
,, cuturum perpetuò Sanctam Sedem Apoſtolicam
,, pietate, quâ Maiores Tui piæ memoriæ Reges,
,, & optime de Chriſtiana Religione meriti il-
,, lam omni tempore coluerunt: præſertim cùm
,, optimum adminiſtratorem habeas dilectum Fi-
,, lium noſtrum, & eumdem patruum, ac tuto-
rem

„rem tuum Sanctorum Quatuor Coronatorum „Cardinalem, cujus fideliſſimis, prudentiſſimiſque „conſiliis obtemperando, ut facis, facile, ut ſpe„ramus, Maiorum tuorum gloriam non æquabis „modò, ſed etiam ſuperabis. Datum Romæ „apud S. Petrum 9. Januarii 1566. Pontificatûs „noſtri anno primo.

159 Logo, que o Pontifice foy adorado, expedio com incrivel velocidade o noſſo Embaixador, que aſſiſtia na Curia, D. Fernando de Menezes hum correyo, pelo qual aviſava ao ſeu Soberano do novo Pontifice, que fora eleito: e antes que ElRey D. Sebaſtiaõ recebeſſe a carta antecedente o congratulou com a carta ſeguinte.

Aviſa o noſſo Embaixador a ElRey de eſtar eleito Pontifice.

„Sanctiſſimo in Chriſto Patri, ac Beatiſſimo „Domino noſtro, Domino Pio Divina Providen„tia Papæ Quinto, & Univerſalis Eccleſiæ An„tiſtiti. Santiſſime in Chriſto Pater, & Beatiſ„ſime Domine. Sebaſtianus Dei gratia Portu„galliæ, & Algarbiorum citra, & ultra mare in „Africa Rex, &c. poſt humillima Sanctitatis „Tuæ pedum oſcula. Sanctiſſime in Chriſto Pa„ter, ac Beatiſſime Domine. Accepto jucun„diſſimo Sanctitatis Tuæ ad Apoſtolici iſtius mu„neris principatum evectionis nuntio, quas po„tui pro tanto in Chriſtianam Rempublicam col„lato beneficio, Deo gratias egi, & per om„nes Regni mei partes agendas curavi, & ne à

Carta delRey pàra o Papa, em que o congratúla da aſſumpçaõ ao Pontificado.
Bzov. Pius Quintus Roman. Pontif. ſive Annal. Eccl. tom. ultim. ad ann. 1566. p. 269. §. 172.

„ Maiorum meorum laudabili consuetudine , &
„ instituto aliqua ex parte discederem , Sanctita-
„ ti Tuæ , & Apostolicæ isti Sedi debitam reve-
„ rentiam , atque obedientiam exhibere , ac præ-
„ stare cùm decrevissem, quò celeriùs id fieri pos-
„ set, nobili viro Ferdinando Menesio Consilia-
„ rio , & isthic Oratori meo mandavi , ut meo
„ nomine eo munere apud Tuam Beatitudinem
„ fungeretur, quem pro ea , quà Te prosequitur,
„ observantiâ diligentissime præstiturum non du-
„ bito. Quamobrem à Sanctitate Tua summo-
„ perè peto , ut quemadmodum reverentiam , ac
„ obedientiam ipsas summa pietate sibi deferri ,
„ ac præstari jubeo , ita illas pio , ac benevolo
„ animo recipiat, meque semper sui studiosissimum
„ fore existimet, ipsique Oratori integram fidem
„ adhibeat in his , quæ hac ipsa in re amplius
„ meis verbis significaverit. Sanctissime in Chri-
„ sto Pater, & Beatissime Domine, Omnipotens
„ Deus Sanctitatem Tuam quàm diutissime inco-
„ lumem tueatur. Datum Ulyssippone die V.
„ Februarii M.D.LXVI.

160 Foy taõ excessivo o jubilo, que o nosso Principe recebeo com a noticia de ter sido exaltado à Dignidade Pontificia S. Pio V. que parecendo lhe pequeno obsequio sacrificarlhe a sua obediencia pelas expressões da carta referida, a repetio em differente idioma com igual affecto nesta fórma.

Escreve outra carta ElRey ao Pontifice de parabens.

Muito

„Muito Santo em Christo Padre, e mui-
„to Bemaventurado Senhor. O vosso devoto,
„e obediente filho D. Sebastiaõ por graça de
„Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, &c.
„com toda a humildade envia beijar seus santos
„pés. Muito Santo em Christo Padre, e mui-
„to Bemaventurado Senhor. Por huma carta,
„que D. Fernando de Menezes do meu Con-
„selho, e meu Embaixador despachou, soube
„como Nosso Senhor fora servido dar a Vossa
„Santidade por Pastor da sua Universal Igreja,
„precedendo a isso geral consentimento de todo
„o Sagrado Collegio dos Reverendissimos Car-
„deaes, de que recebi o prazer, e grande con-
„tentamento, que requere o que da grande vir-
„tude de Vossa Santidade, grande qualidade da
„sua pessoa, longa experiencia nas cousas da San-
„ta Sé Apostolica, e grande prudencia, posso,
„e devo com muita razaõ esperar, que obrará
„em serviço de Nosso Senhor, e bom governo
„da sua Igreja. E porque me pareceo devido
„mandar significar a Vossa Santidade com toda
„a presteza possivel este meu contentamento, e
„quaõ grande o terey sempre em se offerecer
„cousa, em que Vossa Santidade possa de mim
„conhecer, que naõ he menor o amor, que a
„seu serviço tenho, do que tive a seus Prede-
„cessores, antes muy accrescentado, se mais pó-
„de ser, pelo que das grandes virtudes de Vos-

„ ſa Santidade ouço; peço a Voſſa Santidade
„ muy affectuoſamente por merce queira ouvir
„ ao dito meu Embaixador, e darlhe inteiro cre-
„ dito no que àcerca diſto da minha parte diſſer
„ a Voſſa Santidade. Muito Santo em Chriſto
„ Padre, e muito Bemaventurado Senhor. Noſ-
„ ſo Senhor por muitos annos conſerve a Voſſa
„ Santidade em ſeu ſanto ſerviço. De Lisboa 10.
„ de Fevereiro de 1566.

161 Recebeo o Pontifice eſtas duas cartas, e como nellas vio fielmente copiado aquelle ardente zelo, e profundo obſequio, com que D. Sebaſtiaõ venerava a ſua peſſoa, lhe ſignificou ſem a menor interpollaçaõ de tempo o jubilo, que concebera o ſeu coraçaõ quando lera expreſſões taõ affectuoſas, as quaes agradeceo na fórma ſeguinte.

Repoſta do Pontifice ao noſſo Monarcha.

„ Chariſſime in Chriſto Fili noſter ſalutem,
„ & Apoſtolicam benedictionem. In graviſſimis
„ curis, quas pro ſuſcepto Apoſtolicæ ſervitutis
„ Officio ſuſtinemus, non parùm Nobis ſolatium
„ attulerunt Maieſtatis Tuæ litteræ, quas dilectus
„ filius Ferdinandus Meneſius Orator tuus, vir No-
„ bis probatiſſimus reddidit, apta eas Oratione ſub-
„ ſequutus; gratæ quidem Nobis tales multorum
„ litteræ tali noſtro tempore fuerunt, ſed tuis
„ nihil eſſe potuit Nobis gratius. Ab eo enim
„ Rege venerunt, quem ob ſingularem pietatem
„ erga Sanctam Sedem Apoſtolicam, & præcla-
ram

„ ram propagandæ Religionis Christianæ volun-
„ tatem ante Pontificatum eximio studio prose-
„ quti fuimus, & cujus auxilium Nobis in hoc
„ loco, sicut Domino placuit, constitutis, ad præ-
„ standum Deo, & Ecclesiæ officium nostrum
„ præcipuè nobis affuturum etiam confidimus,
„ ac certum habemus. Proinde gratias Tibi, quas
„ debemus, agentes pro officio, quo functus, pie-
„ tate tua digno, cum primùm de his, quæ Do-
„ minus Nobis fecit, nuntium accepisti, & de
„ ipsa gratulatione tua Maiestatem Tuam confi-
„ dere volumus, daturos nos operam, ut nullum
„ à Nobis umquam amantissimi Patris officium
„ desiderari possit. Utinam cæteris in rebus spei,
„ atque expectationi tuæ respondere possimus, sed
„ voluntatem bonam à Deo Nobis datam agno-
„ scimus, & speramus ejus auxilium, qui omni-
„ bus dat affluenter, non esse Nobis defuturum.
„ Quod nos rogando curasti, ut Deum pro Te
„ oremus, nos vero Tui, ut eximii Filii nostri,
„ in orationibus nostris memores erimus, optan-
„ tes, Te Divinæ gratiæ præsidio munitum ita
„ longæ vitæ cursum peragere. Datum Romæ
„ apud S. Petrum 19. Martii 1566. Pontificatûs
„ nostri anno primo.

CA-

CAPITULO XXII.

He eleito para Confeſſor delRey D. Sebaſtiaõ o Veneravel Fr. Luiz de Montoya, e lhe ſuccede no lugar o Padre Luiz Gonçalves da Camera. Parecer, que neſta materia deu a judicioſa prudencia de D. Aleixo de Menezes.

1566.

162 POſto, que a Rainha D. Catharina tiveſſe largado a regencia da Monarchia, como foſſe inſtantemente rogada pelos Tres Eſtados do Reyno, e o Cardeal D. Henrique a conſervar a tutela, e ſuperintendencia da educaçaõ de ſeu auguſto Neto, aceitou em obſequio de taõ zeloſa fidelidade, ainda que com grande repugnancia, eſte miniſterio, para o qual applicou toda a vigilancia, e deſvelo; pois querendo, que na peſſoa de D. Sebaſtiaõ ſe copiaſſe a perfeita imagem de hum Principe conſummado, elegeo inſignes Varões, como eraõ o Padre Luiz Gonçalves da Camera para lhe enſinar os primeiros rudimentos, e D. Aleixo de Menezes para o inſtruir como Ayo nas maximas da Politica. Naõ ſatisfeita com taõ acertadas eleições, começou a procurar com mayor cuidado o talento, que foſſe capaz de ſer Confeſſor do meſmo Principe, deſejando, que excedeſſe àquelles

Procura a Rainha D. Catharina Confeſſor para ElRey ſeu Neto.

les dous grandes homens, que elegera para ſeus Meſtres, pois havia com a ſua prudente direcçaõ naõ ſómente inſtruillo como Principe, mas o que era mais, como Catholico, regulando-lhe com taõ attenta vigilancia a conſciencia, que ſempre a conſervaſſe pura, e innocente, ſem que as delicias do throno a pudeſſem contaminar com a mais leve mancha. Deſejoſa a Rainha de que eſta eleiçaõ correſpondeſſe felizmente ao intento, que meditava, paſſou irreſoluta por alguns dias na ponderaçaõ de quem ſeria digno de hum miniſterio, de que pendia a ſalvaçaõ do Principe, e do Reyno; e depois de hum maduro exame foy eleito Fr. Luiz de Montoya, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, natural da Villa de Belmonte em Caſtella, do Biſpado de Cuenca, o qual além da ſua provecta idade, inſigne prudencia, inculpavel vida, e veneravel aſpecto, o fez merecedor deſta dignidade no conceito da Rainha a Religiaõ, de que era filho, pois nella como fecunda Eſcola ſe tinhaõ creado Fr. Joaõ Soares, que foy Biſpo de Coimbra, Fr. Gaſpar do Caſal, Biſpo de Leyria, e Coimbra, e Fr. Franciſco de Villa-Franca: o primeiro Confeſſor de ſeu eſpoſo D. Joaõ o III. o ſegundo de ſeu filho o Principe D. Joaõ; e o terceiro Confeſſor da meſma Rainha D. Catharina, que com ſummo goſto, e ſatisfaçaõ do ſeu eſpirito elegeo para Confeſſor de ſeu Neto a Fr. Luiz de Montoya,

He eleito o Veneravel Fr. Luiz de Montoya.
Roman, Hiſt. de la Vid. del P. Montoya, cap. 19.
Curtius de Vir. Illuſt. Ord. Erem. pag. 178.

toya,

toya, eſperando da ſua grande capacidade, e notoria virtude deſempenharia cabalmente a eleiçaõ, que delle fizera.

163 Foy univerſalmente applaudida eſta nomeaçaõ, cauſando ſómente no coraçaõ do eleito huma profunda triſteza, pois ſe lhe repreſentava, que eſte miniſterio o havia privar do ſocego, e ſilencio da ſua cella; por cujo motivo eſteve por muito tempo indeciſo em aceitallo, até que cedendo da ſua repugnancia por conſelho de homens prudentes, que lhe propunhaõ haverem os Principes de Portugal por eſpaço de muitos annos eleito Religioſos da ſua Ordem para directores das ſuas conſciencias, aceitou o lugar, que já parecia devoçaõ hereditaria na ſua ſagrada Familia, ſendo o dia conſagrado ao Euangeliſta Amado o primeiro, em que o exercitou. Logo no principio deſta occupaçaõ prevendo, que os ſeus Religioſos lhe encommendaſſem alguns negocios, para que interpoſta a ſua authoridade alcançaſſe delRey naõ ſó prompto, mas favoravel o deſpacho para as ſuas pertenções, os deſenganou deſte intento, affirmando-lhe fora a condiçaõ, com que aceitara aquelle miniſterio, de cuidar unicamente nas couſas pertencentes à conſciencia delRey, e naõ introduzirſe em materias temporaes, e politicas, que totalmente eraõ alheas do inſtituto, que profeſſava; o que obſervou taõ exactamente, que nunca por mais impor-

Repugnancia, com que aceitou eſte miniſterio.

importunado, que foſſe fallou a ElRey em negocio algum, ſendo todo o ſeu deſvelo proporlhe exemplos de Principes heroicos, que triunfantes das paixões humanas ſeguiraõ o caminho da virtude, pela qual ſe fizeraõ dignos de huma coroa mais alta, do que aquella, que lograraõ pela liberalidade da fortuna; e para que mais efficazmente o perſuadiſſe, lhe repreſentava como domeſticos exemplares os Monarchas ſeus anteceſſores, que mais zeloſos da honra de Deos, do que da ſua propria authoridade deſembainharaõ a eſpada para deſtruir os inimigos da Cruz, deſejando, que a eſtes clariſſimos eſpelhos compuzeſſe as ſuas acções, e ſe fizeſſe mais herdeiro das ſuas virtudes, que dos ſeus Eſtados.

Saudaveis documentos, com que inſtruîa a ElRey.

164 Neſtes ſagrados exercicios occupava o tempo Fr. Luiz de Montoya, mas experimentando, que o ar do Palacio fora ſempre nocivo à Santidade, e que o tumulto da Corte o privava daquellas celeſtiaes conſolações, que recebia no ſilencio do Clauſtro, começou a meditar o modo, por onde ſe eſcuſaria daquelle miniſterio taõ contrario à obſervancia religioſa; e vendo, que para alcançar o que pertendia naõ eraõ inſtrumentos proporcionados os homens, buſcou interceſſaõ mais alta, multiplicando mais horas de oraçaõ, abſtinencia, e diſciplina, e com eſtes memoriaes preſentados no Tribunal da Divina Piedade, conſeguio o deſejado deſpacho das

Eſcuſa-ſe do lugar de Confeſſor com beneplacito del-Rey.

 ſuas

ſuas ſupplicas, inſpirando Deos no coraçaõ delRey, que preferiſſe o deſcanço, e quietaçaõ daquelle Varaõ juſto à eſpiritual conſolaçaõ, que com os ſeus ſantos documentos recebia a ſua alma; pois attendendo, que pela ſua idade decrepita era incapaz de o acompanhar nas diverſas, e continuas jornadas, que fazia, ſe reſolveo com conſelho da Rainha D. Catharina a darlhe faculdade, para gaſtar o reſtante da ſua vida recolhido na cella, onde eſperava, que com as ſuas orações, como até alli com os ſeus conſelhos, experimentaria ſempre favoravel, e benigna a protecçaõ Divina às heroicas emprezas, que intentava. Foy inexplicavel o jubilo, com que Fr. Luiz de Montoya recebeo a noticia de que ElRey o aliviava daquelle miniſterio, taõ aborrecido pela ſua humildade, como deſejado pela ambiçaõ de outros, o qual exercitou ſómente por eſpaço de hum anno, que lhe pareceo, como elle affirmava, muitos ſeculos.

Commette a Rainha ao Cardeal a eleiçaõ de Confeſſor de ſeu Neto.

165 Para encher dignamente lugar taõ honorifico começou a Rainha D. Catharina procurar com toda a efficacia hum ſucceſſor, que com a ſua capacidade fizeſſe menos ſenſivel a falta de Fr. Luiz de Montoya, e ainda que alguns ſe offereceraõ à ſua eleiçaõ dignos daquelle miniſterio, como ſempre ſogeitava as ſuas reſoluções ao voto do Cardeal D. Henrique, lhe pedio, que com a madura ponderaçaõ do ſeu juizo

juizo elegeſſe para ElRey hum Confeſſor dotado daquellas virtudes neceſſarias para taõ eſcrupuloſa occupaçaõ. O Cardeal como tinha ſido o principal inſtrumento de que foſſe eleito para Meſtre do meſmo Principe o Padre Luiz Gonçalves da Camera contra os pareceres dos mais celebres homens daquelle tempo, ou foſſe por inclinaçaõ devota, que tinha ao Inſtituto da Companhia, ou por eſtabelecer mais firmemente os deſignios de ſe conſervar na graça de ſeu ſobrinho, perſuadio à Rainha com efficazes razões, que unicamente o Padre Luiz Gonçalves era digno daquelle lugar, pois ſe tinha habilitado para elle nas boas inſtrucções, que como Meſtre dera a ſeu Neto, as quaes eſperava foſſem mayores ſendo director da ſua conſciencia, illuſtrando-lhe com a doutrina, e com o exemplo igualmente o entendimento, e o eſpirito. A Rainha condeſcendeó promptamente a eſta determinaçaõ do Cardeal, e ſahio eleito por Confeſſor delRey o Padre Luiz Gonçalves da Camera, conſervando juntamente o lugar de Meſtre, e como eſta eleiçaõ foſſe feita contra o voto de muitos Cavalheros, principalmente de D. Aleixo de Menezes, antevendo eſte politicamente os damnos, que ſe ſeguiaõ de conſervar o Padre Luiz Gonçalves ambos os lugares, eſperou occaſiaõ opportuna, em que o Cardeal viſitaſſe a Rainha, e com aquella fidelidade, e zelo,

Sahe eleito Confeſſor delRey o Padre Luiz Gonçalves da Camera.

Tanner, Soc. Jeſ. Apoſtol. Imitatr. pag. 153.

lo, com que ſempre attendeo pelas conveniencias da Monarchia, e boa educaçaõ delRey, de quem era Ayo, lhes fallou neſta ſubſtancia.

Diſcurſo de D. Aleixo de Menezes àcerca deſta eleiçaõ.

166 „ Desde o tempo, que por nomeaçaõ „ delRey noſſo Senhor, que Deos tem em ſua „ gloria, e approvaçaõ de Voſſas Altezas me „ foy encommendada a creaçaõ delRey noſſo Se- „ nhor, tratey ſempre de correſponder da minha „ parte à grande confiança deſte cargo, e do „ tempo, e conjunçaõ, em que me foy entregue, „ atalhando quanto em mim foy poſſivel as oc- „ caſiões de trabalhos, e perturbações taõ temi- „ das, e choradas nos Reynos, em que os Prin- „ cipes ficaõ de taõ pouca idade; e ſem buſcar „ exemplos em Reynos eſtranhos alcancey, que „ nos de Caſtella, e Portugal foraõ entre outras „ menores ſete cauſas as principaes, com que os „ Ayos, e Guardas dos Principes os deſemcami- „ nharaõ a elles, e perturbaraõ a paz, e quie- „ taçaõ do povo, e cauſaraõ diſcordias, e mor- „ tes entre a Nobreza; a todas as quaes procu- „ rey o remedio em mim proprio, cortando pe- „ lo poder, e authoridade licitos a meu cargo, „ tudo o que podia de algum modo inclinar a „ eſtes taes extremos.

„ A primeira cauſa de males publicos, e „ fundamento de valias, e privanças particulares „ foy criarem os Principes em deſamor, e pou- „ ca obediencia de ſeus parentes, perſuadindo-os, que

,, que o verdadeiro modo de reynar consistia em
,, naõ reconhecer sogeiçaõ a pessoa alguma : E
,, que o respeito de mãys, tias, e avós, e mais
,, pessoas de sangue he hum certo genero de cativei-
,, ro, e indigno da grandeza, e liberdade Real; por-
,, que em quanto com esta arte alienaõ a von-
,, tade delRey daquelles, que por razaõ da sua
,, grandeza o podem com authoridade aconselhar
,, nas cousas, o trazem com mais afrontoso ca-
,, tiveiro sogeito aos seus intentos, e proveitos
,, particulares. Deste extremo taõ perigoso está
,, ElRey nosso Senhor taõ fóra como a experi-
,, encia tem mostrado a Vossas Altezas, a cuja
,, obediencia, e conselho o criey sempre taõ so-
,, geito, que nunca me ouvio tratar das grande-
,, zas do seu Estado, sem que juntamente enten-
,, desse, que as naõ tinha absolutas, mas subor-
,, dinadas ao parecer, e disposiçaõ de Vossas Al-
,, tezas; e sendo assim, que he authoridade des-
,, te cargo, que sirvo, e a largueza das commis-
,, sões, que se me tem dado, se extendem a pro-
,, hibir, e conceder a ElRey muitas cousas do
,, seu gosto, já mais lhas concedi, ou neguey,
,, sem mostrar, que consultava primeiro à Rai-
,, nha nossa Senhora; porque alegrando-se com
,, a licença, e liberdade tivesse conhecimento,
,, agradecimento, e amor, a quem lha dava, e
,, atalhando-se os excessos de seu appetite, reco-
,, nhecesse, e venerasse quem o podia mandar.

A se-

„ A ſegunda cauſa, que deſterrou ſempre
„ a paz dos Reynos, e alterou a Nobreza del-
„ les foy quererem-ſe os Ayos ſuſtentar no fa-
„ vor, e graça dos Principes, apartando de ſua
„ communicaçaõ as peſſoas de Eſtado, valor, e con-
„ ſelho, occupando os lugares principaes de ſeu
„ ſerviço com ſeus parentes, e amigos, que at-
„ tentos a louvar o governo, e felicidade de quem
„ os accreſcenta, e vituperar os de quem ſe re-
„ ceaõ, ſervem de humas eſpias ordinarias das
„ acções, penſamentos, e palavras do Principe,
„ e dos que fallaõ com elle, atalhando os cami-
„ nhos todos por onde lhe póde chegar a ver-
„ dade, e deſengano do Eſtado, em que vive.
„ Neſte caſo, como taõ perigoſo me portey, e
„ houve de modo, que nunca pedi cargo, nem
„ officio para parente meu, poſto que a muitos
„ delles por capazes, e benemeritos, ſe podiaõ
„ dar alguns, que ſolicitey para eſtranhos; e ſe
„ alguns por eleiçaõ de Voſſas Altezas entraraõ
„ na guarda, e ſerviço delRey, naõ foy por
„ negociaçaõ, nem induſtria minha. Nem eu
„ (podendo bem fazello) os aventajey nunca aos
„ mais da guarda, communicaçaõ, e ſerviço del-
„ Rey noſſo Senhor; mas com huma igualdade
„ commua a todos, aſſiſtiaõ ſempre ao que lhes
„ tocava, evitando com iſto o penſamento, que
„ podiaõ ter de valerem mais por minha via, e
„ a queixa dos outros Fidalgos, quando pela meſ-
ma

„ ma ſe viſſem menos favorecidos. E a ElRey
„ perſuado ſempre, que à imitaçaõ de Deos ſe-
„ ja no amor, e favores igual, e indifferente a
„ todos os ſeus: E que ſó tenhaõ melhoria ante
„ elle os que ſe aventajaſſem em virtudes, e me-
„ recimentos proprios.

„ O terceiro fundamento de diſcordia foy
„ a cobiça, e grande ambiçaõ dos que tem os
„ Principes em ſeu poder, que uſando mal da
„ conjunçaõ do tempo, e daquella vontade ſo-
„ geita pela creaçaõ, e pouca experiencia a tu-
„ do, o que pedem, e lhe aconſelhaõ, coſtu-
„ maõ accreſcentar ſuas caſas, e peſſoas com
„ eſtados, e titulos, e rendas, que as mais das
„ vezes ou ſe tiraõ a quem melhor as tem me-
„ recido, ou ao patrimonio Real, que conſide-
„ raõ pobre para merecimentos alheos, e muy
„ rico para os ſeus proprios. De meu procedi-
„ mento neſte particular dá bom teſtemunho o
„ eſtado da minha fazenda, a que depois, que
„ entrey neſte cargo, ſe naõ accreſcentou cou-
„ ſa alguma, e me acho no fim do ſerviço, e
„ idade taõ pobre, como entrey nelle; naõ que
„ deſconheça com iſto a vontade, que em El-
„ Rey noſſo Senhor, e Voſſas Altezas achey
„ muitas vezes para o meu accreſcentamento, e
„ de meus filhos, mas quiz guardar eſtas merces
„ para tempo, que entregue ElRey noſſo Senhor
„ do governo dos ſeus Eſtados, e livre da mi-
nha

„ nha guarda, e adminiſtraçaõ ſe veja, que naſ-
„ cem todas mais do ſeu animo, e vontade, que
„ de minha cobiça, e negociaçaõ.

„ O quarto fundamento, que muitos to-
„ maraõ para accreſcentar a ſua eſtimaçaõ, e va-
„ lia foy apartarem os Principes da affabilidade,
„ e communicaçaõ dos ſeus Vaſſallos, em par-
„ ticular dos Nobres, perſuadindo-lhes, que a
„ verdadeira grandeza conſiſte em dar pouca par-
„ te de ſi ao povo, e accreſcentar com ſeveri-
„ dade o reſpeito, e veneraçaõ propria da Ma-
„ geſtade Real, que nunca he bem reſpeitada,
„ ſem ſer em alguma maneira temida; attenden-
„ do niſto a converter em ſi a graça, e favor
„ popular, que tiraõ ao Principe em quanto (co-
„ mo Internuncios) daõ repoſtas, e diſpenſaõ
„ merces, que os Reys houveraõ de fazer por
„ ſi meſmos. Deſte mal taõ nocivo, e prejudi-
„ cial para quem ha de ſenhorear animos Portu-
„ guezes, em que podem mais os favores dos
„ Principes, que todos os intereſſes da vida, tra-
„ balhey por apartar a Sua Alteza tanto com
„ mayor cuidado, quanto mais conheci ſempre
„ em ſeu animo huma grandeza, e penſamentos
„ altivos, moſtrando-lhe com vivas razões, que
„ a propriedade, e forças dos ſeus Reynos, e
„ conſervaçaõ da ſua Coroa conſiſtia no bom
„ tratamento dos Nobres de Portugal.

„ O quinto defeito de Ayos, que com evi-
dencia

,, dencia ſe deixa conhecer nas peſſoas dos Prin-
,, cipes he em tudo contrapoſto ao inconvenien-
,, te paſſado , em quanto com affabilidade , ou
,, familiaridade , e continua converſaçaõ dos Re-
,, ys com as licenças da ſua pouca idade , deſ-
,, cuidando-ſe nas ceremonias , e tratamento da
,, Mageſtade Real em fórma , que de deſcuida-
,, dos quando mayores da gravidade , e termos
,, neceſſarios à ſua grandeza , ou faltaõ nellas em
,, occaſiões , e tempos devidos , ou as uſaõ im-
,, propriamente , e como empreſtados ; erros , que
,, coſtumaõ cauſar deſeſtimaçaõ , e pouco reſpei-
,, to do Principe no animo de ſeus Vaſſallos. So-
,, bre o que me deſveley de maneira , que antes
,, que ElRey noſſo Senhor chegar ao perfeito
,, uſo da razaõ , e depois velando , e dormindo
,, ſó , e acompanhado , o tratey , e venerey ſem-
,, pre com as ſalvas , e ceremonias , que fizera
,, a ElRey ſeu Avô , ſe fora vivo , attendendo
,, naõ ſó a crear hum Principe de coſtumes cor-
,, reſpondentes ao ſeu Eſtado , mas a enſinar com
,, meu exemplo aos Fidalgos da ſua creaçaõ , que
,, naõ viraõ a Mageſtade dos Reys paſſados , a
,, ſubmiſſaõ , e reſpeito , com que ſempre foraõ
,, venerados os Reys Portuguezes.

,, A ſexta cauſa de males publicos conſiſte
,, em inclinarem aos Principes com demaſia a
,, exercicios de guerras , caça , jogos , e feſtas ,
,, e outros , que em medianía ſaõ virtudes , e nos

„ extremos vicios ; porque em quanto os Reys
„ occupados em qualquer delles a que ſeu natu-
„ ral mais os inclina ſe deſcuidaõ do Eſtado, e
„ governo politico, para que poſſaõ os que aſ-
„ ſim os tem em ſeu poder, meter maõ com
„ mayor liberdade no regimento do Reyno, e
„ avocar a ſi tudo aquillo, que os Principes deſ-
„ amparaõ, como a experiencia me tem moſtra-
„ do na grande vehemencia, com que ElRey
„ noſſo Senhor aprehende qualquer couſa a que
„ o inclinaõ; e como em tudo aquillo, que co-
„ meça, buſca logo extremos, trabalhey naõ ſó
„ de o apartar de vicios, que em ſua natureza
„ os naõ ha, mas de temperar, e dar modo em
„ ſeu animo às virtudes, porque poſtas no ex-
„ tremo naõ venhaõ a perder ſua natureza, e
„ compornos hum Rey vicioſo por exceſſo de
„ virtude; que erros na inclinaçaõ delRey nun-
„ ca acharaõ lugar, ſe naõ com pretextos de
„ bons intentos, que excedaõ a medianía, e
„ igualdade neceſſaria a quem ha de reynar.

„ De inclinar o animo Real, ou inclinado
„ naturalmente lhe permittir coſtumes vicioſos,
„ que he a ſetima, e mais propinqua cauſa de
„ ſua perdiçaõ, por onde alguns abriraõ illicito
„ caminho à ſua privança, naõ trato, porque
„ nem o ſogeito, e Real natureza deſte Princi-
„ pe he capaz delle, nem juſto, que eu perten-
„ da louvor dos erros, que naõ commetti, quan-
do

„ do attenta a obrigaçaõ da minha peſſoa, e car-
„ go, ainda pelas virtudes ſe me naõ devem gra-
„ ças: aſſim que mediante o bom natural, que
„ Deos foy ſervido dar a Sua Alteza, e alguma
„ pouca induſtria, que puz para o apartar dos
„ inconvenientes referidos, tem Portugal the o
„ preſente hum Principe de claro, e maravilho-
„ ſo entendimento, temeroſo de Deos, e por
„ extremo zeloſo da exaltaçaõ da Fé Catholica,
„ de animo liberal, inclinado à miſericordia, de-
„ ſejoſo de fama, e nome honroſo, e de taõ
„ grandes penſamentos, que medidos com ſeu
„ Eſtado parecem naſcidos para mayores Im-
„ perios; e finalmente tal, que ſe eſtas perfei-
„ ções naõ ſubirem a grande extremo, ou novas
„ communicações o naõ mudarem pelo diſcurſo
„ do tempo, do eſtado, em que o temos ago-
„ ra, gozará Portugal do mais excellente Prin-
„ cipe, que teve de muitos a eſta parte.

„ Tudo o qual me pareceo juſto conferir
„ com Voſſas Altezas, naõ por querer agrade-
„ cimentos, ou ſatisfaçaõ de cumprir com o que
„ devia, nem por imaginar, que alguma couſa
„ deſtas lhe ſeja occulta; mas como com as li-
„ ções, e novos exercicios de Eſtado ha de ter
„ ElRey noſſo Senhor mais communicaçaõ, que
„ a minha, de que ſe lhe póde ſeguir affeiçaõ,
„ que o guie por differente caminho, do que lhe
„ eu tenho moſtrado, quiz fazer a Voſſas Alte-

„ zas eſta lembrança, e pedirlhe, que attendaõ
„ ao eſtado, em que de preſente temos a El-
„ Rey para ſe medir com o do tempo ao dian-
„ te, que duvido ſer taõ melhorado em tudo,
„ quanto a capacidade, e mayor conhecimento
„ das couſas ſaõ aventajadas em Sua Alteza; do
„ qual aſſim como naõ he juſto, que uſurpe eu
„ a gloria, ſendo o fruto de trabalho, e indul-
„ tria alheya, aſſim naõ queria, que ſe me rou-
„ baſſe a que mereci com tanta vigilancia, e tra-
„ balho do penſamento, que naõ he taõ peque-
„ na honra por igual a qualquer das que herdey
„ de meus antepaſſados; e como muito minha
„ idade acompanhada de algumas indiſpoſições
„ naõ daõ lugar a taõ continua aſſiſtencia, co-
„ mo até agora fiz com a peſſoa delRey noſſo
„ Senhor, he juſto, que Voſſas Altezas ſupraõ
„ com o ſeu cuidado onde naõ abranger o meu,
„ e ajudem a ſuſtentar a Portugal hum Principe
„ ornado de partes taõ merecedoras do Imperio,
„ porque ſe naõ perca em poucos dias o traba-
„ lho de muitos annos, e chorem os ſeus Vaſ-
„ ſallos para ſempre a mudança de taõ excellen-
„ te natural, onde os mayores vicios tememos
„ que venhaõ a ſer os exceſſos de virtude.

167 Differentes foraõ os effeitos, que pro-
duzio eſte diſcurſo em os animos da Rainha, e
do Cardeal, pois ponderando aquella Princeza
a profundidade das razões, de que uſara D. Alei-
xo

xo de Menezes, e do prudente receyo, com que antevia as calamidades, que havia padecer a Monarchia, teſtemunhou com lagrimas o ſentimento, que recebera com aquella narraçaõ, principalmente conſiderando o fundamento, com que huma peſſoa taõ grave, e zeloſa, como era D. Aleixo, ſe movera a proferilla na ſua preſença. Pelo contrario o Cardeal como author principal da eleiçaõ do Confeſſor, vendo, que de algum modo ſe contrariava ao acerto della, ficou ſuſpenſo, e turbado, eſperando que a Rainha reſpondeſſe; a qual depois de enxugar as lagrimas diſſe a D. Aleixo: Que naõ lhe gratificava a fidelidade, e deſvelo, que tinha applicado na boa educaçaõ de ſeu Neto, porque julgava todos os elogios inferiores ao ſeu merecimento; ſendo os eſtimulos, que o obrigaraõ a exercitar aquelle miniſterio, naõ ſómente o explendor do ſeu ſangue, mas a confiança, que delle fizera ſeu auguſto Eſpoſo nomeando-o por Ayo, e Guarda de ſeu Neto, preferindo-o a todos os mais Cavalheros, que havia no Reyno, os quaes aſſim por naſcimento, como por capacidade eraõ dignos daquella incumbencia, cuja nomeaçaõ fora approvada por ella, e o Cardeal ſeu irmaõ: Que naõ era ſeu intento diminuir a authoridade do ſeu lugar com o novo Confeſſor, que ſe dava a ElRey; antes lhe encommendava, que foſſe mayor a ſua vigilancia aſſim na materia das lições

Repoſta, com que a Rainha, e o Cardeal louvaraõ a fidelidade de D. Aleixo de Menezes.

lições, como das praticas, querendo, que o tempo, que ſe gaſtaſſe nellas, foſſe regulado pela ſua direçaõ: Ultimamente lhe pedia, que ſe até aquelle tempo ſe tinha deſvelado na educaçaõ de ſeu Neto, a continuaſſe com mayor cuidado, inſtruindo-o com aquellas maximas, de que o entendimento ſe fazia mais capaz com o progreſſo da idade.

168 Acabava a Rainha de proferir eſtas palavras em louvor de D. Aleixo de Menezes, quando começou o Cardeal a proſeguir a meſma materia, dizendo: Que ſempre conhecera o zelo, e fidelidade, com que correſpondera à obrigaçaõ do ſeu naſcimento na Catholica educaçaõ, que tinha dado a ElRey ſeu Senhor, eſperando, que com o meſmo affecto a continuaria acompanhado do Confeſſor, que ſe lhe dera, o qual ſendo filho de huma Religiaõ taõ exemplar promettia ſobre os fundamentos, que elle tinha lançado, ſahiria ElRey ornado de todas as virtudes moraes, e politicas, que conſtituiſſem hum perfeito Monarcha. No fim deſtas palavras ſe deſpedio a Rainha conſervando ainda no ſemblante a triſteza, com que ouvira a D. Aleixo, a quem ao apartarſe, diſſe: Que novamente lhe agradecia o zelo, e muito mais a opportunidade do tempo, que elegera para proferir aquelle diſcurſo, com que ſe tinhaõ augmentado os ſeus temores; mas que a guarda do corpo de ſeu Neto

to lha entregava com mayor authoridade, ſe pudeſſe ſer: ao que lhe reſpondeo D. Aleixo: Que pouco importava a guarda do corpo, ſe a El-Rey o preverteſſem pelo caminho da alma com pretexto da conſciencia, e virtude. „ Façamos „ o que he em nós, (lhe reſpondeo a Rainha) „ e deixemos a Deos ſua parte, pois he quem „ diſpoem, e governa os corações dos Reys; e „ quando elle permitta, que pela via menos ima„ginada venha taõ grande calamidade ao Rey„no, naõ ſeremos participantes da culpa, já que „ o hajamos de ſer no conſentimento.

Notaveis palavras da Rainha.

CAPITULO XXIII.

Manda D. Sebaſtiaõ a D. Franciſco de Portugal, ſeu Eſtribeiro mór, congratular a Filippe Prudente pelo naſcimento de huma filha. Celébra Synodo Provincial em Braga o Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, onde por ordem do meſmo Monarcha aſſiſte D. Franciſco de Lima.

1566.

169 ASſiſtia Filippe Prudente no boſque de Balſaim, junto a Segovia, para com a amenidade do ſitio temperar o exceſſivo calor do Eſtio, quando em 12. de Agoſto lhe naſceo huma Infanta, com que ſe augmentou

Naſce huma Infanta a Filippe II.

Vanderham, Vida de Filippe Prud. fol. 117. *verſ.*
Cabrera, Hiſt. de Filip. II. liv. 6. *cap.* 22.

mentou mais o explendor da ſua auguſta Caſa. Impuzeraõ-lhe em o Bautiſmo os nomes de Iſabel Clara Eugenia, ſendo o primeiro em obſequio da Rainha ſua mãy, o ſegundo pelo dia, em que naſcera, e o terceiro pela devoçaõ, que a meſma Rainha ſempre tivera a Santo Eugenio, cujo corpo fora pela ſua piedoſa diligencia transferido da Abbadia de S. Diniz de França para a Cathedral de Toledo, de que fora o primeiro Arcebiſpo. Tanto que o noſſo Monarcha teve a noticia do naſcimento deſta Infanta, quiz augmentar o jubilo delRey de Caſtella com os parabens, que lhe mandou ſignificar por hum dos mais illuſtres Cavalheros, que tinha o Reyno. Era eſte D. Franciſco de Portugal, ſeu Eſtribeiro môr, e Commendador de Fronteira, filho ſegundo de D. Franciſco da Gama, ſegundo Conde da Vidigueira, e de D. Guiomar de Vilhena, filha de D. Franciſco de Portugal, primeiro Conde do Vimioſo. Recebida a inſtrucçaõ do ſeu Soberano partio para Caſtella em 16. de Setembro, e depois de praticar com o noſſo Embaixador Franciſco Pereira algumas materias, que levava recommendadas, chegou à preſença delRey Filippe, a quem elegantemente explicou o alvoroço, que o ſeu Principe recebera com o feliz naſcimento daquella Infanta, que havia ſer ambicioſamente pertendida para conſorte do mayor Monarcha da Europa. Naõ eſtimou menos Filip-

Parte D. Franciſco de Portugal para Caſtella.

Filippe os parabens, com que ſeu ſobrinho o congratulara, como a grande peſſoa, que elegera para conductor da carta, que lhe enviara, a qual era a ſeguinte.

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para Filippe II.

170 „ Sereniſſimo muito alto, e muito po„ deroſo Principe meu Tio. Eu mando D.Fran„ ciſco de Portugal meu Eſtribeiro môr para da „ minha parte vos viſitar, e dizer o grande con„ tentamento, que recebi do parto da Sereniſſi„ ma Rainha minha Tia. Affectuoſamente vos „ peço o queiraes ouvir, e darlhe inteiro credi„ to no que àcerca diſſo, e de outras algumas „ couſas vos diſſer da minha parte, e em muy „ ſingular prazer o receberey de vós. Sereniſſi„ mo muito alto, e muito poderoſo Principe Tio. „ Noſſo Senhor haja ſempre voſſa peſſoa, e Real „ Eſtado em ſua ſanta guarda. Eſcrita em Cin„ tra a 20. de Agoſto de 1566.

Celébra D. Fr. Bartholomeu dos Martyres em Braga Synodo.

Souſa, Vid. de D. Fr. Bart. dos Martyr, liv. 3. cap. 19.

171 Entre as mais illuſtres acções, com que o zelo Paſtoral de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebiſpo de Braga, acreditou a ſua memoria, foy a celebraçaõ do Synodo Provincial, que mandou promulgar em 23. de Junho deſte anno de 1566. As muitas occupações dirigidas em beneficio das ſuas ovelhas lhe tinhaõ impedido executar o ardente deſejo de celebrar o Synodo o anno paſſado, naõ ſómente por obedecer ao Decreto do Concilio de Trento, como por ſe ter celebrado na Cathedral de Lisboa a

5. de Junho pelo Cardeal D. Henrique, Arcebispo daquella Diocesi. Restituído a Braga convocou para esta funçaõ os seus Bispos Suffraganeos, quaes eraõ D. Fr. Joaõ Soares, Bispo de Coimbra, D. Gonçalo Pinheiro, Bispo do Porto, e D. Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda, naõ assistindo o de Viseu por estar vaga a Cadeira. Em o celebre dia de 8. de Setembro, dedicado ao Nascimento da Mãy de Deos, se principiou o Synodo em a Cathedral, onde assistiraõ os Prelados, que foraõ convocados com o Cabido da Igreja Primacial, e todos os Parochos sogeitos à jurisdicçaõ de taõ vasta Metropoli. A este douto, e numeroso Congresso expoz o Arcebispo com aquelle zelo, e efficacia, de que tinha dado tantas provas em outro mais veneravel, qual foy o de Trento, a necessidade, que havia para que os Ministros do Santuario de Christo se conservassem puros, e illesos da menor mancha, servindo com a exacta observancia dos preceitos Divinos de espelhos claros, aonde os seculares compuzessem as suas acções. Em cinco Actas, que duraraõ por espaço de oito mezes, se estabeleceraõ neste Synodo saudaveis Constituições para extinçaõ dos abusos, refórma dos costumes, administraçaõ dos Sacramentos, e observancia dos Decretos do Concilio Tridentino, admirando-se em todos elles igualmente o zelo Pastoral, como a profunda sciencia do Veneravel Arcebispo.

Prelados, que nelle assistiraõ.
Cunha, Catal. dos Bisp. do Port. part. 2. cap. 36.

Naõ

172 Naõ permittio a piedade delRey D. Sebastiaõ, que se celebrasse este Synodo, sem que a sua Real pessoa tambem nelle assistisse; e como o naõ pode executar pessoalmente, nomeou a D. Joaõ de Lima, Bisconde de Villa-Nova de Cerveira, para que em seu nome estivesse presente àquelle Congresso, onde zelaria mais os interesses da Religiaõ, que da sua propria Coroa. Semelhante commissaõ tinha dado o anno passado a D. Joaõ Mascarenhas para assistir no Synodo, que o Cardeal D. Henrique celebrou em 5. de Junho na Cathedral de Lisboa, de que era Arcebispo. A procuraçaõ, que ElRey deu a D. Joaõ de Lima era a seguinte.

Nomea ElRey D. Sebastiaõ a D. Joaõ de Lima para assistir no Synodo de Braga.

„ D. Sebastiaõ por graça de Deos Rey de „ Portugal, e dos Algarves, &c. Aos que es„ ta carta de poder virem, faço saber, que con„ siderando eu o Santo, e Catholico zelo, com „ que os Reys destes Reynos meus antecessores „ assistiraõ sempre ajudando com o favor da ju„ risdicçaõ Real as cousas tocantes à gloria, e „ louvor de Nosso Senhor, exaltaçaõ da sua San„ ta Fé, e uniaõ da Igreja Catholica, e assi a „ particular obrigaçaõ, que eu tenho de prover „ como nestes meus Reynos se conserve, e com „ a ajuda de Nosso Senhor augmente a Christan„ dade nelles, especialmente nestes tempos, em „ que por causa de tantas heresias está em graõ „ parte corrompida, e depravada a sinceridade,

Procuraçaõ delRey.

 e pu-

,, e pureza antigua da Religiaõ Chriſtãa. Pelo
,, que encommendey aos Prelados dos meus Rey-
,, nos, e particularmente ao Reverendo em Chriſ-
,, to Padre Arcebiſpo de Braga, Primaz de Heſ-
,, panha, do meu Conſelho, que conformando-
,, ſe com os Decretos do Santo, e univerſal Con-
,, cilio Tridentino convocaſſe, e ajuntaſſe Con-
,, cilio Provincial para ſe nelle haver de tratar,
,, e prover em algumas materias Eccleſiaſticas,
,, e que tocaõ ao bom governo, e regimento da
,, Igreja, e reformaçaõ dos abuſos della; e pa-
,, ra que iſto melhor pudeſſe haver effecto, me
,, aprouve, que em meu nome aſſiſtiſſe huma
,, peſſoa ao dito Concilio: e por confiar de D.
,, Joaõ de Lima, Biſconde de Villa-Nova de
,, Cerveira, do meu Conſelho, que niſſo fará o
,, que convem ao ſerviço de Noſſo Senhor, e
,, meu, houve por bem de o nomear, e por eſ-
,, ta lhe dou poder, e authoridade para nelle eſ-
,, tar, e aſſiſtir por mim, e em meu nome, e
,, fazer, e procurar tudo aquillo, que lhe pare-
,, cer que convem à honra, e proveito da San-
,, ta Igreja Catholica, e meu, e de meus Rey-
,, nos. Dada na Cidade de Lisboa a 20. dias
,, do mez de Dezembro. Pantaleaõ Rabello a
,, fez anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Je-
,, ſu Chriſto de 1566. O Cardeal Infante.

173 A carta, que o meſmo Monarcha man-
dou para eſte effeito da celebraçaõ do Synodo
em

em Braga ao Arcebiſpo Primaz, e aos Biſpos nelle aſſiſtentes, era a ſeguinte.

Carta delRey para o Arcebiſpo de Braga, e Biſpos Suffraganeos aſſiſtentes no Synodo.

„ Reverendo em Chriſto Padre Arcebiſpo „ Primaz amigo, e Reverendos Biſpos amigos. „ Eu ElRey vos envio muito ſaudar. Conſide- „ rando eu o Santo, e Catholico zelo com que „ os Reys deſtes Reynos meus anteceſſores aſ- „ ſiſtiraõ ſempre ajudando com o favor da juriſ- „ dicçaõ Real as couſas tocantes à gloria, e lou- „ vor de Noſſo Senhor, e exaltaçaõ da ſua San- „ ta Fé, e uniaõ da Igreja Catholica, pareceu- „ me dever mandar peſſoa minha, que em meu „ nome aſſiſtiſſe no Concilio, que ſe ora celé- „ bra neſſa Cidade: e confiando eu das qualida- „ des, e muita prudencia de D. Joaõ de Lima, „ Biſconde de Villa-Nova de Cerveira, o nome- „ yo por meu Procurador para eſte caſo, como „ vereis pelo poder meu, que vos moſtrará; de „ que vos quiz aviſar por eſta, para que tenhaes „ diſſo o contentamento, e com o dito D. Joaõ „ communicareis tudo o que for neceſſario. Eſ- „ crita em Almeirim a 31. de Janeiro de 1567.

174 Com ſingulares expreſſões agradeceo a ElRey D. Joaõ de Lima a eleiçaõ, que fizera do ſeu talento para repreſentar em hum taõ grave, e authorizado Congreſſo a ſua Real peſſoa; mas allegando, que o numero dos annos, e dos achaques lhe impoſſibilitavaõ executar aquella ordem, nomeou ElRey a ſeu filho D. Franciſco

Elege ElRey a D. Franciſco de Lima para aſſiſtir no Synodo.

de

de Lima, o qual aſſiſtindo no Synodo o informou de tudo quanto nelle obrara por eſta carta.

Carta de D. Franciſco de Lima para ElRey, copiada do Original, que ſe conſerva na Torre do Tombo no Almar. 15. Maſſo 12.

„ Senhor. Receby a carta de V. A. aos
„ vinte e dous de Março como lhe já eſcrevi,
„ e logo me fiz preſtes para hir a Braga aſſiſtir
„ ao Concilio Provincial, e hinda que naõ foy
„ com tanta brevidade como quizera, porque co-
„ mo dizia a V. A. os dias, que ſe ſeguiaõ tra-
„ ziaõ algum pequeno impedimento, toda via
„ fuy aos oito de Abril, e achey aos Prelados
„ determinados de fazerem a ultima ſeſſaõ aos
„ dez; e por me parecer, que cumpriria ao ſer-
„ viço de V. A. dilatarſe athe haver tempo pa-
„ ra eu poder ver o que tinhaõ feito, e o que
„ eſtava por publicar, poſto que mo moſtraſſem
„ foy taõ brevemente, que me naõ ſatisfiz: in-
„ ſiſti com elles, que naõ ſe déſſe tamanha preſſa
„ em couſa, que parecia que requeria vagar, e
„ deliberaçaõ, a elles lhe naõ pareceo aſſy, e com
„ tudo a pubricarão, e porque entendy, que de
„ ter niſſo outro modo V. A. naõ ſeria bem ſer-
„ vido deſimuley o que fizeraõ com eſta proteſ-
„ taçaõ, que envio a V. A. polla qual fica ſal-
„ vo, e inteiro o Decreto de V. A. e o trata-
„ mento dos ſeus aſſiſtentes: pedilhes a copia do
„ Concilio, como ma derem apreſentarey a V.
„ A. Noſſo Senhor a vida, e real eſtado acreſ-
„ cente por tantos annos como todos ſeus Vaſ-
ſallos

„ ſallos deſejamos. De Braga a quatorze de Abril „ de mil quinhentos ſeſſenta e ſete. Beijo as mãos „ a V. A. Dom Franciſco de Lima.

175 Foy eſte o quarto Concilio Provincial, que ſe celebrou em Braga dos que correm impreſſos, e ſe concluîo em 10. de Abril de 1567. cujos Decretos foraõ remettidos pelo Arcebiſpo Primaz a Roma; e ainda que foraõ fortemente contrariados pelos Procuradores aſſim delRey, como de todo o Clero Bracharenſe, ſe approvaraõ, e confirmaraõ por diligencia do Cardeal Alexandrino, triunfando ſempre a jurisdiçaõ Eccleſiaſtica, e a Paſtoral vigilancia de D.Fr.Bartholomeu dos Martyres em beneficio das ovelhas, que lhe foraõ commettidas.

Approvaõ-ſe em Roma as deciſões do Concilio de Braga. *Souſa, Vid. de D. Fr. Bart. dos Mart. liv. 3. cap. 22.*

CAPITULO XXIV.

He violentamente invadida, e entrada a Ilha da Madeira por huma Armada de Coſſarios Francezes, conduzidos pela perfida induſtria de Gaſpar Caldeira, e das crueis hoſtilidades, que executaraõ na Capital da meſma Ilha.

1566.

176 AInda naõ tinhaõ enxugado os moradores da Ilha de S. Miguel as lagrimas pelo horrendo caſtigo, com que ſe lamentaraõ primeiro ſepultados, do que mortos, quando

quando os habitadores da Ilha da Madeira começaraõ a experimentar ſemelhante, ou mayor fatalidade, de que foy inſtrumento o perfido animo de Gaſpar Caldeira, natural de Tangere, que fora Moço da Camera do Cardeal D. Henrique. Tinha eſte Principe prohibido a todas as peſſoas, que foſſem commerciar à Coſta da Mina, que naõ pudeſſem trazer ouro daquella Colonia; e para que eſta ley foſſe exactamente obſervada, ordenou, que todo o ouro, que foſſe achado em poder dos tranſgreſſores della, foſſe logo confiſcado para a Coroa. O primeiro, que experimentou eſta pena, foy Gaſpar Caldeira, que entendendo por ter ſido criado do Legislador naõ ſeria comprehendido na ſua obſervancia, voltava para o Reyno com o ouro, que a ſua induſtria juntara em todo o tempo, que aſſiſtio naquella Colonia; mas brevemente ficou deſenganado da ſua falſa eſperança, ſendo deſpojado delle por Paulo de Oliveira, a quem o Cardeal Infante commetteo a axecuçaõ da pena comminada na ley, que promulgara. Tanto que Gaſpar Caldeira ſe vio ſem o ouro, que com ſummo trabalho adquirira, arrebatado de huma cega paixaõ ſe auſentou do Reyno, com Antonio Luiz, e Belchior Contreiras, inſigne piloto, e começou a machinar o modo com que poderia ſatisfazer a colera, que lhe ardia no peito, concebida pela perda do ſeu cabedal; e porque o Cardeal

Quem foy Gaſpar Caldeira.

Hiſt. de Var. illuſt. do Appellid. de Tavor. pag. 205.

Auſenta-ſe do Reyno.

Cardeal Infante expedio ordens, para que todos os fugitivos do Reyno pela causa desta confiscação se podiaõ restituir a elle segurando-lhe as vidas, e liberdades; naõ quiz Gaspar Caldeira obedecer a esta ordem, antes mais contumaz, e enfurecido contra os seus naturaes andava investigando com grande desvelo quem fosse o instrumento da sua vingança, até que vagando por varias terras, e discorrendo diversos mares, se encontròu com huma Armada de cossarios Francezes, a quem descobrio a perfidia do seu coraçaõ, declarando-lhes, que se queriaõ sem dispendio de sangue alcançar huma preciosa preza, com que ficasse abundantemente saciada a sua cubiça, a tinhaõ diante dos olhos, qual era a Ilha da Madeira, pois sabia estar taõ opulenta de todo o genero de riquezas, e mantimentos, como exhausta de armas, e Soldados, que lhe difficultassem o desembarque; por cuja causa todo o tempo, que interpuzessem na execuçaõ desta proposta, se privavaõ da posse de tantas riquezas. Naõ foraõ necessarias mais razões aos Cossarios, em cujos corações dominava a ambiçaõ, para que promptos, e alegres naõ cressem as persuasões de Gaspar Caldeira, que como taõ pratico naquelle paiz se offereceo para ser conductor dos seus passos.

Persuade a huns Cossarios a invasaõ da Ilha da Madeira.

177 Governava neste tempo a Ilha da Madeira Francisco Gonçalves da Camera em lugar

Francisco Gonçalves da Camera, Governador da Ilhas

de ſeu tio Simaõ Gonçalves da Camera, primeiro Conde da Calheta, que com o Biſpo do Funchal D. Fr. Jorge de Lemos ſe achava auſente no Reyno, o qual totalmente ignorava o perigo, que ameaçava a todos os moradores daquella Ilha. Succedeo, que no dia antecedente ao deſembarque ſahiſſe do porto da Ilha da Santa Cruz Diogo Peſtana com outras peſſoas para a Ilha do Porto Santo, e chegando brevemente a ella, naõ ſómente deſcobrio oito naos ancoradas no ſeu porto, mas que junto da Igreja ardiaõ duas caſas, de que aſſombrado com aquella novidade logo entendeo ſerem as naos de Coſſarios, e ordenou ao Arrays do barco, que o lançaſſe em huma ponta mais occulta, que eſtava de traz da Ilha, porque queria ver a ſua determinaçaõ ſem que foſſe viſto dos inimigos. O Arrays depois de ter lançado em terra a Diogo Peſtana, e ſeus companheiros, deu volta por Santa Cruz para aviſar o que tinha viſto, quando ſendo deſcuberto pelos Francezes deſpediraõ com ſumma ligeireza huma lancha chea de gente armada com ordem, que foſſe perſeguindo o barco, mas por mais arcabuzadas, que lhe tiraraõ, nunca puderaõ offendello, pois com a véla deſpedaçada dos tiros, ſe ſalvaraõ os que dentro nelle hiaõ, e chegando a noite, logo aviſaraõ a Thomé Alvares, Capitaõ mór das duas Villas de Santa Cruz, e Machico, do que tinhaõ viſto; e

Diogo Peſtana deſcobre a Armada dos Coſſarios.

ponde-

ponderando o Capitaõ mòr o perigo, que haveria na tardança, mandou com toda a brevidade huma carta, em que expunha a Francisco Gonçalves da Camera o designio dos Francezes, e sendo-lhe entregue às dez horas da noite, lhe respondeo pela manhãa, parecendo-lhe, que naõ era taõ imminente o perigo, de cuja frouxidaõ, e culpavel inercia procedeo a principal causa dos estragos, que padeceraõ os moradores da Ilha. Ao mesmo tempo avisou Thomé Alvares a Francisco Leomelim, morador no porto do Sexo, e a Antonio de Freitas, que fossem logo a Machico, e applicassem todo o cuidado na defensa daquella Villa, e que tanto que estivessem preparados os estava esperando para que unidos fizessem mais forte resistencia ao inimigo. Ao aviso correspondeo o desvelo, pois em toda aquella noite concorreo toda a gente sem distinçaõ de sexo, ou idade a conduzir pedras, traves, pipas, e outros materiaes, com que se levantaraõ trincheiras para impedir a entrada da Villa.

Avisa Thomé Alvares ao Governador da Ilha do designio dos Cossarios.

178 Ao dia seguinte, que se contava 3. de Outubro deste anno de 1566. às nove horas da manhãa começaraõ apparecer os oito navios pela ponta de S. Lourenço navegando com vento fresco, infiados huns diante dos outros, e imaginando o Capitaõ Thomé Alvares, que os inimigos vinhaõ sobre Machico, animou a gente, que governava, para valerosamente defenderem os postos,

Eman. Constant. Insulæ Mater. Histor. pag. 31.

Apparecem os inimigos à vista de Machico, e como se prepararaõ os seus moradores.

poſtos, por onde podiaõ fazer o deſembarque; porém os navios favorecidos do Nordeſte paſſaraõ à viſta de Machico, e tanto que a noſſa gente vio, que elles naõ acometiaõ aquella Villa, foraõ marchando para deſcobrir fóra da Ladeira alta, que caminha para Santa Cruz, a parte, por onde dirigiaõ os Francezes a ſua jornada. Paſſaraõ elles bem apartados do porto de Santa Cruz ſem algum ſinal de tomarem terra em toda aquella coſtà, por navegarem muito ao largo; mas buſcando em direitura a ponta do Garapao, diſtante meya legoa da Cidade do Funchal, Capital de toda a Ilha da Madeira, puzeraõ as proas direitas à Cidade com determinaçaõ de ſaltarem nella, o que ſendo obſervado pelos moradores de Santa Cruz, ſe perſuadiràõ ſer naos Portuguezas, que navegavaõ para S. Thomé, ou Braſil, aſſentando, que fora illuſaõ dos olhos do Arrays o incendio das caſas, que affirmara ter viſto no Porto Santo, porque ſe aquellas naos foraõ inimigas, como elle dizia, nunca haviaõ entrar na bahia daquella Cidade. Neſte tempo ſe deſcobriraõ as oito naos, que eraõ de alto bordo, e vindo direitas ao porto com carreira de o querer tomar, chegando a tiro de bombarda tornaraõ a pôr as proas mais ao mar para botar por fóra dos Ilheos, uſando deſte ardil para que achaſſem menos prevenida a gente da terra. Aſſiſtia dentro da Fortaleza o Capitaõ mòr com outros Fidal-

Diverſos movimentos dos inimigos para conſeguirem o deſembarque.

Fidalgos, a quem o Condeſtavel da artilharia, que era muito ſciente neſta arte, diſſe lhe pareciaõ aquellas naos ſerem de inimigos, e pedio licença para com hum tiro lançar huma ao fundo; ao que lhe reſpondeo o Capitaõ o naõ executaſſe por ſer ordem expreſſa delRey, que ſe naõ atiraſſe a nao, que paſſava, mas que diſparaſſe vagamente hum tiro para ver ſe reſpondiaõ com ſalva. Obedeceo o Condeſtavel, e diſparando o tiro, nenhuma das naos reſpondeo, mas ſe começaraõ apartar humas das outras. Vendo iſto o Condeſtavel, ſupplicou novamente ao Capitaõ, que lhe déſſe faculdade para atirar, pois bem ſe via ſerem as naos de má fé, o que naõ quiz conſentir o Capitaõ, ordenando-lhe por Luiz da Guarda o naõ fizeſſe, ſendo eſte o primeiro homem, que ao entrar os Francezes no baluarte ſaltando delle perdeo a vida. Eſtavaõ ſurtas no porto tres naos, huma que hia para S. Thomé, e duas para o Braſil com huma caravéla de Setuval, que eſtava de partida para o Reyno, todas guarnecidas de muita, e valeroſa gente, cujos Capitães pediraõ a Franciſco Gonçalves da Camera, que ſe naõ tinha armas baſtantes para ſe opporem aos inimigos, que elles as dariaõ, offerecendo juntamente ſuas peſſoas, e vidas para tudo que foſſe do ſerviço delRey ſeu Senhor. O Capitaõ mór lhes agradeceo a offerta, ſegurando-lhe, que a aceitaria quando a neceſſidade a pediſſe.

Paſſa-

179 Passaraõ as naos inimigas abaixo dos Ilheos, e navegando placidamente até a Praya Fermosa, distante huma legoa da Cidade, por ser surgidouro capaz de muitas embarcações, lançaraõ nelle ferro, e amparados os Francezes dos navios, que no mesmo porto estavaõ ancorados, se meteraõ em lanchas, e saltaraõ em terra novecentos arcabuzeiros distribuidos em companhias, a quem ordenaraõ os Officiaes, que poucos a poucos fossem subindo por huma das ladeiras daquelle valle. Era General dos inimigos Monsieur de Moluc Gascaõ, mancebo muito alentado, e observando, que sobre aquelle lugar vinha concorrendo a nossa Soldadesca, lançou com brevidade o resto da sua. Os nossos tanto que chegaraõ ao fim do valle, como vissem a furia, com que os Francezes marchavaõ, occupados de hum repentino pavor, lhe serviaõ as armas mais de pezo, que de resistencia. Para impedir o passo aos inimigos mandou o Capitaõ môr assentar tres peças junto da Ribeira de S. Pedro, mas com taõ pouco damno dos inimigos, que quanto mais estes penetravaõ a terra, tanto mais precipitadamente fugiaõ os nossos, de que animados os Francezes chegaraõ a descobrir os caminhos da serra, e do matto; e perguntando o seu Capitaõ a alguns Portuguezes, que comsigo trazia, quantos moradores habitavaõ aquella Cidade, e respondendo-lhe, que passavaõ de mil e duzentos,

Desembarcaõ na Praya Fermosa novecentos Francezes.

Cordeiro, Hist. Insul. liv. 3. cap. 14. §. 88. & seqq.

Marchaõ os inimigos para a Cidade do Funchal.

tos, diſſe confiadamente aos ſeus Soldados: Que podiaõ entrar na Cidade ſem ſobreſalto, pois naõ era numero capaz de lhe impedir a invaſaõ; e marchando com boa diſciplina chegaraõ à ponta da gruta da Ribeira de S. Pedro, donde lhe atiraraõ com a artilharia, que naquelle lugar eſtava aſſeſtada; o que vendo o Capitaõ inimigo retrocedeo alguns paſſos, ſem voltar as coſtas; mas com o roſto ſempre na parte, em que eſtava a artilharia; e ouvindo ſegundo tiro retrocedeo mais quatro paſſadas, e logo que ceſſou o eſtrondo dos tiros animou aos ſeus companheiros eſgrimindo hum montante para que inveſtiſſem a Cidade ſem temor de oppoſiçaõ, pois ninguem lhe havia diſputar a entrada. O Capitaõ da caravéla de Setuval, que eſtava ſurto no porto, vendo a celeridade, com que os inimigos marchavaõ, diſparou contra elles huma peça, cuja bala dando em hum penedo o fendeo em varias partes, de que huma ferio taõ gravemente em hum joolho ao Capitaõ Francez, que paſſados quatro dias o privou da vida; porém como era muito animoſo deſprezando o golpe, determinou inflammado com mayor furor acometer a Cidade, para cujo effeito repartio a ſua gente em tres eſquadrões, mandando duas companhias por cima do outeiro, que ſóbe pela Ribeira da banda do Norte, o qual caminho era aberto na rocha, e ignorado ainda de muitos naturaes

Recebe Monſieur Moluc, General dos Francezes, huma mortal ferida.
Herrer. Hiſt.Gen.del Mund. part. 1. *liv.* 8. *cap.* 14.

turaes da terra, e ſómente deſcuberto pela perfidia de Gaſpar Caldeira, author de toda eſta fatalidade. Mandou outras duas companhias pela parte inferior da Cidade, que he por Santa Catharina, e S. Lazaro, e elle com quatro compoſtas dos melhores Soldados marchou pelo caminho da carreira, onde a artilharia eſtava deſamparada de gente.

Modo, com que dividio a ſua gente para acometer a Cidade.

180 Por eſta fórma caminhavaõ os inimigos quando encontraraõ huma Prociſſaõ de Religioſos Franciſcanos, que mandara fazer o Commiſſario Fr. Balthaſar Curado, em a qual levava arvorada huma Cruz Fr. Alvaro de Miranda, que obrara em Mazagaõ proezas inſignes contra os Mouros; e irritado o General Francez com aquelle devoto eſpectaculo mandou aos ſeus Soldados diſparaſſem as armas contra os Religioſos, de que ſe compunha a Prociſſaõ, e executando promptamente taõ impia ordem mataraõ a ſeis, entre os quaes foy Fr. Alvaro de Miranda, ſalvandoſe os outros com grande confuſaõ de taõ funeſta calamidade. Os inimigos, que tinhaõ marchado pela parte inferior da Cidade aſſaltaraõ as caſas de Gaſpar Correa, homem Fidalgo, e rico, ſituadas junto do muro da Fortaleza, que defendendo alentadamente a entrada aos Francezes acabou a vida com morte de innumeraveis inimigos. O meſmo fim teve Gaſpar de Braga, Cavalleiro esforçado, impedindo o impeto dos

Impiedade, que manda executar contra os Religioſos Franciſcanos.

Coſſa-

Coſſarios, querendo ſenhorearſe de hum paſſo, que dava ſubida à Fortaleza. Deſte lugar marcharaõ os inimigos para o Moſteiro das Freiras, e ſabendo, que ainda nelle eſtavaõ recolhidas, pertenderaõ impiamente aſſaltallo. Tinha eſte defronte da portaria hum eſpaçoſo patio, que cercava as portas da Igreja com huma ſó porta para a parte do Nordeſte, cingido de hum muro taõ alto, que naõ podia facilmente ſer entrado. Para impedir os inſultos, que determinavaõ obrar os inimigos contra as Eſpoſas de Chriſto, ſe animaraõ Domingos de Braga, e Sebaſtiaõ Mendes a defendellas, pois já eſtavaõ reduzidas a taõ grande conſternaçaõ, que tinhaõ a porta aberta para ſahirem; accreſcentando-lhe mais o pavor a noticia do eſtrago lamentavel padecido pelos ſeus Religioſos, dos quaes aquelles, que ſe tinhaõ ſalvado de taõ fatal perigo, eſtavaõ occultos em hum canaveal de aſſucar, junto ao meſmo Moſteiro com o Commiſſario Fr. Balthaſar Curado. Vendo pois aquelles dous valeroſos homens, que os Francezes deſciaõ pela coſta abaixo, fechou a porta do patio Domingos de Braga com tal brevidade, que querendo os inimigos entralla, o naõ puderaõ conſeguir maltratados de hum diluvio de pedras, que arrancava da calçada do patio, e as arrojava com incrivel impeto, e furor, e ainda que era acometido por muitas partes, a todas acudia com

Intentaõ os inimigos aſſaltar o Convento das Religioſas.

Domingos de Braga, e Sebaſtiaõ Mendes defendem animoſamente a entrada do Convento.

admiravel presteza, e valentia. Sebastiaõ Mendes usou de hum estratagema disparando tres, ou quatro tiros para que os Francezes se persuadissem estava da parte interior gente armada, e subindo hum delles a examinar o numero dos Soldados, que defendiaõ ao Mosteiro, foy derrubado com huma bala por Sebastiaõ Mendes, cuja morte atemorizou de sorte aos inimigos, que suspeitando estarem muitos Soldados para defender a entrada do Mosteiro, se retiraraõ com grande velocidade. Tanto que os nossos viraõ desembaraçada a porta, e livre a calçada, que hia para a Cidade, sahiraõ as Freiras acompanhadas de alguns Religiosos, deixando exposto o Convento à liberdade dos inimigos, do qual sómente salvaraõ a Custodia, e alguns Calices, tendo consumido o Diviniſſimo Sacramento hum Religioso, até que chegaraõ à quinta de Domingos de Braga livres da sacrilega violencia daquelles hereges.

Sahem as Religiosas do Convento.

181 Rebatidos os Francezes da entrada do Mosteiro, converteraõ toda a furia contra a Fortaleza, e entrando nas casas de Manoel Damiel começaraõ a varejar com multiplicados tiros o cubello do Forte, e ao mesmo tempo subiraõ outros ao muro, que naõ excedia a altura de doze palmos pela parte da porta do baluarte, que fica ao Norte, e saltando dentro puderaõ livremente offender os que com a artilharia guardavaõ

Senhoreaõ-se os inimigos da Fortaleza.

davaõ a entrada da Fortaleza, quando outros pelos agulheiros das paredes matavaõ às arcabuzadas a muitos dos noſſos. Eſtava na Fortaleza o Capitaõ môr Franciſco Gonçalves da Camera com ſua mulher D. Catharina Mondragaõ, acompanhada de muitas mulheres nobres da Cidade, que tinhaõ buſcado como mais ſeguro aſilo aquelle lugar, e por mais que animava aos noſſos Soldados a que impediſſem a invaſaõ inimiga, eſtavaõ taõ preoccupados de temor, que era inutil toda a efficacia, e ainda o ſeu exemplo, com que os incitava à reſiſtencia, até que vencidos da deſconfiança do remedio deſampararaõ com igual fraqueza, que ignominia os poſtos, que deveraõ defender. Os Francezes aproveitando-ſe da opportunidade da occaſiaõ deſceraõ pelas eſcadas da meſma Fortaleza, e arrancando-lhe as portas deraõ franca entrada ao ſeu General, e Soldados, que o ſeguiaõ. Occuparaõ logo a artilharia, o que vendo Luiz da Guarda ſaltou do muro ao mar, onde morreo naufragante. Principiaraõ a exercitar todo o genero de hoſtilidades naõ perdoando as vidas a genero algum de peſſoas, ſendo o primeiro o Condeſtavel, que eſtava para diſparar huma peça, experimentando o meſmo eſtrago aſſim os eſtrangeiros das naos, que eſtavaõ ancoradas naquelle porto, como os naturaes da terra, excedendo o numero de duzentos e cincoenta, os

Eſtragos, que commettem.

Nnnn ii que

que morreraõ violentamente neſta entrada. O General Francez com a eſpada enſanguentada na maõ ſubio na frente dos ſeus Soldados a huma ſala onde eſtava o noſſo Capitaõ mór, e querendo matallo, certificado de quem era, lhe perdoou a vida, e ſahindo da Fortaleza entregou o governo della a ſeu ſobrinho Fabiaõ de Moluc, e ordenou, que ſe lançaſſe bando para ſaquear a Cidade, e ſepultar os mortos, cuja religioſa acçaõ ſe fez no Adro do Convento de S. Franciſco. Eſte ſagrado domicilio foy o mais laſtimoſo objecto da cubiça dos inimigos, pois como os ſeus Religioſos para eſcapar da morte o tiveſſem deſamparado, ficaraõ ſómente nelle o Vigario da Caſa Fr. Joaõ dos Reys, e o Sacriſtaõ Fr. Rodrigo de Portalegre, os quaes para eſconderem debaixo da terra as alfayas mais precioſas do Convento, naõ puderaõ ſahir com tanta brevidade, que naõ foſſem acometidos pelos Francezes. Para ſe ſalvarem do perigo, que os ameaçava, buſcou o Vigario a cella, e o Sacriſtaõ a torre por aſilo; mas ſentindo os inimigos, que pelas eſcadas della lhes fugia, o ſeguiraõ, e por mais que ſe defendeo com pedras, e outras armas, que lhe miniſtrava a oppreſſaõ, veyo cahir nas ſuas mãos, e trazendo-o ao Clauſtro lhe perguntaraõ em que lugar tinha occulto a prata, e ouro daquelle Convento; e negando conſtantemente ignorar o que lhe perguntavaõ, o inſta-

Deſacatos, e crueldades, que executaraõ no Convento de S. Franciſco.

o inſtaraõ, que certamente o matariaõ ſe lhes naõ revelaſſe a parte onde occultara o que elles com tanta ancia inveſtigavaõ. O Sacriſtaõ antes quiz ſer victima do furor dos inimigos, do que entregar as alfayas dedicadas ao culto Divino para ſerem profanadas por mãos taõ ſacrilegas, ſendo por eſta cauſa deſpedaçado em varias partes, com as quaes os inimigos para ſatisfaçaõ da ſua colera arrojavaõ pelas quadras do Clauſtro. Executada eſta barbaridade começaraõ mais furioſos a diſcorrer pelo Convento, e achando ao Vigario Fr. Joaõ dos Reys lançado na cama, como ſe perſuadiſſem eſtava doente, o naõ maltrataraõ, mas obrigando-o a que ſe levantaſſe o trouxeraõ ao Clauſtro, onde jazia o deſpedaçado corpo do Sacriſtaõ, dizendo-lhe, que o meſmo executariaõ com elle ſe lhes naõ deſcobriſſe o lugar, que occultava o theſouro do Convento. O velho atemorizado com o horroroſo eſpectaculo do ſeu companheiro, e muito mais das ameaças dos inimigos, prevaleceo nelle o amor da vida ao juramento, que tinha dado a Fr. Rodrigo de padecer antes a morte, do que deſcobrir àquelles hereges as ſagradas alfayas, que ſem demora lhas manifeſtou, e logo com ambicioſa emulaçaõ as repartiraõ entre ſi. Ao tempo, que eſtes foraõ ſaquear o Convento de S. Franciſco, ſe dividiraõ outros a commetter ſemelhante ſacrilegio na Cathedral, para cujo effeito conſtrangeraõ

geraõ a Pedro Cardoſo, Eſcrivaõ da Camera daquella Cidade, para lhes moſtrar o theſouro da Igreja, e quebrando as portas da Sacriſtia, naõ achando o que buſcavaõ, paſſou a ſua inſaciavel cubiça a mayor exceſſo, que foy arrancar as campas da Capella môr, e cavando a terra acharaõ em lugar do que taõ ancioſamente procuravaõ os corpos do Deaõ, e Theſoureiro môr, que havia ſeis mezes tinhaõ ſido ſepultados, e ainda naõ eſtavaõ totalmente conſumidos, a cuja horroroſa viſta ſe ſuſpendeo o ſeu furor, permittindo Deos, que naõ examinaſſem em huma das covas, que abriraõ, humas cortinas, em que tinha envolto o Sacriſtaõ da Cathedral todos os vaſos de ouro, e prata, por imaginarem ſer algum corpo amortalhado.

Roubos, e ſacrilegios, que commetteraõ na Cathedral.

182 Colericos, e raivoſos os inimigos por naõ deſcobrir com que fartar a ſua cubiça, converteraõ a ſua diabolica furia contra as ſagradas Imagens fazendo-lhe varias irreverencias, principalmente à de S. Roque, que eſtava no Cruzeiro, cortando-lhe os braços, e pernas, e voltando outra vez à Sacriſtia a deſpojaraõ de todos os ornamentos de ouro, e ſeda, de que fizeraõ muitas cargas. Da Sacriſtia correraõ como loucos à Capella do Santiſſimo Sacramento, e arrombando as grades de ferro, abriraõ com ſacrilego atrevimento o Sacrario, onde acharaõ hum cofre pequeno de admiravel artificio, fabricado

bricado de marfim , e ſemeado ſubtilmente de muitas pedras precioſas , que da India trouxera D. Affonſo de Noronha , e o offerecera a El-Rey D. Joaõ o III. o qual tinha dado o meſmo Monarcha ao Capitaõ Simaõ Gonçalves da Camera , e eſtava cheyo de Reliquias , que a eſte Principe mandara o Papa Paulo III. Os inimigos vendo , que o cofre naõ era de ouro o arrojaraõ furioſamente a huma parede , e fazendo-ſe em varios pedaços ſe eſpalharaõ pelo pavimento da Capella as Reliquias , que encerrava , e imaginando os aggreſſores de taõ impio inſulto , que no cofre eſtava depoſitado o Sacramento lhe diziaõ muitas blasfemias. Aſſiſtia a eſte eſpectaculo Pedro Cardoſo , e como ſabia qual era o theſouro , que guardava o cofre, pedio licença aos inimigos para o levantar da terra , e ſendo-lhe concedida recolheo com devotas lagrimas as ſagradas Reliquias , e as levou para lugar onde naõ foſſem ſegunda vez profanadas. Naõ ſatisfeitos os Francezes com eſtas impiedades intentaraõ demolir aquelle famoſo Templo , para cujo effeito queimaraõ os orgãos, derrubaraõ os ſinos , que eraõ de extraordinaria grandeza ; e ultimamente obraraõ dentro daquellas ſagradas paredes taõ abominaveis torpezas, que igualmente cauſaõ horror à memoria para as relatar, como à penna para as eſcrever.

183 Semelhantes deſacatos padeceraõ outras Igre-

Igrejas, mas logo foraõ castigados os authores dos sacrilegios, como experimentou hum Francez, que entrando na Igreja de Nossa Senhora do Monte, distante meya legoa da Cidade para a banda do Norte, arrebatou do Altar a Imagem da Senhora, e despojando-a dos vestidos a arrojou sobre os degraos de pedra, que se quebraraõ ficando a Imagem illesa; porém naõ sofrendo a piedade de Antonio Mendes taõ horrendo insulto, lhe partio a cabeça com hum manchil, cuja acçaõ foy premiada pelo religioso animo delRey D. Sebastiaõ, fazendo-o Cavalleiro Fidalgo com vinte mil reis de tença. O mesmo fim teve outro Soldado, que roubando a Igreja de Nossa Senhora das Neves, e commettendo alguns desacatos contra a Santa Imagem, foy morto por hum Portuguez, que era da familia dos Freitas. Estas fatalidades, que se choravaõ executadas nos lugares sagrados, eraõ iguaes nas casas profanas, cujos moradores para escaparem da violencia dos inimigos se refugiavaõ para as serras, e brenhas, onde padeciaõ intoleraveis fomes, e terriveis oppressões, principalmente as mulheres vendo-se humas desamparadas dos pays, outras dos maridos. Muitas errando por aquellas solidões sem guia, que as encaminhasse, com os pés lastimados dos abrolhos confundiaõ o sangue, que delles vertiaõ, com as lagrimas, que choravaõ; outras naõ podendo susten-

Pia, e valerosa acçaõ de Antonio Mendes.

Oppressões, que padeceraõ os moradores da Cidade.

ſuſtentar os filhos, que alimentavaõ a ſeus peitos, eraõ homicidas da propria natureza, ſendo igualmente digno de laſtima, e commiſeraçaõ a vida deſtes miſeraveis, do que a morte de todos aquelles, que fatalmente acabaraõ na Cidade.

CAPITULO XXV.

Forma-ſe nas Villas circumviſinhas à Cidade do Funchal hum corpo militar contra os Francezes, e naõ ſe executa o intento de os deſtruir. Expede-ſe inutilmente huma poderoſa Armada, de que era General Sebaſtiaõ de Sá, para caſtigar a inſolencia dos meſmos inimigos. He prezo Gaſpar Caldeira, e ſendo conduzido a Liſboa morre em caſtigo da ſua perfidia juſtiçado.

184 A Noticia dos deploraveis eſtragos, e ſacrilegos inſultos executados na Cidade do Funchal chegou à Villa de Santa Cruz às duas horas da tarde, e informado o Capitaõ Thomé Alvares de quantos Soldados ſe compunha o poder do inimigo, como foſſe dotado de grande valor convocou a Franciſco Leomelim, e a Antonio de Freitas com toda a gente capaz de armas, que habitavaõ as Villas de

1566.

Juntaõ-ſe varios Capitães da Ilha para deſtroço dos inimigos.

Machico, Caniſſal, Santa Cruz, e Gaulla, e propondo-lhes efficazmente o lamentavel eſtado, em que ſe achava a Capital daquella Ilha, os ſacrilegios das Igrejas, a deſolaçaõ das caſas, as irreverencias contra Deos, e ſeus Santos, as mortes, e tyrannias executadas pelo barbaro furor, e inſaciavel cubiça dos Francezes, os animava a vingarem glorioſamente tantas injurias, pois ſeria injuſta crueldade naõ acodirem promptos ao remedio dos ſeus naturaes ſubmergidos em taõ fatal oppreſſaõ. Para eſte fim nomeou por Capitães da empreza a Franciſco Leomelim, e Antonio de Freitas, a cujas ordens haviaõ obedecer os Soldados, ſervindo-lhe de eſtimulo para eſta expediçaõ a vigilancia de Antonio do Carvalhal, que com ſumma promptidaõ juntara grande copia de gente armada dos lugares da Ponte do Sol, Calheta, Ribeira Brava, Paûl, e S. Vicente. Era meya noite quando ſe deu o ſinal de marchar todo eſte corpo militar, e caminhando com ancia de ſe encontrar com o inimigo, chegaraõ antes de amanhecer ao lugar chamado o Palheiro do Ferreiro, meya legoa diſtante do Funchal, o qual ſe naõ póde ver da Cidade por correr entre elle, e a Cidade huma ſerra, que atraveſſa todo o campo entre o Camacho, e o Morro das neves. Neſte ſitio fizeraõ alto os Capitães, naõ ſómente por naõ ſerem deſcubertos pelos Francezes, e eſperar o aviſo de Antonio

nio do Carvalhal, mas porque o lugar por ſer muito abundante de agua, e lenha era mais commodo para nelle ſe alojarem até que ſe reſolveſſe o que ſe devia obrar. Seria meyo dia quando aviſou Antonio do Carvalhal, que certamente até à noite havia eſtar em Camera de Lobos com a ſua gente, mas recommendava muito, que ſe juntaſſem os Soldados, que vagavaõ diſperſos pela Cidade, para com elles, e o poder, que conduzia, desbaratarem aos Francezes. Executaraõ promptamente Franciſco Leomelim, e Antonio de Freitas o que lhes ordenava Antonio do Carvalhal, exhortando a todos os Soldados a que confórmes concorreſſem a ſalvar a ſua Patria da fatal calamidade, que padecia, e que naõ os intimidaſſe as hoſtilidades executadas pelos Francezes, pois para lhe reprimir a furia, e quebrantar as forças havia chegar naquella noite ao Pico do Cardo Antonio do Carvalhal com ſeiſcentos homens, os quaes juntos aos quinhentos, que naquelle lugar ſe achavaõ, eraõ baſtantes para derrotar taõ infames Coſſarios.

Os Soldados fugitivos da Cidade os deſperſuadem do intento.

185 Os Soldados, que vinhaõ fugitivos da Cidade, naõ aſſentiraõ a eſta propoſiçaõ, antes reſolutamente affirmaraõ ſer inutil toda a oppoſiçaõ por eſtarem os Francezes ſenhores da Fortaleza, e da artilharia da ſua guarniçaõ, e terem ſaqueado tudo o precioſo, que nelle eſtava depoſitado: Que para triunfar de inimigos já

vitorioſos era neceſſario outro poder mais formidavel, e ſuperior, do que o que eſtavaõ vendo: Que o unico remedio em taõ deploravel perda era ſalvar as vidas, ſuas mulheres, e filhos, antepondo os affectos da natureza a todos os bens da fortuna. Naõ quizeraõ attender os Capitães a eſte deſengano, julgando, que era dictado pelo temor, e deſeſperaçaõ, e aſſim deixaraõ ir a eſtes Soldados como indignos deſta empreza, e determinaraõ reſolutamente tanto que amanheceſſe inveſtir aos inimigos. Paſſado todo eſte dia mandou Antonio do Carvalhal ordem para que parte da noſſa gente marchaſſe por Valverde, outra pela Conceiçaõ, e outra por S. Bartholomeu a tempo, que elle com os ſeus Soldados caminhava pelo Convento das Freiras, intentando acometer ao inimigo por varios lados, para que com mayor facilidade o pudeſſe derrotar. Ao tempo, que eſtavaõ os Capitães para executar a diſpoſiçaõ de Antonio do Carvalhal, chegou o Ouvidor do Capitaõ môr Franciſco Gonçalves da Camera com hum ſeu aviſo para Franciſco Leomelim, e Antonio de Freitas, em que lhes dizia, que chegando à noticia do General Francez o numero de gente, que tinhaõ convocado para o inveſtir, lhe viera fallar, dizendo-lhe com arrogante petulancia, que ſe algum Soldado Portuguez intentaſſe fazerlhe a mais leve reſiſtencia, ſe ſatisfaria deſte atrevi-

mento

mento com a ſua morte, e de todos aquelles, que eſtavaõ recolhidos na Fortaleza, a quem benevolamente perdoara as vidas; pelo que lhe mandava, que ſe naõ moveſſem do lugar onde eſtavaõ alojados, por naõ experimentar a fatalidade ameaçada pelo General Francez. Ouviraõ os Capitães eſte aviſo, a que naõ deraõ repoſta, antes eſtiveraõ indeciſos por eſpaço de cinco dias ſe inveſtiriaõ aos inimigos, até que a mayor parte dos Soldados ſe foraõ pouco a pouco diminuindo, e buſcando as ſuas caſas, ſendo fruſtrados todos os gaſtos, que ſe fizeraõ para eſta expediçaõ.

O Governador ordena aos Capitães, que deſiſtaõ da marcha.

186 Como a Cidade eſtava muito opulenta, e naõ acharaõ os Francezes reſiſtencia alguma, puderaõ em quinze dias, que nella aſſiſtiraõ, ſaciar ſem ſobreſalto a ſua cubiça, ſendo tão exceſſiva a copia de aſſucares, pannos, ſedas, brocados, ouro, e prata, e outros diverſos generos, com que abarrotaraõ os oito navios da ſua eſquadra, que foy preciſo valerem-ſe da caravéla de Antonio do Carvalhal, e da nao, que hia para S. Thomé, que eſtavaõ ancoradas no porto, para conduzirem o que já naõ podia caber em os ſeus navios. Naõ ſómente ſe fizeraõ ſenhores do que ſaquearaõ na Cidade, mas ainda de outras muitas mercadorias, que caſualmente cahiaõ em ſeu poder, quaes foraõ a de muitas naos, que ignorantes do perigo buſcaraõ o porto,

to, e miseravelmente eraõ prizionadas. Excedeo a quantia de hum milhaõ a importancia deste saco, e ainda seria mayor se a diligente vigilancia do Provedor da Fazenda Real naõ livrara com grande velocidade o cofre, que guardava sessenta mil cruzados, sendo extrahido da Cidade por oito homens a tempo, que já os inimigos se tinhaõ senhoreado della, e desejando anciosamente colher taõ importante preza, atiraraõ incessantemente muitos tiros contra os que a levavaõ; mas segurando-lhes hum Francez, que aquelles homens conduziaõ a enterrar hum defunto, desistiraõ com este engano do seu intento; e para que nunca pudesse ser achado o cofre o lançaraõ em hum canaveal cuberto de hum acervo de pedras, onde esteve até que os inimigos se embarcaraõ. Dous dias antes do embarque lançaraõ hum bando para que toda a pessoa, que quizesse mercar trigo, vinho, carnes, e resgatar os seus cavallos, o executassem brevemente assinando o preço a cada genero; e quando naõ quizessem concorrer para esta compra, declaravaõ, que matariaõ os animaes, derramariaõ pela terra o vinho, e queimariaõ o trigo para que ninguem se pudesse aproveitar destes mantimentos. Embarcados os Francezes em 17. de Outubro começaraõ a lançar ao mar huma grande copia de varias roupas, e outros generos por naõ caberem em os navios, e poderem

Importancia do saco, que levaraõ os Francezes.

Diligencia, com que o Provedor da Fazenda Real livrou hum cofre, que tinha sessenta mil cruzados.

rem com mayor deſembaraço mariallos, e tocando por eſpaço de meya hora tambores, e trombetas, diſpararaõ em ſinal de extraordinario alvoroço toda a artilharia, cujo horroroſo eſtrondo parecia quererem bater a Cidade, e ſendo quaſi noite ſe fizeraõ à véla pela parte do Sueſte. Concorreo logo hum grande número de gente à praya deſejoſa de recolher alguma roupa de que eſtava cheyo o ancoradouro, e imaginando, que tudo quanto boyava ſobre a agua, ſahiria à terra, por eſtar o tempo muito ſereno, naõ ſuccedeo como eſperavaõ, porque como as fazendas eſtavaõ paſſadas de agua ſe hiaõ ao fundo, e por eſte modo ſe fruſtraraõ as ſuas eſperanças, e ſómente recolheraõ o que naõ puderaõ levar os Francezes cançados já de embarcar tantos generos, como foraõ muitos barrís de carne ſalgada, muitas pipas de vinho, biſcouto, e mel, e ſobre tudo oito peças de artilharia, que trouxeraõ da Fortaleza, que para nunca poderem ſervir as entupiraõ pelas bocas com muitas pedras, e as encravaraõ com pregos de aço temperado metidos à força de martello de tal ſorte, que as eſcorvas ſendo redondas, ficaraõ quadradas.

Embarcaõ-ſe os inimigos, e ſe retiraõ da Ilha.

187 Ao dia ſeguinte para ſe evitar algum peſtifero contagio dos muitos corpos, que com laſtima, e horror da humanidade jaziaõ pelas ruas, e Praças da Cidade, ſe lhe deu ſepultura

no

no Convento de S. Franciſco, cobrindo com campas as covas abertas no Adro, em muitas das quaes tinhaõ lançado os inimigos mais de vinte corpos. Queimaraõ-ſe todos os animaes, que ſe acharaõ mortos pelas ruas, e como a Cidade he edificada ſobre o mar ſe abriraõ os aqueductos de que he cingida, cujas aguas lavaraõ a immundicia de que eſtava chea. Com mayor deſvelo ſe purificaraõ as Igrejas, empenhando-ſe a piedade para nellas ſe naõ diviſar o menor veſtigio dos ſacrilegios, de que foraõ teſtemunhas os ſeus marmores. Divulgou-ſe, que havia Miſſa, e Sermaõ no Convento de S. Franciſco, e com eſta noticia ſe juntou innumeravel gente de todos os Eſtados, e conſiderando, que naõ haviaõ ſinos por eſtarem todos quebrados para lhes dar ſinal, madrugaraõ com ſummo cuidado para naõ errar na hora, em que ſe haviaõ fazer aquelles ſantos miniſterios. Prégou hum Religioſo Dominico, que com geral aceitaçaõ era ouvido em os Pulpitos daquella Cidade, ſendo o argumento do Sermaõ affirmar, que os peccados daquelle povo tinhaõ provocado a Divina Juſtiça com tal exceſſo, que para ſe ſatisfazer de tantas injurias tomara por inſtrumento da ſua vingança aquelles inſolentes inimigos, que igualmente profanaraõ ſua Caſa, como deſpojaraõ a de todos os moradores daquella Cidade. Foy inexplicavel a commoçaõ, que produzio no audi-

O que ſe obrou na Cidade depois que os inimigos ſe retiraraõ.

auditorio efte difcurfo, confundindo-fe as vozes do Prégador com os gemidos dos ouvintes. Acabado o Sermaõ veyo o Cabido com o Vigario Geral defenviolar a Cathedral, e mais Templos, onde fe continuaraõ a celebrar os Officios Divinos.

188 Como ainda em Lisboa fe ignorava efte fatal fucceffo, fe refolveo expedir com a mayor brevidade huma caravéla para dar individual noticia dos eftragos executados pelos Francezes, e chegando a Lisboa em cinco dias fe deu avifo a ElRey das hoftilidades, que tinha padecido a Ilha da Madeira. Para vingar taõ enormes infultos fe preparou no breve efpaço de quatro dias huma Armada, que conftava de oito galeões groffos, e quatorze caravélas, e foy nomeado por feu General Sebaftiaõ de Sá, filho de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide môr do Porto, a quem acompanharaõ muitos Officiaes, e Soldados da primeira nobreza, que fe offereceraõ voluntariamente para facrificar as vidas em obfequio de Deos, e do feu Principe. Com igual impulfo, e femelhante gloria fe embarcaraõ à fua cufta nefta Armada Joaõ Gonçalves da Camera, filho de Simaõ Gonçalves da Camera, Capitaõ môr do Funchal, Alexandre Moreira, que tinha fido Capitaõ em Tangere, e Mazagaõ; Gafpar Luiz, D. Luiz Coutinho, Commendador da Ilha de Santa Maria, e o infigne

Chega a Portugal a noticia da invafaõ dos Francezes, e fe prepara huma Armada para os deftroçar.

Sahe a Armada de Lisboa, de que era General Sebaftiaõ de Sá.

ſigne Capitaõ da Ilha de S. Miguel Franciſco do Rego de Sá. Primeiro que todos chegou ao Funchal Joaõ Gonçalves da Camera por ter partido dous dias antes, que a Armada ſahiſſe, empenhado em ſoccorrer a oppreſſaõ, em que gemia aquella Cidade, prevalecendo no ſeu coraçaõ tanto o amor da Patria, que naõ attendendo a ſer julgado por temerario, ſe arrojou unico a taõ manifeſto perigo. Chegou a Armada a 26. de Outubro, e ſabendo o General, que os inimigos ſe tinhaõ hido havia dez dias, ficou exceſſivamente ſentido de que ſe fruſtraſſe a occaſiaõ, em que queria oſtentar o ardor do ſeu alentado eſpirito; e inquirindo a parte, por onde tinhaõ indireitado a carreira, lhe diſſeraõ os moradores da Cidade, que eſtariaõ na Gomeira, huma das Ilhas Canarias, vendendo os generos, de que levavaõ abarrotados os navios. Como o noſſo General tinha grande deſejo de chocar com os Francezes, naõ permittio, que deſembarcaſſem mais que os Capitães, e os Fidalgos; mas começando a ſahir a terra alguns Soldados, houve tal deſordem, e confuſaõ, que experimentaraõ os naturaes ſegundo ſaco aſſim nos mantimentos, como nos Canaviaes de aſſucar, naõ ſendo efficaz o reſpeito, e authoridade do General, para que em ſeis dias voltaſſem à Armada, os que della tinhaõ ſahido, até que partio pela parte do Lançarote, aonde chegou

Chega à Ilha, onde já naõ acha aos inimigos.

dous

dous dias depois que os Francezes tinhaõ deixado aquelle porto; e por mais diligencias, que fez, nunca se pode encontrar com elles, que certamente seriaõ derrotados, se o nosso General naõ estivesse tanto tempo surto no porto do Funchal, cuja demora foy causa de que os Francezes voltassem triunfantes para as suas terras, e fosse inutil todo o dispendio feito em huma Armada taõ poderosa.

189 Recolhida a Armada a Lisboa, ainda representou mais vivamente o deploravel estado, a que reduziraõ os Francezes taõ opulenta Ilha, de cuja narraçaõ se penetraraõ excessivamente os corações de todos, sendo o mayor estimulo do sentimento o haver sido causa de taõ horriveis estragos hum Portuguez, indigno certamente de tal nome, querendo com injuria da sua fama satisfazer à propria paixaõ com tantas hostilidades; e como a fortuna naõ permittio, que se achassem os Francezes para pagar com as vidas as mortes, roubos, e sacrilegios, que impiamente tinhaõ obrado, se applicou todo o desvelo para que fosse prezo, e conduzido ao Reyno Gaspar Caldeira, author de taõ fatal tragedia. Para este fim, sendo informado o Cardeal D. Henrique de que Gaspar Caldeira buscara por asylo a casa do nosso Embaixador em França, escreveo ao Principe desta Coroa, para que logo o mandasse prezo, mas quando chegou a ordem

jà ſe tinha auſentado, ſentindo muito o Embaixador naõ executar o que lhe ordenava o Cardeal; porém valendo-ſe de hum marinheiro, que tambem diſcorria fugitivo por aquellas terras, lhe prometteo em nome delRey naõ ſómente perdaõ do ſeu crime, mas hum grande premio ſe lhe entregaſſe a Gaſpar Caldeira, de quem era amigo, e ſabia onde eſtava occulto. Obrigado o marinheiro de taõ generoſa promeſſa ſegurou ao Embaixador, que havia executar o que lhe pedia, e levando enganado a Gaſpar Caldeira até Fuente Rabia, foy prezo dentro da ſua Fortaleza.

He prezo Gaſpar Caldeira, author da deſtruiçaõ da Ilha.

190 Chegou a Lisboa a noticia de eſtar prezo Gaſpar Caldeira, e como era geralmente aborrecido o ſeu nome pelo deteſtavel crime, que commettera, tambem foy univerſal o contentamento. Governava jà a Monarchia El-Rey D. Sebaſtiaõ, quando deſembarcou em Liſboa, que foy em 16. de Fevereiro de 1568. acompanhado de Belchior de Contreiras, que fora prezo em S. Lucar de Barrameda por diligencia de Nuno Alvares, Provedor dos lugares de Africa em Andaluzia. Foy innumeravel o concurſo de povo, que concorreo à praya a ver a Gaſpar Caldeira, que ſendo levado à Relaçaõ, e convencido do crime, que commettera, ſahio em 18. de Fevereiro para o ſupplicio arraſtado pelas ruas, ſendo tanta a multidaõ de

gente,

gente, que se naõ podia abrir caminho por ella, de tal sorte, que sahindo do Limoeiro às sete horas da manhãa, eraõ duas depois do meyo dia quando chegou à Ribeira, em cujo Pelourinho lhe cortaraõ as mãos, e levado ao Caiz da Pedra, onde estava o patibulo, pagou com a vida o horrendo delicto, de que fora author; acabando com tantos sinaes de arrependimento, e tanta copia de lagrimas, que moveraõ ao povo a converter o odio, que lhe tinha, em commiseraçaõ. Depois foy esquartejado, e para mayor horror ficaraõ pendentes os quartos das portas da Cidade atè que o tempo os consumio. Belchior Contreiras, e Antonio Luiz, que foraõ companheiros no crime com Gaspar Caldeira, o foraõ tambem no castigo; sendo no mesmo lugar enforcados. Do mesmo delicto tinha sido complice Francisco Porraz, filho do Capitaõ da Ilha do Fayal, que esquecido do seu nascimento, como pratico da terra conduzia aos inimigos para roubar alguns Lugares, que eraõ depositos de preciosas alfayas, e enganando a muitos dos seus patricios para que sem receyo de vexaçaõ, ou violencia voltassem para a Cidade. Por estes crimes taõ enormes foy remettido ao Reyno, e nelle sentenciado ao ultimo supplicio; porém escapou de taõ justa condemnaçaõ por authoridade de algumas pessoas poderosas, sendo degradado para o Brasil; mas a Justiça

De que sorte foy justiçado.

tiça Divina, que he inalteravel no ſeu Juizo, diſpoz, que por outra occaſiaõ ſeguir as partes dos Francezes vieſſe a pagar na Ilha Terceira o crime, que tinha commettido na da Madeira, ſendo mandado juſtiçar em Julho de 1583. por ordem do Marquez de Santa Cruz, dezaſete annos depois que o commettera.

CAPITULO XXVI.

He mandado Joaõ Pereira Dantas a Pariz para pedir ſatisfaçaõ dos inſultos commettidos pelos Francezes na Ilha da Madeira. Perſuade S. Pio V. a ElRey D. Sebaſtiaõ, que ſe deſpoze com a Archiduqueza de Auſtria. Supplica a Rainha D. Catharina a Filippe Prudente, que ſe empenhe neſte negocio, e da repoſta, que lhe mandou. Participa ElRey D. Sebaſtiaõ toda eſta negociaçaõ a D. Affonſo de Portugal, Conde do Vimioſo.

1566.

191 A Laſtimoſa aſſolaçaõ, que os Francezes barbara, e ſacrilegamente commetteraõ na Ilha da Madeira, eſtava clamando por hum ſevero caſtigo, que foſſe igual a taõ abominavel atrocidade; porém como por beneficio da fortuna o naõ experimentaſſem, eſcapando do furor da noſſa vingança, que inutilmente

mente navegou em huma poderosa Armada, resolveo o Cardeal D. Henrique pedir à Magestade delRey Christianissimo a satisfaçaõ deste aggravo, com que igualmente fora alterada a paz, que havia entre huma, e outra Coroa, como offendida a authoridade do nosso Principe. Para este fim foy mandado por Embaixador a Pariz Joaõ Pereira Dantas, que já na mesma Corte tinha exercitado este ministerio, o qual como naõ era dotado de espirito ardente, e coraçaõ destemido, representou com taõ frouxa submissaõ o negocio da Embaixada, que mais parecia queria dar, do que pedir satisfaçaõ do aggravo recebido. A injuria da causa, que lhe havia accender o animo para relatar com efficacia, e propor com vehemencia os roubos, sacrilegios, e insultos, que contra os Vassallos do seu Soberano tinhaõ barbaramente executado os Francezes, de tal sorte se transformou nas suas palavras, que pareceo aos Ministros daquella Coroa naõ ser digna de satisfaçaõ. Porém desejosos de que naõ houvesse a menor discordia entre ambas as Coroas, lhe propuzeraõ para perpetua alliança entre ellas o casar o nosso Principe com a Infanta Margarida de Valoes, sendo huma das condições do contrato matrimonial, que nunca as armas Francezas navegariaõ a infestar alguma das nossas Conquistas, e seriaõ os moradores da Ilha da Madeira reparados dos damnos, que tinhaõ

nhaõ padecido, justificando estes com testemunhas Francezas os generos das fazendas, de que tinhaõ sido despojados.

192 Ficou taõ satisfeito desta proposta Joaõ Pereira Dantas, que logo expedio hum seu criado ao Cardeal D. Henrique para lhe representar as conveniencias, que resultavaõ à nossa Coroa daquella resoluçaõ. Examinadas as clausulas das propostas foraõ julgadas como injuriosas à soberanía da Coroa, naõ sómente por ser impracticavel o modo de se fazer a restituiçaõ dos roubos commettidos na Ilha da Madeira, como pelas condições, com que se havia celebrar o desposorio da Infanta Margarida com o nosso Principe, e ainda que se ordenou a Joaõ Pereira Dantas tratasse estes negocios com tal politica, que naõ desprezasse hum, nem se esquecesse do outro; ou fosse pela natural inercia do Embaixador, ou por malicioso artificio dos Ministros Francezes, nenhum delles teve effeito.

193 Soaraõ em Roma os eccos da noticia do casamento do nosso Principe com a Infanta de França, e desejoso o paternal affecto de S. Pio V. de que ElRey D. Sebastiaõ se desposasse com a Archiduqueza de Austria D. Isabel, como já tinha insinuado seu Predecessor Pio IV. à Rainha D. Catharina, mandou chamar a D. Fernando de Menezes, Embaixador que entaõ era na Curia, e lhe persuadio ser mais decoroso

ſo à Religiaõ Catholica, e conveniente à Monarchia Portugueza o deſpoſarſe ElRey D. Sebaſtiaõ com a Archiduqueza de Auſtria, do que com a Infanta de França, ſendo o fundamento deſta preferencia a que expreſſou o meſmo Embaixador a ElRey na ſeguinte carta.

Carta de D. Fernando de Menezes para ElRey, copiada da Original, que eſtá na Torre do Tombo, Gaveta 15. Maſſo 5.

194 „Senhor. Em outra carta aviſarey a „V. A. do que ſe offerece depois que ultima„mente lhe eſcrevi, eſta ſerá ſómente para lhe „fazer ſaber, que o Papa me mandou chamar „hum dia deſta ſomana, e depois de eſtar co„migo hum pedaço em converſaçaõ, me diſſe, „que a cauſa para que me chamara, fora para „me dizer, que elle entendia, que da parte de „ElRey de França ſe tratava com muita inſtan„cia caſamento com a ſegunda filha do Empe„rador, em que tambem hera aviſado, que o „meſmo Rey de França, e a Raynha ſua mãy „procuravaõ caſar ſua Irmã delRey com V.A. „e que pelo grande particular amor, que tem „a V. A. e a ſeu Reyno, que elle ha por eſ„pelho da Religiaõ Chriſtãa, lhe parecia hera „obrigado neſte negocio de ſeu caſamento fazer„lhes todas as lembranças, que entendeſſe con„vinhaõ a ſer iſto de Deos, e de V.A. e bem „de tal Reyno; e que a eſſe effeito tinha de„terminado mandar hum correo, mas por quan„to por juſtos reſpeitos em ſua carta naõ podia „dizer a V. A. quanto deſejava neſta materia,

„ me pedia amim , que de ſua parte lho eſcre-
„ veſſe , e que elle por ſeu breve pederia a V.
„ A. crença à minha carta , pedindo-me amim,
„ que tudo tiveſſe em muito ſegredo , e fizeſſe
„ eſte officio da maneira , que elle de mim con-
„ fiava. E atraz iſto me diſſe , que viſto como
„ na Chriſtandade ao preſente naõ havia outros
„ caſamentos ſe naõ eſtes dous deſcentes a V.A.
„ tendo elle tempo para poder eſcolher lhe paſ-
„ ſaria nomeaçaõ do que lhe mais convem , e
„ lhe foſſe melhor , e que eſte julgava elle ſer
„ a filha do Emperador , porque tendo V. A.
„ com ella tanta rezaõ de parenteſco , e ſendo
„ filha deixando à parte a grandeza do pay de
„ taõ virtuoſa , e Santa Emperatriz , e criada em
„ tanta obſervancia de virtude , e da Religiaõ
„ Chriſtãa eſtava muy bem conjuncta com hum
„ Principe das meſmas callidades como hera V.
„ A. e V. A. muy bem com ella , e aſſy orde-
„ naria o Senhor darlhe filhos ſemilhantes a elles
„ zeladores de Deos , e da ſua Santa Fé , e ſe
„ perpetuaria com eſte ajuntamento a antiga li-
„ ança dos Reys deſſe Reyno com a Caſa Real
„ de Caſtella , e Auſtria , e por tanto elle rece-
„ beria muito contentamento , e ſatisfaçaõ , e aſ-
„ ſy o pedia a V. A. que com todo ſeu poder
„ procuraſſe de eleger eſta Senhora por molher,
„ e manifeſtando ſua vontade , pediſſe o deſe-
„ nho , e reſoluçaõ delRey de França com
brevi-

„ brevidade, e ſe a V. A. compriſſe a do Em-
„ perador em alguma couſa neſta materia, que
„ eſtava elle muy preſtes para o comprazer, e
„ ajudar quanto lhe foſſe poſſivel, e quanto ao
„ caſamento de França lhe naõ parecia bem, nem
„ conveniente a V. A. porque ahinda que a Se-
„ nhora ſeja filha de taõ grande Rey como he
„ o de França, toda via ſe ſabe quaõ emfermo
„ aquelle Reyno eſtá nas couſas da Religiaõ
„ Chriſtãa, e que aquelle mal nom ſómente to-
„ mara os baixos populares, mas dará tambem
„ nos grandes, e que muitos deſtes hereges pu-
„ blicamente favorecia, e honrava as Raynhas
„ tanto, que na Relligiaõ, e noutras couſas ti-
„ nha dado no Mundo muito mao exemplo de
„ ſy, e que naõ podia deixar de me dizer tinha
„ della por eſtes reſpeitos muy pouca ſatisfaçaõ,
„ e como quer que as filhas polla mayor parte
„ ſendo criadas pollas mãys ſeguem ſeus coſtu-
„ mes, era muito de recear, que a dita Senhora
„ ſua filha naõ tenha aquella criaçaõ, que con-
„ viria à mulher de taõ grande, e virtuoſo Rey
„ como V. A. ou ſeja tocada do comum mal
„ daquelle Reyno, que ſendo aſſy naõ poderia
„ ſer couſa mais contraria ao ſerviço de Deos,
„ e de V. A. honra ſua, e bem deſſe Reyno,
„ que entrar nelle tal peſte, pois polla bondade
„ do Senhor hera taõ limpo de toda hereſia, e
„ que por tanto lhe pedia, e rogava muito ti-

„ vesse grande tento, e consideraçaõ se lhe este
„ negocio hera proposto, e amim rogava, que
„ lho escrevesse, e sobre tudo pedia a V. A. e
„ amy emcomendava, que por nenhuma via se
„ entendesse em França desviava elle V.A. deste
„ casamento, porque estando as cousas daquelle
„ Reyno no estado em que estaõ, bastaria isso
„ para de todo se dezaverem com elles, e sahi-
„ rem da obediencia da S. Sé Apostolica. Pro-
„ metilhe, que em tudo faria o que me S. San-
„ tidade mandava como faço, e vendo o amor,
„ e affeiçaõ com que me fallou em toda esta ma-
„ teria beijey o pé da parte de V. A. porque
„ chegava ver que hum Papa taõ virtuoso naõ ha-
„ via fazer este officio se naõ com zelo de virtu-
„ de, e de exuberante amor, que tem a V.A.
„ pollo que entendo lhe deve V. A. logo man-
„ dar responder em agradecimento da lembran-
„ ça, que tem delle, e de seus estados, mostran-
„ do lho merece pollo amor, e grande devoçaõ,
„ que a sua pessoa tem particularmente, e que
„ therá muita conta com sua lembrança, e con-
„ selho, e quando houver de tratar do seu casa-
„ mento o avisará, porque entendo receberá Sua
„ Santidade nisso grande satisfaçaõ, e contenta-
„ mento, e quando a V. A. parecer, que suas
„ rezões saõ sufficientes para se fazer o que elle
„ diz, e mostra desejar bem, creo se obrigará o
„ Papa muito escrevendo-lhe, que por seu respei-
to,

„ to, e conſelho detremine o que lhe Sua San-
„ tidade exorta, e manda quando muy efficazes re-
„ zões o obrigavaõ a naõ engeitar eſtoutro par-
„ tido.

„ Quizera o Papa como atraz digo man-
„ dar com eſte deſpacho hum correo a V. A.
„ trabalhey de o deſviar diſſo por me parecer
„ convinha aſſy mais para o ſegredo do negocio,
„ que S. Santidade pertende, e deſeja, e tam-
„ bem ao ſerviço de V.A. e offerecerme, que eu
„ mandaria o deſpacho a muy bom recado, e
„ naõ ſendo eſta carta para mais, Noſſo Senhor
„ guarde, e acreſcente a vida, e Real eſtado de
„ V. A. de Roma 16. de Setembro de 1566.
„ Dom Fernando de Menezes.

195 Naõ ſatisfeito o Pontifice das efficazes razões, com que perſuadira ao noſſo Embaixador a preferencia da Archiduqueza de Auſtria à Infanta de França para eſpoſa do noſſo Principe, eſcreveo duas cartas, huma a ElRey, e outra à Rainha D. Catharina, expreſſando em huma a D. Sebaſtiaõ o empenho, que tinha neſtes deſpoſorios, pois naõ havia conſorte mais propria para a ſua peſſoa do que a filha ſegunda do Emperador Maximiliano, por eſtar a primeira deſtinada para caſar com o Principe de Heſpanha, como na eſtreita uniaõ do parenteſco, e até na ſemelhança da idade; ſegurando-lhe, que da auguſta alliança da Caſa de Auſtria com a Portu-

gueza

gueza se esmaltaria a sua descendencia com o augusto sangue de todas as Purpuras da Europa. Semelhante insinuaçaõ fez o Santo Pontifice à Rainha D. Catharina recommendando-lhe applicasse todo o desvelo em persuadir a seu Neto o effeituar os seus desposorios com a Archiduqueza, pois com este consorcio se veria perfeitamente exercitada a educaçaõ, que della recebera, sendo a Esposa igualmente educada na escola de huma Matrona, que para ser profundamente venerada, eraõ superfluos os adornos da Magestade. As copias das cartas saõ as seguintes.

Charissimo in Christo Filio nostro Sebastiano Portugalliæ, & Algarbiorum Regi illustri,

PIUS PAPA V.

Carta de S. Pio V. a ElRey D. Sebastiaõ.

Laderchi, Annal. Eccles. ad ann. 1566. pag. 298. col. 2.

196 „ CHarissime, &c. Cum Te ut exi„mium filium nostrum meritò di„ligamus, in maximis nostris curis non ea modo „cogitamus, quæ in præsens, sed illa etiam, quæ „in posterum ad honorem tuum, & regni tui „commodum pertinent. Ad eam jam ætatem, „Dei benignitate, pervenisti, ut maturum exi„stimemus, cum solus suis, & tanti regni spe„cies unica de quærenda tibi conjuge cogitare. „Sed in hac cogitatione nulla Nobis conditio oc„currit, quæ circumspicientibus omnia Nobis magis

„gis placeat, quàm ut matrimonium contrahas
„cum altera de filiabus chariſſimi in Chriſto fi-
„lii Maximiliani Imperatoris electi, ut quoniam
„maior natu Hiſpaniarum Principi deſtinata pu-
„tatur, Tu minorem, cujus ætas cum tuâ ſatis
„congruit, ducas. Neque clariori genere ortam
„ducere potes, neque à Matre, in qua maior
„pietas reluceat, educatam. Tot verò Princi-
„pes affinitate tibi his nuptiis adjunxeris, ut
„nemo fere ſit de maioribus Chriſtiani nominis
„Principibus, qui non Tibi affinis futurus ſit.
„Itaque optime à Nobis conſulturus videris Re-
„gno, & poteſtati tuæ, & ſi eam potiſſimùm
„duxeris. Nec verò minus placiturum Te ge-
„nerum puellæ parentibus putamus, quam tibi
„Cæſar ſocer, & Imperatrix electa ſocrus pla-
„cere debeant. Quocirca hortamur Te, Fili
„chariſſime, ut ad has potiſſimùm nuptias ani-
„mum tuum inclines. Nos hanc cogitationem
„minime concepiſſemus, niſi Te, ut diximus,
„eximiè amaremus. Plura autem de hac re lo-
„cuti fuimus cum dilecto filio, nobili viro Fer-
„dinando Meneſio Oratore tuo, quem &
„prudentem virum, & Maieſtatis tuæ amantiſſi-
„mum, fideliſſimumque Miniſtrum novimus: Cui
„etiam mandavimus, ut uberiùs de hac re ſen-
„tentiam noſtram ad Te perſcribat, quo illum
„officio, pro cætera ſuâ diligentiâ in Tuis, &
„Regni Tui negotiis procurandis futurum eſſe
minime

„ minime dubitamus. Datum Romæ apud S.
„ Marcum, die 25. Septembris 1566. Pontifica-
„ tûs nostri anno primo.

Charissimæ in Christo filiæ Catharinæ,
Reginæ Portugalliæ,

PIUS PAPA V.

Carta de S. Pio V. para a Rainha D. Catharina, copiada do Original, que está na Torre do Tombo, Gaveta 17. Masso 5.

197 „ CHarissima in Christo filia nostra
„ salutem, & Apostolicam bene-
„ dictionem. Non esse alienum officio nostro pu-
„ tamus, ac potiùs maximè convenire paterno
„ amori, quo Serenissimum Regem nepotem tu-
„ um prosequimur; cum is jam ad puberem se-
„ rè ætatem Dei benignitate pervenerit, nec fra-
„ trem ullum habeat, cogitare jam de alicujus
„ maximi Principis filiâ illi uxore distinandâ; qua
„ de re cogitationem nostram cum Maiestate Tua
„ communicandam duximus, tua enim hæc po-
„ tissimùm cura est, quæ illi Avia es; quæ illum
„ educasti, & tuâ optimâ, piissimâque disciplì-
„ nâ instituisti. Nosti autem pro tua prudentia,
„ quanti intersit nepoti tuo, quanti nationi isti,
„ hanc, an illam potiùs uxorem habiturus sit.
„ Cogitantibus igitur Nobis de hac re nihil Nobis
„ videri solet utilius, nec ipsi, nec Regno ejus,
„ affinitate Serenissimi Romanorum Imperatoris
„ electi. Duæ sunt ei filiæ, quarum natu maior
nuptu-

„ nuptura exiſtimatur Hiſpaniarum Principi: Mi-
„ nor, ut ei deſponderetur, cujus etiam ætas
„ ætati Regis ſatis apta eſt, Nobis maxime pla-
„ ceret. Maiorem dignitate ſocerum is habere
„ non poteſt, quàm Cæſarem; nec ſocrum ma-
„ iori pietate, religione, probitate præditam,
„ quàm Imperatricem electam. Tali matre ge-
„ nita, & tali curâ educata, quis dubitare poſ-
„ ſit, quin cum cæteris virtutibus, tum imprimis
„ pietate matris ſimillima evaſura ſit filia? Hæc
„ ergo illa dote qua nulla, his quidem tempori-
„ bus, potior videri debet, maxime commenda-
„ tur. Tot verò Principes, Rex nepos tuus,
„ affines his nuptiis ſibi adiunxerit; quot fere ha-
„ bet Principes (de maioribus loquimur) Chri-
„ ſtiana Reſpublica. Quocirca Maieſtatem tuam
„ hortamur, ut de hac re cogitet, & ad hanc
„ potiſſimùm affinitatem animum ſuum applicet.
„ Hanc nos cogitationem noſtram cum Oratore
„ Regi communicavimus, ſcientes, cum tam
„ prudenti viro, tamque fideli Regis ſui miniſtro
„ nihil non liberè communicare nos poſſe, à quo
„ etiam petiimus, ut pluribus de hac re ad Ma-
„ ieſtatem tuam ſcribat. Dat. Romæ apud San-
„ ctum Marcum, ſub annulo Piſcatoris, die vi-
„ geſima quinta Septembris milleſimo quingente-
„ ſimo ſeſſageſimo ſexto, Pontificatûs noſtri an-
„ no primo.

Ant. Florebellus Lavellinus.

198 Estas persuasões animadas com a authoridade Pontificia de tal sorte inflammaraõ o animo da Rainha D. Catharina para promover o casamento de seu Neto com a Archiduqueza de Austria, que além do natural affecto, que tinha a esta Imperial Casa, escreveo logo a Filippe Prudente pedindo-lhe efficazmente quizesse concluir este negocio, no qual era taõ interessada a Coroa Portugueza, para cujo effeito lhe parecia conveniente, que a Archiduqueza viesse para Madrid, onde assistiria com sua tia a Princeza D. Joanna até que ElRey cumprisse a idade competente para com ella se despofar; e deste modo cessariaõ totalmente as negociações do casamento de França, vendo que a Archiduqueza estava destinada para Rainha de Portugal. A esta supplica respondeo Filippe Prudente, que como estava resoluto partir naquelle anno a Flandres, onde havia de achar a seu cunhado o Emperador, praticaria com elle sobre as dependencias do casamento de seu sobrinho com a Archiduqueza, sendo necessaria menor recommendaçaõ para o effeituar, por ser nelle summamente empenhado. A impaciencia, com que a Rainha desejava concluído este negocio, lhe fez parecer pouco agradavel esta reposta de Filippe, duvidando, que elle fizesse jornada a Flandres; e ainda que a executasse, naõ seria com tanta brevidade, de que resultava dilatarse para mais largo

largo tempo a conclusaõ do casamento, por cujo motivo escreveo com mayor efficacia a Filippe, pedindo-lhe que brevemente se effeituasse. A estas repetidas instancias da Rainha respondeo ElRey de Castella por huma carta assinada por Antonio Peres, seu Secretario de Estado, a qual se entregou a D. Francisco Pereira, Embaixador desta Coroa naquella Corte, e constava das palavras seguintes.

199 „Lo que ElRey nuestro Señor respon-
„de al escrito, que de parte del Serenissimo Rey
„de Portugal su muy caro, y muy amado so-
„brino se dio a D. Alonso de Tovar de su Con-
„sejo, e su Embaxador, sobre lo que el propu-
„so de parte de Su Mageſtad en el negocio del
„casamiento es lo seguiente.

„Primeramente, que S. Mageſtad há hol-
„gado de ver lo que de parte del dicho Serenis-
„simo Rey de Portugal su muy caro, y muy
„amado sobrino se mando responder al dicho D.
„Alonso de Tovar sobre la materia del casami-
„ento delRey su sobrino, y que tiene por muy
„cierto, que lo avran tomado con el amor, y
„buenas entrañas, con que Su Mageſtad há pu-
„esto la mano en este negocio, pues de ningu-
„no de los que más cercan le tocan puede de-
„sear el buen sucesso más deveras, que ver con-
„cluido este casamiento delRey su sobrino con
„la grandeza, y authoridade, que su persona me-

 rece,

„rece, que por ser tan notorio, y aver tantas,
„y tan estrechas prendas entre Su Magestad, y
„el Serenissimo Rey su sobrino de voluntad,
„amor, y deudo, que a ello le obligan, como
„todo el Mundo sabe, no ay para que decla-
„rarlas aqui.

„Y en lo que toca al termino del año, que
„Su Magestad avia querido tomar para tratar,
„y concluir este casamiento, que allá há pareci-
„do muy largo, Su Magestad entendia, que avi-
„endo-se de tratar deste negocio en presencia
„com el Emperador su hermano, quando Su
„Magestad passe a Flandes, nò podia en ningu-
„na manera señalar mas breve tiempo, pues quan-
„do las graves, y grandes ocupaciones, en que
„Su Magestad se halla, le dieran lugar a partir-
„se desde luego, nò podia escogerle mas breve
„para llegar allà, e començar a tratar de un ne-
„gocio de tanta calidad, y importancia, como
„este, y llegarlle a la buena conclusion, que
„desea; principalmente que tanbien Su Mages-
„tad media este tiempo con la edad del Serenis-
„simo Rey su sobrino, entendiendo, que para
„el fin del dicho año havria cumplido los qua-
„torze años, que parece todo se venia a acabar,
„y concluir en un mismo tiempo, y con la sa-
„zon, autoridad, y cumplimiento, que en se-
„mejante negocio requiere; pero visto que con
„esto se les haze muy largo este termino, Su
Mages-

„ Mageſtad desde luego holgará de començar a
„ tratar dello , y diſponer la materia , para que
„ quando llegue a verſe con el Emperador ſu her-
„ mano la halle diſpueſta de manera , que ſe pue-
„ da hechar a una parte eſte negocio com ma-
„ yor brevedad , ſi fuere poſſible ; y que aſſi pa-
„ reciendoles alla , que es lo que conviene para
„ el bien del negocio , y ſiendo dello contientos,
„ y aviſando de ſu voluntad en eſto , Su Mageſ-
„ tad eſcrivirá al Emperador ſu hermano ſobre
„ ello , y començará luego a hazer los buenos
„ oficios , y los más convenientes , que le fueren
„ poſſibles , para que quando ſe llegue a eſtas viſ-
„ tas aya menos que hazer , y concluir en el ne-
„ gocio.

„ Pero que tanbien ſerá mucha razon , y
„ muy juſto , que aviendo-ſe de hazer , y antici-
„ par eſta negociacion , y deligencia con el Em-
„ perador , nó ſe paſſe adelante con la platica
„ del caſamiento , que ſe há tratado con Fran-
„ cia , ò a lo menos que eſto no ſe pueda eſcu-
„ ſar , ſe vaya tratando , y entreteniendo , de ma-
„ nera , que no ſe venga a ninguna manera de
„ concluſion haſta ver el fin deſtotro negocio ;
„ porque ſerá reduzirle a los miſmos terminos , y
„ verſe en el miſmo inconveniente , que los dias
„ paſſados quando fue meneſter , que Su Mageſ-
„ tad enviaſſe a D. Franciſco Pereira del Conſe-
„ jo , y Embaxador del Sereniſſimo Rey ſu ſo-
brino

„ brino a pedirles este mismo, principalmente por
„ lo que más a Su Magestad le mueve en esto
„ negocio es lo mucho que se desea, que el deu-
„ do, y hermandad, que entre Su Magestad, y
„ el Sereníssimo Rey su sobrino ay, vaya siem-
„ pre creciendo, pues desto nó depiende menos
„ que el bien establecimiento, y posteridad de
„ sus casas, y dar lugar a que Francezes se me-
„ tan de por medio, seria aventurar parte del so-
„ ciego, y gran seguridad, que estotro casamien-
„ to trae consigo; y quando nó huviera nada
„ deste de por medio, ni tanta diferencia de las
„ prendas, y deudo, que entre todos ellos ay,
„ al que tienen con Francia, bastaria la prueva
„ tan fresca, que se tiene de la manera de pro-
„ ceder desta gente, y entender quan poco se
„ podrian en ningun tiempo prometer, ni asse-
„ gurar de su compañia; demás de que havien-
„ do llegado tan adelante la platica, y negocia-
„ cion destotro casamiento, y mostrado el Em-
„ perador tanta gana de dar contentamiento, y
„ satisfacion en ello, seria tambien hazer muy
„ grande agravio, assi a la voluntad, y amor con
„ que Su Magestad há començado a emplearse
„ en este negocio como a las muestras, y pren-
„ das tan aparentes, que el Emperador su her-
„ mano há començado a dar de desear ver con-
„ cluido este casamiento a satisfacion, y gusto de
„ todos; y que assi será muy necessario, que avi-

sen

„ ſen a Su Mageſtad de ſu voluntad, y le aſſe-
„ guren de lo que en eſte negocio ſe hará de ſu
„ parte para que Su Mageſtad pueda caminar
„ con mas certidumbre, y ſegurad en un nego-
„ cio, que tanto importa.

„ Y en lo que toca à lo del dote, de que
„ les parece ſe deve tratar desde aora, Su Ma-
„ geſtad nó vé como convenga hablar en eſta ma-
„ teria no haviendo-ſe aſſegurado, ni efectuado
„ lo principal de que aora ſe trata; y pues en lo
„ de la concluſion del dicho caſamiento ſe co-
„ menſará a entender desde luego, y hazer en el-
„ lo todas las deligencias poſſibles como eſtá di-
„ cho, parece a Su Mageſtad, que ſerá lo me-
„ jor, y mas conveniente dexar eſta platica para
„ ſu tiempo, y atender a lo que más importa,
„ pues deſto depende todo lo demás que en ſe-
„ mejantes negocios ſe ſuele pertender, y deſear;
„ y que en eſte particular quando Su Mageſtad
„ viere que convenga, hará el miſmo buen offi-
„ cio, que en lo principal, pues tiene las coſas
„ del Sereniſſimo Rey ſu ſobrino por tan proprias,
„ como las de más, cuya colocacion, y acrecen-
„ tamiento tiene Su Mageſtad en el miſmo gra-
„ do, y eſtima, que las del Principe ſu hijo. En
„ Madrid a 20. de Deziembre de 1566.

Antonio Peres.

200 O deſejo, que o Emperador tinha de
caſar ſua filha com ElRey D. Sebaſtiaõ, como
conſta

consta desta carta, foy quando no anno de 1562. se tratou este negocio; porém agora estava perplexo, e vacillante na determinaçaõ, que havia seguir, pois pedindo lhe por Esposa huma de suas filhas Carlos IX. de França, e outra ElRey D. Sebastiaõ, e podendo satisfazer às supplicas destes Monarchas concedendo-lhe por Consortes as duas Archiduquezas, o seu intento era muito differente, querendo casar a filha primeira, que era D.Anna de Austria, com o Principe de Castella D. Carlos, e ajustado este casamento eleger para Esposo da segunda o Principe, a que fosse mais affecto. Porém como Filippe conhecia o genio inquieto de seu filho, naõ se determinava a casallo, e desta irresoluçaõ procedia a politica, com que o Emperador totalmente inclinado ao casamento de Castella contemporizava com as Cortes de França, e Portugal.

Consulta ElRey D. Sebastiaõ a D. Affonso de Portugal, Conde do Vimioso, àcerca do seu casamento.

201 Esta taõ grave negociaçaõ, de que estava pendente a total conservaçaõ da Monarchia, participou individualmente ElRey D. Sebastiaõ a D. Affonso de Portugal, Conde do Vimioso, e seu Védor da Fazenda, cujas virtudes moraes, e politicas, de que era summamente ornado, se illustravaõ com o Real sangue, que lhe circulava nas veyas, insinuando-lhe por huma carta lhe mandasse o seu voto em huma materia de taõ graves consequencias, a qual unicamente fiava da sua prudencia, e fidelidade tan-

tas

tas vezes exercitada em obſequio deſta Coroa. A carta era a ſeguinte.

„Conde ſobrinho amigo. Eu ElRey vos
„envio muito ſaudar, como aquelle que muito
„amo. Os dias paſſados fallou a Princeza mi-
„nha Senhora em caſamento meu com a Infan-
„ta D. Iſabel, filha ſegunda do Emperador meu
„tio, eſcrevendo ſobre iſſo à Rainha minha Se-
„nhora, e Avô, e depois ſe offereceo moſtrar
„ElRey de França, e a Rainha ſua mãy gran-
„de deſejo, e vontade de caſarem comigo Ma-
„dama Margarida ſua irmãa, e filha, e para iſ-
„ſo enviaraõ Joaõ Pereira Dantas meu Embai-
„xador em ſua Corte, pelo que me eſcreveraõ,
„e mandaraõ fallar neſte negocio, e eſtando pa-
„ra lhe reſponder ſuccedeo o negocio da Ilha
„da Madeira, e os damnos, roubos, e inſultos,
„que Francezes fizeraõ naquella Ilha, os quaes
„eu ſenti tanto como era razaõ, pelo que deſ-
„pachey logo em repoſta o dito Joaõ Pereira,
„e por elle me mandey queixar a ElRey de
„França deſtas obras, que ſeus Vaſſallos, e ſo-
„geitos commettiaõ contra os meus, taõ diffe-
„rentes da antigua amiſade, que ſempre entre
„nós ouve, e da que elle queria perpetuar, e
„accreſcentar por meyo do meu caſamento, o
„qual eu naõ poderia ouvir em quanto de ſua
„parte ſe naõ déſſe a ſatisfaçaõ, e reparaçaõ em
„tal caſo devida, mandando ao dito Joaõ Pe-

Carta delRey para o Conde, copiada da Original, que ſe conſerva no Cartorio da Excellentiſſima Caſa do Vimioſo.

,, reira, que a procuraſſe, e requereſſe com o
,, caſtigo dos culpados, e reſtituiçaõ dos dam-
,, nos, o que o dito Joaõ Pereira fez; e poſto
,, que ElRey de França moſtrou muito ſenti-
,, mento deſte negocio, e ſe me enviaſſe diſcul-
,, par por hum ſeu Gentilhomem, e déſſe ao
,, dito Joaõ Pereira ſempre boas palavras, toda
,, via até agora naõ procedeo niſſo como eu eſ-
,, perava, e era razaõ que o elle fizeſſe, que foy
,, cauſa de eu naõ querer, que o dito Joaõ Pe-
,, reira fallaſſe no dito caſamento, e delRey de
,, França, e ſeus Miniſtros naõ tratarem tambem
,, delle, entendendo quaõ pouca occaſiaõ de con-
,, tentamento me tinhaõ dado para eu folgar de
,, vir nelle. Eſtando a materia neſtes termos, e
,, o negocio ſuſpenſo aſſi na parte de Alemanha,
,, como na de França, ElRey de Caſtella meu
,, tio, e a Princeza minha Senhora procuraraõ
,, ſempre efectuaſſe meu caſamento em Alema-
,, nha, e para iſſo eſcreveraõ ao Emperador, que
,, poſto que foſſe muy inſtado por ElRey de Fran-
,, ça para lhe haver de dar por mulher a Infanta
,, D. Iſabel ſua filha, toda via agora ultimamen-
,, te ſe reſolveo em folgar de a dar antes amim
,, ſegundo vi por as cartas, que eſcreveraõ à Rai-
,, nha minha Senhora, e Avô, e ao Cardial In-
,, fante meu tio, e por ellas parece, que o Em-
,, perador chegará a duzentos mil cruzados de do-
,, te com ſua filha; as partes, e qualidades, que
neſta

,, nesta Princeza concorrem, bem vistas, e sabi-
,, das estaõ, e assi quanto se ganha na alliança
,, com Castella, avendo o Principe meu primo
,, de casar com a filha mais velha do Emperador,
,, e como está assentado, além do grande gosto,
,, e contentamento, que a Princeza minha Se-
,, nhora, e ElRey meu tio mostraõ de se este
,, meu efectuar. Do casamento de França por
,, as razões acima ditas se naõ póde, nem deve
,, com minha authoridade agora tratar, e diffirir-
,, se este. Parece que naõ convem visto quan-
,, to importa a bem destes Reynos casar eu o
,, mais cedo, que for possivel, e a grande ins-
,, tancia, que ElRey de França faz por este ca-
,, samento de Alemanha, pareceume devervos
,, avisar do que nisto passa, e os termos em que
,, o negocio está para que o considereis bem, e
,, me escrevais nelle vosso parecer, e conselho;
,, muito vos encommendo, que o façais assi, e
,, confórme a muita confiança, que de vós tenho,
,, o que vos muito agradecerey. Escrita em Lis-
,, boa a 10. de Outubro. Pantaliaõ Rabello a
,, fez de 1567. O Cardial Infante.

CAPITULO XXVII.

Relata-se summariamente o formidavel poder com que foy combatida a Ilha de Malta pelos Turcos, e o heroico valor, com que foraõ derrotados. Edifica o Gram Mestre sobre as ruinas da Cidade outra mais famosa, para cuja fabrica manda ElRey D. Sebastiaõ hum largo donativo, do qual o congratúla S. Pio V.

1566.

202 A Famosa Ilha de Malta animada dos heroicos espiritos de seus invenciveis Cavalleiros nunca se coroou com mais celebre, e plausivel triunfo do que aquelle, que no anno passado alcançou da barbara potencia do Solimaõ, resoluto a extinguir a memoria de huma Ilha, que era afrontoso escandalo do seu formidavel Imperio. Para este fim juntou huma Armada, que constava de cento e trinta galés, trinta galeotas, dez navios de alto bordo, e duzentos de menor grandeza, guarnecidos de cincoenta mil Janizaros, Spahis, e Azapes, de cujos valerosos peitos fiava o desempenho de taõ arriscada empreza. Foy nomeado por General desta Armada o Baxá Piali, e para o Exercito de terra Mustafá, ambos igualmente disciplinados no exercicio das armas, de que tinhaõ dado

Formidavel Armada, com que os Turcos acometem a Ilha de Malta.
Cabrera, Hist. de Filip. II. liv. 6. cap. 21.

do em diverſas occaſiões manifeſtos argumentos.

203 Sahio de Conſtantinopla eſta horroroſa machina naval a 22. de Março, e paſſando o Eſtreito de Gallipoli, chegou a aviſtar Malta em 18. de Mayo, e a 20. começaraõ os Turcos com incrivel preſteza levantar hum Forte para defender a boca do porto, e a plantar varias batarias para facilitar a expugnaçaõ, que intentavaõ. He difficil de repreſentar os furioſos aſſaltos, e as violentas irrupções, que toleraraõ os muros daquella vitorioſa Ilha pelo eſpaço de quatro mezes, e muito mais impoſſivel de referir as heroicas façanhas, que os ſeus famoſos defenſores obraraõ em taõ prolongado ſitio, até que com o ſangue derramado de trinta e cinco mil barbaros eſcreveraõ nos annaes da immortalidade a glorioſa fama, que conſeguiraõ.

Numero dos Turcos mortos neſte ſitio.
Funes, Chron. de la Relig. de Malta, tom. 2. liv. 6. cap. 18.

204 Era neſte tempo Gram Meſtre da Religiaõ D. Joaõ de la Vallete, a cujos generoſos eſpiritos, e incançavel vigilancia ſe deveo grande parte deſte triunfo, e depois de render ao Senhor dos Exercitos as graças por hum beneficio, que todo reſultava em obſequio do ſeu Sagrado Nome, e vituperio dos inimigos da ſua Cruz, determinou ſignificar noticia taõ plauſivel a todos os Principes Catholicos, mandando por Embaixadores a Roma Paulo Fiamberto Paves; ao Emperador D. Fr. Rodrigo Maldonado; a El-Rey de França o Commendador Fr. Antonio

Manda o Gram Meſtre a noticia deſta vitoria a todos os Principes.

Flota

Flota la Rocha, e às Mageſtades de Caſtella, e Portugal o Capitaõ Fr. Pedro Boninſeñi. Receberaõ eſtes Soberanos com extraordinarias ſignificações de jubilo a noticia de taõ admiravel vitoria por ter ſido o mais injurioſo, e fatal eclypſe das Luas Ottomanas, congratulando todos ao Gram Meſtre da immortal gloria, que alcançara o ſeu grande coraçaõ, pois delle ſe communicaraõ os heroicos eſpiritos aos outros Cavalleiros para executarem aquellas acções, que celebrava Roma com applauſo, e lamentava Conſtantinopla com ignominia.

Sahe o Gram Meſtre a examinar as ruinas feitas pelos Turcos.

205 Depois que os Turcos levantaraõ o ſitio, ſahio o Gram Meſtre em 12. de Setembro acompanhado de D. Alvaro de Sande, Aſcanio de la Corgna, o Prior da Barleta, o Conde de Cifuentes, D. Bernardino de Cardenas, D. Diogo de Mendoça, e outros Cavalleiros a examinar com os olhos os horriveis eſtragos, que executara a artilharia dos inimigos, pois tinha diſparado em todo o tempo do ſitio cento e trinta mil tiros, e das ruinas ſe extrahiraõ ſeſſenta mil balas, das quas muitas pezavaõ cento e ſeſſenta arrateis, e cauſou a todos naõ pequeno aſſombro o deploravel eſtado, a que eſtava reduzida toda a Ilha, naõ havendo Templo, edificio, ou muro, que ſe naõ viſſe demolido, aberto, e arrazado, ſendo mais para laſtimar a ſenſivel falta de dous mil e quinhentos Cavalleiros de diver-

Quantos foraõ os Cavalleiros, como os naturaes da Ilha, que morreraõ neſte ſitio.

diverſas nações, de cuja glorioſa morte foraõ companheiros ſete mil Maltezes de todos os ſexos, e idades.

206 O Gram Meſtre como era igualmente prudente, que valeroſo, começou a recear, que irritado Solimaõ com a graviſſima perda, que padeceraõ as ſuas armas, intentaſſe juntar outra Armada igual, ou mayor à que tinha infelizmente expedido contra Malta para vingar as injurias, e eſtragos, que recebera; e conſiderando, que naõ eſtava capaz aquella Ilha de reſiſtir a outra invaſaõ ſemelhante, determinou para triunfar dos intentos de Solimaõ edificar huma nova Cidade, cujos muros deſprezaſſem o barbaro impulſo de emulo taõ poderoſo. Para executar eſta reſoluçaõ, que ſómente baſtava conceberſe no penſamento para ſer glorioſa, repreſentou a todos os Soberanos da Europa, e alguns Potentados de Italia pelos Embaixadores, que mandara para dar a noticia do triunfo, que tinha alcançado, como determinava levantar huma Cidade ſobre as vitorioſas ruinas de Malta, que foſſe inexpugnavel a toda a potencia Ottomana, mas que para obra taõ heroica era preciſo concorrerem com alguns donativos. Exaltaraõ todos os Principes o Catholico zelo do Gram Meſtre, com que queria conſervar a ſua Religiaõ illeſa da menor violencia dos Turcos, e para demonſtraçaõ de quanto lhes agradecia a idéa da nova Cidade, concor-

Intenta o Gram Meſtre edificar huma nova Cidade.

concorreraõ com generosa profusaõ para se effeituar a obra premeditada, mandando o Pontifice quinze mil escudos, ElRey de França cento e quarenta mil livras, e Filippe II. noventa mil. Naõ foy inferior à liberalidade destes Principes a generosa piedade do nosso Monarcha, mandando trinta mil cruzados para a construcçaõ de huma fabrica, que havia ser a sepultura da infidelidade Mahometana.

Generoso donativo, que mandou D. Sebastiaõ para a fabrica da nova Cidade.

Vertot, Histor. des Cheval. Hosp. de S. Jean de Jer. tomo 4. liv. 13. pag. 89.

207 Chegou o dia 28. de Março deste anno de 1566. destinado para se lançar a primeira pedra do novo edificio, para cujo effeito sahio o Gram Mestre vestido no habito de ceremonia, e acompanhado de todos os Prelados, Cavalleiros, e Clerezia formados em Procissaõ, a que precedia huma Cruz, marchou até o monte Sceberras, que estava todo ornado de tendas militares, e grande numero de insignias, e estendartes de guerra. No meyo deste ornato bellico se levantou hum soberbo, e precioso pavelhaõ, debaixo do qual se cantou a Missa ao Espirito Santo com todo o genero de instrumentos musicos, a que respondeo com plausivel, ainda que horrorosa consonancia, toda a artilharia ao tempo, que se elevou a Hostia. Acabada a Missa o Subprior, que a tinha cantado, benzeo solemnemente a nova Cidade, que para eterna memoria do Fundador se lhe impoz o nome de *Vallete*. A esta ceremonia se seguio outra naõ menos

Apparato, com que se lançou a primeira pedra.

Baudoin, Hist. des Cheval. de l'Ordre de S. Jean de Hierus. liv. 19. cap. 9.

menos plausivel, qual foy lançar o Gram Mestre na ponta do Baluarte de S. Joaõ a primeira pedra, que havia ser o solido fundamento do mais forte propugnaculo contra as invasões do Imperio Ottomano. Nella se liaõ gravadas as palavras seguintes.

Illustrissimus, & Reverendissimus Dominus Fr. Joannes de Valleta, Ordinis Militiæ Hospitalis D. Joannis Baptistæ Hierosolymitani Magnus Magister periculorum anno superiore à suis militibus, Populoque Meliteo in obsidione Turcica perpessorum memor de condenda urbe nova, eaque mœniis, arcibus, & propugnaculis ad sustinendam vim omnem, propulsandosque inimici Turcæ impetus aut saltem reprimendos munienda, inito cum Proceribus Concilio die Jovis vigesima octava mensis Martii 1566. Deum Omnipotentem, Deiparamque Virginem, & Numen Tutelare D. Joannem Baptistam, Divosque cæteros multa precatus, ut faustum, felixque Religioni Christianæ fieret, ac Ordini suo, quod inceptabat, benè cederet, suppositis aliquot suæ notæ nummis aureis, & argenteis prima Urbis fundamenta in Monte, ab Incolis SCEBERRAS *vocato, jecit, eamque de suo nomine* VALLETAM, *dato pro in-*

Bosio, Istoria della Sacr. Rel. di S. Giov. Gier. part. 3. lib. 35.

signibus in parma miniata aureo Leone, appellari voluit.

Medalhas, que se lançaraõ no alicesse.

208 Para eternizar nos seculos vindouros a memoria de acçaõ taõ heroica, se lançaraõ nos alicesses grande numero de medalhas de ouro, e prata, nas quaes se via a nova Cidade gravada, lendo-se em humas esta inscripçaõ: *Melita renascens*, e em outras: *Perpetuo propugnaculo Turcicæ obsidionis*, e nos reversos o dia, e anno da sua fundaçaõ.

Gratifica o Pontifice o donativo, que ElRey D. Sebastiaõ mandou para a nova Cidade.

209 A religiosa liberalidade, com que ElRey D. Sebastiaõ concorreo para a edificaçaõ desta nova Cidade, applaudio com affectuosas expressões S. Pio V. segurando ao nosso Monarcha, que naõ sómente aquella bellicosa Religiaõ, mas a mesma Sé Apostolica seriaõ eternamente acrédoras ao ardente zelo de seu magnifico coraçaõ. As clausulas do Summo Pontifice eraõ as seguintes.

Laderchi, Annal. Eccles. ab anno 1566, *pag.* 87. *col.* 1.

210 „Charissimo in Christo Filio nostro Sebastiano Portugalliæ, & Algarbiorum Regi illustri. Charissime in Christo Fili noster. Cognovimus ex Cambiano Oratore dilecti filii Magistri Hospitalis Sancti Joannis Hierosolymitani, & ab aliis Maiestatem Tuam commotam meritis illius Ordinis erga Rempublicam Christianam misisse satis magnam pecuniam ad Oppidum novum in Insula Melita condendum, eam-

que

,, que Insulam tamquàm arcem adversus imma-
,, nissimos hostes Christiani nominis muniendam.
,, Magnam sane ex ista liberalitate Tua, & à to-
,, to illo præstantissimo Ordine, & reliquis om-
,, nibus laudem adeptus es, & fecisti, quod
,, pium Regem decuit. Ordo enim adeò de
,, Christiana Republica benemerentissimus, om-
,, nium Christianorum Principum auxilio dignus
,, est; & Insula illa adeò Siciliæ imminet, ut
,, cavere necesse sit, ne in hostium potestatem
,, veniat, in qua id oppidum, cum ædificatum,
,, & diligenter munitum fuerit, erit opportunis-
,, simum adversùs Turcas, & prædones alios to-
,, tius Christiani populi propugnaculum. Lau-
,, dantes igitur Nos quoque eo nomine Maiesta-
,, tem Tuam, hortamur, ut quando tam bene-
,, volum animum erga hunc Ordinem indicasti,
,, illum perpetuò commendatum habeas, cui Nos
,, quoque non defuimus adhuc, nec defuturi
,, sumus. Datum Romæ apud Sanctum Mar-
,, cum, sub annulo Piscatoris, die VII. Augu-
,, sti M.D.LXVI. Pontificatûs nostri anno pri-
,, mo.

CAPITULO XXVIII.

Alcança Lourenço Pires de Tavora huma vitoria em Tangere dos filhos do Alcaide Bentuda.

1566.

211 MEmoravel, e glorioſa foy a acçaõ, com que Lourenço Pires de Tavora coroou neſte anno de 1566. em Africa o ſeu governo. Padecia a Cidade de Tangere huma grande falta de lenha, e para remedio de taõ urgente neceſſidade mandou aquelle prudente Capitaõ baſtante gente militar, precedida de varias atalayas, que vigilantes impediſſem alguma repentina invaſaõ dos inimigos. Havia onze dias, que por ordem do Alcaide Bentuda eſtavaõ dous filhos ſeus obſervando os movimentos dos noſſos Soldados; e vendo que diſcorriaõ diſperſos pela ſerra de S. Joaõ, e grande parte do campo, ſe animaraõ a inveſtillos pela parte de Magoga, que correſponde ao Campo de Tangere Velho. Lourenço Pires de Tavora aſſiſtia na atalaya do Palmar acompanhado de quarenta Fronteiros, guarnecendo a ſerra até que a ſua gente ſe recolheſſe, e impedindo, que os Mouros lhe naõ tomaſſem a vanguarda ao entrar do vallo Real, que eſtá no rio dos Indios. Naõ foy pode-

Os filhos do Alcaide Bentuda intentaõ inveſtir a guarniçaõ de Tangere.

Hiſt. dos Var. do Appellid. de Tavor. pag. 258.

poderoſa toda eſta cautela para que ao entrar os noſſos pelo portal, naõ correſſem à meſma parte com ſumma preſteza os inimigos, onde começou a travarſe hum ſanguinolento conflicto. Para reſiſtir ao impulſo dos Mouros, que eraõ muito ſuperiores em numero aos noſſos, deixou Lourenço Pires no facho dos Lumares a ſeu filho Chriſtovaõ de Tavora com os Fronteiros, e mais Soldados, que ſe tinhaõ recolhido do campo, e foy eſperar ao Adail Sebaſtiaõ Gonçalves Pitta com a gente, que governava, para que juntos fizeſſem mayor reſiſtencia aos inimigos. Confiados eſtes no exceſſo do numero nos diſputaraõ por largo tempo a vitoria, porém ſendo vigoroſamente rotos por Chriſtovaõ de Tavora, Alvaro Pires de Tavora, Franciſco de Tavora, e D. Franciſco de Moura, largaraõ o campo os que eſcaparaõ da morte, ſendo taõ grande o pavor, que lhes occupou os corações, que paſſando por muitos carros, que os noſſos deixaraõ na ſerra, em que nos podiaõ cauſar grave damno, os naõ offenderaõ; antes fugiaõ taõ atropelladamente, que lançavaõ as armas das mãos para ſe valerem com mayor ligeireza dos pés.

Sanguinolento conflicto, que ſuſtenta a noſſa gente.

Eſtrago, que padeceraõ os inimigos.

212 Entre todos os Fronteiros ſe diſtinguio o Adail Sebaſtiaõ Gonçalves Pitta obrando com quarenta cavallos, que governava, eſpantoſas proezas; pois como ſe fora rayo animado fulminou pelas

pelas ſuas mãos a trinta Mouros ; e ainda que intentou reprimir o furor dos ſeus Soldados para que defendeſſem o portal da entrada dos inimigos, hiaõ taõ arrebatados da colera, que ſurdos aos clamores do ſeu Capitaõ obrigaraõ aos Mouros a que ſe precipitaſſem do vallo, onde os eſperavaõ nas pontas das lanças. Neſte furioſo combate ſendo exceſſiva a multidaõ de barbaros, que morreraõ, acabaraõ glorioſamente as vidas com inveja dos companheiros Manoel de Mello, Antonio Jaques, D. Diogo de Avellaneda, Antonio de Mello de Tavilla, Fernaõ de Lima, Joaõ Callado, Franciſco Barroſo, e Alvaro Rabello; e ſahiraõ gravemente feridos D. Gil Eannes, D. Diogo de Caſtello-Branco, e Gaſpar Antunes.

Peſſoas principaes, que morreraõ neſte combate.

213 Todos os Cavalheiros, que ſe acharaõ neſte conflicto obraraõ, acções dignas do ſeu naſcimento, como foraõ Nuno Furtado de Mendoça, D. Franciſco de Moura, D. Rodrigo de Mello, D. Joaõ de Azevedo, Gonçalo Pereira, Diogo de Mendoça, Luiz de Caſtilho, Joaõ de Barros, Balthefar Leitaõ, Alvaro Pires de Tavora, e Gaſpar Pereira, que derrubando ao meſmo tempo dous Mouros, e indo hum delles para o ferir, lhe prevenio o golpe, lançando-lhe a maõ aos cabellos, pelos quaes prezo foy logo morto. Gonçalo Mendes de Brito ſe abraçou com outro, e cahindo ambos em terra, fugindo-lhe

Valor, com que ſe houveraõ alguns Fidalgos Portuguezes.

do-lhe o cavallo, tomou o do Mouro, com que velozmente se salvou do perigo. Foy taõ lamentavel o estrago padecido pelos Mouros, que no silencio, com que se retiraraõ do campo, publicaraõ o excesso da perda, que sentiraõ. Este faustissimo successo foy a coroa das proezas militares, que em Africa executou o heroico espirito de Lourenço Pires de Tavora, que restituido ao Reyno foy acclamado pela voz commua ser igualmente capaz o seu talento para o Cabinete, como para a Campanha; e lhe succedeo no governo da Praça de Tangere D. Joaõ de Menezes.

Chega a Lisboa Lourenço Pires de Tavora.

CAPITULO XXIX.

Parte D. Diogo Pereira com huma Armada para esperar as naos do Achem no Estreito de Meca, e depois de saquear a Ilha de Socotorá padece huma tormenta, onde naufragaõ alguns navios. Pede ElRey de Pegû por mulher a filha delRey de Cotta, e da magnificencia, com que foy recebida naquella Corte.

214 A Primeira acçaõ, por onde começou este anno a exercitar o seu militar desvelo o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha, foy a expediçaõ de huma Armada para espe-

1566.

Expede D. Antaõ de Noronha huma Armada para esperar as naos de Meca.
Couto, Dec. 8. liv. 1. cap. 11.

esperar as naos, que viessem do Estreito de Meca, de que fez Capitaõ a seu cunhado D. Diogo Pereira embarcando-se em a nao S. Lourenço, a quem acompanhavaõ cinco galeões, cujos Capitães eraõ: Nuno Alvares Pereira, Gonçalo Pereira de Castro, Joaõ da Sylva Pereira, e Manoel Ferreira de Azevedo, com seis galeotas governadas por Braz Tavares, Diogo Nunes Pedroso, Manoel de Medeiros, e Alvaro Fernandes. Navegou esta Armada com feliz vento em busca das Ilhas de Maldiva, onde estavaõ cinco naos carregadas para Meca, defendidas por nove galés do Achem; e sendo os nossos descubertos pelos inimigos se mudaraõ do Canal do Cardû, e antevendo os designios, com que podiaõ ser assaltados as portas do Estreito, usaraõ de hum ardil, com que triunfou a sua astucia da nossa vigilancia. Começaraõ no silencio da noite a disparar algumas bombardas como final de que levavaõ as ancoras; e imaginando D. Diogo Pereira ser aquelle estrondo conflicto naval entre os Mouros, e Gonçalo Pereira, se fez à véla com incrivel velocidade para o soccorrer, e vagando de Canal em Canal, e de Ilha em Ilha o achou ao amanhecer surto em Cardû resoluto a acudir a D. Diogo Pereira, pois cuidava, que aquelles tiros eraõ effeito de se ter encontrado com os inimigos, escapando com este sagaz artificio da violencia das nossas armas.

Estratagema, com que os inimigos se livraõ de naõ serem derrotados.

Na

215 Na altura da Ilha de Socotorá ſe dividiraõ os navios da noſſa Armada, e obſervando D. Diogo Pereira aos inimigos para lhes dar o premio dos ſeus enganos, ſuccedeo, que huma das ſuas naos déſſe à coſta na outra parte da Ilha, da qual feita em pedaços ſahiraõ com manifeſto perigo quinhentos Turcos, e mandando o noſſo Capitaõ mór pedir ao Xeque da Ilha, que por ſer amigo do Eſtado, lhos entregaſſe, e que fazendo o contrario os iria peſſoalmente buſcar, lhe reſpondeo, que para fazer aquella entrega lhe era preciſa a dilaçaõ de alguns dias, pois os Turcos eſtavaõ diſperſos por toda a Ilha, e com eſta ſimulada repoſta foy de tal ſorte conſummindo o tempo, e enganando a D. Diogo Pereira, que buſcou occaſiaõ de ſe occultar em huma ſerra, onde ſe julgou impenetravel à noſſa vingança. Eſtimulado do engano do barbaro D. Diogo Pereira ſaltou em terra, e depois de ſaquear a Ilha de muitas, e precioſas fazendas, de que abundantemente ſe carregaraõ os navios, a entregou à voracidade do fogo, que brevemente a reduzio a cinzas. Effeituada eſta fatal hoſtilidade ſe fez à vela o Capitaõ mór para Goa, e indo na altura da ponte de Dio, ſeſſenta legoas ao mar, ſendo a conjunçaõ da Lua Nova em 17. de Abril, experimentou huma tormenta taõ horroroſa, e violenta, que durando por eſpaço de cinco dias fez

D. Diogo Pereira eſcala, e queima a Ilha de Socotorá.

naufragar quaſi toda a Armada. O impulſo do vento era taõ arrebatado, que em hum inſtante ſubmergio o galeaõ de Manoel Ferreira de Andrade, a quem laſtimoſamente acompanhou o galeaõ S. Lourenço, em que navegava D. Diogo Pereira. Os navios de D. Nuno Alvares Pereira, Joaõ da Sylva, e Gonçalo Pereira de Caſtro eſcaparaõ da ultima calamidade por reſiſtirem como mais fortes ao embate das aguas. As galeotas foraõ vagando à diſcriçaõ do vento, indo humas aportar a Baçaim, outras a Dio quaſi ſubmergidas, perecendo em taõ funeſto naufragio mais de quatrocentos homens.

Horroroſa tormenta, em que naufraga a mayor parte da Armada.

216 No Genethliaco do Bramá, Rey do Pegû, levantaraõ os Aſtrologos diverſas figuras, obſervando com ſuperſticioſa inveſtigaçaõ os aſpectos dos Planetas, para delles conjecturarem a fortuna proſpera, ou adverſa, que havia dominar ſobre as acções daquelle Principe, e entre os ridiculos vaticinios, com que ſahio a ſua ſempre fallivel, e incerta ſciencia, foy affirmarem, que havia de caſar com huma filha delRey de Ceylaõ; e para mais inculcarem a infallibilidade do ſeu juizo Aſtrologico, até lhe aſſinaraõ as feições do roſto, e a eſtatura do corpo. Perſuadido ElRey de Pegû deſtas falſidades, como ſe foraõ certas profecias, mandou Embaixadores a D. Joaõ, Rey de Cotta, que pelo ſangue era legitimo Emperador de toda a Ilha de

Pede ElRey de Pegû para ſua Eſpoſa a filha delRey de Cotta.

Far. Aſia Portug. tom. 2. part. 3. cap. 2. §. 12.

de Ceylaõ, ſignificarlhe o grande goſto, que tinha em ſe aparentar com elle dando-lhe para conſorte a ſua filha. Chegaraõ os Embaixadores a Columbo a tempo, que ElRey tinha paſſado a Cotta, onde os recebeo com ſummo agrado, e generoſa benevolencia, e depois de lhe repreſentar a petiçaõ do ſeu Soberano, lhe offereceraõ varias joyas, e outras peſſas de igual valor, e eſtimaçaõ com huma nao carregada de mantimentos, cuja dadiva foy muito opportuna pela neceſſidade, que havia delles, cauſada da oppreſſaõ, que havia taõ pouco tempo tinha padecido aquella Fortaleza.

217 Naõ podia ElRey de Cotta ſatisfazer à ſupplica delRey de Pegû, porque naõ tinha filha alguma, que caſaſſe com eſte Principe, e achando occaſiaõ de fazer Rainha a huma filha do ſeu Camereiro mòr, que com amor de pay tinha educado no ſeu Palacio, e era tambem do ſangue Real, a intitulou na preſença dos Embaixadores do Bramá por ſua filha, comendo com ella à meſa, e fazendo-lhe todas as caricias como ſe fora ſeu pay verdadeiro. Era o Camereiro mòr Chriſtaõ, e fora bautizado no tempo, que governava a India Franciſco Barreto, em cujo obſequio tomou o ſeu nome, e ornado de tanta prudencia, que prevalecia a todos na graça do ſeu Principe, de tal ſorte, que naõ obrava couſa alguma ſem o ſeu conſelho. Receava

Ardil do Camareiro mòr delRey de Cotta para caſar ſua filha com ElRey de Pegû.

va ElRey de Cotta, que Diogo de Mello, Capitaõ da noſſa Fortaleza, e os Religioſos, que aſſiſtiaõ nella, impediſſem eſte caſamento, pois queriaõ fazer Chriſtãa a eſta donzella, que ainda era Gentia, e certamente ſe fruſtravaõ os ſeus intentos entregando-a por conſorte de hum Principe infiel; e fluctuando entre eſta perplexidade o coraçaõ delRey, o ſerenou a induſtria do Camereiro môr, ſegurando-lhe, que ſua filha ſeria conduzida para Pegû ſem que algum dos Portuguezes penetraſſe o modo, e o tempo da ſua partida, pois com eſte conſorcio lucrava grandes emolumentos com o commercio de Pegû, e poderia outra vez ſenhorearſe do ſeu Reyno de Cotta, e naõ eſtar vivendo com abatimento da Mageſtade, dependente da liberalidade dos Portuguezes, e que elle tambem conſeguia a mayor exaltaçaõ, a que nunca chegara a aſpirar, vendo a ſua filha coroada em taõ vaſta Monarchia, e intitularſe elle genro delRey de Pegû.

Fabrîca hum dente ſemelhante ao que reduzio a cinzas D. Conſtantino de Bragança. *Couto, Dec. 8. da Aſia, liv. 1. cap. 12.*

218 Ainda paſſou a mais a artificioſa induſtria do Camereiro môr, pois querendo, que ſua filha levaſſe hum dote muito ſuperior às eſperanças delRey de Pegû, fabricou de huma ponta de veado hum dente ſemelhante na cor, e na fórma àquelle, que em Jafanapataõ tomou D. Conſtantino de Bragança, e em Goa reduzio a cinzas; e para lhe conciliar mayor culto o engaſtou em ouro, e o collocou em hum andor

crava-

cravado de muita pedraria precioſa. Preparado com eſta arte o falſo dente, convocou os Embaixadores do Bramá, e outros ſeus companheiros, que vinhaõ offerecer dadivas, e obſequios à pegada de Adaõ, que elles crem eſtar impreſſa naquella Ilha, e lhes revelou com grande ſegredo de como entre as mayores precioſidades, que conſervava no ſeu theſouro ElRey de Cotta ſeu Senhor, era o celebre dente do Bogio, pois aquelle, que queimara D. Conſtantino era fingido, e eſte o verdadeiro; e como ElRey ſe tinha feito Chriſtaõ à inſtancia dos Portuguezes, elle o guardara em ſua caſa com toda a veneraçaõ, e mayor ſegredo, por ſer a mais eſtimavel reliquia de todo o Oriente. Cauſou inexplicavel alegria aos Embaixadores, e ſeus companheiros eſta noticia, e com multiplicadas inſtancias, e fervoroſas ſupplicas pediraõ ao Camereiro môr lhes quizeſſe ſantificar os olhos com a viſta de taõ precioſo theſouro; o que elle lhes concedeo, mas com promeſſa de que a ninguem, nem ao meſmo Rey haviaõ revelar aquelle ſegredo, e quanto mais lhes dilatava a execuçaõ dos ſeus deſejos, mais ſe augmentava a impaciencia dos Embaixadores, affectando ardiloſamente o Camereiro môr receyos, e cautelas para que foſſe mais bem ſuccedido o engano, até que lhes aſſinou o dia, que havia ſer o termo das ſuas eſperanças. No mais alto ſilencio da noite, cujas ſombras

contri-

contribuîaõ muito para o ſegredo, foraõ introduzidos os Embaixadores na caſa, onde ſobre hum altar eſtava o dente cercado de innumeraveis luzes, e incenſado de precioſos aromas, a cuja viſta ſe proſtraraõ por terra com ſuperſticioſas ceremonias, e reverentes cultos, e depois que conſumiraõ grande parte da noite neſtas ſacrilegas adorações, pediraõ inſtantemente ao Camereiro môr mandaſſe ao ſeu Soberano com a ſua Eſpoſa aquella veneravel reliquia, pois ſeriaõ mais plauſiveis os jubilos daquelle Real conſorcio, e que elles ſe obrigavaõ a ElRey mandar em remuneraçaõ hum milhaõ de ouro, e huma nao carregada de mantimentos todos os annos.

Parte a filha do Camereiro môr para ſe deſpoſar com ElRey de Pegû.

219 Chegou o tempo de partirem para Pegû os Embaixadores com a filha do Camereiro môr, o qual com tanto ſegredo negociou eſta jornada, que nem a mais remota noticia teve della o Capitaõ da noſſa Fortaleza, e os Portuguezes, que com elle aſſiſtiaõ. Mandou por ſeu Embaixador ElRey de Cotta a André Bayaõ, e navegando com proſpero vento deſembarcaraõ todos abaixo do porto de Corri, donde aviſaraõ ao Bramá da chegada da Rainha, cuja noticia encheo de tal alvoroço o coraçaõ daquelle Principe, que a explicou pela generoſa profuſaõ de precioſas joyas, e outras inextimaveis peſſas, que offereceo à ſua futura conſorte.

ſorte. Concorreraõ com igual alegria, e ornato todos os Grandes do Reyno a cumprimentar a Rainha, embarcados em varias galés toldadas de ſedas de diverſas cores com flamulas, e galhardetes primoroſamente bordados. Excedia a todas as embarcações na fórma, e precioſidade a que havia conduzir a Rainha, pois era toda forrada de ouro, e toldada do mais precioſo brocado, de que eſtava armada toda a camera. As mais fermoſas donzellas, cuja natural belleza ſe augmentava com a confuſaõ de innumeravel pedraria, que lhe ornava as cabeças, eraõ as remeiras deſta galé, vogando com taõ regulado movimento, que venciaõ a chuſma mais diſciplinada. Todas as Cidades, e Lugares populoſos, por onde a Rainha paſſava até chegar à Corte, ſe empenharaõ em manifeſtar o ſeu jubilo, e obediencia com precioſos donativos, e com harmonicas conſonancias de varios inſtrumentos. Foy inexplicavel a mageſtade, pompa, e riqueza, com que deſembarcou a Rainha na Cidade de Pegû, aonde para ſeu applauſo ſe tinhaõ levantado arcos triunfaes, e agradaveis theatros, em que ſe fizeraõ repreſentações engenhoſas. Na praya a eſtava eſperando o Principe herdeiro da Coroa, e levando-a até o Paço a recebeo ElRey com as mayores ſignificações de affecto, e ternura. Depois lhe conſignou com generoſa liberalidade copioſas

Magnificencia, com que foy recebida em Pegû.

rendas,

rendas, com que pudesse magnificamente conservar a Magestade de Rainha.

CAPITULO XXX.

Descreve-se o apparato magestoso, com que ElRey de Pegû recebeo o dente do Bogio, que imaginava ser o verdadeiro. Conjuraõ-se varios Reys contra o de Bisnagá, que he degollado em huma batalha. Expede D. Antaõ de Noronha huma Armada para soccorrer as Ilhas de Amboyno.

1566.

220 COmo para a estimaçaõ delRey de Pegû naõ fosse inferior à pessoa da Rainha a reliquia do dente promettido, como o mais inextimavel dote de sua Esposa, naõ socegava até que naõ estivesse possuidor de taõ precioso thesouro; e expedindo novos Embaixadores a Ceylaõ para o conduzirem, he incrivel o apparato, e solemnidade, com que foy recebido por este Principe aquelle fabuloso dente. Preparou-se huma embarcaçaõ chapeada de laminas de ouro, e prata, e ornada de primorosas pinturas para ser conductora de taõ abominavel reliquia, a quem precediaõ outras muitas galés, e jangadas cubertas de pannos de ouro, e seda, em que hiaõ todos os Grandes da Corte vestidos

Ceremonias, com que ElRey de Pegû recebeo o fabuloso dente.
Couto, Dec. 8. da Asia, liv. 1, cap. 13.

dos com ſoberbo ornato. O Bramá depois de ter ornado com toda a magnificencia o lugar, onde havia ſer collocado o dente, ſe embarcou, e rompendo por entre aquella immenſa multidaõ de galés, de que eſtava cuberto todo o rio, aviſtou a embarcaçaõ, em que vinha o andor taõ cercado de luzes, que excediaõ as do dia, e antes de adorar o dente, ſe purificou com o lavatorio de muitas aguas odoriferas, e ſe veſtio dos mais precioſos ornatos, que eraõ indices da ſua Soberanía; e entrando na embarcaçaõ foy desde a proa até à popa de joolhos, e proſtrado diante do altar venerou com profunda reverencia aquella falſa reliquia, e a acompanhou até a Cidade. Ao tempo, que ſe conduzia pelo rio, ſe exhalavaõ oloroſos perfumes de todas as embarcações em obſequio do abominavel dente, e tanto que chegou a terra, competiraõ entre ſi os mayores da Corte qual havia ſer taõ venturoſo, que foſſe digno de o levar aos hombros; e os que naõ alcançaraõ eſta fortuna, deſpiraõ os mais precioſos veſtidos, e os lançaraõ por terra para que foſſem ſantificados com o contacto dos pés daquelles, que o ſuſtentavaõ às coſtas. No meyo do Terreiro do Paço eſtava armado hum ſumptuoſo tabernaculo, onde ſe collocou o dente, a quem ElRey, e todos os principaes Vaſſallos offereceraõ donativos, e paſſados dous mezes ſe transferio para hum Templo, que edi-

ficou o Bramá no lugar, em que para gratificaçaõ da vitoria tinha vencido, e desbaratado ao perfido Santaõ, que se lhe levantara com o Reyno.

221 Chegou à noticia delRey de Candea o casamento delRey de Pegû, e o magnifico apparato, com que recebera aquelle dente, e invejoso da grande copia de ouro, que com tanta profusaõ dera por esta reliquia a ElRey de Cotta, lhe escreveo como fora injuriosamente enganado assim com a esposa, como com a reliquia; pois D. Joaõ, Rey de Cotta, nunca tivera filha, mas era do seu Camereiro mór a que recebera por consorte; e que o dente era fabricado de huma ponta de veado, ao qual tributara sacrilegas adorações; e como tinha grandes conveniencias em se aparentar com elle, lhe offerecia por mulher a huma sua filha, de que era verdadeiro pay, como tambem o dente de Quiay, pois por escrituras authenticas lhe mostraria ser legitimo o que elle possuîa, e naõ aquelle, que em Jafanapataõ colhera entre os mais despojos D. Constantino de Bragança. O Bramá como tivesse já recebido por esposa aquella donzella, e collocado com geral veneraçaõ em hum Templo o dente, que viera de Columbo, dissimulou astutamente as conveniencias propostas por El-Rey de Candea, julgando por indecoroso ao caracter dos Principes tanto o enganarem, como

Negociações delRey de Candea para que o de Pegû seja seu genro.

Prudencia, com que se houve o Bramá.

mo ſerem enganados, e aſſim deſpedio aos Embaixadores, diſſimulando o engano, e naõ aceitando a offerta.

222 Com a deſolaçaõ do Reyno de Biſnagá perdeo o noſſo Eſtado os mayores intereſſes do commercio, pois era taõ abundante o daquelle Reyno, que ſe extendia das margens de Bengala até as Ilhas de Sinde, correſpondendo o emolumento à opulencia de tantas terras. Para anniquilar a potencia daquelle Reyno ſe conjuraraõ os Reys de Decan, Nizamaluco, Idalxa, e Cutubixa, e armando cincoenta mil cavallos, e trezentos mil infantes, entraraõ com todo eſte formidavel Exercito por Biſnagá executando horrendas hoſtilidades. Acudio ElRey a retardar o furioſo impeto dos inimigos montado em hum ſoberbo cavallo, e poſto que contava noventa e ſeis de idade, era tal o ardor militar, que animava em o peito, que o naõ podia esfriar a neve, que lhe cubria a cabeça; e pedindo lhe dous filhos, que ſe recolheſſe à Cidade, porque elles ſe opporiaõ à invaſaõ dos inimigos, lhe reſpondeo igualmente animoſo, e compaſſivo, que como naſcera Rey era obrigaçaõ inviolavel do ſeu Officio marchar na frente de ſeus Vaſſallos, e morrer onde elles acabaſſem. Com incrivel valentia acometeo aos inimigos, e quando já os tinha quaſi derrotados ſe lhe voltou a fortuna taõ contraria ao ſeu eſ-

Entra hum formidavel Exercito por Biſnagá, em que morre o ſeu Principe.
Faria, Aſia Portug. tom. 2. part. 3. cap. 2. §. 14.

 forço,

forço, que ficou prizioneiro, e gravemente ferido; e sendo levado à presença do Izamaluco lhe cortou com barbara tyrannia a cabeça. Tres dias estiveraõ no campo os vencedores, nos quaes se aproveitaraõ os sobrinhos do Rey defunto do despojo de Bisnagá, que foy taõ precioso, que excedeo as esperanças da mayor cubiça, sendo tanta a copia de joyas, e pessas de valor, que importaraõ mais de cem milhões de ouro, naõ entrando em taõ grande preciosidade a cadeira Real, em que nas mayores funções se costumava sentar ElRey, cuja Monarchia se dividio entre seus filhos, e sobrinhos.

Importancia dos despojos, que se colheraõ nesta batalha.

Chegaõ Embaixadores da Christandade de Amboyno ao Vice-Rey.

223 Das Ilhas de Amboyno chegaraõ Embaixadores ao Vice-Rey, a quem com mais lagrimas, do que vozes, representaraõ o miseravel estado a que estava reduzida aquella Christandade com a cruel perseguiçaõ delRey de Ternate, estando mais proxima a retroceder, do que a conservar a Fé promettida a Deos, e a ElRey de Portugal; e que como era taõ zeloso dos augmentos da Religiaõ, e gloria do Estado, lhe pediaõ quizesse logo mandar huma Armada para sogeitar os rebeldes daquelle Archipelago, conservar os interesses de Amboyno, e destruir por huma vez as astutas machinas, e perfidas negociações delRey de Ternate. Consultou o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha esta materia com a ponderaçaõ, de que era merecedora, e se resol-

Expede D. Antaõ de Noronha huma Armada para beneficio dos Christãos de Amboyno.

resolveo expedir a Armada, de que fez General Gonçalo Pereira Marramaque, e constava de quatro galeões, e oito galeotas guarnecidas de mil Portuguezes, sendo os Capitães D. Duarte de Menezes de Vasconcellos, Manoel de Brito, Gomes de Brito, Sebastiaõ Machado, Antonio Lopes de Siqueira, Mem Dornellas de Vasconcellos, Lourenço Furtado, Francisco de Mello, e Simaõ de Mello. Partio Gonçalo Pereira de Goa, e chegando a Malaca, onde estava por Capitaõ da Fortaleza seu cunhado D. Diogo de Menezes, se deteve neste porto mais de hum anno, e levando por principal fim da sua jornada a exaltaçaõ, e conservaçaõ da Fé, julgou por mais gloriosa empreza do seu valor ir contender com os Castelhanos, que estavaõ na Ilha de Zebu, huma das Filippinas, de que se seguio nem expulsar aos Castelhanos, e muito menos prender a ElRey de Ternate, obstinado inimigo do nome Christaõ.

CA-

CAPITULO XXXI.

Introducçaõ da Ley Euangelica nas Ilhas de Gotó, e dos successos varios, que aconteceraõ até se renderem ao jugo do Euangelho. Passa o Padre Gaspar Villela para Ximo, e do fruto, que colheo a sua prégaçaõ. Alteraõ-se os Gentios de Curtalim contra aquella Christandade. Ordena o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha, que se naõ edifiquem Templos aos Idolos.

1566.

224 LArgamente se dilatou o Imperio de Christo neste anno com a espiritual conquista das Ilhas de Gotó as mais Occidentaes do Japaõ, e distantes de Firando cincoenta legoâs, que sendo muito abundantes de caça, e pesca, sómente a terra por infecunda he summamente ingrata aos lavradores. Nella vive hum animal do tamanho de hum caõ, porém de pés mais curtos, cujo pelo he louro, e macio como seda, e tanto que envelhece se lança ao mar, e com privilegios mayores do que os da Feniz fabulosa, passando de huma especie para outra se converte em peixe semelhante ao atum. Pescou-se hum destes, e sendo levado ao Jacatá, Rey daquellas Ilhas, o mandou de mimo ao Irmaõ Luiz de Almeida, da Companhia

Prodigioso animal das Ilhas de Gotó.

nhia de Jeſus, o qual ainda naõ eſtava totalmente transformado, pois tendo hum braço convertido em eſpadana, ainda conſervava as pontas das unhas, e parte do cabello. Tanto que eſte Principe ſoube da Sagrada Ley promulgada pelos Bonzos da Europa, e recebida em muitos Reynos de taõ dilatado Imperio, mandou pedir ao Padre Coſme de Torres lhe enviaſſe hum dos ſeus Companheiros para individualmente lhe declarar os ſeus Myſterios mais occultos. Differio promptamente a eſta ſupplica do Principe o Padre, commettendo taõ alta empreza ao Irmaõ Luiz de Almeida, e ao Irmaõ Lourenço, Japonez, que era peritiſſimo na refutaçaõ das falſidades Gentilicas, e dotado de huma viva eloquencia para perſuadir as verdades Catholicas. Foraõ recebidos na Corte de Ochica por ElRey com particulares ſignificaçóes de agrado, e alcançando delle faculdade para que em audiencia publica por eſpaço de ſete dias prégaſſem algumas materias ignoradas naquelle Paiz àcerca do verdadeiro Deos, que unicamente devia ſer adorado, ſe preparou huma magnifica ſala do Palacio para theatro das ſuas praticas, às quaes aſſiſtiaõ por ouvintes ElRey ſentado no throno, e a Rainha, e Damas, a quem faziaõ Corte quatrocentos Fidalgos. Começou o Irmaõ Lourenço na preſença de taõ authorizado auditorio, como ſe diſputaſſe com algum antegoniſta

Pede o Principe de Gotó Miſſionarios.

Com que attençaõ era ouvido o Irmaõ Lourenço.

nista da Ley, que prégava, a propor as duvidas mais fortes, que lhe podiaõ occorrer, e era taõ admiravel a efficacia, com que o Espirito Divino lhe movia a lingua, que durando quasi tres horas qualquer destas praticas, estavaõ os ouvintes taõ suspensos, e pendentes da boca do Prégador, que com o seu pasmo approvavaõ a doutrina, que ouviaõ, e ainda totalmente naõ penetravaõ, excepto o Rey, que movido superiormente confessou ser certo haver hum só Deos Creador de todas as cousas, e Senhor do Universo.

225 Vagava já hum rumor pela Corte, de que se conjecturava, que todos os seus habitadores se sogeitariaõ ao suave jugo do Euangelho, quando sobreveyo hum accidente, que frustrou taõ bem fundadas esperanças. Em a noite seguinte à primeira pratica cahio ElRey taõ gravemente enfermo, que logo credulos os Bonzos inferiraõ ser enfermidade taõ repentina castigo evidente dos Deoses, aggravados de que os Europeos affirmassem naõ serem mais que huns troncos, e pedras insensiveis; e era justo, que quem os desprezara beneficos, os temesse agora indignados. Quanto mais o mal crescia, tanto mais se augmentava o odio do povo contra os Missionarios, que indo visitar a ElRey foraõ expulsados do Palacio. Sentia extremosamente este successo o Irmaõ Luiz de Almeida, porque os

Adoece gravemente o Principe, donde se origina huma perseguiçaõ contra a Christandade.
Bartol. Hist. de l' Asia, lib. 8. pag. 578.
Gusman, Hist. de las Mission. de la Comp. tom. 2. *liv.* 7. *cap.* 8.

os Bonzos naõ ſó em Gotó, mas por todo o Imperio do Japaõ confirmariaõ com eſte novo teſtemunho, que a Ley Euangelica onde ſe introduzia era cauſa de horroroſos infortunios, e os Reys idolatras a abominariaõ como perniciosa peſte, impedindo que nos ſeus dominios naõ entraſſe eſte contagio. Caminhava com taõ accelerados paſſos a enfermidade delRey, que já eſtava deplorado, quando reſolveraõ os Bonzos, que ſe procuraſſe para taõ grave perigo o mais efficaz remedio, qual era a inſigne reliquia dos volumes da vida, e milagres de Xaca, religioſamente guardados no Templo de Fachima, Deos das armas, os quaes ſe naõ coſtumaõ tirar deſte depoſito, ſe naõ em alguma grande vexaçaõ. Para eſte fim ſe lançou hum pregaõ pela Corte, pelo qual ſe convocava todo o povo a ouvir a liçaõ daquelles livros, e por ſerem muitos ſe lia meya folha de cada hum, e ao tempo que ſe paſſava de hum para outro ſe recitava huma oraçaõ pela ſaude delRey. Vendo o Irmaõ Luiz de Almeida, que cada vez ſe aggravava mais a doença delRey, ſe mandou offerecer por hum Gentil-homem para o curar; e ſendo facilmente admittido, entrou no Cabinete, e tomando o pulſo ao enfermo o achou com poucas eſperanças de vida, mas confiado no Divino auxilio lhe applicou humas pirolas, e ſobre tudo o exhortou a collocar as ſuas eſperanças em o Deos

O Irmaõ Luiz de Almeida o cura quaſi milagroſamente.

dos Chriſtãos, em cujas mãos eſtavaõ depoſitadas a vida, e a morte, de que ſe ſeguio taõ repentino effeito, que pareceo naõ ſer o remedio natural, pois inſtantaneamente ſe achou ElRey livre da febre, e da oppreſſaõ, que lhe affligia o coraçaõ, e a cabeça. Foy univerſal o contentamento da Corte, e do povo quando viraõ ao ſeu Rey quaſi reſuſcitado, e para demonſtraçaõ do ſeu agradecimento mandou ElRey, e a Rainha magnificos preſentes ao Irmaõ Luiz de Almeida, venerando a ſua ſciencia por mais que humana. No dia ſeguinte ſe fez a terceira pratica a poucos ouvintes; e na outra ſe achou o Prégador ſem auditorio, e de tal modo ſe mudou o animo delRey ingrato aos ſeus bemfeitores, que nenhum caſo fazia dos Miſſionarios, ſeguindo taõ perverſo exemplo grande parte dos ſeus Vaſſallos.

Livre da enfermidade ſe moſtra ElRey deſaffecto à Religiaõ Chriſtãa.

226 Neſte eſtado ſe achava a introducçaõ da Chriſtandade neſtas Ilhas, parecendo que o ſeu terreno era taõ infecundo para os frutos naturaes, como eſteril para a ſementeira Euangelica, quando ſe propagou por hum modo muito alheyo das eſperanças humanas. Commerciavaõ dous mercadores de Facatá em Ochica, commutando os ſeus generos por outros; e como eraõ muito doutos na ſua Seyta, ſe deliberaraõ a ouvir os fundamentos da Ley, que novamente ſe promulgava, e examinados por elles à luz da razaõ natu-

natural ſe convenceraõ de tal ſorte, que querendo utilizarſe com mais nobre commercio compraraõ a perola da graça naſcida entre as aguas do Bautiſmo, que receberaõ com admiraçaõ do Rey, e de todo o vulgo. Succedeo, que paſſados poucos dias adoeceraõ as duas Rainhas mãy, e eſpoſa delRey com mayor, ou menor perigo, e a todos reſtituío à ſaude antigua a medicinal ſciencia do Irmaõ Luiz de Almeida, de que lhe reſultaraõ mayores applauſos do que da primeira cura. A eſte tempo aportou a Ochica hum paró, em que era mandado chamar pelo Padre Coſme de Torres por eſtar informado do pouco fruto, que colhia o ſeu trabalho em Gotó. Naõ conſentio ElRey, que o Irmaõ Luiz de Almeida partiſſe, antes com muitos rogos, e promeſſas o deteve, concedendo-lhe ampla faculdade para fundar Igrejas, e prégar, e bautizar por todo o Reyno, e deſpedio ao paró carregado de varios animaes, e peixes para o Padre Torres, com huma carta, em que lhe ſignificava a utilidade, que reſultava ao ſeu Reyno com a aſſiſtencia daquelles dous Miſſionarios. Novamente ſe renovaraõ as praticas na preſença delRey, e de toda a Corte, e paſſados quinze dias ſe colheo por fruto dellas a converſaõ de vinte e cinco Gentios de grande qualidade, e entre elles o Governador do Reyno, e hum Conſelheiro de Eſtado, que ſendo inſtruidos nos dogmas, que

Com feliz ſucceſſo cura o Irmaõ Luiz de Almeida duas Princezas.

Concede-lhe o Rey faculdade para exercitar os miniſterios Euangelicos.

deviaõ crer, foraõ regenerados na fonte Bautifmal com pompofa folemnidade. A Cidade de Ocura, diftante meya legoa de Ochica, tendo noticia de como a Capital da Monarchia hia recebendo as luzes do Euangelho, fe refolveo a feguir o feu exemplo bautizando-fe o Tono, que he o Senhor da terra, com cento e vinte e tres peffoas illuftres, e para mais folido fundamento da conftancia da fua Fé fundaraõ huma Igreja fobre as ruinas de hum Templo profano, para cuja fabrica lhe mandaraõ os Chriftãos da Corte cem officiaes, com que brevemente chegou o edificio à ultima perfeiçaõ, que ElRey foy peffoalmente ver concedendo-lhe honorificos privilegios, e ordenando, que pela planta defta fe edificaffe outra em Ochica, para a qual contribuío com tudo, que era neceffario para a fua conftrucçaõ, e ornato.

227 Crefcia com tantos augmentos o rebanho de Chrifto em Ximo, que naõ baftando o zelo do Padre Cofme de Torres para o apafcentar, foy obrigado chamar ao Padre Gafpar Villela do Sacay para fer companheiro dos feus trabalhos Apoftolicos, e aportando em Cochinozu aggregou em Xiximi, lugar de Firando, feifcentas ovelhas com os brados da fua voz. Por fubftituto do Padre Villela em as Chriftandades de Meaco, e Sacay ficou o Padre Luiz Froes, que nefte anno conquiftou para o Reyno Celeftial

tial a Fortaleza de Sanga, de que era Senhor D. Sancho, Cavalhero taõ Catholico, que excedia no Japaõ a todos no zelo da Fé, pois à sua casa concorriaõ os Christãos de Meaco, Tubo, Imori, e Sacay nas mayores festas do anno, onde as celebrava com toda a pompa, e magestade, recebendo-os com amor de pay, e doutrinando-os com sciencia de Mestre. Muitas foraõ as conversões, que em Sanga, e Sacay fez a efficacia deste zeloso Missionario, sendo entre ellas as mais celebres a de hum famoso Medico, e de hum Bonzo muito venerado na Universidade de Bandou. Ao Medico convidou ElRey de Farima para que fosse seu Mestre, e elle aceitou taõ honorifico lugar mais com o interesse de lhe ensinar os dictames do Euangelho, do que os Aforismos de Hyppocrates. O Bonzo era grande Astrologo, e tanto que observou com o Telescopio da Fé ao Sol de Justiça, deixou de observar os aspectos dos Astros do Firmamento, mandando dizer aos seus discipulos, que taõ falsa era a Religiaõ, que até entaõ professara, como fallivel a sciencia, que lhes dictava; porém se quizessem ouvir o Oraculo, que elle consultara, certamente lhes mostraria hum caminho, por onde superiores às Estrellas viviriaõ eternamente contemplando hum Planeta sempre immovel no epiciclo da sua esféra, com o qual se illustrariaõ os seus entendimentos, e inflammariaõ os seus corações.

Varios progressos da Christandade no Japaõ.

Conversaõ de dous famosos Bonzos.

Naõ

Perseguiçaõ contra os Christãos de Curtalim.

228 Naõ podiaõ tolerar os Gentios, que habitavaõ Curtalim, Aldea de Sallete, que defronta Goa, com os progressos da Fé, que se tinha plantado havia seis annos, e conjurados contra vinte familias, que adoravaõ o verdadeiro Deos, lhe queimaraõ com furor diabolico as casas, e as despojaraõ de todas as alfayas, sómente perdoando-lhe as vidas por naõ mancharem as mãos no sangue dos seus patricios. Recorreraõ os afflictos Christãos assim despidos como estavaõ a buscar consolaçaõ no seu Vigario, e para os animar ao sofrimento os conduzio à Igreja para que com a desnudez de Christo Crucificado consolassem a que padeciaõ por seu amor; mas com esta vista se renovou mais o seu sentimento por estarem os Altares despojados dos seus paramentos, e passando a mayor excesso a furia dos barbaros, foraõ buscar armados ao Vigario, e tantas cutiladas lhe deraõ, que se persuadiraõ ficar morto, mas conservoulhe Deos a vida para cultivar esta Vinha, de que se esperavaõ mais copiosos frutos depois de ser regada com o seu sangue. Incomparavel foy o triunfo, que alcançou do Gentilismo o Catholico zelo do Vice-Rey D. Antaõ de Noronha, promulgando hum Decreto, pelo qual prohibio naõ se levantar Templo algum aos Idolos, nem que se reparassem os antigos. Concorreraõ os Gentios a Goa supplicando com muitas lagrimas ao Vice-Rey da parte

Sousa, Orient. Conq. tom. 2. Conq. 1. Div. 1. §. 14.

Manda o Vice-Rey extinguir os Idolos, e seus Templos em Sallete.

parte das ſuas Divindades a derrogaçaõ daquelle Decreto; mas ſendo deſprezadas as ſuas ſupplicas voltaraõ para Salſete, e carregando alguns carros dos Deoſes, cujos Templos ameaçavaõ ruina, ſe paſſaraõ a viver em lugares, onde naõ pudeſſem ſer perſeguidos do zelo dos Portuguezes, caſtigando o Vice-Rey com aquella ley a inſolencia dos Gancares de certa Aldea, que pertenderaõ queimar os Miſſionarios aſſiſtentes em Rachol.

CAPITULO XXXII.

Continuaõ os Inglezes o commercio da Coſta da Mina, que lhes era prohibido, por cuja inſolencia recebem repetidos damnos dos Portuguezes. Pede ſatisfaçaõ deſte aggravo ElRey D. Sebaſtiaõ à Rainha de Inglaterra, e o que ſuccedeo até a concluſaõ deſte negocio.

1567.

Commercio dos Inglezes na Coſta da Mina.

229 A Ambicioſa induſtria, com que ſempre os Inglezes ſolicitaraõ augmentar os lucros no ſeu commercio, nos quaes ſe eſtabelece a conſervaçaõ da ſua Monarchia, os eſtimulava a introduzirem todo o genero de mercadorias ainda naquelles portos, onde lhes era prohibida eſta negociaçaõ. De todas as Colonias, que Portugal tem nas quatro partes do Mundo, nenhu-

nenhuma lhes devia mayor affecto, que a Costa da Mina, para a qual continuamente navegavaõ com a certeza de colherem copiosos interesses dos generos, que com os seus naturaes commutavaõ. Este commercio sendo taõ util aos Inglezes, era summamente prejudicial à nossa Coroa, e para que se impedisse o seu progresso mandou significar o nosso Principe por Ayres Cardoso (como vimos ha tres annos) à Rainha de Inglaterra, que naõ devia alterar a paz, e amisade, que havia entre as duas Coroas pelo interesse particular de alguns Vassallos, pois as conveniencias, que podiaõ resultar daquelle commercio, naõ eraõ para os estrangeiros, mas sim para os Portuguezes, cujos ascendentes tinhaõ alcançado com o dispendio das proprias vidas aquella conquista. Attendeo a Rainha à justificaçaõ desta proposta, prohibindo com graves penas, que nenhum dos seus Vassallos commerciasse nos portos da conquista de Portugal.

Prohibe a Rainha de Inglaterra este commercio.

230 Porém brevemente se experimentou violada esta prohibiçaõ, ou fosse por dissimulado artificio da Rainha, ou pela insaciavel ambiçaõ dos Inglezes, os quaes continuaraõ a navegar para a Costa da Mina com mayor numero de navios, em que vagando por aquelles mares como piratas, reprezavaõ muitas das nossas naos com que saciavaõ a fome da sua cubiça. Para reprimir esta violencia se armaraõ alguns navios Portuguezes,

Saõ despojados os Inglezes pelos Portuguezes por continuarem o commercio da Costa da Mina.

tuguezes, e diſcorrendo pela parte, por onde coſtumavaõ navegar os Inglezes, ſe encontraraõ com os Irmãos Uvinteros entre Cabo Verde, e o rio dos Ceſtos, e os deſpojaraõ das fazendas, que levavaõ, experimentando o meſmo infortunio Thomaz Flaming na altura da Ilha de S. Miguel. Naõ ſe ſuſpendeo o caſtigo com a ſeveridade deſtas demonſtrações; ainda ſe extendeo a mayor exceſſo, ſendo prezos no Caſtello de S. Jorge da Mina, e em Lisboa todos os Inglezes, que em huma, e outra parte aſſiſtiaõ.

231 Chegou eſta noticia à Rainha de Inglaterra, e compadecida da oppreſſaõ, que padeciaõ os ſeus Vaſſallos, eſcreveo ao noſſo Monarcha huma carta, que lhe entregou Thomaz Volſeo, Embaixador daquella Coroa neſta Corte, na qual lhe ſignificava o pezar, que recebera com o procedimento, que uſara Sua Alteza com os ſeus Vaſſallos, naõ lhe parecendo, que eraõ dignos de taõ rigoroſo caſtigo: Que eſperava do ſeu compaſſivo animo mudaſſe ſem demora a ſeveridade em clemencia, mandando reſtituir a huns as fazendas, e a outros a liberdade.

Supplíca a Rainha de Inglaterra a D. Sebaſtiaõ, que modere o caſtigo, que dera aos ſeus Vaſſallos.

232 Mais offendido ſe julgou ElRey D. Sebaſtiaõ com eſta carta, do que com os inſultos commettidos pelos Inglezes, pois devendo a Rainha agradecer ao noſſo Principe a rectidaõ, com que caſtigara aos ſeus Vaſſallos por trangreſſores

da prohibiçaõ, que lhes impuzera, solicitava com grande efficacia, que esquecido da ostenta os restituisse com abatimento da soberanía à sua liberdade. Para pedir satisfaçaõ deste novo aggravo mandou ElRey por seu Embaixador a Inglaterra ao Doutor Manoel Alvares, que partio de Lisboa a 18. de Janeiro de 1568. a quem recommendou expuzesse à Rainha da sua parte, que havendo huma mutua paz, e amisade entre as Coroas de Portugal, e Inglaterra, conservada inviolavelmente pelos seus antecessores, a considerava agora rota, e alterada pela affectada dissimulaçaõ, com que Sua Alteza consentia, que alguns dos seus Vassallos infestassem como piratas os mares das suas Conquistas com grave damno dos Portuguezes, e que devendo punillos severamente pela infracçaõ da ley, que lhes intimara, empenhava a sua Real authoridade intercedendo por huns perturbadores da tranquillidade publica: Que naõ podia como Principe deixar de attender aos clamores dos seus Vassallos violentamente despojados de quatrocentos mil cruzados, para que Sua Alteza ordenasse logo fossem restituídos de huma taõ grave quantia, de que os privara a ambiçaõ, e cubiça daquelles piratas indignos de que Sua Alteza os conhecesse por Vassallos: Que naõ podia Sua Alteza julgar por offensa o naõ permittir, que os Inglezes fossem contratar à Costa da Mina, quando este com-

Manda D. Sebastiaõ por seu Embaixador ao Doutor Manoel Alvares a Inglaterra representar à Rainha o aggravo, que recebera dos seus Vassallos.

mercio

mercio eſtava prohibido aos Portuguezes, e o que ſe negava aos naturaes, como ſe devia conceder aos eſtranhos? Ultimamente eſperava da rectidaõ do ſeu animo, e comprehenſaõ do ſeu juizo, naõ eſtando preoccupados de algum affecto menos decoroſo à Mageſtade, ſatisfaria a queixa taõ juſtificada para que eternamente ſe conſervaſſe inalteravel a amiſade entre a Coroa de Portugal, e Inglaterra. Todo eſte negocio ſe reſumia neſta carta.

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para a Rainha de Inglaterra.

233 „Sereniſſima muito alta, e muito poderoſa Princeza irmãa, e prima. Eu D. Sebaſtiaõ por graça de Deos Rey de Portugal, „e dos Algarves, &c. vos envio muito ſaudar „como aquelle, que muito amo, e prézo. Thomaz Volſeu, voſſo Embaixador, me deu voſſa carta, e me fallou de voſſa parte ſobre os „damnos, que os Irmãos Uvinteros dizem que „receberaõ de meus Vaſſallos entre o Cabo Verde, e o rio dos Ceſtos, e aſſi ſobre o que Thomaz Flaming, e outros Inglezes tambem dizem haverem recebido na Ilha de S. Miguel, „e àcerca da prizaõ dos que eſtaõ no Caſtello „de S. Jorge da Mina, e neſta Cidade, e lembrandome da muita paz, e amiſade, que ſempre houve antre os Reys deſtes Reynos com „os de Inglaterra, e quanto Eu, e os Reys „meus anteceſſores ſempre procurámos pela conſervaçaõ della, naõ poſſo deixar de ſentir mui-

 to

„ to entender, que naõ ſómente naõ ſaõ manda-
„ dos por vós, caſtigar, e punir muy gravemen-
„ te eſtes voſſos Vaſſallos, e naturaes, que tan-
„ to procuraõ perturbar eſta taõ antigua paz, e
„ amiſade, e que naõ haja entre elles, e meus
„ Vaſſallos os eſcandalos, que naõ poderá deixar
„ d'aver em quanto naõ deixarem de fazer o que
„ fazem, mas que ainda moſtreis ſentir o que el-
„ les dizem, que ſe lhes fez, intercedaes por el-
„ les, pois com iſſo póde parecer, que lhes ap-
„ provaes o que fazem, eſperando eu com mui-
„ ta razaõ lhes ſeria por vós eſtranhado taõ gra-
„ vemente eſtas obras, que andaõ commettendo,
„ as quaes ſaõ mais proprias de piratas, e coſſa-
„ rios, e perturbadores da paz, e commum re-
„ pouſo, que de quem com eſte Reyno eſtá em
„ boa paz, e amiſade, que ao diante naõ ou-
„ ſaſſem commettellas em tanto damno, e pre-
„ juizo de minhas couſas, e de meus Vaſſallos,
„ e naturaes, os quaes naõ podem querer, nem
„ he razaõ que conſintaõ, que outrem leve o
„ premio de ſeus trabalhos, como por algumas
„ vezes vos mandey apontar, e ſignificar, deſe-
„ jando, que antre meus Vaſſallos, e os voſſos
„ naõ houveſſe couſa, que pudeſſe enfraquecer na
„ muita paz, e amiſade, que ſempre entre nós
„ houve; e com mais juſta cauſa, e razaõ me pu-
„ dera eu reſintir, e queixar dos damnos, e rou-
„ bos, que voſſos Vaſſallos tem feito aos meus

confia-

,, confiados na paz, e amiſade, que entre nós
,, ha, que importaõ mais de quatrocentos mil
,, cruzados, pelos quaes Eu paſſey até agora,
,, poſto ſobre iſſo pediſſem os damnificados juſti-
,, ça, e o remedio, que as leys, e o direito dá,
,, eſperando, que de voſſa parte ſe atalhaſſe a ta-
,, manhas extorſões, e males, pelo que vos ro-
,, go muito affectuoſamente conſidereis bem a
,, obrigaçaõ, que eſta Coroa tem para defender
,, aos eſtrangeiros o que aos meſmos naturaes
,, naõ he permittido, e quanta vós tendes para
,, naõ conſentirdes por reſpectos de peſſoas par-
,, ticulares, nem d'outras algumas, que tenha Eu
,, razaõ de eſcandalo, e fazerdes niſto huma tal,
,, e tamanha demonſtraçaõ, que por ella conhe-
,, çaõ voſſos ſubditos, e naturaes, que vos deſa-
,, praz o que em taõ grande meu deſerviço, e
,, tanto contra minhas couſas intentaõ, e quei-
,, raes arredar toda a occaſiaõ de eſcandalo entre
,, voſſos Vaſſallos, e os meus, porque de minha
,, parte naõ faltarey nunca de fazer o meſmo, e
,, tudo o mais, que cumprir para bom interti-
,, mento deſta antiga paz, e amiſade: e para que
,, entendaes quanto folgo de a conſervar guar-
,, dando o que à minha authoridade ſe requere,
,, mandey ſoltar os Inglezes, que aqui eſtavaõ
,, prezos por delictos graves, e atrozes, pelos
,, quaes mereciaõ grave puniçaõ, e reſtituir o
,, que lhe foy tomado; e quanto aos da Mina,

em

„ em que me fallou da vossa parte o dito Em-
„ baixador, Eu tenho mandado, que se tragaõ
„ a este Reyno, e como nelle forem, verey es-
„ te negocio, e procurarey satisfazervos em tu-
„ do, como for razaõ; e porque eu ordeno man-
„ dar logo a vós huma pessoa minha para mais
„ largamente de minha parte vos fallar nestas cou-
„ sas, e em outras algumas, naõ tenho agora
„ mais que vos dizer, que remetterme ao dito
„ vosso Embaixador com o que falley largamente
„ sobre esta materia, e delle entendereis a gran-
„ de vontade, que tenho da conservaçaõ, e aug-
„ mentaçaõ da paz antre vossos Reynos, e os
„ meus. Serenissima muito alta, e muita pode-
„ sa Princeza irmãa, e prima, Nosso Senhor aja
„ sempre vossa pessoa, e Real Estado em sua san-
„ ta guarda. De Lisboa a 23. de Outubro de
„ 1567.

234 Ao tempo, que ElRey D. Sebastiaõ tinha mandado esta carta para compor as discordias, que se hiaõ accendendo entre Portugal, e Inglaterra, lhe chegou noticia de outro aggravo, com que a Rainha igualmente infiel a Deos, como ao nosso Principe se resolvera a romper a paz, e amisade, que observava com este Reyno. Succedeo, que entre os Inglezes, que commerciavaõ na Costa da Mina, hum chamado *Vinter* desprezando as ordens, com que o nosso Monarcha prohibira aquella navegaçaõ aos estrangei-

He despojado Vinter das fazendas, que levava para a Costa da Mina.

trangeiros, ſe atreveo a continuar o commercio naquelle porto, por cuja inſolencia lhe tomaraõ os Portuguezes o navio com todas as fazendas, que levava. Vendo-ſe privado de tudo quanto tinha adquirido a ſua cubiça, ſe queixou à Rainha, a qual irritada deſte procedimento lhe concedeo Carta de marca para que como pirata ſe ſatisfizeſſe nas fazendas dos Portuguezes do damno, que delles recebera. Com eſte indulto indigno da ſoberanía de huma Princeza diſcorria Vinter por aquelles mares roubando a todas as noſſas naos mercantes, que navegavaõ na ſegurança da paz, que eſta Coroa tinha com todos os Principes da Europa. Naõ pode diſſimular eſte aggravo a Mageſtade do noſſo Monarcha por ſer contra o decóro da ſua peſſoa, e a liberdade dos ſeus Vaſſallos, e para que de algum modo caſtigaſſe aquelle inſulto mandou reprezar todos os navios de Inglaterra, que eſtavaõ ancorados no porto de Lisboa, e nos de todo o Reyno, até que a Corte de Londres lhe déſſe ſatisfaçaõ competente ao exceſſo, em que violentamente rompera.

Concede-lhe a Rainha de Inglaterra Carta de marca.

Manda o noſſo Principe reprezar todas as naos dos Inglezes.

235 Os Inglezes como dependiaõ do noſſo commercio deſejavaõ deſcobrir algum ſuave meyo, com que pudeſſem abrandar o animo del-Rey D. Sebaſtiaõ juſtamente eſcandalizado, e para conſeguirem eſte intento ſe valeraõ de Antonio Fogaça, que pela ſua grande intelligencia

Parte de Inglaterra Antonio Fogaça para compor a diſcordia entre as duas Coroas.

cia era muito estimado da Rainha, o qual passando a Lisboa propoz aos Conselheiros de Estado como aquella Princeza estava prompta para admittir huma amigavel composiçaõ com o nosso Monarcha. Esta proposta como naõ vinha authorizada com carta credencial da Rainha naõ foy attendida pelos Conselheiros; porém resolveraõ, que voltasse Antonio Fogaça a Inglaterra, onde apresentaria aos Ministros daquella Coroa hum papel, no qual se mostrasse o nosso Principe indeciso em pedir, ou regeitar a concordia com a Rainha, usando de termos indifferentes para que se naõ penetrasse o seu animo. Constava o papel das clausulas seguintes.

Volta Antonio Fogaça para Inglaterra, e da instrucçaõ, que levou.

236 „ Antonio Fogaça. Vi o que referistes „ do que passastes em Inglaterra, e como entendestes se poderia revogar, compor, e acordar „ a Carta de marca, que naquelle Reyno era passada a Vinter para se poder entregar da fazenda, que elle diz, se perdeo, ou lhe foy tomada por meus Vassallos na Costa da Mina „ em hum navio, que elle lá mandava contra a „ ordem, e em prejuizo de minhas demarcações, „ e Conquistas, para comprimento da qual Carta „ de marca saõ injustamente feitas algumas represarias em fazendas de meus Vassallos, assim nos „ portos do Reyno de Inglaterra, como no mar „ por Armadas de Inglezes, em recompensa das „ quaes represarias, ou tomadias se fizeraõ tambem

„ bem em meus Reynos, outras em fazendas, que
„ ſe acharaõ de Vaſſallos de Inglaterra ; e por-
„ que os Reys deſte Reyno meus anteceſſores
„ tiveraõ ſempre paz , e boa amiſade com os
„ Reys de Inglaterra , folgarey eu muito de a
„ conſervar , e perpetuar , e procurarey em tu-
„ do o que for poſſivel confórme a minha obri-
„ gaçaõ atalhar qualquer couſa , que poſſa eſtor-
„ var eſtes meus deſejos. Por tanto ſe as fazen-
„ das , que ſaõ tomadas, como dito ſie, a meus
„ Vaſſallos , lhe forem inteiramente reſtituidas , e
„ a Sereniſſima Rainha de Inglaterra minha ir-
„ mãa mandar quebrar a dita Carta de marca ,
„ que he paſſada a Vinter para em nenhum tem-
„ po ſe uſar della , e mandar dar ordem com que
„ os ſeus Vaſſallos naõ entrem , nem commer-
„ ceem nas minhas demarcações ; e Conqüiſtas
„ da Coſta de Guiné , e Mina , eu ſou conten-
„ te , e me praz de mandar com effeito torne
„ quaeſquer fazendas , que em meus Reynos , e
„ Senhorios forem tomadas a Inglezes pela ſo-
„ bredita cauſa , e aſſim revogarey quaeſquer man-
„ damentos , e outras Cartas de marca , que ſe-
„ jaõ feitas , ou paſſadas em damno contra fazen-
„ das de Inglezes ; e ordenarey como ſegura , e
„ livremente poſſaõ vir negociar , e tratar aos
„ portos de meu Reyno , como elles ſempre coſ-
„ tumaraõ fazer. E porque nos diſſéſtes , que
„ entendeis , que eſte acordo ſe podia fazer ſen-

,, do eu contente deftas condiçóes acima ditas,
,, as quaes para ambas as partes apontaftes, po-
,, dereis dizer, que eu aceito, e debaixo dellas
,, farey inteiramente comprir o que de minha par-
,, te for neceffario, e com recado voffo, e cer-
,, teza da Sereniffima Rainha de Inglaterra com
,, que me confte mais claramente da fua vonta-
,, de, mandarey logo meus poderes neceffarios
,, para o effeito defte acordo, e continuaçaõ de
,, boa paz, amor, e amifade, e affim o podereis
,, affirmar, e dizer.

237 Lido efte papel pelos Miniftros Inglezes começaraõ a conferir com Antonio Fogaça o modo, com que fe devia fatisfazer ao noffo Principe, mas como fe dilatava a conclufaõ defte negocio, pareceo conveniente, que fe mandaffe a Londres outro Miniftro, que com mayor actividade o promoveffe. Foy mandado para efte minifterio Francifco Giraldes, que affiftia em Flandres, em quem concorriaõ todas as partes, que fe requerem em hum confummado Politico. Na primeira conferencia, que teve com os Miniftros Inglezes, lhe propuzeraõ, que naõ era fua intenfaõ navegarem as naos daquella Coroa para as noffas Conquiftas fituadas na India, e America, mas commerciarem nos portos da Cofta da Mina, onde lhes naõ podia fer prohibido por fer efte commercio muito util às conveniencias de Portugal.

He mandado a Inglaterra Francifco Giraldes para concluir efte negocio.

Nefte

238 Neste tempo representou Filippe Prudente ao nosso Monarcha, que impedisse a ultima conclusaõ deste contrato em beneficio de huma grave dependencia, que tinha com a Rainha de Inglaterra. Era esta Princeza principal fautora da rebelliaõ dos Hollandezes contra Castella; e querendo Filippe impedir, que naõ fossem soccorridos pelas armas dos Inglezes, para que desàmparados de taõ fortes alliados, mais facilmente se reduziriaõ à obediencia do seu Principe verdadeiro, ordenou ao Duque de Alva, Governador dos Estados de Flandres, que ajustasse tregua com a Corte de Londres, e para que a Rainha consentisse neste projecto, pertendia delRey D. Sebastiaõ naõ acabasse de ajustar a concordia com Inglaterra. Como os interesses desta Monarchia estavaõ summamente unidos com os de Hespanha, resolveo D. Sebastiaõ conformarse com a supplica de seu tio, e assim significou a Francisco Giraldes, que fosse dilatando com affectados pretextos a conclusaõ do negocio, a que o mandara, até que se celebrasse a suspensaõ de armas com Castella. Porém esta dilaçaõ feita em obsequio das dependencias de Hespanha foy prejudicial às conveniencias de Portugal, pois cedendo os Ministros Inglezes nas primeiras conferencias de que naõ iriaõ as suas naos commerciar à Costa da Mina, conhecendo que a dilaçaõ do nosso Embaixador era a favor dos in-

Supplíca Filippe Prudente ao nosso Principe, que naõ celebre o ajuste com Inglaterra.

 teresses

tereſſes da Coroa Caſtelhana começaraõ a duvidar do que tinhaõ promettido, até que ſatisfeitas algumas duvidas, que difficultavaõ a concluſaõ deſte negocio, em que ſe conſumio largo tempo, ſe finalizou com grande credito, e naõ menor conveniencia deſta Monarchia.

Conclue-ſe o negocio, com credito deſta Coroa.

CAPITULO XXXIII.

Expede D. Antaõ de Noronha varias Armadas, e nomea diverſos Capitães para preſidio das Fortalezas do Eſtado. Parte em peſſoa com huma ſoberba Armada a abater a arrogancia da Rainha de Olala, e fundar huma Fortaleza em Mangalor. Saõ aprezados tres parós de Malabares por Jorge de Moura no rio Carepataõ. Alcançaõ eſtes barbaros vitoria de alguns navios noſſos, e entrando na Villa de Taná ſaõ derrotados pelos Portuguezes.

1567.

239 INceſſante era o deſvelo, com que o Vice Rey D. Antaõ de Noronha attendia pelos intereſſes do Eſtado, pois para que ſe conſervaſſe ſempre impenetravel às armas dos ſeus inimigos, e reſpeitado por todos os Principes da Aſia, provia as Fortalezas de Capitães taõ prudentes, e valeroſos, que à ſua ſombra naõ receaſſem os ſeus muros a menor invaſaõ; e expedia

pedia Armadas alterosas para domar o orgulho, e castigar o atrevimento de alguns Potentados, que desvanecidos com a sua soberba naõ queriaõ receber leys de huma naçaõ dominante em todo o Oriente. Para Bandá mandou a D. Manoel de Noronha em a nao Santa Maria carregada de muitos mantimentos, que servissem de provimento à Armada de Gonçalo Pereira Marramaque, que tinha navegado para Amboyno, acabando D. Manoel de Noronha infelizmente morto às punhaladas pelo Escrivaõ da sua nao, que sentindo-se gravemente injuriado quiz purificar a sua afronta com o sangue daquelle Capitaõ. Como já estavaõ ociosas as armas em Cananor, mandou para a Costa do Malabar huma Armada de vinte navios, de que foy por Capitaõ môr Alvaro Pires Sottomayor, sendo os principaes Capitães, que o acompanharaõ, Joaõ de Mendoça, D. Gonçalo de Menezes, Fernaõ Gomes da Grãa, sobrinho do Capitaõ môr, Joaõ Rodrigues de Béja, Luiz da Sylva, D. Miguel de Menezes, Vicente Paes, Pedro Ribeiro, Jeronymo Fernandes, Antonio Froes, Pedro Fernandes, Belchior Barbosa, Antonio Fernandes, e Sebastiaõ Vaz; e como houve algum rumor de que ainda os piratas do Malabar à sombra da paz celebrada commettiaõ algumas prezas, ordenou cinco navios ligeiros para castigar a perfidia destes barbaros, de que foraõ Capitães, Duarte

Manda o Vice-Rey huma Armada para o Malabar.

arte Deça, Fernaõ de Mendoça, Manoel de Mello, D. Luiz de Castello-Branco, e Gil de Goes. Para substituto da Capitanía da Fortaleza de Ternate, e Moluco, em que estava Alvaro de Mendoça, nomeou a Diogo Lopes de Mesquita, que partio com duas galeotas governadas por Duarte de Villalobos, e Cosme Faya. Para o Estreito de Meca navegou D. Jorge de Menezes Baroche com quatro galeões, huma galera, e quatro fustas, de que eraõ Capitães: Francisco de Miranda Henriques, Pedro Lopes Rabello, Antonio Cabral, Balthesar Euangelho, Gaspar Vaz de Mesquita, Leonardo de Medreiros, e Gaspar Sueiro, levando por regimento, que esperassem na altura das Ilhas de Maldiva as naos do Achem, e fossem invernar em Ormuz. Para Ceilaõ foy mandado Lizuarte de Aragaõ; para Malaca D. Leoniz Pereira, cunhado do Vice-Rey, com seis navios, indo a succeder a D. Diogo de Menezes, que depois governou o Estado; e para a Costa do Norte a Jorge de Moura com cinco galeotas.

240 A mayor Armada, que em todo o seu Vice-reynado aprestou D. Antaõ de Noronha, foy a que neste anno expedio para a Cidade de Mangalor, ou Olala, situada na Costa do Canara entre Goa, e Cochim em doze graos, e trinta e cinco minutos. Era a sua Rainha Bucadavi Chantar tributaria ao Estado; e porque repug-

repugnava pagar as pareas devidas como teſtemunho da ſua vaſſallagem, determinou o Vice-Rey moverlhe guerra naõ ſómente para que a violencia das armas a enſinaſſe a ſer obediente à mageſtade do noſſo Imperio Aſiatico, mas tambem para fundar huma Fortaleza naquelle porto, que igualmente ſerviſſe de aſylo às noſſas Armadas, como de freyo para que os Malabares naõ pudeſſem extrahir o arroz, e outros mantimentos, de que ſe proviaõ, e ſuſtentavaõ Goa, e Ormuz. Para principiar eſta taõ grande empreza, conferida unicamente com o ſeu heroico coraçaõ, expedio o Vice-Rey a Joaõ Peixoto, que era Soldado de igual experiencia, e valor, por Capitaõ môr de huma Armada, que conſtava de duas galeotas, e dez fuſtas, de que eraõ Capitães, Joaõ da Sylva Pereira, D. Miguel de Menezes, Chriſtovaõ de Bovadilha, Fernaõ Gonçalves Garçaõ, D. Bernardo de Caſtro, Nuno Ferraõ da Cunha, Joaõ Rodrigues da Beira, Alvaro Monteiro, Diogo Soares da Albergaria, e Franciſco Pedrogaõ. Chegou Joaõ Peixoto à Coſta do Canará, e diſcorrendo até o monte Dely com grande vigilancia para que os Malabares ſe naõ pudeſſem utilizar de algum genero de mantimentos, mandou aviſar a Cochim em como o Vice-Rey ſe eſtava apreſtando para caſtigar a Rainha de Olala, ſendo preciſo que concorreſſem promptamente com navios, e Solda-

Expede D. Antaõ de Noronha huma poderoſa Armada contra Mangalor.
Couto, Dec. 8. da Aſia, liv. 1. cap. 18.

Soldados para aquella expediçaõ. Esta mesma noticia escreveo D. Antaõ de Noronha às Cidades de Chaûl, Baçaim, Damaõ, e Dio, confiando da fidelidade, e valor dos seus Capitães assistissem com oportunos soccorros para huma empreza, em que era taõ interessado o credito do Estado.

Resolve o Vice-Rey conquistar pessoalmente a Cidade de Mangalor, e da Armada, que aprestou para esta empreza.
Couto, Dec. 8. da Asia, liv. 1. cap. 19.
Faria, Asia Portug. tom. 2. part. 3. cap. 3. §. 2.

241 Resolveo ultimamente o Vice-Rey assistir com a sua pessoa a esta facçaõ, e parecendo-lhe ainda pequeno apparato as duas Armadas, de que foraõ por Capitães mores Joaõ Peixoto, e D. Francisco Mascarenhas para humilhar a soberba da Rainha de Olala, preparou outra, que no luzimento dos Soldados, e numero das machinas militares fosse digna de a governar como General. Sahio da barra de Goa no faustissimo dia consagrado à Immaculada Conceiçaõ da Rainha dos Anjos, guarnecida de tres mil combatentes, repartidos em vinte galeões, sete galés, e mais de vinte e sete fustas, e galeotas, que mandavaõ com igual disciplina, e esforço D. Luiz de Almeida, D. Antonio Pereira, D. Jorge Baroche, D. Fernando de Monroy, D. Pedro de Castro, Pedro Lopes Rabello, Antonio Cabral, Pedro Fernandes, D. Joaõ Pereira, Antonio Botelho, Fernaõ Telles, D. Pedro Coutinho, Nuno Alvares Carneiro, Belchior Botelho, D. Sebastiaõ de Teive, Nuno Alvares Pereira, Joaõ de Alvellos de Gusmaõ, Joaõ de Tovar, Manoel

noel Vieira, Manoel Simões, Francisco Paes de Mello, Antonio de Andrade de Vasconcellos, Gomes Freire de Andrade, D. Joaõ de Menezes, Alvaro de Lemos, Antonio de Mello, Jorge da Sylva Correa, D. Diogo Lobo, Ignacio das Povoas, Nuno Velho Pereira, Antonio de Sá Pereira, Ruy Dias Cabral, Fernaõ de Mendoça, Fernaõ Rodrigues de Carvalho, Pedro Zuzarte Tissaõ, Joaõ Alvares de Baçaim, Ignacio de Lima, Heytor de Mello Pereira, Paulo de Mesquita, André de Pina, Rodrigo Monteiro, Vasco Barbosa, Henrique Moniz Barreto, Joaõ de Sousa, Sebastiaõ Bocarro, Christovaõ de Sousa, D. Antonio de Noronha, Nuno Vaz de Villalobos, Pedro Leitaõ, Christovaõ Zuzarte Tissaõ, Joaõ Correa de Brito, Ruy Gonçalves da Camera, Heytor de Sampayo, Ruy de Mello, e Antonio de Espinola.

242 Com todo este apparato naval partio de Goa o Vice-Rey, e ancorado em Angediva expedio avisos a Alvaro Paes de Sottomayor, que estava em Cananor, e a Jorge de Moura para que logo navegassem a Mangalor, onde os estava esperando para serem companheiros do famoso triunfo, que esperava conseguir. Succedeo, que vindo de Chaûl Jorge de Moura conduzindo huma cafila de navios, teve noticia antes de chegar ao rio Carepataõ, que nelle estavaõ surtas tres galeotas de piratas Malabares, e dei-

xando ancorada a cafila na barra, entrou pelo rio acima, e o meſmo foy aviſtallas, que rendellas, lançando-ſe os inimigos ao mar, que eſtava muito proximo à terra, para ſalvar as vidas. Voltava para Goa com eſta preza Jorge de Moura quando recebeo o aviſo do Vice-Rey, a quem logo obedeceo, levando a cafila ao Norte, e partindo com outros navios para Mangalor. Os Malabares como inimigos entranhaveis do nome Portuguez nunca ceſſavaõ de manifeſtar o ſeu odio em vingança noſſa. Tinha partido de Goa com duas naos para aſſiſtir à conquiſta de Mangalor D. Luiz Maſcarenhas com outro Fidalgo, cujo nome ſe ignora, e encontrando huma multidaõ de parós depois de huma porfiada batalha cedeo o valor ao numero, ficando os Malabares triunfantes ainda que padeceraõ grande ruina. Semelhante infelicidade experimentou D. Luiz Lobo, Capitaõ de Baçaim, que voltando daquella Fortaleza em huma galeota, foy acometida pelos meſmos barbaros, e como eraõ muito ſuperiores em o poder, triunfaraõ da noſſa reſiſtencia acabando todos glorioſamente com o ſeu Capitaõ.

Jorge de Moura rende tres galeotas de Malabares.

Succeſſos felices, alcançados pelos Malabares.

243 Animados os Malabares com a fortuna deſtes dous ſucceſſos intentaraõ executar mayores emprezas. Com doze galeotas entraraõ pela barra de Bombaim, e foraõ deſembarcar em Taná a tempo, que neſta Villa ſe eſtava celebrando

Invadem os Malabares Taná.

do a Expectaçaõ do Parto da Senhora, e foy taõ veloz o desembarque, que naõ tiveraõ os moradores outro remedio mais, que refugiarse à Igreja, onde se consumio logo o Diviniſſimo Sacramento para naõ ficar exposto aos desacatos dos piratas, se acaso violentamente arrombassem as portas. Entrada a Villa foy logo saqueada, e carregados de muitos despojos se recolheraõ às suas embarcações. Mas como o Ceo queria tomar vingança daquelles sacrilegos, pois nem ao sagrado tinha perdoado a sua cubiça, voltando outra vez com esperanças de mais precioso despojo, que suppunhaõ estar occulto na Igreja, a acometeraõ como leões famintos por dez, ou doze partes; mas sendo rebatidos, e rechaçados alentadamente pelos Portuguezes, a quem animava Heytor de Mello, deixaraõ o campo cheo de mortos, e os que restaraõ feridos correraõ tumultuariamente a salvarse nas suas embarcações pezarosos, e arrependidos de perder no segundo assalto o que tinhaõ ganhado no primeiro.

Retiraõ-se destroçados.

CAPITULO XXXIV.

Abraza Diogo Rodrigues, Capitaõ de Rachol, todos os Pagodes de Salſete. Celébra-ſe o primeiro Concilio em Goa, e he approvado pela Santidade de S. Pio V. Eſcreve eſte Summo Pontifice ao Vice-Rey D. Antaõ de Noronha acerca das Chriſtandades do Oriente. Perſeguiçaõ dos Chriſtãos em Ximabará.

1567.

Diogo Rodrigues abraza o Pagode de Lotolim. *Souſa, Orient. Conq. tom. 2. Conq. 1. Div. 1. §. 16.*

244 ADmiravel foy o triunfo, que a Ley Euangelica alcançou da cegueira do Paganiſmo, ſendo o inſtrumento dos ſeus vitorioſos trofeos ſobre as cinzas de todos os Pagodes de Salſete o heroico zelo do illuſtre, e famoſo Portuguez Diogo Rodrigues o do Forte, chamado aſſim por ter obrado em algum o ſeu valor alguma rara façanha. Era Capitaõ de Rachol, e mandando hum dia chamar os Gancares de Lotolim, diſtante meya legoa da Fortaleza, naõ obedeceraõ à ſua ordem. Eſtimulado daquella incivil deſobediencia conſultou aos moradores de Rachol, que caſtigo ſeria proporcionado àquella culpa? E dizendo, que lhes mandaſſe abrázar as caſas, o prudente Capitaõ querendo caſtigallos com golpe mais penetrante, reſolveo reduzir a cinzas o Pagode de Lotolim, onde adora-

adoravaõ as ſuas mentidas Divindades, o que logo mandou executar. As chammas, que conſummiaõ o Pagode, accenderaõ tal furor no peito dos idolatras, que naõ podendo vingarſe do author daquelle incendio, recorreraõ a Goa com queixas, e ſupplicas, onde ſe determinou com eſcandalo da piedade refizeſſe o Capitaõ à ſua cuſta o damno, que fizera. De taõ injuſta ſentença aggravou Diogo Rodrigues, allegando em ſua defenſa ſer contra a Ley de Deos, que profeſſava, permittir Templos onde era adorado o demonio; e para que a ſua juſtiça foſſe mais attendida, ſe valeo da protecçaõ do Arcebiſpo Primaz, e do Provincial da Companhia, os quaes repreſentaraõ ao Vice-Rey ſer indigna dos profeſſores do Euangelho a juriſprudencia, com que ſe tinha proferido aquella ſentença, pois com ella ſe dava huma tacita permiſſaõ aos idolatras para continuarem os ſeus ſuperſticioſos ritos, e impias ceremonias, quando todo o empenho dos Monarchas Portuguezes fora ſempre a extirpaçaõ em todo o Oriente de taõ venenoſa zizania para que mais copioſamente ſe fecundaſſe a ſeara Euangelica. Naõ eraõ neceſſarios taõ efficazes razões para perſuadir o Catholico animo de D. Antaõ de Noronha, e mandando chamar a Diogo Rodrigues, lhe deu ampla faculdade para que abrazaſſe todos os Pagodes do Continente de Salſete.

Oppoem-ſe a eſta execuçaõ os Gentios.

Ordena o Vice-Rey a Diogo Rodrigues, que abrazaſſe todos os Pagodes de Salſete.

Voltou

245 Voltou para a Fortaleza o insigne Portuguez vitorioso de todo o inferno, e por evitar os tumultos dos Gentios, em o silencio da noite foy derrubando duzentos e oitenta Pagodes, cuja madeira servio para a Ribeira delRey.

Remunéra ElRey D. Sebastiaõ a acçaõ religiosa deste Capitaõ.

Foy taõ estimada esta religiosa façanha pela piedade delRey D. Sebastiaõ, que em premio della lhe assinou nas terras dos mesmos Pagodes huma grossa tença, a qual se applicou depois para a sustentaçaõ dos Ministros Euangelicos; e de tal sorte se prezou desta heroica façanha aquelle famoso Portuguez, que para naõ caducar na posteridade a deixou eternamente gravada na campa da sua sepultura como Epitafio mais honorifico, que está na Capella mór de Nossa Senhora das Neves com estas palavras: *Aqui jaz Diogo Rodrigues o do Forte, Capitaõ desta Fortaleza, o qual derrubou os Pagodes destas terras.*

Epitafio, que tem gravado na sua sepultura.

246 Para que a Fé mais triunfasse contra os seus inimigos, e se extinguissem os abusos com a refórma dos costumes, publicou o Arcebispo D. Gaspar de Leaõ hum Concilio Provincial em Goa, e foy o primeiro que se celebrou no Oriente depois que foy descuberto. Presidio a este Veneravel Congresso o Arcebispo Primaz; porém como tinha renunciado a Dignidade, e estava já aceita a renuncia, lhe succedeo ao depois na Presidencia, como ao depois na Primasia, o Bispo de Cochim D. Fr. Jorge Themudo.

Celébra-se o primeiro Concilio em Goa.

Foy

Foy convocado ao Concilio Mar Jozé, Arcebiſpo da Serra, onde aſſiſtio reveſtido de Pontifical na ſua abertura, de que foy excluido por eſtar inficionado com a heregia Neſtoriana. Aſſiſtio como Procurador de D. Fr. Jorge de Santa Luzia, Biſpo de Malaca, Fr. Manoel Viegas, Religioſo Dominico. Eſtiveraõ preſentes Fr. Manoel Coutinho, Adminiſtrador de Sofala, todos os Prelados das Religiões, muitos Doutores de Theologia, Canones, e Leys, entre os quaes aſſiſtiraõ o Padre Antonio de Quadros, e Belchior Nunes, hum Provincial, e outro Reytor do Collegio de Cochim, ambos da Companhia de Jeſus, prégando o primeiro na abertura do Concilio, e o ſegundo quando ſe fechou. A mayor parte dos Decretos deſte Concilio foraõ em favor da Chriſtandade contra os Mouros, e Gentios; e mandando D. Fr. Henrique de Tavora, Biſpo de Cochim, a Roma para que o examinaſſe a Santidade de Pio V. o approvou com o ſeguinte elogio: *Venerabilis Frater, ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Certiores facti Concilium Provinciale à Venerabili Fratre noſtro Gaſpare, Archiepiſcopo Goano, nuper celebratum, magnopere in Domino gaviſi ſumus, tam ſalubri Catholicæ diſciplinæ corrigendæ adhibito remedio iſtius Provinciæ ſtatui conſultum eſſe.* Datum Romæ 1. Januarii 1570.

Approva-ſe em Roma o Concilio.

247 Ainda moſtrou mayor conſolaçaõ eſpiritual

ritual eſte Santo Pontifice com o progreſſo da Fé Catholica nos vaſtos dominios do Oriente; e para promover mais a conſervaçaõ, e augmento daquella Chriſtandade, eſcreveo ao Vice-Rey D. Antaõ de Noronha, e ao ſeu Conſelho huma carta cheya de paſtoral beneficencia, cujo theor era o ſeguinte.

Dilectis Filiis, nobili viro, Vice-Regi, & Conſiliariis Portugalliæ, & Algarbiorum Regis in partibus Indiæ Orientalis.

Carta do Pontifice ao Vice-Rey da India. *Epiſtolæ Apoſtolicæ S. Pii V. pag.* 48.

„ Dilecti Filii, ſalutem, & Apoſtolicam be- „ nedictionem. Miſericordiarum Patri, & „ Deo totius conſolationis gratias agere non de- „ ſiſtimus, qui in maximis, & multiplicibus cu- „ ris, quas pro ſuſcepto officio aſſiduè ſuſtinemus, „ reficere Nos, & conſolari dignatur jucundiſſi- „ mis nuntiis, qui ex iſtis Indiæ partibus afferun- „ tur. Audivimus enim quantopere iſtic jam Ec- „ cleſia Catholica creverit, quantuſque Gentilium „ numerus quotannis ab idolorum cultu ad Chri- „ ſti Fidem converti ſoleat. Ex quibus Eccleſiæ „ incrementis, & tot animarum ſalute, tantâ cor „ noſtrum lætitiâ exultat, ut eam non facile ex- „ plicare poſſimus. Quanta verò hoc nomine la- „ us Sereniſſimis Portugalliæ Regibus debeatur, „ cuncti Chriſtiani populi, nationeſque noverunt: „ eorum enim curâ, ſtudio, & admirabili animi magni-

„ magnitudine perfectum est (Deo pios illorum
„ conatus, & cœpta juvante) ut usque in ulti-
„ mos Orbis terræ fines Sacrum Euangelium per-
„ venerit, & ii, qui in tenebris ambulabant, lu-
„ cem veræ Religionis aspicere, ac Creatorem,
„ & Salvatorem suum agnoscere cœperint. Quia
„ verò, tam iis, qui longe, quàm iis, qui pro-
„ pe sunt, debitores sumus; ardentissime cupien-
„ tes negotium conversionis Gentilium quàm ma-
„ ximè urgeri, & tot animas, quæ perituræ es-
„ sent, augendâ diligentiâ servari, devotioni ve-
„ stræ tam sanctum, & pium opus duximus esse
„ commendandum. Si sola Domini Nostri Jesu
„ Christi gloria ageretur, deceret, tam Catholi-
„ cos viros pro ejus honore etiam sanguinem si-
„ ne ulla dubitatione profundere, qui suum ipse
„ pro nostra salute in ara Crucis effudit; sicuti
„ vestræ nationis plurimi summâ suâ cum gloria
„ profuderunt, qui nunc meritorum suorum fru-
„ ctum præcipiunt. Sed præter Dei honorem,
„ præter animarum salutem, agitur quoque Chri-
„ stianissimi Filii nostri Regis vestri gloria, agi-
„ tur vestrum, & vestræ inclytæ nationis decus.
„ Quò plures enim Gentiles Christi Fidem susce-
„ perint, eò Regis nomen gloriosum gloriosiùs
„ reddetur, Imperium ejus in istis partibus firmi-
„ ùs stabilietur, maiores acquirentur vires, ad bar-
„ baras nationes Divino auxilio subigendas, &
„ Regno Portugalliæ adjungendas; vestra porro,

„ & veſtræ nationis laus, & in Religionem Chri-
„ ſtianam merita creſcent. Quæ vos diligenter
„ attendentes, oportet quidquid poteſtis auxilii,
„ quidquid poteſtis ſtudii, ac favoris, Operariis
„ in vinea Dominica laborantibus, Prælatis ni-
„ mirùm & reliquis quorumcumque Ordinum
„ Religioſis viris promptiſſimo animo præſtare.
„ Illud verò imprimis neceſſarium eſſe pro veſtra
„ prudentia intelligitis ipſos Gentiles à militum
„ injuriis diligenter defendi, ac protegi, impedi-
„ mentaque & ſcandala omnia removeri, ac tol-
„ li, quibus eorum converſio quocumque modo
„ impediri, aut retardari poſſit. Quæ, etſi vos
„ facere, & facturos eſſe confidimus, tamen, ut
„ id acriùs, & diligentiùs faciatis, vos coram
„ Deo Salvatore noſtro obteſtamur, atque in re-
„ miſſionem peccatorum veſtrorum vobis injun-
„ gimus. Datum Romæ apud S. Petrum, ſub
„ anulo Piſcatoris, die xi. Octob. M.D.LXVII.
„ Pontif. noſtri anno ſecundo.

Aos amados filhos, nobre Varaõ Vice-Rey, e Conſelheiros do Sereniſſimo Rey de Portugal, e dos Algarves nas partes da India Oriental.

Traducçaõ em Portuguez.

248 „ AMado Filho, ſaude, e bençaõ
„ Apoſtolica. Naõ acabamos de
„ dar graças ao Pay das Miſericordias, e Deos
de

„ de toda a conſolaçaõ, o qual entre os grandes,
„ e varios cuidados, que nos deſvelaõ em razaõ
„ do noſſo cargo, ha por bem de nos alegrar,
„ e conſolar com alegres novas, que vem das
„ partes da India; porque ouvimos quanto nellas
„ tem creſcido a Igreja Catholica, e que gran-
„ de numero de Gentios ſe converte todos os an-
„ nos do culto dos Idolos à Fé de Chriſto: com
„ os quaes augmentos da Igreja, e ſalvaçaõ de
„ tantas almas o noſſo coraçaõ ſe exalta com tan-
„ ta alegria, que a naõ podemos explicar facil-
„ mente. E todos os póvos, e nações da Chriſ-
„ tandade ſabem quanto louvor ſe deva por eſ-
„ te reſpeito aos Sereniſſimos Reys de Portugal,
„ porque com ſeu cuidado, diligencia, e admi-
„ ravel grandeza de animo, ajudando Deos ſeus
„ piedoſos trabalhos, e principios, ſe conſeguio,
„ que o Sagrado Euangelho chegaſſe até os ul-
„ timos fins da terra, e os que andaõ em trevas
„ começaſſem a ver a luz da verdadeira Reli-
„ giaõ, e conheceſſem a ſeu Creador. Mas por-
„ que ſomos devedores aſſim aos que eſtaõ lon-
„ ge, como aos que eſtaõ perto, e deſejamos
„ ardentiſſimamente, que o negocio da conver-
„ ſaõ dos Gentios proceda com muito fervor,
„ e que tantas almas, que ſe haviaõ de perder,
„ ſe ganhem com dobrada diligencia, quizemos
„ encommendar à voſſa devoçaõ taõ ſanta, e taõ
„ piedoſa obra. Se na propagaçaõ da Fé ſe tra-

„ taſſe ſómente da honra de Noſſo Senhor Jeſu
„ Chriſto, convinha a taõ Catholicos Varões der-
„ ramar o ſangue por ella, como muitos da voſ-
„ ſa naçaõ com grande gloria ſua derramaraõ,
„ os quaes agora recebem o fruto de ſeus mere-
„ cimentos. Mas além da honra de Deos, além
„ da ſalvaçaõ das almas, trata-ſe tambem da glo-
„ ria do chariſſimo noſſo Filho, e voſſo Rey;
„ trataſſe da voſſa honra, e da voſſa inclinaçaõ;
„ porque quantos mais Gentios receberem a Fé
„ de Chriſto, tanto mais eſclarecido ſe fará, e
„ glorioſo o nome do voſſo Rey. Lucrarſehaõ
„ mayores forças, para que com a Divina graça
„ ſe conquiſtem as nações barbaras, e ſe ajuntem
„ ao Reyno de Portugal: e aſſim creſcerá o voſ-
„ ſo nome, e da voſſa naçaõ, e os voſſos me-
„ recimentos para com a Religiaõ Catholica. As
„ quaes couſas conſideradas por vós, convém,
„ que com perfeitiſſimo animo deis toda a ajuda
„ poſſivel, e todo o favor poſſivel aos Obreiros,
„ que trabalhaõ na Vinha do Senhor, como ſaõ
„ os Prelados, e outros Varões Religioſos de
„ quaeſquer Ordens; e principalmente entende-
„ reis por voſſa prudencia ſer neceſſario, que os
„ Gentios ſejaõ defendidos, e guardados diligen-
„ temente das injurias dos Soldados, e que ſe ti-
„ rem todos os impedimentos, e eſcandalos, com
„ que ſua converſaõ por algum modo ſe poſſa
„ impedir, e retardar. E ſe bem confiamos, que

fazeis,

„ fazeis, e haveis de fazer eſtas couſas, com tu-
„ do para que as façaes com mais fervor, e di-
„ ligencia vos admoeſtamos diante de Deos noſ-
„ ſo Salvador, e vos encarregamos eſte cuidado
„ em remiſſaõ de voſſos peccados. Dado em
„ Roma em S. Pedro debaixo do anel do Peſ-
„ cador, a 11. de Outubro de 1567. no 2. an-
„ no do noſſo Pontificado.

249 Enganado o Tono de Ximabará pela aſtucia de hum Bonzo, começou a perſeguir a Chriſtandade, que antes protegia, profanando a Igreja, e lançando pregaõ para que todos ſeguiſſem a ſuperſticioſa ley, que profeſſava. A eſte impio Decreto ſe oppoz o Catholico zelo del-Rey D. Bartholomeu eſcrevendo-lhe já com rogos, já com ameaças, que naõ perſeguiſſe aos Chriſtãos; mas o barbaro ſe diſculpava com a ſua conſciencia, dizendo, que ella o perſuadia a que zelaſſe eſcrupuloſamente as materias pertencentes à Religiaõ. Eraõ mil e quinhentos os Chriſtãos, que havia em Ximabará, taõ conſtantes na Fé Catholica, que eſtavaõ reſolutos a perder mais a vida do que a Fé. Fugiraõ ſetecentos por mar para Cochinozu, antepondo a ſalvaçaõ das almas às delicias do corpo, e deixando com heroico deſprezo tanto aos parentes, como as riquezas, que poſſuîaõ. Para impedir a fuga de tantos Vaſſallos mandou o Tono pôr guardas nas bocas dos rios, e das eſtradas, e naõ era baſtante

Saõ perſeguidos em Ximabará os Chriſtãos.

eſta

eſta vigilancia para que innumeraveis imitando os primeiros ſe entregaſſem ao mar em tempos tormentoſos, receando menos o furor daquelle elemento, do que o do ſeu Principe, que vendo cada vez mais deſerta a terra, que habitava, converteo a colera contra o Bonzo, e a maldita ſeyta, que lhe enſinara, e deſiſtio de perſeguir aos Chriſtãos. A diminuiçaõ da Chriſtandade de Ximabará fez augmentar exceſſivamente a de Cochinozu, pois contava tres mil convertidos, que com ardente caridade receberaõ, e ſuſtentaraõ os fugitivos daquella perſeguida Igreja, ſendo ley eſtabelicida entre os Chriſtãos Japonezes, que viveſſem todos unidos com hum vinculo taõ amoroſo, como ſe foraõ irmãos, naõ admittindo differença entre ricos, e pobres, nobres, ou plebeos, e ſe algum por deſgraça da ſua conſtancia ſe moſtraſſe ſuſpeito na Fé fariaõ geralmente rigoroſa penitencia, como ſe a culpa particular manchaſſe as conſciencias de todos.

CA-

CAPITULO XXXV.

Parte Mendo de Sá da Bahia a alcançar no Rio de Janeiro duas gloriosas vitorias dos Francezes, e Tamoyos. Morre Estacio de Sá, de cuja virtude, e valor se faz hum breve elogio. Funda Mendo de Sá a Cidade do Rio de Janeiro, e elege por Tutelar della ao invicto Martyr S. Sebastiaõ.

1567.

250 NAõ cessava a incansavel vigilancia de Mendo de Sá em applicar todos os meyos para destruir os inimigos, que infestavaõ os portos da America, expedindo continuos soccorros, com que os seus moradores fossem libertados da barbara oppressaõ dos Tamoyos, e do caviloso dominio dos Francezes; mas como a experiencia lhe tivesse mostrado, que todos estes aprestos militares sendo sufficientes para rebater aos inimigos, naõ eraõ efficazes para conseguir a sua total ruina, e expulsaõ, se resolveo passar segunda vez ao Rio de Janeiro, levando vinculada mais ao decóro da sua pessoa, do que ainda à valentia do seu braço a felicidade da empreza, que intentava. Depois de ter junto grande numero de navios, e muito mayor de Soldados, aos quaes se aggregaraõ voluntariamente

Parte Mendo de Sá com huma Armada para o Rio de Janeiro.

Rocha, Hist. da Amer. Portug. liv. 3. n. 30. e 31.

mente varias peſſoas de diſtinçaõ ambicioſas de oſtentar o ſeu valor em taõ glorioſa expediçaõ, ſahio da Bahia acompanhado do Biſpo daquella Cathedral D. Pedro Leitaõ, que para libertar as ſuas ovelhas da voracidade dos lobos, de que eraõ laſtimoſo paſto, transformou o bago em eſpada, com a qual ao meſmo tempo derrotava os inimigos da Religiaõ, e do Eſtado. Aos 18. de Janeiro, anteveſpora do invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, entrou Mendo de Sá a barra do Rio de Janeiro, onde com religioſa piedade o elegeo por Tutelar da empreza, diſpondo que o aſſalto ſe déſſe em o dia conſagrado à memoria deſte glorioſo Heroe, confiando, que aſſim como elle triunfara da penetrante agudeza das ſettas, ſeria a ſua protecçaõ o mais forte, e impenetravel eſcudo para rebater as dos inimigos.

Chega ao Rio de Janeiro, e diſpoem a conquiſta das Fortalezas inimigas.

251 Diſtribuidas as ordens, e animados os Soldados menos com a voz, que com o exemplo do General, marcharaõ impacientes para a parte, onde era mayor o perigo. A principal Fortificaçaõ era a de Uraſſúmuri, fabricada com architectura militar, e guarnecida de artilharia groſſa, e gente eſcolhida, concorrendo para a fazer inexpugnavel além dos ſoccorros da arte, a meſma natureza collocando-a em hum ſitio inacceſſivel. Com igual reſoluçaõ, que valentia foy aſſaltada pela noſſa gente governada por Eſtacio de Sá, a quem ſeu tio Mendo de Sá commet-

He inveſtida por Eſtacio de Sá a Fortaleza de Uraſſúmiri.

Vaſconc. Vid. do Padre Anchiet. liv. 2, cap. 13. n. 2. e 3.

commetteo em premio de ſeus heroicos merecimentos a vanguarda para ſer o primeiro na gloria do triunfo. A reſiſtencia dos inimigos competia com o valor dos noſſos Soldados, ſendo o ſangue, e a meſma morte eſtimulo para ſe continuar mais cruamente o conflicto. Os barbaros com a diſciplina aprendida dos Francezes, e por tantos annos exercitada, nos faziaõ mais difficil a vitoria, e contingente o triunfo. A multidaõ das ſettas, e o fumo exhalado dos inſtrumentos de fogo impediaõ a luz do Sol, e occupavaõ a regiaõ do ar; os alaridos, e vozes dos combatentes retumbando pelos montes formavaõ eccos formidaveis, e laſtimoſos. Entre eſta horroroſa confuſaõ alternava a fortuna varios ſucceſſos, obrigando a eſperança a huns a continuar o aſſalto, e perſuadindo o temor a outros a que deſiſtiſſem do combate, até que prevalecendo os Portuguezes contra aquella barbara multidaõ, ſe rendeo a Fortificaçaõ com taõ horrivel eſtrago, que naõ eſcapou dos Tamoyos hum com vida, ſendo-lhe companheiros na deſgraça, como o tinhaõ ſido na oppoſiçaõ, innumeraveis Francezes. Morreraõ dos noſſos ſómente doze, ſendo entre elles a peſſoa de mayor diſtinçaõ o Capitaõ de mar e guerra Gaſpar Barboſa, cujo valor intrepido tinha manifeſtado por diverſas occaſiões em obſequio do Eſtado.

Horror do conflicto.

Saõ derrotados os inimigos.

Morre valeroſamente Gaſpar Barboſa.

252 Alcançada eſta vitoria marcharaõ os Sol-

dados a coroarse com outra naõ menos gloriosa. Acometeraõ com galharda resoluçaõ, e invencivel animo a Fortificaçaõ de Paranapucuy; porém como estivesse situada em huma Ilha raza, foy preciso conduzirse artilharia para bater os muros, que a cingiaõ. Taõ brevemente foraõ derrotados, como mortos os seus defensores, e alguns, que se tinhaõ refugiado a hum lugar forte, se entregaraõ a partido, perdendo as liberdades para salvar as vidas. Estes dous famosos triunfos de tal sorte intimidaraõ os animos dos Tamoyos, que menos fieis do que medrosos abraçaraõ a paz, que tantas vezes tinhaõ quebrantado, aprendendo à custa da sua rebelde contumacia a exacçaõ, com que deviaõ observar as nossas leys, e experimentando taõ lastimosos estragos em satisfaçaõ de terem taõ injusta, como repetidamente provocado a nossa indignaçaõ. Em consequencia destas vitorias dominámos pacificamente aquella vasta enseada da Regiaõ do Sul, donde expulsos os Francezes, e domada a cerviz dos Gentios se repartiraõ as terras conquistadas por moradores capazes de as cultivar, e defender.

Segunda vitoria, alcançada na conquista da Fortaleza de Paranapucuy.

Fazem os Tamoyos pazes com o Estado.

253 Porém como seja fatal condiçaõ da fortuna alternar a alegria com a tristeza, succedeo que ao tempo, que celebravamos os festivos applausos da vitoria, se convertessem em funestas lagrimas pela morte do Capitaõ môr Estacio de

Sá,

Sá, que ſendo ferido no primeiro conflicto em o roſto com huma ſetta, depois de paſſado hum mez o arrebatou o Ceo para dignamente lhe premiar os ſeus heroicos merecimentos. A eſte ſingular Heroe ſerá eternamente acrédor o Rio de Janeiro, devendo ao valor do ſeu eſpirito, e à prudencia do ſeu conſelho a liberdade, que hoje pacificamente goza. As ſuas militares acções excederaõ a gloria dos ſeus Mayores, e foraõ exemplares para os ſeus deſcendentes. Regulou a vida licencioſa de Soldado pelos dictames do Euangelho, admirando-ſe no ſeu peito felizmente unidos, o que raras vezes ſe vem confórmes, os exercicios da campanha com as virtudes do Clauſtro, as quaes praticou com taõ religioſa obſervancia, que para eterno brazaõ da ſua Chriſtandade ſe lhe deve gravar ao pé da ſua eſtatua por inſcripçaõ eſtas palavras eſcritas pelo Apoſtolico eſpirito do Veneravel Padre Jozé de Anchieta, Taumaturgo de toda a America: *Neſta conquiſta, que durou alguns annos, andavaõ os homens como Religioſos confiados em Deos na preſença do Capitaõ mór Eſtacio de Sá, o qual além do ſeu grande esforço, e prudencia, era a todos exemplo de virtude, e religiaõ Chriſtãa.* A' memoria de taõ inſigne Capitaõ celebraraõ os ſeus companheiros Exequias militares, onde competio a magnificencia com o ſentimento, e no fim ſe recitou huma Oraçaõ Panegyrica das ſuas virtudes

Morre Eſtacio de Sá, de cujas virtudes ſe faz huma breve memoria.

Brito Freire, Nova Luſit. liv. 1. n. 75.

Vaſconcell. Vida do Padre Anchieta, liv. 2. cap. 13. n. 6.

des igualmente dignas de inveja, que admiraçaõ.

254 Conhecendo Mendo de Sá, que a gloria dos triunfos, que alcançara, ſe deviaõ mais ao favor Divino, que à induſtria humana, rendeo publicamente as graças ao Author Supremo de todas as felicidades, e ao invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, a cujo patrocinio ſe attribuîo grande parte da vitoria, protegendo as noſſas armas naõ ſómente como Santo, mas peleijando no combate como Soldado. Fundou logo o Governador a Cidade do Rio de Janeiro em lugar mais eminente ao que eſtava ſituada, e para que ſe conſervaſſe illeſa do mais leve infortunio elegeo por ſeu Tutelar ao meſmo ſagrado Heroe, impondo-lhe o ſeu nome igualmente, agradecido à protecçaõ, como obſequioſo ao Principe, que naquelle tempo governava a Coroa Portugueza. Para Governador da nova Cidade deixou Mendo de Sá a ſeu ſobrinho Salvador Correa de Sá, fiando do ſeu valor, e prudencia, de que tinha dado naõ vulgares provas em toda aquella Conquiſta, a continuaçaõ de huma fabrica, que ao depois chegou a ſer o mais opulento, e frequentado Emporio de toda a America Portugueza.

Funda Mendo de Sá a Cidade do Rio de Janeiro. *Laet, Deſcript. des Ind. Occid. liv. 15. cap. 18.*

Nomea para Governador a ſeu ſobrinho Salvador Correa de Sá.

F I M.

INDEX

INDEX
DAS COUSAS NOTAVEIS.

O Numero denota a pagina.

A

Al-

B

C

Agra-

cuta

Estacio

E

F

D. Fer-

D. Fran-

D. Gar-

H

I

os

L

M

Oraçaõ

O

P

D. Pe-

Ribeira

S

Synodo.

T

U

X

EMENDAS

EMENDAS DOS ERROS
Typograficos.

Pagina.	*Regra.*	*Erros.*	*Emendas.*
1	2	nella	Nelle
5	25	repræſentati	repræſentanti
81	9	Cavallerios	Cavalleiros
147	3	Commendamus	commenda-viſſemus
207	1	Maluco	Moluco
224	5	de que	em que
276	14	Terizia	Tericia
301	8	illuſtou	illuſtrou
341	16	haõ ſer	haõ de ſer
381	14	Pinhaõ	Penhaõ
415	13	digno	indigno
438	21	fabricaraõ	fabricavaõ
490	7	ElRey	Rey
616	23	affirmandolhe	affirmandolhes